

JOSÉ GERALDES FREIRE

COMMONITIONES SANCTORVM PATRVVM

Uma nova colecção de apotegmas



Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press

Autor: José Galdes Freire

Título: *Commonitiones Sanctorum Patrum*. Uma nova colecção de apotegmas

Editor: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
Imprensa da Universidade de Coimbra

Coordenador Científico do Plano de Edição: Maria do Céu Fialho

Conselho Editorial: José Ribeiro Ferreira, Maria de Fátima Silva, Francisco de Oliveira e Nair Castro Soares

Director Técnico da Colecção: Delfim F. Leão

Concepção Gráfica e Paginação: Miguel Sena, Paula Barata e Rodolfo Lopes

Impressão: Simões & Linhares, Lda. Av. Fernando Namora, no 83 - Loja 4 3000 Coimbra

Obra Realizada no âmbito das Actividades da UI&D Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra Faculdade de Letras Tel.: 239 859 981 | Fax: 239 836 733

ISBN: 978-989-8281-70-8

ISBN Digital: 978-989-8281-71-5

Depósito Legal: 321156/10

© IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

© CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

© CLASSICA DIGITALIA VNIVERSITATIS CONIMBRIGENSIS ([www.classicadigitalia.uc.pt](http://www.classicadigitalia.uc.pt))



Reservados todos os direitos. Nos termos legais fica expressamente proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio, em papel ou em edição electrónica, sem autorização expressa dos titulares dos direitos. É desde já excepcionada a utilização em circuitos académicos fechados para apoio a leccionação ou extensão cultural via *e-learning*.

## PARENTIBVS

## MAGISTRIS

## ALVMNIS

### COMMONITIONES VI,3<sup>a-b</sup>

Ἐρωτῶντός ποτε τοῦ ἀββᾶ Ἀρσενίου τινὰ γέροντα Αἰγύπτιον περὶ ἰδίων λογισμῶν, ἕτερος ἰδὼν αὐτὸν εἶπεν· Ἀββᾶ Ἀρσένιε, πῶς τοσαύτην παιδευσιν Ῥωμαϊκὴν καὶ Ἑλληνικὴν ἐπιστάμενος, τοῦτον τὸν ἀγροῖκον περὶ τῶν σῶν λογισμῶν ἐρωτᾷς;

Ὁ δὲ εἶπε πρὸς αὐτὸν· Τὴν μὲν Ῥωμαϊκὴν καὶ Ἑλληνικὴν ἐπίσταμαι παιδευσιν· τὸν δὲ ἀλφάβητον τοῦ ἀγροῖκου τούτου οὐπω μεμάθηκα.

### ARSENIVS 6 (PG 65,89)

Idem beatus Arsenius interrogabat quendam aegyptium uenerabilem monachum de diuersis cogitationibus et impugnatione daemonum. Superuenit autem quidam de amicis antiquis eius, uidensque eum sollicite et intente requirentem a monacho, ait ad eum: Valde admiror, pater, quia cum tanta eruditione perfecte studeris tam graecae quam latinae scientiae, cur ab isto inerudito et idiota homine requiras quae ad salutem animae conueniunt?

Respondens autem beatus Arsenius ait: Licet tam graece quam latine, ut dicis, eruditus sim, tamen alphabetum uerae scientiae huius aegyptii non didici.

Par la force des choses, l'A. devait bien rencontrer sur son chemin cette autre collection «mineure» d'apophtegmes attribuée à Rufin par Rosweyde au l. III de ses *Vitae Patrum* et dont la parenté avec la coll. de Paschase est évidente. Là encore, l'étude de Freire débrouille un écheveau qui avait longtemps exercé la sagacité des chercheurs. Le compilateur du l. III se serait servi, en effet, d'une collection encore inédite (que l'A. appelle «l'authentique l. III») de 61 apophtegmes en 6 chapitres. Cette collection n'est plus une hypothèse. L'A. la restitue et en donne une table précise avec indications et incipits. Les 40 premiers numéros de Rosweyde en seraient une anthologie.

G. C.  
*Collectanea Cisterciensia*  
35, 1973, p. 318

Abbaye de N. D. de Scourmont  
Forges  
BELGIQUE

De cet «Authentique livre III», la composition est reconstituée, vol. II, 173-178: 61 pièces, réparties en six chapitres, dont 40 seulement ont été reprises au début du livre III de Rosweyde. Evidemment, on ne peut que souhaiter que J. Freire poursuive une oeuvre si bien commencée, et nous donne maintenant une édition critique de cette petite collection qu'il a lui-même découverte.

Jean-Claude Guy  
*Revue d'Histoire de la Spiritualité*  
48, 1972, p. 105

15, rue Monsieur,  
75-Paris VII  
FRANCE

El libro III de Rosweyde es entonces un simple florilegio tomado de Pascasio y otras fuentes, y contendría en los n.ºs 1-40 las dos terceras partes de un libro original y hasta ahora desconocido, una colección de apotegmas: el «auténtico libro III».

Esperamos que el A. edite críticamente lo que el llama el «auténtico libro III», pues las sumarias referencias dejan una gran curiosidad en el lector.

Martín de Elizalde  
*Cuadernos Monásticos*  
VII, 1972, pp. 304-305

R. Villanueva, 955  
Buenos Aires 26 B  
ARGENTINA

This means that 233 of the *sententiae* of Paschasius had never been published. It shows in a vivid manner how new to scholars is the text of Paschasius as now edited by Gerald Freire. It is his special gift to the rest of the World that we now know exactly what Paschasius wrote close to 556 A.D. and that we have a firm foundation upon which to base continued study of the other Latin translations and of the several Greek versions current previous to the years 500. This material is still voluminous, but will repay detailed study for what it can tell us of the lives of the monks of the Egyptian desert, who were one element in the tradition of the Christian world from antiquity to early Spain and thence to other European countries.

Claude W. Barlow  
*Classical Folia*  
XXVI, 1972, p. 160

Clark University  
Worcester  
Massachusetts (U.S.A.)

## PRÓLOGO

*Na nossa tese de doutoramento, A versão latina por Pascásio de Dume dos Apophthegmata Patrum (Coimbra, 1971), demos conhecimento, suficientemente amplo, da descoberta de uma nova coleção latina de apotegmas dos padres dos desertos, intitulada Commonitiones Sanctorum Patrum.*

*Dadas as ligações de carácter paleográfico e orgânico existentes entre o texto de Pascásio e o das Commonitiones, ambos compilados numa antologia que constitui o chamado Livro III das Vitae Patrum, editadas, pela primeira vez, em 1615, por Heribertus Rosweyodus, tivemos já então de adiantar bastante o estudo do texto genuíno das Commonitiones para podermos continuar, com segurança, a investigação sobre a obra autêntica de Pascásio.*

*Concluída a primeira tarefa, impunha-se-nos aproveitar todos os elementos até essa altura recolhidos para a edição das Commonitiones Sanctorum Patrum, pesquisar novas fontes da transmissão manuscrita, estabelecer definitivamente o texto crítico e aquilatar os problemas de carácter filológico levantados pela nova coleção. Dentro do âmbito das nossas preocupações, o exame linguístico do latim das Commonitiones constituía ponto de honra indispensável. Com efeito, não desejávamos apresentar-nos a provas para o concurso de professor extraordinário de Filologia Clássica sem dar à luz da*

publicidade esta obra que descobríamos, cujos manuscritos principais indicáramos e de cuja autenticidade não podíamos duvidar.

A crítica à nossa tese sobre Pascásio, aparecida em diversas revistas, sobretudo estrangeiras, apercebeu-se também do interesse que as *Commonitiones* têm para um mais amplo conhecimento do género apotegmático. As pesquisas sobre o apotegma como género literário, nas mais diversas línguas, têm recrudescido nos últimos tempos, tanto por parte dos orientalistas, como dos filólogos clássicos, medievais e de idiomas modernos. Por isso, de diversos lados nos vieram incentivos para levarmos a cabo, o mais rapidamente possível, a obra anunciada.

Só que trabalhos deste género não podem compaginar-se com a rapidez... A velocidade do tempo não conta aqui como factor decisivo. O que importa é proceder a uma análise atenta e conscienciosa do texto crítico, atender à geografia codicológica, perscrutar indícios que nos levem a reconhecer o autor, o tradutor, a data e a expansão obtida pela obra em causa. Quem ler este nosso estudo verificará que tivemos de partir, em todos os campos, do zero: um livro até agora desconhecido, escrito por autor desconhecido, vertido para latim por tradutor desconhecido, data de composição grega e de tradução latina também desconhecidas... Mas o texto das *Commonitiones* veio ao nosso encontro! Importava auscultar tudo quanto ele poderia revelar-nos. E este foi o objectivo constante do nosso trabalho.

*Concordamos com a observação de quantos consideraram editio princeps a nossa publicação da obra de Pascásio, apesar de o nome deste tradutor e de parte da sua obra já serem conhecidos, através da imprensa, desde o final do século XV. Que dizer então das Commonitiones Sanctorum Patrum, copiadas pela última vez, como unidade temática, no século XIV? Compreende-se, pois, a natural alegria e emoção íntima com que lançamos a público esta obra.*

*Cumpre-nos agradecer ao Instituto de Alta Cultura que, através do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, subsidiou a nossa investigação, a confiança em nós depositada. Não podemos deixar de referir ainda uma bolsa especial de estudo para uma estadia na Bélgica e Holanda durante os meses de Setembro e Outubro de 1973, em busca de novos manuscritos e de actualização bibliográfica.*

*No trabalho de pesquisa bibliográfica deu-nos valioso contributo a equipa que constitui a Société des Bollandistes, de Bruxelas, a qual dispõe de uma riquíssima biblioteca com índices sistemáticos perfeitamente actualizados. Também a Dom Lucien Regnault, da abadia de Solesmes, devemos manifestar reconhecimento por nos ter fornecido indicações sobre fontes gregas constantes do seu «Quadro de lugares paralelos dos apotegmas», cuja próxima publicação muito virá ajudar todos os investigadores deste género literário.*

*A formação do carácter e da metodologia científica são um investimento de capital humano que passa a render cada vez mais. Daí a permanente gratidão para com a nossa diocese de origem (Portalegre e Castelo Branco), para a «escola de Coimbra» (com particular menção da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena da Rocha Pereira) e para a «escola de Nimega» (referindo especialmente a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Christine Mohrmann).*

*Ao Sr. Doutor Américo da Costa Ramalho, professor infatigável e amigo a quem somos dedicado em todas as horas, a nossa homenagem por ter querido incluir este livro na série do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, de que é dinâmico Director.*

*A todos quantos nos ajudaram, em Portugal e no estrangeiro, manifestamos o nosso reconhecimento.*

*As Commonitiones Sanctorum Patrum aí vão. Esperemos que elas não sejam o último aproveitamento de materiais de trabalho que vimos acumulando desde 1962. Começámos a desenredar o fio de um grande novelo. Há tanto, tanto que estudar... Sic nos Deus adiuuet!*

Coimbra, 10 de Junho de 1974.

P.<sup>o</sup> JOSÉ GERALDES FREIRE



**COMMONITIONES SANCTORVM PATRVN**

**I**

**ESTUDO FILOLÓGICO**



## Cap. I — UMA NOVA COLECÇÃO DE APOTEGMAS

Os livros conhecidos pelo título geral de *Vitae Patrum* adquiriram a sua forma mais ampla, e ainda hoje consagrada, com a edição do jesuíta natural de Utreque, Heribertus Rosweydyus<sup>(1)</sup>, reproduzida na *Patrologia Latina*<sup>(2)</sup>. Dos 10 livros e 3 apêndices publicados por Rosweydyus, são constituídos pelo género literário de apotegmas dos padres dos desertos do Egipto, Palestina e Síria, sob a designação de *Verba seniorum*, os Livros: — III, «auctore probabili Rufino», segundo pensava Rosweydyus; V e VI, atribuídos pela tradição manuscrita a Pelágio, diácono, e a João, subdiácono, ambos do clero de Roma; VII, «interprete Paschasio»; e o apêndice terceiro intitulado *Aegyptiorum patrum sententiae (...) Martino Dumiensis episcopo interprete*<sup>(3)</sup>.

---

(1) *Vitae Patrum siue historiae eremiticae libri decem (...)*, opera et studio HERIBERTI ROSWEYDI, Ultraiectini, Antuerpiae, 1615, 21628. Há ainda uma edição de Léiden, saída em 1617, de que subsistem raros exemplares.

(2) J.-P. MIGNÉ, *Patrologiae Latinae cursus completus*, tt. 73 e 74, Parisiis, 1879. Passaremos a designar esta obra apenas por PL. Sobre as mais antigas edições das *Vitae Patrum*, cf. *Prolegomena XVII-XXIII* de ROSWEYDVS, PL 73, colunas 63-79.

(3) Sobre o género literário dos apotegmas, cf. JOSÉ GERALDES FREIRE, *A versão latina por Pascásio de Dume dos «Aphthegmata Patrum»*, Instituto de Estudos Clássicos, Coimbra, 1971, t. I, pp. 34-38 e bibliografia aí indicada. Passaremos a referir esta nossa obra apenas por *Pascásio de Dume...*

O Livro III de ROSWEYDVS foi objecto da nossa análise em *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 167-235, e o Livro VII constitui a base dos dois tomos daquele nosso trabalho, encontrando-se o texto crítico no t. I, pp. 157-333.

Os Livros V e VI foram estudados por COLUMBA M. BATLLE, em *Die Adhortationes sanctorum patrum («Verba seniorum») im lateinischen Mittelalter*, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, Münster, 1972. Aí se estudam também as primeiras referências literárias às *Vitae Patrum* (pp. 1-9) e a influência destes livros, especialmente das *Adhortationes*, ao longo de toda a Idade Média até Lutero (pp. 208-297). Batlle investiga também a transmissão manuscrita dos Livros V e VI, mas não dá uma

A análise da transmissão manuscrita do Livro III das *Vitae Patrum* editado por Rosweyodus, dividido em 220 números, a grande maioria dos quais (44-199 e 207-217) são uma recensão abreviada da obra original de Pascásio (motivo por que tivemos de a estudar) revelou-nos que apenas os seus nn. 1-40 são autênticos, constituindo uma antologia de uma colecção de 61 apotegmas divididos em 6 capítulos, o primeiro dos quais é precedido do título de *Commonitiones sanctorum patrum* (4). Como já então deixámos entrever, além dos 40 números conservados no Livro III de Rosweyodus, encontram-se publicados mais 8, interpolados no texto da *Palladii Lausiaca* (PL 74, coll. 343-377), e ainda mais 3, incluídos no cap. XX (todo ele espúrio) da mesma *Palladii Lausiaca* (coll. 377-382). Ficaram inéditos 11 apotegmas. Com efeito, aos 40 números de Rosweyodus correspondem apenas 39 apotegmas do texto autêntico, uma vez que o apotegma n. 1 do cap. I foi por Rosweyodus dividido em 1 e 2, como se poderá ver no quadro dos lugares paralelos que damos a seguir, pp. 63-64.

Apesar de apenas 11 números não terem sido publicados até agora, devemos insistir em que a obra começada pelo título: *Commonitiones sanctorum patrum*, dividida em 6 capítulos, é uma nova colecção de apotegmas. Efectivamente, a todos os estudiosos de manuscritos passou despercebido que estes 6 capítulos, com os seus 61 apotegmas, constituíam uma unidade. Os próprios manuscritos conhecidos (5), com excepção dos de Viena e Dresda, — ou apresentam a colecção toda seguida,

---

edição crítica. O texto que temos de continuar a utilizar é ainda o da PL, t. 73, a que se devem juntar 19 apotegmas omissos, publicados por C. M. BATLLE no artigo «*Vetera Noua*». *Vorläufige kritische Ausgabe bei Rosweyde fehlender Vatersprüche in Festschrift Bernard Bischoff*, Anton Hiersemann, Stuttgart, 1971, pp. 32-42.

Um conspecto geral das colecções latinas de apotegmas, algumas das quais não publicadas por Rosweyodus, pode ver-se no artigo: J. G. FREIRE, *Traductions latines des «Apothegmata Patrum»*, publicado nas *Mélanges Christine Mohrmann, Nouveau recueil offert par ses anciens élèves*, Spectrum Éditeurs, Utrecht/Anvers, 1973, pp. 164-171.

(4) Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 170-178.

(5) Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 188-191 e 216-232.

sem títulos nem divisão de capítulos, continuando depois indistintamente com outros materiais (é o caso do ms. de Reims), — ou dão primeiro os nn. 1-40 da antologia que é o Livro III de Rosweydu e colocam em lugar muito afastado, e com total independência, os restantes apotegmas exclusivos dos 6 capítulos iniciados pelas *Commonitiones* (como fazem os ms. de Berlim, Namur, Londres e Munique), — ou trazem escassos elementos desta nova colecção, dispersos por entre apotegmas traduzidos por outros intérpretes (tal como acontece nos restantes que mencionamos a seguir, pp. 22-45) e 262-264).

Nenhum editor nem investigador moderno de apotegmas publicados ou de manuscritos em latim tinha dado pela existência desta colectânea ou demonstrado que ela deveria existir, apesar das dificuldades por vários encontradas para identificar algumas das suas peças que ocasionalmente se lhes depararam <sup>(6)</sup>.

Foi ao estudar, em fins de Novembro de 1965, a parte de Pascásio no manuscrito de Dresda, Biblioteca Nacional da Saxónia, A 207, que entre apotegmas de Pelágio e João, de fragmentos dos Livros II e III de Rosweydu e de outros extractos das *Vitae Patrum*, verificámos a existência nos ff. 188r-216v de uma obra com carácter unitário começada por: *Incipit comocio sanctorum patrum*, com capítulos, índices e apotegmas bem delimitados. Tudo quanto se encontra nos nn. 1-40 do Livro III de Rosweydu aí está também. Mas tornou-se-nos logo patente que os primeiros 40 números de Rosweydu não passavam de uma antologia desta colecção desconhecida.

---

<sup>(6)</sup> É o caso dos autores do *Catalogue of additions to the manuscripts in the British Museum in the years 1906-1910* (London, 1912) ao descreverem o ms. add. 37 400, pp. 28-33; e de G. MEYER und M. BUCKHARDT, *Die mittelalterlichen Handschriften der Universitätsbibliothek Basel*, Abt. B, I Band (Basel, 1960) quando descrevem o ms. B. V. 2, pp. 417-433.

Idênticas dificuldades tiveram os Bolandistas de Bruxelas, ao analisarem o *cod. bolland.* 27 quando encontraram passos de Pascásio então ainda inéditos e que nós demonstrámos pertencerem à recensão longa. Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 143-144.

A busca da tradição manuscrita do Livro III das *Vitae Patrum* trouxe até nós o manuscrito de Viena, Biblioteca Nacional da Áustria 433, o qual contém nos ff. 113v-165r as *Commonitiones sanctorum patrum* com títulos, índices e apotegmas numerados por capítulos, isolados de qualquer outra colecção ou de extractos de sentenças de padres do deserto. Não havia dúvidas, do ponto de vista externo, de que estávamos perante uma nova e autêntica colecção de apotegmas (7).

O seu carácter é sistemático, tópico e didáctico, versando cada capítulo um tema e ordenando nele os apotegmas de forma lógica (8).

---

(7) Não se estranhe que tenhamos começado a crer na autenticidade das *Commonitiones sanctorum patrum* quando apenas conhecíamos o manuscrito de Dresda. A prova veio depois com o manuscrito de Viena e os restantes 15 que descrevemos adiante (pp. 22-45). Aliás há muitas obras salvas por um só manuscrito, por vezes mutilado e sem indicação de autor. Ocorrem-nos os casos do *Díscolo*, de Menandro; das *Dissertações*, de Epicteto; da *Anábase*, de Arriano; dos *Stromata*, de Clemente de Alexandria (exemplos estes colhidos em A. DAIN, *Les manuscrits*, Paris, 1964); do *De Republica*, de Cícero (cf. edição de K. Ziegler, Lipsiae, 1965); da *Peregrinatio Aethiopiae* (cf. Éthérie, *Journal de voyage*, edit. HÉLÈNE PÉTRÉ, Paris, 1964); da *Vita Antonii*, versão diferente da de Evágrio (cf. H. HOPPENBROUWERS, *La plus ancienne version latine de la vie de S. Antoine par S. Athanase*, Utrecht-Nijmegen, 1960); do *De Regimine Sanitatis*, atribuído a Pedro Hispano (cf. M. H. DA ROCHA PEREIRA, *Obras médicas de Pedro Hispano*, Coimbra, 1973); e em geral das obras filosóficas atribuídas a Pedro Hispano (com excepção das *Summulae Logicales*): *Scientia libri de anima*, *Quaestiones super libro de animalibus*, *Expositio libri de anima*, *Quaestiones libri de anima* e *De rebus principalibus naturarum*. (Sobre os problemas de autenticidade ou inautenticidade de cada um destes opúsculos [transmitidos só por um ou por dois manuscritos, mas então divergentes], cf. J. M. DA CRUZ PONTES, *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugallense*, Coimbra, 1972).

(8) Sobre a organização das colecções gregas e latinas em séries — nominal, alfabética, anónima, sistemática (tópica, didáctica ou lógica), miscelânea, compilatória ou desordenada, cf. C. BUTLER, *The Lausiac History of Palladius*, I vol., Cambridge, 1898, pp. 210-211; F. NAU, *Le chapitre Περὶ ἀναχωρητῶν ἁγίων et les sources de la vie de Saint Paul de Thèbes* in *Revue de l'Orient Chrétien*, X (1905) p. 391 (Paris); M. CHAINE, *Le texte original des apophthegmes des Pères* in *Mélanges de la Faculté Orientale* (Université de Saint Joseph, Beyruth) V (1912), pp. 543-545; P. NIKITIN, *Das griechische «sketische» Paterikón und seine alte lateinische Übersetzung in Vizantysky Vremennik XXII* (1915-1916), pp. 127-171, texto eslavo (utilizámos o resumo dado na revisão da *Byzantinische Zeitschrift* XXIII (1914), Leipzig, 1920, p. 457); THEODOR HOPFNER, *Über die koptisch-saïdischen Apophthegmata Patrum Aegyptiorum und verwandte griechische, lateinische, koptisch-bohairische und syrische Sammlungen in Akademie der*

O aparecimento de mais 15 manuscritos (que enunciaremos adiante, pp. 22-45), onde se encontram apotegmas até aqui desconhecidos, mas que puderam agora ser identificados, graças à chave fornecida pelas *Commonitiones*, veio confirmar a genuinidade desta colecção.

O seu sentido de unidade tinha-se quebrado totalmente, com o isolamento de 39 numa antologia, a mistura de 11 na edição espúria da *Palladii Lausiaca* e com 11 nunca publicados. Urgia reconstituir esta nova colecção, fazendo-a voltar à sua forma primitiva.

Quando tivemos de estudar em pormenor todo o Livro III de Rosweydyus e verificámos que nele todos os números desde 41 a 220 eram espúrios, pois na realidade pertenciam a outras obras, vimo-nos na necessidade de distinguir os nn. 1-40 de Rosweydyus do conjunto das *Commonitiones* que, convencionalmente, passámos então a chamar o «Autêntico Livro III das *Vitae Patrum*». Na realidade, se houvesse de se fazer uma edição crítica da obra do precursor dos Bolandistas<sup>(9)</sup>, o Livro III das *Vitae Patrum* deveria passar a ser formado apenas pelo texto dos 61 apotegmas por nós editados na segunda parte deste livro.

---

*Wissenschaften in Wien, Philosophisch-historische Klasse, Denkschriften LXI* (1919) p. 22; W. BOUSSET, *Apophtegmata. Studien zur Geschichte des ältesten Mönchtums*, Tübingen, 1923, p. 23; P. DE LABRIOLLE, artigo *Apophtegmata Patrum* in *Dictionnaire d'Histoire et de Géographie Ecclésiastiques*, t. III, Paris, 1924, coll. 1021-1023; R. DRAGUET, *Les Pères du Désert*, Paris, 1949, p. XIV; J.-C. GUY, *Recherches sur la tradition grecque des Apophthegmata Patrum*, Bruxelles, 1962, pp. 11-12.

Deve, pois, terminar a discussão sobre a natureza da primeira parte do Livro III de ROSWEYDYUS, nn. 1-40. Sobre a classificação e origem dos restantes números, cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 170-171, 179-180. Neste aspecto, o Livro III tem também sido diversamente interpretado: para uns é desordenado (Butler e Labriolle), para outros tem ordem de matérias (Hopfner, Bousset). Esta última hipótese é a que mais se aproxima da realidade.

<sup>(9)</sup> Sobre H. Rosweydyus e os Bolandistas, cf. HIPPOLYTE DELEHAYE, *L'oeuvre des Bollandistes à travers trois siècles, 1615-1915*, Bruxelles, 1959. A sua actividade pode continuar a ser seguida pela revista *Analecta Bollandiana*, que em 1973 completou o seu XCI volume, e pelos *Subsidia Hagiographica*, livros em boa parte da sua autoria, cujo n.º 56, J. VAN DER STRAETEN, *Les manuscrits hagiographiques de Charleville, Verdun et Saint-Mihiel* é já de 1974.

Agora que a colecção é reconstituída criticamente à sua configuração original, podendo designar-se cada apotegma pelo capítulo e número que tem no conjunto, a edição de Rosweyde apenas poderá continuar a usar-se quando motivos de ordem prática assim o aconselhem. Desfeito o enigma que envolvia o Livro III, para os seus nn. 1-40 será preferível utilizar antes a sua numeração exacta no texto genuíno das *Commonitiones sanctorum patrum*.



## Cap. II — MANUSCRITOS CONHECIDOS

Em princípios de 1966 fizemos uma investigação geral e sistemática sobre a transmissão manuscrita do Livro das *Vitae Patrum* começado pelo prólogo: *Vere mundum quis dubitet meritis stare sanctorum*, e cujo primeiro apotegma principia por: *Quidam sanctorum seniorum patrum, interrogantibus se monachis de causa abstinentiae dixit...* (Livro III da edição de Rosweydyus). Tomámos como ponto de partida a valiosa colecção de catálogos de manuscritos que se encontra numa das salas de leitura da Biblioteca da Universidade de Lovaina. Deparámos assim com um total de 85 manuscritos de que demos notícia, tão desenvolvida quanto necessário (ou possível), no tomo II de *A versão latina por Pascásio de Dume dos «Apophthegmata Patrum»* (Coimbra, 1971), pp. 188-253.

Tendo chegado à conclusão de que os nn. 1-40 do III Rosw. são uma antologia de uma colecção mais vasta principiada pelas *Commonitiones sanctorum patrum*, que nos propomos agora editar, voltámos de novo, em Setembro e Outubro de 1973, a fazer uma pesquisa em busca de novos manuscritos. A esperança de algum êxito deste trabalho baseava-se no facto de, entretanto, terem sido publicados novos catálogos de códices de várias bibliotecas, de se terem enriquecido as colecções de catálogos que consultámos em 1966 e ainda na circunstância de podermos insistir numa área geográfica bem determinada. Com efeito, os manuscritos conhecidos das *Commonitiones* são quase todos provenientes de uma área que se delimita genericamente do seguinte modo: Áustria, Suíça, Alemanha, norte da França e Flandres.

Atendendo a que, entre estas regiões, a França e a Bélgica têm há mais tempo uma rede bastante perfeita de catálogos

de manuscritos, demorámo-nos em 1973 sobretudo nas outras áreas, incluindo também a Checoslováquia e a Holanda. Uma investigação sistemática deste género nunca é infrutífera. É verdade que, no caso presente, apenas conseguimos encontrar dois novos manuscritos com texto inédito das *Commonitiones*, mas deparámos com vários outros que interessam a temas que temos entre mãos, como por exemplo Pascásio, Martinho, a vida de Táisis e o próprio Livro III de Rosweydyus, o qual tem que continuar a ocupar-nos, pois que a primeira parte é tirada das *Commonitiones* e, na segunda, Pascásio está largamente representado, além de possuir também uma breve selecção das *Sententiae patrum Aegyptiorum* de S. Martinho de Dume<sup>(10)</sup>.

<sup>(10)</sup> Oportunamente faremos a análise dos seguintes novos manuscritos, que indicamos por ordem alfabética das cidades: A) — Com texto de *Pascásio de Dume* — 1) Bona, Biblioteca da Universidade 362, séc. xv, ff. 116r-125r; 2) Udine, Biblioteca Arquiepiscopal, fundo da Abadia de Moggio 7, séc. ix, ff. 1r-115v (Pascásio), ff. 115v-132v (*Martinho*); 3) Viena, Biblioteca Nacional da Áustria 4793, séc. xv, fl. 1r (prefácio), ff. 54v-64v (apoteogmas de Pasc.), ff. 64v-67r (*Martinho*).

B) — Com texto do *Livro III de Rosweydyus* — 1) Berlim, Biblioteca Nacional dos Tesouros Culturais da Prússia, Theol. Fol. 36, séc. xv, ff. 27v-50v; 2) Dêventer, Bibl. do Ateneu 35, séc. xv, ff. 40r-48r; 3) Munique, Bibl. do Estado da Baviera (= CLM) latino 21544, séc. xv, ff. 194v-196v; 4) Munique, CLM 22035, séc. xii ff. 1r-52r; 5) Munique, CLM 23418, séc. xiv, ff. 1r-71r; 6) Munique, CLM 23591, séc. xi, ff. 41r-60r e ff. 69r-110r. (A omissão de todos estes manuscritos de Munique no nosso estudo sobre Pascásio deve-se, sem dúvida, ao facto de, na ocasião em que consultámos o respectivo *Catalogus*, faltar na colecção da Biblioteca da Universidade de Lovaina o «tomus II, pars IV», o qual foi reimpresso em 1969. Não tendo dado por este lapso quando estivemos em Munique em 1966, pedimos em Outubro de 1973 ao Dr. C. M. Batlle para examinar, entre os códices que no *Catalogus* apenas têm a indicação de *Vitae Patrum*, quais as partes que poderiam interessar aos nossos temas. Aqui lhe deixamos a expressão do nosso reconhecimento.

7) Praga, Biblioteca Universitária VII. D. 2, séc. xiv, ff. 9r-63r; 8) Praga, Bibl. Univ. XIII. E. 6, séc. xiii-xiv, ff. 139v-170v e 183r-220r; 9) Praga, Bibl. Univ. III. C. 15, séc. xv, ff. 15v-34r; 10) Praga, Bibl. Univ. III. C. 18, séc. xiv-xv, ff. 240v-263v e 264v-268r; 11) Viena, Bibl. Conventual de Santa Maria dos Escoceses 324, séc. xv, ff. 56r-111v; 12) Viena, Bibl. Nac. Áustria 4410, séc. xiv, ff. 21r-31r (= 51r); 13) Vysší Brod, Bibl. Conventual 53, séc. xv, ff. 1r-54r; 14) Wolfenbütel, Bibl. do Arquiduque Augusto, cod. Guelf. 59. 6. Aug. 2.º, séc. xii-xiii, ff. 1r-53r; 15) Wolfenbütel, Bibl. do Arquiduque Augusto, cod. Guelf. 85. 3. Aug. 8.º, séc. xiv, ff. 39v-147r.

Sobre os outros mss. que são do nosso conhecimento com a tradução de Martinho, cf. P. J. GERALDES FREIRE, *Manuscritos das «Sententiae patrum Aegyptiorum»*

Não sendo nosso intento voltar agora a Pascásio nem apenas à transmissão dos números que se encontram no Livro III de Rosweydu, vamos por isso fornecer os elementos essenciais dos manuscritos que contêm apotegmas só identificáveis por quem conhecer as *Commonitiones sanctorum patrum*. Acrescentaremos breves elementos paleográficos. Quando o texto transmitido for o da recensão que, resumida, entrou no Livro III de Rosweydu, para aí remeteremos, sendo fácil encontrar a versão exacta e a sua numeração própria no conjunto das *Commonitiones*, consultando o quadro de lugares paralelos que publicamos no capítulo III, pp. 63-64. Em ordem a uma possível localização desta nova colecção noutros manuscritos, damos também notícia do texto que precede e que se segue imediatamente às *Commonitiones*.

### ARQUÉTIPO $\beta$

Como veremos ao tratar da genealogia dos códices principais (pp. 265-268), o texto que possuímos das *Commonitiones* supõe a existência, entre o original do tradutor e os manuscritos chegados até nós, de um hiperarquétipo perdido, designado pela letra  $\alpha$ . Alinhamos a descrição dos manuscritos pela sua posição no *stemma codicum*, que publicamos na p. 262. Os códices vão ordenados a partir dos mais antigos, em cada série.

Se alguém comparar a distribuição que fizemos no estudo sobre Pascásio, com a que aparece no  $\sigma\tau\acute{\epsilon}\mu\mu\alpha$ , verificará que elas se correspondem nas suas grandes linhas. Como é natural, os códices que antes considerámos «não agrupados» ocupam

---

de S. Martinho de Dume in *Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiásticas en España*, 2, Salamanca, 1971, pp. 83-97.

Não indicamos os novos mss. com a *Vita Taisis* porque ainda não houve oportunidade de dar uma lista dos que já antes conhecíamos, os quais atingem cerca de uma centena.

agora, depois do exame interno do seu texto, o lugar que lhes compete.

No caso de, no primeiro estudo, termos dado o número que os episódios apresentam na edição do Livro III de Rosweyodus, a apotegmas que pertencem a modelos anteriores à organização da *editio Vulgata* dos nn. 1-40, fazemos agora a conversão para o seu número real nas *Commonitiones*.

1. (= V) — Viena, *Biblioteca Nacional da Áustria* 433 —  
— Trata-se de um códice do século XI, provavelmente escrito perto de Estugarda. Depois do *Heraclidis Paradisus* (BHL 6532) e do *De octo principalibus uitiiis* de S. Nilo, temos nos ff. 113v-165r o texto completo das *Commonitiones sanctorum patrum*, a que se segue a *Vita sancti Frontonii* (BHL 3192). Particularidades externas deste manuscrito fundamental para a reconstituição das *Commonitiones* já foram por nós descritas<sup>(11)</sup>.

A caligrafia é carolina, de uma limpidez perfeita, o que torna a leitura fácil e agradável. Cada apotegma começa, em princípio de linha, com letra maiúscula. O primeiro apotegma de cada capítulo, com excepção do cap. III (fl. 129v), principia com maiúscula iluminada e com miniaturas geométricas. Na margem inferior do fl. 154v estão desenhadas três folhas de árvore.

2. (= A) — Vaticano, *Biblioteca Apostólica*, latino 1201 — Este códice do século XI foi por nós minuciosamente estudado<sup>(12)</sup>, no respeitante ao conteúdo dos seus fólhos 75r-166v. Oferece-nos a particularidade de ser o único conhecido, além dos manuscritos de Viena e de Dresda, que nos fornece, no fl. 166va-b, o n. V, 1 das *Commonitiones*. A sua lição vem

---

(11) Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II pp. 188-189. Ao indicar outros tratados mencionamos, sempre que possível, o seu número na *Bibliotheca Hagiographica Latina* (= BHL), editada pelos Bolandistas, Bruxellis, t. I, 1898-1899, t. II, 1900-1901.

(12) Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 192-193, 229-231, 240 e 253.

garantir-nos a autenticidade deste livro de apotegmas e a maior valia do códice de Viena acabado de descrever.

Como ressalta da nossa primeira descrição, o *Vaticanus latinus* 1201 contém, noutros lugares, extractos do Livro III de Rosweyodus. A parte das *Commonitiones* é a seguinte, com um texto semelhante ao do arquétipo η:

- fl. 86ra-b: III Rosw. 20;
- ff. 104(A)ra-108rb: III Rosw, 1-7, 17-19, 21, 22, 188 (fl. 106vb-107ra), 23-26;
- ff. 108vb-112ra: III Rosw. 27-40;
- ff. 139va-142ra: III Rosw. 8-16.

Como se poderá verificar, a antologia das *Commonitiones* que constitui os nn. 1-40 do Livro III de Rosweyodus está completa, embora desordenada e dispersa por diversos grupos de fólhos.

3. (= D) — *Dresda, Bibliotheca Nacional da Saxónia, A 207* — Não conhecemos a proveniência deste manuscrito do séc. xiv. A parte referente às *Vitae Patrum* começa com o prólogo de Pascásio (fl. 159r) (BHL 6531) e continua com Pelágio (BHL 6527), selecção do Livro III de Rosw. a partir do n. 110 (BHL 6525) e *Palladii Lausiaca* (BHL 6534). Vêm então nos ff. 188r-216v as *Commonitiones sanctorum patrum*, seguidas de novo do III Rosw. a partir do n. 45, de Pelágio, da *Vita Pauli* (BHL 6596) e de outras biografias. Nos ff. 279v-280r está o prólogo do Livro III de Rosw., mas segue-se-lhe Pelágio I,5 e outra vez III Rosw. para além do n. 107, com excepção do último apotegma que é III Rosw. n. 1 (= *Commonitiones* I, 1<sup>a</sup>), este no fl. 282r. Prossegue outra vez Pelágio, João (BHL 6529), III Rosw. 60 e 220, e IV Livro de Rosw. (BHL 6526). Nos ff. 312r-v temos III Rosw. 10, continuado por Pelágio; III Rosw. 208; João IV, 6; III Rosw. 209; de novo João; outra vez III Rosw. a partir do n. 49, Pelágio e por passos ainda a identificar. Nos ff. 319r-320r lê-se III Rosw. 20, concluindo

com extractos de João, Sulpício Severo (BHL 6526) e Pelágio. O manuscrito está mutilado no fim<sup>(13)</sup>.

Curioso observar que no meio desta massa informe, onde apenas o prólogo de Pascásio vem identificado, se encontre nos ff. 188r-216v o texto completo das *Commonitiones*, com cada um dos apotegmas a começar por maiúscula no princípio de linha, estando todos bem numerados até ao fl. 199r, com excepção de III,1 e IV,1. A começar em IV,3 (fl. 199r) não há mais numeração nem dos apotegmas nem da *V capitulatio*. (O capítulo VI, como se poderá ver no texto crítico, não tem *capitulatio* em nenhum manuscrito). No fl. 214v, onde está o apotegma V,9 e o princípio de VI,1, as duas iniciais maiúsculas estão iluminadas, encontrando-se o H de *Hic* com uma ornamentação superior a sugerir um ramo de árvore e na parte inferior as suas raízes. A grafia é gótica, com muitas abreviaturas, por vezes difíceis de decifrar. Na margem direita do fl. 208r alguém escreveu, posteriormente, *nota* e no fl. 216r o último período de VI, 5 foi assinalado à margem com um parêntesis recto, por debaixo do qual julgamos dever-se ler *desunt*. Não entendemos o sentido desta observação, pois o apotegma, que é o penúltimo da colectânea, está completo.

#### ARQUÉTIPO γ

4. (= C) — Paris, Biblioteca Nacional, fundo latino 5601 — Este manuscrito merece-nos agora maior atenção do que em estudo anterior<sup>(14)</sup>. Foi copiado no século XI e pertenceu

<sup>(13)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 189-191. Além de FRANZ SCHNORR VON KAROLSFELD, *Katalog der Handschriften der königl. öffentl. Bibl. zu Dresden*, Leipzig, 1882, I, p. 88, podem consultar-se também *Die Merkwürdigkeiten der königlichen Bibliothek zu Dresden ausführlich beschrieben und mit Unmerkungen erläutert*, I, Dresden, 1743, pp. 343-345 (sem indicação de autor, mas que Von Karolsfeld atribui a Götze), onde Pascásio é identificado como um monge da Galiza, «provaivelmente também originário da Panónia, como S. Martinho de Dume».

<sup>(14)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, p. 232.

noutros tempos a S. Marcial de Limoges. Os catalogadores não têm apreciado devidamente o seu conteúdo <sup>(15)</sup>. O nosso exame pessoal e o estudo crítico do texto referente às *Vitae Patrum* permitem-nos pormenorizar um pouco mais.

Após os índices iniciais, um prefácio *in Vitas Patrum* e os *capitula libri sequentis* (ff. 1-5), vem o texto, em 55 capítulos, da Vida de João Eleemosinário ou Alexandrino (ff. 5v-53v), isto é, BHL 4390.

Sem qualquer título ou rubrica, seguem-se nos ff. 53v-57r extractos dos apotegmas traduzidos por Pelágio e João.

Continua imediatamente nos ff. 57r-64r um extracto das *Commonitiones sanctorum patrum*, bem caracterizado como pertencente ao nosso arquétipo  $\gamma$ , constituído pelos seguintes números: IV, 15; João III, 11 (ff. 57v-59r); *Commonit.* IV: 12, 13, 14, —, 16, 17 e 6.

Nos ff. 64r-82v seguem-se extractos vários de S. Gregório, da *Historia Monachorum* (Livro II de Rosweydu) e da *Historia Anglorum*.

O maior interesse para nós consiste no fragmento extraído das *Commonitiones*. Pena é serem apenas 7 apotegmas. Atesta, no entanto, que na região limusina corria, já no século XI, a recensão  $\gamma$  desta obra de que se veio a perder a memória. A reforçar tal certeza temos o manuscrito que descrevemos a seguir, o qual, embora mais tardio, também proveio de Limoges.

5. (= P) — Paris, Biblioteca Nacional, fundo latino 2941 — Fizemos uma descrição pormenorizada deste manuscrito, provindo de Limoges, a propósito dos fragmentos que ele contém de Pascásio e do Livro III <sup>(16)</sup>. Já então dissemos

---

<sup>(15)</sup> *Catalogus codicum manuscriptorum bibliothecae regiae*, t. IV, Parisiis, 1744, p. 139; *Catalogus codicum hagiographicorum latinorum antiquorum saeculo XVI qui asseruantur in bibliotheca nationali Parisiensi*, ediderunt Hagiographi Bollandiani, t. II, Bruxellis, 1890, p. 515.

<sup>(16)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 78-80 e 231.

que, segundo confissão do próprio copista, numa porção do manuscrito atribuível ao século XII, principia no fl. 66r um *Liber sanctorum patrum collectus ex diversis libris*. A parte seleccionada de todo o Livro III, segundo então apontámos, ocupa os ff. 70v-75v, notando-se a partir do fl. 73v algumas interpolações de Pelágio.

Os apotegmas das *Commonitiones* ocupam os ff. 70vb-73va. Sujeita esta fracção do manuscrito a uma análise textual rigorosa, verifica-se que o texto transcrito foi copiado de um modelo do arquétipo  $\gamma$ . O conjunto extraído das *Commonitiones* tem a seguinte constituição — I: 1<sup>a</sup>, 1<sup>b</sup>, 3, 5, 14; II: 5, 7; IV: 2, 13, 17, 18; V: 5, 8<sup>b</sup>, 9; VI: 2 e 5.

Trata-se apenas de cerca de uma quarta parte do texto total. O seu interesse é, no entanto, bastante grande, pois vem confirmar muitas das lições genuínas do manuscrito de Reims, Bibl. Munic. 1400, que tem quase completo o texto das *Commonitiones*. Felizmente este códice de Paris, Bibl. Nac. lat. 2941 possui também o número I,3. Podemos assim comprovar que o fragmento de I,3, linhas 11-12 da nossa edição, omitido por uns e interpolado pelo ms. de Namur, foi salvo apenas pelo arquétipo  $\gamma$ , pois há uma coincidência perfeita entre o texto deste fragmento, tal como é dado pelo manuscrito de Paris, Bibl. Nac. lat. 2941 e pelo de Reims, Bibl. Munic. 1400.

6. (= R) — Reims, *Biblioteca Municipal* 1400 — Escrito no século XIII, provavelmente na própria zona de Reims, a parte referente às *Vitae Patrum* começa neste códice com o Livro II de Rosweyodus (BHL 6524), a que se segue a *Vita Pauli* (BHL 6596) e o cap. VIII da *Palladii Lausiaca* (BHL 6534). Sem qualquer título, principiam as *Commonitiones sanctorum patrum* no fl. 98rb até fl. 107rb, continuando imediatamente o Livro III de Rosweyodus nn. 41-220 (BHL 6525) <sup>(17)</sup>.

<sup>(17)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 217-219. Na descrição bastante pormenorizada que então fizemos dos ff. 98r-107r escrevemos que também faltava



Servimo-nos deste manuscrito para estabelecer o texto crítico, por ser ele o maior representante do arquétipo  $\gamma$ . Como se poderá ver pela observação do aparato crítico, faltam-lhe apenas 5 apotegmas em relação ao texto completo das *Commonitiones*, a saber, os nn. V: 1,4,6; VI: 3 e 6.

Não há dúvida de que o copista(ou o seu modelo) possuía um exemplar integral das *Commonitiones*. A atestá-lo está não só a quase totalidade, seguida, dos apotegmas, como o título do capítulo III (fl. 101rb) e do capítulo IV, este com toda a sua *capitulatio* (fl. 101va). Tivemos o prazer de manusear este manuscrito, de pequeno formato, com uma antiga encadernação de camurça vermelha, em letra gótica muito encadeada, a duas colunas, e com iluminuras numerosas, no geral a iniciar os apotegmas. Pena é que o princípio desta colecção esteja desprovido de qualquer título. Todavia, o copista assinalou o fim da peça anterior, pois nas linhas 12-13 do fl. 98rb lê-se: *Hic triumphus beati Nathanael fuit et conuersatio. ≠ Hic finis.* A linha 13 tem ainda o início, defeituoso, das *Commonitiones* I,1, com maiúsculas nas duas primeiras letras de *INterrogantibus / se monachis de causa abstinentiae dixit* (sem indicar o precedente sujeito da oração: *Quidam sanctorum seniorum patrum*). Em tais condições não admira que esta parte do manuscrito nunca tivesse sido assinalada pelos catalogadores.

### ARQUÉTIPO $\delta$

7. (= B) — Berlim, *Biblioteca Nacional dos Tesouros Culturais da Prússia, 780, theol. lat. fol. 275* — Só em 1974 conseguimos obter um microfilme deste manuscrito de Berlim,

---

o apotegma I, 5. Na realidade este número encontra-se lá, no seu lugar próprio (fl. 98va-b). Acontece, porém, que a maiúscula R da primeira palavra do apotegma (*Referebant*), na 12.ª linha a contar do fim, tem muito menos relevo que outras maiúsculas no princípio das frases do apotegma anterior. Daí a nossa omissão na primeira análise.

escrito a toda a largura da página em letra carolina do século x e proveniente de um mosteiro desconhecido, situado junto ao Reno <sup>(18)</sup>.

Identificamos primeiro o seu conteúdo global e detetamos-nos depois nos ff. 50v-65v e 111v-117v.

- 1 — ff. 1r-5r: Vita Pauli (BHL 6596);
- 2 — ff. 5r-16r: Vita Hilarionis (BHL 3879);
- 3 — ff. 16r-19r: Vita Malchi (BHL 5190);
- 4 — ff. 19r-50v: Historia Monachorum, ou seja, o Livro II das *Vitae Patrum* de Rosweyodus (BHL 6524);
- 5 — ff. 50v-65v: Livro III de Rosweyodus, nn. 1-40 (BHL 6525);
- 6 — ff. 65v-87r: Livro IV de Rosweyodus (BHL 6526);
- 7 — ff. 87r-91r: apêndice frequente do Livro IV, constituído por extractos de Pelágio (BHL 6527);
- 8 — ff. 91r-111v: Palladii Lausiaca, sem os passos espúrios que se encontram na edição de Rosweyodus (BHL 6534);
- 9 — ff. 111v-117v: extracto das *Commonitiones sanctorum patrum*, que a seguir identificaremos;
- 10 — ff. 117v-119v: Vita Frontonii, mutilada — últimas palavras: ...*camelis imposta dirigebat* (BHL 3190).

Deparamos aqui, nos ff. 50v-65v, com a mais antiga antologia das *Commonitiones sanctorum patrum*, contendo apenas o prólogo *Vere mundum quis dubitet meritis stare sanctorum...* e os nn. 1-40, publicados por Rosweyodus no seu Livro III das *Vitae Patrum* (PL 73, coll. 739-764). O seu interesse resulta ainda

---

<sup>(18)</sup> VALENTIN ROSE, *Verzeichniss der lateinischen Handschriften der königlichen Bibliothek zu Berlin*, Bd. 2., Berlin, 1903, pp. 809-811. A falta deste volume na sala de catálogos de manuscritos na Biblioteca da Universidade de Lovaina explica que tenhamos passado em claro esta parte da obra de V. Rose.

de esta colectânea ser *aparentemente* muito semelhante à que se encontra nos mss. de Reims, Bibl. Munic. 1390, ff. 74r-98v; Danzig, Bibl. da Cidade 1950, ff. 55v-72r; Munique, Bibl. Est. da Baviera, lat. 18535<sup>a</sup>, ff. 252r-267r, que já noutra ocasião descrevemos <sup>(19)</sup>.

Dissemos *aparentemente* porque, na realidade, o estudo crítico dos textos provou que os três manuscritos acabados de indicar são já uma reelaboração, com leves alterações, do texto que nos dá o ms. de Berlim e os seus pares. No *stemma codicum*, Berlim, theol. lat. fol. 275 e afins enquadram-se no arquétipo  $\delta$ , ao passo que os três restantes (Reims 1390, Danzig 1950 e Munique CLM 18535<sup>a</sup>) constituem o arquétipo  $\zeta$  <sup>(20)</sup>.

Vejamus como este manuscrito de Berlim apresenta vestígios bem sensíveis de conter, nesta porção, uma antologia extraída das *Commonitiones sanctorum patrum*, vestígios estes que não existem na edição de Rosweyodus.

No fl. 50v, após o prólogo, lê-se o título: *Incipiunt monita* e seguem-se, sem rubricas nem numeração, os apotegmas 1-7 Rosw. Ora este título é precisamente o que se encontra a abrir o cap. I das *Commonitiones* no manuscrito de Dresda. O de Viena é um pouco mais completo: *Incipiunt monita sanctorum patrum*. A dependência é manifesta.

No fl. 52r temos novo título: *Incipiunt exempla sanctorum patrum contra spiritum fornicationis*. Seguem-se-lhe os nn. 8-16 Rosw. O título condiz exactamente com o do cap. II das *Commonitiones*, cujos apotegmas são todos transcritos, à excepção de II,3.

No fl. 55r, a meio da página vem a rubrica: *Incipiunt monita et exempla sanctorum patrum de virtute humilitatis et patientiae*, seguindo-se-lhe os nn. 17-30 de Rosw. É este justamente

<sup>(19)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 197-198.

<sup>(20)</sup> Cf. a gravura que publicamos na p. 262.

o título que precede o texto do cap. IV das *Commonitiones*. Anote-se que antes do n. 20 Rosw. (= IV,4) se encontra o título *De sancto Poemen* (fl. 56v); antes do n. 22 Rosw. (= IV,8) vem a rubrica *De amore humilitatis* (fl. 57v), indicação esta igualmente copiada, embora incompleta, do texto longo das *Commonitiones*; também o n. 30 Rosw. (= IV, 17) está precedido da indicação *Beati abbatis Anastasii laudabilem*. Trata-se aqui de um engano de copista, que tomou como título o princípio do apotegma, pois torna a repetir estas palavras no começo da linha seguinte (fl. 60v).

Terminado o n. 30 Rosw. prosseguem, sem qualquer anotação, os nn. 31-35 Rosw., concluindo este último a meio do fl. 63 v.

O copista interrompeu o seu trabalho. Aproveitando a meia folha em branco, alguém escreveu, mais tarde, uma antífona à Virgem, com sinais musicais por cima de cada sílaba: *Quid regina poli faciat nunc dic, frater, orbi; mane puerum Christum genuit, gremioque locauit. Te Deum laudamus*. O resto da página guarda vestígios de um texto que foi raspado e do qual subsistem algumas letras, não sendo possível entender qualquer palavra.

Como bem nota o autor do Catálogo, o texto dos apotegmas foi retomado por outro copista. O fl. 64r tem todo o n. 36 Rosw. (= V,9), que termina a pouco mais do meio da página.

Vem então o título *Incipit de beato Arsenio* (fl. 64r), seguido dos nn. 37-40 Rosw. até ao fl. 65v. Como se poderá verificar, são aquelas palavras que iniciam o cap. VI das *Commonitiones*.

Temos assim, no texto transcrito nos fl. 50v-65v, não só mais de metade do texto das *Commonitiones*, mas ainda, o que é precioso e significativo, sinais bem claros dos títulos originais dos seus capítulos I, II, IV e VI. Do cap. III, com um só apotegma, nada foi transcrito; para o cap. V, do qual foram tirados os nn. 31-36 de Rosweydyus, também não há qualquer alusão ao seu título. Mas o que deixámos apontado é suficiente

para não poderem subsistir quaisquer dúvidas de que esta porção do códice de Berlim foi importada das *Commonitiones sanctorum patrum*.

Igual atenção nos merecem os ff. 111v-117v. Esta parte do códice de Berlim e dos seus pares nunca foi identificada devidamente, porque faltava aos catalogadores um ponto de referência, ou antes, a chave que abre o seu segredo.

No fl. 111v lê-se, na última terça parte da página: *Incipiunt commonitiones sanctorum patrum, qui in studio spiritualis uitae senuerunt, quae ad instructionem iunioribus dixerunt fratribus*. Comparando com o nosso texto crítico, ver-se-á que é este precisamente o título da colecção que nós editamos. Seguem-se, sem mais títulos nem numeração de apotegmas, todos eles assinalados por uma inicial maiúscula, saída para a margem esquerda, os números seguintes da nossa edição — I: 2,3,6,7,8, 9,10,12,15 e 16. Consultando a tábua de lugares paralelos que damos adiante, nas pp. 63-64, verificar-se-á que são todos os números do cap. I que não foram incluídos na antologia publicada por Rosweyds no princípio do Livro III. Antes de I, 12 está o título isolado *De abbate Niterra*, correspondente só a este apotegma.

A meio do fl. 113v lê-se: *De spiritu fornicationis*, a preceder o nosso n. II,3. Fora, de facto, o único apotegma do capítulo com este título, aqui abreviado, que ficara excluído da selecção anterior.

No mesmo fl. 113v, na sexta linha a contar do fundo, foi escrito o título: *Exhortatio sancti Macarii ad monachos*. É a designação exacta do nosso cap. III, seguida do único apotegma que o constitui e que não fora incluído na antologia da primeira parte.

Em 114r, no último quarto da página, ressalta o título: *Incipiunt de uirtute humilitatis et patientiae monachorum monita sanctorum*. São estas palavras que precedem a *capitulatio* do nosso cap. IV. Seguem-se os nn. IV: 6,15,18 e 19. Acrescen-

tando estes números à selecção anterior, fica completo o cap. IV, excepto o n. 5. O copista colocou apenas o título *De sancto Poemene* (fl. 114r) antes de IV,6.

No fl. 116v temos, a meio da página, o título *Incipit de doctrina monachorum* que corresponde ao do nosso cap. V. Vêm então os nn. V: 4 e 6. Antes do n. V,6 (fl. 117r) está a rubrica: *Incipit de abbate Apollonio*. O título do cap. V, omitido na primeira selecção, está aqui a garantir a autenticidade da divisão das *Commonitiones*. Comparando as duas partes, nota-se que do cap. V foi totalmente excluído o n. 1.

No mesmo fl. 117r, sem qualquer título, encontra-se também a maior parte do n. VI,6, que termina na segunda linha do fl. 117v. O título deste capítulo, *De beato Arsenio*, fora dado na primeira parte. Juntando este aos números incluídos atrás, verifica-se que do cap. VI também um apotegma ficou de parte, o n. 3.

Resumindo os materiais encontrados nos ff. 50v-65v e ff. 111v-117v diremos que o manuscrito de Berlim, da antiga Bibl. Nacional da Prússia, theol. lat. fol. 275, permite reconstituir o título geral e o de cada um dos seis capítulos das *Commonitiones*, bem como a quase totalidade do seu texto, com exclusão apenas de IV,5; V,1; e VI,3.

Nenhum outro manuscrito deste arquétipo é tão rico em títulos como o de Berlim. Todavia, os manuscritos de Namur e de Londres, que passamos a descrever, contêm precisamente os mesmos apotegmas. Dado que só muito tardiamente obtivemos o microfilme do códice de Berlim (quando o original do texto e aparato crítico já se encontravam na tipografia) não utilizámos, para a nossa edição, este manuscrito, mas sim o de Namur. Lançámos, porém, todo o texto do códice berlinense no nosso manuscrito das *Commonitiones*, podendo assim reconsiderar, a tempo, todos os problemas de crítica textual. Devemos acrescentar que o copista do códice de Berlim (o qual pertence indubitavelmente ao arquétipo δ) tinha com toda a probabilidade diante de si também um

modelo do arquétipo  $\alpha$  ou  $\beta$ . O testemunho de Berlim veio assim reforçar, várias vezes, a maior valia principalmente do manuscrito de Viena.

8. (= N) — *Namur, Museu de Arqueologia 12* — Tivemos ocasião de examinar pessoalmente este manuscrito, o que nos possibilitou descobrir nele a segunda parte extraída das *Commonitiones*. Foi escrito no século XII ou XIII nas Ardenas belgas. O códice principia com um texto mutilado, pertencente ao fim do prefácio da Vida de S. Pacómio (BHL 6410); continua com as Vidas de S. Antão (BHL 609), Paulo eremita (BHL 6596), Hilarião (BHL 3879) e Malco (BHL 5190); seguem-se o II Livro de Rosweyodus (BHL 6524), uma *Admonitio ad monachos: Frequenter diximus: Semper christiani persecutionem patiuntur...* e a Exortação de Santo Atanásio (PL CIII, coll. 664-672). Contém em seguida, nos ff. 74r-84v, o prólogo e os nn. 1-40 do Livro III de Rosweyodus. Depois continua com o Livro IV (BHL 6526), Pelágio (BHL 6527) e a *Palladii Lausiaca* (BHL 6534). Vêm então, nos ff. 108va-112ra as *Commonitiones sanctorum patrum*, seguidas da *Vita Frontonii* (BHL 3190), da segunda parte de III Rosw. a partir do n. 47, de Pelágio (BHL 6527), de João (BHL 7529) e de várias biografias<sup>(21)</sup>.

Agora interessam-nos especialmente os ff. 74ra-84vb. O prólogo, espúrio, *Vere mundum*, encontra-se em 74va, linhas 10-34. Então, sob o título: *Incipiunt monita*, principia o extracto das *Commonitiones* vulgarizado pelo Livro III de Rosweyodus. Quase todos os apotegmas são precedidos de um título, como se poderá ver no aparato crítico, pois servimo-nos deste manuscrito, sob a sigla N. Há ainda sinais da divisão primitiva em capítulos, visto que os apotegmas II,1 (= 8 Rosw.); IV,1

---

(21) Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 216-217, onde se descreve apenas a parte do ms. que vai dos ff. 74 a 130.

(= 17 Rosw.); e VI, 1(= 37 Rosw.) vêm precedidos dos títulos correspondentes, como se anota no nosso rodapé crítico.

Também este manuscrito nos guarda, quase completa, a porção de apotegmas que haviam sido omitidos pelo compilador do Livro III de Rosweydu. Com efeito, nos ff. 108va-112ra encontra-se o resto da colecção (excepto os nn. IV,5; V,1; e VI,3), encimada pelo título completo (apenas com as variantes: *monitiones* — em vez de *commonitiones*, e *spiritualis* — por *spiritalis*). A escrita de todo o manuscrito, a duas colunas, é carolina de transição. Os apotegmas começam todos com inicial maiúscula. Nesta segunda parte do texto das *Commonitiones* (indicada no início do aparato crítico por N<sup>2</sup>) os apotegmas não são precedidos de título (excepto o 1.º (= I,2), com o título geral; o 2.º (= I,3): *De abstinentia eius*; o 3.º (= I, 6): *De quoddam sene*; e o 5.º (= I,8): *De abbate Poemen*). Há uma anomalia de paginação que coincide exactamente com este fragmento. Os fólhos estão numerados na face, no ângulo superior direito, com algarismos árabes de desenho fino. Porém, no fl. 108v, alguém escreveu, no centro da margem superior, com números de grosso desenho, 108. Apesar de o fl. 109r estar bem marcado no rosto, também o seu verso tem a estranha numeração 109, em desenho forte. O resto da paginação está em ordem, apenas com a repetição do número 111 na margem superior, ao centro. Por debaixo deste número (escrito por pessoa diferente da que paginou os cantos superiores direitos e da que escreveu os estranhos 108 e 109) está uma linha em forma de título: *Instructio salutaris renuntiationis saeculi*. A importância deste manuscrito é confirmada pelos seus pares, principalmente de Berlim, Londres e Munique.

9. (= L) — Londres, Museu Britânico, add. 37 400—Escrito talvez no século XIV, na Flandres ou na Germania, este manuscrito tem nos ff. 37v-72v o Livro III de Rosweydu, com



excepção dos nn. 194 e 195; seguem-se-lhe, nos ff. 72v-74r, três apotegmas da recensão longa de Pascásio<sup>(22)</sup>.

Uma análise mais recente permite-nos identificar ainda:

1 — ff. 74r-77v: extractos de Pelágio (BHL 6527) e João (BHL 6529), a saber: Ioan. I, 13; Plg. XVIII: 3,5,6,8,19,14; XII,8; XIII: 6,13; XIV,14; XV: 1,43;

2 — ff. 77v-81r: vida de santa Pelágia (BHL 6605);

3 — ff. 81r-85r: vida de santa Eufrosina (BHL 2723).

— O fl. 85v está em branco.

4 — Em 86ra começa abruptamente: *mutarent, sed super illam fetidam aliam addebat...* sinal de que um outro manuscrito começa aqui mutilado, repetindo-se o final do III Livro de Rosweyodus n. 39 e o n. 40;

5 — ff. 86ra-99va: têm o Livro IV de Rosweyodus (BHL 6526);

6 — ff. 99va-102ra: o apêndice habitual com apotegmas de Pelágio (BHL 6527).

7 — ff. 102ra-115ra: *Palladii Lausiaca* (BHL 6534). Conferimos o texto com o da PL 74, coll. 343-382 e verificámos que os capítulos IV, V, IX, (os capítulos XI, XII e XIII são totalmente omitidos) não têm os passos alheios a esta recensão, pois pertencem às *Commonitiones sanctorum patrum*. A obra termina com o cap. XIX (PL 74, coll. 376-377) no fl. 115ra. Note-se a ausência do cap. XX, tido como espúrio, em relação à obra de Paládio.

8 — Os ff. 115ra-118vb, sem qualquer sinal de mudança de obra ou de fonte, contêm os mesmos apotegmas das *Commonitiones* que os manuscritos de Berlim e de Namur apresentam também em segundo lugar, a saber: I: 2,3,6,7,8,9,10,12,15,16; II,3; III,1; IV: 6,15,18,19; V: 4,6; e VI,6.

9 — ff. 118vb-120rb, a vida de Frontónio (BHL 3190).

---

(22) Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 94-96 e 219-220.

Seguem-se biografias várias até final do códice.

Tomando em conta os apotegmas que se encontram nos ff. 37vb-48rb que são a antologia, em 40 números, das *Commo-tiones* e o suplemento que está nos ff. 115r-118v, verificamos também que da colecção completa das *Commonitiones sanctorum patrum* apenas faltam os nn. IV,5; V,1; e VI,3. Tanto numa como noutra parte, o texto está escrito em esplendente letra gótica, a duas colunas, com belas iniciais para cada apotegma. Mas enquanto na primeira série foi dado um título a cada narrativa, na segunda não há títulos até quase ao fim. Com efeito, só os três últimos números são precedidos das rubricas: *De famulo Dei Marciano* (V,4); *De alio quodam sene* (V,6); e *De abbate Daniele* (VI,6).

Notemos ainda que no fl. 37vb, antes de começar o Livro III de Rosweydyus, o copista escreveu apenas: *Explicit liber primus. Incipit secundus*. Mas no fl. 72va, quando acaba este texto, avança mais, atribuindo-lhe um autor: *Explicit liber secundus sancti Hieronimi presbyteri in Vitas Patrum*.

10. (= M) — Munique, *Biblioteca do Estado da Baviera, latino 2540* — Veio do mosteiro de Alderspach este manuscrito atribuído ao século xv (23). A nós parece-nos um pouco mais antigo, pelo seu tipo de letra, que se assemelha muito à carolina de transição. Está por fazer a sua descrição pormenorizada. Dado o seu interesse para o nosso presente estudo vamos apresentá-lo, utilizando elementos colhidos no exame pessoal do próprio códice.

Após três folhas de índices, tem:

- 1 — ff. 1v-3v: a história de Malco (BHL 5190);
- 2 — ff. 3v-6r: Paulo eremita (BHL 6596);
- 3 — ff. 6r-14v: Vita Hilarionis (BHL 3879);
- 4 — ff. 14v-38r: o Livro II de Rosweydyus (BHL 6524);

---

(23) Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 220-221.

5 — ff. 38ra-71ra: o Livro III de Rosweydu (BHL 6525), sem atribuição de autor. Após o prólogo e um título para o primeiro apotegma, começa o texto deste, em 38rb: *Quidam sanctorum seniorum*, com uma grande inicial, iluminada com miniaturas em forma de folhas de árvore. O mesmo tipo de iluminura se encontra no fl. 39va após o título: *Incipit de spiritu fornicationis* (um vestígio do cap. II das *Commonitiones*), na inicial da primeira palavra: *Discipulus*. No fl. 41v está o título correspondente ao cap. IV, embora o texto seja o divulgado pelo Livro III de Rosweydu, terminando o n. 40 no fl. 49vb. O resto do III Rosw. prolonga-se até ao fl. 71ra, cujo *explicit* também nada diz sobre o autor do livro.

6 — ff. 71r-82r: Livro IV de Rosw. (BHL 6526);

7 — ff. 82r-85r: Pelágio (BHL 6527);

8 — ff. 85r-88v: Vida de Pelágia (BHL 6605);

9 — ff. 88v-97r: Maria Egipcíaca (BHL 5415);

10 — ff. 97r-107r: Santa Paula, por Jerónimo (BHL 6548);

11 — ff. 107r-130v: Santo Antão (BHL 609);

12 — ff. 130v-155v: Pachomius (BHL 6410);

13 — ff. 155v-160r: Vita sancti Symeonis (não identificámos mais);

14 — ff. 160r-164r: Vita sanctorum Iulii et Iuliani fratrum;

15 — ff. 164r-180r<sup>(24)</sup>: *Palladii Lausiaca* (BHL 6534).

16 — ff. 180rb-184ra: Uma colectânea de apotegmas, idêntica à dos manuscritos de Berlim, Namur e Londres acabados de descrever. No nosso primeiro estudo deste códice de Munique apontámos já o erro existente na ordem dos fólhos

---

(<sup>24</sup>) Devemos corrigir um lapso verificado em *Pascásio de Dume...*, t. II, p. 220. O cap. XIX da *Palladii Lausiaca* termina no fl. 180rb. Reparemos mais uma vez que falta o espúrio cap. XX. Na mesma coluna de 180rb (e não 180va, como então dissemos) se encontram ainda, sem qualquer título, sem indício de mudança de obra ou de fonte, as três últimas linhas da coluna: *Dicebant sancti patres de Sancto abbate Ioanne qui /*, que é já *Commonitiones* I, 2. (Todas as letras acabadas de sublinhar estão escritas em maiúsculas, com relevo para o D inicial).

e a perda do que deveria ser o seu fl. 183. Em comparação com o conteúdo acabado de fornecer na descrição do manuscrito anterior (Londres, Mus. Brit. *add.* 37 400, ff. 115r-118v) faltam aqui, por perda do fl. 183, o final de IV,15; IV,18 e o princípio de IV,19. São também omitidos (mas estes por deficiência do modelo) os apotegmas IV,5; V,1; e VI,3.

17 — ff. 184ra-185vb — *Vita Frontonis*, incompleta, por mutilação no final do manuscrito (BHL 3190).

11. (= Z) — *Munique, Biblioteca do Estado da Baviera, lat. 23757* — Este códice, também designado, pela sua proveniência, por ZZ 757, foi escrito no século xv. Os primeiros 35 fólhos pertencem a um outro antigo manuscrito. O fólho que vem a seguir, não numerado, contém a *capitulatio* de toda a segunda parte do códice. Passamos então a ter uma dupla paginação: a contínua, mais alta, marcada no canto superior direito; e a própria da segunda parte, que segue com 36 unidades de atraso, escrita em números menores ao centro da margem superior, entre as duas colunas da página. O conteúdo relativo às *Vitae Patrum* é o seguinte:

1 — ff. 37r-72r (1-36): *Historia Monachorum* = Livro II de Rosweydyus (BHL 6524);

2 — ff. 86v-87r (50-51): o prefácio *Vere mundum* do Livro III de Rosweydyus (BHL 6525);

3 — ff. 87r-90v (51-54): *De Malco monacho* (BHL 5190);

4 — ff. 90va-107rb (54-71): III Rosw. nn. 1-40;

5 — ff. 107r-127v (71-91): Livro IV de Rosweydyus (BHL 6526);

6 — ff. 127v-129v (91-93): apêndice de Pelágio (BHL 6527);

7 — ff. 129v-151r (93-115): *Palladii Lausiaca* (BHL 6534);

8 — ff. 151rb-156ra (115-120): segunda parte das *Commo-  
nitiones sanctorum patrum*, em complemento da antologia publicada por Rosweydyus no Livro III.

9 — ff. 156r-158v (120-122): *Vita Frontonii* (BHL 3190);

10 — ff. 158v-163v (122-127): extractos da obra de Pascásio de Dume, a começar em X,4 até LII,5 da nossa edição;

11 — ff. 163v-166v (127-130): miscelânea de apotegmas tirados de Pelágio, Pascásio e Martinho de Dume;

12 — ff. 166v-177r (130-141): extractos de Pelágio (BHL 6527);

13 — ff. 177r-178r (141-142): De Taisi meretrice (=Pascásio LVII,4 — recensão a determinar);

14 — ff. 178r-188v (142-152): extractos de Pelágio (BHL 6527);

15 — ff. 188v-190r (152-154): Vita Marinae (BHL 5528).

Não temos filme do resto do códice, que tem 248 fólhos. Podemos, no entanto, observar ainda que no fl. 190ra (154) começa a *Visio Baronti* (BHL 997).

Deixando para outra oportunidade as restantes partes, principalmente as referentes a Pascásio e Martinho, importa agora estudar especialmente os elementos tirados das *Commo-nitiones sanctorum patrum*.

Nos ff. 90va (54va)-107rb(71rb) temos, completamente isolados, os nn. 1-40 do Livro III de Rosweyodus, isto é, a primeira antologia das *Commonitiones*. O n. 1 começa sem qualquer título ou rubrica a separar este tratado do final da Vida de Malco. Dos nn. 1 a 7 Rosw. só este último tem o título: *De sancto Zenone*. Na margem, ao lado do n. 8 está o título: *Incipit liber de fornicatione*, ou seja, um vestígio seguro do nosso cap. II (fl. 56rb). Continuam os nn. 8-21 Rosw. O n. 19 é precedido do título: *De sancto Poemen*, e o n. 21 assinalado com as palavras: *De sancto Agathone*. No fl. 62rb, a meio desta narrativa, encontra-se à margem, deslocado, o título: *Incipit liber de patientia*, um vestígio do nosso cap. IV, que deveria ter sido escrito antes do n. 17 Rosw. Seguem-se os nn. 22-40, sendo precedidos de títulos um tanto arbitrários, os nn. 27: *Liber de oboedientia* (fl. 65rb); 29: *De beato Eulalio magnaie humilitatis uiro* (fl. 66ra) e neste mesmo fólio ainda,

à margem, outro título: *Liber de humilitate*; o n. 35 (fl. 69rb) traz o título: *De beato Pachomio abbate*, e o n. 37 (fl. 70rb) a indicação: *De beato Arsenio*.

Apesar da irregularidade dos títulos, é possível divisar ainda resíduos da distinção que se verifica nos capp. II, IV e VI das *Commonitiones*.

Os ff. 151rb(115rb)-156ra(120ra) embora não indiquem a fonte, pois estão desprovidos de título, contêm, de facto, a segunda parte das *Commonitiones*, constituída pelos nossos nn. I: 2,3,6,7,8,9,10,12 e 16. Falta, portanto o n. I,15, constante do arquétipo δ. Também o n. II,3, o único deste capítulo que não fora transcrito na antologia 1-40 de III Rosw., foi aqui omitido. Retoma o seu modelo no fl. 152vb com III,1; IV: 6, 15, 18 e 19; V, 4 (omite o n. V,6); e VI,6. Isto é, além da omissão dos nn. IV,5; V,1; e VI,3 que já faltavam no modelo δ, este manuscrito de Munique, lat. 23757 suprimiu ainda os nn. I,15; II,3; e V,6. Apesar de intimamente relacionado com os quatro manuscritos anteriores é, pois, mais imperfeito que eles.

12. (= U) — Basileia, Biblioteca da Universidade, B. V. 2 — Dada a natureza especial deste manuscrito, (que é talvez um pouco mais antigo que o de Munique acabado de descrever) guardámos para o fim a sua análise. Já anteriormente apreciámos, sobre microfilme, o conteúdo dos seus ff. 255v-264v, referentes a Pascásio. A menção que lhe fizemos, a propósito do Livro III, sobre os seus ff. 122v-154v, fora então apenas baseada nos dados do Catálogo<sup>(25)</sup>.

A necessidade de estudar agora criticamente os seus extractos das *Commonitiones* levou-nos a requisitar novo filme, desta vez sobre os ff. 122v-187r. Em boa hora o fizemos. Poucos catálogos de manuscritos estão compostos com tanto

---

(25) Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 281-282 e 232.

rigor e erudição como este de Basileia. Apesar disso, a interpretação que dá do conteúdo dos ff. 148v-151v e ff. 185r-186v está completamente errada<sup>(26)</sup>. Vamos, pois, resumir a matéria contida nos ff. 122v-186v agora à nossa disposição.

O ms. B. V. 2 da Universidade de Basileia pertenceu à Cartuxa de Santa Margarida menor, de Basileia, e tem como data de conclusão o ano de 1398. Contém:

1 — ff. 122va-124vb: Notemos em primeiro lugar o *Explicit uita uel actus sancti Pachomii*. Segue-se logo: *Incipit prologus in librum secundum de uitis ac moribus patrum*. Vem então o prólogo *Vere mundum*, típico do Livro III de Rosweyde (BHL 6525), seguido do título: *Incipit de abstinentia*, com os nn. 1-7 Rosw., depois dos quais está, deslocado, o *Explicit liber secundus*.

2 — ff. 124rb-127va: *Incipiunt exempla sanctorum patrum contra spiritum fornicationis*. Como se vê, é exactamente o título do cap. II das *Commonitiones*. Vêm então os nn. 8-16 Rosw.

3 — ff. 127va-133vb: uma selecção do cap. V de Pelágio, aqui interpolada, por este *libellus* ter também o título *De fornicatione* (BHL 6527).

4 — 133vb-136va: *Incipiunt monita sanctorum patrum et exempla de uirtute humilitatis et patientiae*, isto é, o cap. IV das *Commonitiones*, aqui constituído pelos nn. 17-21 Rosw. Este extracto do cap. IV das *Commonitiones* continuará após a fracção que passamos a indicar.

5 — ff. 136va-141vb: extractos de Pelágio, misturando diversos capítulos.

6 — ff. 141vb-147va: com o título *De amore humilitatis* começam os nn. 22-33 Rosw., muitos deles com títulos próprios.

---

(26) Estamos a referir-nos ao catálogo de GUSTAV MEYER und MAX BURCKHARDT, *Die mittelalterlichen Handschriften der Universitätsbibliothek Basel*, Abt. B, Erster Band, Basel, 1960, pp. 417-433. Não regateamos louvor ao esforço dos catalogadores para identificarem peça por peça, com remissão para as fontes conhecidas.

7 — ff. 147va-148vb: nn. 36-40 Rosw. Como se poderá reparar, foram omitidos os nn. 34 e 35, referentes a S. Pacómio. A explicação está no facto de o copista ter acabado de transcrever, nos ff. 93r-122v a *Vita Pachomii*, onde há lugares paralelos para os dois números omitidos.

Confrontando a nossa tábua de lugares paralelos (pp. 63-64) verificar-se-á que o último número, 40 Rosw., é o próprio texto do cap. VI,5 das *Commonitiones*, aqui dado segundo o modelo do arquétipo  $\delta$ . O copista já deu provas, transcrevendo os títulos dos capp. II e IV, de que possuía um texto extenso das *Commonitiones*. Reparando nas omissões feitas, começa agora um trabalho complementar, numa disposição que só vemos neste manuscrito.

8 — ff. 148vb-151vb: os seguintes números das *Commonitiones* IV: 6,15,18,19; V: 4 e 6; VI,6. Observe-se que estes apotegmas são exactamente os mesmos que os mss. de Berlim, Namur e Londres colocam no fim da sua segunda compilação das *Commonitiones*, a partir do cap. IV.

9 — ff. 151vb-172ra: sem qualquer título, o copista do ms. B. V. 2 de Basileia continuou com uma nova selecção de Pelágio.

10 — ff. 172ra-185ra: Palladii Lausiaca (BHL 6534).

11 — ff. 185ra-186va: sob o título — *Incipiunt commonitiones sanctorum patrum qui in studio spiritalis uitae persenuerunt ad instructionem iunioribus fratribus dixerunt*, que, como sabemos é a rubrica inicial de todas as *Commonitiones*, são transcritos os apotegmas do cap. I: 2,3,6,8,9,12 e 15; III, 1. Comparando de novo com o modelo de Berlim e seus pares, vê-se que a fonte é a mesma, mas o copista de Basileia mais uma vez fez trabalho pessoal, omitindo os nn. I: 7,10 e 16; e II,3.

No fl. 186va retoma-se a miscelânea de Pelágio, a começar no *liber de hospitalitate* (XIII,1).

Recolhendo, por entre esta desordenada transcrição, tudo quanto provém das *Commonitiones*, notar-se-á que os materiais



dos ff. 122va-127va, 133vb-136va, 141vb-151vb e ainda dos ff. 185ra-186va apresentam iniludíveis características de pertencerem ao arquétipo  $\delta$ . De facto, a aplicação dos métodos de crítica textual confirmam esta convicção.

### ARQUÉTIPO $\epsilon$

Apontamos em seguida, de forma sumária, um grupo de 5 manuscritos em que se encontram alguns apotegmas das *Commonitiones sanctorum patrum* não incluídos na antologia divulgada pelos nn. 1-40 do Livro III das *Vitae Patrum* de H. Rosweydu (27). Tanto a constituição externa como a análise do texto mostram que eles constituem uma unidade à parte, dependente do arquétipo  $\delta$ .

13. (=  $T^1$ ) — Troyes, Biblioteca Municipal 777 — É originário de Claraval este manuscrito do séc. XII, que está organizado como se os seus ff. 1r-98r fossem apenas um Livro, começado pelo prólogo *Vere mundum*. Na realidade, com o Livro III de Rosweydu andam misturados muitos elementos de Pelágio, João, Pascásio e da *Palladii Lausiaca*.

Os apotegmas pertencentes às *Commonitiones* provêm de duas recensões: uma, secundária, semelhante à que se encontra no Livro III de Rosweydu; a outra está ligada ao texto do arquétipo  $\delta$ . Vamos indicá-los de acordo com esta dupla proveniência:

- III Rosw. 1-40 (ff. 1ra-16rb);
- Commonit.* V,4 (fl. 47rb-47va);
- Commonit.* III, 1 (fl. 55ra-b);

---

(27) Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 222-229.

Pelágio X, 18 até *sustinere eum*, continuando *sicut dicit apostolus: uos firmiores sustinete infirmos...* até final de VI,6 (fl. 62va) segundo a versão das *Commonitiones* <sup>(28)</sup>.

14. (= G) — Dijon, *Biblioteca Municipal 194* — É do séc. XII este manuscrito proveniente de Cister. Atenda-se a que houve engano na encadernação dos fólhos, devendo seguir-se, na leitura, a ordem da paginação por nós reorganizada.

Os elementos tirados das *Commonitiones* são os seguintes, consoante as duas recensões:

III Rosw. 1-40 (ff. 1rb-11vb, 134ra-135vb e 12ra-13rb);

*Commonit.* V,4 (fl. 43rb-va);

*Commonit.* III,1 (fl. 50rb-vb);

Pelágio X,18 contaminado com *Commonit.* VI,6 (fl. 58rb-va).

15. (= H) — Londres, *Museu Britânico, add. 33 518* — Originário da França, este manuscrito da segunda parte do séc. XII deve ser lido segundo a reorganização do texto por nós indicada.

Pertencem às *Commonitiones*:

III Rosw. 1-40 (ff. 1r-8v e 17r-23r);

*Commonit.* V,4 (fl. 53r);

*Commonit.* III,1 (fl. 60r-v);

Pelágio X,18 contaminado com *Commonit.* VI,6 (fl. 67r).

16. (= I) — Paris, *Biblioteca Nacional, fundo latino 5624* — Veio do norte da França este códice do séc. XIII, de cujo conteúdo nos interessa agora:

III Rosw. 1-40 (ff. 1r-17r);

*Commonit.* V,4 (fl. 46v);

---

<sup>(28)</sup> O apotegma a seguir é Pelágio X, 36 e não *Palladii Lausiaca* XX, 18. Este é um lugar paralelo daquele, mas o texto é de facto o de Pelágio. Deve fazer-se esta emenda em *Pascásio de Dume...*, t. II, p. 223 e no lugar correspondente dos outros 4 manuscritos seguintes, agrupados com o de Troyes, *Bibl. Mun. 777*.

*Commonit.* III,1 (fl. 53v-54r);

Pelágio X,18 contaminado com *Commonit.* VI,6 (fl. 60v).

17. (= K) — *Valenciennes, Biblioteca Municipal 168*—Foi copiado no norte da França este manuscrito do final do séc. XIII. Um anotador mais tardio escreveu no fl. 159r que o livro aí começado é trabalho de Postumiano, atribuindo-lhe assim a parte que nos interessa:

III Rosw. 1-40 (ff. 159ra-165rb);

*Commonit.* V,4 (fl. 179ra);

*Commonit.* III,1 (fl. 182va);

Pelágio X,18 contaminado com *Commonit.* VI,6 (fl. 185vb-186ra).

Além destes 17 manuscritos que têm, de momento, particular interesse para nós, demos já notícia anteriormente<sup>(29)</sup> de mais 60 códices, sobre os quais nada temos, de momento, a acrescentar. Apresentámo-los assim distribuídos: antologia isolada das *Commonitiones*, contendo apenas os nn. 1-40 da edição do Livro III de Row.; os nn. 1-40 do III Rosw. seguidos de outros números de acordo com a edição do Livro III Rosw. que vai de 1 a 220; elementos do Livro III Rosw., (contamos agora só os que têm os números de 1 a 40) interpolados com apotegmas e outros passos de diversa proveniência.

Além disso, indicámos atrás (nota 10, pág. 20) mais 15 manuscritos, que descreveremos ulteriormente, com elementos todos publicados no Livro III de Rosweydis. É nossa convicção de que vários outros surgirão à medida que se prolongue a investigação neste sentido. A publicação do texto integral das *Commonitiones* poderá contribuir para a sua descoberta noutros manuscritos, isoladas (caso de Viena) ou não de colecções de apotegmas e de textos das *Vitae Patrum*. Quando

(29) Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 197-198; 199-215, 233-253.

um dia se fizerem edições críticas da *Historia monachorum in Aegypto* (o Livro II da edição de H. Rosweyodus) e da *Palladii Lausiaca*, estamos certo de que crescerão bastante os materiais de que dispomos actualmente, dado que as *Commonitiones* andam frequentemente ligadas a estas duas obras<sup>(30)</sup>.

---

<sup>(30)</sup> Não se estranhe a certeza de que deve haver muitos mais manuscritos com texto (pelo menos parcial) das *Commonitiones*. Columba M. Batlle, ao estudar as *Adhortationes sanctorum patrum* (Livros V e VI de ROSWEYDUS) enumera 375 manuscritos com o seu texto (Münster, 1972, pp. 17-138); em *Pascásio de Dume...*, t. II, estabelecemos nós o *stemma* de 147 códices (ou fragmentos dentro do mesmo manuscrito); na obra editada por W. A. OLDFATHER, *Studies in the text tradition of St. Jerome's Vitae Patrum* (Urbana, The University of Illinois Press, 1943) são enunciados 111 a propósito da *Vita Pauli*, *V. Hilarionis* e da *V. Malchi*; com as *Sententiae patrum Aegyptiorum de S. Martinho de Dume* (ou só fragmentos desta obra) conhecemos nós actualmente 108 manuscritos. Isto prova a grande expansão que as *Vitae Patrum* tiveram ao longo de toda a Idade Média. Não admira, pois, que, além dos 92 manuscritos com as *Commonitiones sanctorum patrum* (ou seus fragmentos) de que já demos conhecimento, muitos outros se venham a encontrar ainda.

### Cap. III — EM BUSCA DE LUGARES PARALELOS

Não vamos aqui repetir indicações sobre a origem do apotegma, por meados do século IV, a sua integração posterior na Literatura Cristã e a sua evolução estrutural, ou sobre a data da elaboração das grandes coleções<sup>(31)</sup>. As próprias *Commonitiones* fornecem-nos, para tanto, valioso material (cf. pp. 99-100 e 132-133). Importa no entanto, realçar que nos últimos anos se tem assistido a um renovado interesse pela leitura dos apotegmas dos padres dos desertos do Egipto, Palestina e Síria, como o provam traduções em línguas modernas e estudos de data recente<sup>(32)</sup>.

---

<sup>(31)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. I, pp. 34-41, com a bibliografia aí indicada.

<sup>(32)</sup> Mencionemos entre as traduções, geralmente precedidas de um estudo histórico-literário: JEAN-CLAUDE GUY, *Les apophthegmes des pères du désert, Série alphabétique*, Textes de Spiritualité Orientale, n. 1, Abbaye de Bellefontaine, Bégrolles, 1966, 434 pp.; *Les sentences des pères du désert, Recension de Pélagé et Jean*, introduction de L. REGNAULT, traduction de J. DION et G. OURY, Abbaye Saint-Pierre de Solesmes, Sarthe, 1966, 309 pp.; *Les sentences des pères du désert, Nouveau recueil, Apophthegmes inédits ou peu connus*, rassemblés et présentés par L. REGNAULT, traduits par les moines de Solesmes, Abbaye Saint-Pierre de Solesmes, Sablé-sur-Sarthe, 1970, 338 pp.; M. DE ELIZALDE, *Dichos de los padres del desierto. Suplemento a la serie alfabética in Cuadernos Monásticos*, ano 6, fasc. 17, Victoria (Argentina), s/d, pp. 151-169; C. W. BARLOW, *Martin of Braga, Paschasius of Dumium, Leander of Seville* (= Iberian Fathers, vol. I), Washington, 1969, onde são traduzidas para inglês as *Sententiae* de Martinho (pp. 17-34) e os apotegmas de Pascásio, tomando como ponto de partida a edição de H. ROSWEYDUS (pp. 117-171). Os números do autêntico Pascásio de Dume omitidos por Rosweyodus e toda a *capitulatio* foram já traduzidos (tendo por base a nossa edição crítica) por C. W. BARLOW, sob o título *Paschasius of Dumium, Sayings of the greek fathers in Classical Folia*, New York, t. 26 (1972) pp. 289-314; t. 27 (1973), pp. 3-27 e pp. 151-172.

Muito ligados ao estilo apotegmático estão os seguintes livros com introduções apropriadas: *Maîtres spirituels au désert de Gaza: Barsanuphe, Jean et Dorotheé*, textes choisis, traduits et présentés par L. REGNAULT, Éditions de l'Abbaye de Solesmes, 1967, 267 pp.; *Abbé Isaïe, Recueil ascétique*, introduction et traduction française par les moines de Solesmes, Spiritualité Orientale n. 7, Abbaye de Bellefontaine, Bégrolles-en-Mauges, 1970, 313 pp.

Convém ainda anotar os seguintes estudos: L. LEOIR, *La Bible et les pères du désert d'après les deux collections arméniennes des apophthegmes in La Bible et les Pères*,

A descoberta das *Commonitiones sanctorum patrum*, como uma nova colecção unitária, veio pôr-nos o problema da busca de lugares paralelos. Esta pesquisa tem como primeiro objectivo a procura de uma presumível fonte grega, partindo da hipótese que o original não é o próprio latim nem qualquer outra língua do Oriente cristão. Com efeito, temos notícia certa de que as outras principais colecções latinas — a de Pelágio e João<sup>(33)</sup>, a de Pascásio e a de Martinho<sup>(34)</sup>, foram traduzidas do grego. Pode igualmente provar-se que todos os outros Livros das *Vitae Patrum*, editados por H. Rosweydyus, com excepção do Livro IV (que é um original latino extraído dos escritos de João Cassiano e de Sulpício Severo) foram também traduzidos do grego para latim.

Entregámo-nos, por isso, à leitura dos apotegmas em grego e alargámos a nossa investigação a obras afins. Manda a verdade dizer que o trabalho já se nos apresentava, em pequena parte, facilitado. Acontece que 39 apotegmas das *Commonitiones* foram publicados por Rosweydyus nos números 1 a 40 do seu Livro III e 3 no cap. XX da *Palladii Lausiaca*. Ora Wilhelm Bousset no seu meritório estudo<sup>(35)</sup> elabora quadros dos lugares paralelos por ele conhecidos para os apotegmas cujo texto latino estava então publicado. Restava-nos verificar a exactidão destas remissões e procurar novas equivalências. De facto, para os 42 apotegmas latinos das *Commonitiones* já registados, Bousset só encontrou texto grego paralelo para 17. Se alguém

---

Strasbourg, 1971, pp. 113-134; L. REGNAULT, *Connaissez-vous les pères du désert?* in *La Vie Spirituelle*, n. 582, 1971, pp. 609-615; L. REGNAULT, *L'enfance spirituelle chez les pères du désert in Vie Thérésienne*, n. 45, 1972, pp. 8-24; C. M. BATLLE, *Die Adhortationes sanctorum patrum* («*Verba Seniorum*») im lateinischen Mittelalter, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, Münster, 1972, 340 pp. (Passaremos a indicar esta obra apenas por BATLLE, *Die Adhortationes...*).

<sup>(33)</sup> BATLLE, *Die Adhortationes...*, p. 11.

<sup>(34)</sup> Para os textos referentes a Pascásio e Martinho, cf. *Pascásio de Dume...*, t. I, pp. 1-11.

<sup>(35)</sup> W. BOUSSET, *Apophthegmata. Studien zur Geschichte des ältesten Mönchtums*, Tübingen, 1923, pp. 129-130 e 137.

se der ao trabalho de examinar o quadro publicado no fim deste capítulo, verificará que para aqueles 42 apotegmas nós apresentamos 40 paralelos gregos.

Mas, além daqueles 42, há ainda mais 8 apotegmas, que foram indevidamente incluídos no texto (bastante corrompido) da *Palladii Lausiaca* até ao cap. XIX, e 11 até agora inéditos. Em relação a estes 19 apotegmas conseguimos texto grego equivalente para 15. Quer dizer que para o conjunto dos 61 apotegmas das *Commonitiones* obtivemos um total de 55 lugares gregos paralelos (não contando a subdivisão de alguns números em diversas alíneas, porque a um só apotegma latino correspondem por vezes fontes gregas de diferente proveniência). Isto significa uma percentagem de 90,1% de abonação grega (pelo menos parcial) para o latim das *Commonitiones* <sup>(36)</sup>.

Devemos ainda referir que, embora não tenhamos paralelo grego publicado, há 9 apotegmas das *Commonitiones sanctorum patrum* que têm o seu equivalente na versão latina de Pelágio (Livro V das *Vitae Patrum*). Isto garante-nos que o texto grego que esteve na base de ambos existiu, embora seja ainda hoje por nós desconhecido.

Contamos ainda 6 apotegmas com lugares paralelos em obras latinas de género literário diferente do apotegmático. É o caso do *Philotheus*, da *Vita Pachomii*, das *Conlationes* de João Cassiano (passo não incluído por Rosweyde nas suas *Vitae Patrum*), da *Historia Monachorum* e do *Heraclidis Paradisus*, obras que adiante (pp. 60-62) identificaremos melhor.

Restam finalmente 4 apotegmas para os quais não conseguimos encontrar qualquer paralelo. O interesse destes é, do

---

<sup>(36)</sup> Sabendo, em virtude de contacto epistolar havido após o nosso trabalho sobre Pascásio de Dume, que Dom Lucien Regnault, beneditino de Solesmes, trabalha há anos na preparação de umas «Tables des Apophtegmes», (que espera publicar em 1974), pedimos a sua ajuda para os números que resistiram à nossa pesquisa. É-nos assim possível apresentar um «quadro» de paralelos gregos enriquecido por duas dezenas de remissões (nem todas coincidentes com os apotegmas inéditos) em relação ao que tínhamos elaborado. Por esta colaboração amiga, testemunhamos a Dom Lucien Regnault o nosso reconhecimento.

ponto de vista das fontes literárias, ainda maior. Juntamente com os 6 apotegmas anteriores, eles passarão a ser o único testemunho, em grego e latim, de que estes 10 episódios faziam parte da tradição apotegmática. E esta contribuição é muito de apreciar.

Vamos analisar um só destes casos que têm paralelo apenas em obras estranhas ao género apotegmático, para melhor distinguir a sua situação da que em seguida estudaremos a propósito das interpolações no texto latino da *Palladii Lausiaca*.

Conta-nos o narrador da *Historia monachorum* (cap. XX,1-4) que durante a visita prolongada ao Egipto com os seus companheiros, viram, na Tebaida, o presbítero Dióscoro, o qual tinha o máximo escrúpulo em que os monges do seu convento se não aproximassem da Eucaristia com qualquer mancha de deleitação sensual, mesmo ocorrida durante o sonho. E aconselhava a que se vivesse de tal modo que a natureza, por si mesma, não levasse à poluição, ainda que involuntária. Vejamos o texto grego <sup>(37)</sup> e depois, lado a lado, a sua tradução latina,

---

<sup>(37)</sup> Utilizamos o texto grego da edição de Festugière abaixo indicada e o latino da PL 21, coll. 387-462. O problema literário da *Historia monachorum* interessa-nos sobremaneira. Com efeito, tanto o Livro II de Rosweydyus (= *Hist. Mon.*) como o Livro III (= selecção das *Commonitiones* e de outros autores) têm sido considerados como tradução de Rufino. Por outro lado, a tradição manuscrita traz com muita frequência o Livro II seguido do Livro III. Por isso, bem desejaríamos que fosse feita uma edição crítica do texto latino da *Hist. Mon.* e se inventariassem os códices que transmitem esta versão.

O estudo crítico mais completo, em nossos dias, sobre esta obra é o de A.-J. FESTUGIÈRE, *Le problème littéraire de l'Historia Monachorum* in *Hermes* 83 (1955), Wiesbaden, pp. 257-284. Os resultados actuais da investigação podem resumir-se no seguinte: o texto grego é o original; o seu autor é provavelmente o diácono de Alexandria, Timóteo; a viagem descrita realizou-se nos anos de 394/395 e o relato foi escrito cerca de 400; Rufino é, com certeza, o tradutor, mas serviu-se de uma recensão bastante diferente do texto grego que possuímos; a tradução foi feita entre 402 e 405. Cf. ainda A.-J. FESTUGIÈRE, *Historia Monachorum in Aegypto*, édition critique du texte grec, Société des Bollandistes (= *Subsidia Hagiographica*, n. 34), Bruxelles, 1961; A.-J. FESTUGIÈRE, *Les moines d'Orient*, IV, 1: *Enquête sur les moines d'Égypte* (= tradução do texto grego anterior), Les Éditions du Cerf, Paris, 1964. Os dois trabalhos precedentes foram reunidos num só volume, com o título do



em comparação com o apotegma correspondente, que só se encontra nas *Commonitiones*(I, 15):

HIST. MON. IN AEG. (Festug. XX, 3<sup>b</sup>-4)

Πειρατέον οὖν κενῶσαι τὴν ὕλην τῇ τῆς νηστείας παρατάσει· εἰ δὲ μή, καὶ πρὸς τὰς ὀρέξεις ἡμᾶς ἐρεθίζει. 4. Οὐ δεῖ δὲ τὸν μοναχὸν ὅλως τῶν ὀρέξεων ἐφάσασθαι· ἐπεὶ ἐν τίνι διοίσει τῶν κοσμικῶν, οὗς καὶ πολλάκις ὀρῶμεν τῶν τέρψεων ἀπεχομένους δι' ὑγίαν σώματος ἢ δι' ἄλλας τινὰς οὐκ ἀλόγους ἐπιθυμίας; πτόσω μᾶλλον ἐπιμελητέον τῷ μοναχῷ τῆς ψυχῆς τὴν ὑγίαν καὶ τοῦ νοῦ, φησί, καὶ τοῦ πνεύματος.

RVFIVS (PL 21, col. 443)

COMMONITIONES I,15

Sed laborandum est monachis, ut etiam naturalem humorem per multam ieiuniorum abstinentiam et frequentes orationes doment ac superent: fluxamque eius labem, orationis et ieiunii continuatione restringant. Denique aiebat, et hi qui in deliciis uiuunt, si forte corporis sui aegritudo deposit ab omnibus quae noxia esse iudicauerit medicus, absti-

*Dicebat sanctus abbas Dioscorus presbyter, qui in eremo Sceti habitabat: Quia non oportet monachum desideria gulae uentrisque facere. Nam in quo differt a saecularibus, si expleat delectationes suas? Denique frequenter uidemus homines saeculares pro causa aegritudinis a deliciis et delectationibus se abstinere, ut sanitatem corporis adipiscan-*

---

primeiro, nos *Subsidia Hagiographica*, n. 53, editado pelos Bolandistas, Bruxelas, 1971. Outra tradução com introdução e notas encontra-se em S. FRANK, *Mönche im frühchristlichen Ägypten*, Düsseldorf, 1967. PAUL DEVOS, *Les nombres dans l'«Historia Monachorum in Aegypto»* in *Analecta Bollandiana*, t. 92 (1974), pp. 97-108. Várias obras que daqui a pouco indicaremos sobre a viagem de Paládio ao Egípto e o seu relato dedicado a Lauso tratam também do tema do Livro II de Rosweydu, isto é, a *Historia monachorum in Aegypto* (cf. pp. 53-54).

nebunt; cur non hoc multo magis monachus faciat, cui animae et spiritus sanitas expetenda est?

tur. Quanto magis diligenter studere debet monachus pro salute et incolumitate animae suae, *ut possit ad illas ueras et aeternas paradisi delicias et ad caelestis regni gloriam peruenire?*

A observação destes três textos mostra que em todos está explícito o mesmo pensamento de Dióscoro. Todavia, Rufino ainda se afasta mais do grego que possuímos do que o próprio apotegma. Apenas a partir de ἐπει, a que corresponde em ambas as traduções latinas *denique*, se torna claro que todos exprimem quase pelas mesmas palavras um conceito típico de Dióscoro, o de que até as pessoas do mundo são capazes de levar vida de sacrifício, se isso for necessário para a saúde; quanto mais o monge...

Sublinhámos, tanto em Rufino como nas *Commonitiones*, as expressões que não têm qualquer correspondente no texto grego. Em Rufino insiste-se no jejum e oração; as *Commonitiones* rejeitam os prazeres da gula e do estômago. Lembrem-nos o título e os apotegmas do cap. III de Pascásio: *De uincendo desiderio gulae* <sup>(38)</sup>. Mas notem-se dois pormenores que nos põem em contacto com os processos de elaboração dos apotegmas.

Possuindo um núcleo fundamental (uma exortação de carácter ascético), o reelaborador construiu para o efeito uma introdução, com indicativo do nome da pessoa (*Dióscoro*) e do lugar (*Scétis*), devendo nós assinalar a independência das *Commonitiones* em relação à *Historia monachorum*, pois nesta o lugar citado é a *Tebaida*; um segundo ponto consiste no acrescimento final, de acordo com o carácter tipicamente edificante do género apotegmático na sua última fase, bem caracterizado

<sup>(38)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. I, pp. 169-171.

no autor das *Commonitiones* pelos tópicos da esperança de recompensa no paraíso e pelo temor dos tormentos eternos<sup>(39)</sup>.

O caso acabado de apresentar constitui um bom exemplo de um lugar paralelo que se encontra fora do género apotegmático. Mas o texto genuíno das *Commonitiones* veio colocar-nos diante de um problema aparentemente mais difícil de solucionar. Com efeito, na nossa busca de episódios equivalentes, deparámos com porções do texto das *Commonitiones* integradas na *Palladii Lausiaca*. Resumimos aqui a situação<sup>(40)</sup>:

COMMONIT.	PALLAD. LAVSIACA	COMMONIT.	PALLAD. LAVSIACA
I, 2 a,b	XI a,b	I, 15	IV f
I, 3 a,b,c	XI c,d,e	III,1	IX k
I, 8	XX, 1	IV, 19	IX j
I, 9 a,b,c	VI c,d,e	V, 4	XII
I, 10 a,b	VI f,g	V, 6	XX, 7
I, 12	XX, 18		

Impunha-se-nos estudar também, na medida do necessário, o valor do texto da *Palladii Lausiaca* editado por Rosweydyus. E assim fomos obrigado a ocupar-nos da obra de Paládio<sup>(41)</sup>. Os elementos essenciais são os seguintes:

Paládio, que veio a ser bispo de Helenópolis e depois de Aspuna (Ásia Menor), viajou e viveu no Egipto com os

<sup>(39)</sup> Cf. cap. VI, pp. 108-113.

<sup>(40)</sup> A divisão dos capítulos da *Palladii Lausiaca* em alíneas segue, em primeiro lugar, a distinção dos parágrafos tipográficos da edição reproduzida na PL 74, coll. 343-382. Quando o texto das *Commonitiones* o exigiu (no geral para estabelecer equivalências com outros lugares paralelos) subdividimos ainda os parágrafos da *Palladii Lausiaca*.

<sup>(41)</sup> A principal bibliografia sobre Paládio é: E. AMÉLINEAU, *De Historia Lausiaca. Quenam sit huius ad monachorum Aegyptiorum historiam scribendam utilitas*, Parisiis, 1887; E. PREUSCHEN, *Palladius Helenopolitanus et Rufinus Tyranius. Ein*

monges desde 388/389 até 399 e de 406 a 412. Escreveu, sobre as principais figuras do monaquismo egípcio, nos anos de 419-420, um relato do que viu e ouviu, dedicado a Lauso, prefeito do palácio imperial (daí o nome de *História Lausiaca*). Do texto grego conservam-se duas redacções: uma, breve, obra de Paládio; e outra mais longa, retocada por Heraclides, bispo de Nissa (donde o nome de *Paraíso de Heraclides*). Ainda no século V apareceu uma tradução latina, impressa por Rosweyodus como I apêndice aos seus 10 livros das *Vitae Patrum*, sob o título de *Heraclidis Paradisus* (PL 74, coll. 243-342); também antiga, o mais tardar do século VII, é uma outra tradução latina de que foi publicada uma recensão por Rosweyodus, como II apêndice às *Vitae Patrum*, com o nome de *Palladii Lausiaca* (PL 74, coll. 343-382). Uma terceira tradução feita pelo humanista Gentianus Hervetus teve a honra de ser publicada por Rosweyodus como Livro VIII das *Vitae Patrum*, sob a designação de *Historia Lausiaca* (cf. PL 73, coll. 1065-1234).

---

*Beitrag zur Quellenkunde des ältesten Mönchtums*, Giessen, 1897; C. BUTLER, *The Lausiak History of Palladius*, Cambridge, I vol. 1898, II vol. 1904; E. A. W. BUDGE, *The book of Paradise being the histories and sayings of the monks and ascetics of the Egyptian desert by Palladius, Hieronimus and others*, I-II, Text, Translation, London, 1904; A. LUCOT, *Palladius, Histoire Lausiaque*, texte grec, traduction française, introduction, Paris, 1912; R. REITZENSTEIN, *Historia Monachorum und Historia Lausiaca*, Göttingen, 1916; W. BOUSSET, *Komposition und Charakter der Historia Lausiaca in Nachrichten von der kön. Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen, Philolog.-hist. Kl.*, 1917, pp. 173-217; IDEM, *Zur Komposition der Historia Lausiaca in Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft XXI* (1922), pp. 81-98; M. CHAINE, *La double recension de l'Histoire Lausiaque dans la version copte in Revue de l'Orient Chrétien XXV* (1925-1926), pp. 232-275; DOM ANTONI RAMÓN I ARRUFAT, *Historia Lausiaca*, text revisat i tradició, Barcelona, 1927; RENÉ DRAGUET, *Les Pères du Désert*, Paris, 1949, p. VIII-XIII; IDEM, *L'inauthenticité du «Prooemium» de l'Histoire Lausiaque in Mélanges L. Th. Léfort, (Le Muséon LIX)* 1946, pp. 529-534; IDEM, *Un nouveau témoin du texte G de l'Histoire Lausiaque (Ms. Athènes 281) in Analecta Bollandiana LXVII* (1949) pp. 300-308; E. HONIGMANN, *Heraclidas of Nissa (about 440 A. D.) in Patristic Studies*, col. *Studi e Testi*, t. 173, Vaticano, 1953, pp. 104-122; R. T. MEYER, *Palladius. The Lausiak History*, translated and annotated by..., Westminster (Maryland), 1965 (= *Ancient Christian Writers*, 34); Παλλαδίου, Λαυσάκιη Ἱστορία, ὑπὸ Ν. Θ. Μπουγάτσου — Δ. Μ. Μπατιστάτου, Ἀθήναι, α' 1970, β', 1972; em Outubro de 1973 comunicou-nos o Prof. Dr. G. Bartelink que tinha pronto para a tipografia um comentário ao texto grego da História Lausiaca.

Segundo a crítica moderna, a versão intitulada *Heraclidis Paradisus* é a que mais se aproxima do original. Quanto à *Palladii Lausiaca* (a tradução latina que a nós mais nos interessa) já o próprio Rosweyde anotara à margem do cap. IX que uma parte do texto «est uerboten in Ruff., supra, lib. II, c. 28» e, comparando com o *Heraclidis Paradisus* a *Palladii Lausiaca* escreveu, à margem de vários episódios desta última, nos capítulos VI, IX, X, XI, XII e XIV, «deest Heraclidi». Quanto ao cap. XX, Rosweyde observou logo no seu começo: *Deest Heraclidi. Sequentia habentur fere supra in aliis libris inter Verba Seniorum; Ruff. l. III, n. 52; Pelag. libell. IV, n. 29*. Além desta nota inicial remete ainda, para o total dos seus 19 apotegmas, mais 3 vezes para Pascásio, 2 para Pelágio e 1 para o Livro III.

Infelizmente não existe ainda uma edição crítica de nenhuma das traduções latinas da obra de Paládio. O único estudioso que se pronunciou sobre a *Palladii Lausiaca*, baseando-se em alguns manuscritos latinos, foi Dom Cuthbert Butler<sup>(42)</sup>. O douto beneditino inglês deixou bem explícito que a *Palladii Lausiaca* tem muitas interpolações nos capítulos IV, VI, IX, X, XI, XII, XIV e XX. Alguns dos passos espúrios conseguiu Butler identificá-los; quanto a outros confessa o seu desconhecimento.

Eis-nos na altura de fornecer a C. Butler alguns dos episódios cuja origem ignorava. Quem olhar para o quadro que deixámos ao iniciar o estudo do texto das *Commonitiones* transmitido pela *Palladii Lausiaca* (p. 53) notará que todos os capítulos que contêm elementos desta nova colecção de apotegmas se encontram entre os indicados por Butler como tendo texto interpolado. Em muitos casos as identificações dos passos interpolados correspondem perfeitamente aos apote-

---

(42) C. BUTLER, *The Lausiaca History of Palladius*, I vol., Cambridge, 1898, pp. 64-69.

gmas das *Commonitiones*. Estamos certo de que um texto crítico da *Palladii Lausiaca* appareceria expurgado de todas estas interpolações. Já atrás citámos manuscritos que delas estão isentos (pp. 28 e 35).

O cap. XX da *Palladii Lausiaca* merece-nos uma atenção particular. Rosweydu e Butler assinalaram o seu carácter suspeito e mesmo espúrio. Bousset<sup>(43)</sup> considerou-o como uma colecção independente de apotegmas, para o qual constituiu uma «tabela» à parte de lugares paralelos. Sendo assim, admite que este capítulo é estranho à *Palladii Lausiaca* e por isso o cita por «App.» e o número do apotegma.

Por nossa parte podemos dizer: os nn. 1,7 e 18 são literalmente tirados das *Commonitiones*; o n. 9 é textualmente igual a Pascásio II,3 (da nossa edição). Ficam os outros 15 apotegmas. O n. 4 verificámos ser absolutamente igual a Pelágio X,61.

Em nossa opinião o n. 11 tem aspecto de ser um arranjo desenvolvido, mas com passos literais de Pascásio LXXXVI,1; o n. 14 parece-nos Pascásio: XXVIII,2 seguido de XXI,2, com leves retoques; o n. 15 pode dividir-se assim: — a) contaminação de Pelágio XVI, 10 com Pascásio XXXIV,7; — b) contaminação de Plg. XV,61 com Pasc. XXI,3<sup>b</sup>; — c) arranjo de Martinho 15; — d) remodelação de Martinho 59.

Restam ainda 10 números que, quanto a nós, parecem ser originaes. Supomos que o Dr. Columba M. Batlle, estudioso de Pelágio-João, poderá dizer algo mais que venha a desvendar o mistério deste já desmantelado cap. XX da *Palladii Lausiaca*.

Caso à parte é o n. V,6 das *Commonitiones*. Este encontra-se, com muito ligeiras diferenças, nas *Conlationes* de João Cassiano (cap. XXIV,9). Guardamos o seu estudo para a ocasião em que tratarmos do tradutor das *Commonitiones* (pp. 136-149).

(43) W. BOUSSET, *Apothegmata*, Tübingen, 1923, pp. 25 e 137.

Quando afirmamos que há paralelos gregos para os apotegmas das *Commonitiones*, não queremos dizer que encontramos o texto grego exacto que serviu de base ao tradutor das *Commonitiones*. Estamos convencido de que o autor que elaborou esta colecção em grego refez os materiais que estavam ao seu alcance, desenvolvendo vários episódios e acrescentando considerações de ordem moral, como se verá em capítulos seguintes (pp. 69, 83-85, 88, 100, 183, 247). Notar-se-á também, então, que mesmo para pormenores em que o grego à nossa disposição não corresponde ao latim das *Commonitiones*, pois estas acrescentam alguns aspectos, mesmo então é por vezes possível, através da comparação com outras traduções latinas de apotegmas gregos, garantir que havia recensões gregas, em parte divergentes da que chegou até nós, que registavam esses pormenores. É, pois, difícil saber, em certos casos, com precisão até que ponto foi inovador o autor grego desta colecção (cf. pp. 71-76, 80, 166).

Podemos, no entanto, testemunhar que a par de versões resumidas dos apotegmas havia em grego outras redacções bastante mais ampliadas. F. Nau apresentou, lado a lado, duas recensões breves da história de Táisis, muito próximas entre si, em confronto com uma outra redacção que, utilizando os mesmos materiais, introduz diversas ampliações de feição edificante<sup>(44)</sup>.

Não querendo alongar, damos apenas um exemplo seguro de uma reelaboração que já devia existir nas colecções gregas.

É sabido que tanto Pelágio como Pascásio seguiam como norma a tradução literal (cf. pp. 68, 73, 76, 77, 78, 80, 81, 90, 93, 118, 150, 156, 167, 170, 175, 182, 187, 191, 207, 231, 243, 246). Ao texto latino que eles nos transmitem, quando divergente,

---

(44) F. NAU, *Histoire de Taïs. Publication de textes grecs inédits et de divers autres textes et versions* in *Annales du Musée Guimet* XXX (1903), Paris, pp. 86-113. A versão mais resumida é tirada do ms. do Vaticano, *Ottobonianus* 1; uma outra com poucas divergências é colacionada dos mss. do Vaticano, *Palatinus* 364 e de Berlim, *Qu* 22; a recensão mais desenvolvida foi transcrita do ms. de Paris, *grec* 1596.

correspondiam, por certo, originais gregos diferentes (cf. sobre literalismo pp. 73, 76, 158-163).

Pois bem. Em Nau 164 temos um apotegma grego, cujo sentido global se encontra em Pelágio V, 13<sup>a</sup>; em Pascásio LXXIII, 4; e nas *Commonitiones* II, 2. A primeira parte do apotegma é quase idêntica em Nau, Pelágio e Pascásio; a segunda parte, porém, exige redacções gregas bastante retocadas. Damos aqui a segunda parte nas três versões, para se poder depois comparar com a redacção das *Commonitiones*.

Nau, 164 — ... καὶ ἰδοὺ πάλιν ὁ πόλεμος ἐπετέθη αὐτῶ· ὁ δὲ πάλιν ἀπῆλθε πρὸς τὸν γέροντα, ἐποίησε δὲ οὕτως πολλάκις, ὁ δὲ γέροντων οὐκ ἐλύπησεν αὐτὸν, ἀλλ' ἐλάλει αὐτῶ τὰ πρὸς ὠφέλειαν, καὶ ἔλεγεν αὐτῶ· Μὴ παραχωρήσης, ἀλλὰ μᾶλλον ἔρχου καθότι πολεμεῖ σοι ὁ δαίμων, καὶ ἔλεγχε αὐτὸν καὶ οὕτως ἐλεγχόμενος ὑποχωρεῖ. Οὐδὲν γὰρ ἀηδίζει τὸν δαίμονα τῆς πορνείας ὡς τὸ ἀποκαλύπτειν τὰ ἔργα αὐτοῦ, καὶ οὐδὲν χαροποιεῖ αὐτὸν, ὡς τὸ κρύπτειν τοὺς λογισμοὺς αὐτοῦ.

PELÁGIO V, 13<sup>a</sup>

Et ecce iterum *spiritus fornicationis* tentavit eum. Ille autem iterum abiit ad senem. Factum est autem hoc frequenter. Senex uero non contristauit eum, sed loquebatur ei quae ad utilitatem ipsius pertinerent, dicens: Non concedas diabolo, *nec relaxes animum tuum*; sed magis, quoties molestus est daemon, ueni ad me, et increpatus abscedet. Nihil enim sic extaediat daemonem fornicationis, quomodo si reuelen-

## PASCÁSIO LXXIII, 4

Et ecce iterum impugnabatur et iterum reuertebatur ad senem. *Decies* ipse profectus est ad senem. Et dicit ei senex: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Semper ueni frater et renuntia mihi, quia nihil sic daemonem impugnatorem contristat, quomo-



tur stimulationes eius. Et nihil eum sic laetificat, quomodo si abscondantur cogitationes.

do manifestare opera eius; et nihil sic illum laetificat quomodo abscondi cogitationes eius.

O relato das *Commonitiones* II,2, correspondente ao que acabamos de transcrever, principia (lin. 8): *et ecce iterum impugnatio insistebat ei*. Esta tradução continua também quase literal até à linha 11. O conselho, o novo regresso à cela e o retorno ao ancião foram fabricados para as *Commonitiones* (lin. 11-17). Há uma omissão de Pascásio, mas atestada em Pelágio, equivalente a estas palavras das *Commonitiones*: *Ne pertimescas...* isto é, as nossas linhas 18-19. As linhas 20-21 pertenciam, de certeza, ao núcleo primitivo, pois encontram-se no nosso grego e nas três versões latinas que estamos examinando. Daqui para diante (lin. 22-32) é uma segura reelaboração das *Commonitiones*: o primeiro conselho e a citação da Escritura; um novo conselho e nova citação bíblica, e finalmente uma frase de conclusão (cf. pp. 79-80, 85-87, 88, 100, 116, 156-157, 269).

Este breve exemplo mostra-nos como era complicada, já em grego, a transmissão escrita do género apotegmático e como seria presunção vã afirmar que possuímos o texto grego das *Commonitiones*. Apenas podemos indicar redacções gregas com o mesmo episódio, isto é, lugares paralelos.

#### EXPLICAÇÃO DAS ABREVIATURAS E NÚMEROS DO QUADRO DOS LUGARES PARALELOS

A primeira coluna refere-se à nossa edição das *Commonitiones*, com indicação do capítulo (número romano), apotegma (algarismo árabe) e parágrafo tipográfico (letra em expoente).

A segunda coluna remete para os lugares onde já foi publicado texto parcial das *Commonitiones*, embora numa edição não crítica: Livro III das *Vitae Patrum* publicado por

H. Rosweydu (R), com indicação do número que o apotegma tem neste editor. Seguimos a reprodução feita na *Patrologia Latina*, vol.73, coll. 739-764.

A abreviatura *Pd*, seguida de um número romano e por vezes de uma letra em expoente, indica a *Palladii Lausiaca* até ao cap. XIX. Entre parêntesis vai a coluna em que o texto principia na transcrição que desta obra faz a PL 74, coll. 343-377.

*App. L.* remete para o cap. XX, que é na verdade um apêndice apócrifo à *Palladii Lausiaca*, com menção do número do apotegma e da coluna na PL 74, coll. 377-382.

A terceira coluna diz respeito às fontes gregas. Um nome próprio seguido de um número dizem respeito à colecção nominal-alfabética de apotegmas, publicada na *Patrologia Graeca*, vol. 65, coll. 73-440. A indicação entre parêntesis tem por fim facilitar o encontro da coluna onde a narrativa principia.

*N* seguido de um número representa o texto editado por F. Nau nos artigos *Histoires des solitaires égyptiens*, aparecidos na *Revue de l'Orient Chrétien* nos voll. XII a XIV (1907 a 1909) e XVII-XVIII (1912 e 1913). Nau deu a conhecer o conteúdo do ms. de Paris, Coislin 126 só até ao n. 400. Os restantes apotegmas, os chamados anónimos, deste manuscrito não foram ainda publicados em grego. Temos, no entanto, deles uma tradução francesa, que atinge o n. 669, em *Les sentences des pères du désert. Nouveau recueil*, graças aos monges de Solesmes (Abbaye Saint-Pierre-de-Solesmes, 72-Sablé-sur-Sarthe), 1970. Os nn. 401-669 vêm nas pp. 51-162. Para esta obra remete a nossa referência a IV,12 (N 451), querendo o parêntesis significar que o texto grego existe no manuscrito começado a publicar por Nau, mas nós não pudemos cotejá-lo.

A abreviatura *H. M. Aeg.* indica o texto grego de A.-J. Festugière, *Historia Monachorum in Aegypto*, Bruxelles, 1961, cap. XX, nn. 3-4, p. 119.

*Patr. Orient.* remete para o apêndice de *Textes complémentaires*, publicado por F. Nau na revista *Patrologia Orientalis*, t. VIII, 1912, pp. 162-183 (Paris).

*Hist. Laus.* 39,3 e 1-2, paralelo de *Commonitiones* V,2b,d, indica a numeração e a obra de Antoni Ramón i Arrufat, *Palladi. Historia Lausiaca*, incluída na série *Escriptors Cristians*, Barcelona, 1927, pp. 83-84.

*Vita Pach. alt.* é uma remissão para a edição de H. van Cranenburgh, *La vie latine de Saint Pachôme, traduite du grec par Denys le Petit*, (= *Subsidia Hagiographica*, n. 46), Société des Bollandistes, Bruxelles, 1969. Indicamos o capítulo, o parágrafo e entre parêntesis a página do texto grego. *Halkin* remete para as *Vitae Graecae* citadas na nota. Mencionamos esta obra entre parêntesis porque o passo referido nos foi indicado por L. Regnault numa altura em que já não podíamos consultar a edição de *Halkin* (45).

A quarta coluna é reservada à tradução das *Adhortationes sanctorum patrum* por Pelágio (*Pg*) e João (*Ioan*), que constituem os Livros V e VI das *Vitae Patrum* (PL 73, coll. 855-1022). Juntamente com o nome do tradutor vai o capítulo (*libellus*) em romano; em algarismos árabes, o número do apotegma, e entre parêntesis a coluna onde principia o texto na PL.

A quinta coluna remete para o capítulo e apotegma da tradução de Pascásio, segundo a edição crítica que publicámos em 1971 (cf. J. G. Freire, *A versão latina por Pascásio de*

(45) Como se poderá verificar, o cap. V: 7 e 8 contém dois longos apotegmas referentes a S. Pacómio. A colecção nominal não regista nenhum dito de Pacómio. A leitura das suas biografias em grego permitiu-nos encontrar alguns lugares paralelos, mas para um parágrafo (V, 7c) não deparamos com o que procurávamos. Orientação e textos principais sobre este tema: F. HALKIN, *Sancti Pachomii Vitae Graecae*, Bruxelles, 1932 (descreve os manuscritos e apresenta o texto de seis *Vitae*); IDEM, *Les vies grecques de S. Pachôme in Analecta Bollandiana* XLVII (1929) pp. 376-388 (diz que na *Vita tertia* há «trois ou quatre traits qui semblent provenir d'une collection d'apophtegmes, cf. p. 378»); IDEM, *L'Histoire Lausiaque et les vies grecques de S. Pachôme in Analecta Bollandiana* XLVIII (1930) pp. 257-301 (apesar de reconhecer a anterioridade da tradução do *Heraclidis Paradisus*, diz que a *Palladii Lausiaca* «remonte en tout cas au V<sup>e</sup> siècle», cf. p. 262); L. Th. LEFORT, *Les vies coptes de saint Pachôme et ses premiers successeurs*, traduction française, Louvain, 1943; A.-J. FESTUGIÈRE, *Les moines d'Orient*, Tome IV/2: *La première vie grecque de Saint Pachôme*, introduction critique et traduction, Paris, 1965; Βίος τοῦ ἁγίου Παχάμου. Μετάφρασις, Ἀγαθονικὸς Φατοῦρος, Ἀθήναι, 1971.

Dume dos «*Apophthegmata Patrum*», t. I, pp. 159-333. Não nos pareceu necessário indicar a página onde se encontra cada apotegma, dada a facilidade de o situar no texto de Pascásio). Para *Commonitiones* IV, 19<sup>b</sup> indica-se como paralelo Pascásio XCVI,4<sup>b</sup>. Entre parêntesis vai a indicação de que este passo de Pascásio se encontra reproduzido no Livro III de Rosweyodus 199<sup>b</sup>. De facto, esta última remissão não tinha lugar na segunda coluna, porque aí só têm direito a figurar os números 1 a 40 do Livro III de Rosweyodus, ou seja, uma recensão do próprio texto das *Commonitiones*.

Na última coluna agrupámos os restantes paralelos latinos: *H. M.* significa *Historia Monachorum*, versão de Rufino, cap. XX, linhas finais (cf. PL 21, coll. 387-462); *Herac. Par.* seguido do capítulo, parágrafo e coluna, envia para a edição do *Heraclidis Paradisus* reproduzida na *Patrologia Latina*, vol. 74, coll. 251-342; *Philotheus siue Theophiles* é o título do Livro IX das *Vitae Patrum*, com indicação do capítulo e coluna (PL 74, coll. 9-116); *Cassianus, Conlat.* leva-nos à obra *Iohannis Cassiani Conlationes XXIII*, texto crítico estabelecido por M. Petschenig, Vindobonae, 1886. O cap. XXIV,9 é fácil de encontrar porque a edição tem informações concretas ao cimo de cada página ímpar; finalmente *Vita Pach.* é uma indicação para o capítulo e a coluna da *Vita sancti Pachomii* reproduzida na PL 73, coll. 227-272. O paralelo de V,8<sup>b</sup> vai entre parêntesis porque a *Vita Pachomii* acabada de indicar tem apenas 54 capítulos. É Rosweyodus quem coloca neste passo do seu Livro III a remissão: *In Vita Pachomii per Metaphr., c. 55, apud Surium, tom. III, Maii 14*, texto que não conferimos.

QUADRO DOS APOTEGMAS DAS COMMONITIONES  
E DOS SEUS LUGARES PARALELOS

COMMONITIONES	TEXTO LATINO NAS VITAE PATRVM	TEXTO GREGO	PELÁGIO-JOÃO	PASCÁSIO	RESTANTES
I,1 <sup>a</sup>	R 1	—	—	—	—
1 <sup>b</sup>	R 2	—	—	—	—
I,2 <sup>a</sup>	Pd XI <sup>a</sup> (365)	cf. Ioan. Colob. 35 (216)	—	—	—
2 <sup>b</sup>	Pd XI <sup>b</sup> (365)	—	—	—	—
I,3 <sup>a</sup>	Pd XI <sup>c</sup> (365)	cf. Sisoos 23 (400)	—	cf. I,2	—
3 <sup>b</sup>	Pd XI <sup>d</sup> (365)	Ioan. Colob. 28 (213)	—	XIII,1 <sup>b</sup>	—
3 <sup>c</sup>	Pd XI <sup>e</sup> (365)	Ioan. Colob. 3 (205)	Pg IV,19	XIII,1 <sup>a</sup>	—
I,4	R 3	N 193	Pg VII,25	—	—
I,5	R 4	N 145	Pg IV,58	—	—
I,6	—	N 197	Pg VII,29	—	—
I,7	—	N 256	Pg VIII,21	VI,2	—
I,8	App. L. 1 (377)	Poemen 16 (325)	Pg IV,29	III,7	—
I,9 <sup>a</sup>	Pd VI <sup>c</sup> (351)	Beniamin 2 <sup>a</sup> (144)	Pg IV,12 <sup>a</sup>	—	—
9 <sup>b</sup>	Pd VI <sup>d</sup> (351)	—	—	—	—
9 <sup>c</sup>	Pd VI <sup>e</sup> (352)	Beniamin 2 <sup>b</sup> (144)	Pg IV,12 <sup>b</sup>	—	—
I,10 <sup>a</sup>	Pd VI <sup>f</sup> (352)	Beniamin 3 (144)	—	—	—
10 <sup>b</sup>	Pd VI <sup>g</sup> (352)	—	—	—	—
I,11	R 5	N 229	Pg X,97	—	—
I,12	App. L. 18 (382)	Netras 1 (312)	Pg X,36	—	—
I,13	R 6	N 150	Pg IV,57	—	—
I,14	R 7	Zeno 6 (177)	Pg IV,17	III,3	—
I,15	Pd IV <sup>f</sup> (350)	H. M. Aeg. XX, 3 <sup>b-4</sup>	—	—	H.M.XX (443)
I,16	—	Joseph 1 (228)	Pg XIII,1	II,2	—
II,1	R 8	N 170	Pg V,20	—	—
II,2	R 9	N 164	Pg V,13 <sup>a</sup>	LXXIII,4	—
II,3	—	N 165	Pg V,14	—	—
II,4	R 10	Moyses 1 (281)	Pg XVIII,12	—	—
II,5	R 11	N 172	Pg V,22	—	—
II,6	R 12	N 179	Pg V,27	—	—
II,7	R 13	N 169	Pg V,19	—	—
II,8	R 14	N 176	Pg V,24	—	—
II,9	R 15	Olympius 2 (313)	—	—	—
II,10	R 16	Poemen 115 (352)	—	—	—
III,1	Pd IX <sup>k</sup> (358)	—	—	—	—
IV,1	R 17	Mios 2 (301)	Pg XV,31	—	—
IV,2	R 18	N 77	Pg XV,89	—	—
IV,3	R 19	Patr. Orient. pp. 168-169 (N 308)	Pg XV,66	—	—
IV,4	R 20	Poemen 5 (320)	Pg VIII,13	XLIX,4	—
IV,5 <sup>a</sup>	—	Ioan. Colob. 20 (212)	—	—	—

COMMONI- TIONES	TEXTO LATINO NAS VITAE PATRVVM	TEXTO GREGO	PELÁGIO-JOÃO	PASCÁSIO	RESTANTES
IV,5b	—	—	—	—	—
IV,6	—	Poemen 9 (324)	Ioan. IV,32	XCII,3	—
IV,7	R 21	Agathon 5 (109)	Pg X,10	XXV,2	—
IV,8	R 22	Isaac 1 (224)	—	XC,2	—
IV,9	R 23	N 343	—	—	—
IV,10	R 24	cf. Cassianus 2 (244)	—	—	—
IV,11	R 25	N 307	Pg XV,65	—	—
IV,12	R 26	(N 451)	—	—	—
IV,13	R 27	Ioan. disc. Pauli 1 (240)	Pg XIV,4	XLIII,2	—
IV,14	R 28	N 27	Ioan. II,17	—	—
IV,15	—	cf. Romaeus 2 (389)	Pg XVI,17	—	—
IV,16	R 29	N 328	Pg XV,86	—	—
IV,17	R 30	Gelasius 1 (145)	Pg XVI,1	—	—
IV,18	—	—	Pg XV,52	—	—
IV,19 <sup>a</sup>	Pd IX <sup>i</sup> (356)	—	—	—	—
19 <sup>b</sup>	Pd IX <sup>i</sup> (357)	Macarius 23 (272) (cf. Anub 1 <sup>b</sup> (129))	cf. Pg XV,11 <sup>b</sup>	cf. XCVI,4 <sup>b</sup> (=IIIR199 <sup>b</sup> )	—
19 <sup>c</sup>	Pd IX <sup>i</sup> (357)	—	—	—	—
V,1	—	—	—	—	—
V,2 <sup>a</sup>	R 31 <sup>a</sup>	—	—	—	—
2 <sup>b</sup>	R 31 <sup>b</sup>	Hist. Laus. 39,3	—	—	Herac. Par. 26 <sup>b</sup> (313)
2 <sup>c</sup>	R 31 <sup>c</sup>	Pior 2 <sup>a</sup> (373)	Pg IV,34 <sup>a</sup>	—	—
2 <sup>d</sup>	R 31 <sup>d</sup>	Hist. Laus 39,1-2	—	—	Herac. Par. 26 <sup>a</sup> (312)
V,3	R 32	—	—	—	—
V,4	Pd XII (366)	—	—	—	cf. Philotheus 3 (34)
V,5	R 33	N 153	Pg IV,61	XLIX,3	—
V,6	App. L. 7 (379)	—	—	—	Cassian. Conl. XXIV, 9
V,7 <sup>a</sup>	R 34 <sup>a</sup>	cf. Vita Pach. alt. 28 <sup>a</sup> (147)	—	—	Vita Pach. 28 <sup>a</sup> (248)
7 <sup>b</sup>	R 34 <sup>b</sup>	cf. Vita Pach. alt. 33 (159)	—	—	Vita Pach. 31 (251)
7 <sup>c</sup>	R 34 <sup>c</sup>	—	—	—	—
V,8 <sup>a</sup>	R 35 <sup>a</sup>	cf. Vit. Pach. alt. 20 <sup>c</sup> (125)	—	—	Vita Pach. 20 (241)
8 <sup>b</sup>	R 35 <sup>b</sup>	(Halkin, G <sup>1</sup> ,55)	—	—	(Vita Pach. 55)
V,9	R 36	N 359	Ioan. I,3	—	—
VI,1 <sup>a</sup>	R 37 <sup>a</sup>	—	—	—	—
1 <sup>b</sup>	R 37 <sup>b</sup>	Arsenius 4 (88)	Pg XV,6	XIX,2	—
VI,2	R 38	Arsenius 33 (100)	Pg XVIII,2	XCIX,2	—
VI,3 <sup>a</sup>	—	Arsenius 6 <sup>a</sup> (89)	Pg XV,7 <sup>a</sup>	LXXXIII,1 <sup>a</sup>	—
3 <sup>b</sup>	—	Arsenius 6 <sup>b</sup> (89)	Pg XV,7 <sup>b</sup>	LXXXIII,1 <sup>b</sup>	—
3 <sup>c</sup>	—	cf. Euprepus 7 <sup>b</sup> (172)	—	—	—
VI,4	R 39	N 206	Pg VII,38	—	—
VI,5	R 40	Arsenius 18 (92)	Pg IV,5	—	—
VI,6	—	N 148 <sup>b</sup>	Pg V,32 <sup>b</sup>	X,2 <sup>b</sup>	—
	—	Daniel 6 (156)	Pg X,18	—	—

#### Cap. IV — CONSTITUIÇÃO UNITÁRIA, EXTERNA E INTERNA, DA COLECÇÃO

O modo como os manuscritos nos transmitem a colecção começada por: *Commonitiones sanctorum patrum*, não nos deixa dúvidas de que constituía uma unidade, dividida em seis capítulos.

O manuscrito de Viena, Bibl. Nac. da Áustria 433 é o que apresenta melhor divididos os capítulos e o único que no fim do cap. VI escreve: *Explicit de beato Arsenio*. Poderia perguntar-se se o relato seguinte (*incipit uita sancti Frontonii*) deveria ou não agregar-se à colecção de apotegmas. Para mais, a mesma *vida* vem também imediatamente a seguir nos manuscritos de Berlim, Bibl. Nac. Prússia, theol. lat. fol. 275; no de Namur, Museu de Arqueologia 12; no de Londres, Mus. Brit., add. 37400, e nos de Munique, Bibl. Est. da Baviera, lat. 2540 e 23757.

Repare-se, no entanto, que o ms. de Dresda, Bibl. Nac. da Saxónia, A 207, que transmite os seis capítulos completos, marcando nitidamente o princípio do cap. VI, embora não traga o *explicit de beato Arsenio*, continua imediatamente com outra colecção de apotegmas, a de Pascásio, sem qualquer referência a Frontónio. O mesmo se passa com os manuscritos de Reims, Bibl. Municipal 1400, e de Basileia, Bibl. Univ. B. V. 2.

Igualmente nos merece consideração o facto de o organizador da «antologia» que é o Livro III de Rosweyde ter reco-

lhido os seus números 1 a 40 apenas dos seis capítulos iniciados pelas *Commonitiones*, com exclusão, portanto, da vida de Frontónio.

Finalmente, a *Vita sancti Frontonii* deve ser excluída desta colecção de apotegmas pela simples razão de pertencer a um género literário diferente: é uma biografia com individualidade própria.

Devemos justificar a constituição, à parte, do cap. III. Quem ler a *capitulatio* que precede o cap. II nos manuscritos de Viena e Dresda, encontra o enunciado de onze apotegmas, o último dos quais é: *XI—Exhortatio sancti Macarii ad monachos...* Acontece, porém, que depois de II,10 os mesmos manuscritos de Viena e Dresda, e ainda os de Reims e Berlim, apontam explicitamente o fim deste capítulo II, *contra spiritum fornicationis*, com um *explicit*. Por outro lado, estes quatro manuscritos precedem o apotegma seguinte com um *incipit exhortatio sancti Macarii ad monachos*. Fica assim claramente constituído este capítulo, o qual é formado por um apotegma apenas, uma espécie de homilia. E como vamos ver já, o género homilético era do agrado do elaborador do texto grego desta colecção. (cf. p. 67)

A unidade deste conjunto de apotegmas pode comprovar-se também por argumentos internos, o mais importante dos quais é a igualdade de técnicas de reelaboração dos materiais primitivos, ao longo de toda a obra. Com efeito, o seu autor não se limitou a reunir uma série de episódios edificantes, de acordo com o tema que pretendia tratar. A intenção do seu trabalho caracteriza-se pela escrita em forma de relato e pela apresentação dos exemplos como se estivesse a fazer uma conferência ou homilia a um grupo de monges<sup>(46)</sup>.

---

<sup>(46)</sup> Sobre outras características do estilo do autor cf. *infra* pp. 107-120.



O passo mais evidente, em que o apotegma se transforma em reportagem de quem conta o que pôde observar com os seus próprios olhos, encontra-se em IV,10. Aí se descreve como um ancião, doente, foi durante anos assistido por uma virgem. Não faltaram suspeitas sobre a sua virtude no trato com quem lhe servia de enfermeira. Para testemunhar a sua inocência, o ancião, à hora da morte, recomendou que plantassem o seu bordão sobre a sua sepultura. Se rebentasse e florisse, seria sinal da sua virtude; se continuasse seco poderiam tê-lo como culpado. Após a sua morte o bordão foi plantado e produziu fruto. Muitos vinham admirar o prodígio. E conclui a narrativa num tom de evidente relato da autoria de quem compôs a colecção (IV,10, linhas 41-42): *Nam et nos ipsam arbusculam uidimus et benediximus Dominum...*

O mesmo aspecto de descrição, tendo em mente uma comunidade de ouvintes, e talvez de leitores, se divisa no princípio de IV, 17, lin. 1-4: *Beati abbatis Athanasii laudabilem humilitatis et patientiae uirtutem oportet ut cognoscatis, quatenus admirabilem magnanimitatem et tranquillitatem animae eius considerantes, imitemur exemplo.* Está bem explícito que o relato que vai ser feito tem como finalidade a edificação e o exemplo. Os intervenientes são identificados: *cognoscatis, imitemur.*

Muito semelhante no estilo e intenção é o começo de V,7, lin. 1-2: *Etiam de beato Theodoro oportet nos exempla uirtutum proferre* (cf. outros exemplos nas pp. 100, 107).

O processo narrativo transforma-se, por vezes, de modo claro, em exortação de tipo homilético, com apóstrofe directa aos ouvintes ou leitores. E que esta característica é uma inovação do autor da *Commonitiones* prova-o a comparação com os lugares paralelos.

A *João Cólombo* é atribuída esta observação [28(213)]: *Εἶπε πάλιν. Τίς ἰσχυρὸς ὡς ὁ λέων; καὶ διὰ τὴν κοιλίαν αὐτοῦ ἐμπίπτει εἰς παγίδα, καὶ ὄλη ἡ ἰσχύς αὐτοῦ ταπεινοῦται.*

Veja-se agora a tradução própria das *Commonitiones* a par da de Pascásio:

COMMONITIONES I,3<sup>b</sup>

Dicebat etiam *monendo fratres*: Considerate, dilectissimi, quoniam nihil fortius est in bestiis leone et tamen propter uentrem suum cadit in laqueum et illa feralis et magna fortitudo eius humiliatur.

PASCÁSIO XIII,1<sup>b</sup>


---



---

Quis enim est ita fortis ut leo? Et tamen propter uentrem suum intrat in caueam et omnis uirtus eius humiliatur.

A tradução de Pascásio é absolutamente literal. A das *Commonitiones*, além da passagem do discurso directo para o indirecto, do acrescento de *in bestiis* e da hendiádes *illa feralis et magna*, introduz a nota exortativa de modo bem explícito, nas palavras que sublinhámos no texto.

E o mesmo se verifica logo no parágrafo seguinte (I,3<sup>c</sup>): *Tali etiam exemplo ipse beatus Ioannes instruebat fratres dicens*. O texto grego (*Ioannes Colobus* 3 [205]) tem apenas: Εἶπεν ὁ ἀββᾶς Ἰωάννης ὁ κολοβός. E Pascásio (XIII,1<sup>a</sup>) é igualmente conciso, notando-se apenas uma mudança de atribuição do autor da sentença: *Dicebat abbas Moyses*. A menção da *instrução dos irmãos* foi introduzida, sem dúvida, pelo autor das *Commonitiones*.

O episódio narrado em IV,3 tem paralelos em duas descrições gregas (cf. *Patrologia Orientalis. Textes complémentaires*. Tome VIII, 1912, pp. 168 e 169) e em Pelágio XV, 66. Trata-se da visita que o imperador Teodósio Júnior fez a um monge, nos arredores de Constantinopla. Considerando que, a exemplo do imperador, outras pessoas, mesmo do palácio, podiam vir

perturbá-lo, o monge resolve afastar-se para o Egipto. Assim termina o texto grego que possuímos: 'Ο δὲ γέρον ἀνάστας ἔφυγε καὶ πάλιν ἦλθεν εἰς Αἴγυπτον.

Veja-se agora como o elaborador do livro traduzido por Pelágio se manteve fiel à narrativa existente, ao passo que o autor das *Commonitiones* ampliou a frase e lhe acrescentou uma exortação.

COMMONIT. IV,3 (lin. 43-45)

PELÁGIO XV,66

*Haec igitur omnia homo Dei secum cogitans, eadem nocte fugit inde et perrexit in Aegyptum ad sanctos patres in eremum. Itaque consideremus, fratres dilectissimi, cum quanta sollicitudine uirtutem humilitatis custodire famulus Dei studuit, ut in caelesti regno aeternam gloriam pro labore sanctae uitae suae, quam propter nomen Domini exercuerat, percipere a Christo Domino mereretur.*

Senex uero egrediens fugit, et iterum uenit in Aegyptum.

Este exemplo mostra claramente como o autor das *Commonitiones* partia de apotegmas correntes para os adaptar às suas intenções moralizantes. O acrescento final, com o vocativo *fratres dilectissimi*, não deixa sequer aos outros a possibilidade de colherem uma lição pessoal. O próprio reelaborador do texto grego teve o cuidado de adaptar a narrativa ao seu capítulo *De uirtute humilitatis et patientiae*.

Também em IV,5 após uma breve interpretação de um passo da Escritura, se colocam na boca do abade Poemen estas palavras de exortação (lin. 17-20): *Oportet nos ergo, filioli, constanter ac fortiter uirtutem humilitatis tenere...* Pelo estilo parenético adoptado, não temos dúvida de que se trata de uma inovação introduzida pelo autor das *Commonitiones*.

A tendência para a homilia torna-se absolutamente clara em dois números em que se dá a palavra a S. Macário. O capítulo III: *Exhortatio sancti Macarii ad monachos*, é constituído só

por esta exortação (*commonebat... et docebat*), feita no melhor estilo parenético, condimentado com a abonação da Sagrada Escritura, no caso presente, duas citações do «Apostolus», modo de designar S. Paulo.

O número IV,19 contém a mais longa exortação de toda a colectânea. O apotegma atribuído aqui a Macário tem, para a sua parte central, paralelo em *Macário 23* (272). Mas enquanto o conselho final de Macário se resume, em grego e nos seus paralelos latinos de Pelágio (XV,11<sup>b</sup>) e Pascásio (XCVI,4<sup>b</sup>), a umas cinco linhas de texto (só a meia coluna), o autor das *Commonitiones* prolonga as palavras de Macário, esboçando um autêntico sermão, incluindo cinco citações explícitas de livros diversos da Sagrada Escritura (cf. IV,19, lin. 39-96).

Este processo de embelezamento dos elementos tradicionais, com o acrescento de pormenores edificantes, é posto em relevo por A.-J. Festugière que cita, explicitamente as «amplificações homiléticas»<sup>(47)</sup>. Damos uma lista dos apotegmas em que foi introduzida uma exortação ou homilia nas pp. 100, 108, 194.

Vemos assim que não só a transmissão manuscrita, mas também a unidade característica de processos deste reelaborador de apotegmas gregos, são favoráveis a que o conjunto seja considerado como uma só obra, na qual o exemplo edificante é por vezes apresentado em forma de relato pessoal e com tendências para a homilia.

---

(47) A.-J. FESTUGIÈRE, *Le problème littéraire de l'Historia Monachorum* in *Hermes*, Zeitschrift für klassische Philologie LXXXIII (1955), pp. 280-281.

## Cap. V — PROCESSOS DE COMPOSIÇÃO E DE TRADUÇÃO

### 1 — PRELIMINARES SOBRE O TEXTO GREGO UTILIZADO

Neste estudo vamos servir-nos com frequência de um texto grego, pondo-o em paralelo com traduções latinas. Queremos, no entanto, deixar, uma vez mais, bem expresso que estamos convencido de que o grego que possuímos não é exactamente o que serviu de original à tradução das *Commonitiones*. Embora Pelágio-João, Pascásio e Martinho de Dume se revelem mais próximos do grego que chegou até nós, mesmo estes devem ter utilizado um texto que os autores das colectâneas gregas por vezes retocaram, de acordo com os seus objectivos. Parece-nos lícito supor que as alterações e diferenças fundamentais entre as versões latinas se devem atribuir ao reelaborador grego. Com efeito, a prática constante dos tradutores de apotegmas é produzir uma versão literal, mais ou menos artística, segundo a capacidade de cada um<sup>(48)</sup>.

Apontemos breves exemplos de *diferenças* entre os diversos textos.

Diz-se que Arsénio, quando se retirou para o deserto, procurava andar vestido de modo mais modesto que todos os

---

(48) Cf. infra pp. 158-163.

demais. Servimo-nos do texto grego que se encontra na *Patrologia Graeca*, LXV:

ARSENIVS 4 (88)

... οὕτως οὐδὲ εἰς τὴν Ἐκκλησίαν εὐτελεστέραν τις αὐτοῦ ἐφόρει.

PELÁGIO XV,6

... *ita et dum in conuersatione moraretur, nemo eo uilius tegebatur.*

PASCÁSIO XIX,2

... *ita constitutus in eremo uiliora uestimenta uti praece- teris festinabat.*

COMMONIT. VI,1 (lin. 10-12)

... *ita postmodum in eremo Sceti degens, studebat ut ab omnibus monachis uiliora et despecta uestimenta haberet.*

Verifica-se que nenhum dos tradutores tem o equivalente a εἰς τὴν Ἐκκλησίαν. Pelágio tinha por certo outra expressão. Pascásio e as *Commonitiones* coincidem quase: *constitutus in eremo* (Pascásio); *in eremo Sceti degens* (*Commonitiones*). Apesar disso este último ainda acrescenta: *Sceti*. Cremos, pois, que para esta breve expressão havia quatro textos gregos ligeiramente diferentes. Observe-se, desde já, que, no geral, as *Commonitiones* são mais extensas e ricas em pormenores.

Podem assinalar-se casos em que o grego à nossa disposição contém *omissões*. João Cólobo dizia que, quando um rei quer tomar uma cidade, primeiro corta-lhe a água e a alimentação. E continua:

IOAN. COLOB. 3 (205)

... καὶ οὕτως οἱ ἐχθροὶ ἐκ τοῦ λιμοῦ ἀπολλύμενοι ὑποτάσσονται αὐτῷ.

PELÁGIO IV,19

... *et fame periclitantes tunc subiciuntur ei.*

PASCÁSIO XIII,1<sup>a</sup>COMMONIT. I,3<sup>c</sup> (lin. 11-13)

... et ita inimici eius fame  
compulsi subiciunt se regno eius.

... et ita fame ac penuriae  
necessitate contriti humiliantur  
et subiciuntur imperio eius.

Pascásio é o mais literal. Note-se, no entanto, a palavra *regno*, que não está no grego nem em Pelágio; mas devia constar de outra versão grega, pois as *Commonitiones* têm o seu equivalente, *imperio*. Este é um dos pormenores que nos levam a pensar que os tradutores de apotegmas eram bastante fiéis ao texto grego que tinham diante de si. Muitos exemplos apresentados a seguir confirmar-nos-ão neste pensamento.

POEMEN 9 (324)

JOÃO IV,32

Ὁ δὲ γέρον ἐχάρη, ὅτι  
οὐκ ἐδέξατο χάριν παρ' αὐτοῦ.

*Gauisus est autem senex, quia  
non obtinuit apud iudicem gra-  
tiam, quam postulauit, et sic  
rediit in cellam suam.*

PASCÁSIO XCII,3

COMMONIT. IV,6 (lin. 28-30)

*Ille autem grauisus quod ei  
ad primum sermonem non prac-  
stitisset, reuersus est.*

*Haec autem cum audisset bea-  
tus Poemen, laetificatus est ual-  
de quod non praestiterat ei iudex  
quae postulauerat et reuersus  
est in cellulam suam.*

A primeira observação que desejamos fazer diz respeito a uma lacuna certa do nosso texto grego. Podemos afirmar com segurança que as redacções correntes no século VI tinham o grego correspondente a *e voltou para a sua cela*, porque esta conclusão aparece quase pelas mesmas palavras nas três tradu-

ções latinas. Em segundo lugar, observe-se que o redactor grego das *Commonitiones* alongou a frase final: introduziu-lhe uma expressão de abertura; reforçou o verbo com *ualde*; e esclareceu  $\pi\alpha\rho' \alpha\upsilon\tau\omicron\upsilon$  com *ei iudex*.

Outras omissões do texto grego que possuímos se poderiam assinalar. Brevemente, diremos que a frase inicial de *Isaac* 1 (224) deveria terminar com a menção de Scétis, pois ela vem em *Pascásio* XC,2 e nas *Commonitiones* IV,8. Quase a terminar o primeiro apotegma de *João, discípulo de Paulo* (col. 240), depois de  $\tau\alpha\pi\epsilon\iota\upsilon\omega\sigma\alpha\iota \alpha\upsilon\tau\omicron\nu$  deveria estar o equivalente a *Pascásio* (XLIII,2): *humiliare eum, ne elatus fieret*, e a *Commonitiones* (IV,13, lin. 25-26): *humiliare sensum eius, ne extolleret se in cogitationibus discipulus eius*. Não deixe de se registar, todavia, que *Pelágio* (XIV,4) também conserva apenas: *humiliare illum*. Aqui podemos concluir que já o fundo grego tinha versões diferentes<sup>(49)</sup>. E uma vez mais se verifica que o texto grego das *Commonitiones* deveria ser o mais extenso, por obra do reelaborador.

Pelo contrário há *passos no grego* à nossa disposição *que não têm equivalente* nas *Commonitiones*, mas que são autênticos, pois encontram-se confirmados por outra tradução latina paralela.

Assim, quando nas *Commonitiones* (I,12, lin. 10) o abade Nítera responde: *ibi eremus erat et secreta uita ac paupertas*, o paralelo grego (*Netra*, col. 312) acrescenta:  $\kappa\alpha\iota \eta\theta\epsilon\lambda\omicron\nu \kappa\upsilon\beta\epsilon\rho\nu\eta\sigma\alpha\iota \tau\omicron \sigma\omega\mu\alpha, \acute{\iota}\nu\alpha \mu\eta \acute{\alpha}\sigma\theta\epsilon\nu\eta\sigma\omega \kappa\alpha\iota \zeta\eta\tau\eta\sigma\omega \acute{\alpha} \omicron\upsilon\kappa \epsilon\iota\chi\omicron\nu$ . E de facto *Pelágio* (X,36) depois de *paupertas* junta: *propterea uolebam gubernare corpus meum, ne infirmarer et quaererem quod non habebam*.

---

(49) Quando uma análise filológica necessita de descer a pormenores deste género sentimos a falta de um texto crítico tanto dos apotegmas gregos, como da tradução de *Pelágio-João*. Tal trabalho, porém, aguarda ainda filólogos pacientes... As conclusões só serão, pois, válidas na medida em que os textos em confronto correspondam ao original.



Poderíamos perguntar-nos porque rejeitou o reelaborador grego este inciso, que descreve um aspecto da ascética monástica.

A maior omissão de texto grego encontra-se em I,16 das *Commonitiones*, a que correspondem *Ioseph* 1 (228), *Pelágio* XIII,1 e *Pascásio* II,2. Todo o passo que descreve o procedimento alegórico do abade José, o qual mudava de vestuário e tirava daí uma lição, foi eliminado, isto é, umas dezassete linhas do nosso texto grego. Aqui a explicação pode estar no facto de ao reelaborador grego das *Commonitiones* não lhe interessarem tanto pormenores descritivos deste género, mas sobretudo a lição moral. E esta aproveita-a ele totalmente, dando-lhe mesmo algum desenvolvimento.

Nas *Commonitiones* II,7, lin. 12, falta a oração, em discurso directo, que o ancião dirigiu a Deus, pedindo lhe revelasse por que não eram ouvidas as suas preces. Que ela existia na tradição apotegmática prova-o a sua presença em *Nau* 169 e em *Pelágio* V,19.

Ao terminar em IV,13, lin. 26-27, a historieta do discípulo que por obediência agarrou uma leoa, não diz que o seu mestre, por desprezo, classificou a fera de κύνα σαλόν, como vem em *Ioannes discipulus Pauli*, col. 240, e nos paralclos *Pelágio* XIV,4 (*canem fatuum*) e *Pascásio* XLIII,2 (*istum canem miserum*). Note-se ainda uma variante certamente já da tradição grega. O texto que possuímos fala de uma ύαινα, e *Pascásio* traduz por *hyaena*; mas *Pelágio* e as *Commonitiones* citam a fera como *leaena*. De *Pelágio* não temos ainda um texto crítico. Quanto às *Commonitiones* não há variantes nos manuscritos, sendo portanto de supor que já o seu original tinha *leaena* e não *hyaena*.

No princípio de IV,16, lin. 1-9, as *Commonitiones* mencionam apenas acusações vagas contra o irmão Eulálio. Mas o grego equivalente, em *Nau* 328, além das generalidades aponta em concreto: και εως πορνείας κατηγορει εαυτου. Que esta acusação falsa fazia parte da tradição vê-se no paralelo de *Pelágio* XV,86: *ita ut se etiam de fornicatione accusaret*. Registe-se desde já que o apotegma em grego e em *Pelágio* é anónimo

— ἀδελφός τις: *frater quidam* —, ao passo que as *Commonitiones* o atribuem a Eulálio. Há quem veja neste pormenor do nome um sinal de que as *Commonitiones* remontam a uma fonte mais rigorosa<sup>(50)</sup>.

No final da primeira frase de VI,4, lin. 3 das *Commonitiones* falta a indicação da natureza e horário de trabalho do abade Arsénio. O grego (*Arsenius* 18 [92]) diz: ἐπλεκε γὰρ σειρὰν καὶ ἔβραπτεν ἕως ὥρας ἕκτης. De facto *Pelágio* IV,5 traduz: *faciebat quoque plectam de ipsis palmis et cusabat usque ad horam sextam.*

Estas observações são suficientes para não atribuímos a qualquer tradutor de apotegmas toda a responsabilidade das diferenças existentes entre o grego e o latim. Em princípio, podemos supor que a uma tradução latina com alterações correspondia um texto grego diferente do actual. Cada caso deverá, no entanto, ser examinado de per si.

## 2 — TRADUÇÃO LITERAL (OU QUASE)

Não podemos ter dúvidas de que as *Commonitiones* foram originariamente escritas em grego e depois vertidas para o latim, porque em numerosos passos o autor conservou quase sem alteração a versão grega corrente do apotegma. Apresentamos dois exemplos por extenso e apontamos outros que poderiam ser estudados.

Arsénio, antes de se fazer monge, tinha vivido no palácio de Constantinopla e recebera formação literária. Um dia, um seu amigo de juventude, ao vê-lo pedir direcção espiritual a um monge egípcio, sem cultura, interpela-o. Eis a pergunta do amigo e a resposta de Arsénio no grego que temos e em duas traduções latinas independentes.

---

(50) Cf. *infra* pp. 95, 156, 167; e p. 83 para Pascásio.

Arsenius 6 (89) — Ἀρσένιε, πῶς τοσαύτην παιδείουσιν Ῥωμαϊκὴν καὶ Ἑλληνικὴν ἐπιστάμενος, τοῦτον τὸν ἀγροῖκου περὶ τῶν σῶν λογισμῶν ἐρωτᾷς; Ὁ δὲ εἶπε πρὸς αὐτόν. Τὴν μὲν Ῥωμαϊκὴν καὶ Ἑλληνικὴν ἐπίσταμαι παιδείουσιν· τὸν δὲ ἀλφάβητον τοῦ ἀγροῖκου τούτου οὐπω μεμάθηκα.

COMMONIT. VI,3 (lin. 5-11)

PASCÁSIO LXXXIII,1

Valde admiror, pater, quia cum tanta eruditione perfecte studeris tam graecae quam latinae scientiae, cur ab isto inerudito et idiota homine requiras quae ad salutem animae conueniunt? Respondens autem beatus Arsenius ait: Licet tam graece quam latine, ut dicis, eruditus sim tamen alphabetum uerae scientiae huius aegyptii non didici.

Quemadmodum tu tantarum litterarum tam in graeco quam in latino sermone doctrina adeptus, ab hoc rustico interrogare aliquid non fastidis? Cui Arsenius: Graecas quidem me litteras ac latinas plurimas legisse commemini; istius autem senis adhuc alphabetum me nec attigisse profiteor.

Pode dizer-se que ambas as traduções são literais. A de Pascásio apresenta traços da sua conhecida concisão; a das *Commonitiones* é um pouco mais ampla: hendiádes em *inerudito et idiota*, especificação do alfabeto *uerae scientiae*. A versão de Pelágio em XV,7 mantém-se igualmente fiel ao grego que possuímos.

Vamos reproduzir agora, por completo, um pequeno apotegma.

Nau, 153 — Ἀδελφός τις ἀπῆλθεν ἐπισκέψασθαι τὴν ἰδίαν ἀδελφὴν ἐν μοναστηρίῳ ἀσθενοῦσαν, ἣν δὲ πιστοτάτη, καὶ μὴ καταδεχομένη ἰδεῖν ἄνδρα, μὴδὲ πάλιν τὸν ἴδιον ἀδελφὸν προφάσει αὐτῆς εἰς μέσον γυναικῶν εἰσελθεῖν, ἐδήλωσεν οὖν λέγουσα

αὐτῶ. Πορεύου, ἀδελφε, εὐχόμενος ὑπὲρ ἐμοῦ, καὶ χάριτι Χριστοῦ, βλέπω σε ἐν τῇ βασιλείᾳ τῶν οὐράνων.

COMMONITIONES V,5

PASCÁSIO XLIX,3

Sed et alius quidam monachus abiit ad sororem suam ut uisitaret eam. Audierat enim eam aegrotantem in monasterio. Erat enim ipsa famula Dei nominata in sancta conuersatione. Itaque non acquieuit illa suscipere et uidere fratrem suum, ut non per occasionem eius ingrederetur in monasterium feminarum. Sed mandauit ei dicens: Vade, domine frater, et ora pro me. Praestante enim gratia Dei et Saluatoris nostri, uidebo te in futuro saeculo, in regno Domini nostri Iesu Christi.

Quidam frater profectus est uisitare sororem suam in monasterio uirginum infirmitatem. Illa autem erat fidelis quae numquam uirum uidebat, sed nec fratrem suum uolebat ut inter mulieres alias ingrederetur. Et mandauit ei dicens: Vade, frater, ora pro me et confido quia per gratiam Christi uidebimus nos inuicem in regno caelorum.

A tradução de Pascásio pode considerar-se absolutamente literal; a das *Commonitiones* também não introduz nenhum elemento novo. Apenas se poderá observar que a redacção é um pouco alargada, à custa de expressões correntes no estilo monástico. É o caso das perífrases que traduzem πιστοτάτη, χάριτι Χριστοῦ e τῇ βασιλείᾳ τῶν οὐράνων. Tudo nos inclina a pensar que o desenvolvimento é obra do reelaborador grego.

Outros exemplos de tradução quase literal podem examinar-se em II,5; II,6; IV,8; VI,1 e VI,2. Oportunamente (pp. 167, 195) observaremos mais casos de literalismo <sup>(51)</sup>.

(51) Cf. teoria e exemplos apontados na p. 57.

## 3 — BREVES RETOQUES E PEQUENAS AMPLIAÇÕES DO TEXTO

Por vezes as *Commonitiones* apresentam-nos um texto bastante aproximado do grego, mas vê-se que a redacção original foi levemente retocada e ampliada. Vejamos o tratamento dado ao princípio de um apotegma.

Nau, 164 — Ἀδελφὸς ἄλλος ἐπολεμήθη εἰς πορνείαν καὶ ἀναστὰς νυκτὸς, ἀπῆλθε πρὸς τινὰ γέροντα καὶ εἶπεν αὐτῷ τὸν λογισμὸν, καὶ παρεκάλεσεν αὐτὸν ὁ γέρων, καὶ ὠφελήθει· ἀπῆλθεν εἰς τὸ κελλίον αὐτοῦ, καὶ ἰδοὺ πάλιν ὁ πόλεμος ἐπετέθη αὐτῷ.

COMMONIT. II,2 (lin. 1-9)

PASCÁSIO LXXIII,4

Et alius etiam frater *uehementer* impugnabatur *ab immundo spiritu* fornicationis. Exsurgens autem nocte, abiit ad quendam *sanctum probatum in uirtutibus* seniore, confessus est ei quam patiebatur impugnationem *a spiritu fornicationis*. *Haec cum audisset* senior consolabatur eum *spiritualibus uerbis de uirtute patientiae dicens, sicut scriptum est: «Viriliter agite et confortetur cor uestrum, omnes qui speratis in Domino»*. Reuersusque est frater ad cellulam suam et ecce iterum impugnatione insistebat ei.

Quidam frater impugnatus est a cogitatione et exsurgens per noctem profectus est ad quendam senem et dixit ei cogitationem suam. Quem senex monuit et dimisit. Reuersus ergo in cella sua, iterum coepit impugnari.

A tradução de Pascásio é literal, substituindo apenas εἰς πορνείαν por *a cogitatione*, de acordo com o seu conhecido sentido de recato<sup>(52)</sup>. O latim das *Commonitiones* revela que o texto grego foi reforçado com o equivalente às palavras que sublinhámos na tradução, merecendo especial nota as ampliações próprias da linguagem monástica: *sanctum probatum in uirtutibus e spiritalibus uerbis de uirtute patientiae dicens*, seguindo-se uma citação da Sagrada Escritura.

O texto grego de Pascásio e das *Commonitiones* não deveria ter o particípio ὠφεληθεῖς, porque ambos o omitem na tradução. Que ele fazia parte de uma redacção grega prova-o, porém, o seu equivalente em Pelágio V,13: *ex qua consolatione proficiens*.

Outro exemplo com um acréscimo de tipo diferente:

Daniel 6 (156) — Διηγῆσατο ὁ ἀββᾶς Δανιήλ, ὅτι Ὅτε ἦν ἐν Σκήτει ὁ ἀββᾶς Ἀρσένιος, ἦν τις ἐκεῖ μοναχὸς κλέπτων τὰ σκεύη τῶν γερόντων. Καὶ ἔλαβεν αὐτὸν ὁ ἀββᾶς Ἀρσένιος εἰς τὴν κέλλαν αὐτοῦ, θέλων αὐτὸν κερδῆσαι, καὶ τοὺς γέροντας ἀναπαῦσαι, καὶ λέγει αὐτῷ. Εἴ τι ἂν θέλῃς, ἐγὼ σοι παρέχω· μόνον μὴ κλέψῃς· καὶ ἔδωκεν αὐτῷ χρυσίον καὶ κέρμα καὶ ἱματισμὸν, καὶ πᾶσαν τὴν χρεῖαν αὐτοῦ.

COMMONIT. VI,6 (lin. 1-9)

PELÁGIO X,18

Dicebat abbas Daniel: Quia dum in eremo Sceti esset beatus Arsenius, erat ibi quidam, *schema quidem*, monachus et furabatur *de cella* monachorum quodcumque inuenire potuisset. Beatus autem Arsenius festinabat saluare ani-

Narravit iterum abbas Daniel, quia quando erat in Scythi abbas Arsenius, erat ibi monachus quidam rapiens ea quae habebant senes: abbas autem Arsenius uolens eum lucrari et senibus quietem praestare, tulit eum in cellam

(52) Cf. *Pascásio de Dume...*, t. I, pp. 108-118.

mam eius, *fecitque ei cellulam prope suam cellulam* et dixit ei: Si quid necessarium habes, ego tibi praebeo. Tantum cessa et noli furari *et condemnare animam tuam in aeternum ignem gehennae in iudicio Dei. Misit autem ad quendam amicum suum et accepit solidos et nummos et uestimenta et dedit ei.*

suam et dicit ei: Quidquid uis ego tibi dabo, tantum non rapias; et dedit ei aurum et nummos et rescellas, et omne quod in responso suo habebat dedit ei.

A tradução de Pelágio pode considerar-se fiel ao grego. A das *Commonitiones* parte do mesmo fundo comum, mas tinha por certo um texto grego reelaborado, onde foram suprimidas as expressões *καὶ τοῖς γέροντας ἀναπαῦσαι* e *καὶ πᾶσαν τὴν χρεῖαν αὐτοῦ*.

Em contrapartida, o organizador da colectânea introduziu o equivalente a *schema quidem* (monge só de hábito), de *cella* e três expressões que lhe pareceram tornar o episódio mais aceitável: em vez de levar o monge para a sua cela, Arsénio ter-lhe-ia construído uma própria, junto da sua; à exortação acrescenta um motivo de ordem espiritual e escatológica; e pretende justificar a pobreza do santo, explicando que recorreu a um amigo.

Quanto a nós, não deve subsistir qualquer dúvida de que as omissões e os três principais acrescentos são obra do reelaborador grego e não iniciativa do tradutor. O apelo para o juízo de Deus e para o castigo do inferno é um tópico do autor grego, como se observará em vários outros apotegmas, nos quais (à excepção de um só), como veremos oportunamente<sup>(53)</sup>, podemos verificar que também tal tópico se não encontrava na redacção primitiva dos apotegmas.

(53) Cf. *infra*, pp. 110-113.

Vejamos agora num só episódio as três características até aqui já observadas.

Nau, 256 — Ποτὲ εἰς τὰ Κελλία ἐορτῆς γενομένης, ἤσθιον οἱ ἀδελφοί ἐν τῇ ἐκκλησίᾳ, ἣν δὲ ἐκεῖ ἀδελφὸς καὶ εἶπεν τῷ ὑπερετοῦντι. Οὐκ ἐσθίω ἐψῆμα, ἀλλὰ ἄλας, καὶ ἐφώνησεν ὁ διακονῶν ἄλλω ἀδελφῷ ἔμπροσθεν τοῦ λαοῦ λέγων. Ὁ δεῖνα ὁ ἀδελφὸς οὐκ ἐσθίει ἐψῆμα, φέρε αὐτῷ ἄλας. Καὶ ἀνέστη τις τῶν γερόντων καὶ εἶπεν αὐτῷ. Συνέφερε σοι σήμερον ἐν τῷ κελλιῷ σου φαγεῖν κρέα, ἢ ἀκοῦσαι τὴν φωνὴν ταύτην ἐνώπιον τοῦ λαοῦ.

## COMMONITIONES I,7

## PASCÁSIO VI,2

*Dicebant etiam fratres de quodam fratre habitante in loco qui dicitur Cellia: Contigit autem ut in die festo omnes monachi in ecclesiam, quae est in eremo, conuenirent. Praeparatus est autem eis omnibus cibus coctus, ut post completas missas ibi reficerent omnes fratres. Erat autem ibi quidam frater et cum sedissent ad mensas uocauit fratrem, qui eis ministrabat, et dixit ei: Defer mihi salem, ut cum pane possim accipere. Tunc clamauit ille, qui ministrabat, alio fratri, audientibus cunctis, dicens: Da huic modicum salis ut possit hic frater cum pane edere, quia coctum cibum non accipit. Tunc surrexit a men-*

*Facta autem congregatione in ecclesia, cum esset festiuitas et ceteri comederent, unus ministranti dicit: Quia nihil coctum comedo, sal mihi deferri praecipito. Quo uerbo minister audito, cum clamore audientibus ceteris cunctis, alii imperauit dicens: Quoniam coctum frater ille nihil comedit, parum illi salis afferto. Tunc beatus Theodorus dixit: Oportuit te, inquit, carnes in cella tua comedere quam hunc praesentibus omnibus audire sermonem.*



*sa unus ex senioribus et dixit ei: Oportebat te, frater, in cella tua hodie carnem comedere quam istam talem uocem de tua abstinentia praesentibus cunctis dicere fratribus. An ignoras quoniam, si qui propter laudem et gloriam palam faciunt abstinentiam suam, omnem laborem abstinentiae suae perdunt et non percipiunt mercedem a Domino, sed magis culpabiles inueniuntur in conspectu eius?*

Pascásio tinha, por certo, um grego muito próximo do nosso. Pode dizer-se que apenas omite o lugar onde a cena se passou — εἰς τὰ Κελλία — e que identifica com o abade Teodoro o ancião (anónimo nas outras versões) que se levantou.

A redacção das *Commonitiones* não contém elementos essenciais novos. Mas, a par de expressões que foram mantidas intactas e de que se dá uma tradução literal, o apotegma foi retocado, adaptando-se-lhe uma introdução, descrevendo-se melhor a refeição e as suas circunstâncias de lugar e de tempo e sobretudo, além de outros pormenores, a reprimenda do ancião foi desenvolvida. Não cremos que um tradutor fizesse por sua conta todo este trabalho de reelaboração.

#### 4 — LONGO DESENVOLVIMENTO, INCLUINDO CITAÇÕES BÍBLICAS

A característica mais importante do reelaborador grego das *Commonitiones* talvez seja a sua tendência para desenvolver os aspectos morais do apotegma, passando a escrever em tom de lição ou homilia.

Um caso típico encontra-se em II,7, onde a um ancião, que rogava a Deus a protecção para um irmão em crise moral, veio a ser revelado que a culpa estava no próprio irmão que, em vez de resistir, se deleitava nas tentações. Damos o final do apotegma para se ver como, partindo de uma transcrição literal, o autor das *Commonitiones* constrói uma lição a seu gosto.

NAU, 169

Καὶ ἔγνω ὁ γέρων ὅτι ἡ αἰτία ἐκ τοῦ ἀδελφοῦ ἐστίν, καὶ ἀνήγγειλεν αὐτῷ ὅτι σὺ εἶ ὁ συγκατατιθέμενος τῷ λογισμῷ σου· καὶ ἐδίδαξεν αὐτὸν πῶς ἀντιστῆ τοῖς λογισμοῖς, καὶ ἀνανήψας ὁ ἀδελφὸς διὰ τῆς εὐχῆς καὶ διδαχῆς τοῦ γέροντος, εὗρεν ἀνάπαυσιν.

PELÁGIO v,19

Et agnovit senex quia causa magis ab eodem fratre esset, et annuntiauit ei dicens: Tu consentis cogitationi tuae. Et docuit eum quomodo talibus cogitationibus deberet obsistere. Et respirans frater per doctrinam senis illius et orationem, inuenit requiem a tentatione sua.

COMMONITIONES II,7 (lin. 22-30)

Cognouit autem quia culpa *et negligentia* illius monachi erat, *ut non exaudirentur orationes eius*. Et tunc dixit ei senior: Quia tua culpa est, frater, quia condelectaris cogitationibus malis. *Impossibile est enim discedere a te spiritum fornicationis immundum, aliis orantibus et Deum pro te deprecantibus, nisi et tu ipse laborem assumas in ieiuniis et orationibus et uigiliis multis, cum gemitu deprecans ut misericordiam suam et adiutorium gratiae suae praebeat tibi Dominus Christus, ut possis resistere malis cogitationibus...*

E a exortação continua por mais 13 linhas do nosso texto crítico. Tudo isto, apresentado sob a forma de discurso directo, temo-lo como uma interpretação edificante destas breves pala-

bras do primitivo apotegma: *καὶ ἐδίδαξεν αὐτὸν πῶς ἀντιστῆ τοῖς λογισμοῖς.*

A última frase, breve conclusão do episódio em grego e em Pelágio, é também desenvolvida com a menção de práticas ascéticas (II,7, lin. 43-47):

*Et haec audiens frater, compunctus est corde et cum omni sollicitudine, secundum doctrinam senioris, tam in ieiuniis quam in orationibus et uigiliis, semetipsum afflixit et meruit misericordiam Domini. Et recessit ab eo spiritus immundae passionis.*

Alguns acrescentos que supomos serem do reelaborador das *Commonitiones* são ilustrados com passos da Sagrada Escritura. Advirtamos que mesmo os apotegmas mais antigos por vezes citam a Bíblia. Quando ocorriam, o autor incluiu também habitualmente tais citações. O que está agora em causa é o reforço bíblico introduzido pelo novo redactor grego.

Agatão, acusado de vários defeitos, que não possuía, por humildade não se defendia, excepto quando lhe chamaram herético. Então reagiu energicamente. Tendo-lhe os irmãos acusadores pedido uma explicação sobre a diferença de reacção, ele respondeu:

## AGATHON 5 (109)

Λέγει αὐτοῖς. Τὰ πρῶτα ἐμαυτῷ ἐπιγράφω· ὄφελος γὰρ ἐστὶ τῇ ψυχῇ μου· τὸ δὲ αἰρετικὸς, χωρισμὸς ἐστὶν ἀπὸ τοῦ Θεοῦ, καὶ οὐ θέλω χωρισθῆναι ἀπὸ Θεοῦ.

## PASCÁSIO XXV,2

Dicit eis: Priora quae dixisti adscribo mihi pro iuamine animae meae; haereticum autem esse diuidi est a Deo et nolo ab eo separari.

## COMMONITIONES IV,7 (lin. 27-37)

*Dicit eis senior: Illas priores culpas atque peccata propter humilitatem sustinui, ut peccatorem me esse crederetis. Nouimus*

*enim quia si custodiatur humilitatis uirtus magna, salus est animae. Nam Dominus et Saluator noster Iesus Christus, cum ei iudaei multas contumelias et conuicia irrogassent, patienter cuncta tolerauit, ut nobis humilitatis praeberet exempla. Immissi etiam falsi testes, multa aduersus eum falsa dixerunt; et usque ad mortem crucis patienter cuncta sustinuit. Ita enim et apostolus Petrus praedicat dicens: «Christus passus est pro nobis, nobis relinquens exemplum ut sequamur uestigia eius».*

E a explicação continua, desenvolvendo também o segundo membro da resposta, em forma de autêntica homilia, como se vê pelo típico final (lin. 45-47):

*... reconiungitur Deo uero Creatori ac Saluatori nostro Christo, qui est in Patre Filius semper cum Sancto Spiritu. Ipsi gloria in saecula saeculorum. Amen.*

A visão de Arsênio, incluída pelas *Commonitiones* em VI,2, sobre o modo estulto como muitos homens procedem, é quase toda transposta, sem alterações, das antigas versões de apotegmas, enquanto se trata de narrar factos. Quando, porém, se começa a dar uma interpretação moral de cada categoria de pessoas, o reelaborador grego deixou expandir o seu gosto pela divagação apoiada pela Bíblia. Damos apenas a primeira interpretação, mas, como se poderá ver, também a terceira classe de homens é explicada com o recurso à Escritura.

## ARSENIUS 33 (101)

## PELÁGIO XVIII,2

Οὗτοί εἰσι, φησὶν, οἱ βαστάζοντες ὡς δικαιοσύνης ζυγὸν μετὰ ὑπερηφανίας, καὶ οὐκ ἐταπεινώθησαν τοῦ διορθώσασθαι ἑαυτοὺς, καὶ πορευθῆναι τῇ ταπεινῇ ὁδῷ τοῦ Χριστοῦ· διὸ καὶ μένουσι ἔξω τῆς βασιλείας τοῦ Θεοῦ.

Hi sunt qui portant uelut iustitiae cum superbia iugum et humiliati non sunt ut corrigant se et ambulent humiliter in uia Christi, propter quod et remanent foris a regno Dei.

## COMMONITIONES VI,2 (lin. 23-28)

*Hi qui lignum portant, hi sunt qui habent iugum sanctum monachorum, sed iustificantes semetipsos in corde suo cum exaltatione superbiae, non humiliantur inuicem. Noluerunt enim ambulare in humilitatis uia Domini Saluatoris nostri Iesu Christi qui dixit: «Discite a me quia mitis sum et humilis corde et inuenietis requiem animabus uestris».*

Pode ver-se uma lista de 17 apotegmas com acrescentos bíblicos na p. 100. Para se ter uma ideia do uso frequente das Escrituras em todas as *Commonitiones*, cf. o aparato bíblico que vai no rodapé do nosso texto crítico.

## 5 — ALTERAÇÃO DO SENTIDO PRIMITIVO

Quanto registámos até agora corresponde à ideia fundamental expressa pela antiga versão dos apotegmas. Podem, no entanto, apontar-se alguns exemplos em que o reelaborador das *Commonitiones* abandonou o texto primitivo e redigiu conforme lhe pareceu mais apropriado.

O abade Nítera, depois de ter recebido a sagração episcopal, levava ainda uma vida mais austera do que quando vivia no deserto. Tendo-lhe o seu discípulo perguntado qual a razão deste modo de proceder, justificou-se, dizendo:

NETRA, col. 312

Νῦν δὲ κόσμος ἐστὶ, καὶ ἀφορμαὶ εἰσὶν· ἐὰν δὲ καὶ ἀσθενήσω ὧδε, ἔστιν ὁ ἀντιλαμβανόμενός μου, ἵνα μὴ ἀπολέσω τὸν μοναχόν.

PELÁGIO X,36

Nunc autem hic saeculum est, et occasiones sunt excedendi plurimae; et si in infirmitatem incurrero, sunt hic qui succurrant, ne propositum monachi perdam.

## COMMONITIONES I,12 (lin. 10-19)

Nunc autem *egressi de eremo cum saecularibus hominibus conuersamur et multae et uariae occasiones nobis occurrunt et ideo timeo ne in fine uitae meae in aliqua occasione offendamus Dominum. Si enim sanctus apostolus Paulus, qui Christum in se loquentem habebat et qui tantas uirtutes animi possidebat ut usque ad tertium caelum adhuc in corpore positus ascenderet, tamen dicebat: «Macero corpus meum et seruituti subicio, ne forsitan aliis praedicans ipse reprobis inueniar», — quid nos humiles et peccatores oportet facere?*

O autor desenvolveu apenas a primeira parte da resposta, acrescentando-lhe um pensamento novo, ilustrado com uma citação bíblica. O final do texto ficou por traduzir. Ao que parece a declaração de segurança episcopal não interessava aos propósitos edificantes do autor...

A tendência para a alteração do sentido original verifica-se também em VI,2. Após ter sido explicada espiritualmente cada uma das três classes de homens que procedem insensatamente, concluía já a redacção primitiva:

Arsenius 33 (101) — Χρῆ οὖν νήφειν πάντα ἄνθρωπον εἰς τὰ ἔργα αὐτοῦ, ἵνα μὴ εἰς κενόν κοπιᾷσῃ.

COMMONIT. VI,2 (lin. 38-39)

PELÁGIO XVIII,2

Oportet ergo hominem, *sicut dicit apostolus, «cum timore et tremore salutem suam operari».*

Quapropter conuenit omnem hominem sobrium esse in considerandis operibus suis, ne in uanum uideatur sustinere labores.

Não cremos que os acrescentos e alterações acabadas de apresentar se devam atribuir ao tradutor. A explicação deve remontar mais longe — ao autor da nova colectânea de apotegmas<sup>(54)</sup>.

## 6 — QUALIDADES DO TRADUTOR

A comparação entre o texto grego que possuímos e a tradução latina das *Commonitiones* já nos fez concluir que, embora haja vários passos em que ambas as redacções se correspondem literalmente (ou quase), à grande maioria dos apotegmas da nova colecção apresenta uma versão reelaborada, com explicações e acrescentos que por vezes atingem grande extensão. Sendo assim, é com reservas que se aborda o tema das qualidades do tradutor, partindo da comparação do grego com o latim, pois não podemos ter a certeza de que o texto grego não foi alterado. Por isso, não nos alongaremos agora neste estudo, uma vez que não podemos garantir que as trocas entre discurso directo e indirecto, as hendíades, o tom retórico, a própria dificuldade de compreensão, não pertenceriam já à redacção grega, reelaborada pelo autor das *Commonitiones*.

1 — Anotemos primeiro uma passagem do discurso directo para o indirecto.

NAU, 176

Καὶ ἐλθοῦσα εἰς τὴν θύραν  
τοῦ γέροντος ἤρξατο ἀπὸ  
σημείων συνιστάνειν ἑαυτὴν,  
λέγουσα· ὅτι συγγενική σου  
εἰμί, καὶ ἔμεινε πρὸς αὐτόν.

PELÁGIO V,24

Quae cum uenisset ad ianuam senis, coepit signis indicare seipsam, dicens: Ego illa parens tua, et mansit apud eum.

(54) Adiante procuraremos penetrar mais fundo no trabalho e formação do autor grego das *Commonitiones*, pp. 103-120.

## COMMONITIONES II,8 (lin. 5-6)

Quo inuento, ingressa est cellulam eius, *asserens ei quia ex genere et parentela eius fuisset*, mansitque ibi apud eum.

A tradução de Pelágio é absolutamente literal; a das *Commonitiones*, além da mudança do discurso directo, apresenta a primeira parte também reelaborada.

2 — Mas pode registar-se também o fenómeno contrário. Repare-se neste começo:

## IOSEPH 1 (228)

Ἐν ἡλίθιον τινες τῶν πατέρων  
πρὸς τὸν ἀββᾶν Ἰωσήφ εἰς  
Πανεφὸν, ἵνα ἐρωτήσωσιν  
αὐτὸν περὶ τῆς ἀπαντήσεως  
τῶν ἀδελφῶν τῶν ξενιζομένων  
πρὸς αὐτούς, εἰ χρὴ συγκατα-  
βαίνειν καὶ παβήρσιάζεσθαι  
πρὸς αὐτούς.

## PASCÁSIO II,2

Quidam de patribus ad  
abbatem Ioseph in Panepho  
perrexerunt ut eum require-  
rent de susceptione fratrum,  
si licet illo tempore uel fidu-  
ciam cum is uel laetitiam  
habere.

## COMMONITIONES I,16 (lin. 1-5)

Quidam fratrum pergentes ad *sanctum* abbatem Ioseph, *uirum perfectum*, habitantem in Panepho, *interrogauerunt eum dicentes: Quomodo oportet nos suscipere aduenientes ad uisitandum nos peregrinos, siue spirituales fratres, si oportet, inquit, propter eos relaxare regulam abstinentiae nostrae?*

No grego e em Pascásio a construção sintáctica é a típica das interrogativas indirectas. Nas *Commonitiones* há um primeiro membro, introduzido por *dicentes*, claramente directo; mas



também o segundo membro, apesar de iniciado por *si*, tem a construção verbal das interrogativas directas. Sublinhámos acima ainda dois atributos e um aposto. É de supor que fossem introduzidos pelo reelaborador grego.

3 — O discurso directo é frequentemente iniciado nos tradutores latinos por *quia*, *quoniam* e nas *Commonitiones* muitas vezes também por *quomodo*, conjunções que no geral são o equivalente à construção grega começada por ἔτι. Curioso será observar que a rotina pode ter contribuído para o uso de *quia* mesmo quando em grego se omitiu ἔτι. Um exemplo:

SISOES 23 (400)

PASCÁSIO I,2

Καὶ λέγει αὐτῷ ὁ γέρον·  
Εἶπε Δανιήλ· Ἄρτον ἐπιθυ-  
μιῶν οὐκ ἔφαγον.

... respondit: Daniel pro-  
pheta dixit: «Panem deside-  
riorum non comedi».

COMMONITIONES I,3<sup>a</sup> (lin. 2-4)

...et respondit eis dicens: *Quia* Daniel propheta dixit: «Panem in concupiscentia non comedi».

4 — Já observámos atrás (p. 68) a tradução de uma palavra grega por duas latinas que se reforçam mutuamente. Hendíades deste tipo encontram-se com frequência nas *Commonitiones*. Eis dois casos num só breve parágrafo:

IOANNES COLOBVS 3 (205)

PELÁGIO IV,19

Καὶ οὕτως οἱ ἐχθροὶ ἐκ τοῦ  
λιμοῦ ἀπολλύμενοι ὑποτάσ-  
σονται αὐτῷ. Οὕτως καὶ τὰ  
πάθη τῆς σαρκός...

Et ita inimici eius fame  
compulsi subiciunt se regno  
eius. Ita et passiones carna-  
les...

COMMONITIONES I,3<sup>c</sup> (lin. 11-13)

Et ita fame ac penuriae necessitate contriti *humiliantur et subiciuntur* imperio eius. Similiter etiam *passiones ac uitia* corporis nostri...

5 — Dum modo geral, a impressão que colhe o leitor das *Commonitiones* é a de que o tradutor latino escrevia bem, de modo fluente, sabendo dar amplitude e harmonia à frase. Poderíamos até atribuir-lhe um certo gosto pela retórica se pudéssemos garantir que o seu texto grego era igual ao nosso<sup>(55)</sup>. Veja-se este desenvolvimento enfático (talvez exigido por uma redacção grega reelaborada):

POEMEN 5 (320)

PASCÁSIO XLIX,4

Ἡ δὲ ἐλοιδόρει αὐτὸν λέ-  
γουσα· Χαλκόσπλαγγνε, ἐλέ-  
ησόν με, ὅτι μονογενῆς μοί  
ἐστίν.

At illa foris clamabat di-  
cens: Ferree, miserere mei  
quoniam unigenitus mihi est.

## COMMONITIONES IV,4 (lin. 31-35)

Tunc illa coepit maledicere ei ac dicere: *Durissime et impiissime et ferrea uiscera gerens, quomodo te tantus dolor fletus mei non flectit ad misericordiam, quomodo ipsum unicum filium habeo quem in periculo mortis uideo constitutum.*

6 — Devemos, no entanto, confessar que em alguns casos a tradução parece retorcida e a frase se torna de compreensão difícil. Eis a continuação do apotegma I,3<sup>c</sup>, no ponto em que há pouco o interrompemos, a propósito das paixões da carne (lin. 13-16):

<sup>(55)</sup> Adiante estudaremos em pormenor as «características do latim» do tradutor, pp. 150-258, especialmente 192-199.

... si fame ieiuniorum atque uigiliarum labore macerentur, tunc etiam aduersariorum nostrorum daemonum humiliatur uirtus *quam per corporis nostri fortitudinem* contra nos exercere solent.

IOANNES COLOBVS 3 (205)

PASCÁSIO XIII,1

... ἐὰν ἐν νηστείᾳ καὶ λιμῶ  
πολιτεύσῃται ἄνθρωπος, οἱ  
ἐχθροὶ ἐξασθενοῦσι ἀπὸ τῆς  
ψυχῆς αὐτοῦ.

... si in ieiunio et fame  
uolueris uiuere, deterrescunt  
et non sunt fortes aduersus  
animam.

Antes de mais, note-se o desenvolvimento que a este breve passo deram as *Commonitiones*. O segundo membro da frase podia traduzir-se assim: *os inimigos tornam-se fracos em relação à alma*. E foi esta, aproximadamente, a interpretação que lhe deu Pascásio. As *Commonitiones*, introduzindo o complemento *per corporis nostri fortitudinem*, dificultam a singeleza do pensamento. Em vez de *fortitudinem* parece que antes se deveria esperar *infirmiorem*, dando a *per* o valor de complemento de causa: *graças a, devido a*. Na realidade, porém, as mortificações são um meio de fortalecimento e de aumentar a resistência da alma. Neste sentido se poderá compreender o inciso, tendo por palavra-chave *fortitudinem*. Mas não há dúvida de que o pensamento não flui com limpidez.

O breve apotegma V,6 apresenta duas passagens de difícil interpretação. Falta-nos o texto grego e qualquer outro paralelo latino que nos ajudem a esclarecer o sentido. Sobretudo a última frase está demasiado sobrecarregada de elementos, de modo que se torna difícil dar-lhe uma ordenação clara e garantir uma interpretação segura. Estudaremos em pormenor todo este número quando tratarmos do problema do tradutor (pp. 136-149).

## Cap. VI — TRÊS PROBLEMAS: DATA, AUTOR E TRADUTOR

### 1 — A DATA

A data da composição das *Commonitiones* só parcialmente até agora poderia ter sido considerada, uma vez que historiadores e filólogos apreciavam todo o Livro III das *Vitae Patrum* de Rosweyduş como uma unidade. As suas observações apenas serão válidas na medida em que digam respeito aos nn. 1-40 de Rosweyduş, isto é, à antologia das *Commonitiones* divulgada pelo Livro III.

1 — M. Chaine, num juízo global sobre a redacção grega primitiva do Livro III e dos textos que serviram de base às traduções de Pascásio e de Martinho de Dume, afirma que não lhe parece exagerado atribuir a estas três colecções de apotegmas uma data anterior à elaboração da série nominal<sup>(56)</sup>. Ora W. Bousset estabeleceu como data aproximada em que (das diversas colecções existentes, as quais repetiam por vezes os mesmos apotegmas com pequenas divergências) um coleccionador organizou uma compilação por ordem alfabética dos nomes dos Padres, «os últimos decénios do século V, aproximadamente entre 460 (70) e 500»<sup>(57)</sup>.

---

<sup>(56)</sup> M. CHAINE, *Le texte original des Apophtegmes des Pères* in *Mélanges de la Faculté Orientale, Université de Beyrouth*, V (1912), pp. 545-546.

<sup>(57)</sup> W. BOUSSET, *Apophthegmata, Studien zur Geschichte des ältesten Mönchtums*, Tübingen, 1923, p. 68.

Mas quando o próprio Bousset se refere em particular ao Livro III, limita-se a dizer que ele surgiu «em data indeterminada»; depois, considerando em conjunto os Livros III e VII, supõe que eles remontam a um texto grego comum, colecção esta que seria de «grande antiguidade e valor», texto diferente do da obra que foi traduzida por Pelágio e João, o que contribui «para a valorização independente desta colecção». Apesar de Bousset trabalhar com edições defeituosas, a análise que faz dos nn. 1-43 do Livro III é quase perfeita, pois pressentiu que «esta parte não remonta, provavelmente a uma fonte comum»<sup>(58)</sup>.

Mais pertinente é o estudo de Theodor Hopfner no capítulo em que estuda as colecções latinas do Livro III, VII e de S. Martinho de Dume<sup>(59)</sup>. Examina a lista dos Padres mencionados no Livro III e conclui que «nenhum destes homens viveu para além do ano 450 aproximadamente». O mesmo conclui em relação às figuras do livro de Pascásio. Ao nosso propósito importa ainda a observação de que o Livro III apresenta o nome de alguns Padres, em apotegmas que noutras colecções são dados como anónimos. Isto leva-o a supor que a organização original do Livro III remonta a uma antiguidade maior que a das outras colecções. E apresenta como exemplos os nn. 107, 25, 29 e 30. Como sabemos, o n. 107 é uma reelaboração da tradução de Pascásio<sup>(60)</sup>. Mas os outros três apotegmas pertencem realmente às *Commonitiones*.

2 — Cremos que Hopfner estava no bom caminho. Agora que temos o texto genuíno deste livro, podemos perscrutar qual a época a que as *Commonitiones* se reportam e qual o

<sup>(58)</sup> *Op. cit.*, pp. 22-23.

<sup>(59)</sup> TH. HOPFNER, *Über die koptisch-säidischen Apophthegmata Patrum Aegyptiorum und verwandte griechische, lateinische, koptisch-bohairische und syrische Sammlungen*, Wien, 1919, cap. VI, pp. 22-28.

<sup>(60)</sup> Cf. Pascásio de Dume..., t. II, p. 182. Cf. também *supra* p. 76.

último facto nelas mencionado, datável historicamente <sup>(61)</sup>. Observemos os nomes mais conhecidos.

*Abbas Antonius* (referido em *Commonitiones* V: 1,2 e 8) entrou na vida eremítica entre 270 e 275. No ano de 341 visitou Paulo (o iniciador da vida solitária, aí por 250 a 257). Tendo Antão falecido em 356, Atanásio, arcebispo de Alexandria, escreveu logo a sua vida, em 357.

O *eremita Pior* (V,2) fez-se em 325 discípulo de Antão. Passou para as montanhas da Nítria em 330 e veio a falecer em 360.

*Abbas Pachomius* (V: 7 e 8) entrou na vida monástica em 314, fundou o primeiro mosteiro em 318, viu o florescimento da vida cenobítica e morreu a 9 de Maio de 346. As *Pachomii Vitae Graecae* foram redigidas entre 357 e 368.

*Theodorus, discipulus fuit sancti Pachomii* (V,7), entrou no mosteiro de Tabennísi em 328. Após a morte de Pacómio foi o seu terceiro sucessor, talvez a partir de 350, até que faleceu em 27 de Abril de 368.

*Abbas Macarius* (III,1; IV,19) iniciou-se na vida eremítica cerca do ano 330, foi ordenado presbítero por 340 e veio a falecer por volta de 390.

*Abbas Dioscorus, presbyter* (I,15) veio a ser sagrado bispo de Hermópolis em 394.

---

<sup>(61)</sup> Para este estudo utilizámos as tábuas cronológicas e as referências a cada Padre que se encontram nas seguintes obras: TH. HOPFNER, *op. cit.*, na nota 59, pp. 9-10; W. BOUSSET, *op. cit.* na nota 57, pp. 60-66; C. BUTLER, *The Lausiac History of Palladius*, II, Cambridge, 1904, pp. C-CII (com um mapa na p. XCVIII); H. G. E. WHITE, *The monasteries of the Wádi 'n Natrún*. Part II: *The history of the monasteries of Nitria and Scétis*, New York, 1932, pp. 12-167, obra muito rica em elementos e de profunda investigação histórica; KARL HEUSSI, *Der Ursprung des Mönchtums*, Tübingen, 1936, pp. 138-144; A. FLICHE-V. MARTIN, *Histoire de l'Église*, t. III, Paris, 1939, pp. 321-327 (com um mapa na p. 298); P. DESELLE, *Les saints moines d'Orient*, Namur, 1959, pp. 10-11. Para situar os lugares mencionados nas *Commonitiones* e os mosteiros ou desertos onde viveram os Padres aqui indicados cf. além dos dois mapas já referidos: F. VAN DER MEER-CHRISTINE MOHRMANN, *Atlas van de oudchristelijk wereld*, Amsterdam, 1961, n. 17, 18 e 34; M.-J. ROUET DE JOURNÉL, JEAN MOSCHUS, *Le pré spirituel*, Paris, 1946, (colocado no fim do livro); J.-P. MIGNÉ, *Patrologia Latina*, t. 73, no verso do ante-rosto e no do rosto deste primeiro volume consagrado às *Vitae Patrum*.

*Pater Isaac, presbyter* (IV,8) poderá ser o discípulo de S. Macário ou o discípulo de Crónio. Na primeira hipótese teria vivido na passagem do IV para o V século; na segunda, poderíamos precisar mais, pois Isaac foi o sucessor de Crónio em 395.

Para *abbas Isidorus* (II,4) não temos elementos exactos, dado que há vários com este nome. Um esteve com Santo Atanásio em Roma, em 340; outro, presbítero de Scétis, teve como sucessor Pafnúcio e este foi substituído por João Cólobo; e Isidoro de Pelúsio (contemporâneo do patriarca de Alexandria, Cirilo, eleito em 412), já tinha morrido em 435.

*Abbas Moyses* (II,4) aparece-nos em conferência espiritual com *abbas Isidorus*. Ora de Moisés sabemos que morreu durante o assalto que os bárbaros fizeram ao mosteiro de Scétis, em 407. Daí pensarmos que o *Isidorus* mencionado neste apotegma, em conversa com Moisés, é o segundo acabado de referir.

*Abbas Ioannes Colobus*, com quem abrem as *Commonitiones* (I: 2 e 3) é sem dúvida a personagem estudada por Amélineau<sup>(62)</sup> que o identifica como um contemporâneo do patriarca Teófilo de Alexandria (385-412), tendo a sua morte ocorrido por 435.

Do *senior Agathon, nominatissimus* (IV,7) sabemos que tinha muitos discípulos, alguns dos quais, quando se espalhou a fama de Arsénio, passaram a viver junto deste, em Scétis.

*De beato Arsenio* é o título para todo o cap. VI e, de facto, cada um dos seis apotegmas o menciona. Arsénio nasceu em Roma, de família senatorial, cerca de 354. Convidado por Teodósio I (379-395) para preceptor de Honório e Arcádio, viveu em Constantinopla desde 383 até que em 394 resolveu

---

(62) E. AMÉLINEAU, *Histoire des monastères de la Basse-Égypte. Vies des saints Paul, Antoine, Macaire, Maxime Domèce, Jean le Nain, etc.*, Paris, 1894. Inclino-nos para a identificação proposta por Amélineau, porque a sua biografia contém episódios que se encontram também nas *Commonitiones* — IV: 14 e 15 (cf. pp. 334-336 e 346 de Amélineau). Nesta tradução do orientalista francês descobrimos também alguns lugares paralelos para os apotegmas vertidos por Pascásio de Dume.

retirar-se para Scétis, donde teve de sair, em 407, devido à invasão dos *Mazices* (cf. Pascásio XCVI,4). Permaneceu depois noutros mosteiros até que faleceu com mais de 90 anos, em data que pode ter oscilado entre 445 e 449.

*Abbas Daniel* começou cedo a vida monástica. Foi primeiro discípulo de Pafnúcio (que tinha mais de 90 anos em 399) e depois de Arsénio (VI: 2, 4 e 6), cujos ditos e feitos contava aos irmãos mais novos e aos visitantes.

*Abbas Zeno* (I,14) foi discípulo de Silvano, viveu em Scétis e peregrinou pela Palestina e Síria. Sabemos que morreu no ano de 450.

O *abbas Poemen* de que falam as *Commonitiones* (I,8; II,10; IV: 3, 4, 5 e 6; VI,5) deve ser distinguido de um outro *abbas Poemen* que viveu no círculo de Santo Antão, em Pispir, no princípio do século IV. O nosso *abbas Poemen* nasceu à volta de 340; aos 15 anos entrou para o mosteiro de Scétis donde fugiu, com seu irmão Anub e mais cinco irmãos (cf. Pascásio XCVI,4), para Terenútis, em 407, por ocasião do saque de Scétis. O episódio que ele nos conta sobre a visita do imperador Teodósio II a um monge, em Constantinopla, ocorreu no ano de 446, segundo averiguou Nau<sup>(63)</sup>. Assistiu à morte de Santo Arsénio, que segundo White ocorreu em 449. Depois das restrições decretadas pelo concílio de Calcedónia (451) e postas em vigor pelo imperador Marciano (450-457) foi ainda visitado por um monge de nome João. A sua morte deve colocar-se, portanto, o mais cedo, depois de 451.

Resumindo os elementos históricos acabados de apontar, verificamos que o ambiente monástico descrito nas *Commonitiones* abrange um período que vai de meados do século IV

---

(63) F. NAU, *Recueil de monographies, IV*, in *Patrologia Orientalis VIII* (1912) pp. 5-156, com um *Appendice* (pp. 157-183) do qual constam *Textes complémentaires* (pp. 162-183), sendo um *Sur Théodose le Jeune et les moines* (pp. 166-174). A datação exacta do episódio narrado em *Commonitiones IV*, 3 encontra-se na p. 167. Da p. 164 deste estudo recolhemos também os elementos fornecidos sobre *abbas Zeno*.



(quando visitou Paulo, em 341, *Antão* tinha já 90 anos) até meados do século V, pois João visitou *Poemen* após 451.

3 — Observando agora os apotegmas das *Commonitiones* sob o ponto de vista da evolução deste género literário, concluímos que representam a última fase do processo evolutivo<sup>(64)</sup>.

Não há qualquer dúvida de que a colecção mantém o espírito do género apotegmático. O apotegma nasceu da consulta feita pelo discípulo ao seu pai espiritual que lhe responde com uma sentença breve. Estes diálogos rápidos ou os simples ditos de carácter gnómico, tão frequentes em Martinho, em Pascásio e em Pelágio-João, faltam quase por completo nas *Commonitiones*. Nestas, mesmo quando o apotegma se reduz a pouco mais de meia dúzia de linhas (cf. sobretudo o cap. I) a redacção está sempre ampliada, relativamente ao paralelo grego que possuímos. Todavia, o espírito original do apotegma pode ainda ser surpreendido nas *Commonitiones*.

Em I,16 vemos alguns irmãos a consultar o abade José sobre o modo de receber os visitantes. Depois da resposta, o autor acrescenta (linhas 12-13): *Haec itaque audientes fratres tamquam uiri Dei praeceptum susceperunt uerbum eius*. O conselho foi recebido e acatado como se fosse uma ordem, porque o ancião era considerado pelos consulentes como «um homem de Deus».

Em IV,12, no meio de uma narração bastante longa, depa-ramos com o motivo das visitas aos anciãos (linhas 9-10): *desiderantes ab eo audire uerbum salutis aeternae*; e indica-se clara-

---

<sup>(64)</sup> Sobre os diversos tipos de apotegmas, sua evolução e características, cf. W. BOUSSET, *Apophthegmata*, Tübingen, 1923, pp. 77-88; E. A. WALLIS BUDGE, *The wit and wisdom of the christian fathers of Egypt*, Oxford, 1934, p. VI; K. HEUSI, *Der Ursprung des Mönchtums*, Tübingen, 1936, pp. 146-153; R. DRAGUÉ, *Les Pères du Désert*, Paris, 1949, p. XIV; e sobretudo J.-P. GUY, *Remarques sur le texte des apophthegmata patrum* in *Recherches de Science Religieuse*, XLIII (1955), pp. 252-258; IDEM, *Note sur l'évolution du genre apophthegmatique* in *Revue d'Ascétique et de Mystique* XXXII (1956), pp. 63-68; IDEM, *Les apophthegmata patrum* in *Théologie de la vie monastique*, Lyon-Paris, 1961, pp. 73-83.

mente o domi carismático do monge consultado (linhas 10-11): *habebat enim gratiam spiritalem docendi uerbum Domini*.

Características da última fase dos apotegmas são as longas narrações que se vão assemelhando a uma *novela* (cf. I,11; II: 6,7,8,9; IV: 1,2,3,4,6,7,10,12,16,17,19; V: 2,3,7,); os acrescentos *bíblicos*, a confirmar o pensamento primitivo (cf. I: 8,12,14; II: 1,2,4,6,10; IV: 7,11,14,19; V: 2,7,8; VI: 2,6); a inclusão de *milagres e revelações* (cf. II,4; IV: 11,13,16,18; V: 8,9; VI: 2); o carácter de *exortação ou homilia* (cf. I: 1,3,6; III,1; IV: 3,5,9; V: 1,8,9); a *interpretação alegórica ou espiritual* da Escritura (cf. I: 8,13); o ensinamento feito através de *alegorias* (cf. V, 9; VI,2). Este conjunto de processos estilísticos levam-nos a concluir que os apotegmas aqui apresentados não se encontram na sua primeira versão, mas testemunham antes uma reelaboração, num período em que este género tinha entrado na literatura com as suas peculiaridades típicas de época mais tardia.

4 — O próprio modo de se referir aos «padres» mais famosos deixa entrever que as figuras descritas são vistas a certa distância, já sob o ângulo da veneração e glorificação. Será bom comparar com outras colecções de apotegmas.

O famoso Santo Antão é uniformemente tratado apenas por *abbas Antonius* em Pelágio (I,1), Martinho (53) e Pascásio (XIV,2); o grande Macário Egípcio é também somente *abbas Macarius* (Pelágio I,6; Martinho 15; Pascásio X,4); o mesmo acontece com o letrado Arsénio que não passa de *abbas Arsenius* (Pelágio II,3; Pascásio III,4; Martinho não o menciona); finalmente o mais sentencioso de todos, Poemen, é igualmente tratado por *abbas Poemen* (Pastor, como traduz sempre para latim) Pelágio I,12, etc.; Martinho 3, etc.; Pascásio I,4, etc.

Vejamos agora como o autor (não deve tratar-se de inovação do tradutor) das *Commonitiones* considera estas quatro figuras:

— *beatus abbas Poemen* (I,8; II,10; IV,3), *ipso sancto Poemen* (IV,4);

- *sanctus abbas Macarius* (III,1);
- *sanctus ac beatissimus Antonius* (V:1,2,8);
- *de beato Arsenio (incipit de VI); sanctus Arsenius* (V,2).

Pacómio recebe os qualificativos de *sanctus*, *beatus*, *beatissimus* (V: 7,8) e o seu discípulo Teodoro o de *beatus* (V,7). Aliás, este processo de beatificação pode considerar-se quase uma constante do estilo do autor. Os grandes modelos da vida monástica são propostos como dignos de veneração: *sanctus abbas Ioannes* (I,2), *sanctus abbas Dioscorus, presbyter* (I,15), *sanctus abbas Ioseph* (I,16); *beatus abbas Moyses* (II,4); *sanctus abbas Isidorus* (II,4); *Agathon, nominatissimus in uirtute humilitatis et patientiae* (IV,7); *beatus pater Isaac, presbyter* (IV,8); *beatus abbas Apollo* (IV,11); *beatus abbas Athanasius* (IV,17); *famulus Dei Martianus* (V,4). Mesmo quando o nome não é indicado, persiste uma genérica fórmula de respeito: *uenerabilis famula Christi* (V,3, linhas 12-13); *beatus senior*, sem outra identificação (V,9, linha 13); *quidam aegyptius uenerabilis monachus* (VI,3, linha 1-2).

Há, no entanto, alguns casos em que não se vai além do simples epíteto de *abbas*: *Beniamin* (I: 9,10), *Nitera* (I,12), *Siluanus* (I,12), *Zeno* (I,14), *Paulus* (IV,13), *Ioannes* (V,3), *Daniel* (VI: 2,4,6); ou então de uma designação corrente: *discipulus nomine Petrus* (IV,15), *frater Eulalius* (IV,16), *eremita nomine Pior* (V,2; mas na *capitulatio* respectiva *sanctus Pior*).

Apesar destas últimas designações comuns, deve reconhecer-se que a tendência geral é para a exaltação honorífica dos «Padres». Não há nenhuma colecção latina de apotegmas em que apareça tantas vezes a expressão *sancti patres* (a começar pelo título) com um valor global de «monges, eremitas». Em II,2, linhas 20-22, um ancião aconselha o discípulo a abrir-se ao director espiritual, dizendo-lhe: *Nihil enim ita allidit uirtutem daemonum quomodo si quis secreta immundarum cogitationum reuelauerit sanctis ac beatissimis patribus*. Este pensamento encontra-se em grego (Nau, 164) e nos paralelos latinos

(Pelágio V,13<sup>a</sup>) e Pascásio (LXXIII,4), mas nenhum deles faz referência directa aos «sanctis ab beatissimis patribus» (65).

Não queremos valorizar demasiado o valor cronológico desta atitude de beatificação dos Padres. Todavia, não deixa de impressionar a diferença existente entre as *Commonitiones* e as outras colecções.

Este conjunto de circunstâncias — acontecimentos narrados até pouco depois de 451, apotegmas que representam a última fase deste género literário, distanciamento respeitoso do autor em relação às personagens referidas, as quais, mesmo as mais tardias, já estão nimbadas com a auréola da santidade — tudo nos leva a concluir que as *Commonitiones* são uma colecção tardia. Atendendo a que o género atingiu o seu florescimento literário, em grego, na segunda metade do século V, parece-nos lícito supor que a reelaboração grega que deu origem às *Commonitiones* deve ter sido realizada pelos fins do século V ou princípios do século VI (cf. também pp. 116, 119-120, 132-133, 150, 215, 246).

Talvez por isso mesmo nós não dispomos de um texto grego que corresponda literalmente às *Commonitiones*. A série alfabético-anónima, compilada, segundo Bousset (66) entre 460 e 500, não disporia ainda desta nossa colecção, apesar de o fundo, quanto ao conteúdo, ser o mesmo. Pode pôr-se ainda a hipótese de as *Commonitiones* já existirem, mas o compilador do grego chegado até nós teria preferido os apotegmas mais breves, melhor representados nas restantes colecções. As *Commonitiones*, por mais tardias e desenvolvidas, teriam sido preteridas.

---

(65) Sobre a origem, significado e uso de *sanctus* já no latim clássico, cf. H. FUGIER, *Recherches sur l'expression du sacré dans la langue latine*, Paris, 1963, pp. 155-292.

(66) Cf. nota 57, p. 94.

## 2 — O AUTOR

1 — O problema da autoria do Livro III das *Vitae Patrum*, cujos primeiros 40 números são, de facto, das *Commonitiones*, tem sido largamente discutido. H. Rosweyodus rejeita a opinião dos que o atribuem a Evágrio ou a Postumiano. Em seu entender, acumulando argumentos de ordem externa e levado pelo estilo, Rufino é «com certeza o autor ou pelo menos o tradutor»<sup>(67)</sup>.

Este juízo, expresso por Rosweyodus logo na primeira edição das *Vitae Patrum*, em 1615, foi imediatamente contestado por Georgius Garnefeld<sup>(68)</sup>, em 1621. Com vigor afirma que «não são necessários muitos argumentos» para rebater Rosweyodus: «basta um só passo, o n. 163, onde se descreve a morte de Santo Arsénio. Ora Rufino não sobreviveu até esta altura, pois Baronius assinala para a sua morte o ano de 410». Tendo Arsénio falecido a 450, conclui: da oposição destas datas ressalta que «Rufino não pode ser o autor do Livro III de Rosweyodus». Em seu parecer «o autor e mesmo o tradutor é desconhecido. As leves conjecturas baseadas no estilo e no prólogo não têm qualquer valor».

O raciocínio de Garnefeld é justo. Simplesmente... o n. 163 do Livro III de Rosweyodus não passa de uma recensão do cap. LII, 5 de Pascásio, de modo que apenas podemos hoje concluir que o original grego de que se serviu Pascásio foi elaborado após o ano 450. Todavia, chegaremos ao mesmo resultado se observarmos, por exemplo, que o episódio narrado nas *Commonitiones* IV,3 se passou em 446, pelo que Rufino, cuja morte ocorreu em 410, não podia ter sido o autor ou o tradutor desta colecção de apotegmas<sup>(69)</sup>.

---

<sup>(67)</sup> H. ROSWEYDVS, *Vitae Patrum*, in *Patrologia Latina*, t. 73, prolegomenon V, coll. 38-39.

<sup>(68)</sup> G. GARNEFELD, *Elucidationes sacrae in quinque libris de imaginibus antiquorum eremitarum*, Coloniae Agrippinae, 1621, pp. 620-622.

<sup>(69)</sup> Sobre a datação deste episódio, cf. supra, nota 63, p. 98.

Dominicus Vallarsius, editor das obras de Rufino (retomadas pela *Patrologia Latina*) nega também que Rufino tenha escrito ou traduzido o Livro III de Rosweyodus, observando mesmo que este livro é composto de extractos de vários autores <sup>(70)</sup>.

C. Butler escreve textualmente: «A atribuição de Rosweyodus do Livro III a Rufino é certamente errónea» <sup>(71)</sup>. Perante este consenso, admira que um estudioso como Th. Hopfner fale sempre de Rufino como se ele fosse o autor dos apotegmas do Livro III <sup>(72)</sup>. Mais prudente, W. Bousset diz apenas que o «Livro III das Vitae Patrum é de origem anónima» <sup>(73)</sup>. Como veremos no parágrafo seguinte, ao tratar do tradutor, Salonius, convencido da inautenticidade do Livro III, passou a designá-lo por Pseudo-Rufino, terminologia inexpressiva que muitos críticos têm adoptado.

Se bem que não mencione qual o autor do Livro III, J. Pérez de Urbel é o único historiador do monaquismo que, até agora, avançou com uma hipótese estranha sobre o tempo e lugar em que surgiu esta colecção. Depois de elogiar a tradução de Pascásio, de cujo «original solo queda el último capítulo» (!), afirma que «ella inspiró otra collección de anécdotas monásticas, compuesta algun tiempo después, acaso también en España». E em nota esclarece: «Me refiero al libro III de las *Vidas de los Padres* hecho con centones de Pascasio, Rufino y S. Jerónimo» <sup>(74)</sup>. Tão longe vai a imaginação de um espanhol!

---

<sup>(70)</sup> Cf. J.-P. MIGNE, *Patrologia Latina*, t. 21, Parisii, 1878, coll. 388, 390, 458.

<sup>(71)</sup> C. BUTLER, *The Lausiac History of Palladius*, Cambridge, 1898, p. 210.

<sup>(72)</sup> TH. HOPFNER, *Über die koptisch-säidischen Apophthegmata Patrum Aegyptiorum* (...) *Sammlung*, Wien, 1919, pp. 22-28.

<sup>(73)</sup> W. BOUSSET, *Apophthegmata*, Tübingen, 1923, p. 22.

<sup>(74)</sup> JUSTO PÉREZ DE URBEL, *Los monjes españoles en la Edad Media*, I, Madrid, 1945, p. 220. Note-se que o «último capítulo» a que Dom Justo se refere, o XLIV da edição de Rosweyodus, não pertence a Pascásio. (Cf. *Pascásio de Dume...*, t. I, pp. 28-30; t. II, pp. 167-187 e 274-279). Quanto à data e local sugeridos, gostaríamos de conhecer as provas que apoiam esta hipótese nacionalista...

2 — Faltam, de facto, quaisquer testemunhos externos que nos indiquem qual o autor das *Commonitiones*. A observação atenta do texto genuíno chegado até nós deixa-nos entrever, porém, alguns traços da sua personalidade.

Em V,8, linhas 35-36, lemos a expressão: *Ipse autem beatus pater noster Pachomius docebat fratres...* e continua fazendo o elogio do tipo de vida dos monges pacomianos. Neste passo, *pater* tem, de modo evidente, o valor de «fundador de uma ordem religiosa». Com tal significado aparecera já antes, em V,7, linhas 3-4, referido também a S. Pacómio, *qui fuit pater infinitae multitudinis monachorum*.

Nos outros casos, além do valor corrente de «pai» e «pai espiritual», aparece a expressão *pater monasterii* para designar o superior do convento (cf. IV,16: linhas 11 e 17; IV,18: linhas 8-9,10 e 17; V,7: linhas 4, 29 e 31). O cargo de superior é também indicado pela palavra *praepositus* (V,8, linha 15) e por *abbas monasterii* (IV,18, linhas 15-16).

O autor das *Commonitiones* é, sem dúvida, um monge da regra de S. Pacómio. Só assim se compreende que, propondo-se contar um episódio ocorrido com Teodoro, o qual *discipulus fuit sancti Pachomii* (V,7, linhas 2-3), a simples menção deste nome o leve a fazer uma digressão entusiasta sobre a fecundidade da acção de S. Pacómio e as suas virtudes, entre as quais o dom da profecia (linhas 3-7). E só então retoma o caso de Teodoro. Parecendo não ter ficado satisfeito, após o episódio ocorrido com Teodoro junta um novo elogio de *sanctum Pachomium* que, entre outros milagres, tinha o dom de expulsar demónios e de curar enfermos (V,7, linhas 60-64).

O n. V,8 é todo ele dedicado a S. Pacómio, classificado de *beatissimo patre* (linhas 13-14), insistindo em que foi, *ut diximus, multorum monasteriorum in regione Tabennensiotarum praepositus* (linhas 14-15). E para não surgirem dúvidas sobre o papel importantíssimo de S. Pacómio para a vida monástica, começa-se por compará-lo com Santo Antão, pois tal como este *certamen bonum certavit, sicut athleta veritatis* (linhas 2-3). Ora

*sanctus ac beatissimus Antonius* foi um *uerus in Christo pater monachorum* (V,1).

Neste contexto adquire novo significado o apotegma dedicado a Teodoro (V,7), o discípulo que se mostra tão zeloso do recolhimento da vida monástica, a ponto de argumentar vigorosamente perante uma cedência de S. Pacómio, já movido pelas cartas de recomendação dos bispos e pela afeição familiar da irmã de Teodoro.

Ora este Teodoro tornara-se famoso entre os cenobitas pacomianos<sup>(75)</sup>. Tendo grassado uma peste no ano de 346, S. Pacómio morreu vítima dela a 9 de Maio. Sucedeu-lhe Petrónio, que dois meses depois foi levado pela mesma peste. O segundo sucessor de Pacómio foi Orsiesius, cujo governo não agradou. Para evitar um cisma na congregação, Orsiesius nomeou, em 350, a Teodoro como seu coadjutor, o qual veio a ser o terceiro sucessor efectivo de S. Pacómio. Teodoro morreu a 27 de Abril de 368.

O tipo de vida implantado por S. Pacómio despertou tanto entusiasmo que, quando da sua morte, ele dirigia já 9 mosteiros de homens e 2 de mulheres. Cassiano, que viveu no Egipto de 385 a 399, diz que havia então 5 000 monges; Paládio, que visitou e viveu em diversos mosteiros desde 388 até 400, fala de 7 000 monges; e S. Jerónimo, que em 404 traduziu as Regras de S. Pacómio, eleva a contagem para 50 000. Seja ou não exagerado este último número, ele reflecte que no século V o cenobitismo tinha empolgado os cristãos mais desejosos de perfeição espiritual.

Neste ambiente viveu o autor das *Commonitiones*. A confirmar a sua profissão monástica segundo as Regras de S. Pacómio estão precisamente os nn. 7 e 8 do cap. V. Com efeito, os ditos e feitos de Pacómio não pertencem à tradição apotegmá-

---

<sup>(75)</sup> Sobre Pacómio, os seus sucessores e a sua obra, cf. P. LADEUZE, *Étude sur le cénobitisme pachomien pendant le IV<sup>e</sup> siècle et la première moitié du V<sup>e</sup>*, Louvain, 1888; *Enciclopedia Cattolica*, Vaticano, IX vol., 1952, coll. 511-514.



tica. A série nominal não regista o seu nome. Todavia, o autor das *Commonitiones*, ao coligir e reelaborar exemplos edificantes da vida dos padres do deserto, não se conteve que não fosse à *Vida de S. Pacómio* e daí recolhesse dois passos que transformou em apotegmas, exaltadores das figuras de Pacómio e de Teodoro. Não somos nós que estamos a forçar os textos; são os textos que nos obrigam a ver, por detrás da sua forma, vivacidade e entusiasmo, o discípulo apaixonado pelos fundadores da sua congregação.

### 3 — ALGUNS TÓPICOS DO AUTOR

A personalidade do autor das *Commonitiones* revela-se também através do seu estilo e dos seus tópicos preferidos.

Vimos já <sup>(76)</sup> que os apotegmas são por vezes apresentados em forma de narração ou reportagem. Aos exemplos então apresentados, embora sumariamente, podemos agora acrescentar mais um, precisamente a respeito do *beatus pater noster Pachomius* (V,8, linhas 35-36). Depois de uma introdução em que compara *beatus abbas Pachomius* (linha 1) com *beatus Antonius* (linha 3), começa a descrição propriamente dita com estas palavras típicas do género narrativo (linhas 13-16):

*Referebant autem nobis fratres de eodem beatissimo patre Pachomio, qui fuit, ut diximus, multorum monasteriorum in regione Tabennensiotarum praepositus, referebant ergo de eo quod frequenter dicebat patribus...*

Repare-se na anáfora de *referebant*, a marcar o tom coloquial, e na expressão *ut diximus*, a remeter para o princípio do apotegma anterior (V,7), onde a simples menção do nome de *sancti Pachonii* leva logo a apresentá-lo como *uiri de magnis*

---

(76) Cf. cap. IV, pp. 67, 100.

*patribus, qui fuit pater infinitae multitudinis monachorum, multorum-que monasteriorum pater in partibus Thebaidae* (linhas 3-5).

Outra característica já apontada <sup>(77)</sup> é a conversão do apotegma em exortação ou homilia. De facto, além dos casos citados, várias outras vezes ocorrem expressões como: *oportet, filioli, ut...* (I,1, linha 2); *credite mihi, filioli, quia...* (I,6, linhas 3-4); *praecipiebat discipulis suis et saepe monebat eos ut...* (V,1, linhas 2-3), apotegma este todo ele em tom de oratória sacra: *oportet ergo et ualde conuenit ut...* (linha 11), *ita enim debent monachi pro suis parentibus interuenire et deprecari Dominum, ut aeternam salutem mereantur accipere in uita perpetua, et regno Iesu Christi Domini nostri sors eorum inueniatur. Amen* (linhas 19-22). E o mesmo se passa em V,4, linhas 1-2: *simile exemplum referemus*; em V,8, linhas 28-29: *ideoque, fratres mei dilectissimi, semper oportet ut...*; e em V,9, linhas 15-16: *exhortabantur ergo sancti patres per monasteria et commonebant fratres dicentes: Cauete, fratres,...* Aliás, os vocábulos *commonitio, monitio, monitum, commonere, admonere* e semelhantes, aparecem desde o título da colecção até à penúltima linha do último apotegma (VI,6).

Além destas características do estilo, há alguns tópicos que sem dúvida eram queridos do autor das *Commonitiones* e por isso os introduziu várias vezes.

### A — A felicidade celeste como prémio

Contámos 30 referências à recompensa que Deus dará aos justos no Céu. Todavia, só duas vezes o texto grego que possuímos aponta para este motivo. Confrontemos primeiro estes dois passos, de I,6 e V,5.

---

<sup>(77)</sup> Cf. cap. IV, pp. 67-70.

Em I,6 conta-se que alguns irmãos exortavam um ancião a que não se entregasse a tão duras penitências. E ele respondeu-lhes:

NAU, 197

Λέγω ὑμῖν, τέκνα, ὅτι  
Ἄβραάμ ἔχει μετανοῆσαι  
ὁρῶν τὰς δωρεὰς τοῦ Θεοῦ  
τὰς μεγάλας, διότι μὴ πλέον  
ἠγωνίσασατο.

COMMONIT. I,6 (lin. 3-8)

Credite mihi, filioli, quia  
Abraham, Isaac et Iacob, sanc-  
ti patriarchae, et omnes sancti  
poeniteri habent *in illo futuro  
beato saeculo uidentes illa in-  
narrabilia dona Dei, magna et  
ineffabilia bona, quae praepa-  
rauit Deus diligentibus se et  
custodientibus praecepta eius...*

É evidente que o autor tirou partido da menção feita no texto tradicional para introduzir uma explicitação muito embelezada.

O n. V,5 é todo ele uma tradução quase literal do grego primitivo. Um monge, ouvindo dizer que sua irmã estava doente, num mosteiro feminino, resolveu ir visitá-la. Para que ele não entrasse num convento de mulheres, ela recusou-se a recebê-lo, dizendo:

NAU, 153

Πορεύου, ἀδελφε, εὐχόμενος  
ὑπὲρ ἐμοῦ, καὶ χάριτι Χριστοῦ,  
βλέπω σε ἐν τῇ βασιλείᾳ τῶν  
οὐράνων.

COMMONIT. v,5 (lin. 6-8)

Vade, domine frater, et  
ora pro me. Praestante enim  
gratia Dei et Saluatoris nos-  
tri, uidebo te *in futuro saeculo,  
in regno Domini nostri Iesu  
Christi.*

Aqui temos um passo quase literalmente aproveitado, notando-se apenas breves ampliações.

O mesmo se passa com II,2 cujo texto latino, até à linha 22, corresponde aproximadamente a *Nau*, 164. A um jovem fortemente tentado aconselhava um ancião: Não temas, vem revelar-me a tentação, porque assim o demónio se afastará. Mas o autor das *Commonitiones* prolonga a exortação com três passos da Escritura e junta ainda por sua conta (linhas 26-28):

*Considera ergo, filiole, quia certamen tuum expectat Dominus, tibi que contra diabolum dimicanti parat aeternitatis coronam.*

Para o n. IV,19<sup>b</sup> temos um paralelo bastante ajustado em Macário 23 (272). Mas enquanto o nosso grego termina com uma exortação em 5 linhas (a meia coluna), o autor das *Commonitiones* elabora, por sua conta, um longo conselho, que ocupa as linhas 39-96 do nosso texto, entre as quais se encontram os seguintes passos: ... *illam solam caelestem aeternamque gloriam concupiscunt qui Christo placere desiderant* (linhas 66-67); ... *caue etiam ne (...) mercedem in aeterna uita non consequaris a Domino* (linhas 76-80); e... *quatenus possimus ad caelestia praemia et ad aeternae uitae gloriam peruenire* (linhas 94-95).

Baste-nos enunciar os outros passos em que este tema é introduzido, por conta do reelaborador das *Commonitiones*: I,1 (linhas 5-7 e 23-24); I,4 (lin. 9-10); I,7 (lin. 16-17); I,15 (lin. 8-9); II,2 (lin. 12-13); III,1 (lin. 30-32); IV,1 (lin. 36-37); IV,3 (lin. 28-29 e 47-49); IV,5 (lin. 16-17 e 19-20); IV,9 (lin. 18-20); IV,10 (lin. 13-15 e 25-28); IV,12 (lin. 48-52 e 72); V,1 (lin. 20-22); V,2 (lin. 25-27); V,7 (lin. 16-18, 20-21 e 58-59).

## B — O dia de juízo e o castigo eterno

Das 9 vezes que as *Commonitiones* aludem às penas do inferno só uma tem fundamento no grego por nós conhecido: é em I,4.

Em I,4 uns irmãos perguntam a um ancião por que motivo leva ele vida tão austera num lugar desconfortável. Eis a sua resposta (linhas (5-7):

NAU, 193

Ὅλος ὁ χρόνος τοῦ κόπου  
μου οὐ ποιῶ ὧδε οὐπω ἡμέ-  
ρας μιᾶς τῆς κολάσεώς ἐστιν.

COMMONIT. I,4 (l. 5-7)

Omnis labor totius tempo-  
ris quo hic degeo nondum  
unius horae aeternorum tormen-  
torum gehennae spatium habet.

Apesar da proximidade dos dois textos, mesmo aqui se nota a tendência do reelaborador para ampliar e impressionar: as penas de *um dia* foram concentradas em *uma hora* e o *castigo* transformado nos *tormentos eternos do inferno*.

Que se trata de um tópico introduzido pelo autor vê-se claramente no final de IV,4. Um juiz prendera um sobrinho do *beatus Poemen* a fim de criar uma oportunidade para este famoso monge vir rogar-lhe a sua libertação. Mas apenas conseguiu uma carta com esta observação (linhas 40-45):

POEMEN 5 (320)

Ἐξέτασον κατὰ τοὺς νόμους·  
καὶ εἰ ἄξιός ἐστι θανάτου,  
ἀποθανέτω· εἰ δὲ οὐκ ἔστιν,  
ὡς βούλει ποιήσον.

COMMONIT. IV,4 (lin. 44-46)

Iubeat nobilitas tua dili-  
genter requirere causam illius;  
et si quid dignum morte  
admisit moriatur, *quatenus in  
hoc praesenti saeculo exsoluat  
crimen peccati sui, ut euadat  
aeternas ac perpetuas gehennae  
poenas*; sin autem nihil dig-  
num morte commisit, quod  
iustum uidetur legibus ita de  
eo iube disponere.

Como se vê, o princípio e o fim da missiva é aproximadamente o mesmo; o sofrimento nesta vida para fugir ao castigo eterno na outra é uma interpolação do reelaborador.

Demos ainda um terceiro exemplo que documenta magnificamente o processo de amplificação literária e a inclusão do tópico em estudo, desta vez apresentado também desenvolvidamente. Em II,6 conta-se que dois irmãos foram à cidade. Tendo um deles caído em pecado, recusava-se a voltar à sua cela. Para o convencer, o outro irmão respondeu-lhe:

NAU, 179

COMMONIT. II,6 (lin. 13-19)

Κάγώ ὡς ἀπῆλθον ἀπό σοῦ,  
οὕτως μοι γέγονεν, ἀλλ' ἄγω-  
μεν μετανοήσωμεν ἐμπόνως,  
καί ὁ Θεός συγχωρεῖ ἡμῖν.

Quia et ego, cum egressus  
essem a te, lapsus sum simi-  
liter in fornicationem. Ve-  
rumtamen reuertamur et po-  
namus nos in poenitentiam.  
Omnia enim possibilia sunt  
Deo, ut poenitentibus nobis  
indulgentiam donare digne-  
tur, *ut non in aeterno igne tor-  
mentis et poenis in inferni tar-*

*taro cruciemur, ubi poenitentia non est, sed ignita semper et sine  
cessatione dira tormenta.*

Já anteriormente <sup>(78)</sup> apresentámos a primeira parte de VI,6 onde este tópico aparece também (linhas 7-8), apesar de faltar no grego e na tradução latina de Pelágio. Os outros pontos em que as *Commonitiones* inserem este tema são: II,8 (linhas 38-39: *in die illo terribili magni iudicii Dei*); III,1 (lin. 18-20: *nam tormenta et cruciatus animae et corporis in igne aeterno gehennae*

(78) Cf. cap. V, pp. 80-81. Cf. também pp. 53, 131, 170, 194, 247.

*in perpetuas permanent poenas*); IV,5 (lin. 10-11: *Omnipotentis Dei commisit iudicio*); V,1 (lin. 18-19: *iudicare uiuos et mortuos in die illo magno et terribili iudicii Dei*); e VI,4 (lin. 12-13: *ut in die iudicii de illo gehennae inenarrabili fetore liberet me Dominus*).

Mas terão estes tópicos, aparentemente vulgares na ascese cristã, algum significado? Recordemos que nos apotegmas de Pascásio, 4 vezes mais numerosos, os temas do Céu e do Inferno aparecem com raridade. O mesmo se pode dizer, proporcionalmente, em relação à maior de todas as colecções latinas, a de Pelágio-João. Estes elementos podem, pois, contribuir para caracterizar um autor e o seu ambiente.

### C — Elogio da perfeição espiritual na vida monástica

a — O carácter descritivo e o cunho pessoal que o autor das *Commonitiones* imprimiu ao seu trabalho deu-lhe oportunidade de expressar o seu apreço pelo género de vida que levavam os monges, quer anacoretas quer cenobitas. Limitamo-nos a fazer um elenco das expressões utilizadas para designar a vida de trabalho, mortificação, oração e contemplação, implícitas no conceito de «perfeição espiritual na vida monástica»<sup>(79)</sup>:

*conuersatio*: I,9 (linha 18); IV,4 (lin. 10);

*conuersatio sancta*: IV,18 (lin. 4 e 21); V,5 (lin. 3); V,7 (lin. 57);

---

<sup>(79)</sup> Não é nossa intenção fazer um estudo linguístico dos termos indicados. Com esta orientação, cf. para as palavras supramencionadas: L. TH. A. LORÍE, *Spiritual terminology in the latin translations of the Vita Antonii, with reference to fourth and fifth century monastic literature* (= *Latinitas Christianorum Primaeva*, 11), Utrecht-Nijmegen, 1955 (autêntico dicionário com o estudo monográfico de cada vocábulo); H. HOPPENBROUWERS, *Conuersatio, Graecitas et Latinitas Christianorum Primaeva* — Supplementa, fasciculus I, Nouiomagi, 1964, pp. 47-95; JULIO DE CAMPOS, *El propositum monástico en la tradición patristica in La Ciudad de Diós*, 1968 (El Escorial), pp. 117-129.

*conuersatio sanctae uitae*: V,7 (lin. 16);  
*conuersatio secreta*: IV,6 (lin. 19);  
*conuersatio spiritalis*: II,5 (lin. 2);  
*conuersor*: I,12 (lin. 8); III,1 (lin. 3); V,3 (lin. 3); V,7 (lin. 9);  
*conuersor secundum praecepta Dei*: V,8 (lin. 31);  
*conuersor spiritaliter*: IV,1 (lin. 38);  
*doctrina spiritalis*: V,7 (lin. 57);  
*intentio mentis*: I,2 (lin. 9); II,7 (lin. 36 e 40);  
*iugum sanctum monachorum*: VI,2 (lin. 24);  
*labor spiritalis*: IV,1 (lin. 36);  
*obseruare*: I,11 (lin. 16);  
*opus spiritale*: II,7 (lin. 41); IV,1 (lin. 33);  
*propositum monachorum*: IV,19 (lin. 2);  
*propositum sanctum*: IV,19 (lin. 41); V,3 (lin. 3); V,7  
 (lin. 25);  
*propositum sanctum monachorum*: V,2 (lin. 2-3);  
*propositum spiritale monachi*: IV,2 (lin. 2);  
*scientia spiritalis*: V,7 (lin. 37);  
*seruitium Christi*: IV,12 (lin. 72);  
*studium sanctae uitae*: I,6 (lin. 9);  
*studium spiritale*: I,4 (lin. 2);  
*studium uitae spiritalis*: I,6 (lin. 2-3);  
*uita sancta*: IV,3 (lin. 48);  
*uita sancti propositi monachorum*: IV,2 (lin. 27-28);  
*uita secreta*: I,12 (lin. 10); IV,4 (lin. 9); IV,6 (lin. 12);  
 VI,1 (lin. 3-4);  
*uita secretior*: I,9 (lin. 14).

Não esquecemos que todas estas expressões são latinas e a sua fixação é fruto da escolha do tradutor. Queremos, todavia, afirmar que a sua frequência e significado não pode deixar de corresponder a um texto grego, onde transparece a preocupação do autor com o realce a dar à vida de perfeição monástica.



b — No mesmo caso se encontram alguns exercícios da vida do asceta: a exaltação das vigílias, a insistência na oração, a prática do jejum, etc. É oportuno recordar aqui uma expressão compósita que aparece com frequência, sinal de que era também um tópico ou hábito linguístico do autor: a menção conjunta dos «jejuns, orações e vigílias».

Que conjuntos deste tipo faziam parte da tradição apotegmática, em grego, pode demonstrar-se até pelos paralelos de alguns passos das *Commonitiones*. Em I,2 (linhas 5-6) diz-se que o abade João Cólobo se entregava *orationibus et lectionibus ac meditationibus Scripturarum sanctarum*. O grego correspondente, *Ioannes Colobus 35 (216)* tem: εἰς τὴν εὐχὴν καὶ εἰς τὴν μελέτην καὶ εἰς τὴν ψαλμωδίαν. A tradução não é literal, mas prova-se que havia tendência para mencionar cumulativamente diversas práticas ascéticas.

Em I,3 (linhas 13-14) o mesmo *João Cólobo* diz que o inimigo da alma é vencido *fame ieiuniorum atque uigiliarum labore*, expressão enfática a traduzir o grego paralelo (3 [205]): ἐν νηστείᾳ καὶ λιμῷ.

Apontemos algumas expressões deste género, todas elas acrescentadas pelo autor das *Commonitiones*, se tomarmos como base o grego que chegou até nós: II,1 (lin. 3-4): *ieiuniisque et orationibus et in opere manuum* (cf. N 170); II,7 (lin. 27-28): *in ieiuniis et orationibus et uigiliis multis*, e (lin. 45): *tam in ieiuniis quam in orationibus et uigiliis* (cf. N 169); III,1 (lin. 14): *in orationibus ac ieiuniis* (sem paralelo conhecido); IV,1 (lin. 32-33): *in ieiuniis et orationibus seu in sanctis uigiliis uel in omni opere spiritali* (cf. Mios 2 [301]); IV,19 (lin. 78-79): *fructusque ieiunii et abstinentiae tuae, uigiliarumque et orationum* (cf. Macarius 23 [272]).

## D — Outros elementos caracterizadores

a — Como se poderá ver pelo rodapé bíblico que acompanha o nosso texto crítico, são bastante numerosas (apontamos 52) as citações explícitas ou implícitas da Sagrada Escritura. Algumas delas, como já tivemos ocasião de notar, foram introduzidas pelo reelaborador das *Commonitiones* <sup>(80)</sup>.

Além disso, ao longo da coleção, várias vezes se refere que os «padres do deserto» se entregavam à leitura e meditação da Bíblia — I,2 (lin. 5-6): *lectionibus ac meditationibus Scripturarum sanctarum*; I,13 (lin. 7-8): *de Scripturis sanctis (...) duas prophetias (...) recitarunt*; II,4 (lin. 5-6): *cumque de Scripturis sanctis abbas Isidorus proferens testimonia consolaretur eum*; IV,5 (lin. 2-3): *cumque de sanctae Scripturae diuersis capitulis dissereret eis*; V,8 (lin. 39-40): *meditantes quae de sanctis Scripturis didicerant*; V,9 (lin. 5): *conferebant inter se de sanctis Scripturis*; VI,5 (lin. 2): *meditari festino de sanctis Scripturis*; (lin. 3-4): *non intelligo uirtutem Scripturae diuinae*; (lin. 5-6): *oportet (...) incessanter meditari eloquia Domini*; (lin. 12): *intelligere diuinarum Scripturarum uirtutem*.

Para avaliar do uso frequente da Escritura entre os monges, segundo o autor desta coleção, devem ainda mencionar-se as referências aos salmos, por vezes com menção explícita de cantar, em cada dia, todo o saltério: I,5 (lin. 13); I,11 (lin. 8,21,27,29); I,13 (lin. 5); IV,9 (lin. 6).

Esta nossa insistência em realçar o lugar importante da Escritura nas *Commonitiones* vem confirmar a observação de que esta colectânea deve ser tardia <sup>(81)</sup>. Com efeito, tanto Bousset como Guy têm como característica da primeira fase do género apotegmático o escasso uso da Bíblia <sup>(82)</sup>.

<sup>(80)</sup> Cf. cap. V, pp. 85-87, 79-80, 88, 100, 164, 166.

<sup>(81)</sup> Cf. a data, pp. 94-102, 127.

<sup>(82)</sup> W. BOUSSSET, *Das Apophthegma*, Tübingen, 1923, pp. 82-83; J.-C. GUY, *Les Apophthegmata Patrum in Théologie de la vie monastique*, Paris, 1961, p. 81.

*b* — Cremos também ter interesse o final do apotegma IV,7. Trata-se de um episódio passado com um *de magnis patribus, senior nomine Agathon* (lin. 1). Acusado de vários defeitos, tudo suportou. Quando, porém, lhe chamaram herético respondeu com toda a energia e justificou-se. O apotegma é antigo. Vale a pena comparar o texto grego com as traduções de Pelágio, de Pascásio e das *Commonitiones*.

Agathon 5 (109) — Τὸ δὲ αἰρετικὸς, χωρισμὸς ἐστὶν ἀπὸ τοῦ Θεοῦ, καὶ οὐ θέλω χωρισθῆναι ἀπὸ Θεοῦ.

PELÁGIO X,10

Quod autem dixistis haereticum me esse, ideo non acquieui, quia separatio est a Deo, et non opto separari a Deo.

PASCÁSIO XXV,2

Haereticum autem esse uidi est a Deo et nolo ab eo separari.

COMMONITIONES IV,7 (lin. 38-47)

Nam sermonem quem de haeretico dixistis non potui sustinere et ualde abominatus sum, quia haeresis separatio a Deo est. *Haereticus enim separatur a Deo uiuo et uero et coniungitur diabolo et angelis eius. Alienatus enim a Christo, iam non habet Deum quem exoret pro peccatis suis; ex omni parte periit. Si autem conuersus fuerit ad ueram et catholicam sanctae ecclesiae fidem, suscipitur a bono et pio Salvatore nostro Christo, et reconiungitur Deo uero Creatori ac Saluatori nostro Christo, qui est in Patre Filius semper cum Sancto Spiritu. Ipsi gloria in saecula saeculorum. Amen.*

A amplificação que sublinhámos, mais que como processo de trabalho, interessa agora por demonstrar que o autor das *Commonitiones* faz profissão de fé na Igreja Católica e defende a divindade de Cristo, Filho de Deus, na unidade da Trindade. Isto não pode deixar de recordar o ambiente de polémica

teológica<sup>(83)</sup>, em que os monges estiveram com frequência envolvidos, especialmente os temas candentes do final do século V: os resíduos das controvérsias nestoriana e eutiquiana, após a definição da ortodoxia nos concílios de Éfeso (431) e Calcedónia (451) e o primeiro cisma da Igreja grega, a partir de Acácio, de 485 a 519.

c — O espírito de piedade do autor revela-se também nas magníficas orações que compôs, embelezando uma antiga narrativa. Damos apenas um exemplo.

Em IV,6 vemos o jovem, mas já famoso, *beatus Poemen*, assediado pelos seus conterrâneos para que intercedesse junto do juiz, a fim de libertar alguns presos, naturais da sua aldeia. Receando que as preocupações do mundo viessem perturbar a sua união com Deus, assentiu no pedido, mas fez primeiro a seguinte oração, segundo o apotegma tradicional, traduzido literalmente por João IV,32 e por Pascásio XCII,3:

Poemen 9 (324) — Κύριε, μὴ δῶς μοι τὴν χάριν ταύτην · Ἐπεὶ οὐκ ἀφιοῦσι με καθίσει ἐν τῷ τόπῳ τούτῳ.

Eis como o autor das *Commonitiones* elevou em doutrina e estilo este pequeno fragmento:

COMMONITIONES IV,6 (lin. 9-22)

*Domine Deus, Creator et Saluator humani generis, exaudi me peccatorem seruum tuum, qui nosti multiformes insidias aduersariorum daemonum qui impugnant nos et festinant diuersis occasionibus inquietare secretam uitam nostram, ut separent mentem nostram de timore et amore tuo, Domine. Ideoque deprecor maiestatem diuinæ potentiae*

---

<sup>(83)</sup> Cf. L. MARION, *Histoire de l'Église*, t. I, Paris, 1942, pp. 492-510; t. III, pp. 12-20.

*tuae, Christe Domine, Saluator noster, ne permittas me talem gratiam habere apud iudicem saeculi istius, ut audiat petitionem meam, sed magis aduersetur me et non praestet quae petiero ab eo. Si enim praestiterit mihi quae petiero, manifestum est quia turbatur secreta conuersatio mea. Non enim permittunt me homines requiescere in loco isto, sed uenientes per singula deprecantur me, ut pro eis suggeram iudicibus pro causis eorum.*

Podem ver-se outras expressões espirituais de confiança em Deus, formuladas de modo estilisticamente elevado nos apotegmas IV,10 (linhas 20-28); IV,14 (lin. 8-11) e IV,18 (lin. 3-5).

*d* — Aos elementos acabados de pesquisar, onde se desvenda um pouco da personalidade do autor, podemos juntar ainda a perspectiva histórica.

Em V,2 começa: *Fuit quidam eremita Pior nomine, de antiquis patribus...* Ora nós sabemos que Pior<sup>(84)</sup> se fez discípulo de Antão em 325 e faleceu em 360. Pertenceu de facto à primeira geração dos «padres do deserto». O autor marca bem a distância no tempo, não só em relação a si próprio, mas em contraste com os «padres» mais recentes. Pior é *de antiquis patribus*.

Quem prestar atenção às figuras dominantes da colectânea encontrará João Cólobo (I: 2,3 e IV,5), falecido provavelmente em 435; Poemen (I,8; II,10; IV: 3,4 e 6) cuja morte ocorreu depois de 451; e Arsénio, a quem é consagrado todo o cap. VI, 1 a 6. Sabemos que Arsénio morreu em 449. Note-se, porém, que alguns episódios da sua vida são narrados pelo seu discípulo Daniel (VI: 2,4 e 6), o qual sobreviveu ao seu «pai espiritual». Parece que Daniel é um memorialista a quem os monges e visitantes mais recentes vêm pedir que conte episódios da vida de *sanctus Arsenius*. Estas narrativas foram referidas, por certo,

---

<sup>(84)</sup> Cf. fontes cronológicas mencionadas na p. 96.

durante e após a década de 450. Tudo leva a concluir que o autor das *Commonitiones* se preocupou bastante com os últimos grandes representantes da tradição apotegmática, dando-nos assim um livro novo e com novidades.

Quem é o autor das *Commonitiones*? Nós procurámos reunir os elementos que ficaram implícitos na sua obra. Oxalá os historiadores do monaquismo pacomiano dos finais do século V e dos anos subsequentes pudessem encontrar um nome a quem os dados recolhidos se applicassem perfeitamente, vindo assim a trazer luz para a sua descoberta.

### 3 — O TRADUTOR

*a* — Ao tratar do Autor das *Commonitiones* citámos já a opinião de Rosweydu, segundo a qual Rufino seria o autor «ou pelo menos o tradutor» do seu Livro III, cujos números 1-40 são tirados das *Commonitiones* <sup>(85)</sup>. Mostrámos também que Garnefeld tinha razão ao rebater a opinião de Rosweydu, concluindo ele que tanto o autor como o tradutor são desconhecidos <sup>(86)</sup>. A esta opinião aderiram Vallarsius, Butler e Bousset que rejeitam a autoria ou tradução de Rufino, mas não propõem qualquer outro <sup>(87)</sup>. Columba M. Batlle chegou a propor, sem convicção, a hipótese de Pascásio ter feito «duas versões de uma tradução original, por vontade do autor deliberadamente diversas, ou talvez duas selecções diferentes duma versão primitiva única, aparentemente perdida, de maior extensão que < a recensão breve e longa > a qual se poderia reconstituir a partir de

---

<sup>(85)</sup> Cf. parágrafo anterior, nota 67, p. 103.

<sup>(86)</sup> Cf. parágrafo anterior, nota 68, p. 103.

<sup>(87)</sup> Cf. parágrafo anterior, notas 70, 71 e 73, p. 104.

estas duas»<sup>(88)</sup>. Isto é, Pascásio seria então o tradutor de todo o Livro III e do Livro VII das *Vitae Patrum*. A inconsistência desta hipótese fica demonstrada pelo nosso estudo sobre Pascásio e o texto crítico da sua tradução, e pela publicação, agora, das *Commonitiones sanctorum patrum*.

*b* — O exame mais atento do problema do tradutor é, porém, o de Salenius<sup>(89)</sup>. Para averiguar a autenticidade da tradução e na impossibilidade de comparar o Livro III com toda a obra de Rufino, tomou apenas como base de confronto a *Historia Ecclesiastica* (Livros II e IX) e a *Historia Monachorum* (cf. Salenius, pp. 12-13).

As diferenças tornam-se logo evidentes (pp. 15-16). E analisa em pormenor, em Rufino e no III Rosweyodus, os graus de comparação (pp. 16-18), o uso dos pronomes (pp. 18-21), a sintaxe dos verbos (pp. 21-22), o uso dos modos (pp. 22-26), as maneiras de fazer citações (pp. 26-27), a selecção dos adjetivos e advérbios (pp. 27-28), o uso das preposições compostas (p. 28), o vocabulário (pp. 28-30) e o emprego das conjunções (p. 31).

Um estudo deste género não pode deixar de nos interessar. Salenius concluiu que o Livro III não é tradução de Rufino (daí ter passado a designá-lo por Pseudo-Rufino); que é composto de elementos diversos provindos de S. Jerónimo, da *Historia Monachorum* e de Pascásio e que é independente da tradução de Pelágio-João (pp. 31-33).

---

<sup>(88)</sup> COLUMBA M. BATLLE, *Contribució a l'estudi de Pascasi de Dumi i la seva versió de Verba Seniorum* in *Estudis Romànics*, VIII (1961), p. 66. É o próprio Batlle, que dispunha já então de uma forte base documental, quem mostra a escassa viabilidade desta hipótese. No entanto, há casos em que uma dupla edição em vida do autor, mesmo em séculos recuados, é apresentada como certa — cf. HILDEBERTI CENOMANENSIS EPISCOPI, *Carmina minora*, recensuit A. BRIAN SCOTT, Leipzig, 1969, pp. XXI-XXV.

<sup>(89)</sup> A. H. SALONIUS, *Vitae Patrum. Kritische Untersuchungen über Text, Syntax und Wortschatz des spätlateinischen Vitae Patrum*, Lund, 1920, pp. 12-33. A marcha do estudo de Salenius e respectiva paginação vai indicada no texto.

Faltou-lhe descobrir que os nn. 201-206 são adaptações das *Sententiae* traduzidas por S. Martinho de Dume. Chegou, porém, a entrever que há no Livro III de Rosweydu alguns passos não dependentes de Pelágio-João nem de Pascásio, mas que lhes são paralelos e portanto ou «o autor do Livro III (...) os traduziu de um modelo grego (...) que estava muito próximo < de Pelágio e de Pascásio > ou foi buscar estes episódios a uma obra latina por nós desconhecida» (p. 33).

Ficou quase tudo dito: se Salonius tivesse trabalhado sobre manuscritos (e não apenas sobre os textos editados por Rosweydu) e tivesse deparado com o texto completo das *Commonitiones sanctorum patrum*, teria resolvido o enigma dos nn. 1-40 do Livro III de Rosweydu. De facto, os nn. 1-40 são os «fragmentos de uma obra latina por < ele > desconhecida» — as *Commonitiones*.

*c* — Compete-nos continuar a fazer a pergunta: Quem foi o tradutor das *Commonitiones*? Ouvidas as opiniões dos eruditos, examinemos os manuscritos.

α) Dos manuscritos com o texto completo (ou quase) das *Commonitiones*, apresentadas, paleograficamente, como uma unidade — Viena, Bibl. Nac. Áustria 433; Dresda, Bibl. Nac. da Saxónia, A 207; Reims, Bibl. Munic. 1400 — nenhum traz qualquer indicação sobre o autor ou tradutor<sup>(90)</sup>. Com efeito, não merece crédito a rubrica que se encontra no ms. de Reims, Bibl. Munic. 1400, séc. XIII, fl. 78v onde se lê: *Incipit liber sancti Hieronimi*, pois na realidade segue-se-lhe a *Historia Monachorum* (traduzida por Rufino), a *Vita Pauli* (da autoria de S. Jerónimo), *De Nathanaele* (extraído da *Palladii Lausiaca*, cujo

---

<sup>(90)</sup> Cf. descrição supra pp. 22-24, 26-27 e infra, aparato crítico do *incipit e explicit.*, pp. 311 e 398.



tradutor é desconhecido). Pelo menos no fim deste trecho (no fl. 98rb) devia estar: *Explicit liber primus. Incipit liber secundus*, pois aí começam as *Commonitiones* até ao fl. 107rb, logo seguidas dos nn. 41 a 220 do Livro III de Rosweyodus, apenas com uma falha. Só então, se bem que nunca tenha anunciado o fim do *Liber primus*, o copista escreveu, no fl. 120v: *Explicit liber secundus*. Continua depois com extractos dos *Dialogi* de Sulpício Severo e das *Conlationes* de Cassiano, acrescidos de apotegmas de Pelágio. No fim de tudo isto (fl. 132v) está escrito: *Explicit liber beati Hieronimi presbyteri de uitis sanctorum patrum* <sup>(91)</sup>. É evidente que do silêncio dos primeiros e desta miscelânea (onde só uma pequena parte é de S. Jerónimo) nada se pode concluir sobre o autor ou tradutor das *Commonitiones*.

Dos outros 14 manuscritos que, além de apotegmas que foram seleccionados para o Livro III de Rosweyodus, contêm elementos só identificáveis através das *Commonitiones*, apenas um, o de Londres, Museu Brit. *add.* 37400, séc. XIV, tem, no fim da colectânea quase completa dos 220 números publicados no Livro III, a indicação: *Explicit liber secundus sancti Hieronimi presbyteri* (fl. 72v [70 velha numeração]) e *Liber secundus de Vitis Patrum beati Hieronimi presbyteri* no índice final (fl. 190v). Bem sabemos que entre estes 14 manuscritos se encontra também o de Paris, Bibl. Nac., fundo lat. 2941, séc. XII-XIII, em cujos ff. 66r-76r o mais recente catálogo diz que há extractos das *Vitae Patrum*, atribuindo-os a S. Jerónimo (cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 79-80). Nós manuseámos pessoalmente o manuscrito (e temos microfilme das partes que interessam ao nosso estudo) e observamos que tanto no índice que precede o fl. 1 como no fl. 66ra apenas se escreve: *Liber sanctorum patrum collectus ex diuersis libris (et uarias historiae solitariorum continens* — acrescenta o índice inicial).

---

(91) Cf. para mais pormenores, *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 217-219.

β) Nos outros 75 manuscritos que só contêm elementos da recensão vulgarizada pelo Livro III obtemos as seguintes indicações<sup>(92)</sup>, colocando a documentação por ordem alfabética:

— *Atribuem* o Livro III de Rosweyodus (e portanto também as *Commonitiones*) a S. Jerónimo: Melk, Bibl. do Mosteiro Bened. 8, séc. xv; Oxford, Bibl. Bodleiana, canoniciano 395, séc. xv; Vaticano, Bibl. Apost., Urbinat. 396, séc. xv. Como se vê, os testemunhos são poucos e tardios.

A questão da atribuição das *Vitae Patrum* a S. Jerónimo tem sido posta várias vezes. Dominicus Vallarsius, ao editar as obras de Rufino, dá uma explicação aceitável. S. Jerónimo escreveu as Vidas de Paulo eremita, de Hilarião e de Malco. Partindo desta base, os manuscritos desde tempos antigos têm-lhe atribuído outras que não lhe pertencem<sup>(93)</sup>.

Ocorre-nos um *explicit* que lemos a encerrar o ms. de Munique, Bibl. Est. da Baviera, lat. 18475: *Item Vitas Patrum Antonii, Pauli et Hilarionis et omnium eremitarum; quas tamen beatus scribit Hieronimus omni honore suscipimus; reliquas uero uidetur per magnam partem Ioannes Cassianus conscripsisse (...). Quicumque conscripsit non sunt tantae autem (...) sicut quas beatus Hieronimus scripsit.* Esta confusão e prestígio vinha já do séc. VI, pois o *Decretum Gelasianum* diz, cap. IV,4: *Item Vitas Patrum Pauli, Antonii, Hilarionis et omnium eremitarum, quas tamen uir beatissimus descripsit Hieronimus, cum [omni] honore suscipimus*<sup>(94)</sup>.

A autoridade de S. Jerónimo era tão grande que no ms. de Vercelli, Arq. Capitular LX, séc. XIII, se lê: *Incipit prologus atque praefatio beati Hieronimi ...* e logo a seguir vem a dedicatória de ... Pascásio a S. Martinho de Dume!<sup>(95)</sup>.

<sup>(92)</sup> Destes manuscritos, 60 foram apresentados em *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 197-215 e 233-253. Os restantes 15 foram apenas mencionados *supra*, p. 20.

<sup>(93)</sup> Cf. *Patrologia Latina*, t. 21, Parisiis, 1878, coll. 235, 241-243.

<sup>(94)</sup> Servimo-nos do texto transcrito por C. M. BATLLE, *Die Adhortationes...* p. 5.

<sup>(95)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, p. 158.

— *Atribuem* o Livro III de Rosweyodus (e consequentemente também *as Commonitiones*) a *Postumiano*: Reims, Bibl. Munic. 1390, séc. XI-XII (atribui a Postumiano, em conjunto, os Livros II, III e IV da edição de Rosweyodus); Valenciennes, Bibl. Munic. 168, séc. XIII-XIV (mão posterior escreveu, antes do prólogo *Vere mundum*, que este livro, só o III de Rosweyodus, era de Postumiano); Lille, Bibl. Municipal, possuía um manuscrito, hoje perdido, mas mencionado em catálogos antigos como copiado por 1200, que atribuía a Postumiano os Livros II e III de Rosweyodus<sup>(96)</sup>. Encontrámos outros manuscritos<sup>(97)</sup> que atribuem a Postumiano a *Historia Monachorum* (Bruxelas, Bibl. Real da Bélgica 3177 (7462-81), séc. XIII) e o Livro IV de Rosweyodus (Troyes, Bibl. Munic. 777, séc. XII).

Achamos curiosa esta atribuição porque, tratando-se de uma personagem quase desconhecida, poderia, por isso mesmo, abrir alguma pista. Ora nós sabemos que Postumiano<sup>(98)</sup> viajou pelo Egipto e Palestina nos anos de 401-402. Se as *Commonitiones* foram escritas, em grego, só por volta de 500, não poderia ele tê-las traduzido para latim... Há, no entanto, uma razão aparente para que o seu nome ande ligado a descrições das vidas dos padres do deserto. Sulpício Severo conta-nos, no primeiro dos seus *Diálogos*, como seu amigo Postumiano regressava impressionado do Oriente com a vida dos ascetas. A conversa não foi muito longa, pois não ocupa sequer todo o primeiro diálogo<sup>(99)</sup>. Mas alcançou o mérito de ter sido recolhida pelos manuscritos, conjuntamente com parte das *Institutiones* e das *Conlationes* de João Cassiano, no que veio a constituir o livro IV de Rosweyodus<sup>(100)</sup>.

(96) Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 197, 228-229 e 288.

(97) Não fizemos uma investigação sobre outras obras atribuídas a Postumiano. Citamos apenas dois manuscritos que de momento temos presentes.

(98) Cf. bibliografia sobre cronologia p. 96.

(99) Cf. J.-P. MIGNE, *Patrologia Latina*, t. 20, Parisiis, 1845, coll. 183-198.

(100) Cf. J.-P. MIGNE, *Patrologia Latina*, t. LXXIII, Parisiis, 1879. A parte de Postumiano ocupa as coll. 815-825.

— Do ponto de vista paleográfico (e só para o enunciado ser completo fazemos esta referência) um outro nome podia ser aduzido. O ms. de Dresda, Bibl. Nac. da Saxónia, A 207, séc. xiv, tem nos ff. 159r-324v uma longa colecção de extractos sobretudo de apotegmas, iniciada pelo prefácio que Pascásio de Dume dirigiu ao seu abade Martinho. Do exame que já fizemos deste manuscrito <sup>(101)</sup> ressalta que ao prólogo de Pascásio não se segue a sua versão dos apotegmas, mas vêm trechos de diversos autores sem nunca se mencionar a sua autoria. Ora entre a miscelânea do manuscrito de Dresda encontram-se, nos ff. 188r-216v as *Commonitiones sanctorum patrum*. Mas o conjunto da transmissão manuscrita, tanto da obra de Pascásio como das *Commonitiones*, não nos permite sequer pôr a hipótese de Pascásio ter sido o tradutor das *Commonitiones*.

Resumindo, diremos que nenhum dos nomes que se encontram, bem raramente, antes do texto das *Commonitiones*, apresenta probabilidade de poder ser o seu tradutor. Estas falsas atribuições não nos devem admirar. As *Adhortationes sanctorum patrum*, com toda a verosimilhança traduzidas por Pelágio, João e um outro colaborador desconhecido, são também muitas vezes atribuídas a S. Jerónimo <sup>(102)</sup>; o prólogo da *Historia Monachorum* apresenta-se por vezes com o nome de Paládio (v. g. Cambrai, Bibl. Munic. 817, séc. xiv-xv; Viena, Mosteiro dos Escoceses 324, séc. xv; Poitiers, Bibl. da Cidade 249, séc. xv, mas este em vez de Paládio escreve: «prologus Pellagii» — dizendo os três que o texto seguinte, a *Historia Monachorum*, é tradução de S. Jerónimo...), etc., etc. <sup>(103)</sup>.

<sup>(101)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 189-191 e supra pp. 23-24.

<sup>(102)</sup> C. M. BATLLE, *Die Adhortationes...*, pp. 11-12. Admira, no entanto, Batlle não ter citado um só manuscrito em abono desta falsa atribuição. Entre os que nós estudámos temos presentes dois com tal remissão, o de Évora, Bibl. Publ. CXXIV/1-12, séc. XIV; e o de Wiesbaden, Bibl. Est. Hessen 8, séc. xv. Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 150-152 e 139-140.

<sup>(103)</sup> Entre a bibliografia sobre falsificações, cf. J. VAN DEN BESSELAAR, *Introdução aos Estudos Históricos*, São Paulo, 1970, pp. 181-186; G. BARDY, *La question des*

Depois desta pesquisa devemos declarar que não vemos qualquer indício escrito a indicar-nos qual teria sido o tradutor das *Commonitiones*.

#### DATA E LOCAL DA TRADUÇÃO

Se ao menos pudéssemos determinar com segurança em que altura foram traduzidas...

Luís Ribeiro Soares julgou ter encontrado um argumento decisivo quando aproximou a Regra de S. Bento, cap. XVIII,25, do Livro III de Rosweydu, n. 6. Em seu entender, S. Bento, cuja Regra foi escrita antes de 547 — data da sua morte — conheceu o Livro III de Rosweydu, tanto a sua primeira parte (que afinal é uma antologia das *Commonitiones*) como a parte que foi resumida da versão extensa de Pascásio<sup>(104)</sup>. Apenas nos interessa aqui considerar o n. 6 Rosw., isto é, *Commonitiones* I,13.

Diz a *Regula Benedicti* XVIII,25:

... dum quando legamus sanctos patres nostros uno die hoc strenue implesse quod nos tepidi utinam septimana integra persoluamus...

Ribeiro Soares diz que não há para este passo outro lugar paralelo nas *Vitae Patrum*<sup>(105)</sup>. Ora C. M. Batlle compara precisamente o mesmo texto com as *Adhortationes* IV,57, isto é,

---

*langues dans l'Église ancienne*, t. I, Paris, 1947, p. 142; M. MARTINS, *Correntes da filosofia religiosa em Braga dos séc. IV a VII*, Porto, 1950, pp. 279-280; F. HALKIN, *Bibliotheca Hagiographica Graeca*, t. III, Bruxelles, 1957, p. 250; P. LEHMANN, *Pseudoantik Literatur des Mittelalters in Erforschung des Mittelalters*, t. III, Stuttgart, 1960; O tradutor da «*Vita Taisis*» é Pascásio e não Dionísio, o *Exíguo* in *Pascásio de Dume...*, t. I, pp. 18-24. Em 1970 foi anunciado o trabalho de W. SPEYER, *Die literarische Fälschung in Antike und Christentum*, mas não temos notícia da sua publicação (cf. Association Internationale d'Études Patristiques, *Bulletin d'information et de liaison*, n. 2 (1970), Amsterdam).

<sup>(104)</sup> Cf. L. R. SOARES, *A linhagem cultural de S. Martinho de Dume*, I — *Fundamentos*, Lisboa, 1963, pp. 217-223.

<sup>(105)</sup> *Op. cit.*, pp. 219, 222-223.

a tradução de Pelágio<sup>(106)</sup>. Vale a pena transcrever, lado a lado, ambas as referências. S. Bento diz que os antigos padres recitavam o saltério inteiro em cada dia. A sua fonte de informação seria, para Batlle e Ribeiro Soares, respectivamente:

ADHORTAT. (=PLG) IV,57

... *faciamus opus Dei et gustemus. Et unus quidem eorum compleuit totum psalterium...*

COMMONITIONES I,13 (l. 4-6)

... *ut prius ex more compleverent orationes et psalmodiam et postea cibum caperent. Cum autem ingressi fuissent psallebant, totumque psalterium compleverunt...*

Não há dúvida de que S. Bento tinha uma informação igual à que estas duas traduções de um apotegma grego testemunham. A dependência linguística é, no entanto, muito problemática. Das palavras de S. Bento apenas *implet* tem correspondente, nas *Adhortationes*, a *compleuit* e, nas *Commonitiones*, a *compleverunt*.

Acontece, porém, que os estudiosos<sup>(107)</sup> apontam uma dezena de passos em que S. Bento poderia remeter para as *Adhortationes*. Em contrapartida, nenhum outro apotegma das *Commonitiones* encontra eco na *Regula Benedicti*. Devemos con-

<sup>(106)</sup> C. M. BATLLE, *Die Adhortationes...* p. 208.

<sup>(107)</sup> Cf. vasta bibliografia pertinente em L. R. SOARES, *op. cit.*, p. 221 e C. M. BATLLE, *op. cit.*, pp. 208-209. Em nosso entender, as referências aos padres do deserto apresentadas pela *Regula Benedicti* e, forçosamente, pela *Regula Magistri* (escrita provavelmente, em ambiente romano, por volta de 520) não devem necessariamente ser postas em paralelo com as traduções latinas dos apotegmas que chegaram até nós, v. g. a de Pelágio-João que data de 535 a 550, a de Pascásio de cerca de 555, a de Martinho vulgarmente considerada posterior a 556. O monaquismo Ocidental há muito se nutria da doutrina e exemplos dos grandes ascetas do Oriente. Lembrar os célebres peregrinos escritores, do final do séc. IV: Rufino, S. Jerónimo, Cassiano, etc. Parecem-nos extrapoladas as conclusões de carácter cronológico baseadas apenas na coincidência de alguns pensamentos da ascética corrente que se encontram em S. Bento e nas versões dos apotegmas.

cluir, portanto, que a data da redacção da Regra, isto é, pouco antes de 547, *não pode* ser apresentada como ponto *ante quem* as *Commonitiones* foram traduzidas.

Há, no entanto, um marco seguro de referência. Um monge chamado Defensor, do mosteiro de Ligugé, perto de Poitiers, escreveu, por volta do ano 700, um livro a que ele próprio chama *Scintilla* ou *Scintilla Scripturarum*. Trata-se de uma selecção, em 80 capítulos, de pensamentos da Escritura e dos Padres da Igreja, sendo o mais recente dos citados Santo Isidoro de Sevilha (c. 570-636). Várias vezes indica como sua fonte as *Vitae Patrum*. Ora no cap. X, *De abstinentia*, vem, a terminar, como último pensamento que tirou *Ex Vitae Patrum*, o seguinte<sup>(108)</sup>, que desde já colocamos em paralelo com as *Commonitiones*:

SCINTILLA X (626)

Passiones et  
uitia corporis nostri, si fame  
ieiuniorum ac uigiliarum  
labore macerentur, tunc  
— aduersariorum nostro-  
rum *daemoniorum* humiliatur  
uirtus.

COMMONIT. I,3<sup>c</sup> (lin. 13-16)

Similiter etiam passiones ac  
uitia corporis nostri: Si fame  
ieiuniorum atque uigiliarum  
labore macerentur, tunc  
etiam aduersariorum nostro-  
rum *daemonum* humiliatur  
uirtus, quam per corporis  
nostri fortitudinem contra  
nos exercere solent.

Creemos que não pode subsistir qualquer dúvida, tão literal é a transcrição. Este apotegma não foi seleccionado pelo orga-

---

<sup>(108)</sup> Os elementos acabados de fornecer sobre Defensor de Ligugé encontram-se em J.-P. MIGNE, *Patrologia Latina*, t. 88, Parisii, 1862. O *Scintillarum liber* ocupa as coll. 597-718; a informação histórica, as coll. 595-598; o passo que transcrevemos está na col. 626.

nizador do Livro III de Rosweydyus. O seu texto encontra-se, portanto, num ponto que só podia ser conhecido por quem tivesse o conteúdo integral das *Commonitiones*. Se o compararmos com o aparato crítico da nossa edição, notaremos dois pormenores que também se verificam no manuscrito de Reims, Bibl. Munic. 1400: a presença de *et* e *ac* contra o texto dos melhores manuscritos. É verdade que depois de *ieiuniorum* acrescenta *nostrorum* o ms. de Reims; mas esta adição não é confirmada pelo outro manuscrito da mesma família, o de Paris, Bibl. Nac., fundo lat. 2941 que, por sorte, também seleccionou este apotegma. As duas outras pequenas variantes que assinalámos na transcrição de Defensor, ou foram introduzidas por ele ou pelo seu modelo. ■

O passo acima transcrito tem, felizmente, paralelos em duas outras versões latinas. Ei-los:

## PELÁGIO IV,19

Ita est et passio uentris. Si in ieiunio et fame conuerse-  
tur homo, inimici eius, qui  
sollicitant animam ipsius, in-  
firmantur.

PASCÁSIO XIII,1<sup>a</sup>

Ita et passiones carnales:  
Si in ieiunio et fame uolueris  
uiuere, deterrescunt et non  
sunt fortes aduersum ani-  
mam.

Perante esta tríplice fonte das *Vitae Patrum* é evidente que Defensor nos transmitiu o texto das *Commonitiones*. Se de facto a sua informação provinha de um modelo do tipo do ms. de Reims, Bibl. Munic. 1400, o qual já representa uma *elaboração secundária* do original das *Commonitiones*, então podemos afirmar, com segurança, que as *Commonitiones* foram traduzidas muito antes do fim do século VII. Recordemos que Santo Isidoro de Sevilha, falecido em 636, é o último escritor a ser explicitamente citado por Defensor de Ligugé.



Além deste passo, só um outro pensamento transmitido por Defensor faz lembrar as *Commonitiones*. No cap. XLIX, *De tribulationibus*, do *Scintillarum liber* lê-se (PL 88, col. 683):

*Melius est hic persolvere poenas quam post exitum uitae huius in aeterno cruciari igne.*

Segundo um apotegma grego (PG 65, Poemen 5 [320]) um juiz, desejoso de falar com o abade Poemen, recusando-se este a recebê-lo, resolveu prender um seu sobrinho a fim de que o monge viesse a interceder pelo seu familiar. Poemen apenas acedeu, no entanto, a escrever-lhe uma carta, em que dizia, segundo as *Commonitiones* IV,4 (linhas 41-46):

*Iubeat nobilitas tua diligenter requirere causam illius; et si quid dignum morte admisit moriatur, quatenus in hoc praesenti saeculo exsoluat crimen peccati sui, ut euadat aeternas ac perpetuas gehennae poenas; sin autem nihil dignum morte commisit, quod iustum uidetur legibus ita de eo iube disponere.*

Vejamos as duas outras traduções da carta em referência:

PELÁGIO VIII,13

Examina causam secundum legem; et si dignus est morte, moriatur; si autem non est, fac quomodo uis.

PASCÁSIO XLIX,4

Discute illum secundum leges, et si dignus est moriatur; si autem dignus non est fac quod uis.

Apesar de Defensor de Ligugé dizer explicitamente que a sua frase é tirada *Ex Vitae Patrum* e de, entre os apotegmas, segundo pensamos, só as *Commonitiones* apresentarem uma ideia semelhante, a diferença verbal é tão grande que neste caso não julgamos prudente deduzir que Defensor se inspirou nas *Commonitiones*. O dito em causa está tão de acordo com a teologia corrente que é bem possível encontrar-se literalmente noutros livros das *Vitae Patrum*. Não obstante, impossível seria neste

exemplo imaginar uma dependência dos fragmentos citados de Pelágio ou Pascásio<sup>(109)</sup>.

Se Defensor de Ligugé, isto é, o fim do século VII é o limite máximo *ante quem* as *Commonitiones* já estavam traduzidas, em nossa opinião o trabalho de versão do grego para o latim deve ter-se realizado muito antes. O que vamos expor, rapidamente, não passa de uma estimativa ou hipótese que julgamos verossímil.

Em todas as Literaturas há géneros literários que em certa época estão em moda; depois passam, podendo vir mais tarde a ser retomados. Lembremos a épica nas Literaturas Grega e Latina ou o bucolismo nas Literaturas Clássicas e Modernas.

O apotegma como género literário surgiu na Literatura Cristã no século IV. Todavia, as maiores colecções gregas de que nos chegou conhecimento através das suas traduções latinas — de Pelágio-João, de Pascásio, das *Commonitiones* e de Martinho de Dume — se atendermos às personagens nelas mencionadas, as colecções gregas, (dizíamos) devem ter sido redigidas na segunda metade do século V<sup>(110)</sup>.

Quanto às suas traduções latinas, para algumas podemos apresentar datas bastante aproximadas. As *Adhortationes sanctorum patrum*<sup>(111)</sup> foram traduzidas, em Roma, pelo diácono Pelágio, pelo subdiácono João e por outro tradutor desconhe-

---

<sup>(109)</sup> C. M. BATLLE, *Die Adhortationes...* faz nas pp. 208-297 um importante estudo sobre a presença e influência dos apotegmas na literatura medieval, desde S. Bento a Martinho Lutero. Ao citar a obra de Defensor de Ligugé (pp. 211-212) remete, com alguma hesitação, para a tradução de Pelágio. Mais provável lhe parece que as citações sejam do Livro III de Rosweydyus (o qual, no entanto, não contém o n. I,3 das *Commonitiones*) ou de Pascásio «numa recensão extensa». Efectivamente o *Scintillarum liber* contém várias transcrições de Pascásio, extraídas de manuscritos da família dos de Seo de Urgel, Arq. Capit., anno 938; Salamanca, Bibl. Univ. 2 537 (cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 61-93). A análise de tais citações levar-nos-ia para fora do âmbito deste estudo.

<sup>(110)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. I, pp. 34-37 e a bibliografia aí indicada.

<sup>(111)</sup> Cf. C. M. BATLLE, *Die Adhortationes...*, pp. 10-15 e 298-300.

cido, no máximo entre 526 e 556 ou, precisando mais, entre 535 e 550. O *Liber Geronticon de octo principalibus uitiiis* de Pascásio <sup>(112)</sup> deve ter sido vertido, em Dume, pouco antes de 556. As *Sententiae patrum Aegyptiorum quas de graeco in latinum transtulit Martinus Dumiensis episcopus* <sup>(113)</sup> supõe-se serem trabalho dos primeiros tempos do episcopado de Martinho em Dume, isto é, após 5 de Abril de 556.

Resumindo, a época de tradução das principais colecções, para latim, pode fixar-se entre 530 e 560. Traduzir este género literário estava então em voga. A julgar pelas aparências externas, as *Commonitiones* poderão ter sido traduzidas também por essa altura.

À falta de um nome do tradutor e de uma data rigorosa, podemos pelo menos supor que entre 500 (data que permite margem para se fazerem as reelaborações que deram origem ao texto citado, por volta de 700, por Defensor de Ligugé) — entre 500 e 600, portanto, deve ter vivido o tradutor das *Commonitiones*.

Oxalá o estudo da literatura latina desta época nos apresentasse um nome que pudesse reivindicar esta tradução. Entre os tradutores célebres do século VI conta-se também Dionísio, o Exíguo. Ao mesmo período pertencem igualmente Cesáreo de Arles, Gregório de Tours, Boécio, Cassiodoro e tantos outros <sup>(114)</sup>. É bem possível que o tradutor seja um ignorado monge que não quis deixar-nos memória do seu nome.

<sup>(112)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. I, pp. 15-16.

<sup>(113)</sup> CLAUDE W. BARLOW, *Martini episcopi Bracarensis opera omnia*, New Haven, 1950, p. 3.

<sup>(114)</sup> Sobre a Literatura Latina dos séculos V e VI podem ver-se, entre outras, as seguintes obras: M. SCHANZ, C. HOSIUS und G. KRÜGER, *Geschichte der Römische Literatur*, IV. Teil, II. Band, München, 1959, pp. 360-650; M. MANITIUS, *Geschichte der lateinischen Literatur des Mittelalters*, I. Band, München, 1965, pp. 3-242; E. NORDEN, *Die römische Literatur. Mit Anhang: Die lateinische Literatur im Übergang vom Altertum zum Mittelalter*, Leipzig, 1961, pp. 107-132 e 205-214; IDEM, *Die antike Kunstprosa vom VI. Jahrhundert v. Chr. bis in die Zeit der Renaissance*, II. Band, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, Stuttgart, 1958: capp. sobre a literatura

Poderemos nós, ao menos, utilizar a área de circulação dos códices das *Commonitiones* para lançar suspeitas sobre uma determinada região? Os melhores manuscritos que chegaram até nós vieram de Viena, Dresda, Munique, Reno, Flandres... O nosso olhar volta-se, vagamente, para a antiga *Germania* <sup>(115)</sup>.

Resta-nos a obra: as *Commonitiones sanctorum patrum* aí estão para quem quiser perscrutar nelas não só a arte do seu tradutor, mas também algum possível indício da sua personalidade. Há, de facto, peças literárias cujo autor tem sido identificado, com segurança, apenas a partir das características do seu estilo. Mas para isso é preciso que alguma das suas obras tenha sido assinada ou lhe seja atribuída por testemunhos fidedignos <sup>(116)</sup>. A questão fica em aberto. Têm a palavra os filólogos.

*latina tardia*, especialmente pp. 573-656, e o cap. sobre a época de transição entre a Antiguidade e a Idade Média, pp. 661-669; F. A. WRIGTH and T. A. SINCLAIR, *A history of later latin literatur from the middle of the fourth to the end of the seventeenth century*, London, 1969, pp. 67-133; P. DE LABRIOLLE, *Histoire de la littérature latine chrétienne*, Paris, 1947, pp. 577-825.

<sup>(115)</sup> Cf. alguns leves indícios linguísticos, também orientados para a *Germania*, infra pp. 166, 219, 224, 229, 241 e também 149, 249, 257.

<sup>(116)</sup> Entre as obras cujo autor tem sido identificado através do exame do seu estilo lembramos: de Potâmio de Lisboa, a *Epistula de substantia Patris et Filii et Spiritus Sancti* e as homilias *De Lazaro* e *De martyrio Isaiae prophetae* — ao passo que o *Libellus «David gloriosus»* lhe não pertence (cf. A. MONTES MOREIRA, *Potamius de Lisbonne et la controverse arienne*, Louvain, 1969, pp. 230-231, 246-250, 287-288 e 303-308); de dois autores diferentes, um latino outro grego, a *Passio Perpetuae et Felicitatis* (cf. ÅKE FRIDH, *Le problème de la passion des saintes Perpétue et Félicité*, Göteborg, 1968); de Eusébio de Cesareia fragmentos até há pouco tidos como de Orígenes (cf. C. CURTI, *Due articoli Eusebiani*, Noto, 1971); e para citar um caso português, a ALEXANDRE HERCULANO o conto *Destruição de Áuria* (cf. OFÉLIA M. C. PAIVA MONTEIRO, Coimbra, 1973). Também por motivos filológicos foi negada a Anacreonte a autoria do frag. 44 D (cf. MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA, *Sobre a autenticidade do fragmento 44 Diehl de Anacreonte*, Coimbra, 1961); S. Jerónimo descobriu que Rufino era o tradutor do *Περὶ ἀρχῶν* pelo estilo do prefácio (cf. PL 73, col. 38); J. A. SEGURADO E CAMPOS aplica também critérios filológicos na tentativa de descobrir o autor da tragédia *Octavia*, atribuída geralmente a Séneca (cf. J. A. S. e CAMPOS, *A tragédia Octavia*, I e II vol., Lisboa, 1972. E quantas mais obras não estão nas mesmas condições: que de estudos sobre a *Appendix Vergiliana*, etc.

Ponhamos de novo os três problemas:

1.º — Quando foi redigido o texto grego das *Commonitiones*? Cremos que por volta do ano 500.

2.º — Quem as escreveu, no original grego? Pensamos que um monge pacomiano do Egipto.

3.º — Qual o seu tradutor? O enigma mantém-se. Alguém que, talvez na *Germania*, por meados do século VI, supomos nós, conhecia bem o grego e o latim.

Há, porém, uma resposta segura para cada uma destas três perguntas: — com certeza, não sabemos.

## Cap. VII — UM APOTEGMA IMPORTADO DE CASSIANO

O problema acabado de estudar, o do tradutor, obriga-nos a prestar especial atenção ao n. V,6 das *Commonitiones*. Quem observar o quadro de lugares paralelos que fornecemos<sup>(117)</sup> reparará que o texto latino das *Commonitiones* já fora em grande parte publicado no Livro III de Rosweydy e na *Palladii Lausiaca*. Mas, enquanto para os apotegmas editados nestes dois livros nos é fácil hoje provar que eles são extractos das *Commonitiones*, com o n. V,6 passa-se algo de diferente.

O texto da *Palladii Lausiaca* XX,7 é de facto uma reprodução retocada das *Commonitiones* V,6. Porém, este mesmo texto se encontra nas *Conlationes* XXIV,9 de João Cassiano<sup>(118)</sup>. No último capítulo das suas *Colações ou Conferências*, o XXIV, temos uma exposição do abade Abraão sobre a mortificação, dirigindo-se ao próprio Cassiano e a seu amigo Germano. Após uma conversa sobre a intenção dos dois amigos de deixarem o Egipto e de partirem para o seu país, fala Abraão sobre os lugares mais apropriados para a vida monástica e os trabalhos próprios de um monge. No parágrafo 7 intervém Germano, perguntando porque deverão os mosteiros no seu país natal ser construídos longe da família dos religiosos, quando no Egipto há monges que vivem junto dos seus parentes. Abraão começa, no parágrafo 8, por dizer que as instituições devem adaptar-se ao temperamento de cada povo. E no parágrafo 9 apresenta o exemplo concreto do abade Apolo, que

---

<sup>(117)</sup> Cf. supra pp. 63-64.

<sup>(118)</sup> Deve corrigir-se a remissão de W. BOUSSET (*Apophthegmata*, Tübingen, 1923, p. 137) que envia para «Kassian, Instit. 24, 9». Na realidade a obra em causa são as *Conlationes*.

soube resistir a um apelo de ordem temporal feito por um seu irmão. Se eles, estabelecidos em regiões de características diferentes, fossem capazes de tão grande desapego, então também lhes não faria mal a vizinhança da família <sup>(119)</sup>.

Transcrevemos o texto integral de XXIV,9 colocando a par, no lugar próprio, o apotegma V,6 das *Commonitiones*. Diz o abade Abraão:

Vt uero ad certum districtio-  
nis examen uestrarum uirium  
quantitatem metiri congrua  
aestimatione possitis, cuiusdam  
uobis senis, id est, abbatis  
Apollo factum breuiter indica-  
bo, ut, si uos intimum uestri  
cordis examen huius proposito  
atque uirtuti haud inferiores  
esse censuerit, absque iactura  
propositi uestri professionisque  
periculo patriae inhabitationem  
ac parentum uiciniam praesumatis,  
certi quod districtio-  
nem humilitatis huius, quam  
uobis in hac prouincia non  
solum uoluntas, sed etiam  
necessitas peregrinationis  
extorquet, propinquitatis  
adfectus aut locorum oblectatio  
non possit euincere.

Ad hunc igitur quem prae-  
diximus senem cum germa-  
nus suus intempesta nocte  
uenisset, implorans ut de mo-  
nasterio suo paulisper egres-  
sus ad euellendum bouem,  
quem caeno palustri eminus  
inhaerere flebiliter querebat,  
ei esset auxilio,

## COMMONITIONES V,6

Ad hunc igitur ———  
——— senem cum germa-  
nus suus intempesta nocte  
uenisset, *petens* ut de mo-  
nasterio suo paulisper egres-  
sus ad *eleuandum* bouem,  
*qui in paludis caeno ceci-*  
*disset*, flebiliter *quaereba-*  
*tur ut ei praeberet auxilium,*

<sup>(119)</sup> Estamos seguindo a edição de E. PICHÉRY, *Jean Cassien. Conférences XVIII-XXIV*, Paris, 1959. O texto latino e a tradução francesa da Conferência 24 estão nas pp. 169-206. O parágrafo 9 que vamos reproduzir ocupa as pp. 179-180.

quia eum solus nequaquam posset eruere, abbas Apollo pertinaciter obsecranti:

Cur, ait, iuniorem fratrem nostrum, quem praeteriens propiorem quam me habueras, non rogasti? Cumque ille eum mortem olim sepulti fratris oblitum et ex nimia continentiae ac solitudinis iugitate uelut impotem mentis existimans respondisset: quemadmodum poteram de sepulcro eum qui ante annos quindecim obiit inuocare? Abbas Apollo: ignoras ergo, ait, me quoque ante annos uiginti huic mundo esse defunctum nullaque iam posse de huius cellae sepulcro quae ad praesentis uitae pertineant statum tibi conferre solacia? Quem in tantum Christus ab intentione mortificationis ad reptaе uel modicum ad extrahendum bouem tuum non patitur relaxari, ut ne breuissimi quidem momenti indutias pro patris indulserit sepultura. Quae multo utique celerius, honestius et religiosius fuerat exhibenda. Rimamini itaque

quia eum solus *non* posset eruere. Cui abbas Apollo *instanter* obsecranti:

Cur, ait, iuniorem fratrem nostrum, quem praeteriens *uiciniorem* quam me habueras, non rogasti? Cumque ille, — mortem olim sepulti fratris oblitum et ex nimia *abstinentia* ac solitudinis iugitate uelut impotem mentis existimans, respondisset: Quemadmodum poteram *eum de sepulcro*, qui ante annos quindecim obiit, inuocare? *Et* abbas Apollo *respondit dicens*: Ignoras ergo — me quoque ante annos uiginti huic mundo *fuisse* defunctum? Nullaque iam posse de huius *cellulae* sepulcro, quae ad praesentis uitae pertineant statum, tibi conferre solacia, quem in tantum Christus ab intentione *abrenuntiationis mundi* arreptaе uel modicum ad extrahendum bouem tuum non patitur relaxari, ut ne breuissimi quidem momenti indutias *sequenti se discipulo* pro patris indulserit sepultura.



nunc arcana pectoris uestri prudenterque conicite, an talem etiam uos iuxta parentes uestros districtiorem mentis iugiter retentare possitis, cumque uos in hac animi mortificatione consimiles eidem senseritis, tunc demum scitote parentum fratrumque uiciniam uobis quoque similiter noxiam non futuram, ut scilicet eis quamuis in proximo constitutis uelut mortuos uos esse credatis, ita ut nec illos uestris foueri solaciis nec uos illorum sinatis obsequiis relaxari.

Propositadamente transcrevemos o parágrafo completo de Cassiano, não só para se apresentar todo o contexto, como para dar um exemplo do estilo deste autor (cf. também pp. 93, 143, 244).

Antes de termos feito o nosso estudo sobre o autor e o tradutor das *Commonitiones*, comparámos os dois textos na parte que têm de comum (ou quase). Utilizando apenas critérios de comparação estilística e de processos de tradução, chegámos à conclusão de que as *Commonitiones* apresentavam um texto importado das *Conlationes*, tendo-lhe dado alguns retoques. A nossa transcrição assinala todas as pequenas omissões, breves acrescentos e pormenores de reelaboração. Tudo bem ponderado, parece-nos que o tradutor das *Commonitiones*, apropriando-se embora do texto de Cassiano, procurou ser mais claro, tornando a sintaxe e a compreensão mais acessíveis.

Agora que sabemos terem as *Commonitiones* sido traduzidas, com certeza, após o ano 500, não se pode sequer pôr de novo o problema da anterioridade do texto latino, uma vez que as *Conlationes* foram compostas, muito provavelmente, nos anos 425-426.

Cassiano é, com efeito, uma figura bem conhecida<sup>(120)</sup>. Nascido por 365 na Cítia (ou antes na Gália?) foi atraído para

---

<sup>(120)</sup> Entre a vasta bibliografia sobre Cassiano, e com as suas obras, seleccionamos: J.-P. MIGNE, *Patrologia Latina*, t. 49, Parisiis, 1874: coll. 53-476, *De coenobiorum institutis*; coll. 477-1326, *Collationum XXIV collectio*; IOANNIS CASSIANI *Opera*,

o convívio com os cenobitas da Palestina e do Egipto, com os quais viveu desde 385 a 399. Dirigiu-se depois para Constantinopla, para junto de S. João Crisóstomo, cuja causa foi encarregado de defender em Roma, em 405. Pouco depois de 415 fixou-se em Marselha, onde fundou um mosteiro de homens e outro de mulheres. A sua missão levou-o a escrever duas obras célebres para o monaquismo ocidental: as *Institutiones*, publicadas em 424-425, e as *Conlationes*, escritas provavelmente em 425-426. Veio a morrer por 435.

É o problema das suas fontes que de momento nos interessa. Além das recordações pessoais, resultantes de longos anos de convivência com célebres monges, serviu-se de documentação literária, como a *Historia Monachorum*, a *Historia Lausiaca* e os *Apotegmas dos Padres do Deserto*. Cita pensamentos de Evágrio e de Orígenes, mas sem nunca mencionar estes autores, dada a polémica doutrinal levantada à volta deles<sup>(121)</sup>.

Somos de opinião que nas *Conlationes* XXIV,9 João Cassiano põe na boca do abade Abraão um apotegma sobre o abade Apolo. A contextura deste apotegma é de tipo secundário: a «palavra de salvação» é apresentada já sob a forma de narrativa. Podemos assim presumir que esta redacção do

---

*Conlationes* XXIV, Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum, t. XIII, Vindobonae, 1886; IDEM, *Institutionum libri XII*, t. XVII, 1888 (ambos os volumes apresentados criticamente por M. Petschenig); O. CHADWICK, *John Cassian, A study in primitive monasticism*, Cambridge, 1950; IDEM, *Western ascetism. Selected texts. The saying of the fathers, The Conferences of Cassian, The Rule of St. Benedict*, Philadelphia, 1958; JEAN CASSIEN, *Conférences*, Paris, t. I (I-VII); t. II (VIII-XVII); t. III (XVIII-XXIV), 1955, 1958, 1959, introd., texte, trad. et notes par E. PICHÉRY (= Sources Chrétiennes 42, 54, 64); JEAN CASSIEN, *Institutions Cénobitiques*, texte latin revue, introd. trad. et notes par J.-C. GUY, Paris, 1965; J. LEROY, *Les préfaces des écrits monastiques de Cassien in Revue d'Ascétique et de Mystique* XLII (1966) pp. 157-180; M. MARTINS, *João Cassiano, Fragmentos em medievo-português in Estudos de Literatura Medieval*, Braga, 1956, pp. 272-274. Foi anunciado, em 1968, um estudo literário sobre Cassien, *écrivain* a realizar por Melle JARZAGUET, sob a direcção de J. Fontaine, mas não temos conhecimento da sua publicação.

<sup>(121)</sup> Sobre as fontes de Cassiano, cf. o resumo de E. PICHÉRY, na introdução às *Conférences*, Paris, 1955, pp. 58-63. J.-C. GUY menciona também os apotegmas entre as fontes de Cassiano no artigo *Les apophthegmata patrum in Théologie de la Vie Monastique*, Paris, 1961, p. 78.

apoteagma já existia, em grego, no primeiro quartel do século V e que ele foi inserido, sem reelaboração profunda, tanto por Cassiano nas *Conlationes*, como nas *Commonitiones* pelo autor grego desta colectânea. Repare-se que ele está perfeitamente ajustado ao tema do cap. V, que sob o título *De doctrina ad monachos* trata, nos apotegmas 1 a 6, do desprendimento da família.

Pensamos que Cassiano traduziu, de facto para aqui, à letra, um apoteagma grego. Por sua vez, o tradutor das *Commonitiones*, que, segundo podemos supor, teria o apoteagma no seu texto grego, conhecia o trabalho de Cassiano e, entregando-se à autoridade de um mestre, tomou-o como modelo, embora lhe tenha introduzido pequenas alterações, no desejo de simplificar. Com efeito, não se trata de duas recensões diferentes do texto de Cassiano, mas de um único texto latino, o de Cassiano, reelaborado levemente pelo tradutor das *Commonitiones*, de acordo com o seu gosto e suas preferências vocabulares.

A edição de M. Petschenig é crítica, baseada em seis manuscritos<sup>(122)</sup>. As variantes apresentadas em XXIV,9 na parte equivalente às *Commonitiones* V,6 não têm especial significado. Regista Petschenig diferenças ortográficas, omissão de uma só palavra em dois códices e pequenas alterações morfológicas em um, dois ou três códices no respeitante a sete vocábulos. Não restam, pois, dúvidas de que o texto de Petschenig, retomado por E. Pichery, está bem estabelecido, segundo a transmissão manuscrita das *Conlationes*.

Observemos agora as diferenças entre este texto, que supomos ser o original de Cassiano, e o que nos dão as *Commonitiones*. Nestas, apenas foram omitidas três palavras ou expres-

---

<sup>(122)</sup> *Ioannis Cassiani Conlationes XXIV*, Vindobonae, 1885. A lista dos manuscritos usados vem na p. 502; o texto de XXIV,9 está nas pp. 683-684.

sões: *quem praediximus senem*, que bem se pode considerar uma ligação de Cassiano, típica na sua obra, para retomar um assunto <sup>(123)</sup>; *eum* e *ait*, que não têm especial significado no conjunto sintáctico.

Em contrapartida, a lição das *Commonitiones* tendo (segundo a nossa pontuação) terminado uma frase depois de *erueret*, acrescentou um *cui* para abrir novo período; remodelou um começo de resposta, juntando *et respondit* (este equivalente ao omitido *ait*) *dicens*; especificou a mortificação ou renúncia com a adição de *mundi*; e no fim temos a inclusão de *sequenti se discipulo* que fica muito bem no contexto, mas que não percebemos por que motivo (se estivesse na sua hipotética fonte grega) Cassiano teria omitido, ele que acrescentou, sem dúvida por sua conta, uma justificação para o dever da «patris sepultura».

Há outras diferenças que resultam da substituição de um vocábulo pelo seu sinónimo, as quais nada de especial nos podem dizer. Colocamos frente a frente a lição das *Conlationes* e a das *Commonitiones*: — *implorans: petens; nequaquam: non; pertinaciter: instanter; propiorem: uiciniorem; esse: fuisse; cellae: cellulae; mortificationis: abrenuntiationis*.

Mais significativas são outras alterações. Não temos registada nas *Commonitiones* a expressão *implorare ut*, ao passo que *petere ut* se encontra em IV,1 (linha 6); IV,6 (lin. 3); V,3 (lin. 9-10); e V,4 (lin. 5-6).

Veja-se o passo em que foi mais retocado o latim das *Commonitiones*, afastando-se das *Conlationes*:

---

<sup>(123)</sup> Quando fazemos aqui referências a hábitos linguísticos de Cassiano, baseamo-nos na observação das *Conlationes*. Uma leitura atenta, só que seja da *Conferência XXIV*, fará ressaltar a veracidade das nossas afirmações.

## CONLATIONES

... cum germanus suus uenisset (...) implorans ut de monasterio suo paulisper egressus ad euellendum bouem, quem caeno palustri eminus inhaerere flebiliter querebatur, ei esset auxilio, quia...

## COMMONITIONES

... cum germanus suus uenisset (...) *petens* ut de monasterio suo paulisper egressus ad *eleuandum* bouem, *qui in paludis caeno* ————— *cecidisset*, flebiliter *quaerebatur ut ei praeberet auxilium*, quia...

Este troço da frase (uma frase longa, bem típica de Cassiano e que o tradutor das *Commonitiones* dividiu, quebrando-a depois de *eruer*) foi intencionalmente reelaborado pelo «plagiador» das *Conlationes*. Em Cassiano o verbo dependente do *ut* inicial só pode ser *esset auxilio*, bastante afastado. *Euellere* e *eleuare*, verbo este que substituiu aquele, significam fundamentalmente o mesmo, neste contexto: «retirar».

A oração relativa foi completamente transformada. Cassiano faz de *quem* o objecto de *querebatur*, cujo sujeito subentendido é o *germanus suus* da oração temporal-causal iniciada por *cum*; o tradutor das *Commonitiones* reorganizou a oração relativa, fazendo de *qui* o sujeito (mantendo o mesmo antecedente: *bouem*), cujo predicado foi introduzido por iniciativa própria: *cecidisset* (a substituir *eminus inhaerere*). A origem desta alteração deve estar na interpretação de *querebatur*: *quaerebatur*. Cassiano entende que o irmão «se lamentava, chorando, de o seu boi se ter atolado profundamente num lodaçal pantanoso»; as *Commonitiones* dizem simplesmente que «o boi caiu na lama de um pântano». Esta modificação levou a fazer de *quaerebatur* (repare-se na mudança de significado) o verbo da oração subordinante, a qual passa a exigir a construção de *ut ei praeberet auxilium*: o irmão «pedia-lhe entre lágrimas que lhe prestasse auxílio».

Além disso, o verbo dependente de *petens ut* deixou de estar expresso, devendo subentender-se em *egressus < esset >*. Mas omissões deste tipo devem encarar-se como aceitáveis, tanto mais que nas *Commonitiones* há várias palavras que ficam subentendidas<sup>(124)</sup>.

Regressando à alteração introduzida, note-se que a expressão *auxilio esse* (ou *esse* com dativo) não aparece mais nas *Commonitiones*; pelo contrário estas têm com frequência o verbo *praebere* com acusativo: *p. misericordiam* (II,7, linhas 28-29); *p. occasionem* (IV,4, lin. 19); *p. exempla* (IV,7, lin. 32; IV,19, lin. 51-52); *p. omnia* (V,4, lin. 9).

Verifica-se assim que a palavra-chave de toda esta refunção é a forma verbal *querebatur*, originária e certa no texto de Cassiano. Parece-nos que a sua confusão com *quaerebatur* (o que exigiu nova organização sintáctica) só podia dar-se num tradutor que tivesse, aqui, perdido o contacto com o original grego, mas apenas tentou interpretar a grafia de *queror*, dado que o ditongo *ae* se tinha monotongado (não somente no latim tardio, mas já em séculos anteriores) na linguagem campesina<sup>(125)</sup>. O verbo *quaero* aparece outras vezes nas *Commonitiones* (II,5, linha 16; IV,19, lin. 81). Para *queror* não temos registado nenhum outro passo. Este ponto parece-nos fundamental para provar que o apotegma foi importado, directamente, do texto latino de Cassiano.

Decisiva também é a expressão:

CONLATIONES	COMMONITIONES
... ex nimia continentiae ac solitudinis iugitate...	... ex nimia <i>abstinentia</i> ac <i>sollicitudinis</i> iugitate...

<sup>(124)</sup> Cf. infra pp. 189-192.

<sup>(125)</sup> Sobre a evolução do ditongo *ae*, cf. M. LEUMANN, *Lateinische Laut- und Formenlehre*, München, 1963, pp. 75-76; E. FARIA, *Fonética histórica do latim*, Rio de Janeiro, 1957, pp. 171-172; C. H. GRANDGENT, *Introducción al latín vulgar*, Madrid, 1952, pp. 141-142; V. VÄÄNÄNEN, *Introducción al latín vulgar*, 1968, pp. 74-75.

O texto que damos aqui é o dos «melhores» manuscritos, os de Viena e de Dresda. O de Reims omite este apotegma. Acontece, porém, que o manuscrito de Namur (e outros, como veremos, pp. 282-283) nos transmite, neste passo, a palavra *solitudinis* em vez de *sollicitudinis*, certamente por ter, neste ponto, um modelo melhor (apesar de ser certo que não possuía o texto de Cassiano, pois adopta todas as variantes típicas das *Commonitiones* — omissões, acrescentos, substituições). Não há, de facto, qualquer dúvida de que *solitudinis* é a lição acertada.

O substantivo *iugitas*, «frequência, prolongamento», não é raro em Cassiano. A expressão *solitudinis iugitate* tem pleno sentido, se entendermos que, «devido a um demasiado prolongamento da abstinência e da solidão», o irmão impetrante pensava que o outro, o monge, tinha perdido a memória.

A palavra *sollicitudo* aparece várias vezes nas *Commonitiones* (II,7, lin. 3,35,44; IV,3, lin. 28; IV,12, lin. 68; V,1, lin. 5,6,8) sempre com o valor de «solicitude, preocupação». O seu uso, aqui, está inteiramente fora do contexto. Não há outra hipótese senão admitir que os «melhores» manuscritos, isto é, VD, dependem de uma fonte errada, devendo nós supor que a confusão foi introduzida no arquétipo  $\beta$ . Não nos parece que o tradutor das *Commonitiones*, tão atento na interpretação de *quereretur*, muito mais difícil, tenha sido o causador deste erro de leitura ou de cópia. Temos, por isso, como provável, que a boa lição — *solitudinis* — ainda se encontrasse no hiperarquétipo  $\alpha$  de que dependeu toda a restante transmissão manuscrita das *Commonitiones*. Curioso será notar que a palavra *solitudo* não aparece mais nas *Commonitiones*. Emprega-se *eremus*; usa-se mesmo *solitarius* (IV,3, lin. 7; IV,15, lin. 2), mas nunca mais *solitudo*.

Menor importância tem a troca, nesta mesma expressão, de *continentiae* por *abstinentia*. Alterou-se o vocábulo e a morfologia, mas o sentido último mantém-se o mesmo. Observe-se, no entanto, que *abstinentia* é frequente nas *Commonitiones*, sobre-

tudo no capítulo I (cf. *capitulatio* I; I,1, linha 2; I,3, lin. 2; I,12, lin. 5; I,16, lin. 5,8,10-11; II,3, lin. 2). Em contrapartida, não registámos a presença de *continentia*, nem mesmo no capítulo II: *contra spiritum fornicationis*, onde, segundo a terminologia ascética actual, seria de esperar.

Este apotegma permite-nos também observar, num outro passo, o valor do manuscrito de Namur. Cristo exige uma renúncia *tal* à família *que* não concede a quem deseja segui-lo tempo livre sequer para cumprir o dever de sepultar o pai. Neste final do episódio a lição de Cassiano é uniforme em transmitir um *ut* (linha 17) com valor consecutivo. O copista do arquétipo  $\beta$  transformou, certamente por erro, *ut* em *et*. Que esta junção coordenativa (como se de parataxe se tratasse) está deslocada, prova-o o verbo *indulserit*, no conjuntivo, só explicável se de facto depender de *ut*.

Eis ainda algumas palavras de uso corrente que aparecem neste apotegma, e se encontram frequentemente em Cassiano, mas não registámos mais nas *Commonitiones*: *arreptus*, *eruer*, *impotis*, *intempestus*, *inuocare*, *iugitas*, *olim*, *propior*, *solacia*, etc.<sup>(126)</sup>.

O estudo do apotegma n. V,6 das *Commonitiones* coloca-nos, pois, perante alguns problemas de não fácil solução. Nós pensamos que na *Conlatio* XXIV,9 Cassiano se serviu de um apotegma grego cuja elaboração já estava fixada no fim do primeiro quartel do século V. A predilecção apotegmática de Cassiano, além de já estar provada por outros investigadores,

---

<sup>(126)</sup> O apotegma V,6 tomado pelas *Commonitiones* das *Conlationes* de CASSIANO, encontra-se todo na p. 180 da edição de E. PICHÉRY, Paris, 1959. Damos aqui algumas palavras ou expressões, que vêm neste apotegma e que se encontram também na *Conlatio* XXIV, mas não são típicas das *Commonitiones*. Indicamos apenas a página:

— *quem praediximus* (ou equivalente): 181, 183, 188;

— *iugitas*: 175, 185; *iugiter*: 171, 173, 174, 176, 180; *iugis*: 175, 179, 185, 190, 192, 193, 195, 196, 199, 201;

— *arreptus*: 178, 200;

— *utique*: 183, 190, 194, 200.



confirma-se pelo facto de o próprio Cassiano ser um dos «padres» a quem a série nominal atribui 8 apotegmas gregos (cf. *Patrologia Graeca*, LXV, coll. 243-246).

Admitimos também, como provável, que esse mesmo apotegma tenha sido incluído pelo autor das *Commonitiones* na sua compilação grega, organizada por temas ascéticos.

O tradutor latino das *Commonitiones* depararia, portanto, a certa altura, com um texto grego que já havia antes sido vertido para latim por Cassiano. Perante a autoridade deste escritor, um dos pilares do monaquismo ocidental e sempre venerado como santo, o tradutor das *Commonitiones* teria adoptado a versão de Cassiano, introduzindo-lhe algumas alterações, de pouca monta.

Devemos, no entanto, confessar que não nos repugnaria que o tradutor incluísse aqui um passo que condizia perfeitamente com o tema do capítulo V das *Commonitiones*. A ser assim, talvez se pudesse pôr o problema de considerar o n. V,6 como uma interpolação. Nesse caso, perguntamos: em rigorosa crítica textual, deveria ser excluído? Contra esta exclusão temos nós duas objecções a opor:

1 — o apotegma pertence, sem dúvida, desde a origem, à colecção latina das *Commonitiones*. Repare-se que os melhores manuscritos, o de Viena e de Dresda, representantes do único arquétipo que nos transmite a *capitulatio* do capítulo V, inserem o apotegma em causa numa ordem perfeitamente lógica. Trata-se, desde o n. 1, de conselhos aos monges sobre *qualem oportet affectum circa corporales parentes seu propinquos habere*. Nesta organização sistemática, o n. 6 está enquadrado com toda a perfeição estilística. Vejam-se os números mais próximos: *IV — De famulo Dei Martiano; V — De famula Dei et fratre eius; VI — De abbate Apollo et fratre eius; VII — De beato Theodoro, discipulo sancti Pachomii*. Cremos, por isso, que o n. 6 pertencia, sem dúvida, à primitiva redacção latina desta colecção.

2 — Se o apotegma «sobre o abade Apolo e seu irmão» tivesse sido interpolado, com muita probabilidade o falsário — seria este o nome a dar ao tradutor das *Commonitiones* — tê-lo-ia colocado no fim, em apêndice à série sobre o desprendimento da família. Ora o que se verifica é que ele está na linha de pensamento que o autor grego traçou para o capítulo V.

Mais ainda, supomos que a série sobre o desaparego familiar termina, propositadamente, com um exemplo do *beato Theodoro* (n. 7). Se, conforme pensamos ter provado<sup>(127)</sup>, o autor do texto grego é um monge da Ordem de S. Pacómio, facilmente se compreende que à série de apotegmas sobre o tema da família, o autor quisesse juntar um exemplo de um dos fundadores da sua Congregação. E assim se explica que os casos narrados sobre Teodoro e Pacómio, que não se encontram na tradição apotegmática, tenham sido recolhidos das *Pachomii Vitae Graecae*, onde Teodoro assume o lugar de discípulo predilecto de S. Pacómio. Somos assim induzido a concluir que o n. V,6 está de facto no seu lugar e foi aí colocado, muito provavelmente, pelo primeiro responsável pelas *Commonitiones*, o autor do seu texto grego.

Há pelo menos uma acusação de que o tradutor das *Commonitiones* se não pode livrar: se não foi falsário, pelo menos foi plagiário. Com efeito, é indubitável que ele copiou, das *Conlationes* de Cassiano, a tradução latina deste apotegma, embora lhe introduzisse algumas modificações.

Enfrentamo-nos aqui com a questão literária do plágio<sup>(128)</sup>. É sabido que na Antiguidade, em que não havia

---

<sup>(127)</sup> Cf. supra pp. 105-120.

<sup>(128)</sup> Sobre o conceito de plágio, seu uso e (de)mérito na Antiguidade, o melhor trabalho que conhecemos ainda é o de K. ZIEGLER no artigo *Plagiat* da *Realencyclopädie der klassischen Altertumswissenschaft* de PAULY-WISSOWA, vol. 40, 1, Stuttgart, 1950, coll. 1956-1997. Sobre a teoria e prática do plágio nas literaturas modernas é muito rica em citações e exemplos a obra de CRUZ MALPIQUE, *Filosofia do Plágio (Ensaio)*, Braga, 1955, 180 pp. A este problema pode ligar-se o dos escritos

registo e «direitos de autor», o plagiário não era apodado, como hoje, pura e simplesmente, de «ladrão». A transcrição de pensamentos ou de páginas inteiras de outros autores, sem lhes indicar o nome, era moeda corrente. O próprio Cassiano se serviu de pensamentos de Orígenes e de Evágrio, tendo porém a prudência de não os mencionar<sup>(129)</sup>...

Temos assim que ao tradutor das *Commonitiones* não se pode assacar crime literário de grande responsabilidade, pelo menos segundo a ética do seu tempo. Além disso, ele modificou ainda um pouco o texto, tornando-o mais conforme ao seu estilo e vocabulário.

Reflectindo mais sobre o caso, talvez até tenha sido um bem este plágio. Se para o autor das *Commonitiones* podemos apontar elementos característicos da sua pessoa — um monge pacomiano do Egipto, do final do século V ou princípios do VI — quanto ao tradutor estamos quase na penumbra... Poderia este apotegma, plagiado de Cassiano, fazer voltar o nosso olhar para Marselha ou para os centros da sua irradiação? Bem débil indício! Cassiano morreu por 435 e as *Commonitiones* foram traduzidas talvez uns 100 anos depois. Entretanto a obra de Cassiano tinha corrido mundo. Importa continuar a auscultar os textos. Quem copiou? Onde copiou? Quando copiou?

---

cujo autor a crítica moderna classifica de *Pseudo...*, como o Pseudo-Salústio, Pseudo-Ovídio, Pseudo-Sêneca, Pseudo-Agostinho, Pseudo-Dionísio Areopagita, Pseudo-Crisóstomo, Pseudo-Calístenes, etc., etc., etc. Em certos aspectos estas últimas obras podem ligar-se também ao tema das falsas atribuições a que já aludimos (pp. 126-127, nota 103).

<sup>(129)</sup> Cf. E. PICHÉRY, introd. a *Conférences de JEAN CASSIEN*, Paris, 1955, p. 62-63.

## Cap. VIII — EXAME LINGUÍSTICO DO LATIM DAS *COMMONITIONES*

### 1 — OPINIÃO DE HOPFNER E DE SALONIUS

Considerando a qualidade do latim do Livro III das *Vitae Patrum* (edição de Rosweydyus), Theodor Hopfner dizia, em 1916, que a sua redacção «é mais correcta, fluente e, por assim dizer, elegante do que a de Pelágio-João, pois esta é de tal modo escrava da simplicidade do original grego que chega a violentar o bom latim, a ponto de às vezes a sua tradução se tornar quase ininteligível». O Livro III, pensava ele, «fornece apenas o sumário do original grego, apresentado de modo bastante exacto, tomando, no entanto, uma forma latina própria e agradável. Muitas vezes não parece mesmo uma tradução, mas uma reelaboração do material grego»<sup>(130)</sup>.

Salonius concluiu também que a linguagem do Livro III, «em comparação com a de Pelágio e de João é mais elevada, polida e mais livre do influxo grego; por isso mesmo, é mais artificiosa e denuncia, na selecção do vocabulário, uma época mais tardia»<sup>(131)</sup>. E depois de ter comparado a língua e estilo do Livro III com os hábitos linguísticos de Rufino, manifestou a sua convicção de que quanto mais se estudar Rufino mais se

---

<sup>(130)</sup> Cf. TH. HOPFNER, na sessão de 5 de Julho de 1916, em Praga, da *Akademie der Wissenschaften in Wien. Philosophisch-historische Klasse, Denkschriften*, 61. Band, Wien, 1919, p. 26.

<sup>(131)</sup> A. H. SALONIUS, *Vitae Patrum. Kritische Untersuchungen über Text, Syntax und Wortschatz der spätleinischen Vitae Patrum. (Bücher III, V, VI, VII)*. Acta Societatis Humaniorum Litterarum Lundensis II, Lund, 1920, p. 33.

confirmará a certeza de que o Livro III *não é* da autoria de Rufino <sup>(132)</sup>.

Estas opiniões de Hopfner e de Salonius, concordantes na superioridade do estilo do Livro III em comparação com Pelágio e João, necessitam hoje de ser bem interpretadas. Ambos os filólogos consideraram o Livro III como uma unidade da qual excluía apenas os apotegmas tirados da *Historia Monachorum* e de S. Jerónimo, isto é, III,41-43 e 218-220. Ora nós sabemos agora que os nn. III,44-199 e 207-217 são de Pascásio de Dume e os nn. 201-206 de Martinho de Dume <sup>(133)</sup>. A superioridade do estilo de Pascásio ressalta também do estudo que lhe dedicámos <sup>(134)</sup>. Aliás a maior correcção do latim da *Hispania*, em comparação com o da Itália dos séculos V-VII, tem sido reconhecida pelos linguistas. A Prof.<sup>a</sup> Christine Mohrmann disse há pouco: «Mais que na Itália, a literatura latina visigótica é caracterizada por um normativismo clássico-retrospectivo» <sup>(135)</sup>.

Restam, portanto, apenas os nn. 1-40 do Livro III sobre os quais recaiu também o juízo favorável de Hopfner e de Salonius. Infelizmente, porém, esta parte do Livro é poucas vezes citada, pelo que é difícil comprometer hoje aqueles dois filólogos a respeito da porção que constitui, verdadeiramente, «o autêntico Livro III», isto é, as *Commonitiones sanctorum patrum*. Por exemplo, Salonius ao fazer o paralelo entre Rufino e o Livro III, nas pp. 17-31 do seu notável estudo sobre as *Vitae Patrum*, apenas menciona, de passagem, os nn. 18, 21 e 24; todas as outras referências dizem respeito a um texto que de facto é de Pascásio.

---

<sup>(132)</sup> IDEM, *op. cit.*, p. 31. Sobre as técnicas de tradução de Rufino escreveu posteriormente MONICA WAGNER, *Rufinus, the translator*, Washington, 1945.

<sup>(133)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 168-171 e 181-183.

<sup>(134)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. I, pp. 55-153.

<sup>(135)</sup> CH. A. E. M. MOHRMANN, *De studie van het middeleeuws latijn. Verleden, heden, toekomst. Afscheidscollege*, 10-XI-1973, Amsterdam.

Cremos, no entanto, que os qualificativos de «correcto, fluente e elegante» de Hopfner, e de «elevado, polido, livre e artificioso» de Salonijs podem continuar a aplicar-se, mesmo que nos restrinjamos apenas ao texto genuíno das *Commonitiones*, ou seja, aos seus 61 apotegmas: — melhor dizendo, à tradução de 60 apotegmas, uma vez que o n. V,6 é importado de Cassiano, como já vimos, e mantém as características próprias deste escritor <sup>(136)</sup>.

## 2 — COMPARAÇÃO COM PASCÁSIO E COM PELÁGIO

Vale a pena apreciar, embora tenhamos que nos restringir a um escasso número de peças de pequeno formato, como os diversos autores e tradutores aproveitaram o mesmo fundo comum da tradição apotegmática.

Eis um episódio que em latim se encontra só nas *Commonitiones* e em Pascásio de Dume.

### COMMONITIONES IV,8

Consilium inter se habuerunt seniores patres: et omnes monachi habitantes in eremo Sceti consenserunt ut beatus pater Isaac presbyter eis ordinaretur in ecclesia, quae in ipso eremo sita est, ubi conuenit omnis multitudo

### PASCÁSIO XC,2

Abbas Isaac audiens quia presbyterum eum patres uellent facere in Sceti, fugit in Aegyptum et ingressus in agrum latuit inter herbas. Contigit autem ut et patres qui eum sequebantur in eodem agro requiescerent quia

---

<sup>(136)</sup> Cf. supra pp. 136-149. Também nós já dissemos, antes de termos feito um estudo sistemático sobre a natureza do latim das *Commonitiones*, que o tradutor escrevia bem, tinha fluência, amplitude e harmonia de frase e até certo gosto pela retórica (cf. p. 92).

monachorum qui in illa eremo conuersantur. Audiens autem supradictus abbas Isaac, fugit in Aegyptum et abscondit se in quodam agro inter fructecta, arbitrans indignum se esse honore presbyterii. Quam plurimi autem fratres monachi sequebantur, ut comprehenderent eum. Cum autem applicuissent, ad uesperum, ad eundem agrum pro longius, ut reficerent fatigati de itinere, erat enim nox, dimiserunt asellum qui eis sump-tus portabat in iter, ut pasceret. Cum autem pasceret asellus, peruenit in locum ubi supradictus abbas Isaac latitabat. Cumque illuxisset dies, requirentes monachi asellum, peruenerunt ad eundem locum ubi senior se occultauerat et admirantes ualde dispensationem diuinam, comprehendentes ligare et constringere eum uoluerunt et ita perducere. Venerabilis autem senior non permisit dicens: Iam non possum contradicere uobis, quia forsitan uoluntas Dei est, ut licet indignus, suscipiam ordinationem presbyterii.

iam nox erat et dimiserunt asinum suum ut pasceret. Ille autem in pascendo peruenit ad locum ubi latebat abbas Isaac. Et mane facto, quaerentes asinum, inuenerunt et senem et admirati sunt. Cum autem uellent eum ligare, dicit eis: Iam non fugio quia scio hoc ex iussione Dei esse et quocumque fugero ad hoc peruenturus sum.

A comparação dos dois textos latinos revela imediatamente que a redacção das *Commonitiones* é mais ampla, de leitura fácil e agradável. Note-se, porém, que todos os elementos que se encontram em Pascásio estão também nas *Commonitiones*. As diferenças não podem ser atribuídas à simples iniciativa do tradutor. Torna-se claro que o reelaborador grego das *Commonitiones* conhecia bem os costumes da vida monástica do Egipto. Só assim se explica a naturalidade e exactidão dos pormenores acrescentados (cf. também pp. 169 e 207).

A versão de Pascásio é perfeitamente correcta para o latim de meados do século VI. Note-se a esperada tradução de *ὄνος* por *asinus* (duas vezes) e de *γέρων* por *senex* (uma só vez). Há ainda a *uariatio* de *pasceretur: in pascendo*. Para o apotegma grego, cf. PG LXV, Isaac 1 (224).

Neste apotegma das *Commonitiones* observamos já algumas características dos hábitos do seu tradutor: *seniores* (duas vezes), *supradictus* (duas vezes), *asellus* — um diminutivo (duas vezes), *pasceret* (duas vezes); duas expressões preposicionais: *pro longius* e *de itinere*; o uso de *applicuisset* aparecerá noutros apotegmas. O agrado geral da primeira leitura termina pela verificação de que o latim do tradutor das *Commonitiones*, se bem que aceitável, é menos polido que o de Pascásio, apresentando tendências vulgarizantes<sup>(137)</sup>.

Reproduzamos agora um exemplo em que o mesmo texto grego fundamental foi assumido por três colecções, depois vertidas para latim.

---

<sup>(137)</sup> Para a apreciação dos vulgarismos servimo-nos de C. H. GRANDGENT, *Introducción al latín vulgar*, Madrid, 1952; V. VÄÄNÄNEN, *Introducción al latín vulgar*, Madrid, 1968; J. B. HOFMANN, *El latín familiar*, Madrid, 1958; R. A. HAADSMA et J. NUCHELMANS, *Précis de latin vulgaire suivi d'une anthologie annotée*, Groningen, 1963; TH. H. MAURER JÚNIOR, *Gramática do latim vulgar*, Rio de Janeiro, 1959.



NAU, 184<sup>b</sup>

... Εἶπεν οὖν αὐτῷ ὁ ἀδελ-  
φός· Ἴδού μελετῶ, ἀββᾶ, καὶ  
οὐκ ἔστι μοι κατάνυξις ἐν τῇ  
καρδίᾳ μου, ὅτι οὐκ οἶδα τὴν  
δύναμιν τοῦ λόγου. Ὁ δὲ εἶπεν  
αὐτῷ· Σὺ μόνον μελέτησον.  
Ἦκουσα γὰρ ὅτι εἶπεν ὁ ἀββᾶς  
Ποιμὴν καὶ πολλοὶ τῶν πα-  
τέρων τὸν λόγον τοῦτον· ὅτι  
ὁ ἐπαιδὸς οὐκ οἶδεν τῶν  
ῥημάτων ὧν λέγει τὴν δύναμιν,  
ἀλλὰ τὸ θηρίον ἀκούει, καὶ  
οἶδεν καὶ ὑποτάσσεται καὶ  
ταπεινοῦται. Οὕτως καὶ ἡμεῖς,  
κἂν οὐκ οἶδαμεν τῶν ῥημάτων  
τὴν δύναμιν, ὧν λαλοῦμεν, ἀλλ'  
οἱ δαίμονες ἀκούοντες φοβῶ  
ἀναχωροῦσιν.

PASCÁSIO X,2<sup>b</sup>

... Dicit ei frater: Ecce  
meditor et non est com-  
punctio in corde meo quia  
uirtutem uerbi nescio. Cui  
senex: Tu tantummodo me-  
ditare. Audiui enim quod  
abbas Poemen diceret, sed  
et alii patres, hunc sermo-  
nem: Quoniam incantator  
nescit uirtutes uerborum  
quae dicit, sed tamen serpens

PELÁGIO v,32<sup>b</sup>

... Dixit autem ei frater:  
Ecce meditor, abba, et non  
est compunctio in corde meo,  
quia nescio uirtutem uerbi.  
Et ille dixit: Et tu tamen  
meditare. Audiui enim quia  
dixerit abbas Pastor, sed et  
alii patres hoc uerbum:  
Quoniam incantator uirtu-  
tem uerborum quae dicit  
nescit; sed serpens audit, et  
scit uirtutem eorum quae  
incantantur, et subicitur in-  
cantanti, et humiliatur. Sic  
et nos, quamuis ignoremus  
uirtutem eorum quae loqui-  
mur, daemones tamen au-  
dientes terrentur atque disce-  
dunt.

COMMONITIONES VI,5

Quidam de fratribus dixit  
beato Arsenio: Ecce, pater,  
meditari festino de sanctis  
Scripturis quae didici et non  
sentio compunctionem in  
corde meo, quomodo non  
intelligo uirtutem Scriptu-  
rae diuinae, unde et ualde  
contristatur anima mea.  
Respondens autem beatus  
Arsenius ait: Oportet te,

audiens, intelligit uirtutem uerborum et obaudit et humiliatur. Sic et nos. Etsi uirtutem uerborum quae dicimus ignoramus, sed tamen daemones, audientes, ex timore discedunt.

o fili, incessanter meditari eloquia Domini. Audiui enim quia dixit beatus abba Poemen et alii multi sanctorum patrum: Quomodo incantatores illi qui serpentes solent incantare, non intelligunt ipsi uerba quae loquuntur, sed serpentes audientes intelligunt uirtutem uerborum illorum et conquiescunt et subduntur eis. Ita ergo et nos faciamus. Quamuis enim non ualemus intelligere diuinarum Scripturarum uirtutem, sed tamen daemones audientes diuini uerbi uirtutem terrentur et effugati discedunt, non sustinentes eloquia Spiritus Sancti, quae per seruos suos prophetas et apostolos est locutus.

A tradução de Pelágio, bem como a de Pascásio, pode dizer-se literal. Apenas em Pascásio se nota um dos seus típicos abreviamentos de resposta, na frase: *Cui senex...* <sup>(138)</sup>.

As *Commonitiones* têm indubitavelmente o mesmo texto de base. Há, porém, duas inovações a apontar: aqui o apotegma é nominal, atribuído ao abade Arsénio, ao passo que em todos os outros textos é anónimo; a palavra é interpretada explicitamente como sendo a Sagrada Escritura. Esta expressão aparece sob formas variadas: *sancta Scriptura*, *Scriptura diuina*, *eloquia*

---

<sup>(138)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. I, pp. 88-90.

*Domini, diuinum uerbum, eloquia Spiritus Sancti.* Além disso, o relato das *Commonitiones* tem uma tonalidade mais sentimental e subjectiva: *meditari festino; unde et ualde contristatur anima mea; o fili.* Esta versão torna-se, assim, a mais penetrante e directa. Quem lê apreende melhor o sentido de edificação visado pelo apotegma. O tradutor manifesta a sua preferência por *quomodo* (tanto com valor causal, como a introduzir uma oração completiva). E neste aspecto não se pode dizer que tenha melhor gosto que Pelágio ou Pascásio, os quais usam, por igual, as conjunções *quia* e *quoniam*.

Estes dois exemplos põem já em relevo como a tradução das *Commonitiones* se nos apresenta quase sempre ornada com expressões explicativas e com pormenores enriquecedores do contexto. Cremos que estes acrescentos deviam fazer parte do original grego; e o tradutor soube dar-lhes uma forma clara e expressiva. Anteriormente estudámos já algumas qualidades do tradutor, a propósito das técnicas por ele adoptadas<sup>(139)</sup>.

### 3 — O TEXTO LATINO É UMA TRADUÇÃO; NÃO É UM ORIGINAL

As diferenças notáveis que por vezes se verificam entre o texto das *Commonitiones* e o grego que possuímos, e também em comparação com os outros paralelos latinos, obrigam-nos a demonstrar que as *Commonitiones sanctorum patrum* não são um original latino, mas sim uma tradução do grego.

De facto, H. Rosweyduus estava convencido, baseado no estilo, que o seu Livro III tinha como «autor ou tradutor» a Rufino de Aquileia. Insiste depois, ao tratar da língua original, em que, segundo conjectura sua, «foi escrito por Rufino»,

---

(139) Cf. *supra*, cap. V, pp. 89-93.

embora declare logo a seguir que «é incerto se o traduziu do grego». Finalmente afirma que «os Livros II, III e IV foram escritos em latim, ou não há a certeza de que sejam uma tradução»<sup>(140)</sup>.

Hopfner, como já vimos, pensava que o Livro III (e a afirmação é válida sobretudo para a parte tirada das *Commonitiones*) tem o grego apenas como ponto de partida e «muitas vezes não parece mesmo uma tradução»<sup>(141)</sup>.

Nós, pelo contrário, estamos inteiramente convencido de que as *Commonitiones* são, de facto, uma tradução do grego para o latim. Os exemplos apresentados no parágrafo anterior e no capítulo V (pp. 71-83 e 152-157) provam, à evidência, que o latim se encontra em vários passos muito próximo, quase literal, em confronto com o texto grego de que dispomos. E foi-nos possível organizar um quadro de lugares paralelos em que para 90% do texto latino encontrámos uma narrativa grega equivalente<sup>(142)</sup>. O leitor pode seguir com relativa segurança este critério de apresentação externa: os apotegmas mais breves ou mesmo de média extensão encontram-se, no geral, muito próximos do paralelo grego.

Mas não poderia — perguntará alguém — um escritor que conhecesse os apotegmas gregos organizar directamente em latim uma colecção, servindo-se do fundo grego, mas reelaborando-o com bastante independência, como se de um original latino se tratasse?

Esta interrogação levanta o problema dos processos de tradução e de reelaboração, em voga na Literatura da Antiguidade Cristã. Não é aqui o lugar para apresentar sequer um esboço do método usado pelos diversos tradutores. Observemos, no entanto, que o princípio da versão literal não era apenas

---

<sup>(140)</sup> Cf. J.-P. Migne, *Patrologia Latina* 73, coll. 39, 48 e 49.

<sup>(141)</sup> Cf. supra p. 150.

<sup>(142)</sup> Cf. supra pp. 47-64.

utilizado pelos tradutores da Bíblia. Pelo contrário, ele teve sempre adeptos, desde o século II até ao século VI (época esta que de momento nos interessa), incluindo S. Jerónimo, Rufino e as escolas de Boécio e Cassiodoro<sup>(143)</sup>.

Os estudiosos têm observado que em certos géneros literários se criou a tradição de adoptar uma tradução quanto possível literal<sup>(144)</sup>. Aliás, toda a tradução deve tender a comunicar o mesmo que o original exprime. «A regra de ouro, para uma versão, será sempre pensar e dizer na própria

<sup>(143)</sup> Sobre os métodos de tradução na antiguidade, sobretudo cristã, consultamos: F. BLATT, *Remarques sur l'histoire des traductions latines in Classica et Mediaevalia*, I (1938), pp. 217-242; H. DÖRRIE, *Passio SS. Machabaeorum. Die antike lateinische Übersetzung des IV Makkabäerbuches*, Göttingen, 1938; G. BARDY, *La question des langues dans l'Église ancienne*, t. I, Paris, 1948, especialmente o cap. IV: *Traducteurs et adaptateurs au VI<sup>e</sup> siècle*, pp. 231-289; A. SIEGMUND, *Die Überlieferung der griechischen christlichen Literatur in der lateinischen Kirche bis zum zwölften Jahrhundert*, München, 1949; Sv. LUNDSTRÖM, *Übersetzungstechnische Untersuchungen auf dem Gebiete der christlichen Latinität*, Lund, 1955; CH. MOHRMANN, *Note sur la version latine la plus ancienne de la vie de Saint Antoine par Saint Athanase in Antonius Magnus Eremita (= Studia Anselmiana*, 38, (1956), pp. 35-44; G. GARITTE, *Le texte grec et les versions anciennes de la vie de Saint Antoine in Studia Anselmiana XXXVIII* (1956) pp. 1-12; H. W. F. M. HOPPENBROUWERS, *La plus ancienne version latine de la vie de S. Antoine par S. Athanase. Étude de critique textuelle*, Utrecht-Nijmegen, 1960; IDEM, *La technique de la traduction dans l'Antiquité d'après la première version latine de la Vita Antonii in Mélanges Christine Mohrmann. Nouveau recueil offert par ses anciens élèves*, Utrecht-Anvers, 1973, pp. 80-95; G. Q. A. MEERSHOEK, *Le latin biblique d'après Saint Jérôme. Aspects linguistiques de la rencontre entre la Bible et le monde classique*, Nijmegen-Utrecht, 1966; F. WINKELMANN, *Spätantike lateinische Übersetzungen christlicher griechischer Literatur in Theologische Literaturzeitung XCII* (1967), pp. 230-240; S. EKLUND, *The periphrastic, complete and finite use of the present participle in Latin, with special regard to translations of christian texts in Greek up to 600 A. D.*, Uppsala, 1970. Também útil, em parte, para o nosso intento, a tese de CUSTÓDIO MACUEJO, *Helenismo sintáctico e estruturas latinas*, Évora, 1973.

Do ponto de vista linguístico interessa também conhecer as traduções do latim para grego. Cf. um conspecto geral com bibliografia em E. DEKKERS, *Les traductions grecques des écrits patristiques latins in Sacris Erudiri V* (1953), pp. 193-233. Há ainda úteis tratados de carácter geral, como SILVEIRA BRENNO, *A arte de traduzir*, S. Paulo, 1954; *Sprachwissenschaft und Übersetzen. Symposium an der Universität Heidelberg*, 24-26, II, 1969, edit. Max Hueber Verlag, 1969; J. S. HOLMES, *The nature of translation: Essays on the theory and practice of literary translation*, The Hague-Paris, 1970. Sobre problemas de tradução e suas diversas implicações publica-se em Berlim a revista *Babel*.

<sup>(144)</sup> Para um breve quadro das traduções do grego para latim, segundo os diversos géneros literários: filosofia, filologia, escritura, história, hagiografia, moral, direito, etc., cf. F. WINKELMANN, artigo citado na nota anterior.

língua o que o autor original pensou e disse na sua. Levar a imitação até reproduzir a maneira particular do pensamento e do estilo seria o ideal»<sup>(145)</sup>. Ideal difícil, se não impossível de atingir, digamos desde já.

Com acerto o reconhece um moderno tradutor português da Bíblia: «Traduzir é... escravizar-se, porque um tradutor não diz o que quer, nem mesmo sempre como quer, a não ser que ladeie ou evite as dificuldades (...). Uma tradução, porém, não precisa de ser servil para ser literal; e nem por isto deixa de corresponder ao ideal de ser fiel e elegante»<sup>(146)</sup>.

Ainda não se fez — que saibamos — uma apreciação global sobre as técnicas de tradução no género apotegmático. Vejamos o que sabemos das principais colecções.

Pascásio de Dume foi o único que escreveu um *prefácio* para a sua tradução. Aí diz explicitamente: *Vitas patrum, Graecorum ut cetera (...) iussus (...) in latinum transferre sermonem... Si quid (...) minus eleganter expressum, ne meae culpae reputetur exoro. Quia sicut in dato mihi codice reperi scripta sic transtuli.* O seu propósito foi, portanto, o de fazer uma tradução literal, embora, como já demonstrámos, a sua versão não seja «servil», mas «cuidada, artística»<sup>(147)</sup>.

Também de Martinho temos a certeza de que traduziu do grego, pois o título do seu trabalho é: *Sententiae patrum Aegyptiorum quas de graeco in latinum transtulit Martinus Dumiensis episcopus.* E C. W. Barlow ao referir-se ao método adoptado afirma: «É difícil conceber uma tradução mais literal do

<sup>(145)</sup> Dom E. PICHERY, na introdução a JEAN CASSIEN, *Conférences* I-VII, Paris, 1955, p. 69.

<sup>(146)</sup> SEBASTIÃO MARTINS DOS REIS, na introdução a *Evangelhos e Actos dos Apóstolos*, Porto, 1973, p. [XI].

Sobre traduções literais e traduções-«recriação» na poesia moderna são muito pertinentes as observações de MANUEL DE SEABRA nas introduções a *Antologia da Poesia Provençal Moderna*, Lisboa, 1972, pp. 33-35 e a MIYAMOTO MASAO, *Da arte e da morte*, Lisboa, 1973, pp. 13-18.

<sup>(147)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. I, p. 66 e *in genere*, pp. 55-122.

que esta» (148). Falta-nos, porém, ainda hoje um estudo filológico pormenorizado.

Para a maior colecção latina que possuímos, as *Adhortationes sanctorum patrum*, temos também duas rubricas preciosas: — no fim do *libellus XVIII* acrescentam os manuscritos: *Vsque hic de graeco in latinum transtulit Pelagius, diaconus ecclesiae Romanae. Subdita Ioannes subdiaconus*; e ao terminar toda a obra: *Expliciunt sermones sanctorum patrum, interpretati de graeco in latinum a diacono Pelagio sanctae ecclesiae Romanae et Ioanne subdiacono* (149). Quanto à técnica adoptada, já vimos que Hopfner considera a tradução dos clérigos romanos «escrava do original grego» (150). E nós próprio ao comparar o trabalho de Pascásio com o grego e com a versão de Pelágio-João tivemos ocasião de verificar que a destes é muitas vezes de um literalismo extremo, «autêntica escravidão» ao original (151).

Temos ainda pequenas colecções, como as *Meditationes duodecim anachoretarum* e as *Sententiae patrum* para as quais também há texto grego. Os apotegmas destas colectâneas são, no geral, tão breves que não podem deixar de ser uma tradução literal (152).

Estes testemunhos são, pois, concordes em que o género apotegmático sobre os padres dos desertos está representado, em latim, apenas por traduções do grego, subordinadas à norma geral do literalismo (cf. exemplos citados na p. 57).

Acontece mesmo que para obras que primeiramente se julgou serem originais latinos e depois se pensou que eram traduções *livres* do grego, uma crítica mais atenta postula um

(148) CLAUDE W. BARLOW, *Martini episcopi Bracarensis opera omnia*, New Haven, 1950, p. 17.

(149) Cf. C. M. BATLLE, *Die Adhortationes...*, pp. 11-12.

(150) Cf. texto citado supra, p. 150.

(151) Cf. *Pascásio de Dume...*, t. I, pp. 56, 57, 58, 62, 63, 68, 69, 70, 71, etc.

(152) Cf. bibliografia indicada por J. G. FREIRE, *Traductions latines des Apophthegmata Patrum in Mélanges Christine Mohrmann*, Utrecht-Anvers, 1973, pp. 167-168 e C. M. BATLLE, *Die Adhortationes...* pp. 13-14.

modelo grego, o qual deve ter existido, com elementos diferentes da recensão grega chegada até nós. O caso mais impressionante ocorre com a tradução de Rufino (um escritor que goza da fama de traduzir *livremente*) da *Historia Monachorum in Aegypto*. A.-J. Festugière demonstrou que o texto latino que chegou até nós (para o qual não há ainda — lamenta ele — uma edição crítica) foi feito sobre uma recensão grega diferente da que hoje conhecemos e diferente também da que utilizou Sozómoeno para a sua *História Eclesiástica*. Festugière assegura mesmo que havia ainda outras. «Para disso nos convenceremos aí está a extrema complexidade da *traditio* dos Apophthegmata»<sup>(153)</sup>.

É verdade que no nosso caso já é conhecida uma recensão grega, em muitos passos, de certeza, próxima do original. Porém, para os acrescentos que não são puramente retóricos, mas introduzem elementos concretos, úteis ao sentido, ou homilias longas que dificilmente se podem admitir num tradutor, então é lícito supor, e mesmo propor, que deve ter existido uma recensão grega com estes novos pormenores.

A existência de recensões diferentes para um texto de base não nos deve admirar, quando se trata de uma obra muito divulgada — afirma ainda Festugière. O copista não se limitava então a reproduzir o seu modelo, «mas reconhece o seu direito de corrigir, embelezar e por vezes amplificar o que está copiando». «Os que copiavam estes textos no Egipto ou na Palestina eram eles próprios apreciadores de episódios sobre os padres e de discursos dos padres. Estavam mergulhados numa tradição em contínuo crescimento. Segundo os hábitos da época, não receavam, aqui e ali, inserir algum acrescento que embelezava a narrativa ou a tornava mais útil ainda, pela adição de um

---

<sup>(153)</sup> Cf. A.-J. FESTUGIÈRE, *Le problème littéraire de l'Historia Monachorum in Hermes*, 83 (1955) pp. 257-284. A frase transcrita está na p. 281.



episódio maravilhoso (...) ou de pormenores exactos sobre tal congregação de monges (...) ou de amplificações homiléticas»<sup>(154)</sup>.

Estas observações aplicam-se perfeitamente ao autor das *Commonitiones*, se as considerarmos escritas originariamente em grego por um monge da Regra de S. Pacómio, no final do século V<sup>(155)</sup>. Os tradutores de apotegmas tinham por norma o literalismo, mais ou menos artístico. O género apotegmático nasceu e foi cultivado no Próximo Oriente. O Ocidente limitou-se a importar e a traduzir as colecções já organizadas e divulgadas. Foi assim com Pelágio-João, com Pascásio, Martinho e com os demais. Porque haveria de ser de modo diferente com as *Commonitiones*?

Além destas deduções, temos ainda a possibilidade de recorrer (e desejamos fazê-lo sempre com prudência) a argumentos linguísticos. Ainda que não possuamos o texto grego exacto das *Commonitiones*, há nestas, passos latinos que só se compreendem recorrendo a paralelos gregos ao nosso alcance. Além disso, existem construções sintácticas que não seriam de admitir num original latino, mas se explicam tendo em mente um trabalho de tradução nem sempre levado até às exigências da perfeição. Examinemos primeiro alguns destes sintomas.

#### 4 — LATIM OBSCURO, ESCLARECIDO PELO GREGO

Quando um texto é claro em grego, recorrendo mesmo a expressões típicas, e o latim é confuso ou ininteligível, devemos concluir que o original é o grego e que o latim é uma tradução imperfeita.

---

<sup>(154)</sup> Cf. *op. cit.*, pp. 280-281.

<sup>(155)</sup> Cf. sobre o problema do autor, *supra* pp. 103-120.

1 — Em I,13 conta-se de um irmão que foi visitar um ancião. Este recebeu-o bem e preparou uma refeição para ambos. Resolveram, porém, começar por rezar algumas orações e cantar salmos. Continuam as *Commonitiones* (linhas 5-8):

*Cum autem ingressi fuissent psallebant, totumque psalterium compleuerunt. Nam et de Scripturis sanctis, tamquam legentes, duas prophetias, absentes habentes, recitarunt.*

Por este fragmento podemos deduzir que as profecias foram recitadas à maneira de quem lê: *tamquam legentes*; em contrapartida, os salmos eram cantados. *Psallere, psalterium e psalmodiam* aparecem várias vezes nas *Commonitiones*, devendo entender-se sempre que se tratava de uma oração cantada, sentido aliás corrente no latim dos autores cristãos<sup>(156)</sup>. Mas que significa o inciso, com dois participios: *absentes habentes*? Por nossa parte, só entendemos a expressão quando consultámos os lugares paralelos:

NAU, 150

...καὶ ἐτέλεσεν ὁ εἰς ὄλον  
τὸ ψαλτήριον, καὶ ὁ ἀδελφὸς  
ἀπεστῆθισε τοὺς μεγάλους δύο  
προφήτας.

PELÁGIO IV,57

... Et unus quidem eorum  
compleuit totum psalterium;  
alter uero *ex corde* duos  
prophetas maiores lectoris  
ordine recitauit.

<sup>(156)</sup> A nossa pesquisa lexical latina incidiu principalmente sobre as seguintes obras: *Thesaurus linguae latinae*, Lipsiae, I, 1900, ss.; A. FORCELLINI-V. DE VIT, *Totius latinitatis lexicon*, Prato, I-VI, 1858-1875; A. ERNOUT et A. MEILLET, *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, Paris, 1959; A. BLAISE, *Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens*, Turnhout, 1954; CH. T. LEWIS and CH. SHORT, *A latin dictionary*, Oxford, 1962; CH. DUFRESNE (DU CANGE), *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, Parisiis, 1840; J. F. NIERMEYER, *Mediae latinitatis lexicon minus*, Leiden, 1965; H. ROSWEYDVS, *Onomasticon rerum et uerborum difficiliorum*, em apêndice às suas *Vitae Patrum* (cf. PL 74, coll. 399-516); A. H. SALONIUS, *Vitae Patrum*, Lund, 1920, pp. 359-440; W. MEYER-LÜBKE, *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, Heidelberg, 1968. Oportunamente será dada informação de outras fontes, quando for caso disso.

Rosweydu deixo passar em claro, no Livro III, a expressão *absentes habentes* (cf. PL 73, col. 742). Porém, em Pelágio (col. 871) remete para uma nota a *ex corde*, em que diz (col. 988): «*Gallismus par coeur*, id est, memoriter». E abona-se com outro passo de Pelágio X,91 e com o comentário de Hildegardis à Regra de S. Bento, onde se explica: «*Praedictas lectiones ex corde et memoriter*, id est, sine libro, quoniam breues sunt recitabunt». E conclui Rosweydu: «*Sic Graecis ἀπὸ σήτους λέγειν et ἀποστηθίζειν*». A explicação é perfeita<sup>(157)</sup>. De facto ἀποστηθίζειν tem o significado de «learn by heart, repeat from memory»<sup>(158)</sup>. O coração ficou consagrado, em várias línguas, nesta expressão, como o órgão da memória; também em português dizemos: saber *de cor*.

Podemos agora interpretar os enigmáticos participios das *Commonitiones*. Segundo o grego, o irmão recitou *de cor os dois profetas maiores*. Isto é o que afinal quer dizer: *absentes habentes* (scilicet: *codices*), precisamente como Hildegardis explica para a Regra de S. Bento: *ex corde et memoriter, id est, sine libro*.

Parece-nos, apesar de tudo, um pouco estranho, para os nossos hábitos linguísticos, o conjunto *absentes habentes*. Meditando nele, perguntámo-nos: haverá alguma língua em que a expressão *de cor* ande ligada à ideia de «ausência»? Ocorreram-nos então duas línguas germânicas. Em alemão diz-se *auswendig* e em neerlandês *van buiten*. Literalmente, qualquer destas duas expressões significa «de fora». Só em sentido figurado adquiriram o valor de «de cor».

Atendendo a tudo isto, julgamos lícito pôr uma hipótese: Se, para o tradutor das *Commonitiones*, ἀποστηθίζειν equivalia à ideia de «não ter o texto presente para ler, saber de

(157) Também SALONIUS (*op. cit.*, pp. 372 e 439) estuda em pormenor *ex corde* e *ex animo*, mas sobre *absentes habentes* nada diz.

(158) Para o grego servimo-nos dos dicionários de H. G. LIDDEL, R. SCOTT, H. S. JONES, *A greek-english lexicon*, Oxford, 1966 e de G. W. H. LAMPE, *A patristic greek lexicon*, Oxford, 1968.

cor», não seria porque ele vivia numa região em que a fala corrente usaria expressões do tipo *auswendig* ou *van buiten*? A ser assim, ao pensar no tradutor lançaríamos o nosso olhar para a *Germania*... Leve indicação, esta. Não deixemos, no entanto, de referir que a transmissão manuscrita está quase limitada à área geográfica da antiga *Germania*. Pura coincidência? (cf. também p. 134).

Esta nossa observação não significa que *absens habere* com o valor de *de cor*, tenha nascido ou fosse só de uso na *Germania*. Forcellini (I, p. 27) e o *Thesaurus linguae latinae* (I, col. 215) registam este passo de Aulo Gélcio (20,10,4): *tum ego hos uersus ex octauo annali Enni absentes (i. memoriter) dixi*. Mas não se nos deparou outra abonação para tal significado.

Voltando a I,13 repare-se que as *Commonitiones* fazem do canto do Saltério e da leitura dos Profetas um acto comum. O grego e Pelágio atribuem uma parte ao ancião, outra ao visitante. Num ponto, porém, estão de acordo Pelágio e as *Commonitiones*: *lectoris ordine* do primeiro é o mesmo que *tamquam legentes* do segundo. Provavelmente este pormenor, embora falte em Nau 150, estava no texto grego de Pelágio e no do tradutor das *Commonitiones*, as quais, como vemos, testemunham, até em minúcias, a tradição grega, pelo que bem devemos supor que o seu original era grego.

2 — Mais delicado se apresenta o caso de VI,3<sup>c</sup>. Este apotegma das *Commonitiones* só se encontra nos manuscritos de Viena e Dresda. A sua lição é, no parágrafo em causa, sem variantes, a seguinte:

*Dicebat autem beatus Arsenius fratribus: Quia cella studiosi monachi, qui festinat uirtutes animi possidere et omnia praecepta Saluatoris nostri Christi Domini adimplere, similis est fornaci Babyloniae, ubi tres pueri uidere meruerunt Filium Dei, etiam in columna luminis, ubi Dominus locutus est Moysi.*

Os lugares paralelos são:

NAU, 206

Εἶπεν γέρον· Ἡ κέλλα τοῦ  
μοναχοῦ ἔστιν ἡ κάμινος Βα-  
βυλῶνος, ὅπου οἱ τρεῖς παῖδες  
τὸν υἱὸν τοῦ Θεοῦ εὔρον, καὶ  
ὁ στύλος τῆς νεφέλης, ὅθεν ὁ  
Θεὸς τῷ Μωϋσῆ ἔλάλησεν.

PELÁGIO VII, 38

Dixit senex: Cella mo-  
nachi est caminus ille Baby-  
lonius, ubi tres pueri Filium  
Dei inuenerunt; sed et co-  
lumna nubis est ex qua  
Deus locutus est Moysi.

Não há qualquer dúvida de que o grego de Pelágio devia ser exactamente igual à versão que reproduzimos, tão literal é a sua tradução. As *Commonitiones* apresentam as reelaborações que colocámos a itálico: o apotegma deixa de ser anónimo para se atribuir ao abade Arsénio; limitam-se as qualidades da cela apenas à do monge que for *studiosus*; e explica-se o valor deste conceito: *qui festinat uirtutes...* Pensamos que estas alterações foram introduzidas pelo autor das *Commonitiones*. O tradutor garante-nos a sua norma de fidelidade ao grego na última parte do apotegma.

Confessamos, porém, que precisamente o último cólon se nos apresenta obscuro. Procurámos interpretá-lo recorrendo a figuras de estilo<sup>(159)</sup>: *etiam in... ubi...* poderiam introduzir uma braquilogia, assíndeto, silepse, vulgarismo? Nenhuma hipótese nos pareceu aceitável.

Recorramos agora ao grego: καὶ ὁ στύλος τῆς νεφέλης ὅθεν...

Pelágio traduziu bem: *sed et columna nubis est ex qua...* Seguimos como norma, em crítica textual, respeitar quanto

(159) Neste e noutros casos que estudaremos, servimo-nos das seguintes estilísticas: J. B. HOFMANN-A. SZANTYR, *Lateinische Syntax und Stilistik*, München, 1965; J. MAROUZEAU, *Traité de stylistique latine*, Paris, 1946; AEM. SPRINGHETTI, *Institutiones stili latini*, Romae, 1954; J. GUILLÉN, *Estilística latina*, Salamanca, 1954.

possível a lição dos manuscritos. Já temos retirado hipóteses de emendas, porque afinal surgiu uma interpretação provável dentro da transmissão manuscrita. Neste caso, porém, a clareza do grego e da tradução de Pelágio levam-nos a concluir que houve um erro de copista já num arquétipo de que dependem os mss. de Viena e Dresda. Onde está escrito *in* deverá ler-se *est*. É verdade que Viena tem *in* por extenso, ao passo que Dresda emprega a abreviatura  $\bar{i}$ . Proveniente ou não de uma confusão de  $\bar{e}$  (= *est*) com  $\bar{i}$  (= *in*), o certo é que o passo se clarifica totalmente com a nossa correcção. Cremos mesmo que só esta nova leitura corresponderá à tradução original: ...*similis est fornaci Babyloniae, ubi...; etiam est columna luminis, ubi...*

Mas esta emenda só foi possível, recorrendo ao grego. Além disso, a proximidade de todo este n. VI,3 com o grego que chegou até nós e com outras traduções latinas, de certeza vertidas do grego, não podem levar-nos senão a esta conclusão: o latim das *Commonitiones* é uma tradução do grego e não um original. E a autenticidade deste apotegma, apesar de transmitido só por um arquétipo, não está em causa, tão evidentes são os seus processos de elaboração e de tradução, comparados com o resto das *Commonitiones*.

Para avaliar do trabalho de Rosweyduz repare-se que para Pelágio VII,38 não é indicado nenhum lugar bíblico paralelo. A nós parecem-nos indiscutíveis as remissões para o profeta *Daniel*, cap. III, e para o *Êxodo*, fim do cap. XIII-princípio do cap. XIV.

3 — Há um passo em V,2 que se compreende muito melhor se tivermos presente um apotegma grego e outra tradução latina, que em parte lhe são paralelos. Faz-se aí o elogio do espírito de mortificação do eremita Píor e apresenta-se também este testemunho (lin. 28-29):

*Dicebant ergo fratres quia unum tantum paximatium et quinque oliuas in cibo accipiebat, et hoc deambulando foris.*

A primeira parte da frase é bem clara e tem o mérito de documentar a parca alimentação de Píor: um pedaço de pão e cinco azeitonas — pormenor que não vemos na série nominal (PG LXV, coll. 373-376). Menos compreensível nos parece a intenção do acrescento: *et hoc deambulando foris*. Tudo se esclarece, porém, se lermos o grego e a tradução de Pelágio:

## PIOR 2(373)

‘Ο ἀββᾶς Πίωρ περιπατῶν ἤσθιε· Πυθομένου δέ τινος· Διατί οὕτως ἐσθίεις; Οὐ βούλομαι, ἔφη, ὡς ἔργῳ τῷ βρώματι χρῆσασθαι, ἀλλ’ ὡς παρέργῳ· Πρὸς ἕτερον δὲ περὶ τούτου ἐρωτήσαντα ἀπεκρίνατο· ‘Ἴνα μὴδὲ ἐν τῷ ἐσθίειν, φησὶν, ἡδονῆς σωματικῆς αἰσθάνηται ἡ ψυχὴ μου.

## PELÁGIO IV,34

Dicebant de abbate Pior, quia ambulando comederet. Et interrogante eum quodam quare sic manducaret respondit se non hoc uelut opus aliquod agere, sed uelut quiddam superfluum uti. Alii autem de hoc interroganti respondit: Vt non uel in comedendo corporalem delectationem habeat anima.

Eis aqui muito bem explicada a intenção ascética de Píor. Mas para isso tivemos que recorrer a um seguro original grego.

## 5 — CONSTRUÇÃO SINTÁCTICA DESCUIDADA

Um autor que compõe uma história, podendo livremente dispor dos recursos da língua, da sintaxe e da estilística, normalmente entende-se que, se tem capacidade para isso, escreve sempre com correcção. As *Commonitiones* têm muitos trechos perfeitos. Por vezes, porém, a sintaxe apresenta irregularidades. Este tipo de desarmonia compreende-se melhor se pensarmos

que quem escreveu está limitado por um texto que se encontra diante de si para o traduzir<sup>(160)</sup>.

1 — Vejamos o final da II,8 (linhas 34-39):

*Magis autem oportet ut maneat in hoc loco in afflictione cordis et corporis, et cum intimi cordis gemitu ac lacrimis usque in exitum uitae deprecare Domini ac Saluatoris nostri pietatem, ut possis inuenire misericordiam in die illo terribili magni iudicii Dei.*

O apotegma encontra-se, também, em grego, em Nau 176 e, em latim, em Pelágio V,24. Enquanto Pelágio corresponde literalmente, neste final, ao modelo grego, as *Commonitiones* apresentam aqui uma exortação que lhe é exclusiva.

Analisando bem, um monge, ao aconselhar o outro, talvez devesse usar dois imperativos: *mane... et... deprecare*. O que se verifica, porém, é um desequilíbrio no uso dos modos e da expressão. Primeiro, à maneira de sugestão, usa *oportet ut* com o presente do conjuntivo *maneat*; depois, apesar da copulativa *et*, emprega o imperativo.

Para desculpar esta falta de correspondência no uso dos modos, pode sublinhar-se a grande distância a que os verbos se encontram. A acentuar o carácter vulgarizante do período lá está ainda, a principiar, *magis*.

Note-se, além disso, que o tradutor parece dar à copulativa *et* um grande valor, em ordem à independência das regências dos modos e dos casos. Veja-se o n. X da *capitulatio* II: *De*

---

<sup>(160)</sup> Para efeitos de sintaxe, além das obras citadas na nota anterior, consultamos também: M. BASSOLS DE CLIMENT, *Sintáxis histórica de la lengua latina*, I, Barcelona, 1945; II, 1948; A. TOVAR, *Sintáxis*, Madrid, 1946; A. ERNOUT-F. THOMAS, *Syntaxe Latine*, Paris, 1953; E. FARIA, *Gramática superior da língua latina*, Rio de Janeiro, 1958; J. GUILLÉN, *Gramática latina*, Salamanca, 1960; A. BLAISE, *Manuel du latin chrétien*, Strasbourg, 1955. Têm-se presentes ainda os manuais de latim vulgar e tardio citados noutras ocasiões (pp. 154 e 208).



*fratre qui interrogabat sanctum Poemen (...) et responsio sancti Poemenis.* De esperar seria um novo ablativo, do tipo que aparece um pouco antes: IV — *De beato abbate Moyse et de impugnatione eius*; V — *De monacho... et de quadam muliere.* No n. X, porém, o primeiro tema, precedido de *de*, ficara tão afastado que a redacção do segundo membro foi considerada de modo independente. Daí o nominativo: *et responsio...* (Cf. outros exemplos citados na p. 188).

2 — Em IV,9 conta-se que um «sanctus uir» para experimentar a paciência de dois irmãos pegou num cajado e destróçou-lhes as couves do quintal. Em vez de se irritarem, *adorantes eum dixerunt* (linhas 12-14):

*Si praecipis, domine, ut eamus et eum qui remansit caulem coquentes gustemus, quia iam hora est ut cibum sumamus.*

A função de *ut* não nos parece clara. A frase ficaria mais perfeita e com melhor sentido, sem ele: *Si praecipis, eamus et... gustemus.* Interpretamos estes conjuntivos como uma hipótese de decisão para agir. Pensamos que *ut* está ali a mais, colocado como que automaticamente, de acordo com a expressão *praecipere ut...* Tal como está, não vemos onde se encontre a oração principal ou subordinante.

Quando muito, a *ut* poderá dar-se-lhe um valor expletivo. Alguns copistas viram a dificuldade. O do manuscrito de Namur suprimiu apenas o *ut*. A edição de Rosweyde (PL 73, col. 752, *sub fine*) vai mais longe, para apresentar uma sintaxe mais congruente: *Si praecipis, domine, ibimus ut eum qui remansit caulem coquentes gustemus...* O verbo *ire* passou para o futuro do indicativo; *ut* ficou a reger apenas *gustemus*. Mas esta lição é arbitrária. As fontes manuscritas não a apoiam.

Já é mais aceitável o primeiro *ut* que se encontra em V,7 (lin. 18-21):

*Tracta ergo apud te, quia haec sola est uera et firma spes, ut faciat homo praecepta Domini, ut mereatur peruenire ad gloriosa et aeterna promissa Domini Saluatoris nostri Christi.*

Na expressão *ut faciat homo...* a função de *ut* é explicativa, com valor de «a saber, isto é». Note-se a sua construção com o conjuntivo. O segundo *ut* tem manifesto valor final, expresso na perífrase solene *mereatur peruenire...*

3 — Em V,8 faz-se o elogio de S. Pacómio e referem-se conselhos que ele dava à sua comunidade, a qual seguia com perfeição as exortações do *beatus pater noster Pachomius* (linhas 35-36).

O tradutor demonstra neste apotegma que é capaz de construir uma frase longa, sem perder a sequência do pensamento. Veja-se na linha 13: *Referebant autem nobis fratres...* seguido de um excuro, pelo que, utilizando uma anáfora, o tradutor retoma a narração, repetindo (linha 15): *referebant ergo de eo...* Repare-se ainda numa frase sintacticamente perfeita, com o verbo principal no indicativo, ligado a dois participios do presente (linhas 37-40):

*Postmodum uero discedebat unusquisque fratrum in cellulas suas, operantes manibus suis et meditantes quae de sanctis Scripturis didicerant.*

Apenas se pode notar que *discedebat* está no singular, perfeitamente, em concordância com *unusquisque*, mas depois vão para o plural os participios *operantes (...)* *et meditantes*. Trata-se, neste último caso, duma compreensível concordância *ad sensum* <sup>(161)</sup> implícita em *unusquisque*: cada um deles, isto é, todos, os quais *trabalhavam e meditavam...*

Mais complexa é a situação da frase seguinte (linhas 40-44):

*Impossibile est enim aliquem apud eos uerbum otiosum loqui, sed ea tantum quae de sanctis Scripturis didicerant inter se conferentes et exponentes de capitulis sanctarum Scripturarum, quae*

---

(161) Cf. número seguinte «Concordância *ad sensum*», pp. 179-181.

*ad timorem et amorem Domini confirmarent et illuminarent animas eorum.*

Esta é a redacção de  $\beta$ , documentada pelos melhores manuscritos, os de Viena e Dresda, e também pelo arquétipo  $\delta$ , de que depende o ms. de Namur. Mas assim a sintaxe da oração adversativa: *sed ea tantum (...) inter se conferentes et exponentes...* está imperfeita. Esperar-se ia um predicado no modo indicativo, por exemplo, *conferebant* ou *exponebant*. Mas não. Aqueles participios ficam ali, sintacticamente, pendentos, sem outro verbo a que se apoiem.

Alguns copistas viram a dificuldade e tentaram remediá-la. O ms. de Reims, único representante genuíno, neste apotegma, do arquétipo  $\gamma$ , tem: *erant inter se conferentes et exponentes*. Esta lição foi retomada por alguns manuscritos secundários e Rosweydu seguiu-a. Porém o arquétipo  $\delta$ , representado por Namur, Berlim, Londres e seus pares, e ainda outros manuscritos só com os nn. 1-40, mantêm-se fiéis à lição de  $\beta$ , colhida de  $\alpha$  (como o deixa ver a redacção preferida por  $\delta$ , um arquétipo contaminado de  $\alpha$  e  $\gamma$ ). Só um outro copista, isolado, procurou salvar a situação doutro modo. Foi o de Namur que substituiu *et exponentes* por *exponunt*, ficando portanto: *sed ea (...) inter se conferentes, exponunt...* Tentativa desesperada, sem apoio da tradição.

Depois de pensar maduramente, pareceu-nos preferível incluir *erant* no nosso texto crítico, fazendo-o embora preceder de uma *crux*. Julgamos que o acrescento de *erant* é uma engenhosa intervenção do arquétipo  $\gamma$ . Observemos, todavia, que a perda de *erant*, já existente no hiperarquétipo  $\alpha$ , é paleo-graficamente fácil de compreender. Suponhamos que, de facto, o tradutor escreveu *didicerant erant*. A uniformidade de terminação pode ter levado o modelo  $\alpha$  a omitir o segundo verbo, traído pela memória que interiormente ditava ao copista — *cerant erant*. Apesar de tudo, consideramos a inclusão de *erant* um tanto problemática, embora com ela se salve a sintaxe (cf. p. 266).

3 — Observámos atentamente a construção de *necesse est*. Temos as modalidades esperadas em IV,4 (lin. 9): Poemen pensava que, se interferisse em questões do mundo, *necesse est ut per haec perturbentur secreta uitae meae*; e em IV,4 (lin. 24-25) o juiz manda a Poemen o seguinte recado: *si uoluerit uenire ad me, necesse est ut statim educamus eum de carcere*. Em ambos os casos um corrente *necesse est ut...* seguido de conjuntivo. Todavia em V,3 (lin. 13-14) lê-se que a irmã de João Cólobo lhe escreveu dizendo: *Quia si nolueris uenire ad me, necesse me est ut ego ueniam ad te*.

O que está em causa é a construção rara: *necesse me es ut...* Rara, mas não totalmente insólita. Szantyr regista-a a par do genitivo e do dativo. De facto, a redacção que temos como original só se encontra no manuscrito de Viena. Os de Dresda e Londres resolveram omitir *me*; os de Reims e Namur pensaram simplificar, escrevendo *mihī*. E entre estas duas soluções se baloiça a maioria dos restantes manuscritos. A edição de Rosweydyus apresenta uma versão ainda mais alterada (PL 73, n. 32, col. 759): *necesse habeo ut ego...* Todas estas variantes são afinal motivadas pelo desejo de eliminar uma dificuldade. *Necesse me est ut...* é uma *lectio difficilior* e rara, mas nada impede de a aceitar como genuína, precisamente perante a hesitação dos outros manuscritos (cf. p. 188).

4 — Aproveitamos o ensejo para mostrar que o recado mandado pelo juiz ao abade Poemen, em IV,4, a propósito da libertação de um seu sobrinho, não se encontra redigido da melhor maneira pelo tradutor das *Commonitiones*. Vejamos os lugares paralelos:

POEMEN 5(320)

Ἀκούσας δὲ ἄρχων, ἔπεμψε  
λέγων· Κἄν λόγῳ κελεύσῃ,  
ἀπολύω αὐτόν.

PELÁGIO VIII,13

Audiens autem iudex mi-  
sit, dicens: Vel uerbo iubeat,  
et ego eum dimittam.

PASCÁSIO XLIX,4

COMMONIT. IV,4 (lin. 22-25)

Audiens uero iudex misit dicendo: Quia uel si uerbo mihi praeceperit, dimittam eum.

Dixitque ad officium suum ut non contristaretur sanctus senior: Mandate ei, si uoluerit uenire ad me, necesse est ut statim educamus eum de carcere.

As traduções de Pelágio e Pascásio podem dizer-se inteiramente literais. Como habitualmente, as *Commonitiones* apresentam uma redacção mais ampla. Parece-nos, porém, que não é feliz a expressão:

...*si uoluerit uenire ad me, necesse est ut statim educamus eum de carcere.*

Comparando com o sentido seguro dos lugares paralelos, julgamos que (aproveitando as construções das *Commonitiones*) a frase deveria ser assim construída:

...*necesse est ut ueniat ad me si uoluerit ut statim educamus eum de carcere.*

A própria ordem das palavras poderia manter-se e o sentido ficaria perfeito, substituindo *necesse* por *sufficiens*:

...*si uoluerit uenire ad me sufficiens est ut statim educamus eum de carcere.*

Teríamos ainda outro processo de manter todas as palavras e normalizar o sentido, acrescentando apenas «somente isto»:

...*si uoluerit uenire ad me, <hoc tantum> necesse est ut statim educamus eum de carcere.*

O certo é que a redacção das *Commonitiones*, apesar de defeituosa, quanto à clareza do sentido, não apresenta variantes em nenhum manuscrito. Por isso julgamos prudente não tocar no texto transmitido. De facto, por vezes colhe-se a impressão de que o tradutor se distraiu e não tornou a rever a sua obra (cf. também pp. 171, 173, 178, 188-189 e 265).

5 — Entre os problemas de *consecutio temporum* suscitados nas *Commonitiones*, o mais impressionante é a preferência permanente pelo conjuntivo presente *possit*, em vez do imperfeito *posset*. A conjunção dos testemunhos manuscritos é, em certos casos, de tal ordem que não devemos pensar na confusão paleográfica de *i* com *e*.

Nos exemplos que vamos apresentar convém ter presentes os arquétipos e as siglas que damos no *stemma codicum* e na descrição dos manuscritos (pp. 262 e 22-45), utilizando destes apenas os que remontam às fontes primitivas.

Em IV,16 (lin. 19-22) lemos, a propósito da atitude tomada pelo superior do mosteiro, após as acusações feitas contra o irmão Eulálio:

*Ingressus uero cellulam, prostrauit se in orationibus, obsecrans misericordiam Domini, ut ei manifestare dignaretur quid ordinare aut definire possit de saepe dicto fratre.*

O verbo da oração principal está no *perfectum*: — *prostrauit*; o verbo dependente, introduzido por *ut* foi, normalmente, para o imperfeito do conjuntivo: *dignaretur*. O mesmo, parece, deveria suceder com o outro verbo dependente, precedido de uma interrogativa indirecta: *quid ordinare... possit*. Seria fácil emendar para *posset*, alegando a *consecutio temporum* e o exemplo de *dignaretur*. Vejamos, porém, os manuscritos: — *possit* VRBL, *possint* D, *posset* N. Sabido que VD são os melhores; que R (=γ) remonta igualmente ao hiperarquétipo α; e que BL dispõem simultaneamente de α e γ, torna-se claro que a lição *possit* era já a de α. Apenas N emendou para *posset*, mas contra o seu arquétipo δ, representado aqui também por BL. Nestas condições julgámo-nos obrigado a manter *possit*.

Em IV,19 (lin. 1-6) fala-se de alguém que viera ao encontro de S. Macário *et deprecaretur... ut instrueret ac doceret et... confirmaret et qualiter possit... impugnationes maligni euadere praemoneret...* Vemos todos os verbos no imperfeito do conjun-

tivo, excepto *possit*. Os manuscritos principais têm: — *possit* VRBL, *posset* DN. Isto significa que  $\beta$  (=V),  $\gamma$  (=R) e  $\delta$  (=BL) são uniformes na lição *possit*, que certamente todos receberam de  $\alpha$ . As emendas para *posset* são de D, um manuscrito tardio, habitualmente pior que o seu par, V; e de N, que fica isolado contra os seus pares, BL. Cremos que, se os modelos tivessem *posset*, ninguém emendaria para *possit*. Por isso temos esta lição como primitiva e originária.

Casos semelhantes se verificam em IV,10 (lin. 10): — *possit* VBN, *possint* L, *posset* D, *possent* R (esta divisão favorece *possit*);

I,5 (lin. 5) — *possit* VB, *posset* DRNL;

II,8 (lin. 12) — *possit* VBL, *posset* DRN;

IV,12 (lin. 5) — *possit* VB, *posset* DRNL;

V,9 (lin. 3) — *possit* VB, *posset* DRNL.

Perante estes exemplos, mantivemos também *possit* na *V capitulatio* (lin. 15) só transmitida por V (*possit*) e D (*posset*).

Quanto a nós, a presença da forma *possit* sempre em V não é sinal de que o copista de Viena (ou o seu modelo) confundisse *e* com *i*. Temos anotado um exemplo em que V foi o único manuscrito que confundiu *i* com *e* (V,8, lin. 22): *surgit et prosternit* (: *prosternet* só em V). Julgamos antes que se trata de um hábito do tradutor que utilizava sempre (contra as boas normas gramaticais) o presente *possit*, podendo dizer-se que relegava sistematicamente o imperfeito *posset*.

Seriam de emendar todos estes presentes do conjuntivo? Chegámos a normalizar a sintaxe, adoptando a lição *posset*, também sempre documentada. A autoridade dos códices com *possit* e as divergências verificadas, por vezes, em todos os outros, levaram-nos a preferir, finalmente, esta lição. Mau hábito do tradutor ou do hiperarquétipo  $\alpha$ ? Pensamos dever remontar ao tradutor; doutro modo não se justificaria a persistência do estranho *possit*.

6 — Embora diferente, um outro passo evoca a presença da terminação com *i*. Em IV,12 (lin. 39-41) vê-se:

*Si iubes, pater, praecedo te et uideo, ne forsitan aliqui fratres ad salutandum eum uenerunt et si uiderint te scandalizentur.*

Depois de *ne* esperar-se-ia o conjuntivo. E de facto, RN têm *uenerint*. Mas o indicativo *uenerunt* impõe-se pela autoridade de VDBL, os quais afiançam a sua fidelidade ao hiperarquétipo  $\alpha$ . Em contrapartida, *uiderint* não apresenta qualquer variante.

7 — Um último exemplo de sintaxe controvertida. Em II,1 (lin. 13-15) um ancião diz ao seu discípulo:

*Ecce nunc cognoui, fili, quia fideliter intelligis hoc spiritale certamen, per patientiam ad salutem animae proficiat.*

Temos na frase dois verbos *cognoscendi*: o primeiro está, regularmente, construído com *quia*, seguido de indicativo: *cognoui... quia... intelligis*; o segundo está construído sem qualquer junção. Neste caso deveria esperar-se que o seu objecto directo fosse uma oração infinitiva. Vejamos, porém, o que sucedeu:

— *intelligis hoc spiritale certamen... ad salutem... proficiat* é o texto de VB. A construção com conjuntivo pareceu estranha a DN que passaram o verbo para o futuro do indicativo: *proficiet*. O ms. R transpôs o verbo para o infinitivo: *proficere*. Finalmente L introduziu, compreensivelmente, um *quod*, mas deixou o verbo no conjuntivo: *intelligis quod... proficiat*. É esta última lição que se encontra na edição de Rosweyds (PL 73, n.º 8, col. 743). Mas note-se que os manuscritos secundários, de que Rosweyds depende, também não são concordes na inclusão de *quod*. O que todos confirmam é o conjuntivo: *proficiat*. E contudo perguntamo-nos: como se justifica o conjuntivo? Não seria preferível o futuro do indicativo ou a oração infinitiva? O tradutor tem lapsos de sintaxe — é a nossa conclusão.



Os exemplos acabados de apontar, tanto no parágrafo sobre a obscuridade do latim, como no da sintaxe descuidada, poderão dar a impressão de pouca aptidão do tradutor<sup>(162)</sup>. Estas faltas são um facto; mas diluem-se no conjunto da obra. Em breve veremos que o tradutor dispõe também de apreciáveis recursos estilísticos<sup>(163)</sup>.

## 6 — CONCORDÂNCIA *AD SENSVM*

Por vezes, o tradutor parece esquecer-se de qual é o sujeito real da oração e por isso cai em erros de concordância. Melhor dizendo: organiza uma concordância exacta quanto ao sentido, mas gramaticalmente imperfeita.

1 — Em V,3 fala-se de um monge que prezava tanto o recolhimento que nem sequer acedia a ir visitar sua irmã, já avançada em idade. Ela escrevia-lhe com frequência (linhas 9-11), *petebatque ut ante exitum eius de hoc corpore ueniret ad eam, ut in caritate Christi de praesentia sua laetarentur*.

Não temos dúvida de que o sujeito gramatical de todos estes verbos é *ela, a irmã*. Por isso, esperar-se-ia *laetaretur*. No ânimo do tradutor, porém, ou a alegria havia de ser comum ao irmão e à irmã, como se estivesse: *ambo laetarentur*, ou talvez já tivesse em mente que a ida do monge a sua casa provocaria também a alegria dos *alii parentes ac propinqui* de que fala mais adiante (linha 18).

O singular *laetaretur* foi, de facto, tido como a lição exacta por alguns copistas, como se pode ver no manuscrito de Dresda e, ocasionalmente, noutros secundários, a partir do arquétipo δ. Foi esta sintaxe regularizada que Rosweyodus preferiu para a sua edição; mas contra a tradução original.

<sup>(162)</sup> Cf. pp. 163-178.

<sup>(163)</sup> Cf. principalmente os parágrafos 7, 8, 9 e 10, pp. 181-199.

2 — Conta-se em V,2 que o eremita Píor se retirou para a solidão. Ao abrir um poço pensou para consigo (linhas 11-13):

...*qualemcumque aquam inuenero, oportet me ipsa contentum esse. Quod et factum est ad augmentum uirtutum eius talis occasio.*

O sujeito do segundo período é, sem dúvida, *talis occasio*. O verbo deveria, pois, estar com a forma participial no feminino: *facta est*. O tradutor ou fosse por sugestão de *quod*, neutro, ou do *augmentum* seguinte, escreveu, com certeza, *factum est*. Houve copistas que pretenderam evitar a falta de concordância: o de Namur suprimiu *talis occasio*; outros, secundários, escreveram *facta*. Emenda compreensível, mas criticamente reprovável.

3 — Mais aceitável é um outro tipo de concordância praticado pelo tradutor das *Commonitiones*. Depois de um colectivo (singular), seguido de um genitivo de qualidade no plural, faz por vezes a concordância com o verbo no plural.

Em IV,12 lemos que um monge foi de visita a Célia (linhas 3-4), *ubi multitudo monachorum diuisis cellulis habitabant*. O plural *habitabant* (a concordar com *monachorum*, em vez do singular *habitabat* ligado a *multitudo*) foi objecto de muitas divergências entre os copistas, mas só de recensões secundárias. O tradutor, porém, prendeu-se mais ao sentido do que ao rigor gramatical.

4 — Do mesmo género, embora aparentemente mais complicado, é o que se verifica em II,4. O abade Isidoro mostrou ao abade Moisés uma visão. Então este (linhas 10-12):

*Cumque respiceret, uidit multitudinem daemonum uehementer cum furore perturbari et quasi ad proelium praeparatos, festinantesque pugnare.*

Os participios da frase deveriam apresentar as formas *praeparatam* e *festinantem*, a concordar com *multitudinem*.

Os organizadores dos arquétipos  $\gamma$  e  $\delta$  julgaram resolver o problema emendando para *multitudines*. Na realidade, caíram noutra incongruência: a sua correcção colocou o substantivo no plural, como está *praeparatos*; mas cometeu o erro de deixar *praeparatos* no masculino, quando *multitudines* é feminino.

Quanto ao tradutor das *Commonitiones*, deixou-se suggestionar por outro facto: ao ter que traduzir os participípios, pensou que o complemento de objecto anterior, *multitudinem daemonum*, equivalia apenas ao acusativo do plural *daemones*; e assim já *praeparatos* e *festinantes* se explicam suficientemente. Trata-se de uma autêntica concordância *ad sensum*.

5 — Esta mesma interpretação sintáctica poderá estar subjacente no passo seguinte, em que o demónio interpela o abade Apolo (IV,11, lin. 12-13):

...*tamen interrogo te sermonem ut dicas mihi quid est quod scriptum est in Euangelio: Qui sunt haedi et qui sunt oues.*

O sujeito *qui* não está em concordância de género com o nome predicativo *oues*. Entende-se, no entanto, que *qui* concorda com um subentendido *homines*. Encontramo-nos, pois, perante uma comparação entre os bons (*oues*) e os maus (*haedi*).

O mesmo pensamento justifica, na resposta, a concordância *ad sensum* (lin. 16): *oues autem Deus nouit qui sunt.*

— Cf. outro exemplo na p. 172,3.

## 7 — ARTIFÍCIO NA ORDEM DAS PALAVRAS

Começamos aqui uma série de parágrafos nos quais se verifica que o tradutor das *Commonitiones*, apesar de algumas imperfeições de carácter sintáctico, tinha também preocupações estilísticas, apresentando-nos, por vezes, passos de saboroso latim.

Uma das manifestações da sua busca de tonalidade literária é o modo artificioso como, aqui e além, organiza a distribuição das palavras na frase <sup>(164)</sup>.

1 — Vamos seleccionar pequenos fragmentos, colocando-os, quanto possível, ao lado de outras traduções latinas paralelas, as quais, como sabemos, costumam estar muito próximas do grego que chegou até nós.

COMMONIT. II,1 (lin.7-10)

PELÁGIO v,20

Video, pater, quia etsi laborem sustineo, *sentio fructum tamen in me proficere bonum*, quia per occasionem impugnationis huius et amplius ieiunio et amplius in uigiliis et orationibus tolero.

Video, abba, quia si laboro, *tamen ex pondere laboris huius considero fructificare me.*

Trata-se bem do mesmo passo em Pelágio e nas *Commonitiones*, embora estas desenvolvam a segunda parte do pensamento. Repare-se como nelas o verbo vai para o final em todas as orações, excepto na que sublinhámos. A oração adversativa foi em Pelágio introduzida pela conjunção *tamen*. Não assim nas *Commonitiones*. Nestas faz-se uma oposição quiástica entre *laborem sustineo* e *sentio fructum*. Que este efeito não é casual, prova-o o facto não só de a conjunção ter sido levada para depois do complemento directo, mas ainda a colocação, no fim de toda a oração, duma palavra importante para o pensamento: *bonum*.

---

<sup>(164)</sup> Sobre este problema específico, cf. J. MAROUZEAU, *L'ordre des mots dans la phrase latine, I: Les groupes nominaux; II: Le verbe; Volume complémentaire avec exercices d'application et bibliographie*, Paris, 1953.

Observe-se a presença do conjunto que expressa as ocupações próprias da consagração religiosa: *ieiunio et... in uigiliis et orationibus tolero*.

2 — Em IV,7 pergunta-se a Agatão porque não suportou terem-lhe chamado «hereje». O apotegma tem paralelo em Pelágio X,10 e em Pascásio XXV,2; mas o passo que vamos transcrever é uma amplificação ascética das *Commonitiones* (IV,7 lin. 28-30):

*Nouimus enim quia si custodiatur humilitatis uirtus magna, salus est animae.*

Nada de especial haveria a notar na simples expressão *humilitatis uirtus*. O problema está na posição de *magna*. Nós interpretamo-la como atributo de *uirtus*. Seria, por isso, de esperar, e resultaria até mais claro o sentido, se ficasse: *magna humilitatis uirtus*. O tradutor, porém, mais uma vez levou o adjectivo valorizador de *uirtus* para o fim da expressão, apesar do perigo de poder juntar-se, para quem ouve ou lê, ao nome predicativo *salus animae*. Parece-nos que de modo algum se deve entender: *magna salus animae*.

3 — Mais complicada é uma parte do princípio de IV,19 (lin. 1-7):

*Quodam tempore cum ad beatum Macarium quidam uenisset, desiderans in proposito monachorum seruire Christo, et deprecaretur sanctum senem, ut instrueret ac doceret et ex fonte doctrinae salutaris, quae in eo per Sancti Spiritus gratiam abundabat, confirmaret et qualiter possit iuuante Domino insidias atque impugnationes maligni euadere praemoneret, respondensque beatus Macarius ait...*

A frase é longa e por isso presta-se à confusão. O tradutor podia, no entanto, tornar o pensamento linear, se seguisse aproximadamente a ordem directa. Intencionalmente tornou o estilo rebuscado. Depois de *doceret* subentende-se o pronome

*eum*, uma elipse frequente nas *Commonitiones* <sup>(165)</sup>. A copulativa, a seguir, tem o verbo muito afastado, embora se mantenha a concordância: *et... confirmaret*; igualmente a outra copulativa tem os seus elementos muito afastados: *et... praemoneret*; intercalada dentro desta última oração foi construída uma interrogativa indirecta cujo verbo está também afastado do infinitivo que rege: *possit... euadere*. É evidente que toda esta disposição das palavras não se conseguiu ao correr da pena. Os diversos  $\kappa\omega\lambda\alpha$  estão fechados sobre si mesmos, graças a uma hábil distribuição dos elementos lexicais.

Não deixe de se observar ainda a perífrase para dizer *esse monachum: in proposito monachorum seruire Christo* <sup>(166)</sup>.

4 — Uma técnica muito utilizada pelo tradutor das *Commonitiones* é o lançamento para o fim duma frase (ou membro de oração) do substantivo fundamental.

COMMONIT. II,4 (lin.14-16)

PELÁGIO XVIII,12

Cumque respiceret, uidit innumerabiles multitudines sanctorum angelorum, *gloriosum et splendentem super lumen solis caelestium uirtutum exercitum*.

Et attendit et uidit innumerabilem multitudinem angelorum *in gloria*.

Embora o pensamento se corresponda nas duas traduções, veja-se como *in gloria* de Pelágio foi desenvolvido nas *Commonitiones*. O nome predicativo do complemento directo fez-se esperar até ao fim do cólon: *exercitum*.

<sup>(165)</sup> Cf. pp. 144, 189-192.

<sup>(166)</sup> Cf. expressões para designar a perfeição monástica (pp. 113-114) e o uso de perífrases, pp. 192-199.

Aproveitamos a oportunidade para mais duas observações:  
 α) — à parataxe de Pelágio: *et attendit et uidit*, corresponde, em melhor estilo, a subordinação: *Cumque respiceret, uidit*;  
 β) — em vez do comparativo do tipo clássico *gloriosiorem... lumine*, temos uma construção mais vulgarizante: *gloriosum... super lumen* <sup>(167)</sup>.

5 — O n. II,7 tem paralelo em Pelágio V,19. Mas o conselho e o seu efeito, que neste se reduz a 4 linhas (as últimas), ocupa, nas *Commonitiones*, 24 linhas do nosso texto. Observemos apenas II,7, lin. 39-43:

*Sed nisi et ipsi cum omni intentione mentis, tam in orationibus quam in omni opere bono spiritali, quae Deo placita sunt fecerint, non eis proficient, negligentibus et resolutis, ad salutem animae orationes sanctorum.*

Quem está em causa são os que consentem nas tentações, indicados no princípio da frase por *ipsi* e depois retomados em *eis*. Este pronome está junto ao verbo que o rege: *proficient*. O sujeito desta oração só se encontra, porém, no fim da frase: *orationes sanctorum*.

Uma vez mais podemos observar como é expressa a preocupação espiritual. Mencionam-se duas práticas: α) — *cum omni intentione mentis* significa aqui o exercício da «meditação» (cf. IV,2, linhas 32-33: *humilitatis intentio* = prática da humildade); β) — a oração; e depois apontam-se ainda, complexivamente, todas as obras típicas do monge virtuoso: *in omni opere bono spiritali*.

6 — Podem ver-se outros exemplos deste tipo em *I capitulatio* (linhas 13-14); I,7 (lin. 13-14); IV,5 (lin. 10-11); V,3

---

<sup>(167)</sup> Cf. infra pp. 212-219, especialmente 213, 218.

(lin. 20-21); V,7 (lin. 60-61); V,8 (lin. 14-15); VI,1 (lin. 3-4); VI,2 (lin. 36-37). A esta forma de preocupação artística pertence também a colocação do antecedente do relativo após este pronome, processo de que passamos a tratar, por merecer estudo à parte.

## 8 — COLOCAÇÃO DO ANTECEDENTE APÓS O PRONOME RELATIVO

Normalmente o pronome relativo encontra-se colocado após o seu antecedente. Há, porém, outras posições mais artificiosas, que levam, por vezes, à alteração da sintaxe. Na chamada «atracção do relativo», o antecedente pode ser transposto para dentro da oração relativa, deixando o seu «caso» próprio para tomar o do relativo. Embora não seja muito raro, este processo já revela perícia e domínio da língua. Devemos considerar ainda a passagem do antecedente para depois do relativo, mantendo cada um deles o seu caso próprio. Esta técnica é mais frequente quando o antecedente é acompanhado por um pronome demonstrativo, o qual então fica fora da oração relativa. Mesmo assim demonstra bom gosto por parte do redactor latino.

### 1 — Observemos um bom exemplo:

COMMONIT. II,6 (lin. 19-22)

Ita ergo reuersi sunt in cellulam suam. Abierunt autem ad sanctos patres et prostrauerunt se ad uestigia eorum. Cum multo ululatu et lacrimis gementes confessi sunt *quae* euenisset eis *ruina et tentatio*.

PELÁGIO v,27

Qui cum uenissent ad cellam, retulerunt senibus quod eis contigerat...



Ainda outra vez as *Commonitiones* são mais desenvolvidas que Pelágio, embora a substância do relato seja a mesma. O tradutor das *Commonitiones* poderia muito simplesmente terminar assim:... *confessi sunt* ruina et tentationem *quae euenisse(n)t eis*. Preferiu, no entanto, recorrer ao processo da atracção do antecedente, lançando-o para dentro da oração relativa e alterando-lhe o caso que lhe competia. Daí a concordância: *quae... ruina et tentatio*.

2 — Mais complexo é o exemplo seguinte:

COMMONIT. II,7 (lin. 12-14)

PELÁGIO v,19

Eadem autem nocte reuelavit ei Dominus, *quae* circa illum monachum erant *negligentiae et ignaviae resolutio*, et delectationes corporeas cordis eius.

Et reuelavit Dominus *quae* agebantur circa fratrem illum.

Além da brevidade, devemos notar que, em Pelágio, o pronome relativo *quae* é um nominativo neutro do plural, a servir de sujeito. Não assim nas *Commonitiones*. Nestas poderia estar:... *reuelavit ei Dominus negligentias et ignaviae resolutionem, quae erant circa illum monachum, et delectationes corporeas cordis eius*. O tradutor resolveu, porém, utilizar a técnica da atracção do antecedente. Assim passaram para depois do relativo, e a concordar com ele, as palavras *negligentiae et... resolutio*.

O passo tem maior interesse porque, após a oração relativa, o tradutor colocou então em acusativo um outro elemento da oração que, de facto, serve de complemento directo a *reuelavit*: *delectationes corporeas*, apesar da distância a que estas palavras se encontram do verbo. Não restam dúvidas de

que a copulativa *et* tinha para este tradutor muita força<sup>(168)</sup>. Aqui provocou a mudança de tratamento dado a *negligentiae*, *resolutio* (em nominativo, por atracção a *quae*) e a *delectationes corporeas* (em acusativo, como também se esperaria encontrar *negligentias* e *resolutionem*).

Esta diferença de tratamento dos substantivos que servem de complemento directo não deixou de provocar perturbação em alguns copistas. O de Namur entendeu que *delectationes* era também um nominativo do plural e por isso emendou *corporeas* para *corporeae*. Outros lhe seguiram o exemplo. Também nós hesitámos, a princípio, sobre qual seria a lição exacta. Depois que fomos penetrando nos hábitos do tradutor, não duvidámos mais de que os melhores manuscritos eram os da *lectio difficilior*.

3 — Encontramos no texto das *Commonitiones* um passo ainda mais difícil. Na *V capitulatio* temos o título VIII: *De sancto Pachomio, commonitionem qui solebat referre fratribus...* O texto é dado só pelos manuscritos de Viena e Dresda. Atendendo ao sentido deste resumo e ao apotegma apresentado à frente, sob o n. 8, apetecia-nos emendar assim: — *De sancto Pachomio: commonitio quam solebat referre fratribus...* O certo é que a única variante digna de atenção está na forma *qui* (Dresda): *quae* (Viena — note-se que o ditongo *ae* está bem nítido). Julgamos que a forma *quae* de Viena, mesmo que estivesse em vez de um anterior *que* ou *quem* não permite qualquer defesa.

Resta-nos, por conseguinte, se quisermos respeitar o texto, interpretar a lição de Dresda. Quanto a nós deu-se apenas uma inversão da ordem das palavras: *qui* tem como antecedente *Pachomio*; *commonitionem* é complemento directo de *referre*. Perguntamos: esta inversão foi propositada, por parte

---

<sup>(168)</sup> Cf. pp. 170-171, 191, 226, 270.

do tradutor? Ter-se-ia dado, inconscientemente, ao estabelecer os arquétipos  $\alpha$  e  $\beta$ , de que os manuscritos de Viena e Dresda descendem? Inclinamo-nos para um artifício voluntário do tradutor, pois o sabemos sensível à alteração da ordem das palavras.

4 — Observem-se outras transposições do antecedente para o interior da oração relativa: *confessus est eis quam patiebatur impugnationem* (II,3, lin. 6-7); *ille qui egressus fuerat frater dixit* (II,6, lin. 6); *desiderabat per quam occasionem uideret sanctum uirum* (IV,4, lin. 17-18); *descendens autem frater ille in eam quae in proximo erat ciuitatem* (IV,17, lin. 13-14).

## 9 — OMISSÃO DE UMA PALAVRA OU EXPRESSÃO

O idioma latino tem um ritmo próprio, diferente do das línguas modernas. Ora prefere formas mais concisas ora emprega expressões redundantes.

Entre os processos de concisão conta-se a elipse, isto é, a omissão de uma palavra que facilmente se subentende. O tradutor das *Commonitiones* utilizou também este processo.

1 — Note-se a supressão do verbo *sum*, no modo infinitivo, neste exemplo:

V,2 (lin. 31-34): Contava-se do cremita Píor *quia triginta et amplius annis (...) nunquam ei suasum est, etiam cum defunctos audisset parentes suos <fuisse>, ut pergeret ad requirendum (...) propinquos suos.*

2 — Mas há também supressão de verbos em tempo finito:

IV,8 (lin. 19-20): ... *forsitan uoluntas Dei est, ut licet indignus <sim>, suscipiam ordinationem presbyterii.*

IV,18 (lin. 17-18): *Tunc monasterii pater <ait>: Siquid dixero, obaudis ut facias?*

3 — Embora seja mais rara na época clássica, já então se admitia também a elipse de um substantivo. Também as *Commonitiones* apresentam exemplos desta forma de síntese literária.

V,9 (lin. 16-18): *Cauete, fratres, a multiloquio et ab otiosis sermonibus linguam, quia malus <sermo> interitus animae generatur...*

VI,2 (lin. 11-14): A Arsénio uma visão *ostendit ei alium hominem stantem super lacum et haurientem aquam de lacu, mittentemque eam in collectaculum et de alio <latere>, pertuso, defluebat aqua de subter in eundem lacum.*

4 — Omissão do pronome demonstrativo que facilmente se subentende:

IV,4 (lin. 20-21): *Comprehendens enim filium sororis beati Poemenis misit <eum> in carcerem...*

IV,19 (lin. 3, 5, 6): *... et deprecaretur sanctum senem, ut instrueret ac doceret <eum> et... confirmaret <eum> et... praemoneret <eum>...*

5 — Vale a pena prestar atenção ao seguinte passo, em que se omite o advérbio *potius* ou *magis*, no primeiro termo da comparação:

I,7 (lin. 12-14): *Oportebat te, frater, in cella tua hodie carnem <magis> comedere quam istam talem uocem de tua abstinentia praesentibus cunctis dicere fratribus.*

Podemos, quase com segurança, garantir que a omissão do advérbio de comparação já fazia parte da redacção grega primitiva, pois nos lugares paralelos deste apotegma temos traduções equivalentes:

## PELÁGIO VIII,21

Expediterat tibi hodie in cella tua comedere carnes, *quam* audiri hanc uocem coram tantis fratribus.

## PASCÁSIO VI,2

Oportuit te, inquit, carnes in cella tua comedere *quam* hunc praesentibus omnibus audire sermonem.

Repare-se ainda como Pelágio redige toda a frase na ordem directa. Pascásio e as *Commonitiones* (traduzindo independentemente um do outro) lançaram para o fim da frase um substantivo que se fazia esperar desde que foi introduzido o seu atributo.

O exemplo prova a fonte grega comum e a maior preocupação estilística de Pascásio e do tradutor das *Commonitiones*.

6 — Anotámos um caso em que foi omitido o segundo correlativo. A construção regular seria do tipo que encontramos, por exemplo, em VI,3 (lin. 6): ... *perfecte studeris tam graecae quam latinae scientiae*. Veja-se, porém, a seguinte construção:

V,8 (lin. 31-32) ... *secundum praecepta Dei conuersamini, tam in orationibus et psalmodia*.

A *tam* deveria corresponder um *quam*. O tradutor das *Commonitiones* mostrou, uma vez mais, a força que dá à copulativa *et*, aqui a substituir *quam in* <sup>(169)</sup>.

7 — Um pouco diferente é o caso que vamos apresentar. O sentido perfeito da frase e a sintaxe exigiriam a repetição de um verbo e do seu complemento directo. Colocados estes no meio do conjunto sintáctico, funcionam simultanea-

(169) Cf. *supra* pp. 170-171, 187-188.

mente para duas orações. É a figura de estilo chamada silepse.

Em II,6 fala-se de dois irmãos. Um pecara, o outro não. O que estava inocente resolveu, porém, confessar-se igualmente culpado para ajudar o primeiro na conversão. A comunidade impôs-lhes uma penitência. Prossegue a narrativa (lin. 24-25):

*Ille ergo alius qui non peccauerat, sed pro fratre, qui peccauerat, poenitentiam agebat, <agebat poenitentiam> quasi et ipse peccasset.*

Só a repetição normaliza a sintaxe da oração principal e da adversativa. O tradutor mostrou-se bastante hábil para evitar uma tal repetição, fastidiosa para o estilo.

## 10 — AMPLIDÃO DE ESTILO E PERÍFRASES SOLENES

Observemos diversos processos de redundância estilística.

### a) — ÊNFASE QUE JÁ DEVERIA ESTAR NO ORIGINAL GREGO

Quem lê o texto das *Commonitiones* não pode deixar de se impressionar com a amplidão, quase oratória, de certas frases. Pensamos que uma tal forma alongada do discurso se deve, em primeiro lugar, ao autor grego<sup>(170)</sup>. Queremos, no entanto, deixar aqui uma palavra de apreço pela expressão latina, no geral muito agradável, conseguida pelo tradutor.

1 — Em IV,1 fala-se de um monge a quem os seus antigos senhores concederam a liberdade, possibilitando-lhe assim o ingresso na vida religiosa. Em sinal de gratidão, todos os anos lhes levava o seu tributo de vassalagem. Da

---

(170) Cf. supra, tópicos do autor, pp. 107-120.

primeira vez eles queriam recusar-se, mas o monge respondeu (lin. 13-17):

*Ego seruus uester sum; nam uos dominos meos esse Omnipotens Deus constituit et gratias ago Domino uestro, quia dignati estis me permittere ut seruiam Domino uiuo et uero, Creatori ac Dominatori caeli et terrae et ideo detuli uobis pensionem seruitutis meae.*

No lugar paralelo de Pelágio XV,31 lê-se apenas, em vez destas quatro linhas e meia:

*Ego confiteor, quia seruus sum uester; et gratias ago, quia dimisistis me liberum seruire Deo.*

É evidente a reelaboração das *Commonitiones*. De momento chamamos a atenção ainda para a reverência e abundância de qualificativos que exornam o nome de Deus.

2 — Esta tendência para exaltar os atributos divinos é frequente. O mesmo respeito glorificador se verifica quando se menciona o nome de Jesus. Vejamos também um exemplo, tirado de V,5 (lin. 7-9):

*Praestante enim gratia Dei et Saluatoris nostri, uidebo te in futuro saeculo, in regno Domini nostri Iesu Christi.*

O passo correspondente de Pelágio diz apenas (IV,61): *Cum gratia Christi uidebo te in regno caelorum.*

Repare-se desde já que esta solenidade de estilo se consegue pela junção de sinónimos ou de expressões equivalentes à do texto grego que serviria de base à reelaboração das *Commonitiones*. Quando se trata de acrescentos deste tipo não é de excluir que o tradutor possa ter nisso alguma responsabilidade.

3 — O n. V,1 é todo ele repleto de imponência literária. Atente-se na exaltação de *Antonius* (lin. 1-2); na insistência da forma *praecipiebat* (lin. 2-3); nas expressões de desapego da família (lin. 3-10). Antão recomenda, porém, aos monges (lin. 11-22):

*Oportet enim et ualde conuenit ut pro salute animarum parentum ac propinquorum suorum monachi intente semper Dominum exorare non cessent, ut eripiat et saluet eos de superueniente huic mundo ignis aeterno iudicio et ut mereantur habere partem in uero aeternoque lumine iustorum, cum aduenerit Christus, Filius Dei, rex aeternus, in gloria maiestatis suae cum angelis sanctis et cum omnibus uirtutibus et potestatibus caelestibus iudicare uiuos et mortuos in die illo magno et terribili iudicii Dei. Ita enim debent monachi pro suis parentibus interuenire et deprecari Dominum, ut aeternam salutem mereantur accipere in uita perpetua, et regno Iesu Christi Domini nostri sors eorum inueniatur. Amen.*

Se alguém quiser ler apenas o essencial da recomendação feita por Santo Antão, basta-lhe seguir as palavras que sublinhámos. Tudo o mais, e é quase metade do discurso, é ampliação de estilo retórico e parenético. Cremos ter ficado bem patente, neste exemplo, como, de uma exortação inicial, possivelmente breve, o autor soube construir uma autêntica homilia.

4 — A tendência para o estilo enfático pode dividir-se mesmo em pequenos conjuntos, onde a segunda parte do membro frásico é uma explicação ou reforço da primeira. Exemplos:

II,6 (lin. 16-17): ... *ut non in aeterno igne tormentis et poenis in inferni tartaro cruciemur...*

IV,1 (linha 23): ... *ut reuerteretur ad loca eremi, ad cellulam suam.*

V,7 (lin. 23-24): ... *et ingressa in monasterium uirginum famularum Dei.*

V,9 (lin. 13-15): ... *abiit ad cellulam suam et per totam noctem, cum grandi fletu et ulutatu, gemendo deflebat miserias nostras.*



## b) AMPLIDÃO DE ESTILO, ATRIBUÍVEL AO TRADUTOR

Nas transcrições acabadas de fazer julgamos que o tradutor apenas se conformou com a amplidão do seu original grego, cabendo-lhe o mérito de valorizar estilisticamente o latim.

1 — Há, no entanto, outras formas de alongamento da expressão que podem, com muita probabilidade, atribuir-se exclusivamente ao gosto do tradutor. Eis um exemplo seguro:

COMMONIT. I,11 (lin. 11-12)

PELÁGIO X,97

Quoniam isti eremitae *magis melius ad refectiorem cibantur quam qui in monasteriis conuersantur.*

Quia solitarii uiri *plus repausant* in eremo quam nos *in congregatione.*

Além de locuções mais amplas como *ad refectiorem cibantur* e *in monasteriis conuersantur*, repare-se na forma reforçada (não dizemos melhor!) do primeiro termo de comparação: *magis melius.*

2 — Este tipo de reforço encontra-se noutros passos. Um exemplo, sem paralelo latino, mas com grego quase literal:

OLYMPIVS 2(316)

COMMONIT. II,9 (lin. 11-12)

Ἔτεκεν ἡ γυνή σου·  
χρείαν ἔχεις περισσότερον ἐργάσασθαι...

Ecce generauit uxor tua  
filiam; necessarium est ergo  
ut magis magisque amplius  
exerceas opera manuum.

O que está em causa é a expressão do comparativo *περισσότερον*, com redundância traduzido por *magis magisque amplius.*

3 — Há também genitivos epexegeticos ou de *inhaerentiae* que são uma simples concretização acrescentada ao substantivo anterior:

II,8 (lin. 7): *Et cecidit in ruinam peccati cum ea. Bastaria in peccatum.*

V,8 (lin. 26-27): *Saepe enim exardescere eum in iracundiam facio et in contentiones rixae et pigritiam...* Seria suficiente *contentiones*, mas o tradutor explicou, como se dissesse: *id est, rixas.*

VI,2 (lin. 28-30): *Ideoque (...) remanserunt foris de regno caelorum Christi exclusi.*

Podemos comparar esta expressão com dois lugares paralelos:

PELÁGIO XVIII,2

PASCÁSIO XCIX,2

... propter quod et remanent foris a regno Dei.

... atque ideo extra regnum Dei (...) remanserunt.

Pelágio e Pascásio traduzem literalmente a expressão grega que ainda possuímos: διὸ καὶ μένουσιν ἔξω τῆς βασιλείας τοῦ Θεοῦ — *Arsenius 33 (101)*. Só o tradutor das *Commonitiones* acrescentou *Christi*, genitivo que identifica qual é o «reino dos céus», e ainda o atributo *exclusi*, em concordância com o subentendido sujeito de *remanserunt*. Neste caso parece-nos seguro que a amplificação latina deve pertencer à técnica de tradução das *Commonitiones*.

c) PERÍFRASES DE DIGNOR, MEREOR, POSSVM + INFINITIVO

As expressões perifrásticas podem contribuir também para dar ao latim maior solenidade. Algumas estavam mesmo consagradas pelo formulário da liturgia e da hagiografia

cristãs: é o caso de *dignari*, *mereri* e *posse* seguidos de infinito <sup>(171)</sup>. Poderiam ser substituídas por uma só palavra.

Vamos exemplificar, contrastando, sempre que possível com outra tradução latina.

II,6 (lin. 15-16): ... *ut poenitentibus nobis indulgentiam donare dignetur*.

IV,1 (lin. 14-15): ... *quia dignati estis me permittere ut...*; mas Pelágio XV,31: *quia dimisistis me...*

IV,10 (lin. 26-27): ... *sicut dignatus es propter bonitatem tuam promittere his qui...*

IV,3 (lin. 47-49): ... *aeternam gloriam (...) percipere a Christo Domino mereretur*.

V,1 (lin. 14-15): ... *ut mereantur habere partem in (...) lumine iustorum*; e (lin. 20-21): *ut aeternam salutem mereantur accipere*.

V,3 (lin. 14-15): ... *ut post tanta tempora adorare merear sanctam caritatem tuam*.

V,7 (lin. 20-21): ... *ut mereatur peruenire ad gloriosa et aeterna promissa Domini Salvatoris nostri Christi*; e (lin. 58-59): ... *ut merear peruenire ad aeternam uitam, quam promisit Dominus noster Iesus Christus diligentibus se*.

IV,5 (lin. 19-20): ... *ut ad aeternam caelestemque gloriam peruenire possimus*.

V,7 (lin. 16-17): ... *ut peruenire possis ad aeternam uitam et ad caelestia bona...*

#### d) OUTRAS EXPRESSÕES PERIFRÁSTICAS

Há ainda outras expressões de tipo perifrástico e com valor enfático. Consideremo-las por partes:

---

<sup>(171)</sup> Cf. CH. MOHRMANN, *Études sur le latin des chrétiens*, Roma, II, 1961, pp. 107, 334; III, 1965, pp. 96, 251, 256 e 259. Sobre várias perifrases deste tipo cf. também *Pascásio de Dume...*, I, pp. 78-83.

α) — modo de substituir um imperativo que poderia parecer duro, e de formular um pedido em termos delicados. Um dos processos preferidos é o imperativo de *iubeo* seguido de infinitivo:

I,11 (lin. 31-32): *Magis iubete facere nobiscum aliquantos dies;*

IV,4 (lin. 45-46): ... *quod iustum uidetur legibus ita de eo iube disponere;*

IV,12 (lin. 20): *Iube mihi mandare qualiter habeas, audiui enim te infirmari;*

IV,12 (lin. 23-24): ... *ut uel duos dies iubeas indutias dare, ut possit sibi aliam cellulam prouidere;*

IV,17 (lin. 19-20): *Iube considerare, pater, codicem istum et aestimari eum si...*

IV,18 (lin. 11-12): *Vide ut dicas ei quatenus accipiat flagellum...*

V,3 (lin. 27-28): *Rogamus te, domina mater, ut iubeas nobis aquam dare ad bibendum.* Não se trata de pedir a uma superiora de convento que dê ordem a outra irmã. Pouco depois, com efeito, lê-se (lin. 36): *Ipsa uero egressa es ad nos et dedisti nobis aquam.*

β) — manifestação da tendência para a passagem de formas sintéticas do latim clássico para outras mais analíticas e alongadas:

VI,6 (linhas 5-6): *Si quid necessarium habes, ego tibi praebeo.* Pelágio em X,18 (linha 6) tem apenas: *Quidquid uis, ego tibi dabo.*

γ) — prenúncio do futuro «imperfeito» das línguas românicas, tanto com *habeo* como com *debeo*, seguidos de infinitivo<sup>(172)</sup>:

I,14 (lin. 5-6): *Nihil enim, inquit, grande est quid habeo tollere;*

---

(172) Cf. MANUEL DE PAIVA BOLÉO, *Os valores temporais e modais do futuro imperfeito e do futuro perifrástico em português*, Coimbra, 1973.

I,14 (lin. 8-9): *Oportet ergo et meipsum probare debeo si possim sustinere tormenta...*

II,8 (lin. 25): ... *ego autem quid habeo facere...*

III,1 (lin. 23-24): ... *quare non magis reuereri et timere debes maiestatem Omnipotentis Dei...*

Não incluímos aqui as expressões perifrásticas em que *debeo* marca um estrito sentido de obrigação (I,15, lin. 7; V,1, lin. 19).

## 11 — FORMAS DE TRATAMENTO

Algumas expressões acabadas de mencionar, —  $d, \alpha - c$  (omo: *iube considerare, pater; rogamus te, domina mater*) colocam-nos perante o interessante tema do formulário de tratamento em latim, principalmente entre os cristãos. Não é nossa intenção alongar-nos com excursos diacrónicos. Parece-nos, no entanto, útil alinhar, primeiramente, as diversas fórmulas de tratamento empregadas nas *Commonitiones Sanctorum Patrum* <sup>(173)</sup>.

1 — De acordo com a norma tradicional, a segunda pessoa, no singular, é tratada por *tu*. Num só caso registámos o que parece ser um plural de majestade. Em IV,3 o imperador

---

<sup>(173)</sup> Cf. A. A. R. BASTIAENSEN, *Le cérémonial épistolaire des chrétiens latins in Graecitas et Latinitas Christianorum Primaeva, Supplementa, Fasciculus II*, Nijmegen, 1964, pp. 7-45 (com larga bibliografia sobre fórmulas de tratamento tanto em latim cristão como profano). Úteis elementos sobre este tema podem colher-se também em MARILINA DOS SANTOS LUZ, *Fórmulas de tratamento em português arcaico*, Coimbra, 1958 (com bibliografia sobre o latim) e no artigo de L. F. LINDLEY CINTRA, «*Tu* e «*Vós*» como formas de tratamento de Deus, em orações e na poesia em língua portuguesa in *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, III Série, n. 13, 1971, depois inserido no livro do mesmo autor *Sobre «formas de tratamentos» na língua portuguesa (ensaio)*, Livros Horizonte, Lisboa, 1972. O tratamento por meio de fórmulas abstractas, durante todo o período imperial, foi objecto do estudo do Prof. F. REBELO GONÇALVES, *A expressão «tranquilitas uestra» de um passo de Eutrópio in Humanitas* (Coimbra) II (1948), pp. 131-173. Sobre a linguagem afectiva e o plural de cortesia nos autores cristãos cf. também A. BLAISE, *Manuel du latin chrétien*, Strasbourg, 1955, pp. 52-66 e 112-113.

Teodósio II visita um monge, sem se dar a conhecer. A certo passo pergunta (lin. 14-16): *Quomodo sancti patres degunt in Aegypto?* E o monge respondeu: *Omnes exorant Dominum pro salute uestra.* Será lícito inquirir se *uestra* se refere só ao visitante ou antes a todo o povo, à comunidade cristã. Com efeito, um pouco adiante lê-se (lin. 22-23): *Tunc dixit imperator: Scis quis sim ego? Respondens monachus dixit: Nescio. Quis es domine?* Deste breve diálogo conclui-se que tanto o imperador como o monge são tratados por *tu*.

2 — Não há vocativos directos, de tipo abstracto, como fórmulas de cortesia, levando o verbo para o plural ou para a terceira pessoa do singular. O plural *uos* só é usado quando dirigido a mais de uma pessoa, construído então com o verbo na segunda pessoa do plural. O maior interesse reside na variedade do formulário expressivo da afeição, obediência ou respeito manifestado pela pessoa que fala. Para os casos em que os exemplos são muito numerosos indicamos apenas as primeiras abonações nas *Commonitiones*.

O monge superior, isto é, o mais velho trata o discípulo ou os consulentes do seguinte modo:

- *filius* (II,1, linhas 6, 13; II,2 lin. 12, 22; etc);
- *filiolus* (I,1, lin. 2; I,6, lin. 4; II,2, lin. 26; etc);
- *frater* (II,7, lin. 24; II,8, lin. 20; III,1, lin. 10; etc);
- *fratres dilectissimi* (IV,3, lin. 45; V,8, lin. 29);
- *carissimi fratres* (IV, 9, lin. 17);
- *dilectissimi* (I,3, lin. 5).

3 — O inferior dirige-se ao superior (incluímos também as invocações a Deus e a Cristo) por estas palavras:

- *abba* (IV,3, lin. 19; IV,7, lin. 23);
- *domine* (I,12, lin. 7; IV,2, lin. 11);
- *Domine* (a Deus): IV,6, lin. 14;
- *Domine Deus* (IV,6, lin. 9);
- *Christe Domine* (IV,6, lin. 15);

- *Domine Deus meus* (a Cristo): IV,10, lin. 25;
- *Domine Deus noster* (a Cristo): IV,10, lin. 20;
- *domine frater* (V,5, lin. 6);
- *domine pater* (IV,12, lin. 21; IV,17, lin. 35; IV,19, lin. 37);
- *domini patres et fratres* (à comunidade monástica): IV,10, lin. 31;
- *pater* (II,1, lin. 7; IV,7, lin. 6; IV,12, lin. 40; etc.);
- *beatissime pater* (II,7, lin. 4; IV,1, lin. 12; IV,19, lin. 17; V,2, lin. 44);
- *carissime pater* (IV,12, lin. 48-49).

4 — Em IV,6, lin. 24-25, um juiz trata o abade Poemen por *famule Dei*.

Em V,3, lin. 27, um monge que falava a sua irmã, à porta do mosteiro, sem ela o reconhecer, chama-lhe *domina mater*.

5 — Uma virtude ou qualidade não serve nas *Commonitiones* como fórmula directa de tratamento, no vocativo. Há, no entanto, um pequeno número de expressões que se encontram nessa linha e representam já processos de tratamento, pelo menos, indirecto:

— *iubeat nobilitas tua diligenter requirere causam*: escreve o abade Poemen a um juiz (IV,4, lin. 41);

— *mandavit abbas meus sanctitati tuae*: diz um irmão para um monge famoso (IV,12, lin. 19);

— *nimis rogat angelum tuum ut...*: é a resposta que o mesmo irmão transmite ao seu abade (IV,12, lin. 23);

— *gratias ago, domine, sanctae caritati tuae quia...*: responde o monge famoso ao irmão, para que este leve ao seu superior o agradecimento (IV,12, lin. 31-32); mais próxima do tratamento de delicadeza e reverência está a mesma expressão noutra contexto: *ego ueniam ad te ut (...) adorare merear sanctam caritatem tuam*, escreve uma irmã que pedia uma audiência a seu irmão, religioso (V,3, lin. 14-15);

— *etiam et nunc satis deprecatur sanctitatem tuam*: é o pedido feito por um monge a outro, por intermédio do discípulo do segundo (IV,12, lin. 34-35).

6 — É possível ainda divisar nas *Commonitiones* alguns dos modos como os monges se cumprimentavam. Partimos das expressões mais simples para as mais solenes:

— *salutate eum ex me*: assim mandava um eremita cumprimentos para outro (I,11, lin. 15-16);

— *factum est ut circa horam nonam salutarent se inuicem*: refere-se à despedida de dois monges (I,13, lin. 12-13);

— *cumque alterutrum sibi pacem dedissent*: descreve a saudação no momento do encontro (IV,18, lin. 14-15);

— *complexus eum, induxit in cellulam*: assim faz as pazes um ancião com o seu discípulo (IV,15, lin. 7-8);

— *cucurrit in amplexum eius et osculatus est eum*: é um cumprimento afectuoso entre dois monges considerados (IV,12, lin. 53-54);

— *prostravit se in orationibus* (IV,16, lin. 19-20); e *prostravit se in orationem cum lacrimis* (IV,14, lin. 7): são duas fórmulas simples para designar quem pede a ajuda de Deus;

— *proiecit se ad pedes eius*: gesto da irmã de Píor ao vê-lo (V,2, lin. 50-51);

— *fratres (...) prostrauerunt se in terram ad pedes eius*: manifestação de respeito perante a humildade de Agatão (IV,7, lin. 22-23); *senior statim prostravit se in terram ad pedes discipuli*: assim um ancião se reconhece inferior, em virtude, ao seu discípulo (IV,12, lin. 63); *prostravit se in terram ad pedes eius cum fletu et lacrimis poenitendo*, modo como um irmão pede perdão ao abade Atanásio (IV, 17, lin. 30-31);

— *tunc senior adoravit eos*: exprime a atitude de admiração de um ancião perante a virtude de dois irmãos (IV,9, lin. 14-15);

— *prosternebat se in terram adorans eos*: refere a atitude de Eulálio diante dos que o acusavam (IV,16, lin. 5-6); *prostravit se protinus in terram, adorabatque senem*: assim procede um monge



virtuoso perante outro que lhe emprestava uma cela (IV,12, lin. 47); *procidensque pronus in terram adorabat eosdem fratres*: designa uma forma de pedir perdão e auxílio (IV,7, lin. 13-14);

— *benedicite et audite peregrinos*: é expressão com que dois monges se anunciam ao chegar à porta de um mosteiro de monjas (V,3, lin. 22-23).

Se alguém procurar inserir todas estas formas e fórmulas de tratamento no seu contexto, verificará que elas contribuem para dar ao estilo tonalidade afectiva e beleza literária.

## 12 — DIMINUTIVOS

No latim tardio, e mesmo no período clássico, o uso de diminutivos tem na linguagem familiar uma grande área de expansão. O que importa salientar é que, do ponto de vista semântico, muitas vezes perderam os diminutivos o seu valor próprio — indicar menor dimensão ou grau de qualidade — e estilisticamente deixaram também, por vezes, de significar maior afectividade. Usar o substantivo simples ou o seu diminutivo passou a ser quase indiferente, quanto ao sentido<sup>(174)</sup>.

Observemos o valor dos diminutivos que aparecem nas *Commonitiones*.

*ADOLESCENTVLVS* — Em V,2 diz-se que a irmã de Píor, desejando visitá-lo, mandou os seus dois filhos, sobrinhos do eremita, para descobrirem primeiro em que mosteiro ele habitava. Pela apresentação inicial pode parecer que estes se encontravam no limiar da adolescência (lin. 34-35):

*Veruntamen soror eius cum esset uidua, habens duos filios iam adolescentulos, misit eos...*

---

<sup>(174)</sup> Além das estilísticas e gramáticas latinas já indicadas, cf. P. A. W. STEYEN, *Stylistische opmerkingen aangaande het gebruik der deminutiva in het latijn*, Nijmegen, 1953.

Um pouco mais abaixo, porém, são tratados assim (linha 40): *Perrexerunt autem adolescentes...* Não há qualquer diferença semântica entre *adolescentulos* (linha 35) e *adolescentes* (linha 40). Trata-se das mesmas pessoas, na mesma época da sua vida. Podemos até suspeitar que o diminutivo é o menos apropriado. Com efeito, não só se afirma que sua mãe já era viúva (linha 35), mas os próprios filhos dão a entender que ela já era idosa (lin. 38-39): *Nos filii sororis tuae sumus, quae nimio desiderio optat te uidere, ante exitum suum.* Além disso, sabemos que Pior depois de se fazer monge (quando era ainda *adolescente* — linha 2) viveu alguns anos com Santo Antão e aos 25 anos retirou-se para outro lugar solitário (linhas 3-5). Ali viveu durante mais de 30 anos (linha 31). Só depois — tinha mais de 55 anos — se deu o episódio da visita dos sobrinhos. Que idade teriam estes? Não sabemos. A *adolescentia* entre os romanos ia dos 12 aos 30 anos. Certo é que, no contexto, *adolescentulus* é perfeitamente idêntico a *adolescentes*.

*ARBVSCVLA* — Não podemos saber qual o porte da árvore a que se refere o texto de IV,10, (lin. 41-42): *Nam et nos ipsam arbusculam uidimus.* É certo, porém, que se trata de uma planta que deitou raízes, floresceu e deu fruto (cf. lin. 31-38).

*ASELLVS* — Em IV,8 (lin. 12, 13 e 15) fala-se de uns irmãos que, ao irem procurar Isaac, levaram consigo um *asellus* que transportava os mantimentos. Neste caso podemos recorrer a lugares paralelos. O grego — *Isaac 1 (224)* — tem ὁ ὄνος; Pascásio traduz por *asinus*. Com muita probabilidade o diminutivo é da responsabilidade do tradutor das *Commonitiones*.

*BVCCELLA* — É um diminutivo de *bucca*. No latim tardio formou-se *buccella* com o valor de ‘migalha’, ‘pequeno pão’. É este o sentido que tem em IV,3 (lin. 19-21): *Statimque festinauit monachus et misit aquam et salem et misit buccellas et comederunt pariter.* Não há paralelo para esta frase.

*CELLVLA* — Trata-se de um diminutivo de *cella*, mas sem que haja nas *Commonitiones* qualquer diferença de significado. Cf. *cella* em I *capitulatio*, lin. 18; I,7, lin. 12; II,2, lin. 32; etc. Para *cellula* cf. I,2, lin. 4 e 13; I,5, lin. 19; etc. Registámos 45 vezes a forma *cellula*. Há casos em que os manuscritos divergem: uma recensão tem *cella*, outra *cellula*. Da preferência do tradutor das *Commonitiones* pelo diminutivo (sem qualquer valor semântico) há um exemplo significativo em V,6, lin. 13. Este apotegma foi traduzido por Cassiano, cujo texto, como vimos (pp. 138 e 142), tem invariavelmente *cella*. Foi o reelaborador das *Commonitiones* que emendou para *cellula*, forma sem variantes.

*FENESTELLA* — A palavra aparece só uma vez, em I,5, lin. 17-19: ... *uidit de sportella, ubi panis, id est, paximatia repocita erant, surrexisse fumum magnum et egressum esse per fenestellam cellulae eius*. Este diminutivo de *fenestra* está já documentado no latim clássico, desde Propércio. De notar a hesitação dos códices. A forma *fenestella* julgamos ser a originária. Todavia, a transmissão manuscrita a partir de  $\delta$  emprega a grafia *fenestrella*, também documentada como *lectio uarians*. Note-se que o substantivo simples, *fenestra*, está largamente representado nas línguas românicas, entre as quais o português «fresta», ao passo que *fenestella* e *fenestrella* não deixaram descendentes. Não temos lugar paralelo para este pormenor, pelo que não sabemos qual a forma grega (um diminutivo também?) a que *fenestella* corresponderia.

*GILLVNCVLVS* — Em II,8 aparece 3 vezes a forma *gillo* (também grafada por alguns manuscritos *gello* e *gillon*) — cf. linhas 9, 14 e 21. Trata-se de um vaso para água. Porém, neste caso, quando, na linha 24, vemos a palavra *gillunculus*, ela tem aí um sentido depreciativo. Um irmão tinha um pequeno incómodo por causa do seu vaso de água (*gillo*) que, para tentação sua (julgava ele), se entornava. Foi consultar

um outro monge, o qual tinha um problema de consciência bem mais grave. Este responde então, desprezivelmente, ao seu consulente (lin. 23-25): *Tu quidem uenisti interrogare me quia gillunculus tuus uertit se et effunditur aqua; ego autem...*

Em Pelágio V,24, lugar paralelo deste apotegma, o equivalente latino de *gillo* é, nas duas primeiras vezes, *suriscula*; na terceira, *uasculum aquae*; e a *gillunculus* corresponde finalmente, de novo, apenas *suriscula*.

Em grego (Nau, 176) o vocábulo usado é invariavelmente βαυκάλιον.

Temos, pois, nas *Commonitiones* um diminutivo expressivo, que denota o estado de espírito de quem o emprega.

*MENSULA* — A mesa existente na cela de cada um dos dois eremitas de que fala o n. I,11 é designada uniformemente por *mensula* (lin. 4 e 27). A este diminutivo não deve, no entanto, ser dado qualquer valor semântico especial. É fruto da tendência linguística do tradutor das *Commonitiones*. O grego (Nau, 229) tem τράπεζα e Pelágio X,97 traduz, como era de esperar, por *mensa*.

*MONASTERIOLVM* — O n. V,3 emprega 9 vezes a palavra *monasterium* (linhas 5, 6, 7, 12, 21, 22, 30, 34 e 38), aliás frequente em toda a colecção. Opõe, no entanto, o mosteiro do abade João ao de sua irmã, a qual desejava que ele *ante exitum eius de hoc corpore ueniret ad eam* (lin. 10). Parece que ela já estaria velha e doente, porque insiste com ele *ut ueniret et uideret eam ante exitum suum et orationem faceret in monasteriolo eius* (lin. 32-33). Supomos que o diminutivo aplicado ao mosteiro da irmã não terá qualquer valor especial. Faltem-nos lugares paralelos para confrontar.

*SPORTELLA* — Uma das actividades usuais dos monges era o fabrico de cestos de vime, com asas. Nas *Commonitiones* menciona-se este trabalho em I,11 (lin. 19): *operarentur texentes*

*sportas*; e em VI,4 (lin. 1-2): *cum operaretur sportas*. Sabemos que um dos destinos desses cestos era guardar o pão. Em IV,3 (lin. 17-18) o imperador não viu na cela de um monge *nisi paucos panes siccos in sporta pendentis*. Este passo é precioso para interpretar o valor de *sportella* em I,5 (lin. 17-18): um monge *uidit de sportella, ubi panis, id est, paximatia reposita erant surrexisse fumum*.

Muito provavelmente este diminutivo não tem qualquer valor especial. Para o tradutor das *Commonitiones* usar *sporta* ou *sportella* devia ser quase indiferente. Há lugares paralelos. Em grego (Nau, 145) temos a vaga expressão ἐκ τοῦ ἐργοχείρου; em Pelágio (IV,58) a tradução ou depende de um texto grego diferente do que possuímos ou o latim (faz-nos falta uma edição crítica) não está perfeito. A tradução de Pelágio de que dispomos é: *uidit opus diaboli sicut fumum exeuntem a se*. Esperaríamos: *exeuntem a sporta* / *a sportella*. Aguardemos um texto crítico, com o qual se está ocupando o dr. Columba M. Batlle.

*VASCVLVM* — O termo aparece em I,9 (lin. 4): *Ecce illud modicum uasculum...* O grego tem também um diminutivo: τὸ μικρὸν ἀγγεῖον. Pelágio (IV,12) é ainda mais exagerado, pois traduz por *paruulum uasculum*. Tratando-se de um vaso ou almotolia para azeite, não é de admirar o emprego do diminutivo em sentido próprio.

Diferente é o caso de V,2 lin. 15. A água do poço do eremita Píor era tão mal saborosa que quem o visitava *in proprio uasculo aquam sibi portaret*. A bilha ou cantil que o visitante levava não precisaria talvez de diminutivo. Os paralelos que temos para este passo não descem a um tal pormenor.

13 — VÁRIAS ANOTAÇÕES SOBRE MORFOLOGIA  
E SINTAXE

Pode dizer-se que a morfologia e a sintaxe das *Commonitiones* são correntes em textos de latim tardio. Às tendências da língua vulgar e às inovações da «língua especial» dos cristãos há a acrescentar as características de uma língua que se vai abastardando, em relação aos ideais da época clássica. Não é nossa intenção fazer aqui um estudo aprofundado e comparativo da sintaxe desta antologia latina de apotegmas, no estilo que caracteriza a escola sueca<sup>(175)</sup>. Julgamos útil, no entanto, apontar algumas das características e das tendências principais do tradutor das *Commonitiones*<sup>(176)</sup>.

## a) FLEXÃO NOMINAL

1 — O substantivo cuja declinação se apresenta mais hesitante é o nome do abade *Poemen*. Este antropónimo é uma simples transliteração do grego, onde se encontra com a flexão regular dum tema em nasal: Ποιμήν, Ποιμένος (cf. PG LXV, coll. 317-368).

Nas *Commonitiones*, como em Pascásio e Martinho de Dume, aparece transposto para os temas latinos em nasal:

---

<sup>(175)</sup> Quando falamos da «escola sueca» temos principalmente no pensamento os estudos de figuras consagradas como E. LÖFSTEDT, *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheriae*, Darmstadt, 31962; IDEM *Syntactica*, I e II, Lund 3 1957; IDEM, *Late latin*, Oslo, 1959; D. NORBERG, *Syntaktische Forschungen auf den Gebiet des Spätlateins und des frühen Mittellateins*, Uppsala, 1943; IDEM, *Beiträge zur spätlateinischen Syntax*, Uppsala, 1944; B. LÖFSTEDT, *Studien über Sprache der longobardischen Gesetze. Beiträge zur frühmittelalterlichen Latinität*, Lund, 1961.

<sup>(176)</sup> Ao tomarmos esta posição, procuramos evitar o defeito em que caiu Salonius: — tentar um estudo filológico de conjunto antes de haver edições críticas e monografias linguísticas para cada autor (cf. J. G. FREIRE, *Traductions latines des Apophthegmata Patrum in Mélanges Christine Mohrmann*, Utrecht/Anvers, 1973, p. 170). A propósito desta nossa crítica à obra de Salonius sobre as *Vitae Patrum* escreve-nos a Prof.<sup>a</sup> Mohrmann: «Je suis tout à fait d'accord avec vous en ce qui concerne Salonius» (carta de 17-I-74).

*Poemen, Poemenis*. Todavia, tal como se poderá observar pelo nosso texto crítico de Pascásio<sup>(177)</sup>, também nas *Commotiones* as formas de alguns casos oscilam.

O nominativo e dativo do singular são, invariavelmente, *Poemen* e *Poemeni*.

No genitivo, a forma corrente, que consideramos regular, é *Poemenis*. Mas note-se que na *I capitulatio*, só transmitida pelos melhores manuscritos, os de Viena e Dresda, encontramos com o n. VIII (lin. 19): *De expositione sancti Pemenii* (Viena): ... *Pomenii* (Dresda). A desinência está tão clara que não nos atrevemos a corrigir para *Poemenis*.

No acusativo a forma regular é *Poemenem*. Aparece, no entanto, também o acusativo igual ao nominativo. Veja-se a *II capitulatio*, n. X (lin. 20): *De fratre qui interrogabat sanctum Pemen* (Viena): ... *Panem* (Dresda). Parece-nos que não há dúvida quanto a uma forma dissilábica. A redução do ditongo *oe* a *e* no ms. de Viena é normal; o duplo erro de cópia do ms. de Dresda, trocando o primeiro *e* por *a* e *m* por *n* mostra que o copista (este ou o do seu modelo) ou se distraiu ou não entendeu o que tinha diante dos seus olhos. Esta mesma forma de acusativo, *Poemen*, se encontra em II,10 (lin. 1). Já os reelaboradores dos arquétipos  $\gamma$ ,  $\delta$  (e seus derivados) regularizaram a desinência. Igual problema se põe para IV,5, tanto na *capitulatio* como no texto (cf. o aparato crítico).

O ablativo normal é *Poemene*. Contudo, em IV,4, tanto na *capitulatio* como no texto (linha 1), a forma para que tendem todos os manuscritos, mesmo aqueles cuja lição não reproduzimos, é *Poemen*.

---

<sup>(177)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. I, pp. 159-333. Para exame das *lectiones uariantes* do nome de *Poemen* poderá utilizar-se o índice que se encontra na p. 356, depois da palavra *Nestor*. Infelizmente este parágrafo ficou «empastelado». O seu lugar próprio seria na p. 357, após *Pior*. Também o título deste II índice onomástico apresenta um «salto» (p. 355). A sua redacção original é: *Personagens mencionadas no texto de Pascásio ou no estudo dos seus lugares paralelos*. A omissão de «no texto» torna o título quase ininteligível.

Vê-se que, à semelhança de alguns nomes próprios hebraicos, (*Dauid, Iob*, etc.) havia uma certa tendência para tornar *Poemen* indeclinável, excepto no genitivo (onde as formas são divergentes) e no dativo.

2 — Podemos acrescentar outras observações sobre a flexão dos nomes, tanto próprios como comuns.

Na *V capitulatio*, só transmitida por VD, temos sob o n. II: *De sancto Pior* (*Pior V: Piore D*). No apotegma correspondente — V,2 — temos 4 vezes *Pior* em nominativo (lin. 1, 9, 52 (bis), sem quaisquer variantes. Também o vocativo *Pior* (lin. 7) não sofre hesitações. O acusativo, porém, apresenta duas formas — *Piorem* VD: *Pior* RN, forma esta última também usada nos arquétipos  $\eta$  e  $\theta$ . Todavia alguns manuscritos de  $\delta$  e os de  $\zeta$  escrevem *Piorem*.

Fora da *capitulatio V* não aparece o ablativo. Mas a *editio Vulgata* de 1-40 Rosw. por vezes coloca um título antes de cada apotegma. A preceder o n. 31 (= V,2) verifica-se também divisão dos manuscritos: *De sancto Piore* escreve N: *de abbate Pior* lê-se em F. Concluimos, portanto, que também a flexão de *Pior* é hesitante, havendo, em todos os casos em ocorrência, testemunhos da forma invariável.

3 — O antropónimo *Apollo* não oferece maiores facilidades. Na *IV capitulatio*, n. XI, são uniformes os manuscritos que o transmitem: *De beato Apollo* VDR. Este ablativo não aparece mais no texto. E dos manuscritos com a série 1-40 Rosw. só temos registado título para N: *de demoniaco (post correctionem) abbate Appoline*. Supomos que o copista queria dizer: «De um possesso do demónio <com> o abade Apollo». O título está em parte rasurado no manuscrito, sendo a sua leitura muito difícil e, tal como se encontra, sem qualquer sentido. O nome do abade só volta a aparecer neste capítulo no próprio apotegma IV,11 (lin. 1): *ad beatum abbatem Apollo*



VDBS: *Apollinem* R. *Apollonium* L. Há lição diferente em N: *ad cellam abbatis Apollinis*.

Vejam os que se passa com este nome no cap. V. Lê-se na *capitulatio*, n. VI — *De abbate Apollo* VD, únicos manuscritos que transmitem este índice. No texto V,6 temos duas vezes o nominativo *Apollo* (lin. 5 e 11) sem variantes. Considerado o conjunto das formas apresentadas, vê-se que a tendência é para tomar o nome como indeclinável.

4 — Os outros nomes próprios não levantam problemas especiais. Seguimos a ordem do seu aparecimento nas *Commutationes*:

— *Zeno* (I,14, lin. 1) só está documentado em dois casos: no nominativo (com a grafia *Zenon* em NL e em manuscritos secundários); e no ablativo, na respectiva *I capitulatio*, n. XIV — *De abbate Zenone*, sem variantes.

— *Agathon* (IV,7, lin. 1) é um nominativo sem variantes; na respectiva *capitulatio* temos o genitivo *Agathonis* também sem qualquer divergência.

— *Daniel* só aparece no nominativo — I,3 (lin. 3); VI: 2 (lin. 1), 4 (lin. 1) e 6 (lin. 1).

— São completamente indeclináveis: *Beniamin* (I: 9 e 10); *Nitera* (I,12); *Ioseph* (I,16); e *Isaac* (IV,8).

Os restantes antropónimos integraram-se totalmente na flexão latina: *Arsenius*, *Dioscorus*, *Ioannes*, *Macarius*, etc.

5 — Entre os substantivos comuns, poucos são os que precisam de referência:

α) O nominativo normal é *abbas*. Todavia, registamos este caso sob a forma *abba* em III,1 (lin. 1) só nos mss. VL; em V,4 (lin. 13), onde *abba* VBL se opõe a *abbas* D (R omite o apotegma, e N salta esta palavra); em V,8 (lin. 1) *abba* só está em Viena, e em VI,5 (lin. 7), tendo *abba* VR e *abbas* DBNL.

β) Em I,11 (lin. 26) temos o acusativo *sal* (neutro) em VD, mas *salem* (masculino) em RNLB.

γ) A flexão de *cucumis* já era hesitante no latim clássico. Em I,14 (lin. 3) registamos o ablativo do plural *cucumeris*: só L escreve *cucumeribus*; em contrapartida, um pouco adiante (lin. 5), o mesmo ablativo do plural tem a forma *cucumeribus* documentada por VDB, mantendo *cucumeris* R, enquanto NL utilizaram, variando a construção, o acusativo *cucumeres*.

δ) O helenismo *plasma* foi normalmente incorporado nos temas em consoante. O seu ablativo do singular deve ser, por conseguinte, *plasmate*. Todavia, em IV,11 (lin. 10) os melhores manuscritos têm: *de plasma Dei* VDB, enquanto emendaram para *plasmate* RNL.

Em resumo, observa-se a tendência para tornar indeclináveis os nomes próprios de uso mais raro; dos nomes comuns apenas um escasso número apresenta flexão anómala, tendendo os manuscritos menos seguros para normalizar a declinação.

#### b) FORMAS DE COMPARAÇÃO

São variadas as maneiras de exprimir nas *Commonitiones* as diversas modalidades que a comparação sintáctica assume.

1 — Há, evidentemente, processos inteiramente de acordo com as normas clássicas. Eis adjectivos com o sufixo normal de comparativo de superioridade, seguidos de um segundo termo em ablativo (I,3, lin. 5-6):

*Considerate, dilectissimi, quoniam nihil fortius est in bestiis leone.*

Além do comparativo, normalmente construído, registe-se também, neste exemplo, uma forma normal de superlativo: *dilectissimi*.

2 — Vejamos agora um segundo termo de comparação introduzido por *quam* (I,11, lin. 11-12):

*Isti eremitae magis melius ad refectiorem cibantur quam qui in monasteriis conuersantur.*

De notar também, desde já, o comparativo *melius* reforçado pelo advérbio *magis*, processo este da sintaxe tardia e vulgar.

3 — O segundo termo de comparação, expresso pela preposição *super*, seguida de acusativo, estava consagrado principalmente nas traduções latinas da Bíblia e na língua dos escritores cristãos. Dois exemplos:

II,3 (lin. 8-9): ... *presbyteri praeceperunt omni multitudini fratrum ut (...) amplius super consuetudinem ieiunarent...*

II,4 (lin. 14-16): ... *uidit (...) gloriosum et splendentem super lumen solis (...) exercitum.*

Este segundo exemplo exige maior atenção. O primeiro termo de comparação está no grau positivo. Esperar-se-ia: *gloriosiorem et splendentiore* (cf. p. 185).

4 — Também o segundo termo da comparação, introduzido por *ab*, com ablativo, tem consagração bíblica.

VI,1 (lin. 11-12): ... *studebat ut ab omnibus monachis uiliora et despecta uestimenta haberet.*

Além da construção com *ab* veja-se o desequilíbrio verificado no primeiro termo. Regular seria: *uiliora et despectiora*. De facto, alguns copista assim o entenderam. Por isso corrigiram *despecta*, embora dentro do mesmo arquétipo haja manuscritos (não anotados no aparato crítico) que se mantiveram fiéis ao original. O mesmo devemos dizer da omissão de *ab*. Os mss. de Reims e Namur suprimem-no. Mas da família deste último têm-no, por exemplo, os mss. de Berlim e Londres.

5 — Igualmente se encontra, uma vez, documentado o segundo termo da comparação introduzido por *prae*, numa frase em que se subentende o sujeito *abbas Arsenius*:

VI,1 (lin. 8-9): *sicut cum in saeculi conuersatione esset, nimis pretiosis uestimentis prae omnibus utebatur; ita postmodum...*

6 — Há formas de comparativo sem menção do segundo termo da comparação. Em certos casos, porém, é fácil subentendê-lo.

Em IV,2 fala-se de *dois* irmãos muito unidos. Apresentando o primeiro diz o texto (lin. 5):

... *ille iunior frater accendens lucernam...*

Um pouco adiante fala do segundo assim (lin. 9):

*Surgensque senior frater...*

Também há exemplos de comparativos de superioridade sem segundo termo de comparação, que assumem, segundo a norma clássica, o valor de «intensidade, bastante mais».

I,1 (lin. 14-16): *Vigiliae (...) mentem nostram subtiliorem ac puriorem efficiunt.*

II,2 (lin. 23-24): *Vbi enim durior pugna, ibi gloriosior erit et corona.*

7 — Não faltam também exemplos em que o comparativo perdeu o seu valor próprio e equivale, praticamente, ao grau positivo.

IV,6 começa assim: *Item quodam tempore, dum adhuc iunior esset hic ipse beatus Poemen...* Não se faz em todo o apotegma referência a outra idade do abade Poemen. *Iunior* tem aqui o valor de 'jovem', 'novo', sem conotação explícita de qualquer comparação.

Esta equivalência de *iunior* a *iuuenis* torna-se mais clara em IV,19. Há alguém (*quidam*) — linha 1 — que, sózinho, vem pedir conselho a Macário. Mas adiante, após a resposta do grande abade, lemos (lin. 16-17): *Haec audiens iunior dixit...* E a mesma forma de comparativo desvalorizado se vê adiante (lin. 25): *His auditis iunior statim perrexit...*

O caso mais evidente de um comparativo com valor de positivo é o uso da palavra *senior*. É impressionante a insistência quase uniforme deste comparativo para traduzir o grego γέρον. Pelágio, Pascásio e Martinho traduzem habitualmente por *senex*. Poderá esta preferência por *senior* tomar-se como indício de que a tradução das *Commonitiones* é a mais tardia? Não o cremos. É verdade que as línguas românicas documentam o uso generalizado de *seniorem* para indicar uma pessoa mais considerada, o 'senhor', suplantando o clássico *dominus*. Mas desde longa data *senior* e *senex* se equivaliam. Em Cassiano (abram-se as *Conlationes* ao acaso) estes dois termos aplicam-se indiferentemente à mesma pessoa, a poucas linhas de distância um do outro. E Cassiano estava em plena actividade literária por volta de 425.

As próprias *Commonitiones*, apesar do absoluto predomínio de *senior*, nos deixaram testemunhos da perda de valor deste comparativo. Em I,11 emprega-se 6 vezes a forma *senior*. Porém, na linha 14, o *senior* de que se vinha tratando é designado por *senex*. Aproximadamente o mesmo se passa em I,13. Principia:

*Quidam salutationis causa profectus est ad alium seniorem...*

Parece dever subentender-se: *quidam* <senior> *profectus est ad alium seniorem*. Todavia adiante (linha 13) este primeiro *senior* é tratado como *senex*. De facto, Pelágio em IV,57 começa logo: *Alter quidam senex uenit ad quendam patrum*. E a terminar: *... discessit senex ille qui uenerat*. No grego (Nau, 150) um é descrito como γέρον, o outro como πατήρ.

8 — Aparecem também advérbios com formas de comparativo de superioridade. Vejamos os principais.

α) Em V,9 conta-se que um certo «padre», quando os irmãos falavam de coisas espirituais, via os anjos, cheios de alegria, *circa eos* (lin. 6-7). Quando conversavam sobre outros

assuntos, *statim sancti angeli recedebant longius indignantes contra eos* (lin. 9-10).

Apesar de *longius* apresentar uma forma de superioridade, cremos que o seu valor equivale ao positivo, como se estivesse apenas *longe*. Há, pois a oposição *circa: longius*.

Podemos, aliás, saber como o tradutor das *Commonitiones* reforçava a ideia de distância: empregava com esse fim a preposição *pro*.

Em IV,8 os irmãos procuram Isaac, que deles se apartara. Finalmente (lin. 10-11):

*Cum autem applicuissent, ad uesperum, ad eundem agrum pro longius, ut reficerent fatigati de itinere...*

Entende-se que o campo aonde chegaram era já *muito longe* do mosteiro. Que assim se deve interpretar prova-o o começo de IV,14 (lin. 1-2):

*Quidam de sanctis senioribus misit discipulum suum ad hau-riendam aquam; pro longius autem erat puteus a cella senioris.*

Cremos que não é possível traduzir por «muito mais longe», pois não há outro ponto para comparação. Trata-se apenas de um processo de exprimir a intensidade. *Pro longius* equivale só a *muito longe*.

Não se julgue, porém, que o advérbio simples não era conhecido deste tradutor. No mesmo n. IV,14 diz-se que o irmão, ao verificar que não tinha uma corda para tirar a água do fundo do poço, *contristatus est ualde, quia longe erat cella eorum* (lin. 4-5).

Ainda que *pro longius* esteja a par de *longe* neste apotegma, não quer dizer que se equivalham inteiramente. Trata-se aqui de cambiantes estilísticas.

β) O advérbio *melius*, comparativo, está usado em sentido próprio na frase (IV,12, lin. 30-31):

*... abbas meus (...) misit me requirens si melius habeas.*

Entende-se: *se estás melhor de saúde*. Mas este mesmo comparativo pode ser reforçado, como se vê na frase que já citámos (p. 213; cf. também p. 230):

I,11, lin. 11-12: *isti eremitae magis melius ad refectioem cibantur quam qui in monasteriis conuersantur.*

γ) O advérbio comparativo *amplius* aparece com o valor normal de 'mais' em diversos passos:

I,11 (lin. 25): *propter uos debemus aliquid amplius cenare.*

II,3 (lin. 9): *ut per totam septimanam amplius super consuetudinem ieiunarent...*

IV,10 (lin. 15-16): *Cumque per tres et amplius annos sedule obsequeretur...*

Construção igual a esta última se encontra também em V,2, lin. 31. Diferente é já o uso seguinte:

VI,2 (lin. 35-37): *Ille autem qui aquam de lacu hauriebat, homo est qui aliqua bona operatur, sed quia mala etiam amplius per peccata operatur...*

É claro que *etiam* está a reforçar *amplius*. Perguntamo-nos, no entanto, se em vez do advérbio *amplius* não deveria estar o adjectivo no acusativo neutro do plural: *mala etiam ampliora...*

δ) O advérbio *magis* é largamente usado pelo tradutor das *Commonitiones*. Por vezes poderia ser substituído por formas mais puristas.

I,15 (lin. 4-7): *...frequenter uidemus homines saeculares (...) a deliciis et delectationibus se abstinere (...). Quanto magis diligenter studere debet monachus...*

Bastaria escrever: *quam diligentius*. Mas o tradutor preferiu uma forma analítica.

O valor de *magis* adquire diversos matizes.

Em III,1 (lin. 21-23): *Si erubescis homines (...) quare non magis reuereri et timere debes maiestatem Omnipotentis Dei...*, pode traduzir-se: *porque não deves recear e temer sobretudo...* Da mesma maneira em IV,2 (lin. 21-23): *Considerans enim*

*quomodo magis seductio et perditio animarum est cultus idolorum...*  
 O culto dos ídolos é sobretudo...

Em VI,2 (lin. 32-33): ... *quem oportebat magis poenitentiam agere de prioribus peccatis, sed negligens emendare vitia peccatorum priorum, magis alia super priora addit peccata.* Nesta meia frase temos duas vezes *magis*. Na segunda expressão poderemos entender: aos primeiros pecados acrescenta outros ainda; na primeira é o seguinte o seu valor: *convinha-lhe antes fazer penitência por causa dos seus pecados anteriores.*

*Magis* com o significado de 'antes', 'pelo contrário', 'de preferência' é muito frequente nas *Commonitiones*:

I,10 (lin. 5-6): *Pater, magis de alio bono oleo mitte*; I,11 lin. 31-32: *Magis iubete facere nobiscum aliquantos dies...* (Note-se também a forma perifrástica em vez do imperativo *facite*).

I,14 (lin. 12-13): ... *non oportet me furtum facere, sed magis exercere secundum consuetudinem opera manuum*; etc., etc.

9 — A preposição *super*, além de se usar para introduzir um segundo termo de comparação, como já vimos <sup>(178)</sup>, é empregada também, isoladamente, com o valor de comparativo:

I,11 (lin. 20-21): *Vespere autem ad luminaria, addidit super consuetudinem, alios psalmos...*: mais do que era costume;

II,9 (lin. 8-9): *necessarium est ergo ut super consuetudinem addas in opere manuum tuarum.*

Evidentemente que *super* aparece muitas vezes com o valor normal de 'sobre', 'em cima de': cf. IV,2 (lin. 6, 17); etc. Menos frequente é já o seu emprego com o significado de 'por causa de', como em II,10 (lin. 19-20): *Et glorificavit Dominum super magnitudine gratiae eius.*

10 — Os superlativos de tipo corrente encontram-se a cada passo nas *Commonitiones*: *dilectissimus, maximus, pessimus*, etc.

Note-se, porém, este uso de *maxime*:

<sup>(178)</sup> Cf. supra pp. 185 e 213.



VI,6 (lin. 15-17): *Furem autem non expedit sustinere, maxime quia saepe commonitus non cessat*:... principalmente porque...

Curiosa também a expressão *maxime seniores fratres*. Nela *seniores* funciona (o que é raro) como um adjectivo no comparativo, elevado por *maxime* ao grau superlativo:

IV,16 (lin. 10-12): ... *conuenientes pariter maxime seniores fratres ad patrem monasterii, dixerunt ei*...: os mais velhos de todos os irmãos...

Há ainda superlativos perifrásticos como: *rogabat seniorem ut magis ac magis intentius pro eo oraret* (II,7, lin. 7-8); *necessarium est ergo ut magis magisque amplius exerceas opera manuum* (II,9, lin. 11-12).

Ao terminar esta série de anotações sobre diversas formas de exprimir a comparação, não queremos deixar de mencionar uma ausência total. O advérbio comparativo *plus*, de tão larga sobrevivência no francês e no italiano, não aparece. Poderá ver-se aqui um indício, posto que débil, para lançarmos o nosso olhar em direcção a outras terras, que não a Sul e a Ocidente dos Alpes, como lugar de tradução das *Communitiones*?

### c) FORMAS DE NEGAÇÃO

São normais os processos de negação utilizados nas *Communitiones*, através de advérbios ou conjunções de tipo *non, nunquam, nec, nisi*. Embora apareçam também noutros autores tardios, vamos assinalar o emprego de *nihil*, de *minime* e de *nullus*.

1 — É absolutamente normal o uso de *nihil* com o valor de 'nada'.

IV,17 (lin. 25-26): *Interrogauit autem frater ille si nihil dixisset aliud*.

II,7 (lin. 33-35): ... *si ille qui infirmatur non se absteineat a noxiis cibis, uel de aliis quae solent laedere infirmitates, nihil ei proficit cura et diligentia et sollicitudo medicorum.*

Nesta última frase deparamos com *non* e *nihil* em sentido e uso correntes. Mas há casos em que *nihil* substitui *non*. Trata-se de um avanço de *nihil* para terreno que lhe não pertencia no latim clássico. Exemplo: O abade Zenão estava tentado a roubar pepinos. O mau pensamento argumentava-lhe no íntimo:

I,14 (lin. 5-6): *Nihil enim, inquit, grande est quid habeo tollere.*

O uso de *nihil* aparece também reforçado com os advérbios *omnino* e *penitus*, ambos com o significado de 'absolutamente', 'completamente'. Aqui estão ambos, próximos um do outro:

IV,9 (lin. 8-10): ... *coepit omnia holera cedendo confringere, ita ut nihil omnino remaneret. Videntes autem supradicti fratres nihil penitus dixerunt.*

2 — Embora seja morfologicamente um superlativo, *minime* é empregado por vezes com o valor de um simples *non*:

IV,1 (lin. 35-36): ... *ne forsitan si pensionem pro seruitio meo minime intulero...*

V,7 (lin. 13-14): *Ecce, soror, audisti et cognouisti quia uiuo; ne contristeris autem quia minime me uidisti...*

3 — De notar a preferência por *nullus* em vez de *nemo*, quer com valor masculino quer feminino:

I,16 (lin. 9-10): *Cum autem solitarii in cellulis nostris fuerimus et nullus aduenerit...*

IV,3 (lin. 9-10): ... *praecepitque sequentibus se eunuchis ut nullus approximaret ad cellulam monachi.*

IV,16 (lin. 41-42): ... *egressus de monasterio fugit in eremum, ubi nullus eum agnosceret...*

V,3 (lin. 35): ... *ego ueni ad te et nullus me cognouit*. Trata-se aqui de um monge que visita um convento de freiras e nenhuma (= ninguém) o conheceu.

d) VALORES DOS PRONOMES *ILLE* e *IPSE*

Assinalamos as várias significações que estes pronomes assumem nas *Commonitiones* <sup>(179)</sup>.

1 — *Ille* apresenta, por vezes, o valor clássico de ênfase. No exemplo seguinte deve traduzir-se por «aquela famosa» força:

I,3 (lin. 6-8): *Nihil fortius est in bestiis leone et tamen (...) cadit in laqueum et illa feralis et magna fortitudo eius humiliatur*.

2 — Remete também, em bom uso clássico, para o objecto afastado, com pleno valor demonstrativo. É esse o valor do segundo e terceiro *ille* na frase:

II,5 (lin. 10-12): *Haec autem cum audisset ille, post paucos dies abiit ad locum illum ubi positum erat corpus illius defunctae mulieris*. O primeiro *ille* tem claro matiz de pronome pessoal.

O valor demonstrativo aparece também em expressões analíticas, antes de *qui*, quando em rigoroso estilo clássico bastaria o relativo:

IV,17 (lin. 16): *Dicit ei ille qui emere uolebat: Da mihi codicem ut...*

Outros exemplos deste último uso: II,6 (lin. 6); II,7 (lin. 32-33), VI,2 (lin. 35).

---

(179) Cf. G. L. TRAGER, *The use of the latin demonstratives (especially ille and ipse up to 600 A. D.) as the source of the romance article*, New York, 1932; P. AEBISCHER, *Contribution à la protohistoire des articles «ille» et «ipse» dans les langues romanes* in *Cultura neolatina* VIII (1948), pp. 181-203.

3 — É muito frequente nas *Commonitiones* o aparecimento de *ille*, *illa* a desempenhar as funções de pronome pessoal: *ele*, *ela*. Vimos mesmo acima um exemplo tirado de II,5 (lin. 11). Mas há muitos mais:

II,8 (lin. 27-28): *Et ille ait: Dum in itinere quiescerem...*;  
(lin. 31): *Haec ille audiens deprecabatur eum...*

V,7 (lin. 21-22): *Haec autem illa cum audisset...*

4 — Muitas vezes *ille* perde a força demonstrativa e aproxima-se do simples artigo definido das linguas românicas.

Em IV,2 narra-se uma história de dois irmãos. Referindo-se ao mais velho, diz-se simplesmente (lin. 9): *Surgensque senior frater...* Redacção exacta. Mas repare-se o que está um pouco antes (lin. 4-5):

*Quadam autem die, ad uesperam, secundum consuetudinem ille iunior frater accendens lucernam...*

Outro exemplo com dois *illos* quase desprovidos de significado demonstrativo:

IV,19 (lin. 36-40): *Ecce (...) laudavi et glorificaui illos mortuos et nihil mihi penitus dixerunt. Tunc dixit ei sanctus Macarius: Considera, fili, quoniam iniuriis et contumeliis exprobrasti illos mortuos et nihil tibi locuti sunt.*

5 — Também *ipse* apresenta variadas significações. Os valores enfáticos de «tu próprio, ele mesmo, ela própria» e semelhantes ocorrem algumas vezes:

II,5 (lin. 9-10): *Ipsa autem erat in cuius persona impugnabatur supradictus frater.*

II,7 (lin. 15-17): *Vidit (...) monachum et spiritum fornicationis in diuersis mulierum formis (...) et ipsum cum eis delectari;* (lin. 39-41): *Sed nisi et ipsi (...) quae Deo placita sunt fecerint...*

Por vezes, este significado enfático é sublinhado pela presença de outro pronome:

II,7 (lin. 27): *nisi et tu ipse laborem assumes...*

IV,6 (lin. 1-2): *dum adhuc iunior esset hic ipse beatus Poemen...*

6 — O significado normal de *ipse* referido a um objecto afastado, (*esse, aquele, o tal*), quase com o valor de *ille*, encontra-se também:

I,10 (lin. 7-8): *Et est aliud oleum praeter ipsum?*

IV,17 (lin. 8-9): *uidit in cellula eius codicem ipsum...*

IV,17 (lin. 14-15): *uoluit distrahere codicem ipsum...*

7 — Muito frequente é o uso de *ipse* com a equivalência do pronome pessoal *ele*:

I,11 (lin. 18): *Ipse uero audiens intellexit causam.*

IV,10 (lin. 12-13): *Ipsa uero cum omni ueneratione suscipiens senem...*

IV,17 (lin. 11-12): *(abbas)... intellexit quia frater ille furasset eum et noluit mittere post ipsum...*

V,4 (lin. 3-4): *Ipse autem sororem suam non acquieuit suscipere...*

#### e) VNVS A CAMINHO DO INDEFINIDO

1 — *Vnus* tinha em latim clássico, quando usado com todo o rigor, o significado de «um só, único». Este valor aparece também nas *Commonitiones*, reforçado ainda por *tantum*:

V,2 (lin. 28-29): *Dicebant ergo fratres quia unum tantum paximatium et quinque oliuas in cibo accipiebat.*

2 — O seu uso fez sempre parte de locuções com sentido partitivo. Com esta significação *unus* é usado quatro vezes, sendo *ex* a preposição preferida, pois *de* só entra uma vez em expressões deste género:

I,7 (lin. 11): *Tunc surrexit a mensa unus ex senioribus et dixit...* Cf. também II,6 (lin. 3) e VI,2 (lin. 22);

IV,16 (lin. 36-37): *... magnificabant eum tamquam unum de magnis patribus.*

3 — No latim vulgar e tardio *unus* assume, por vezes, o valor de um pronome indefinido, já muito próximo do que

virá a ser o *artigo indefinido* nas línguas românicas. As *Commonitiones* num só ponto nos dão uma ideia de *unus* poder caminhar neste sentido. Em *lignum unum, id est, perticam*, vemos um substantivo acompanhado de *unum* e o outro, que tem exactamente a mesma função, isolado, sem qualquer forma a acompanhá-lo. Ambos os substantivos estão em sentido indefinido.

VI,2 (lin. 15-17): *Et uidit (...) duos uiros sedentes in equis, portantes super scapulas suas utrique lignum unum, id est, perticam longam...*

Em Pelágio e Pascásio é mais frequente o valor indefinido de *unus* (Cf. *Pascásio de Dume...*, t. I, pp. 78, 80, 142-144). Poderá esta maior fidelidade aos valores clássicos de *unus* convidar-nos a pensar que as *Commonitiones* foram traduzidas fora do território da *Romania*?

#### f) EXPRESSÃO DA RECIPROCIDADE

1 — O pronome recíproco *inui cem* encontra-se em retirada no latim tardio, sendo substituído por locuções preposicionais. Nas *Commonitiones* só em 3 apotegmas aparece a forma *inui cem*, duas vezes precedida de *ab*:

I,13 (lin. 12-13): *... factum est ut circa horam nonam salutarent se inui cem...*

IV,2 (lin. 3-4): *... insidiabaturque eis malignus diabolus ut quomodocumque eos separaret ab inui cem; (lin. 18-19): ... quoniam non praeualui separare eos ab inui cem.*

VI,2 (lin. 23-25): *Hi qui lignum portant (...) iustificantes semetipsos (...) cum exaltatione superbiae, non humiliantur inui cem.*

2 — Todas as outras ocasiões em que o tradutor precisou de exprimir reciprocidade adoptou a fórmula *inter se*, que registámos 13 vezes. Damos a seguir o primeiro exemplo de cada capítulo:

I,11 (lin. 10-11): *... audiuit eos loquentes inter se ac dicentes; cf. também I,13 (lin. 4 e 11);*

II,5 (lin. 7-8): *Et dum inter se loquerentur...* Cf. também II,8 (lin. 16 e 28-29);

IV,2 (lin. 24-25): ... *referens eis haec omnia quae per malitiam daemones inter se loquebantur.* Cf. também IV,2 (lin. 36); IV,8 (lin. 2);

V,8 (lin. 17-18): *saepe audiui immundos spiritus daemonum loquentes inter se.* Cf. também V,8 (lin. 42) e V,9 (lin. 5 e 9).

g) SITUAÇÃO DOS VERBOS «DEPOENTES»

A posição intermédia que os chamados verbos depoentes ocupavam, já no latim clássico, entre a conjugação activa e a passiva — a forma, o aspecto exterior, a flexão é passiva, mas o significado é activo — fez com que se gerassem muitas confusões. No geral os verbos «depoentes» tendiam a tomar formas activas. No latim tardio a confusão aumenta quando se vêem verbos activos, da época clássica, a assumir formas «depoentes». Não restam, no entanto, dúvidas de que as flexões de tipo passivo entraram em desfavor. As línguas românicas têm só verbos passivos de forma perifrástica e a conjugação reflexa. O sistema de desinências que caracterizava os verbos passivos e «depoentes» desapareceu.

O texto das *Commonitiones* não é neste ponto dos mais caóticos. O tradutor mostra-se bastante atento. Algumas formas, porém, deixam transparecer a crise que reinava em época tardia entre os verbos «depoentes». Registamos alguns exemplos, por ordem alfabética.

*AESTIMO(R)* — Em IV,17 (lin. 19-20) lê-se: *Iube considerare, pater, codicem istum et aestimari eum si ualet solidos sedecim.*

Em causa está a construção de um imperativo perifrástico, como forma de delicadeza: *iube considerare... et aestimari.* Para *considerare* só o códice de Namur apresenta um infinito

«depoente»: *considerari*. A forma activa é, com certeza, a original, tal como deveria ser em latim clássico.

O exame de *aestimari* é mais complicado. O verbo que significava 'apreciar, apreçar', na época clássica, era activo: *aestimo*. A lição que os manuscritos nos dão aqui é divergente. Os de Viena e Dresda escrevem, bem legível, *aestimari*. Esta forma só pode ser um infinito «depoente», dependente de *iube*. Preferimos esta lição não só por ser a dos melhores manuscritos, mas porque ela obedece a uma sintaxe mais regular. *Iube* seria seguido de dois infinitos: *considerare et aestimari*. Porém, os restantes manuscritos têm: *aestimare*. Para esta forma há duas interpretações possíveis: 1 — tomá-la como um infinito e então o verbo teria sido regularizado, passando-o para a voz activa; 2 — considerá-la como um imperativo presente «depoente». Nesta segunda hipótese o verbo continuaria «depoente», mas a sintaxe perdia o equilíbrio. Teríamos primeiro um imperativo perifrástico — *iube considerare* — e depois um imperativo «depoente» simples: *aestimare*. Apesar de sabermos que uma desigualdade de tratamento, após *et*, era possível, inclinamo-nos a pensar que o tradutor tomou *aestimari* como verbo «depoente». A regularização para *aestimare* é fruto de uma reelaboração iniciada no arquétipo  $\gamma$ .

*EXCVSO(R)* — Temos em V,3 (lin. 11-12) a frase: *Ille autem excusabat, nolebatque de monasterio egredi*. Não há problema com *egredi*, habitualmente «depoente». Diferente é o caso de *excusabat*. A transmissão manuscrita é uniforme em utilizar simplesmente a forma activa. Não há dúvida, porém, de que o verbo tem sentido reflexo. Nestas condições, a linguagem clássica escreveria *excusare se*. E esta emenda foi de facto introduzida por alguns manuscritos secundários. O facto de o tradutor não utilizar uma expressão reflexa levou-nos a supor que ele considerava a forma activa com valor reflexo, como se o verbo fosse *excusor*.



**FVRO(R)** — Em VI,6 há dois passos em que se vê a forma «depoente» *furari*, com sentido activo:

lin. 6: *Tantum cessa et noli furari...*

lin. 10-11: *Tunc iam omnes sancti seniores considerantes quia non cessabat furari et abscondere...*

Embora em alguns autores apareçam formas activas, como se o verbo fosse *furo*, *furare*, o tradutor das *Commonitiones* manteve-se fiel à norma clássica. Em ambos os passos acima transcritos a forma *furari*, um «depoente» com sentido activo, encontra-se sem qualquer variante nos códices que transmitem este apotegma, presente só nos arquétipos  $\beta$  e  $\delta$ .

**LVCRO(R)** — Este verbo «depoente» vem nas *Commonitiones* só uma vez, em II,6 (lin. 11-12): *Volens autem lucrari et saluare animam eius frater suus...* O sentido de *lucrari* é manifestamente activo. O tradutor manteve-se, pois, fiel à norma clássica. Apenas temos anotado um manuscrito secundário em que o infinito apresenta a forma activa *lucrare*.

**POENITEO(R)** — Já na época do bom latim se usava a forma activa ou a depoente deste verbo, sempre com valor reflexo. Nas *Commonitiones* lemos (I,6, lin. 5): *omnes sancti poeniteri habent in illo futuro beato saeculo...* Este apotegma só se encontra nos arquétipos  $\beta$ ,  $\gamma$  e  $\delta$ . A forma «depoente» é a transmitida pelo manuscrito de Viena (o seu par de Dresda omite, infelizmente, esta palavra). Nos modelos  $\gamma$  e  $\delta$  a forma activa está bem clara. Não podemos, por isso, garantir com segurança qual a forma original do tradutor.

**REFICIO(R)** — O sentido de ‘restaurar, renovar, refazer’ é o mais corrente, com valor activo. No latim tardio, todavia, *reficio* passou a designar também a acção reflexa de ‘alimentar-se’. A seu lado criou-se, por isso, a conjugação «depoente»: *reficior*. Nas *Commonitiones* embora o sentido seja reflexo aparece, sem variantes, a forma activa tradicional (IV,3, lin. 19): *Da mihi benedictionem, abba, ut reficiamus*.

*REVEREO(R)* — Era possível, já na época clássica, empregar as formas activas ou as depoentes deste verbo, sem alterar o sentido activo: «reverenciar, adorar». Em III,1 (lin. 22-23) está escrito: ... *quare non magis reuereri et timere debes maiestatem Omnipotentis Dei...* Transmitido pelos arquétipos β, γ e δ, não há qualquer variante nos códices compulsados. Aqui temos um sinal de que a conjugação depoente não levantava ao tradutor das *Commonitiones* especial aversão.

*VOLVTO(R)* — Este verbo tem desde os tempos clássicos três possíveis empregos: 1 — ‘rolar, voltar’; 2 — ‘ser voltado’; 3 — ‘voltar-se, revolver-se’. Nas *Commonitiones* nenhuma destas possibilidades foi utilizada. Lê-se em V,9 (lin. 10-11): *Veniebant autem porci sordidissimi et morbo pleni et uolutabant se inter eos.*

Digno de atenção é o facto de se ter escolhido uma forma reflexa com o uso de *se*. Na realidade, mesmo que não se preferisse *uolutabantur*, o reflexo *se* dispensava-se perfeitamente, visto que este conceito está também expresso por *inter eos*.

Temos assim mais uma amostra da redundância do estilo do tradutor.

*ORTVS FVIT* — Não deixemos de assinalar também que a tendência para a perda das desinências passivas deu origem ao desenvolvimento da conjugação perifrástica. Em vez de uma forma de presente do tipo *oritur* passou a usar-se *ortus est*. Consequência inevitável foi que, para exprimir o perfeito, já perifrástico na época clássica, houvesse de se recorrer a outra forma mais expressiva do passado. Daí a utilização de *fui*.

Este processo encontra-se também nas *Commonitiones*. Em IV,6 o apotegma principia: *Item quodam tempore, dum adhuc iunior esset hic ipse beatus Poemen, uenerunt ad eum quam plurimi de uico eius, unde ortus fuit, petentes eum ut...*

A conjugação passiva, tendo como auxiliar formas do perfeito, tinha-se divulgado bastante, pelo que não devem estra-

nhar-se: *parata fuerat* (I,13, lin. 16); *operati fuissent* (II,6, lin. 2-3); *egressus fuerat* (II,6, lin. 6); *defunctus fuero* (IV,10, lin. 31); etc.

A colheita relativa aos verbos «depoentes» não é abundante. Isto mostra que o tradutor das *Commonitiones*, que tantas características sintácticas apresenta da época tardia, deveria viver numa região ou num meio cultural em que a desagregação da flexão passiva e «depoente» ainda não estava em falência total. Onde? Fora da *Romania*?

#### h) CONJUNÇÕES COMPLETIVAS

As orações completivas assumem nas *Commonitiones* todas as modalidades do latim clássico: infinitivas, interrogativas indirectas, *ut*, *ne* e conjuntivo, declarativas, etc.

São os *verba dicendi et declarandi* que merecem a nossa especial atenção. Não tanto porque haja novidades; mas pelas proporções das conjunções utilizadas. É sabido que estes verbos, seguidos em grego geralmente por ὅτι ou ὡς e indicativo, tendiam nas traduções para latim a ser construídos também com indicativo, precedido de *quod*, *quia*, *quoniam*, etc.

1 — O uso de *quod* como conjunção integrante é bastante raro nas *Commonitiones*. Registámo-la apenas 7 vezes. O facto não pode deixar de se estranhar, dado que, a par de *quia* e *quoniam*, é *quod* uma das conjunções mais empregadas no latim vulgar e no dos autores cristãos. Não está, no entanto, totalmente ausente.

GELASIVS 1 (145-147)

PELÁGIO XVI,1

Τότε λέγει αὐτῷ ὁ ἀδελφός,  
ὅτι Ἐὰν μὴ λάβῃς αὐτὸ, οὐκ  
ἔχω ἀνάγκησιν.

Tunc dixit ei frater: *Quia*  
si non recipis eum, non  
possum securus esse.

## COMMONITIONES IV,17 (lin. 33-36)

*Ille autem persistebat cum lacrimis poenitendo dicens: Quod si non susceperis codicem, domine pater, nullo modo requiescit anima mea.*

Observe-se agora a *uariatio* do tradutor das *Commonitiones* junto de dois verbos declarativos.

V,8 (lin. 15-17): ... *referebant ergo de eo quod frequenter dicebat patribus: Quia sicut mihi testis est Dominus Deus...*

2 — Mais frequente é já a conjunção *quoniam*, a qual, segundo a nossa contagem, aparece 16 vezes com valor integrante. Vejamo-la num texto com lugares paralelos:

NAU, 229

PELÁGIO X,97

... ἤκουσεν αὐτῶν ἀλλήλοις  
λεγόντων· ὅτι οἱ ἀναχωρηταὶ  
εἰς τὴν ἔρημον, ἀναπαύονται  
πλέον ἡμῶν τῶν ἐν κοινοβίοις.

... audiuit eos inter se di-  
centes: *Quia* solitarii uiri  
plus repasant in eremo  
quam nos in congregatione.

## COMMONITIONES I,11 (lin. 10-12)

... *et audiuit eos loquentes inter se ac dicentes: Quoniam isti eremitae magis melius ad refectionem cibantur quam qui in monasteriis conuersantur.*

3 — A conjunção integrante verdadeiramente preferida pelo tradutor é *quia*. Com efeito, empregou-a 81 vezes com este sentido. Um exemplo seguro:

## BENIAMIN 2(144)

## PELÁGIO IV,12

Εἶπεν ὁ ἀββᾶς Βενιαμὴν ὁ  
πρεσβύτερος τῶν Κελλίων, ὅτι  
Παρεβάλομεν εἰς Σκῆτιν πρὸς  
τινα γέροντα...

Dixit abbas Beniamin, qui  
erat presbyter in Cellis, *quia*  
cum applicuisset in Scythi ad  
quendam senem...

## COMMONITIONES 1,9 (lin. 1-3)

*Referebat abbas Beniamin: Quia quodam tempore ego et presbyter de Cellia applicuimus ad quendam seniore[m] habitantem in eremo Sceti...*

Seria fácil multiplicar estes exemplos paralelos para o uso de *quia* nas *Commonitiones*.

Considerando já os três paralelos acabados de apresentar concluímos: as *Commonitiones* variaram a tradução de ὅτι por *quod*, *quoniam* e *quia*; Pelágio traduziu uniformemente por *quia*. Note-se ainda, mais uma vez, que Pelágio traduz literalmente; as *Commonitiones* têm, sem dúvida, também por base um texto grego, nestes três casos, muito próximo da versão que chegou até nós.

4 — A palavra *quomodo* apresenta-se nas *Commonitiones* com diversas funções: advérbio interrogativo, conjunção causal, comparativa e integrante. Este último valor surpreende pela sua frequência, notória em relação aos hábitos de outros autores. *Quomodo*, depois de verbos declarativos, encontra-se 17 vezes, a partir do início do cap. IV. Não nos ocorre tê-la visto em capítulos anteriores.

IV,1 (lin. 1-3): *Dicebant sancti seniores patres de quodam monacho iam seniore, in Sceti eremo commorante, quomodo seruus quorundam erat...* Em grego (Mios 2 [301]) temos ὅτι; em Pelágio XV,31 está *quia*.

IV,2 (lin. 21-22): *Considerans enim quomodo magis seductio et perditio animarum est cultus idolorum...*; (lin. 31-33): *Dicebat enim quomodo omnem uirtutem aduersariorum nostrorum daemonum soluit uerae humilitatis intentio.*

5 — *Quatenus*, conjunção registada com frequência com valor final, aparece também duas vezes a introduzir uma oração completiva.

IV,4 (lin. 13-14): *Haec ergo apud semetipsum pertractans, definiuit quatenus excusaret magis...* Observem-se, porém, dois passos seguidos com valor final, neste mesmo apotegma (lin. 38-39): *... quatenus possim...*; (lin. 42-43) *... quatenus (...)* *exsoluat crimen...*

IV,18 (lin. 11-12): *Vide ut dicas ei quatenus accipiat flagellum...*

#### i) ORAÇÕES INTERROGATIVAS

1 — Não existe problema especial referente às interrogativas directas nas *Commonitiones*. A introduzi-las temos pronomes ou advérbios interrogativos: *quis* (IV,3 (lin. 22); IV,5 (lin. 4); *quid* (II,8 (lin. 20); II,10 (lin. 2); IV,11 (lin. 12); IV,16 (lin. 12); *qui* (plural) em IV,11 (lin. 13); *numquid* (II,2 (lin. 24); *quapropter* (II,6 (lin. 9-10); *quare* (III,1 (lin. 22); V,2 (lin. 43); V,4 (lin. 15); *cur* (IV,1 (lin. 27); IV,7 (lin. 24); VI,3 (lin. 7); VI,4 (lin. 6); *per quot* (V,4 (lin. 13); *quomodo* (I,4 (lin. 4), I,13 (lin. 16), I,16 (lin. 3), IV,3 (lin. 14-15), IV,12 (lin. 13), IV,16 (lin. 16); *in quo* (I,15 (lin. 3); *quanto* (I,15, lin. 6).

Apenas em I,7 (lin. 14-17) notamos uma interrogativa directa simples introduzida por *an*, partícula esta que no período clássico era empregada apenas no princípio do segundo membro das interrogativas duplas ou múltiplas. Aqui, porém, temos:

*An ignoras quoniam, si qui propter laudem et gloriam palam faciunt abstinentiam suam, omnem laborem abstinentiae suae perdunt (...)?*

2 — Para as interrogativas indirectas temos a distinguir dois processos: ou se emprega um pronome ou advérbio interrogativo, ou se usa a partícula *si*.

IV,14 (lin. 5-6): *Quid ageret, quo se uerteret nesciebat*. Cf. também *quid* em IV,16: lin. 21 e 22; IV,18: lin. 3 e 16.

IV,3, (lin. 25-29): *Beati estis uos, monachi, qui (...) solummodo de salute animarum uestrarum habetis sollicitudinem, quomodo ad uitam aeternam et ad caelestia praemia peruenire possitis*.

IV,12 (lin. 20): *Iube mihi mandare qualiter habeas, audiui enim te infirmari*. Cf. também IV,10 (lin. 4-5); IV,19, (lin. 5).

O uso da partícula *si* é geralmente considerado como típico do latim vulgar ou como prova de influência do original grego. Na realidade, o seu emprego nesta função encontra-se ao longo de toda a história da língua latina.

Alguns casos bem nítidos:

IV,12 (lin. 29-31): *Quomodo ualde sollicitus est abbas meus de infirmitate tua, ideo misit me requirere si melius habeas*.

IV,12 (lin. 56-57): *... interrogauit eum dicens: Dic mihi si dixisti fratri uerba quae...* Cf. também depois de *interrogauit, si* em IV,17 (lin. 26) e IV,19 (lin. 29).

3 — Maior interesse desperta ainda o emprego de *si* a introduzir uma oração que classificamos de interrogativa directa. Em I,16 (lin. 3-5), uns irmãos fazem ao abade José esta pergunta:

*Quomodo oportet nos suscipere aduenientes ad uisitandum nos peregrinos siue spiritales fratres, si oportet, inquirunt, propter eos relaxare regulam abstinentiae nostrae?*

À primeira vista, parece que a interrogação deveria ser colocada depois do primeiro membro da frase, começado por *quomodo*. Na realidade, o segundo membro está intimamente ligado ao primeiro, pelo que nem sequer os separámos por «ponto e vírgula». A marcar o discurso directo lá está a forma intercalada *inquirunt*. Por isso o segundo membro, principiado

por *si*, é também uma interrogação directa. Embora este uso seja raro, reparemos que em português também *se* pode introduzir uma interrogativa directa. Entre o povo poderá ouvir-se: *Se o correio já terá vindo?*

4 — A este grupo das interrogativas indirectas andam intimamente associadas outras orações, habitualmente conhecidas por integrantes dubitativas. Nelas está, no entanto, implícita, uma interrogação. Por isso, o tradutor das *Commonitiones* introduziu-as por *si*, como fez para outras interrogativas indirectas. O pensamento debate-se entre a dúvida e a interrogação.

I,14 (lin. 8-9): *Oportet ergo et me ipsum probare debeo si possim sustinere tormenta...*

IV,17 (lin. 16-17): *Da mihi codicem ut possim probare si tanto pretio ualet. E logo a seguir, nas lin. 19-20: Iube considerare, pater, codicem istum et aestimari eum si ualet solidos sedecim.*

#### j) HIPOTÉTICOS HELENISMOS DE SINTAXE

1 — Em rigor, cremos que o tradutor das *Commonitiones* nunca se deixou escravizar pela sintaxe grega. Os exemplos acabados de apresentar sobre *quod*, *quia*, etc. a introduzir orações completivas, e *si* a iniciar interrogativas indirectas, podem ter sido reforçados pelo uso grego, mas explicar-se-iam só como manifestação de tendências «vulgares» da língua latina.

2 — O mesmo se poderá dizer do infinitivo com nominativo. Para mais, o único exemplo deste tipo, que registámos, encontra-se numa *capitulatio* e nada podemos avançar, com segurança, sobre se as *capitulationes* já fariam parte do original grego ou não. Eis a expressão em causa:

*IV capitulatio*, n. XIX — *De iuvene qui uenit ad beatum Macarium desiderans monachus esse.*



Este texto é transmitido só por VDR. Nenhum manuscrito apresenta o esperado acusativo *monachum*. Concluimos que o nominativo se deve atribuir ao primeiro organizador latino da colectânea.

3 — Procurámos também estar atento ao emprego do chamado acusativo grego. Não recolhemos mais que três possíveis exemplos:

IV,12 (lin. 37-38): ... *senior inflamatus inuidiae et iracundiae spiritum pergebat ut...*

VI,4 (lin. 3-4): *Et cum feteret bromosa aqua odorem, non permitebat ut...*

Em vez de *spiritum*, só dum manuscrito secundário (do arquétipo  $\eta$ ) temos registado o ablativo *spiritu*. O acusativo *odorem* já poderia ser mais discutido. Com efeito, os principais manuscritos estão assim distribuídos — *odorem* VBL: *odore* DR; omite esta palavra N. Os manuscritos secundários ativeram-se à lição de R.

Quanto ao passo de VI, 6, lin. 2: *erat ibi quidam*, schema *quidem, monachus...*, cf. adiante o nosso estudo sobre *schema*, pp. 255-256.

Esta relativa escassez de helenismos sintácticos poderá provar alguma coisa contra a hipótese de o original ser grego? Cremos que não. A situação das *Commonitiones* não é, neste aspecto, diferente da que encontramos em Pascásio, Martinho, Pelágio ou João (se bem que para julgar cabalmente os dois últimos devemos esperar uma edição crítica).

#### 14 — NOTAS SOBRE VOCABULÁRIO

Ao dedicar este número ao léxico das *Commonitiones* não é nossa intenção fazer um estudo do tipo de um dicionarista que regista todas as palavras e os seus diversos cambiantes.

Tão-pouco pretendemos examinar a semântica de cada vocábulo segundo o estilo da «escola de Nimega»<sup>(180)</sup>. Nosso escopo é apenas apontar algumas palavras de maior interesse — ou pela sua origem ou pelo seu escasso uso ou por, de qualquer modo, chamarem a atenção de um classicista ou romanista.

1 — Começemos por notar que, ao perscrutar algumas tendências do estilo do tradutor, já apontámos os principais *diminutivos* <sup>(181)</sup>.

2 — Há um pequeno número de palavras ou expressões que são especialmente queridas do tradutor. Lembrem-se, por exemplo, as locuções para designar a vida monástica e o seu objectivo de perfeição espiritual <sup>(182)</sup>.

O capítulo VI, *De beato Arsenio*, tem um longo título. A edição de Rosweyodus, em III,37, seguindo o arranjo do arquétipo δ, incorpora mesmo o subtítulo no apotegma. O nosso texto separa bem o título e subtítulo de VI,1, que começa com estas palavras: *Hic itaque Arsenius...* A leitura atenta das *Commonitiones* mostra que esta expressão, *hic itaque*, era um formulismo do tradutor. Um pouco antes, em V,7, após o enunciado do tema da narração que versará de *beato Theodoro*, é notório o mesmo processo (linha 2): *Hic itaque beatus Theodorus...* E esta mesma expressão encontra-se também, estereotipada, em IV,17, após uma introdução de carácter homilético (linha 4): *Hic itaque abbas Athanasius...* Embora um pouco

---

<sup>(180)</sup> Sobre a origem, métodos e posição da «escola de Nimega» dentro da Linguística Geral, cf. CHRISTINE MOHRMANN, *De studie van het oudchristelijk grieks en latijn. Verleden, heden, toekomst. Afscheidscollege*, 14 december 1973, edit. Spectrum, Utrecht/Antwerpen. Fundamentais são da prof.<sup>a</sup> CH. MOHRMANN, *Études sur le latin des chrétiens*, Roma, I, 1958; II, 1961; III, 1965, — e os volumes das séries *Latinitas Christianorum Primaeva* (n. XXII em 1972), *Graecitas Christianorum Primaeva* (n. IV em 1970) e os respectivos *Supplementa* (fasc. III em 1970) editados por Dekker & Van de Vegt, Nijmegen (Holanda).

<sup>(181)</sup> Cf. supra pp. 203-207.

<sup>(182)</sup> Cf. supra pp. 113-115.

diferente, é o mesmo hábito de escrever que se regista em I,16 (lin. 12): *Haec itaque audientes fratres...* e em V,2 (lin. 9): *Cum autem peruenisset hic ipse Pior...*

O modo como principia este último exemplo lembra-nos um outro processo frequente nesta tradução. Registámos 27 inícios de frase por *cumque*, seguido de mais-que-perfeito ou por imperfeito do conjuntivo. Para que se verifique tratar-se dum autêntico «modismo» do tradutor, apontamos alguns exemplos de repetição num mesmo apotegma:

I,5 (lin. 9-10): *Cumque aduenisset hora sexta...*; (lin. 11-12): *Cumque hora nona aduenisset...*; (lin. 16): *Cumque hora nona sedisset...* Cf. outros exemplos repetidos em II,4 (três vezes); IV,12 (três vezes); IV,16 (duas vezes); V,7 (duas vezes), fora os outros exemplos que só se encontram uma vez num apotegma.

Além disso, é frequente o começo de frases por *cum autem...*; *cum ergo...*; *cum enim...* Mas estes últimos processos são já, por si sós, menos significativos.

Nos 101 capítulos da colecção de apotegmas traduzidos por Pascásio de Dume não aparece nunca a palavra *supradictus*. Em contrapartida, este termo era da preferência do tradutor das *Commonitiones*. Registámos a sua presença 15 vezes: *supradictus autem senior* (I,11, lin. 9); *pergere ad supradictum seniore* (II,2, lin. 9-10); *impugnabatur supradictus frater* (II,5 lin. 10); etc., etc.

Também Pascásio não usa nunca a palavra equivalente à anterior: *supramemoratus*. Nas *Commonitiones* encontra-se três vezes: *quieuit omnis impugnatio a supramemorato fratre* (II,3, lin. 12); *uocauit autem senior supramemoratum discipulum...* (IV,12, lin. 55-56); *supramemoratus autem abbas...* (IV,17, lin. 9-10).

Demos ainda outro exemplo de uma expressão do gosto do tradutor das *Commonitiones*. O superior dum mosteiro é designado uma só vez por *praepositus* (V,8, lin. 15). Em IV,18 (lin. 15-16) temos *ad abbatem monasterii*. A mesma

pessoa é pouco depois chamada apenas *abbas* (lin. 19). Mas no resto desta longa narração (IV,18) o superior é tratado por *pater monasterii* (lin. 8-9, 10, 17). Em IV,16 só esta última designação aparece também (lin. 11 e 17). O mesmo acontece em V,7 (lin. 31). Como vimos já <sup>(183)</sup>, quando enquadrada em contexto apropriado, a palavra *pater* pode referir-se ao *fundador* de uma ordem de religiosos, como é o caso de S. Pacómio.

3 — Os helenismos tiveram sempre entrada no latim, mesmo nos mais recuados tempos da idade arcaica. Com a conversão ao cristianismo de falantes da língua latina, há uma nova vaga de termos gregos que passaram a fazer parte da língua de Roma. Eles são tantos que por vezes nem nos apercebemos da sua origem. Tendo as *Commonitiones* sido traduzidas do grego, não admira que os helenismos aí se encontrem em abundância. Registamos por ordem alfabética os que recolhemos: *abbas, alphabetum, angelus, apostolus, athleta, bro-mosus, chaos, colobus, daemon, diabolus, ecclesia, episcopus, epistola, eremita, eremus, euangelium, gastrimargia, haeresis, haereticus, idiota, monachus, monasterium, parabola, patriarcha, paximatium, plasma, proastium, propheta, prophetia, raphanus, schema, stomachum, synaxis e thymiama.*

A maior parte destes vocábulos não precisa de qualquer comentário, pois tornaram-se comuns na língua latina que, do período tardio, transmitiu o seu uso à Idade Média. Daí entraram nas línguas modernas, não só românicas como também, alguns, nas germânicas.

---

<sup>(183)</sup> Cf. supra p. 105.

4 — Passamos, pois, a algumas observações dos vocábulos de maior interesse, colocando-os por ordem alfabética<sup>(184)</sup>.

*APPLICO* — Este verbo, sobretudo usado na linguagem corrente, tem concitado a atenção dos linguistas devido à permanência da sua forma simples — *plicare* — em algumas línguas românicas, entre as quais o português e o espanhol: *chegar, llegar*. Não vem aqui a propósito estudar a sua evolução semântica desde o originário 'dobrar' até ao valor de «chegar, ir junto de».

Nas *Commonitiones* está abonado três vezes:

I,9 (lin. 1-2): *Referebat abbas Beniamin: Quia quodam tempore ego et presbyter de Cellia applicuimus ad quendam seniore...*

IV,8 (lin. 10-11): *Cum autem applicuissent, ad uesperum, ad eundem agrum pro longius...*

V,7 (lin. 29-30): *Cumque uenisset, applicuit in monasterium famularum Dei...*

*BROMOSVS* — Diz-se do abade Arsénio, em VI,4 (lin. 1-5): *cum operaretur sportas ex palmarum foliis, mittebat aquam in peluem ut infunderentur palmae. Et cum feteret bromosa aqua odorem, non permittebat ut aliam aquam mutaret, sed super illam fetidam aliam addebat aquam, ut semper feteret.*

Em causa está o conjunto *bromosa aqua odorem* que é a lição de VBL, na qual *bromosa aqua* se encontram em nominativo; têm *bromoso aqua odore* DR, fazendo um ablativo de *bromoso odore*, diferente de qualquer das lições anteriores.

Rosweyds explicou por duas vezes a sua palavra *brumosa*. Nas anotações (PL 73, col. 812, nota 9) diz que deve ser entendida como «aqua crassa et fetida. Glossae Isidori: Bromosa,

<sup>(184)</sup> Além dos dicionários mencionados nas pp. 164 e 165, servimo-nos também do *Onomasticon rerum et uerborum difficiliorum*, apenso por H. ROSWEYDVS à sua edição das *Vitae Patrum* e reproduzido na *Patrologia Latina*, t. 74, coll. 399-516. Este *onomasticon* não tem sido suficientemente utilizado pelos lexicólogos, apesar de bastante rico em observações e em documentação paralela.

*immunda*». Voltou, porém, a comentar a palavra no *Onomasticon* (PL 74, coll. 416-417). Aí insiste em preferir a lição *brumosa*, apesar de citar outros autores que explicam *bromosa* como *immunda*, e *bramosa* com o mesmo significado.

Se bem que tenha acertado com o significado, Rosweyden não apurou a ortografia. Ora em grego temos o substantivo βρωμος 'odor, infecto' e o adjectivo correspondente βρωμώδης, cujo significado é 'fétido, infecto'. Não há pois que hesitar: a grafia verdadeira é *bromosus*, com a significação de 'fétido, mal cheiroso'.

*CAVSA* — A palavra *causa* aparece nas *Commonitiones* com diversos significados: 1 — causa, razão, motivo (cf. II,6, lin. 23 e 27; IV,4, lin. 19; 2 — acusação, processo judicial (cf. IV,4, lin. 25 e 41); 3 — questão, problema (cf. I,1, lin. 2; II,6, lin. 23); *IV capitulatio*, n. V); 4 — merece a nossa especial atenção o uso de *causa* com um significado muito próximo de 'coisa, matéria, assunto':

I,11 (lin. 18): *Ipse uero audiens intellexit causam.*

V,7 (lin. 54-56): *si hic permansero, etiam saepe uidebo filium meum, cum inter alios fratres egreditur ad necessarias monasterii causas...*

Este último sentido é bem claro na regra de S. Bento, de meados do séc. VI: *omnium causarum difficilimum est se ipsam cognoscere* (Reg. 35).

*GASTRIMARGIA* — O cap. III de Pascásio de Dume tem o título: *De uincendo desiderio gulae*; e no apotegma 7: *nisi desiderium gastrimargiae in anima uenerit...* Nas *Commonitiones* o tradutor foi mais explícito:

I,5 (lin. 22-24): *... per patientiam suam extinxit gastrimargiae, id est, gulae concupiscentiae, passionem.*

I,8 (lin. 6-7): *... et nos cum pulsauerit spiritus gastrimargiae, id est, gulae concupiscentia in aliquas delectationes ac saturitatem uentris...*

Vê-se aqui ainda a preocupação de dar à transliteração do grego γαστριμαργία o seu equivalente latino. E mais adiante virá somente (I,15, lin. 2-3): *non oportet monachum desideria gulae uentrisque facere.*

A verdade é que o helenismo *gastrimargia* estava consagrado pelo menos desde os escritos de Cassiano, de cerca de 425. Podemos traduzi-lo por «gula, prazer da comida, gulodice», conforme o contexto.

Significará esta preocupação de traduzir, uma ânsia de purismo do intérprete latino das *Commonitiones*? Indicará que ele escreve numa região em que a terminologia ascética não estava ainda completamente assimilada? Neste caso, devíamos desviar-nos da *Gallia* e olhar para a... *Germania*? Só outros indícios nos levam a propor esta interrogação <sup>(185)</sup>.

*GERMANVS* — A afinidade semântica entre *frater* e *germanus* tem sido várias vezes estudada. Nas *Commonitiones* estes dois termos parece terem, entre si, perfeita equivalência. Veja-se um exemplo em que se fala de dois irmãos de sangue:

IV,2 (lin. 1): *Erant duo fratres secundum carnem quidem germani.* Aqui *frater* tem o valor, na língua de grupo do monaquismo e dos cristãos, de «membro da mesma profissão religiosa, monges». Para os caracterizar melhor, o texto acrescenta que além de serem «irmãos de religião» eram também «irmãos segundo a carne». *Germanus* implica, por isso, neste passo, uma confissão de consanguinidade.

Depois (lin. 5) fala-se do *iunior frater* e também do *senior frater* (lin. 9). Poderia aqui ainda pensar-se que *frater* designa só «irmão em religião». Mas veja-se a sequência, donde se conclui a perfeita identidade de significado entre *frater* e *germanus* (lin. 9-11):

*Surgensque senior frater, coepit percutere fratrem suum cum furore. Ille uero, prostratus in terram, deprecabatur germanum*

<sup>(185)</sup> Cf. supra p. 134.

*suum dicens: Magnanimus esto, domine, et ego... Domine acen-*  
tua aqui apenas o respeito do irmão mais novo perante o mais  
velho. O apotegma tem ainda a palavra *frater* na linha 16.

A mesma conclusão se tira de IV,5 onde *fratres* (lin. 5 e 8)  
se refere claramente aos «irmãos» de José, filhos todos de Jacob.  
Mas, variando o vocabulário, na mesma linha 8 diz-se que  
José podia argumentar aos mercadores: *Quia germanus eorum*  
*ego sum*. Esta identidade verifica-se também em V,6, o apo-  
teigma importado de Cassiano <sup>(186)</sup>: *germanus* (lin. 1): *frater*  
(lin. 6,8).

O n. V,7 traz-nos nova elucidação, pois faz (lin. 8) de  
*soror germana* apenas uma fórmula reforçada. Com efeito,  
na linha 10, temos só *germanum*; e nas linhas 11, 12 e 13 só *soror*.

Com razão Meyer-Lübke e Ernout-Meillet sublinham  
a divisão semântica verificada no português e no castelhano:  
*fratrem* sobreviveu para designar membros da mesma organi-  
zação religiosa, enquanto *germanum* se ligou exclusivamente  
ao parentesco de sangue, entre nós ainda representado por  
duas evoluções divergentes — *irmão* e *mano*.

*IMPOSSIBILIS* — Este adjectivo tem, no geral, sentido  
passivo, também documentado nas *Commonitiones* (II,7,  
lin. 25-26): *Impossibile est enim discedere a te spiritum fornicationis*  
*immundum...* No seu elogio do espírito de perfeição que reinava  
entre os monges de S. Pacómio, o autor vai até ao exagero,  
em V,8 (lin. 40-41): *Impossibile enim est aliquem apud eos*  
*uerbum otiosum loqui...*

O especial interesse deste estudo está no facto de o tra-  
dutor, uma vez, ter dado a *impossibilis* o valor activo de «sem  
poder, impotente». Embora não seja caso único (o *Thesaurus*  
LL cita exemplos desde a *Itala*, tradução da Bíblia que deve

---

<sup>(186)</sup> Cf. *supra* pp. 136-149.



remontar ao século II p. C.) temos nas *Commonitiones* uma clara abonação:

V,8 (lin. 9-10): *Impossibiles enim sunt daemones et imbecilles, cum quis nostrum ex tota fide (...) contendimus contra eos.*

*IN PRAESENTI* — O n. IV,1 das *Commonitiones* fala-nos de um monge que antes fora escravo e a quem os seus senhores, cristãos, deram a liberdade. Em reconhecimento, o monge ia todos os anos pagar tributo de vassalagem aos antigos senhores. Estes queriam recusar-se a receber a oferta, mas o monge respondeu (lin. 19-21):

*Si nolueritis accipere pensionem meam, ita decreui ut non reuertar in erenum, sed hic in praesenti permaneo et seruiuo uobis.*

MIOS 2(301)

PELÁGIO XV,31

Ἐὰν μὴ θέλητε δέξασθαι,  
κάθημαι ὧδε δουλεύων ὑμῖν.

*Credite mihi, quia si non  
uultis suscipere mercedes  
meas, remaneo hic et seruiuo  
uobis.*

O grego e o lugar paralelo de Pelágio garantem-nos que as *Commonitiones* não são um original latino, apesar de terem uma expressão mais ampla.

É a locução preposicional que nos ocupa. Ela é exclusiva das *Commonitiones* e não a vimos noutros autores. Pelo contexto não satisfaz a interpretação: «no presente». Julgamos que o seu valor é: «em pessoa, pessoalmente». O monge afirma, pois, que se não lhe receberem o tributo, então, em vez deste símbolo de vassalagem, ficará ali, *em pessoa*, a servi-los.

*IN TANTVM* — Esta expressão aparece por três vezes nas *Commonitiones*:

II,4 (lin. 1-4): *Beato abbati Moysi (...) quodam tempore in tantum imposuit durissimam impugnationem fornicationis daemon ut non praeualeret sedere in cella sua.*

V,1 (lin. 7-10): *Valde enim euertitur et exterminatur de huiusmodi sollicitudinibus stabilitas mentis et in tantum obscuratur lumen cordis, ut nec sentiat quis quantum laeditur et distrahitur anima in diuersis peruagationum cogitationibus.*

Nestes dois casos *in tantum* precede imediatamente o verbo. Todavia, parece-nos que o seu sentido reforça o complemento directo. A locução tem valor de intensidade e poderemos traduzi-la, em ambos os passos, por «tão intensamente» ou, repetindo o advérbio, por «tanto, tanto». A preposição *in* tem valor de reforço. O conjunto *in tantum* introduz um pensamento que se completa na oração consecutiva, principiada por *ut*.

O terceiro lugar onde é usado *in tantum* é no n. V,6 — o qual, como sabemos, não é um original latino do tradutor das *Commonitiones*, mas uma cópia levemente alterada de um texto de Cassiano<sup>(187)</sup>, cuja parte final reproduzimos: *Quem in tantum Christus ab intentione mortificationis adreptae uel modicum ad extrahendum bouem tuum non patitur relaxari, ut ne breuissimi quidem momenti indutias pro patris indulserit sepultura.*

Como a seu tempo verificámos, a sintaxe de Cassiano é muito encadeada, pelo que se torna difícil estabelecer a pontuação do período e realizar uma tradução literal. O valor de *in tantum* é aqui menos explícito. Podemos, no entanto, estabelecer, parcialmente, a seguinte ordem directa: *non patitur in tantum uel modicum relaxari ut...* Também *in tantum* tem valor de reforço, neste caso, de *uel modicum*. Só aparentemente é paradoxal a tradução: «Cristo não permite, sequer um pouco, por mínimo que seja (= *in tantum*) atrasar-se de modo a»...

---

(187) Cf. supra pp. 136-149.

MISSA — É sempre com vivo interesse que na documentação dos séculos V e VI se procura averiguar o sentido da palavra *missa*. Com efeito, na *Peregrinatio Aetheriae*, que descreve uma viagem realizada aos lugares santos do Oriente cristão nos anos de 381 a 384, esta palavra aparece 72 vezes com o valor de «despedida» e 3 vezes com o sentido de «serviço religioso». Só no fim do séc. V passou a designar, com segurança, o «sacrifício eucarístico»<sup>(188)</sup>.

As *Commonitiones* têm em I,7 o seguinte passo (lin. 4-5): *Praeparatus est autem eis omnibus cibus coctus, ut post completas missas ibi reficerent omnes fratres.*

Pelo contexto não se pode definir se *missas* designa apenas «orações» ou o «sacrifício eucarístico».

Nos apotegmas em latim, nem Pascásio nem Martinho nem as pequenas colecções empregam a palavra *missa*. Em Pelágio, porém, o vocábulo encontra-se em IV: 27, 36, 69; VII,43 e IX,12. Em nenhum destes passos, com excepção talvez de IV,69, *missa* significa, com segurança, «celebração da eucaristia». Para este último conceito usam Pelágio (em IX,11) e Pascásio (em XLI, 1; LII,5; LVI,2; XC,3 e XCIII,11) o termo técnico *oblatio*. Há ainda em Pelágio, uma referência clara à Eucaristia. É em VII,24: *eamus cata dominicum diem (...) et accipiamus corpus et sanguinem Christi*. Só um outro termo poderia despertar a nossa atenção: *agape*, que se encontra em Pelágio em VII,46; X,46 e X,9 (este último com paralelo em Pascásio LII,5<sup>a</sup> onde é traduzido por *caritatem*). Mas *agape* significa aqui sempre «acto de caridade, esmola».

Concluimos, portanto, que muito provavelmente a expressão *post completas missas* em I,7 das *Commonitiones* tem apenas o

---

(188) Para a datação da *Peregrinatio Aetheriae* achamos decisivo e concludente o artigo de PAUL DEVOS, *La date du voyage d'Égérie in Analecta Bollandiana* LXXXV (1967), pp. 165-194 e 381. Para a evolução semântica de *missa*, além dos dicionários, cf. A. A. R. BASTIAENSEN, *Observations sur le vocabulaire liturgique dans l'Itinéraire d'Égérie*, Nijmegen, 1962 e CH. MOHRMANN, *Études sur le latin des chrétiens*, t. II, 1961; t. III, 1965, Roma (paginação indicada no índice destas obras para o estudo de *missa*).

valor de «após terem terminado as orações litúrgicas». Achamos, por isso, muito arriscado pretender tirar do uso de *missas* uma conclusão (ou mera suposição) sobre a data em que as *Commonitiones* foram traduzidas para latim.

*MVSCATVS* — Importa, em primeiro lugar, estabelecer bem o texto e o contexto onde se encontra o adjectivo *muscatvs*. Em VI,4 as *Commonitiones* dizem-nos que o abade Arsénio não mudava a água onde tinha as folhas de palmeira para amolecerem, a fim de com elas fabricar cestos. Por isso, a água passava a cheirar mal. Quando os irmãos lhe perguntavam porque não renovava a água e suportava aquele mau cheiro, respondia (lin. 8-12):

... pro thymiamata et muscata et illa diuersa, quae in saeculari conuersatione sine intermissione fruebar, oportet me nunc (...) sustinere istiusmodi fetorem, pro suauissimo illo odore, ut in die iudicii de illo gehennae inenarrabili fetore liberet me Dominus...

Temos, para este texto, lugar paralelo em grego e latim:

ARSENIVS 18(92)

PELÁGIO IV,5

... ἀντὶ τῶν θυμιαμάτων καὶ τῶν ἀρωμάτων ὧν ἀπέλαυσα ἐν τῷ κόσμῳ, χρῆ ἀπολαβεῖν με τὴν ὀσμὴν ταύτην.

... pro thymiamate et odoribus unguentorum, quibus in saeculo usus sum, opus est uti me nunc fetore isto.

O grego e a tradução de Pelágio correspondem-se perfeitamente. Quanto às *Commonitiones*, temos o mesmo sentido, assegurando assim idêntico fundo grego, mas também as frequentes amplificações típicas do reelaborador grego desta colectânea.

Deixando de parte pormenores de redundância, importa sublinhar uma repetição por paralelismo:

*pro thymiamata et muscata et illa diuersa...*  
*pro suauissimo illo odore...*

Este segundo membro e o que se segue até final é um acrescento do autor grego das *Commonitiones*. Um tradutor não iria tão longe. Para mais, lá está um dos tópicos do autor: *in die iudicii de illo gehennae inenarrabili fetore* (189).

A complicar a transmissão do texto temos a dupla regência da preposição *pro*. No primeiro grupo é seguida de acusativos neutros do plural (o que é normal em latim tardio); no segundo colón rege ablativo (como era corrente na época clássica). A falta de compreensão desta dupla possibilidade de regência deu origem a alterações do texto do primeiro grupo.

Citamos apenas a lição dos manuscritos principais de  $\beta$ ,  $\gamma$  e  $\delta$ . Só V conservou *thymiamata*; mudaram para o ablativo *thymiamate* DRN. Não conheciam a palavra: B que escreveu *timata*; nem L que alterou para *thymiamatita*. A desinência de ambos vem, no entanto, confirmar a lição de V.

*Muscata* é o texto de VDR; *myrrata* escreve B; *myrratis* N; e *musicata dulcedine* interpretou L, isolado.

Também *illa diuersa*, lição de VRBN, passou para o ablativo em D: *illis diuersis*, prosseguindo L isolado na omissão de *et illa* e mantendo apenas *diuersa*.

Este quadro crítico serve-nos para as duas palavras que os copistas, com certeza, desconheciam: *thymiāma* e *muscatu*s. Vamos estudar agora a segunda, guardando a primeira para o seu lugar na ordem alfabética.

O adjectivo *muscatu*s tem em Oribásio, médico do final do século IV, a sua mais antiga abonação. Trata-se de um derivado, construído sobre *muscu*s, substantivo que é uma transliteração de  $\mu\sigma\chi\omicron\varsigma$ , nome que tem uma dupla significação: 1 — perfume, de origem asiática; 2 — musgo, das pedras e das plantas. É evidente que no contexto é o sentido de «perfume, aroma» que serve ao pensamento. O neutro do plural *muscata* funciona como um adjectivo substantivado.

---

(189) Cf. supra pp. 110-1113.

Dos modernos dicionaristas só o *Thesaurus Linguae Latinae* acerta com o vocábulo e sua significação. Mas já Rosweydyus no comentário a esta palavra, que aparece no n. 39 do seu Livro III (PL 73, col. 812), a aproxima de dois lugares paralelos: um da *Vita Pelagiae* (*implevit aërem ex odore musci*); e outro da *Vita Marcellae* (*fragrare musco mure*). E no *Onomasticon* (PL 74, col. 471) trata mais desenvolvidamente de *muscus*, citando de novo *muscata*, Livro III, n. 39.

Creemos assim plenamente explicada a lição exacta, a origem e a significação de *muscatuſ*.

*PARABOLA* — Importa observar atentamente o significado preciso desta palavra. O grego παραβολή, de que o latim é transliteração, era usado no sentido de «comparação, alegoria». Os dicionários registam também *parabola* com o valor de «discurso», em dois passos bíblicos. Mas é sabido que este vocábulo foi alargando o seu campo semântico, a ponto de ter suplantado, na linguagem corrente, *uerbum* e *sermo*. A partir do século IX já *parabolare* e *parabola* tinham o valor exacto de «falar» e de «palavra». Qual o sentido de *parabola* nas *Commonitiones*? Só aparece uma vez, em I,8 (lin. 1-5):

*Solebat beatus abbas Poemen exponere fratribus de Scripturis prophetarum ubi dicit: «Quia nisi princeps cocorum Nabuchodonosor regis uenisset in Hierusalem utique non fuisset igne incensum templum Domini». Hanc autem parabolam ex hoc exemplo ita exponebat spiritaliter dicens...*

À primeira vista parece que *parabolam* (lin. 4-5) significa frase, palavra da Escritura. Analisando bem, está ali implícita uma alegoria. Contam-nos os capítulos XXIV e XXV do IV Livro dos Reis como Nabucodonosor, rei da Babilónia, se apoderou de Jerusalém. Mais tarde enviou o comandante do do seu exército, Nabuzardan, o qual *succendit domum Domini et domum regis*.

Este facto era interpretado alegoricamente pelo abade Poemen, o qual dizia que o homem se deixa dominar primeiro pela gula, mas depois entram outros vícios na alma, que a consomem.

Por isso, chamar «chefe dos cozinheiros do rei da Babilónia» a Nabuzardan é já um modo pitoresco de falar do general que deitou fogo ao templo. Nabuzardan representa a gula; o incêndio total é figura do «fogo da concupiscência».

*Parabola* tem, pois, nas *Commonitiones* o sentido tradicional de «alegoria, parábola». Em nada este passo nos ajuda para marcar uma fase de transição a caminho das línguas românicas. Assim como seria forçar o sentido se atribuíssemos a *parabola* o valor de *frase* ou *palavra*, assim também julgamos descabido concluir daqui que o tradutor não era natural ou não vivia na *Romania*.

*PAXIMATIVUM* — Esta palavra tem o significado de «pequeno pão, pão seco». A sua forma nas *Commonitiones* levanta alguns problemas, pelo que parece melhor começar por apresentar a questão. Falta-nos ainda (escrevemos a 25 de Abril de 1974) o volume do *Thesaurus Linguae Latinae* que se ocupará da letra P. O estudo mais desenvolvido, que sobre este vocábulo conhecemos, ainda é o do *Onomasticon* colocado por Rosweydu em apêndice às suas *Vitae Patrum* (PL 74, coll. 480-482). Resumindo o seu trabalho, verificamos que há 5 palavras divergentes: *paximatium*, comentado por Santo Isidoro de Sevilha e abonado pelo Livro III de Rosweydu, nn. 4 e 31 (exactamente os que iremos discutir); *paximates* (genit. — *atis*), atestado em Pelágio e João, em Cassiano, Columbano, etc.; *paxamas*, que parece ser uma simples transliteração do grego bizantino; *paxamadium* e ainda *paximadium*. Às passagens apresentadas por Rosweydu podemos actualmente acrescentar mais: Pascásio I,3 (*paximatia* — acusativo do plural) e XCIII,11 (*paximatiis* — ablativo do plural).

Vejam os agora as *Commonitiones* (ou seja, o texto completo de que foram extraídos os primeiros 40 números do Livro III de Rosweydyus):

V,2 (lin. 28-29): *Dicebant ergo fratres quia unum tantum paximatium et quinque oliuas in cibo accipiebat.*

Não há qualquer variante significativa nos diversos manuscritos. Entendemos que se trata de um acusativo neutro do singular.

Mais complexo é o que se passa com I,5 (lin.16-18), segundo os manuscritos dos arquétipos  $\beta$  e  $\delta$ :

*Cumque hora nona sedisset ut cibum caperet, uidit de sportella, ubi panis, id est, paximatia reposita erat, surrexisse fumum magnum...*

O tradutor teve o cuidado de esclarecer o que significava *paximatia*, fazendo equivaler esta palavra a *panis*. É muito possível que, pelo facto de *panis* estar no singular, os copistas pensassem que *paximatia* era um nominativo feminino do singular, com o qual viram a concordar *reposita*; e por isso também fizeram com que o verbo tomasse a forma *erat*, no singular.

Do arquétipo  $\gamma$  há dois manuscritos que têm este apotegma, representados por P e R. Ora P mantém o singular *erat*; R, porém, tem bem nítido o plural *erant*. Neste caso, já *paximatia* e *reposita* passam a nominativos neutros do plural. Não há dúvida de que, por quanto acabámos de ver há pouco, tanto fora das *Commonitiones* como nestas, em V,2, o singular da palavra é o neutro *paximatium*. Por isso, bem fez o copista de R em ter conservado (ou emendado) o verbo para o plural.

Supomos que a concordância falsa *paximatia... erat* foi introduzida no hiperarquétipo  $\alpha$  e daí passou a  $\beta$ ,  $\gamma$  e  $\delta$ . Foi o copista de R (ou um seu modelo) que, por conjectura ou por uma reflexão atenta, repôs a verdadeira concordância: *paximatia reposita erant*. Esta lição passou ao arquétipo  $\eta$ , representado por numerosos manuscritos, e aí a foi colher a edição de Rosweydyus. Baseado no exame filológico e no testemunho de R repusemos nós também o plural *erant*. Concluimos, portanto,



que o substantivo em causa é o neutro *paximatium* (sendo *paximatia* um plural neutro e não um singular feminino).

*PRO LONGIVS* — Significa «muito longe». Cf. o estudo feito anteriormente, p. 216.

*PROASTIVM* — Em IV,3 Poemen conta a visita do imperador Teodósio II a um monge, o qual (segundo se afirma nas lin. 3-6):

*Habitabat autem in parua cellula foris ciuitatem, prope proastio qui uocatur in septimo, ubi solent imperatores egressi de ciuitate libenter degere.*

Há duas expressões cuja lição importa fixar: *in septimo* só se encontra em D; os outros manuscritos dão-nos leituras ininteligíveis: *insemtimo* VBNL *insemphumo* R. Quanto a *proastio* nenhum códice dá uma lição aceitável: *prastio* VDBNL e *prascio* R.

Rosweyodus emendou para *prope proastium* e escreveu também *in Septimo* (PL 73, col. 749, n. 19). Com sentido crítico, nas anotações 6 e 7 (col. 811-812) justifica a correcção por ele feita, em ambos os casos, a todos os manuscritos que conheceu.

No primeiro caso baseia-se em Cedrenus que conta, em grego, a mesma história e escreveu *πρόστειον*; no segundo fala da divisão da cidade de Constantinopla em regiões ou bairros, um dos quais, nos subúrbios, tinha o «número sete», conservando mesmo em latim a designação de *hebdomon*. E remete, em ambas as notas, para o *Onomasticon*. De facto, aí (PL 74, coll. 487-488) documenta a transliteração *proastion* e a sua tradução *suburbanum*; e sob a palavra *septimum* (coll. 503-504) explica mais desenvolvidamente os testemunhos para esta circunscrição da cidade de Constantinopla.

O problema de *in septimo* está, pois, suficientemente tratado. Quanto a *prope proastio*, Rosweyodus viu o essencial da questão, mas deixou-se suggestionar pela regência de *prope*, preposição construída na época clássica com acusativo. Ora

os nossos manuscritos dos melhores arquétipos, se bem que todos tenham a palavra errada, todos são também concordes na terminação — *io*. De facto, na época tardia (e Blaise cita um passo da *Peregrinatio Aetherae*) *prope* passou a construir-se também com ablativo. Além disso, nós dispomos hoje de textos gregos de apotegmas, paralelos deste número IV,3 das *Commonitiones*. Aí lemos: ἐν προαστείῳ Κωνσταντινουπόλεως (cf. *Patrologia Orientalis* t. VIII, p. 169). A correcção deve fazer-se, pois, para *prope proastio*. E tudo fica esclarecido. A tradução que propomos é a seguinte: o monge «habitava numa pequena cela, fora da cidade, perto do bairro suburbano que tem o nome de Sétimo, por onde os imperadores, quando saem da cidade, costumam de bom grado passear».

Assim se restabelece o vocabulário, a sintaxe e o sentido exacto.

**QVAPROPTER** — Originariamente uma locução prepositiva, *quapropter* tornou-se em advérbio interrogativo. Neste sentido se encontra 2 vezes nas *Commonitiones*:

I,9 (lin. 6-7): ... *diximus ei: Et quapropter, pater, uel in diebus festis non gustasti de ipso oleo?*

II,6 (lin. 9-10): *Quapropter non reuerteris ad cellulam?*

Há um passo, porém, em que o valor interrogativo se encontra muito esbatido. Com dificuldade mesmo se divisa ali uma interrogativa indirecta:

I,6 (lin. 5-8): ... *omnes sancti poeniteri habent (...) quapropter non amplius operati sint bona opera...*

A nossa tradução é: «todos os santos hão-de ter pena pelo facto de não terem realizado mais boas obras».

**RAPHANVS** — Lê-se a propósito de uma refeição oferecida pelo abade Benjamin, em I,10 (lin. 3-5): *Misit autem in condituram oleum, quod de semine raphanorum in locis illis solet fieri.*

*Raphanus* é uma importação do grego ῥάφανος, já documentada, no latim profano, em Plínio, Columela e outros. Trata-se de uma espécie de rábano, de cujas raízes carnudas se fazia óleo.

Creemos que passamos a ter aqui a única abonação conhecida do latim dos cristãos, pois este apotegma é exclusivo das *Commonitiones*. Admira-nos, no entanto, que os dicionaristas não tenham já registado amplamente uma tal palavra. Com efeito, este apotegma foi interpolado na *Palladii Lausiaca*, cap. VI (PL 74, col. 352), onde o vocábulo podia ter sido recolhido desde as antigas edições.

Todavia, uma palavra da família de *raphanus* foi estudada por Rosweyodus, a propósito de Pelágio IV,59, onde se fala de um vaso *in quo erat modicum mellis; et aliud in quo erat raphanelaeum*. Este número de Pelágio tem paralelo em Pascásio III,5: *Erat autem uasculum paruum habens mel et alium uasculum simile habens oleum de lini semine expressum*. Quer dizer que *raphanelaeum* de Pelágio é o mesmo que *oleum de lini semine expressum*.

Rosweyodus na anotação 18 (PL 73, col. 988), a propósito de *raphanelaeum* e da sua ligação com *raphanus* remete para o seu *Onomasticon* (PL 74, col. 490). Aqui, após breve confronto de diversas edições, escreve: «*Raphanelaeum quid sit describit Plinius lib. XIX, cap. 5, agens de raphano*». E transcreve o passo em que Plínio celebra o valor do *raphanus* no Egipto «*propter olei fertilitatem, quod et semine eius faciunt*».

Temos, por conseguinte, que embora um derivado de *raphanus* já fosse observado nas *Vitae Patrum*, o vocábulo em si mesmo só se encontra nas *Commonitiones*. A um botânico competirá destrinçar qual o equivalente português do ῥάφανος, se o linho ou se o rábano.

**RESOLVOR/RESOLVTIO** — O significado destas duas palavras precisa de ser minuciosamente interpretado. Há que apreciá-las partindo do verbo simples: *soluo*.

Em IV,2 (lin. 31-33) diz-se que «a verdadeira prática da humildade inutiliza (*soluit*) todo o poder dos nossos adversários, os demónios»; e em IV,13 (lin. 27-28) o abade Paulo ordena ao seu discípulo que trazia, presa, uma leoa: «solta-a (*solue*), pois, e larga-a».

Passemos aos compostos com o prefixo *re-*:

I,1 (lin. 11-13): *Nam et somnus naturaliter inest homini, sed non in satietatem siue resolutionem corporis, quo possimus humiliare passiones ac uitia carnis.*

II,2 (lin. 18-19): *Ne pertimescas, neque resoluaris, neque abscondas cogitationes tuas.*

II,7 (lin. 12-14): *Eadem autem nocte reuelauit ei Dominus, quae circa illum monachum erant negligentiae et ignauiae resolutio, et delectationes corporeas cordis eius.*

II,7 (lin. 39-43): *Sed nisi et ipsi (...) quae Deo placita sunt fecerint, non eis proficient, negligentibus et resolutis, ad salutem animae orationes sanctorum.*

No contexto de I,1 (lin. 12) *resolutio* significa «relaxamento, amolecimento». Por isso *satietatem siue resolutionem corporis* é a «saciedade ou amolecimento do corpo».

Em II,7 (lin. 14) *ignauiae resolutio* pode traduzir-se por «entrega à preguiça» ou «atitude de indolência», tendo *resolutio* o valor de «abandono, falta de resistência».

Quanto a *resoluo*r tem em II,7 (lin. 18) o valor de «entregar-se, abandonar-se, desistir». *Neque resoluaris* quer dizer: «não te entregues» ou «não desistas».

Em II,7 (lin. 42) *negligentibus et resolutis* significa «desde que vivam na negligência e na desistência da luta».

A ideia fundamental de *soluo* 'desligar' recebe assim diversos matizes, de acordo com o contexto, nos compostos *resoluo*r e *resolutio*. Precisamente a ideia de «resolução» ou «propósito» está ausente das *Commonitiones*.

*SACRAMENTVM* — Só uma vez aparece nas *Commotiones* a palavra *sacramentum*. Na longa história deste vocábulo, desde o latim clássico ao cristão e ao dos decretos conciliares da Igreja, é o significado de «juramento» o único que se adapta ao nosso texto.

Conta-nos o n. II,6 que dois irmãos foram à cidade. Um deles pecou e não queria mais voltar à vida religiosa. Então o outro, diz o texto, *uolens autem lucrari et saluare animam eius frater suus, cum sacramento dixit ei: Quia et ego (...) lapsus sum...* (lin. 11-13).

Embora a história contada tenha intuitos edificantes, não deixe de se notar que se trata de um juramento falso.

A transmissão manuscrita é quase uniforme na forma *sacramentum*. Um pequeno número de códices secundários, isolados, mesmo dentro do seu arquetipo, interpretou e substituiu por *iuramento*. A intenção e o juízo estão certos; a verdade da crítica textual foi ofendida.

*SCHEMA* — Em VI,6 conta o abade Daniel um episódio que começa por esta frase (lin. 1-3): *dum in eremo Sceti esset beatus Arsenius, erat ibi quidam, schema quidem, monachus et furabatur de cella monachorum quodcumque inuenire potuisset.*

O apotegma só se encontra nos arquetipos β e δ. O texto é de fixação difícil. Vejamos primeiro os lugares paralelos:

DANIEL 6(156)

PELÁGIO x,18

‘Ότε ἦν ἐν Σκήτει ὁ ἀββᾶς  
Ἄρσένιος, ἦν τις ἐκεῖ μοναχὸς  
κλέπτων τὰ σκεύη τῶν γε-  
ρόντων.

... quando erat in Scythi  
abbas Arsenius, erat ibi mo-  
nachus quidam rapiens ea  
quae habebant senes.

Examinando todos os manuscritos que contêm este apotegma, verificamos as seguintes lições (utilizando as siglas do *stemma codicum*): *quidam scema quidem monachus* VBLUM

*quidam scemate quidem monachus Z quidam scemate monachus N quidam selerosus monachus D.* Parece-nos hoje que a lição exacta é a de VBLUM. Todavia, quando, a princípio, examináramos apenas os manuscritos de Viena e Dresda, dada a evidência do erro de Dresda, pensámos em explicar a lição de V.

Com efeito, o manuscrito de Viena tem na palavra *scema*, por cima da letra *e*, o sinal Ꝟ que chegámos a interpretar como um «digama», pelo que, primeiramente, lemos *sceuma*. Estamos agora convencido de que este sinal é um *h* mal desenhado e que ficaria melhor entre *ce*, devendo por isso ler-se, *post correctionem, schema*.

Adoptando a lição *schema*, consideramos esta forma como um «acusativo grego», pelo que traduzimos: «*havia aí um certo monge, só de hábito*», isto é, *apenas exteriormente...* Os copistas de N e de Z alteraram para *scemate*, fazendo desta palavra, certamente, um ablativo de qualidade.

Explicada a dificuldade no estabelecimento do texto, notemos ainda que para o grego *σκέυη* não há nas duas traduções latinas o equivalente, que seria *uasa*.

A relutância inicial em adoptarmos a lição *schema* devia-se também ao facto de esta palavra não nos ter nunca aparecido em Pascásio e Martinho nem, que nos lembre, noutras colecções latinas de apotegmas. Assegurada, porém, a justeza do termo, a pesquisa vocabular deu razão ao tradutor das *Commonitiones*.

Os dicionários registam a transliteração de *σχῆμα*, applicando-a ao «vestuário ou hábito» dos monges. Rosweyodus, no *Onomasticon*, dedica um longo e bem documentado estudo sobre a imposição, progressiva, de um duplo «hábito» aos monges: *ordo instituendi monachum parui schematis* e *ordo magni et angelici habitus* (PL 74, coll. 495-499).

*SEPTIMANA* — Só encontramos uma vez esta palavra nas *Commonitiones*:

II,3 (lin. 8-9): ... *praeceperunt omni multitudini fratrum ut per totam septimanam amplius super consuetudinem ieiunarent.*

O registo deste vocábulo, que sobreviveu na língua corrente de todos os povos da antiga *Romania*, só tem interesse aqui por podermos compará-lo com outros tradutores de apotegmas. Pascásio, que traduziu por 555, em Dume, usa sempre *septimana* (Pasc. V,1; VII,2; XLVI,8; XCVI,4). Pelo contrário, Pelágio, que traduziu, em Roma, pouco antes de 547, emprega *hebdomada* (Plg. V,38; VI,4; VII,24; VIII,4; IX,12; X: 27, 44 e 109; XV,11; XVII,14).

Ora nós sabemos que Pelágio é mais literal e vulgar que Pascásio e o tradutor das *Commonitiones*. O emprego de *septimana* ou *hebdomada* não pode, portanto, trazer-nos qualquer ajuda para entrever o lugar e a data em que as *Commonitiones* foram traduzidas.

*SERMO* — Assim como *parabola*, como vimos há pouco, ainda não evoluiu nas *Commonitiones* para a «palavra» das línguas românicas, assim também *sermo* conserva os valores tradicionais. Não sendo necessário provar inovações, limitamo-nos a apontar os três significados que *sermo* apresenta nas *Commonitiones*:

- 1 — *palavra* (IV,2, lin. 12; IV,7, lin. 37; IV,19, lin. 33);
- 2 — *conversa* (II,5, lin. 8; V,9 lin. 17);
- 3 — *expressão, frase* (IV,11, lin. 12).

*SYNTAXIS* — Trata-se de um termo que na linguagem corrente significava «reunião»; mas na língua dos cristãos tinha o valor técnico de «ofício religioso» e de «celebração eucarística». Nas *Commonitiones* encontra-se uma vez apenas:

IV,19 (lin. 75-76): *Quod certe ad commonendum sensum nostrum cottidie in synaxi psallitur.*

O contexto refere-nos uma exortação de Macário a um jovem; e é depois de ter citado dois versículos do salmo 37 que vem a frase acabada de transcrever. Os salmos eram cantados

tanto nos ofícios de simples oração como nas celebrações da Eucaristia. Julgamos impossível garantir qual destes significados é indicado neste passo. Precisaríamos de mais pormenores para definirmos o sentido exacto.

*THYMIAMA* — Quando estudámos *muscatius* (pp. 246-248) apresentámos já o texto grego e a tradução latina do passo em que aparece a palavra *thymiamata*. Trata-se de uma transliteração do grego θυμίαμα, acentuada em latim *thymiāma*. Como então já mostrámos, o texto genuíno das *Commonitiones* apresenta um acusativo do plural regido por *pro*. Atendendo à raridade desta «regência», uns manuscritos alteraram para *thymiamate* e outros para... vocábulos inexistentes.

Resta-nos agora indicar o significado exacto desta palavra: *thymiamata* é «o perfume do incenso, o fumo odoroso do incenso queimado». Na frase: *pro thymiamata et muscata et illa diuersa (...) oportet me nunc sustinere istiusmodi fetorem*, que se encontra em VI,4 (lin. 8-11), devemos traduzir: «em vez dos perfumes do incenso, dos aromas do musgo asiático e de outros diversos (...) convém que eu agora suporte este mau cheiro».

Rosweydeus recolheu no *Onomasticon* (PL 74, coll. 511-512) várias abonações para o uso de *thymiamata*.



## Cap. IX — GENEALOGIA DOS PRINCIPAIS CÓDICES

### A — Notas preliminares

Feita a descrição externa dos principais manuscritos no cap. II (pp. 21-45), compete-nos agora demonstrar, do ponto de vista interno, isto é, pela análise crítica do texto, palavra por palavra, as relações de parentesco existentes entre os diversos códices.

Ao estudar Pascásio, demorámo-nos neste ponto, porque pretendemos então apresentar toda a história da transmissão e evolução do texto, desde o original até à edição de Rosweyduus que, infelizmente, tomou como modelo o último e o pior de todos os arquétipos<sup>(190)</sup>.

Foi nossa intenção, agora, restabelecer o texto genuíno das *Commonitiones Sanctorum Patrum*, estudando, para isso, com mais atenção, os manuscritos que pertencem aos arquétipos mais próximos do original. Quando chegarmos à conclusão de que, para além do arquétipo  $\delta$ , todos os demais são secundários, porque dependem dos primeiros quatro modelos e não estão mais em contacto com as fontes primitivas, então abreviaremos a nossa análise.

Torna-se conveniente avisar desde já que o conjunto de todos os manuscritos foi objecto da nossa atenção e que, nas suas linhas fundamentais, os grupos apresentados a partir do

---

(190) Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 293-398.

arquétipo ζ, inclusive, se encontram bem ajustados à descrição externa que deles fizemos em estudo anterior. Aliás, o nosso *stemma codicum* inclui alguns exemplares desses arquétipos secundários<sup>(191)</sup>.

Para a elaboração do *stemma codicum* e do texto crítico ativemo-nos às recomendações dos mais consagrados tratadistas<sup>(192)</sup>.

---

<sup>(191)</sup> Cf. *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 192-215 e 233-253.

<sup>(192)</sup> Cf. bibliografia indicada em *Pascásio de Dume...*, t. I, pp. 154-155. Não deixemos de mencionar mais dois estudos recentes: J. FROGER, *La critique des textes et l'ordinateur*, artigo de *Vigiliae Christianae* XXIV (1970), pp. 210-217; e R. LAUFER, *Introduction à la textologie (Vérification, établissement, éditions des textes)*, Paris, 1972.

## B — Siglas e sinais utilizados no «*stemma codicum*»

A interpretação do quadro que publicamos na p. 262 obedece aos critérios mais correntes em trabalhos deste género.

Pretendendo nós reconstruir o original das *Commonitiones* designamos o presumível texto do tradutor por  $x$ . Como é evidente, o manuscrito primitivo, que supomos ser do século VI, não chegou até nós.

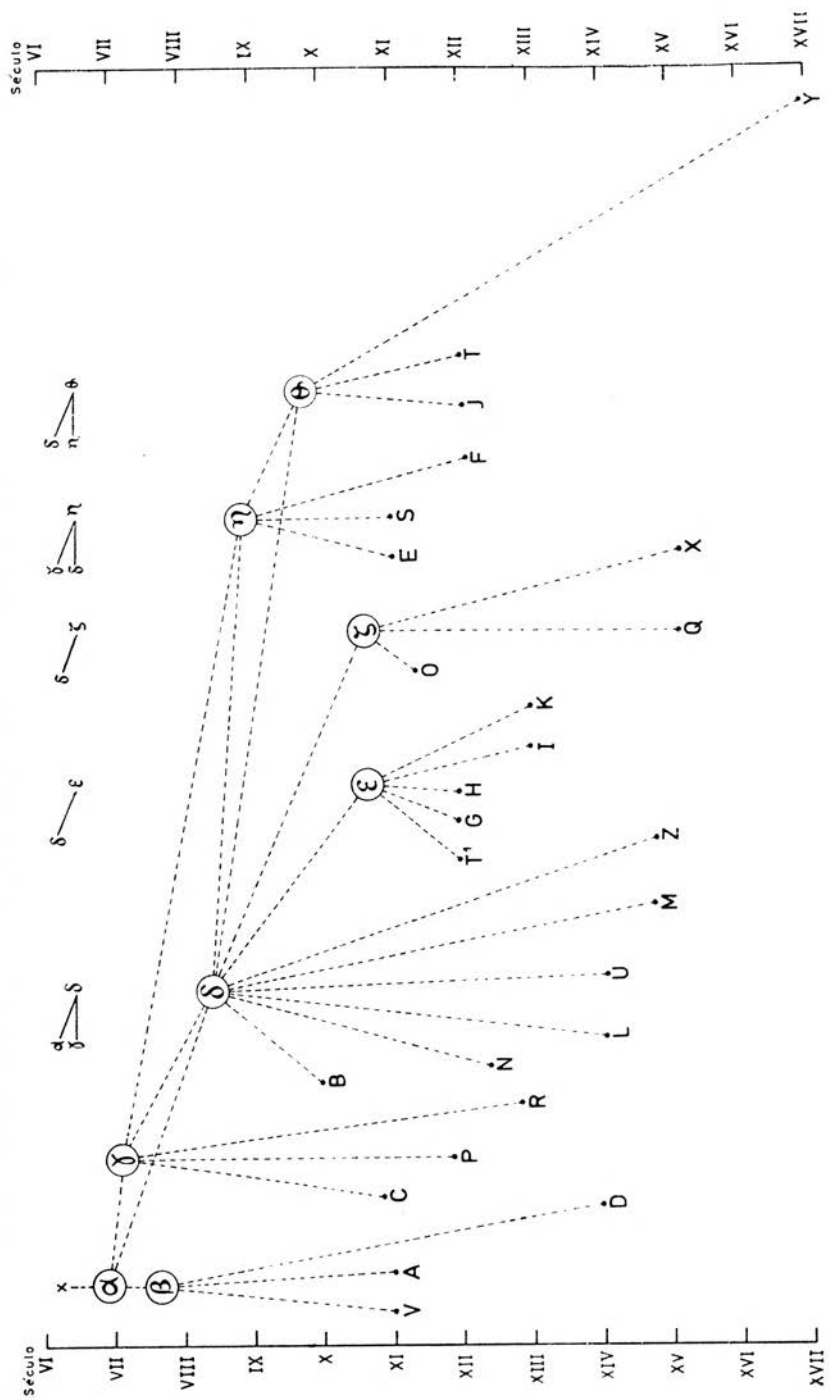
Pelas cópias de que dispomos, estamos convencido de que o texto original foi multiplicado num *scriptorium*, numa primeira tentativa de divulgação: é o hiperarquétipo  $\alpha$  <sup>(193)</sup>. Só podemos reconstituir este modelo através de cópias independentes que dele se fizeram. São os arquétipos  $\beta$ ,  $\gamma$  e  $\delta$ . Os outros modelos de que nos chegaram manuscritos são todos dependentes destes três arquétipos. Dos arquétipos secundários, ou subarquétipos, só avançamos com o estudo desde  $\epsilon$  até  $\theta$ , incluindo neste as fontes do texto editado por Rosweydu.

Como já deixámos entrever, os arquétipos são indicados pelas letras minúsculas do alfabeto grego, a começar pelo princípio, em série consecutiva. As linhas que ligam  $\alpha$  a cada um dos arquétipos são suficientemente claras para se aperceber a proveniência de cada um. Como, a partir de  $\delta$ , há modelos contaminados, isto é, que dependem de dois arquétipos ou

---

<sup>(193)</sup> A designação de hiperarquétipo é apresentada por B. A. VAN GRONINGEN, *Traité d'histoire et de critique des textes grecs*, Amsterdam, 1963, p. 110. ROGER LAUFER, *Introduction à la textologie*, Paris, 1972, p. 34, dá-lhe o nome de «manuscrit fantôme». Os modelos dependentes do hiperarquétipo designamo-los sempre por arquétipos. Há ainda modelos que já só dependem de arquétipos (sem terem tido qualquer contacto com o hiperarquétipo). Chamar-lhes-emos arquétipo secundário ou dependente ou ainda subarquétipo. P. MAAS, *Textkritik*, Leipzig, 1960, p. 29, dá-lhes o nome de *hiparquétipo*. Pomos de parte esta designação pela facilidade com que na fala, na escrita e na leitura, se pode confundir com *hiperarquétipo*.

GENEALOGIA DOS PRINCIPAIS CÓDICES DAS «COMMONITIONES SANCTORUM PATRVM»



subarquétipos anteriores, damos para esses um esquema da sua origem ao longo da parte superior do quadro desenhado.

Nós só verificámos pormenorizadamente, a partir de  $\eta$ , um certo número de códices, da observação de cujo texto nos foi possível estabelecer a sua afinidade. Os códices estudados levam uma sigla, a saber, uma letra maiúscula do alfabeto latino. Para os manuscritos mais importantes adoptámos, na medida do possível, a letra correspondente à inicial da cidade ou biblioteca onde se encontram. Quando há vários manuscritos da mesma biblioteca, seguimos então o critério de voltar ao princípio do alfabeto latino e utilizar as letras (maiúsculas) que não estavam ainda ocupadas. Respeitámos, no entanto, algumas iniciais que, nos ensaios de aproximação do parentesco dos manuscritos, haviam sido dadas aos códices que vieram a reunir-se sob os arquétipos secundários  $\eta$  e  $\theta$ .

As linhas vão todas tracejadas. Não há nenhuma que seja contínua. Isto significa não termos nós qualquer prova de que entre o arquétipo e o manuscrito que possuímos não tenha havido qualquer intermediário, pois é bem possível que sim.

O comprimento das linhas, de alto a baixo, revela imediatamente o século em que cada manuscrito foi copiado, se afeirmos o seu termo com a pauta do tempo que se encontra de cada lado do desenho.

Eis finalmente a identificação dos manuscritos de que vamos servir-nos, segundo a ordem por que aparecem no *stemma* ou genealogia dos códices:

- V — Viena, Bibl. Nacional da Áustria 433, séc. XI.
- A — Vaticano, Bibl. Apost. lat. 1201, séc. XI.
- D — Dresda, Bibl. Nac. da Saxónia, A 207, séc. XIV.
- C — Paris, Bibl. Nac. lat. 5601, séc. XI.
- P — Paris, Bibl. Nac. lat. 2941, séc. XII.
- R — Reims, Bibl. Municipal 1400, séc. XIII.
- B — Berlim, Bibl. Nac. dos Tesouros Culturais da Prússia, ms. 780, theol. lat. fol. 275, séc. X.

- N — Namur, Museu de Arqueologia 12, séc. XII-XIII.  
L — Londres, Museu Brit. *add.* 37400, séc. XIV.  
U — Basileia, Bibl. da Universidade, B.V. 2, séc. XIV.  
M — Munique, Bibl. Est. Baviera, lat. 2540, séc. XV.  
Z — Munique, Bibl. Est. Baviera, lat. 23757, séc. XV.  
T<sup>1</sup> — Troyes, Bibl. Munic. 777, séc. XII.  
G — Dijon, Bibl. Munic. 194, séc. XII.  
H — Londres, Museu Brit. *add.* 33518, séc. XII.  
I — Paris, Bibl. Nac. lat. 5624, séc. XIII.  
K — Valenciennes, Bibl. Munic. 168, séc. XIII.  
O — Reims, Bibl. Munic. 1390, séc. XI-XII.  
Q — Danzig, Bibl. da Cidade 1950, séc. XV.  
X — Munique, Bibl. Est. Baviera, lat. 18535<sup>a</sup>, séc. XV.  
E — Einsideln, Bibl. Convent. 246, séc. XI.  
S — Paris, Bibl. Nac. lat. 10840, séc. XI.  
F — Paris, Bibl. Nac. lat. 3330, séc. XII.  
J — Munique, Bibl. Est. Baviera, lat. 17139, séc. XII.  
T — Troyes, Bibl. Munic. 777, séc. XII, ff. 1r-16r.  
Y — Editio Rosweydi (= PL 73, coll. 739-764).

## I — Hiperarquétipo $\alpha$

A necessidade de admitir um hiperarquétipo  $\alpha$ , que se perdeu, prova-se de diversos modos:

a) Devemos partir da hipótese que o original latino redigido pelo tradutor, em princípio, estaria correcto ou pelo menos sem omissões de palavras ou ainda confusões de títulos.

Ora há alguns erros que se encontram em todos os manuscritos. Nós concluimos que o modelo de que todos se serviram já continha essas faltas, impossíveis de atribuir ao tradutor. Isto é, entre o original latino e os arquétipos documentados, existiu um modelo, perdido, onde essas incorrecções foram introduzidas. Exemplos:

1 — Na *IV capitulatio*, n. XVII, estamos certo de que o título deve ser: *De beati Athanasii miranda patientia <et> humilitate*. A prová-lo está o próprio título, tanto da *capitulatio*: *De uirtute humilitatis et patientiae*, como o *incipit* do cap. IV: *De uirtute humilitatis et patientiae*. A presença da copulativa *et* está, pois, assegurada. Por isso, quando na *capitulatio*, sob o n. XVII, se lê no ms. V: *patientie humilitate*, supomos que pode ter havido um erro de ditado (interno ou externo), confundindo *patientia et* com *patientiae*, que depois foi escrito apenas *patientie*, por monotongação.

A mesma explicação vale para D, pois este apenas assibila as dentais na forma *pacencie*. Quanto à lição de R: *patientia humilitatis*, não tem defesa nem sentido a presença do genitivo *humilitatis*. Todos os outros manuscritos omitem a *capitulatio*. O tradutor deve ter escrito bem; foi quem copiou ou ditou que introduziu o erro, não mais emendado até agora.

2 — Em IV,19 (lin. 23-24) só D tem: *quam plurimis iniuriis multisque conuiciis ac maledictis affice etiam et lapida eos*. Podemos, no entanto, garantir que *affice* já faltava no hiperarquétipo  $\alpha$ . Com efeito, nem os manuscritos de  $\gamma$  e  $\delta$  (que também tinham  $\alpha$ ) nem V (o outro manuscrito de  $\beta$ ) copiaram esta palavra. Um esquecimento coincidente em dois arquétipos diferentes e ainda, em consonância com estes, no manuscrito V (paralelo de D) levanta fortes reservas.

Quanto a nós, foi D que, por conjectura, restituiu a palavra *affice*. E cremos que procedeu com felicidade. Com efeito, adiante (lin. 27) vem a expressão *iniuriis affecisset*. Além disso, os verbos ligados por *et* são frequentes no contexto: *collauda et glorifica* (lin. 31), *laudare et (...)* *glorificare* (lin. 33), *laudauit et glorificauit* (lin. 37).

3 — Semelhantes observações se poderão fazer em V,8 (lin. 41), a propósito de *erant*, só introduzido em R. Este verbo faz falta no texto; porém, nenhum outro manuscrito o reproduz. É quase certo que já  $\alpha$ , que  $\beta$  e  $\delta$  também possuíam, perdera esta forma verbal, talvez por parecer uma aparente repetição auditiva do final da palavra anterior: *didicerant erant* (cf. pp. 172, 173).

4 — Vejam-se ainda outras correcções que introduzimos no texto, emendando o hiperarquétipo  $\alpha$ , para remontarmos ao original latino: *IV capitulatio* (lin. 9); *IV,3* (lin. 4); *V capitulatio* (lin. 9 e 11); e *VI,3* (lin. 16).

5 — Há alguns erros nas *capitulationes* que nós próprio preferimos deixar permanecer, contentando-nos com chamar a atenção para eles neste momento. É bem possível que remontem ao próprio organizador primitivo das *capitulationes*.

Na *I capitulatio* os títulos correspondem, cada um a seu apotegma, desde I a VII. O n. VIII intitula-se: *De expositione sancti Poemenii*. De facto a narrativa de I,8 ajusta-se a esta



indicação; mas note-se que ao mesmo apotegma se refere também o título IX: *De principe cocorum Nabuchodonosor*.

A *I capitulatio* prossegue com um número de avanço quando escreve em X lugar: *De abbate Benjamin qui obtulit oleum sancto seniori*, título este que corresponde a I,9.

Acontece, porém, que para o apotegma I,10 também atribuído ao abade Benjamim, não há qualquer título na *capitulatio*.

Sendo assim, o resumo anunciado na *I capitulatio* n. XI: *De monachis qui ad uisitandum eremitas perrexerunt* corresponde já ao apotegma I,11.

Títulos e apotegmas passam a corresponder-se bem até ao fim. Observe-se, no entanto, que a I,16 correspondem dois títulos: XVI — *De interrogatione fratrum ad abbatem Ioseph*, e XVII — *De susceptione peregrinorum sanctorum patrum*.

Resumindo, o cap. I tem 16 apotegmas, mas XVII títulos, porque a I,9 correspondem dois títulos e a I,16 outros dois, mas o apotegma I,10 está excluído da *capitulatio*. Não nos julgamos autorizado a inventar um título para suprir uma lacuna que remonta, possivelmente, à organização primitiva.

Há ainda outras anomalias nas *capitulationes*. Na II temos só 10 apotegmas, mas há 11 títulos. Aqui, títulos e apotegmas equivalem-se de 1 a 10. Porém, à *II capitulatio* n. XI: *Exhortatio sancti Macarii ad monachos*, corresponde o cap. III, que só tem um apotegma. Depois de II, 10 o texto é bem expresso, assinalando o *explicit* do cap. II. Do mesmo modo, o cap. III está perfeitamente demarcado com um *incipit*, embora não haja nova *capitulatio*, pois ficara deslocada e acrescentada atrás, sob o n. XI.

Também a *V capitulatio* precisa de atenção. O seu título, bem explícito, deveria ser repetido antes de V,I. Esta restituição parece-nos necessária e fácil. Quanto ao mais, repare-se que o capítulo V tem só 9 apotegmas, mas depois do n. IX vem ainda um novo título: X — *De beato Arsenio, qui fuit quondam sublimis ualde in palatio imperatoris et postea magnus inter sanctos patres*.

Como se poderá verificar, este enunciado corresponde aproximadamente ao longo título do cap. VI. E para este último capítulo das *Commonitiones* não há qualquer *capitulatio* que resuma o conteúdo de cada um dos seus 6 apotegmas.

Estas deficiências faziam parte, sem dúvida, já do hiperarquétipo  $\alpha$ . A sua natureza é tão grave que não pode deixar de se atribuir à própria organização primitiva das *Commonitiones*. Por isso não tentámos qualquer correcção.

b) A existência do hiperarquétipo  $\alpha$  é absolutamente necessária para explicar alguns apotegmas, ou lições, que foram salvos apenas por um arquétipo. Com efeito, se eliminássemos o hiperarquétipo  $\alpha$ , como poderia  $\gamma$  ter elementos que faltam em  $\beta$ ? E se é verdade que  $\delta$  tem como principal modelo  $\gamma$ , como explicar a presença, em  $\delta$ , de apotegmas inteiros e de lições autênticas que faltam em  $\gamma$ , senão pelo recurso a  $\alpha$ , quando  $\beta$  também não está correcto? Mas sobre a natureza dos arquétipos  $\beta$ ,  $\gamma$  e  $\delta$ , seus méritos e defeitos, passamos a ocupar-nos nos parágrafos seguintes.

## II — Arquétipo $\beta$

a) — A existência e valor deste arquétipo, representado pelos manuscritos VAD, torna-se evidente desde que observemos que apenas VD nos transmitem as *capitulationes* I, II e V e os apotegmas V,1 e VI,3.

Não se pense que as *capitulationes*, apesar dos erros que apontámos no parágrafo anterior, são uma tentativa de sistematização feita por  $\beta$ . Como veremos, o manuscrito mais completo do arquétipo  $\gamma$  é R. Ora R (que nunca dá sinais de depender de  $\beta$ , mas antes de remontar a um modelo comum, que é  $\alpha$ ), tem também o *incipit* do cap. III e a *IV capitulatio*. As *capitulationes* já existiam, pois, em  $\alpha$ .

Além disso, VD têm o mérito de ter transmitido alguns passos que, por deficiência de cópia, foram omitidos noutros arquétipos.

Os casos mais salientes são:

1 — Em II,6 (lin. 11-14) há 26 palavras que foram omitidas por D, cujo copista deu um salto de cópia *de eodem ad eundem*. Acontece, porém, que R tem neste passo um erro evidente (*a te VN: autem R*) e que N apresenta duas variantes, que têm de se rejeitar perante a unanimidade de VR.

2 — Em V,7 (lin. 39-51) RN omitem 100 palavras, com o intuito evidente de abreviarem a narração, aqui transformada numa apologia baseada em citações bíblicas. Note-se ainda que, dentro deste fragmento, D omite parte das linhas 42-43 e tem 3 variantes. Ficamos, pois, a dever só a V a total integridade deste passo.

b) Embora V seja o melhor destes manuscritos, ele cai também em diversas faltas. É fácil verificá-las percorrendo, por exemplo, as *capitulationes* só transmitidas por VD. Observa-se então que V omite umas palavras e deturpa outras. As adições espúrias de V são raras: cf. II,7 (lin. 35); V,8 (lin. 32). Para apresentar apenas um exemplo concreto das suas (relativamente) raras alterações, veja-se o trabalho realizado em V,8 (lin. 9) — *impossibiles* DRN: *impotentes* V. Não há dúvida de que V pretendeu resolver o problema do valor activo de *impossibiles* (cf. o estudo das pp. 242-243).

c) Quanto ao valor de D, fica realçada a sua valia nos casos em que V falha. Mas no geral D é muito mais deficiente. Contámos 18 omissões de 5 ou mais palavras. As maiores encontram-se em IV,1 (lin. 17-18) onde omite 11 palavras; em IV,3 (lin. 37-39): 18 palavras; IV,4 (lin. 28-30): 21 palavras; IV,12 (lin. 64-65): 11 palavras; etc.

Perante esta real desvalorização de D, as suas lições apenas se impõem quando V tem um erro evidente ou quando D está reforçado por manuscritos de outros arquétipos que foram também beber a  $\alpha$ .

Vamos tratar apenas o caso de mais difícil opção. Na II *capitulatio*, n. X temos: *De fratre qui interrogabat sanctum Poemen dicens: Spiritus fornicationis et irae impugnat me, et responsio sancti Poemenis*. O cólon final: *et responsio sancti Poemenis* falta em V. Deveríamos antes considerá-lo uma adição de D? Pareceu-nos que não, argumentando *a pari*. Com efeito, na I *capitulatio*, n. VI, temos o seguinte título, sem qualquer variante, em VD: *De quodam sancto seniore quem rogabant fratres ut cessaret de magno labore, et responsio eius*. A construção dos títulos parece-nos paralela. Por isso acreditamos na fidelidade de D.

d) Resta-nos apenas dizer uma palavra sobre o manuscrito A. Do arquétipo  $\beta$  ele tem somente o n. V,1, que não podia ir buscar a outra fonte, pois todos os outros arquétipos omitem este apotegma.

Colacionando A com VD verificámos que, além de algumas inovações próprias, A confirma a superioridade de V. Assim em V,1 nas linhas 5-6, as 8 palavras omitidas por D encontram-se em A, tal como em V. Na linha 10, contra o sentido do texto, tem D: *praeuaricationum*, ao passo que VA escrevem a palavra esperada: *peruagationum*.

Não precisamos de nos alongar mais. No estudo dos arquétipos seguintes ressaltará várias vezes a superioridade de  $\beta$ . Mas nem sempre... Por isso não o seguimos cegamente, mas só quando a discussão crítica o aconselhava.

### III — Arquétipo $\gamma$

O arquétipo  $\gamma$  encontra-se numa posição muito especial. Há 2 apotegmas transmitidos por CPR; 4 por CR; 13 por PR; e 37 só por R. Faltam-lhe, portanto, por completo, 5 narrativas.

a) O primeiro ponto que nos importa provar é que o arquétipo  $\gamma$  não depende de  $\beta$  e por isso tem de remontar a uma fonte mais pura, o hiperarquétipo  $\alpha$ .

1 — O passo mais importante é I,3 (lin. 10-13): ... *si uoluerit imperator aliquam aduersariorum obtinere ciuitatem, eis prius subtrahit cibaria et ita fame ac penuriae necessitate contriti humiliantur et subiciuntur imperio eius* (cf. pp. 72-73 e 91-92).

As palavras que vão «a redondo» faltam no arquétipo  $\beta$ . Quanto a  $\delta$ , que tinha simultaneamente  $\alpha$  e  $\gamma$ , poderia iludir-nos a lição que reproduzimos no nosso aparato crítico, por se encontrar em N: *prius aquam tenet et escas eorum qui sunt in ciuitate et necessitate contriti...*

Examinando, como tivemos de fazer sempre, os lugares paralelos, verifica-se que N foi buscar as palavras sublinhadas a Pelágio IV,19, onde o sentido do cólon transcrito se completa assim (retomando nós as últimas palavras): ... *qui sunt in ciuitate et fame periclitantes tunc subiciuntur ei.*

Trata-se, de facto, de uma interpolação de Pelágio, mas devemos esclarecer que ela se lê apenas no manuscrito de Namur. Os outros testemunhos de  $\delta$ , BL etc., omitem também as palavras que faltam em  $\beta$ . Isto vem pôr-nos um problema grave: saber se  $\delta$  remonta ao hiperarquétipo  $\alpha$  ou se é antes dependente do arquétipo  $\beta$ . Trataremos desta questão ao

iniciar o estudo de  $\delta$  (pp. 280-283). De momento, interessa-nos realçar o valor de  $\gamma$  para restituir o texto completo das *Commonitiones*.

2 — Há um outro passo, embora menor, que o arquétipo  $\gamma$  nos conserva, mas que, por faltar em  $\beta$  e  $\delta$ , apenas se pode explicar se admitirmos que  $\gamma$  remonta a um modelo mais perfeito, ou seja, ao hiperarquétipo  $\alpha$ .

Em II,4 (lin. 19-21) diz ao abade Moisés o seu amigo Isidoro: *Cognosce ergo quia pluriores sunt nobiscum, sicut dixit Eliseus propheta, quam cum illis*. É quase literal esta transcrição do IV Livro dos Reis, cap. VI,16, pelo que deve ser tida como autêntica. Todavia, o segundo termo de comparação — *quam cum illis* — perdeu-se em toda a transmissão manuscrita, com excepção do ms. de Reims, Bibl. Municipal 1400, isto é, o único representante de  $\gamma$  que nos transmite o n. II,4. Ao estudarmos o arquétipo contaminado  $\delta$  tentaremos explicar este facto (p. 281).

b) 1 — Só há dois apotegmas comuns a CPR — IV: 13 e 17. As lições que lhes são *exclusivas* pertenciam, pois, seguramente ao arquétipo  $\gamma$ .

Principia assim o n. IV,13: *Dicebant sancti seniores de discipulo abbatis Pauli nomine Ioanne...* A identificação *nomine Ioanne* falta em CPR.

Uma outra omissão encontra-se em IV,17 (lin. 19-20): *Iube considerare, pater, codicem istum...* A palavra *pater* não se encontra em CPR.

2 — Comuns a CR temos apenas os 4 números seguintes: IV: 12, 14, 15 e 16. Eis algumas variantes em ambos:

Em IV,12 (lin. 29) *supradictum* foi transformado em *saepe dictum*.

Em IV,14 (lin. 5-6) lê-se: *Quid ageret, quo se uerteret nesciebat*. A ampliação foi reduzida com a supressão de *quo se uerteret*.

Não há anotações especiais a fazer sobre IV,15. Mas em IV,16 notamos, entre outras, as seguintes concordâncias de CR (lin. 29-30): *iussit ut accenderent ignem et misit in eum omnium fratrum mattulas*. A expressão *misit in eum* devia ter sido mal interpretada pelo elaborador de  $\gamma$ , pois *in eum* é omitido em CR, tendo talvez sido incluído na aberrante forma *mise sunt* em C e *miserunt* em R. E nas linhas 35-36 na locução *humilitatem fratris Eulalii*, o nome *Eulalii* foi suprimido.

3 — São comuns a PR treze apotegmas — I: 1, 3, 5, 14; II: 5, 7; IV: 2, 18; V: 5, 8<sup>b</sup>, 9; VI: 2, 5. Damos apenas três exemplos:

Em I,14 (lin. 9-10) falta a expressão *eadem hora* no passo: *Exsurgens autem eadem hora stetit in aestu quinque dies...*

No contexto dado em IV,2 (lin. 15-16): *propter humilitatem illius monachi qui prostratus in terram ueniam postulabat a fratre suo non praeualui in eis...* as últimas quatro palavras faltam em PR.

Vejamos agora um passo mais amplo de V,8 (lin. 22-24): *... prosternit se in orationem, cum gemitu exorans adesse sibi diuinum auxilium, et ego nimio igne me exurente cum confusione egredior*. Em vez de *exorans* têm só *orans* PR; a expressão *et ego nimio igne me exurente* está assim em P: *ego autem nemine exurgente*, e em R: *ego autem illo exurgente*. Como se vê, o arquétipo  $\gamma$  deformou, por não ter percebido, o sentido desta locução. Está bem em P: *cum confusione*, mas tem R: *cum grandi confusione*.

Esta última variante coloca-nos perante um problema que não queremos examinar aqui a fundo: P devia ter também um modelo de  $\beta$ , pois várias vezes se afasta de  $\gamma$  para dar a lição do texto genuíno. O acrescento de *grandi* pertencia ao arquétipo  $\gamma$  e deste passou a  $\eta$  e  $\theta$ .

A influência de  $\beta$  sobre P torna-se evidente sobretudo nos dois últimos números — VI: 2 e 5. Nestes, P está sempre do



lado de VD, enquanto R ou se isola ou inova — e é seguido depois por  $\delta$ .

Algumas das suas adições ocorrer-nos-ão quando estudarmos o influxo de  $\gamma$  sobre  $\delta$  e  $\eta$  (pp. 283-285 e 291-292).

4 — Restam-nos 37 apotegmas do arquétipo  $\gamma$  só representados por R. Nestas condições é difícil, por vezes, saber se as variantes eram todas do arquétipo ou se foram introduzidas pelo copista de R.

Com efeito, o copista de R (ou o seu modelo próximo) era bastante descuidado. Basta examinar algumas páginas do nosso aparato crítico para se observarem variantes sem qualquer razão plausível. Verificámos mesmo que em 10 casos são omitidas 4 ou mais palavras. Além de V,7 (lin. 39-51) onde (como dizemos, pp. 269, 281, 284) R e o arquétipo  $\delta$  dele dependente omitem 100 palavras, anotamos, por ordem, as *principais omissões* só de R (incluindo nós, para este cômputo, apotegmas que estão também abonados em C e P) — I,1 (lin. 21-22): 7 palavras; IV,12 (lin. 36-37): 8 palavras; IV,13 (lin. 9-12): 29 palavras; IV,17 (lin. 26-27): 7 palavras. Este panorama já nos adverte de que devemos tomar as variantes exclusivas de R com alguma reserva.

Observemos alguns casos concretos. O n. II,5 encontra-se, no arquétipo  $\gamma$ , representado pelos manuscritos PR. O texto que apurámos como genuíno, de acordo com os arquétipos  $\beta$  e  $\delta$ , tem a certo passo (lin. 9-10):

*Ipsa autem erat in cuius persona impugnabatur supradictus frater.*

A lição de R é a seguinte:

*Ipsa autem erat persona de qua supradictus frater tentatus fuerat.*

Perante esta variante, simplificadora do texto, examinemos agora o testemunho de P. Neste, a frase em causa tem a mesma forma de  $\beta$  e  $\delta$ , com omissão apenas da palavra *supradictus*.

Na IV *capitulatio* o n. III apresenta a seguinte forma em R: *De monacho qui foras ciuitatem Constantinopolim fuit tempore Theodosi imperatoris in peruisa humilitatis exemplum Ioseph protulit.*

Até *imperatoris* o título corresponde (apenas com a variante *tempore Theodosi*) ao que se encontra em VD. Mas que significa o acrescento: *in peruisa...*? É claro que o copista de R não compreendia o que escreveu. A solução deste problema julgamos encontrá-la na leitura do n. V desta IV *capitulatio*: *De eodem sancto Poemene, quando conuenerunt ad eum plurimi monachorum et de causa humilitatis et exempli Ioseph.*

Neste título omite R a segunda parte, desde *et de causa...* Supomos que no modelo de R esta segunda parte foi introduzida, indevidamente (por distração ou cópia de uma correcção *in margine*), no fim do n. III, transcrito acima. O copista seguinte transformou *et de causa* em *in peruisa*; *et exempli* em *exemplum*; *protulit* foi acrescentado para dar um verbo ao cólon. Mas que significa este novo cólon? — Nada. Aqui está um belo exemplo de galimatias...

O mais longo e cabal exemplo da capacidade de adulteração do texto, fornecida pelo copista de R (ou de um seu modelo) é, no entanto, o passo de IV,12 (lin. 56-63) que passamos a transcrever, em contraste com a lição dos arquétipos  $\beta$  e  $\delta$  e do próprio manuscrito C (que representa, como sabemos, uma outra cópia do arquétipo  $\gamma$ ):

VDNC

R

...interrogauit eum dicens:  
Dic mihi si dixisti fratri  
uerba quae propter cellulam  
illam mandauit ut diceret ei.

...interrogauit eum di-  
cens: Quando te mittebam  
ad eum, numquid loquebaris  
ei sicut praecipiebam?

fratri uerba] u. f. C  
pro cellula D

fratri om. N

propter cellulam illam]

Tunc discipulus eius confessus est dicens: Vere, domine, dico.....  
uerumtamen nihil eorum dixi quae mandabas ad eum. Haec audiens senior statim prostravit se in terram.....

*Qui respondit:* Vere domine dico.....  
.....  
uerumtamen nihil eorum dixi *ei* quae mandabas *adesse*. *Et narrauit ei per ordinem cuncta quae gesserat. Audiens haec senior statim se prostravit se in terra.*

---

eius *om.* D est] *ei add.* N dico domine C dixi] *ei add.* C  
haec] *autem add.* N

Não há paralelo latino de outro tradutor, onde R pudesse ir buscar tamanha alteração. Os testemunhos concordes dos outros 4 manuscritos não podem senão levar-nos à conclusão de que é espúrio o texto transmitido por R.

c) Teremos que examinar várias vezes as relações de  $\gamma$  com  $\delta$ . Convém provar neste momento que as inovações em causa foram introduzidas em  $\gamma$ , onde  $\delta$  as foi buscar.

1 — Em primeiro lugar note-se que R tem o título do cap. III, a *capitulatio* IV e o apotegma IV,5 — que faltam em  $\delta$ . Não pode deixar de se concluir que estava mais perto da fonte primitiva do que  $\delta$ . Além disso, há inovações de  $\gamma$  que foram aperfeiçoadas ou retocadas em  $\delta$ .  
Demos breves exemplos.

2 — O n. II,6 é precedido pelo seguinte título em R: *de duobus fratribus*; e em N: *de duobus monachis fratribus*; e ainda em L: *de duobus monachis qui perrexerunt in ciuitatem opera sua uendere*. Resta alguma dúvida de que o título foi criado por R.

e depois se foi aperfeiçoando, sendo o acrescento *monachis* típico de  $\delta$ , pois se encontra em NL?

3 — Principia IV,9 (lin. 1-3): *Erant quidam duo fratres (...)* *quorum humilitatem et patientiam de sanctis collaudabant. Audiens quidam sanctus uir...*

Repare-se para a segunda parte deste fragmento em RN: *...quorum humilitatem et patientiam multique (multi etiam N) de sanctis patribus collaudabant. Audiens (autem N) quidam sanctus uir...* Temos dois acrescentos de R *multique* e *patribus*, ambos retomados por N, o qual ainda retocou um (*multi etiam*) e acrescentou uma palavra: *autem*. É claro, neste fragmento, que o texto mais tardio é o de N. Esta versão de N foi retomada por ESY, apenas com a diferença que ES omitem *autem*, e Y em vez desta conjunção tem *uero*. Estamos, pois, a aproximar-nos do texto publicado por Rosweyodus. A menção de ES far-se-á porque Y é contaminado de  $\delta$  e  $\eta$ , isto é, dos manuscritos do tipo BNL e ES.

4 — Curioso também o que se passa com VI,2. O abade Arsénio teve uma visão composta por três alegorias. A segunda é a seguinte (lin. 11-14):

*Iterum autem ostendit ei alium hominem stantem super lacum et haurientem aquam de lacu, mittentemque eam in collectaculum et de alio pertuso defluebat aqua de subter in eundem lacum.*

Esta é a lição segura e plenamente aceitável de  $\beta$ . O particípio *pertusus* 'furado', de uso raro e de leitura difícil quando se abrevia o prevérbio *per-*, veio complicar a lição de  $\gamma$ , o qual, não percebendo o que lia, tentou tornar o texto inteligível.

Segundo o original latino, um homem deitava água numa vasilha, mas a água que entrava por um lado saía pelo fundo, que estava roto, voltando assim ao lago. O reelaborador de  $\gamma$  fez de *pertuso*: *parte*; acrescentou *per foramina*; e transformou *lacum* em *locum*. Eis a lição da parte final segundo R:

... *et de alia parte per foramina defluebat aqua de subter in eodem loco.*

É esta interpretação, que ES foi colher a  $\gamma$ , a que se encontra em Y. Todavia, BNL permitem-nos reconstituir  $\delta$  deste modo:

... *et de alia parte per **foramen** defluebat aqua de (om. N) subter (super L) in (om. N) eundem locum.*

Creemos estar bem patente o que pretendíamos demonstrar: a alteração do texto principiou em  $\gamma$ . Aí foi  $\delta$  buscá-la, introduzindo-lhe, por sua vez, inovações.

Este último exemplo já nos deixa também entrever que  $\eta$  possuía  $\gamma$ , pois o reproduz com fidelidade. No estudo dedicado a  $\delta$  e  $\eta$  voltaremos a apresentar provas confirmadoras desta primeira observação.

#### IV — Arquétipo contaminado $\delta$

O exame atento do texto de  $\delta$  revela que este arquétipo, além de ter lições próprias, depende em grande parte de  $\gamma$  e de  $\alpha$  (ou  $\beta$ ). Para atestar  $\delta$  utilizaremos sobretudo os mais antigos manuscritos: BNL.

a) A ligação de  $\delta$  a um modelo diferente de  $\gamma$  é postulada, com evidência, pelo facto de  $\delta$  conter três apotegmas que não se encontram em  $\gamma$ . É o caso de V,4; V,6; e VI,6, números estes que nenhum dos três manuscritos CPR transmite.

Há ainda alguns fragmentos que faltam em R, como o *incipit* do cap. II e outras omissões que assinalamos (pp. 27, 275 e 282), e que  $\delta$  possui. Nestes casos, dada a natureza secundária de  $\delta$ , não há outro recurso senão admitir a sua ligação a  $\alpha$  (ou  $\beta$ ).

b) Ao demonstrarmos que há dois passos chegados até nós apenas através de  $\gamma$ , implicitamente ficou provado que, então,  $\beta$  e  $\delta$  coincidiam na omissão desses fragmentos (cf. *supra*, pp. 272-273).

1 — Com efeito, quando em I,3 (lin. 11-12) só PR nos dão 9 palavras da tradução genuína das *Commonitiones*, perguntamo-nos: se  $\delta$  tivesse presente um modelo de  $\alpha$ , por que motivo omitiria o seu organizador estas palavras, uma vez que elas estavam de certeza em  $\alpha$  e em  $\gamma$ ? A omissão coincidente com  $\beta$  deixa-nos perplexo. Não teria antes o organizador de  $\delta$  diante de si apenas  $\beta$  e  $\gamma$ ? Parece que sim. Mas então, insistimos nós, por que razão tendo ele essas palavras em  $\gamma$ , preferiria omiti-las, fiando-se em  $\beta$  e reproduzindo assim uma frase que ficou truncada e obscura? Não é fácil encontrar resposta satisfatória.

2 — O mesmo problema se põe, e nos mesmos termos, para II,4 (lin. 20-21), onde só  $\gamma$  nos dá um segundo termo de comparação (3 palavras), copiado da Bíblia. Na frase: *pluriores sunt nobiscum, sicut dixit Eliseus propheta, quam cum illis*, não vemos como possa ser negada a autenticidade de *quam cum illis*. Poderemos explicar a sua omissão em  $\beta$  como sendo fruto de uma distração do copista, em parte aceitável porque o segundo termo de comparação vem no IV Livro dos Reis imediatamente a seguir a *nobiscum* — e o copista teria dado a frase por terminada ao mencionar a fonte bíblica: *sicut dixit Eliseus propheta*.

Se  $\delta$  provém de  $\alpha$  e  $\gamma$ , tinha diante de si, sem sombra de dúvida, o segundo termo de comparação. Porque o omitiria então? Se depende de  $\beta$  e  $\gamma$ , porque haveria de preferir a lição lacunosa de  $\beta$ , em vez da exacta de  $\gamma$ ? Distração coincidente nos elaboradores de  $\beta$  e  $\delta$ ? Custa a acreditar, mas, com certos copistas, tudo é possível... A confirmar a viabilidade desta distração, veja-se o nosso texto crítico, em que *quam cum illis* ficou isolado na p. 332. Facilmente um leitor ou copista poderia dar a citação por terminada no fim da nossa p. 331. Aqui está uma coincidência tipográfica, puramente casual, que nos permite ser benévolos para com os copistas...

3 — E todavia vejamos o que se passou em V,7. Trata-se de um longo relato a propósito do desprendimento da família. O arquétipo  $\gamma$ , só testemunhado por R (lin. 39-51), omite 100 palavras. Distração? Desejo de abreviar? Não sabemos. O que menos podemos compreender é o facto de todos os manuscritos de  $\delta$  também omitirem estas 100 palavras. Ora nós sabemos que o organizador de  $\delta$  tinha à sua disposição o texto completo, quer o seu modelo fosse do hiperarquétipo  $\alpha$ , quer de  $\beta$ , pois VD transmitem-nos uma narrativa autêntica, a qual tem paralelo, mesmo para as citações bíblicas, nas Vidas de S. Pacómio. Não é, pois, possível duvidar da genuinidade deste fragmento.

Estas omissões de  $\delta$ , ora comuns a  $\beta$  ora iguais a  $\gamma$ , parecem levar-nos à conclusão de que  $\delta$  é, de facto, contaminado de  $\beta$  e  $\gamma$ . Mas continuemos a nossa análise, pois há novos elementos a aduzir.

c) A questão de saber se  $\delta$  depende de  $\alpha$  ou de  $\beta$ , à falta de provas claras no exame geral do texto, levou-nos a um estudo minucioso dos apotegmas e fragmentos omitidos por  $\gamma$  (pp. 27, 275). Então, pensámos nós, poderá argumentar-se assim: se, nesses passos,  $\delta$  nos der provas de um texto mais puro do que o de  $\beta$ , é porque remonta a  $\alpha$ ; se a versão transmitida por  $\delta$  ainda apresentar corrupções de  $\beta$ , é porque depende de  $\beta$ .

Devemos desde já declarar que esse longo estudo não nos presenteou com dados abundantes e inofismáveis. Dos pequenos fragmentos omitidos por R nada pudemos apurar que valha a pena transcrever. O mesmo se diga quanto ao n. V,4. O leitor poderá examinar este apotegma e verificará que não há entre VD e N nenhuma variante significativa para o nosso objectivo. Somámos 3 omissões e 3 adições de N. Independentemente de registar a sua presença também em BL etc., tais variantes apenas nos podem sugerir que  $\delta$  é posterior a  $\alpha$  e  $\beta$ , mas não provam nada a favor da dependência de  $\alpha$  ou de  $\beta$ .

Já é um pouco diferente o caso do n. V,6. Como dissemos a seu tempo (pp. 136-149) este apotegma foi copiado, com breve reelaboração, das *Conlationes* de Cassiano. Só duas palavras nos interessam agora, para a crítica textual. Mas enquadremo-las no seu contexto para podermos ajuizar.

Nas *Commonitiones* V,6 (lin. 8-9) temos a expressão *ex nimia abstinentia ac solitudinis iugitate*. Como dissemos, este apotegma é omitido por  $\gamma$ . Os dois manuscritos — VD — do arquétipo  $\beta$  têm *sollicitudinis*. Dos manuscritos do arquétipo  $\delta$  só Z omite o apotegma, dispondo nós portanto de 5 testemunhos. Têm *solitudinis* NLUM; *sollicitudinis ac solitudinis* é a lição de B. Concluimos daqui, pelo contexto, que *solitudinis* é a palavra que melhor se adapta. Ora esta é a que se encontra



nos manuscritos da família  $\delta$ , à excepção de B que apresenta claro sinal de contaminar  $\beta$  e  $\delta$ .

Felizmente temos possibilidade de comparar com o texto crítico das *Conlationes* XXIV,9. A expressão em causa tem aí a redacção: *ex nimia continentiae ac solitudinis iugitate*. Não resta qualquer dúvida de que  $\delta$  tem o texto exacto, sendo *sollicitudinis* uma corrupção de  $\beta$ . Concluimos, pois, que  $\delta$  depende de  $\alpha$  e não de  $\beta$ . Foi o tradutor das *Commonitiones* que substituiu *continentiae* por *abstinentiae* e foi esta versão que se fixou em  $\alpha$  e daí passou a  $\delta$ .

No final da n. V,6 das *Commonitiones* temos (lin. 16-18): *... non patitur relaxari ut ne breuissimi quidem momenti indutias (...) indulserit...* A única variante neste passo consiste na substituição de *ut* por *et* em VDB. Vemos que *et* é a lição de  $\beta$  e que B (manuscrito contaminado) preferiu esta forma. Vejamos as *Conlationes*: lá está *ut*. É esta a lição, que confirmámos, de NLUM, isto é, de  $\delta$ , o qual, uma vez mais, tem melhor texto que  $\beta$ . Não há outra explicação a não ser a ligação directa de  $\delta$  com  $\alpha$ . Temos que pôr de parte, com efeito, a hipótese de  $\delta$  ter presente o próprio texto de Cassiano. Se assim fosse, teria certamente introduzido outras melhorias no seu arquétipo (cf. também pp. 144-146).

De todas as notas acabadas de apresentar sobre a ligação de  $\delta$  a um modelo anterior, diferente de  $\gamma$ , as de maior valia ainda se nos afiguram as fornecidas pelo apotegma n. V,6. Por isso, preferimos dizer que o organizador de  $\delta$  devia ter tido perante si, pelo menos, dois manuscritos que deram origem ao seu aspecto contaminado: um, evidente, do arquétipo  $\gamma$ ; e o outro, embora mais difícil de determinar, seria do hiperarquétipo  $\alpha$ . Não nos parece absolutamente necessário postular também a presença do arquétipo  $\beta$ . Os factos poderão explicar-se todos partindo apenas de  $\alpha$  e  $\gamma$ .

d) A dependência de  $\delta$ , em relação a  $\gamma$ , pode provar-se de um duplo modo: 1 — citando exemplos nascidos em  $\gamma$  e

que, tendo passado a  $\delta$ , aí se mantiveram; 2 — apresentando variantes criadas pelo elaborador de  $\gamma$  e que, através de  $\delta$ , se prolongaram para outros arquétipos, incluindo, por vezes as primeiras edições impressas. Este último processo parece-nos o mais significativo, pela repercussão que as inovações obtiveram. Chamamos a atenção, pois, para as siglas de outros arquétipos e da edição de Rosweydyus (esta representada por Y).

1 — O facto mais flagrante é a total ausência de *capitulationes* em  $\delta$  e em todos os manuscritos seguintes. Ora, como já vimos (p. 269) esta supressão principiou em  $\gamma$ , o qual omite a I, II e V *capitulationes*. Seguindo este rumo,  $\delta$  acabou por suprimir também a IV *capitulatio*, que ainda subsistiu em  $\gamma$  (cf. o texto crítico, pp. 311, 326, 342 e 378).

2 — Em II,2 (lin. 18-19) temos as frases: *Ne pertimescas, neque resoluaris, neque abscondas cogitationes tuas. Ita enim confusus spiritus immundus discedet.*

Depois de *pertimescas* (verbo que em R tem a forma *permittas*) foi acrescentado o vocativo, *fili* em RBNLOQESFJT Y; e a terminar a segunda frase temos, após *discedet*, o acrescento: *a te*, este introduzido só em  $\delta$ , pois se encontra em BNLO QESFJT Y.

3 — No n. V,7 diz o abade Pacómio ao seu discípulo Teodoro (lin. 33-34): *Itaque propter episcoporum, uade et uideat te mater tua.* Utilizando um elemento de informação fornecido anteriormente (lin. 27-28), foram acrescentadas, depois de *episcoporum*, as palavras: *qui scripserunt ad me* em RBNLOQESFJT Y.

É igualmente muito sintomática a omissão das linhas 39-51, feita primeiramente em R e daí passada a  $\delta$ , que tinha possibilidade de recuperar o salto, recorrendo a  $\alpha$ . A omissão destas 100 palavras não pôde mais ser reconstituída pelos arquétipos

seguintes, uma vez que estes, como veremos (pp. 287-295) dependem exclusivamente de  $\gamma$  e  $\delta$ . Do mesmo modo, a edição de Rosweydyus apresenta esta importante lacuna.

4 — Mais curiosa ainda é a observação deste passo de VI,2 (lin. 29-30): *propter superbiam cordis sui remanserunt foris de regno caelorum Christi exclusi. Qui autem caedebat ligna, homo est qui...* Após *regno* introduziu R a palavra *regis*, que foi reasumida por ESJTY. Porém BNL, que tiveram acesso a  $\alpha$ , não aceitaram a amplificação, que também se não encontra em OX (mas está, estranhamente, em Q).

No entanto, já toda a série está de acordo em acrescentar depois de *ligna*: *et super sarcinam adhuc (ad is R) addebat RBNLOQXESJTY*. Note-se a «melhoria» do acrescento de R *ad is*, transformado em *adhuc* a partir de BNL.

5 — É claro que, perante estas inovações começadas em R se pode perguntar: Não se tratará antes de fragmentos genuínos, colhidos por  $\gamma$  em  $\alpha$  e perdidos por  $\beta$ ? Já respondemos a esta questão ao terminar o estudo de  $\gamma$ , mostrando que há elementos pouco claros e espúrios aparecidos só em  $\gamma$  e depois retocados por  $\delta$  (pp. 277-279). Aliás, não é só  $\gamma$  que inova:  $\delta$  faz o mesmo e, dum modo geral, todos os reelaboradores com poucos escrúpulos de crítica textual.

e) 1 — A individualidade de  $\delta$  prova-se não apenas pela sua contaminação de  $\alpha$  e  $\gamma$ , revelando assim utilizar uma dupla fonte, mas ainda por processos e inovações criadas pelo próprio elaborador de  $\delta$ , e que não passaram a qualquer outro modelo.

Esta individualidade ressalta logo da observação externa das *Commonitiones*. Pode garantir-se que foi o refundidor de  $\delta$  quem organizou uma antologia equivalente aos nn. 1-40 de Rosweydyus, construindo para ela um prefácio, e colocou à parte os números que lhe pareceram menos significativos. Esta segunda parte das *Commonitiones* só se encontra nos manuscritos

do grupo  $\delta$ . A sua ligação directa a  $\alpha$  está suficientemente expressa pelo facto de só aqui ter subsistido (fora de  $\beta$ ) o título geral da colecção de apotegmas. Como se poderá ver no nosso aparato crítico, antes do n. I,2, lá está o título completo: *Incipiunt (com)monitiones sanctorum patrum, qui in studio spiritualis uitae senuerunt, quae ad instructionem iunioribus dixerunt fratribus* BN (cf. p. 313).

2 — Em I,14 (lin. 4-5) está escrito por VD: *tolleret sibi ad refecionem de ipsis cucumeribus*. Observemos que este final apresenta em  $\gamma$  uma versão instável: *de ipsis cucumeris* R: *ipsos cucumeres* P. Em  $\delta$ , porém, manteve-se o simples acusativo, como em P, mas substituiu-se *de ipsis* por *aliquot*, ficando a expressão: *aliquot (aliquos L) cucumeres* NL (em B há aqui um salto *de eodem ad eundem*, cf. texto de I,14, lin. 3 e 5). O que importa agora salientar é que a lição de  $\delta$  não foi seguida por nenhum outro arquétipo que tivesse acesso simultaneamente a  $\gamma$  e  $\delta$ . Por isso  $\eta$  e  $\theta$  guardaram a lição: *de ipsis cucumeris* (regularizando Y, por sua conta, tanto na lin. 3 como na lin. 5, para *cucumeribus*).

3 — Em IV,19 (lin. 51-52) lê-se: ... *Creator sustinuit ut nobis exempla patientiae et humilitatis praeberet*.

É certo que o organizador de  $\delta$  esqueceu a palavra *exempla*, do que resultou uma tentativa de adaptação: ... *ut nobis patientiae (patientiam N) suae maiestatis et humilitatis praeberet*, em BNLU.

Outros exemplos deste tipo podem descobrir-se na segunda parte das *Commonitiones*, só transmitida pelos manuscritos de  $\delta$ .

## V — Subarquétipo ε

Entre uma colecção de apotegmas de Pascásio e Pelágio, têm os manuscritos de Troyes, Bibl. Mun. 777; Dijon, Bibl. Mun. 194; Londres, Brit. Mus. *add.* 33518; Paris, Bibl. Nac. lat. 5624; e Valenciennes, Bibl. Mun. 168, vestígios de elementos das *Commonitiones* que não foram seleccionados para a antologia que constitui os nn. 1-40 da edição de Rosweydyus: são os nn. V,4; III,1 e, contaminada com Pelágio X,18, a segunda parte das *Commonitiones* VI,6.

Temos pouco texto para colacionar ε, em qualquer dos casos, com poucas variantes significativas. Deixamos aqui a lição dos manuscritos de Troyes, Dijon e Valenciennes, designados, respectivamente, por T<sup>1</sup>, G e K. Aliás, nestes fragmentos, os três códices revelaram-se absolutamente idênticos.

A clara impressão colhida do exame comparativo do texto é que ε depende apenas de δ. Além disso, o copista, que se serviu de δ, introduziu breves alterações.

1 — De V,4 seleccionemos um pormenor (lin. 12-15):  
... *sed tamquam seruo Dei et monacho offeremus haec. Respondens beatus abba Martianus dixit eis: Per quot monasteria uenistis de itinere ad nos? Qui respondens dixit ei...*

Deixámos a «redondo» as palavras sobre que incidem as variantes de T<sup>1</sup> G K: *sed uelut seruo Dei et monacho offerimus haec. Et ille: Per quot monasteria inde uenistis de itinere ad nos? Qui respondit ei...*

Comum a δ temos apenas, aqui, a variante *offerimus*: BNLT<sup>1</sup>GK. As outras alterações foram introduzidas só por ε.

2 — Outro passo ainda de V,4, abreviando a citação (lin. 17-22): *Ait ergo ad eum beatus Martianus: Ecce manifestatum est quia non ut seruo Dei... Noluit ergo suscipere. Orationem pro eis intentissime faciens (...) dimisit eos.*

O texto de T<sup>1</sup>GK é o seguinte: *Ait ad eum Martianus sanctus: Ecce est manifestum quia non ut seruo Dei... Noluit ergo suscipere, sed orationem pro eis intentissime faciens (...) dimisit eos.*

Iguais a  $\delta$  são a nova forma (mas não a inversão) *manifestum est* (est om. BN) BNL: *est manifestum* T<sup>1</sup>GK; e ainda a adição de *sed* NLT<sup>1</sup>GK. A palavra final *eos* falta em BNL. Como  $\gamma$  omite este apotegma, parece que só resta a hipótese de  $\epsilon$  ter recorrido a  $\alpha$  ou  $\beta$ . Mas será este pormenor suficiente para justificar uma contaminação? O elaborador de  $\epsilon$ , que omitiu, substituiu e acrescentou outras palavras, como vimos nos dois exemplos apresentados, poderia também restituir facilmente *eos*.

3 — O exame de III,1 e da parte de VI,6 que nos interessa, não oferece panorama diferente do acabado de apresentar, confirmando-se a ausência de qualquer necessidade de um hipotético recurso a  $\alpha$  ou  $\beta$ .

## VI — Subarquétipo ζ

A primeira impressão de quem observa, do ponto de vista externo, a constituição dos códices que contêm os nn. 1-40 de Rosweydu, precedidos do prólogo *Vere mundum*, é a de que os três manuscritos que constituem este subarquétipo, designados pelas siglas OQX, poderiam apresentar a primitiva reelaboração desta antologia das *Commonitiones*. O exame crítico do texto prova, no entanto, que não é assim. Esta redacção depende exclusivamente do modelo criado pelo organizador de δ. Normalmente, utilizaremos apenas os testemunhos dos manuscritos OQ.

a) Há de facto, inovações introduzidas em δ que só passaram ao arquétipo dependente ζ, isto porque os arquétipos seguintes, η e θ, tinham possibilidade de recorrer, além de δ, também a γ.

1 — O n. I,5 (lin. 1-2) começa: *Referebant nobis sancti seniores patres...*

Em BNLOQ, e só nestes, depois de *referebant* foi acrescentado: *quidam*.

Aproveitamos o ensejo para caracterizar desde já outros arquétipos. A palavra *patres* foi suprimida em ESFJTY.

2 — Em IV,2 (lin. 20-21) temos o conjunto: *... compunctum est cor eius in timore et amore Domini...*

Só em BNLOQ notámos a inversão *amore et timore*.

3 — De V,2 (lin. 12-16) recortamos: *Quod et factum est ad augmentum uirtutum eius talis occasio (...). Remoratus est autem in eodem loco...*

O singular *uirtutis* encontra-se em BNLOQT; a palavra é totalmente omitida por RSFJ; e Rosweydu substituiu-a por *meritorum*, no que o vemos isolado.

Em vez de *est autem* temos em RLQXE: *est ergo*; e *ergo est* em BNOSFT. Como se vê, nesta pequena variante os manuscritos estão divididos. No meio de tal confusão, Rosweydu suprimiu, sózinho, *autem*.

b) Há evidentemente outras inovações introduzidas em  $\delta$  que passaram a  $\zeta$  e a outros arquétipos. Mas então não por influência de  $\zeta$ , mas antes pelo recurso directo a  $\delta$ . Com efeito, as alterações, embora breves, feitas por  $\zeta$  não se encontram noutros modelos.

1 — Veja-se a tendência para eliminar o diminutivo *cellula*. Em IV,17 (lin. 36-37) ... *permansit apud beatum Athanasium in cellula eius...* Só em OQX é uniforme o termo *cella*.

E em V,8 (lin. 38) está: ... *discedebat unusquisque fratrum in cellulas suas...* Uma vez mais, escrevendo *cellas*, OQX estão juntos contra todos os outros (à excepção de DL, que neste ponto se afastam dos seus pares).

2 — Até em pequenos pormenores se observa o isolamento de OQX. Por exemplo, em V,3 (lin. 18) na expressão *parentes ac propinqui* só em OQX a copulativa *ac* foi substituída por *et*, segundo os manuscritos por nós colacionados. É pois estranho que Rosweydu apresente *et*, embora não devamos dar a este pequeno facto estilístico especial importância.

Não vale a pena insistir num modelo de tão escassa representação e sem descendência.



## VII — Subarquétipo contaminado $\eta$

Vamos dar a este arquétipo atenção mais demorada que aos dois precedentes, pois ele encontra-se entre os modelos a que recorreu o arquétipo que serviu de base à edição de Rosweyodus. Observando as lições que lhe são próprias, podemos provar que se serviu, como fontes exclusivas, dos arquétipos  $\gamma$  e  $\delta$ . Como é natural, há ainda inovações que foram introduzidas pelo seu organizador.

Vamos utilizar apenas os manuscritos designados pelas siglas ESF. Dado que são várias dezenas os códices que cabem dentro deste arquétipo e do seguinte ( $\eta$  e  $\theta$ ), não é de estranhar que por vezes a sua unidade não seja total. Cremos mesmo que, se fôssemos fazer um exame minucioso de todos estes manuscritos, eles se subdividiriam, muito provavelmente, em outros arquétipos secundários. Não julgamos, porém, que tal trabalho interessasse muito ao nosso objectivo, que é, agora, o de mostrar a diferença entre o texto genuíno e o da edição até ao presente utilizada, a de H. Rosweyodus.

a) Há vários testemunhos de uma ligação directa de  $\eta$  ao arquétipo  $\gamma$ .

1 — Em primeiro lugar, lembre-se que já apresentámos, por outros motivos, 7 exemplos nos quais  $\gamma$  se prolonga directamente em ESF, a saber: I,14 (lin. 3 e 5); IV, 17 (lin. 5); V,2 (lin. 16-22); V,8 (lin. 18, 23-24 e 39); e VI,2 (lin. 29-30). E estes exemplos são, de facto, os mais significativos, pela extensão que por vezes comportam. Desçamos agora a pontos mais miúdos.

2 — Em II,2 (lin. 5) temos: ... *senior consolabatur eum spiritualibus uerbis...*

Emenda R para: *consolabatur eum* docens spiritualibus... A esta versão se ativeram ESFJY, apesar de em  $\delta$  se ter introduzido a preposição: *de spiritualibus* BL.

3 — Mesmo em questões de vocábulos isolados se nota a preferência de  $\eta$  por  $\gamma$ . Em IV,13 (lin. 26-27) está a frase: *Sicut tu insensatus es...* Foi  $\gamma$ , como o testemunham PR, que substituii o qualificativo por *insensibilis*, que só volta a encontrar-se em ESFJY.

O mesmo se passa em IV,17 (lin. 5) onde a lição justa é *membranis*, mas CPR trocaram a palavra por *pergamenis*, no que foram seguidos só por ESFJY.

b) A derivação de  $\eta$  da fonte  $\delta$  está também bastante documentada.

1 — Já anteriormente apresentámos os seguintes exemplos, a propósito da sobrevivência de  $\delta$  no arquétipo  $\eta$ : I,5 (lin. 1-2); I,13 (lin. 14-15); II,6 (lin. 11 e 25); e V,2 (lin. 12-16).

O facto de, por vezes, nos casos acabados de evocar, OQX estarem na mesma linha de transmissão do texto em nada afecta a prova que pretendemos agora fazer. Com efeito, é certo que OQX também dependem de  $\delta$ , mas constituem um arquétipo secundário à parte, ao qual ESF nada foram buscar. Daí a validade da prova agora em questão.

2 — O final de I,11 (lin. 34-35) é: ... *antequam lucesceret latenter fugerunt*. Acrescentaram: *ex eodem loco* BNLESFJTY.

3 — A narração de IV,3 (lin. 12) tem o passo: ... *et non cognouit eum*, que foi acrescentado em  $\delta$  por: *quod esset imperator* BLOQESFJTY.

4 — Vejam-se mais dois acrescentos em IV,8. Temos nas linhas 4-5: ... *Isaac presbyter eis ordinaretur in ecclesia (...) ubi conuenit omnis multitudo monachorum...* Mas lemos em BNLESFJTY: *conuenit die et hora statuta.*

E um pouco mais adiante, nas linhas 6-7: *Audiens autem supradictus abbas Isaac, fugit in Aegyptum.* Depois de *Isaac* acrescentam: *huiuscemodi consilium* BNLESFJTY.

c) Resta-nos apresentar algumas inovações surgidas em  $\eta$ . Repare-se, desde já, na presença também de JTY.

1 — Na frase de II,6 (lin. 5-6): *Cum autem reuersus uenisset, ille qui egressus fuerat frater dixit ei,* — faltam as palavras *ille qui egressus fuerat* em ESFJY.

2 — Note-se em II,7 (lin. 41-43) o acrescento que não sublinhamos: — *non eis proficient (...) ad salutem animae, minime cogitantibus, orationes sanctorum,* em ESFJTY.

3 — O n. IV,2 (lin. 39-40) termina: ... *sentimus omnem nostram uirtutem marcescere, quia approximat eis, qui humilitatis uirtutem habent, gratia diuinae potentiae.* A parte da oração relativa, que deixámos por sublinhar, foi omitida só por ESFJY. Repare-se que a edição de Rosweyodus em vez de *marcescere* escreve *marcere* (erro evidente na PL 73, col. 749).

4 — No apotegma seguinte, IV,3 (lin. 31-32): *Post haec autem ualde honorifice salutauit eum imperator et ita egressus est,* encontra-se em todos os códices, mas foi acrescentado *ab eo* por ESFJY.

5 — Observe-se esta curiosa alteração da forma sintética de um numeral, em IV,17 (lin. 15): *petebat autem in pretio eius solidos sedecim.* Em ESJ temos *decem et sex*; e vai mais longe F: *decem et septem!* Mas Rosweyodus restabeleceu: *sedecim.*

## VIII — Subarquétipo $\theta$

### e edição de Rosweyodus

a) O modelo fundamental de que se serviram os manuscritos que designamos por JT e Y (=edição de Rosweyodus) foi o arquétipo  $\eta$ . Nos 5 exemplos anteriores, em que apresentámos inovações introduzidas por  $\eta$ , verificámos já que essas novas alterações se encontram também, quase sempre, no grupo JTY. Não haverá, pois, necessidade de provar de novo que  $\theta$  provém de  $\eta$ .

Precisamos, no entanto, de dar um esclarecimento. Tal como prevíramos, a unidade dos três textos que estamos agora a colacionar não é total. O grupo JY aparece muito mais coeso na identidade de inovações. Quanto a T, embora seja indubitável que ele tem muitos traços criados por  $\theta$ , nota-se que T frequentemente apresenta uma lição melhor que JY. Estudámos atentamente a sua posição. Concluímos então que T é um manuscrito contaminado de  $\theta$ , que, além deste modelo, utilizou ainda outro códice, mais perfeito, da família  $\delta$ . Assim se explica que T ora tenha os erros de  $\theta$  ora seja melhor que ele.

Como dissemos, julgamos a nossa análise do *stemma codicum* exaustiva até ao subarquétipo  $\zeta$ . O grande número de manuscritos que nos restam com o texto equivalente aos nn. 1-40 de Rosweyodus, subdividir-se-iam em vários outros grupos, a começar em  $\eta$ .

Feita esta advertência sobre a relativa unidade de  $\theta$ , a partir do momento em que estudamos a sua dependência de  $\eta$ , podemos agora observar o outro modelo de que  $\theta$  se serviu, isto é, o arquétipo  $\delta$ .

b) A influência de  $\delta$  está amplamente documentada. Alguns exemplos.

1 — Em IV,2 (lin. 33-34) lemos em  $\beta\gamma\delta$  JTY: *Denique Dominus noster Iesus Christus per humilitatem triumphavit...* A omissão *Iesus* é uniforme em ESF, ao passo que  $\theta$  foi buscar esta palavra a  $\delta$ .

2 — Eis um pequeno membro de frase de IV,10 (lin. 22-24): *... afflictionem tantae infirmitatis quae me ita per tantum consumit tempus ut necessarium habeam obsequium...*

A expressão *per tantum consumit tempus* está perfeita em TY; têm: *per tanta consumit tempora* ES; construíram com ablativo: *tanto consumit tempore* F; e *tanto tempore consumit* J.

3 — Um fragmento de IV,12 (lin. 58-59): *Tunc discipulus eius confessus est dicens...* Esta lição de  $\beta$  e  $\gamma$  conserva-se em SF; mas beneficiaram para *confessus est ei* BNLEJTY.

4 — Em IV,17 (lin. 32-33) há esta despedida: *Vade cum pace, frater, ecce cum uoluntate mea habe tu ipsum codicem.* Depois de *ecce* acrescentaram *iam* BNLESTY. Parece que J contaminou *ecce* e *iam*, pois escreveu *etiam*. Em vez de *habe tu* introduziu-se em PR *habeto*, e esta falsa interpretação foi retomada por todos até Rosweyodus.

5 — Ainda um erro, talvez de origem paleográfica. Em V,3 (lin. 32) está o demonstrativo no feminino: *... ut ueniret et uideret eam ante exitum suum.* Esta é a lição perfeita que JT foram buscar a  $\delta$ . Com efeito, mudaram aqui para o masculino *eum* ESFY.

c) Como vemos, quanto mais o texto se afasta dos modelos  $\beta\gamma\delta$ , mais se deteriora. Fizemos um estudo sobre os pontos em que Rosweyodus se afastava mesmo de  $\delta$  e  $\eta$ . Isto deveria

equivaler às inovações introduzidas por  $\theta$ . De facto, mesmo em minúcias foi possível encontrar concordância com J ou T.

1 — Eis um final de frase de II,8 (lin. 4-5): ... *abiit in illum desertum locum requirens eum*. Esta leitura, exacta, permanece em T. Mas escreve J: *in illud desertum abiit requirens...* Além da inversão e do uso do neutro *illud*, note-se a omissão de *locum*. Pois esta última palavra falta também em Y, que cortou igualmente *illum*. Os leitores de Rosweyodus têm só: *abiit in desertum requirens eum*.

2 — Agora um passo em que J ora se liga a T, ora se junta a Y. Diz-se em IV,12 (lin. 31-32): *At ille haec audiens dixit: gratias ago, domine, sanctae caritati tuae...* *Haec audiens* foi substituído em Y por: *respondens*; *haec* mantém-se em JT, mas *audiens dixit* foi transformado só em T: *remandauit ei dicens*. Uma deficiente interpretação da grafia medieval *sancte* (= *sanctae*) deu origem a um imperativo prolongado: *domine sancte*, em JY.

3 — No passo seguinte verifica-se que apenas a palavra *Deo* é inovação comum a TY (IV,9, lin. 15-16): *Gratias ago Saluatori nostro Christo quia...* O passo está correcto em J; mas lê-se em T: *gratias ago Deo Saluatori nostro Christo quia...*, e em Y: *gratias ago Deo meo quia...*

d) Vemos assim como o texto genuíno das *Commonitiones* se foi adulterando de tal modo que chegou aos leitores da *Patrologia Latina* cheio de cortes, acrescentos, inversões e variantes de toda a ordem.

Demos, finalmente, alguns exemplos de corrupção que só verificámos em Rosweyodus, segundo a reprodução da PL 73, indicando nós a seguir à sigla Y a coluna deste volume.

Quando citamos a *Patrologia* temos em mente a única edição latina da antologia das *Commonitiones* ainda hoje verdadeiramente acessível. Não esquecemos, no entanto, uma precaução da Prof.<sup>a</sup> Ch. Mohrmann: as transcrições da *Patrologia* não são criticamente seguras; há numerosas «gralhas» tipográficas.

1 — Eis uma inversão de palavras em II,7 (lin. 32-34): ... *uerumtamen si ille qui infirmatur non se absteineat a noxiis cibis, uel de aliis quae solent laedere infirmitates, nihil ei proficit...* Tem Y (746): ... *uerumtamen si ille qui infirmatur a noxiis cibis, uel de aliis quae solent laedere infirmitates, abstinere noluerit, nihil ei proficit...*

2 — Aproveitamos um salto de Y para mostrar variantes noutros manuscritos em IV,12 (lin. 62-64): *Haec audiens senior statim prostrauit se in terram ad pedes discipuli sui...* Apenas Y omite *in terram*, conformando-se em tudo o mais com a boa lição que  $\eta$  e  $\theta$  receberam de  $\delta$ . Mas há outras lições, sendo o acrescento de *autem* uma inovação segura de  $\delta$ , passada, pelo menos, a  $\zeta$ : *Haec autem* (NLOQF) *audiens* (aud. haec R) *senior* (senior audiens O) *statim* (se R) *prostrauit se in terram* (terra CR in t. om. Y) *ad pedes discipuli sui...*

3 — Em V,9 (lin. 11-12) lê-se no texto de quase todos: *Daemones enim in specie porcorum delectabantur superflua et uana loquela eorum.* Só Y introduziu *per* antes de *superflua* e transformou *uana loquela* em *uaniloquia*.

Temos, pois, registadas as seguintes variantes: *Daemones enim* (autem R etiam E) *delectabantur* (per Y) *superflua et uana loquela* (superfluum et uanam loquelam BLE uaniloquia Y) *eorum.*

Creemos que a insistência em manuscritos agora englobados sob os arquétipos  $\eta$  e  $\theta$  apenas interessaria para uma história

completa da degradação do texto. Um trabalho desse género fizemo-lo nós para Pascásio <sup>(194)</sup>, mas não nos parece necessário retomá-lo agora. Qual a diferença entre o texto autêntico e o publicado na antologia que são os nn. 1-40 do Livro III de Rosweydyus ficou já suficientemente demonstrado nas transformações que vimos registando desde o exame do arquétipo  $\gamma$ .

---

(194) Cf. *Pascásio de Dume...* t. II, pp. 300-398.



## Cap. X — O PRÓLOGO ESPÚRIO

### VERE MVNDVM

Desde que tivemos de estudar o *prefácio* de Pascásio de Dume, que dedicou a sua tradução ao seu abade Martinho, o tema dos prólogos e das cartas dedicatórias passou a constituir objecto dos nossos interesses (195).

Como vimos ao estudar os manuscritos dos arquétipos  $\beta$  e  $\gamma$  (pp. 22-27), isto é, os que apresentam as *Commonitiones Sanctorum Patrum* como uma unidade perfeitamente identificável e distinta, esta nova colecção de apotegmas não é precedida de qualquer prólogo. Tal observação deverá ser suficiente para concluir que o prólogo, introduzido em arquétipos secundários, é tardio e, portanto, estranho ao autor e ao tradutor da colecção autêntica (cf. p. 285).

---

(195) Cf. *Pascásio de Dume...*, t. I, pp. 1-5 e a bibliografia aí indicada (p. 3). Para o estudo do presente capítulo convém ter ainda presente: R. DRAGUET, *L'inauthenticité du «Prooemium» de l'Histoire Lausiaque* in *Mélanges L. Th. Lefort* (= *Le Muséon* LIX) Louvain, 1946, pp. 529-534; J. LEROY, *Les préfaces des écrits monastiques de Cassien* in *Revue d'Ascétique et de Mystique* XLII (1966) pp. 157-180 (Toulouse); ALBERTINO MARTINS FIENS, *Gil Vicente e o prólogo*, Lisboa, 1968 (tese defendida em Filologia Clássica, na Faculdade de Letras de Lisboa); J. L. LAURENTI y A. PORQUERAS MAYO, *Notas bibliográficas sobre el prólogo en la literatura greco-latina* in *Estudios Clásicos*, 1969, pp. 109-116; K. THRAEDE, *Grundzüge griechisch-römischer Briestopik*, München, 1970; M. B. O'BRIEN, *Titles of address in christian epistolography to 543 A. D.*, Washington, 1930; JOSEFINA GARAU MARTI, *Salutaciones y dedicaciones en las cartas de S. Cipriano, S. Jerónimo y San Agustín*, Salamanca, 1965; J. O'CALLAGHAN, *El trato de «padres» en la correspondencia cristiana del siglo V* in *Boletín de la Asociación Española de Orientalistas*, I (1965), pp. 151-153.

É no arquétipo contaminado  $\delta$  (pp. 27-43) que pela primeira vez se faz uma colectânea, em 40 números, das *Commonitiones*, aparecendo precedida por um prólogo iniciado pelas palavras: *Vere mundum quis dubitet meritis stare sanctorum...*

Como notou A.-J. Festugière, «o género hagiográfico tem as suas regras, como qualquer outro género literário. Uma destas regras consiste em fazer preceder a narrativa, mesmo quando ela está escrita num estilo claro e simples, de um prólogo redigido com mais ênfase, onde se encontram habitualmente um certo número de lugares comuns, próprios deste tipo de composições»<sup>(196)</sup>.

Obedecendo, certamente, a este critério, o organizador da antologia, em 40 números, das *Commonitiones*, forjou para ela um prólogo, de acordo com as regras do estilo.

O prólogo *Vere mundum* é, portanto, espúrio, construído por um compilador desconhecido, antes do século IX. Com efeito, embora os mais antigos exemplares que conhecemos deste texto sejam do século X — nos manuscritos de Paris, Bibl. Nac., fundo latino 3784 e Berlim, Bibl. Nac. dos Tesouros da Prússia, theol. lat. fol. 275 — há um manuscrito do século IX, de Munique, Bibl. do Estado da Baviera, lat. 14364, que já nos dá 4 apotegmas da compilação publicada por Rosweydyus como Livro III das *Vitae Patrum*<sup>(197)</sup>.

Para além deste critério externo e cronológico que nos mostra ser o prólogo *Vere mundum*, necessariamente, muito posterior à redacção grega e à tradução latina das *Commonitiones* (pois foi, sem dúvida, redigido pelo organizador do

---

<sup>(196)</sup> A.-J. FESTUGIÈRE, *Lieux communs littéraires et thèmes de folk-lore dans l'hagiographie primitive* in *Wiener Studien* LXXIII (1960), pp. 123-152. Os tópicos mais frequentes nos prólogos são estudados nas pp. 124-137; e o lugar comum da «simplicidade de estilo» nas pp. 129-131.

<sup>(197)</sup> Cf. sobre os manuscritos citados de Paris e de Munique, *Pascásio de Dume...*, t. II, pp. 68-69, 192; e 187, 209; sobre o ms. de Berlim, cf. a descrição feita neste livro, supra, pp. 27-33.

arquétipo  $\delta$ ), o exame interno da sua contextura demonstra também tratar-se de um arranjo secundário, feito por um plagiador.

O único autor que, até ao presente, se ocupou da génese e estilo do prólogo *Vere mundum* foi H. Rosweydu. Embora sejam falsas as suas conclusões quanto ao autor do prólogo, revelam-se muito pertinentes as suas observações estilísticas<sup>(198)</sup>.

Como já tivemos ocasião de expor (p. 103), Rosweydu pensava que o seu Livro III fora originalmente escrito em latim ou pelo menos traduzido do grego por Rufino. Um dos argumentos em que se baseia consiste em provar que o prefácio do Livro III tem um estilo semelhante ao do Livro II ou *Historia Monachorum* — que Rosweydu pensava ser também de Rufino<sup>(199)</sup>; o outro argumento é o facto de tanto o prólogo do Livro II como o do Livro III revelarem influência do prólogo de Paládio à *História Lausiaca*<sup>(200)</sup>.

Vimos já (pp. 103-104 e 120-121) que Rufino não pode ser o autor nem o tradutor das *Commonitiones Sanctorum Patrum*. Mas Rosweydu tinha razão quando argumentava que o prólogo *Vere mundum* foi escrito por quem conhecia o prefácio da *Historia Monachorum* e a carta de Paládio a Lauso, a ponto de esta última ter sido literalmente copiada na parte final. Julgamos ser nosso dever aproveitar, confirmar e desenvolver os indícios apresentados por Rosweydu.

No prólogo da *Historia Monachorum* (servimo-nos da edição da PL 21, coll. 387-390, indicando também as linhas donde transcrevemos) reflectem-se as seguintes ideias que

---

<sup>(198)</sup> H. ROSWEYDVUS tratou deste prólogo nas suas *Vitae Patrum*, Prolegomenon V e nas anotações 2 e 3 ao seu Livro III (cf. PL 73, coll. 38-39 e 809-811).

<sup>(199)</sup> Sobre os problemas de autor e tradutor da *Historia Monachorum*, cf. supra pp. 50-51.

<sup>(200)</sup> Sobre os problemas relativos à *História Lausiaca*, cf. supra pp. 53-56.

hão-de ser mais tarde retomadas pelo abreviador das *Commonitiones Sanctorum Patrum*:

- a narração da vida dos santos padres servirá de exemplo à posteridade: *ad posteritatis memoriam profutura* (lin. 2-3);
- servirá, para os leitores, de doutrina e exemplo: *nobis causa salutis* (lin. 3); *ex historia exemplum salutis atque doctrina pietatis aptissima* (lin. 3-4); *aedificationem futuram legentibus* (lin. 11);
- os santos trocaram os prazeres do mundo pela vida sacrificada nos desertos: *horrescere quidem saeculi illecebras* (lin. 12); *nihil terrenum, nihil carnale cupiunt* (lin. 22); *commanent autem per eremum dispersi et separati cellulis* (lin. 27); *hi nullam cibi aut indumenti aut illius horum sollicitudinem gerunt* (lin. 31-32); *plures autem et egregii per eremum dispersi* (lin. 45);
- o estilo será simples e não acomodado à grandeza dos heróis da santidade: *praecelesas uirtutes humili narrare sermone* (lin. 7); *aggrediar non tam ex stylo laudem requirens* (lin. 10-11);
- a sua santidade é tal que alcança a misericórdia e o perdão de Deus para o mundo pecador: *... ut dubitari non debeat ipsorum meritis adhuc stare mundum* (lin. 41-42).

Veja-se uma condensação de todos estes tópicos, a começar quase literalmente pelo último, na seguinte selecta do prólogo construído para preceder a antologia das *Commonitiones*:

*Vere mundum quis dubitet meritis stare sanctorum(...) qui omnem luxuriae notam tota mente fugerunt, mundoque relicto eremi uasta secreta rimantur(...). Non ergo spernas simplicitatem et impolitos sermones(...), mei operis est (...) ut legentibus posteris conferrent ueritatis doctrinam et exempla salutis.*

Poderá dizer-se que se trata de tópicos frequentes nos prefácios, sem ser necessário postular cópia de um trabalho anterior? Essa hipótese não serve, pelo menos, para as primeiras 7 palavras acabadas de transcrever.

Há, porém, uma prova mais evidente de que o elaborador do Livro III de Rosweydu construiu um prólogo com materiais anteriores. Mais de metade da sua prosa, após o arranque inicial, é tirada *textualmente* de uma tradução da carta de Paládio a Lauso.

Encontra-se numa situação delicada a tradução latina desta carta. Rosweydu editou três séries de prólogos a preceder as suas três versões da História Lausiaca: uma tradução de Gentianus Hervetus (PL 73, col. 1087-1088); outra, antes do *Heraclidis Paradisus* (PL 74, coll. 249-252); e a terceira, antes da *Palladii Lausiaca* (PL 74, coll. 343-344). Mas Rosweydu conhecia ainda uma quarta tradução, pois a ela se refere explicitamente na nota 2 ao seu Livro III — é a que começa pelas palavras: *Beatifico et admiror propositum tuum...* E na nota 3 reproduziu esta versão (PL 73, coll. 810-811). Infelizmente, a edição de Rosweydu não é completa na transcrição da carta de Paládio a Lauso, segundo o trabalho deste quarto tradutor. Assim como nos falta uma edição crítica das duas versões latinas antigas da obra de Paládio, cremos que também desta quarta tradução do prefácio não há ainda um texto completo e rigorosamente estabelecido.

Não é aqui o lugar apropriado para editar a carta-prefácio iniciada pelas palavras *Beatifico et admiror*. Vamos apenas transcrever a sua parte final, segundo o manuscrito de Berlim, Biblioteca Nacional dos Tesouros Culturais da Prússia, ms. 780, theol. lat. fol. 275, do século X, fl. 91v:

*Non ergo spernas simplicitatem et impolitos sermones, nec enim operis est diuinae doctrinae sophisticæ et eloquenter signare sermones, sed suadere mentes hominum in fide et operibus ueritatis, secundum quod scriptum est: «Aperi os tuum uerbo Dei»; et iterum: «Non spernas narrationem seniorum, et ipsi enim didicerunt a **patri-bus**». Denique sanctorum, id est, patriarcharum et prophetarum, Abraham scilicet et Isaac et Iacob, Moysi et Eliae et Ioannis, ideo descripta est fides et conuersatio non tantum ut illos glorificarent, quos certe Dominus glorificauerat et in regno suo gloriosos habebat,*

*sed ut legentibus posteris conferrent ueritatis doctrinam et exempla salutis.*

Salta imediatamente à vista que o organizador do prólogo *Vere mundum*, a partir de *Non ergo spernas...*, não se limitou apenas a inspirar-se em Paládio: copiou quase literalmente o fim da sua carta.

Ficaram, no entanto, marcas da dependência do seu trabalho — e até da sua imperícia. Note-se que as duas citações bíblicas, aduzidas por Paládio, foram suprimidas; a expressão *id est* mudou de lugar; e *Dominus* foi substituído por *Deus*. Estes dois últimos pontos têm pouca monta; o primeiro revela um abreviador.

Mais importante é um outro pormenor, só perceptível por quem coteje o prólogo *Beatifico et admiror* com o do Livro III de Rosweydyus: *Vere mundum*. Em Paládio, a palavra *patribus* é o fim de uma citação do *Eclesiástico*, cap. VIII,11; e o elaborador do prólogo *Vere mundum* fez de *patribus* um princípio de frase! O conjunto resultante: *patribus denique*, deu que fazer aos copistas... O ablativo *patribus* não se enquadra bem dentro da sintaxe da frase. Por isso, muitos alteraram para *patrum*, genitivo que colocaram a concordar com *sanctorum*... A transmissão manuscrita primitiva — e daqui ressalta uma vez mais o valor originário do arquétipo  $\delta$  (e  $\zeta$  dele só dependente) — mantém-se, no entanto, fiel ao ablativo *patribus*. Veja-se como um pequeno erro ou descuido atraiçoou o forjador do prólogo *Vere mundum*!

Não restam, pois, dúvidas de que este prefácio não é do autor nem do tradutor das *Commonitiones*. Um compilador tardio seleccionou os principais apotegmas e fê-los preceder de um prólogo; mas assim como rebuscou narrativas, foi também colher à tradução da *Historia Monachorum* e da *Palladii Lausiaca* a inspiração e as palavras para o seu architectado prefácio. Por isso, não temos nós outra solução que não seja a de afastar o prólogo *Vere mundum* do texto das *Commonitiones*.

Antes de fornecermos o texto crítico deste prólogo espúrio, digamos ainda uma palavra sobre a pretensa pessoa a quem a obra é dedicada — repare-se no vocativo: *mi domine Fidose*.

Quem é este *Fidosus*? O problema foi atentamente estudado por Rosweyduus. A sua investigação dirige-se pelo caminho recto; só a conclusão é falsa, por carência de dados críticos.

Pensou Rosweyduus (cf. PL 73, col. 811) que *Fidosus* poderia ser uma transliteração do grego, um antropónimo como *Fidus* e *Fidelius*. Depois, ao ver a influência de Paládio neste prólogo, reparou que, tanto na carta a Lauso como na *Historia*, aparece algumas vezes o epíteto *fidelissimus* dirigido a Lauso. «Parece-me, conclui Rosweyduus, que Rufino escreveu *Fidosus* em vez de *fidelissimus*, e assim alude, de modo velado, a Lauso».

Como sabemos, Rufino não tem nada que ver nem com as *Commonitiones* nem com o prefácio *Vere mundum*. A criação do vocativo *fidose*, é obra do autor deste prólogo artificial. É possível que se inspire no *fidelissime Lause* de Paládio. Mas que é então *fidosus*? Não é, por certo, um nome próprio; não representa também qualquer destinatário concreto do prólogo ou da colecção de apotegmas. É apenas um adjectivo, forjado pelo autor deste prefácio, talvez por corruptela de uma abreviatura do tipo *fid' lause*. Em rigor, não significa nada nem ninguém. A sua origem encontra-se apenas na imitação desajeitada de um belo e nobre *fidelissime Lause*. Mas quem escreveu pela primeira vez, *mi fidose*, não tinha ninguém em mente. Disso podemos estar seguros.

E com a destruição da autenticidade do prólogo *Vere mundum* acabamos de dismantelar toda a obra que é o Livro III de Rosweyduus. Trabalho negativo apenas? — Não. A prová-lo aí estão, restituídas pela primeira vez desde o século XIV, o que deverá passar a ser considerado como o «autêntico

Livro III das *Vitae Patrum*» — as *Commonitiones Sanctorum Patrum*.

Pode o leitor saltar por cima do prólogo espúrio — e começar a leitura amena dos «conselhos dos santos padres, que foram envelhecendo no exercício da vida espiritual, conselhos que eles davam, para edificação, aos irmãos mais novos».

Ainda agora obra de edificação? — Que o seja! Mas obra também da laboriosa filologia.



## Texto crítico do prólogo

### *Vere mundum...*

Vere mundum quis dubitet meritis stare sanctorum,  
horum scilicet quorum in hoc uolumine uita prae-fulget, qui  
omnem luxuriae notam tota mente fugerunt, mundoque relicto  
eremi uasta secreta rimantur, ibique, per terribiles rupes for-  
midolosis antris excubantes, nec esuriunt nec sitiunt, quia  
dextera Dei sustentat eos et pascit. Horum meritis subleueris;  
horum supplicationibus, indulgentiam peccatorum merearis, mi  
domine fídose. 5

Non ergo spernas simplicitatem et im-politos sermones,  
nec enim operis est diuinae doctrinae sophisticae et eloquenter 10

---

#### INCIPIT — BNLOQESFJTY

Incipit liber secundus Deo adiuuante. Prologus B Incipit  
prologus libri secundi N Incipit secundus L Incipit liber secundus.  
Prologus O Incipit prologus in secundam partem uitae patrum Q  
Incipit liber secundus de uita (de u. om. F) sanctorum patrum EF  
Incipit prologus S Incipit prologus libri sequentis J Incipit pro-  
logus in uita patrum T Prologus Y.

1 dubitat S meritis] orationibus N 2 scilicet] uidelicet J  
prae-fulgit B 3 fugierunt B mundumque relictum B  
4 uasta] om. O et add. Q rimantur] et add. L 5 nec<sup>1</sup>] non Y  
nec sitiunt] neque s. Y om. B 5-6 quia dextera Dei sustentat  
eos et pascit] q. d. D. (Domini Q) s. et p. e. (eos et p. Q)  
BQESFJY om. N 7 horum supplicationibus] supplicationibus-  
que N indulgentiam peccatorum] p. (om. LQ) ueniam BESFJTY  
merearis] sub- F 8 fídose om. J 9 simplicitate B im-politos]  
im-polito B 9-10 im-politos... et om. Q 10 enim] mei add. Y  
diuinae doctrinae] diuini (-a B) d. (-a S) BNS Scripturaeque add. Y  
sophisticae NS eloquenter] loquenter B eloquentiae N

signare sermones, sed suadere mentes hominum in fide et operibus ueritatis. Patribus denique sanctorum patriarcharum et prophetarum, id est, Abraham et Isaac et Iacob, Moysi et Eliae et Ioannis, ideo descripta est fides et conuersatio, non tantum ut illos glorificarent, quos certe Deus glorificauerat et in regno suo gloriosos habebat, sed ut legentibus posteris conferrent ueritatis doctrinam et exempla salutis.

15

---

12 patribus denique] patrum d. (ergo J) NOFJTY 13 et<sup>2</sup>] om. BNQFTY  
 14 descripta est fides] e. f. d. Q fides om. F et<sup>2</sup> om. F 15 illos  
 glorificarent] illi glorificarentur (-centur J) NJ in illis g. O i. glori-  
 ficent (-caremus Y) QY certe om. J glorificauerat] -auit J  
 15-16 et... habebat om. J 16 suo om. B 16-17 confer-  
 rent] -ntur N -ferat J 17 doctrina N salutis] Explicit  
 prologus NT.

**COMMONITIONES SANCTORVM PATRVM**

**II**

**TEXTO CRÍTICO**

SIGLA ET MANVSCRIPTI

V — Vindobonensis, Bibl. Nat. Austriae 433, saec. XI, ff. 113 v-165 r

D — Dresdensis, Bibl. Nat. Saxoniae, A 207, saec. XIV, ff. 188 r-216 v

R — Remensis, Bibl. Munic. 1400, saec. XIII, ff. 98 r-107 r

N — Namurcensis, Museum Archaeologicum 12, saec. XII-XIII, ff. 74 r-  
-84 v

N<sup>2</sup>— idem, sed ff. 108 v-112 r

I

INCIPIVNT

COMMONITIONES SANCTORVM PATRVVM

QVI IN STVDIO SPIRITALIS VITAE SENVERVNT,  
QVAE AD INSTRVCTIONEM IVNIORIBVS DIXERVNT FRATRIBVS

INCIPIVNT CAPITVLA

5

I — Quidam sanctorum patrum interrogantibus se monachis de abstinentiae ratione respondit quae competebant.

II — De beato Ioanne qui cognominabatur Colobus.

III — Interrogatio fratrum ad ipsum Ioannem de abstinentia.

10

IV — De seniore qui per multos annos in eremo habitabat et de responsione eius.

V — De monacho quem statim a prima hora pellebant ita eum daemones ut famem nimiam et defectionem corporis pateretur.

15

VI — De quodam sancto seniore quem rogabant fratres ut cessaret de magno labore, et responsio eius.

VII — De reprehensibili abstinentia monachi in cella.

VIII — De expositione sancti Poemenii.

IX — De principe cocorum Nabuchodonosor.

20

X — De abbate Beniamin qui obtulit oleum sancto seniori.

I — INCIPIVNT — VD *om.* RN

1 incipit D    2 commotio D    3 senuerint D    4 quam D  
I-XVII: *quamquam textum habeat, numerationem capitulorum omittit* D  
7 abstinentia D    12 eius *om.* D    13 pellebant *om.* V    19 Pome-  
nii D

- XI — De monachis qui ad uisitandum eremitas perrexerunt.
- 25 XII — De abbate Nitera qui fuit discipulus abbatis Siluani.
- XIII — De sanctis duobus senioribus qui reficere obliti sunt.
- XIV — De abbate Zenone.
- XV — De doctrina abbatis Dioscorig.
- 30 XVI — De interrogatione fratrum ad abbatem Ioseph.
- XVII — De susceptione peregrinorum sanctorum patrum.

## I

## INCIPIVNT

## MONITA SANCTORVM PATRVN

- 1 — Quidam sanctorum seniorum patrum interrogantibus se monachis de causa abstinentiae dixit: Oportet, filioli, ut odio habeamus omnem requiem praesentis uitae, siue delectationes corporeas ac uentris suauitatem, et honorem ab hominibus non requiramus, et dabit nobis Dominus Christus caelestes honores et requiem in uita aeterna gloriosamque laetitiam cum angelis sanctis.
- 5

Idem autem senior dixit: Quia naturaliter inest homini esurire. Oportet autem sumere cibum ad necessitates corporis

- 24 Nitera] Nitria D      30 sanctorum patrum om. D  
 I — VDN om. R      2 sanctorum patrum] om. DN  
 1 — VDRN  
 1 quidam... patrum om. R      2 ut om. R      4 corporis R  
 et honorem om. D      non om. N      5 nobis Dominus Christus]  
 C. D. n. D      n. D. Christo R      6 uitam aeternam R      7 sanctis]  
 suis N      8 idem] iste D      autem] enim R      9 necessitatem R  
 corporeas D

sustentandas, non tamen in passionem seu saturitatem uentris. 10  
 Nam et somnus naturaliter inest homini, sed non in satietatem  
 siue resolutionem corporis, quo possimus humiliare passiones  
 ac uitia carnis. Satietas enim somni mentem, sensumque  
 hominis stupidum, pigrumque reddit. Vigiliae autem tam  
 sensum quam etiam mentem nostram subtiliorem ac puriorem 15  
 efficiunt. Ita enim et sancti patres dixerunt quia uigiliae sanctae  
 purificant et illuminant mentem. Sed etiam irasci naturaliter  
 inest homini, sed non in commotione passionis, sed ut irascatur  
 contra semetipsum ac uitia sua, ut facile emendare et a se  
 abscondere possit. Necnon etiam si quid prauum et contra 20  
 praecepta Dei uideamus alios agere, oportet nos contra uitia  
 quidem eorum irasci, ipsos uero diligenter corripere et increpare  
 ac monere, ut emendati saluentur et ad uitam aeternam perue-  
 niant.

2 — Dicebant etiam sancti patres de sancto abbate Ioanne,  
 qui cognominabatur Colobus, quia cum de messis opere  
 reuerteretur ualde fatigatus repraesentabat se sanctis senioribus,  
 factaque cum eis oratione statim pergebat ad cellulam suam;

10 sustentandas] -do R sustendas D passione D seu] in  
 add. R saturitatem] p. corr. R -te D 11 inest naturaliter R  
 12 siue] seu N resolutionem] reuolutionem N 14 stupa-  
 dum] stolidum R reddet V 17 etiam] et N irasci] ira D  
 18 commotionem R 18-19 sed ut irascatur contra semetipsum  
 ac uitia sua ut] s. ut irasceret c. s. ut u. sua D s. irasci oportet  
 semetipsum c. u. s. ut N 19 a se] om. D ab se R 20 praua R  
 21 Dei praecepta N 21-22 oportet nos contra uitia quidem eorum  
 irasci] quidem om. D om. R 23-24 perueniant] ueniant R

2 — VDRN<sup>2</sup>

*Incipit:* incipiunt monitiones sanctorum patrum, qui in studio  
 spiritualis uitae senuerunt, quae ad instructionem iunioribus dixerunt  
 fratribus N 1 etiam] autem D patres] fratres R 2 quia]  
 qui R 3 reuertebatur R repraesentabat]- asset D repressi R  
 se om. R sanctis om. D 4 factaque] facta DR cellulam] cel-  
 lam D

5 et per multa tempora in silentio uacabat orationibus et lectio-  
nibus ac meditationibus Scripturarum sanctarum; et opera  
manuum cottidie exercens nullum ad se permittebat uenire.

Dicebat enim quoniam per occasionem in messis opere  
dispergitur et per uacationem patitur mentis intentio et ideo  
10 diuersis cogitationibus obligatur. Addebat autem sibi magis  
abstinentiam dicens: Quia propter laborem messis in diebus  
illis cottidie panem in saturitate edebam, nunc autem quoniam  
in cellula mea quiesco, oportet me abstinentiam et uigilias  
addere ut compensetur et reparetur quod in illis diebus  
15 intermissum est.

3 — Quidam ex fratribus interrogauerunt hunc ipsum  
beatum Ioannem de causa abstinentiae et respondit eis dicens:  
Quia Daniel propheta dixit: «Panem in concupiscentia non  
comedi».

5 Dicebat etiam monendo fratres: Considerate, dilectissimi,  
quoniam nihil fortius est in bestiis leone et tamen propter

I,3 lin. 3-4 : *Panem... comedi* — cf. Dan. X, 3.

---

5 multum tempus R orationi R 6 meditationi N sanc-  
tarum Scripturarum RN 7 nullum] ullumque R 8 quoniam]  
cum *add.* N 9 *et*<sup>1</sup> *om.* N per uacationem] p. uacationem VN  
praeuacationem R et ideo *om.* R 10 obligata R magis  
sibi N 11 labores R 12 saturitate] *p. corr.* R -em V satie-  
tate D 13 cellula] cella D me] in *add.* R abstinentia R  
uigiliis DR 14 compensentur D reparentur D 15 est]  
de abstinentia *add.* N

3 — VDRN<sup>2</sup>

*Incipit:* de abstinentia eius N 1 ex] de R 2 beatum  
*om.* R respondens eis dixit R 5 dicebat] enim *add.* R etiam]  
enim N



uentrem suum cadit in laqueum et illa feralis et magna fortitudo eius humiliatur.

Tali etiam exemplo ipse beatus Ioannes instruebat fratres dicens: Quoniam si uoluerit imperator aliquam aduersariorum 10  
obtinere ciuitatem, eis prius subtrahit cibaria et ita fame ac penuriae necessitate contriti humiliantur et subiciuntur imperio eius. Similiter etiam passiones ac uitia corporis nostri: Si fame 15  
ieiuniorum atque uigiliarum labore macerentur, tunc etiam aduersariorum nostrorum daemonum humiliatur uirtus, quam per corporis nostri fortitudinem contra nos exercere solent.

4 — Erat quidam senior in eremo interiore per multos annos in abstinentia et in omni studio spiritali nimis laborans. Aduenientesque ad eum quidam fratres admirati sunt dicentes: Quomodo toleras istum tam aridum et squalidum locum, pater? 5  
Quibus ille respondens ait: Omnis labor totius temporis quo hic degeo nondum unius horae aeternorum tormentorum gehennae spatium habet. Oportet enim nos in paruo tempore uitae istius sustinere laborem et macerare passiones corporis nostri, ut inueniamus in illo futuro et aeterno saeculo, quod 10  
numquam deficiet, perpetuam repausationem. 10

7 laqueum] lacum R      7-8 magna fortitudo] magnitudo R  
9 ipse *om.* N      fratres *om.* DN      11-12 eis... penuriae] *om.* VD  
prius aquam tenet et escas eorum qui sunt in ciuitate et N      12 ne-  
cessitate] famis *add.* V      13 ac] et R      14 ieiuniorum] nostro-  
rum *add.* R      atque] ac R      15 humiliatur daemonum N

4 — VDRN

*Incipit:* de abstinenti seniore N      1 eremo *om.* R      2 et  
*om.* R      spiritali N      3 aduenientesque] aduenientes autem N  
4 istum tam aridum et squalidum locum] i. t. a. et calidum l. D  
in illo tam arido loco et squalido R      6 degeo] dego N      7 spa-  
tium *om.* R      enim] inquit *add.* N      in paruo nos N      tempore]  
spatio D      9 et *om.* N      10 deficit R      perpetuam] aeternam N  
repausationem] reparationem R

- 5 — Referebant nobis sancti seniores patres de quodam fratre dicentes: Quoniam quodam tempore ita impugnabant eum daemones, ut statim prima hora tantam famem et defectionem corpori eius facerent, ut penitus sustinere non possit. Verumtamen ille dicebat in corde suo: Quia qualitercumque oportet me uel usque horam tertiam exspectare et postea cibum sumere. Cumque facta fuisset hora tertia item dicebat cogitationibus suis: Etiam et nunc uiolenter oportet me sustinere usque ad horam sextam. Cumque aduenisset hora sexta infundebat panem aqua dicens: Dum hic panis infunditur oportet me etiam horam exspectare nonam. Cumque hora nona aduenisset, secundum consuetudinem complebat omnes orationes et psalmodiam secundum regulam et ponebat panem ut comederet. Hoc ergo per plurimos dies sustinuit. Quadam ergo die similiter ab hora prima usque ad horam nonam fecit. Cumque hora nona sedisset ut cibum caperet, uidit de sportella, ubi panis, id est, paximatia reposita erant, surrexisse fumum magnum et egressum esse per fenestellam cellulae eius. Itaque ex illo die nec esuries nec defectio corporis eius facta est. Sed magis ita corroboratum est in fide et abstinentia cor eius, ut etiam nec post biduum delectaret eum cibum accipere. Ita Dei gratia auxiliante certamini eius, per

## 5 — VDRN

*Incipit:* de fratre qui ante horam comedeat N 1 referebant] quidam *add.* N nobis *om.* R seniores] seniles N 2 ita *om.* R 3 prima hora] h. p. R h. diei p. N 5<sup>3</sup>posset DRN 7 postea] tunc RN hora *om.* N item] ita V *om.* R 8 dicebat] in *add.* R etiam] ecce R 8-9 uiolenter oportet me] u. *om.* D o. me u. R 9 adueniret N 10 panem] in *add.* DR 11 horam *om.* N 12 nona *om.* R aduenisset] uenisset R complebat] ex- D 13 et<sup>1</sup>] ut R 14 ergo] autem N 15 quodam N horam *om.* N 17 erant] erat VDN 18 fenestellam] fenestrellam DN 19 eius] suae R nec ex illa die D esuriens DR 19-20 corporis eius] e. c. R c. ei N

patientiam suam extinxit gastrimargiae, id est, gulae concupiscentiae, passionem.

6 — Quendam sanctorum seniorum rogabant fratres dicentes ut iam cessasset de magnis laboribus quos in studio uitae spiritualis semper habuit. Ille autem respondit eis dicens: Credite mihi, filioli, quia Abraham, Isaac et Iacob, sancti patriarchae, et omnes sancti poeniteri habent in illo futuro beato saeculo uidentes illa inenarrabilia dona Dei, magna et ineffabilia bona, quae praeparauit Deus diligentibus se et custodientibus praecepta eius, quapropter non amplius operati sint bona opera et addiderint in studio sanctae uitae, dum in isto saeculo fuerunt. 5

7 — Dicebant etiam fratres de quodam fratre habitante in loco qui dicitur Cellia: Contigit autem ut in die festo omnes monachi in ecclesiam, quae est in eremo, conuenirent. Praeparatus est autem eis omnibus cibus coctus, ut post completas missas ibi reficerent omnes fratres. Erat autem ibi quidam frater et cum sedissent ad mensas uocauit fratrem, qui eis ministrabat, et dixit ei: Defer mihi salem, ut cum pane 5

I,6 lin. 7-8 : *quae praeparauit...praecepta eius* — cf. I Cor. II, 9; Deut. VII, 9.

23 patientiam] enim *add.* R suam] frater *add.* RN extinxit] superex-D

6 — VDRN<sup>2</sup>

*Incipit:* de quodam sene N 2 cessaret DN 3 spiritualis N 4 Iacob] et *add.* N 5 poeniteri] -re RN *om.* D beato *om.* N 6 dona Dei magna et ineffabilia] d. D. et m. i. R *om.* N 7 praecepta] mandata D 8 non *om.* R sunt RN 9 addiderint] -erunt RN audierint D studium R

7 — VDRN<sup>2</sup>

1 etiam *om.* D 2 in die festo ut N 4 omnibus *om.* R 5 reficerentur D 5-6 quidam ibi N 6 sedisset N mensam R

possim accipere. Tunc clamauit ille, qui ministrabat, alio  
 10 fratri, audientibus cunctis, dicens: Da huic modicum salis ut  
 possit hic frater cum pane edere, quia coctum cibum non  
 accipit. Tunc surrexit a mensa unus ex senioribus et dixit  
 ei: Oportebat te, frater, in cella tua hodie carnem comedere  
 quam istam talem uocem de tua abstinentia praesentibus  
 15 cunctis dicere fratribus. An ignoras quoniam, si qui propter  
 laudem et gloriam palam faciunt abstinentiam suam, omnem  
 laborem abstinentiae suae perdunt et non percipiunt mercedem  
 a Domino, sed magis culpabiles inueniuntur in conspectu eius?

8 — Solebat beatus abbas Poemen exponere fratribus de  
 Scripturis prophetarum ubi dicit: «Quia nisi princeps cocorum  
 Nabuchodonosor regis uenisset in Hierusalem utique non  
 fuisset igne incensum templum Domini». Hanc autem para-  
 5 bolam ex hoc exemplo ita exponebat spiritualiter dicens: Quia  
 et nos cum pulsauerit spiritus gastrimargiae, id est, gulae  
 concupiscentia in aliquas delectationes ac saturitatem uentris,  
 si qui sint obaudientes atque explentes uoluptates ac desideria

I,8 lin. 2-4 : *Quia nisi... Domini* — cf. IV Reg. XXV, 8-9.

8-9 alio fratri] -um -em DR -is -ibus N 9 huic] huc V  
 10-11 quia... tunc om. N 11 surrexit... senioribus] s. quidam  
 senum N 12 oportebat te] expedierat tibi N frater om. N  
 hodie in cella tua magis carnes N 14 dicere] dare D quo-  
 niam] quia R si om. D 15 gloriam] hominum add. R  
 palam om. N 16 perdent R 17 magis] et add. R

8 — VDRN<sup>2</sup>

*Incipit*: de abbate Poemen N 1 solebat] uolebat D 2 dici-  
 tur N nisi] Nabuzardam add. D 3 utique om. D 4 igni R  
 incensum] suc- DN 5 exemplo] templo D spiritualiter N  
 6 nos] non add. R cum om. R 7 concupiscentiae D satu-  
 ritatem] suauitatem R 8 qui] quos R quis N sint om. DRN  
 obaudientes] -ens N obedientes R explentes] explens fuerit N  
 uoluptates] uoluntates DN

gulae, tunc incendetur igne libidinis templum Domini, id est, corpora nostra, sicut dicit Apostolus: «Nescitis quia corpora uestra templum Dei est?» Si quis ergo uiolauerit templum Dei, disperdet illum Dominus. 10

9 — Referebat abbas Beniamin: Quia quodam tempore ego et presbyter de Cellia applicuimus ad quendam senioremem habitantem in eremo Sceti et obtulimus ei modicum olei. Ille autem dixit nobis: Ecce illud modicum uasculum, quod ante triennium dedisti mihi, sic plenum manet usque hodie. 5

Nos autem haec audientes diximus ei: Et quapropter, pater, uel in diebus festis non gustasti de ipso oleo? Et respondens dixit nobis: Ideo nolui percipere ex eo ne forte consuetudo mihi fiat et requiram de suauitate olei conditos cibos et per occasionem suavis conditurae compellar descendere ad ciuitatem seu ad uicos emere oleum et reuerti ad eremum, iterumque descendere et reuerti ad cellulam meam et per hanc, ut dixi, occasionem descendendi et ascendendi incipiat uagare mens et sensus meus et perdam utilitatem secretioris uitae. Diabolus enim multiformis est et diuersa retia texit ut capiat hominum mentes. 10 15

I, 8 lin. 10-11 : *Nescitis... Dei est* — cf. I Cor.: III, 16; VI, 15; VI, 19.

9 gulae] fecerit *add.* R incendetur] -ntur D -itur R 11 uestra] nostra N Dei est] est Dei R Domini est N Dei sunt D 12 Dei] Domini RN illum] eum R Dominus] Deus D

9 — VDRN<sup>2</sup>

2 Cellia] cella V 3 olei] oleum R *om.* D 4 ille... modicum *om.* D 5 dedistis R 7 non *om.* D et respondens *om.* R 8 nobis... eo *om.* R 9 conditos] editos R 10 per] hanc *add.* R conditurae *p. corr.* R 12 cellulam] cellam N 13 ut dixi occasionem] ut diximus o. R o. ut d. N uagari N 14 sensus meus et mens mea N utilitatem] humilitatem N

Igitur nos haec audientes admirati sumus prudentiam et conuersionem sancti senioris.

10 — Item referebat nobis idem abbas Beniamin quia perrexissent ad quendam senem, qui tenuit eos ad refectionem et parauit eis lenticulae cibum coctum. Misit autem in condituram oleum, quod de semine raphanorum in locis illis solet fieri. Nos autem diximus ei: Pater, magis de alio bono oleo  
5 mitte, ut possimus comedere. Ille autem hoc audiens et signo crucis se signans dixit nobis: Et est aliud oleum praeter ipsum? Ego hoc numquam audiui.

10 Erat enim ipse senior ex infantia sua in eremo nutritus et semper permansit ibi apud sanctos seniores et neque in ciuitates neque in uicos aliquando egressus est.

11 — Egressi sunt aliquando de monasterio fratres ad uisitandum eos qui in eremo commorabantur patres. Cum autem uenissent ad quendam eremitam seniore, suscepit eos cum gaudio et, sicut consuetudo est, apposuit eis mensulam.  
5 Videns enim eos fatigatos de itinere, ideo ante horam nonam fecit eos reficere et quicquid habebat in cellula sua apposuit eis ut ederent et repausauit eos. Facto autem uespere, orationes

10 — VDRN<sup>2</sup>

3 parauerat D 3-4 condituram *p. corr.* R 4 quod] quia R  
semine] erat *add.* R raphanorum] ferularum ut R 4-5 solet  
fieri in locis illis D 5 alio *om.* D oleo bono R 7 se  
crucis V signans] con- R 8 hoc] autem R haec D 9 in  
eremo nutritus] in e. et n. D n. in e. R 10 permansit] man-  
sit DRN et *om.* DR ciuitate R 11 egressus] in- DN

11 — VDRN

*Incipit:* de his qui eremitas uisitabant N 1 aliquando *om.* R  
2 uisitandos R commorabantur] commanebant R 3 heremi-  
tarum R 4 cum] grandi *add.* N mensulam] mensam R  
5 uidit N ideo *om.* D 6 cellula] cella D 7 facto autem]  
factum est R orationes] orauerunt D

et psalmos secundum consuetudinem compleuerunt, similiter  
 etiam et nocte fecerunt. Supradictus autem senior separatim  
 in alio loco quiescebat sibi et audiuit eos loquentes inter se 10  
 ac dicentes: Quoniam isti eremitae magis melius ad refectio-  
 nibus cibantur quam qui in monasteriis conuersantur. Haec autem  
 senior audiens tacuit. Et cum illuxisset dies arripuerunt iter,  
 ut ad alium eremitam pergerent, qui in uicino eiusdem senis 15  
 habitabat. Cum autem egrederentur dixit eis senior: Salute  
 cum ex me et dicite ei: Obserua et noli irrigare holera. Cum  
 autem peruenissent ad illum alium seniorem dixerunt ei manda-  
 tum. Ipse uero audiens intellexit causam. Et tenuit eosdem  
 fratres, deditque eis ut operarentur texentes sportas, sedensque 20  
 cum eis ipse non cessauit de opere manuum. Vespere autem  
 ad luminaria, addidit super consuetudinem alios psalmos et  
 post completas orationes dixit eis: Nos quidem consuetudinem  
 non habemus cibari cottidie, sed propter aduentum uestrum  
 oportet nos hodie cenare. Et apposuit eis panes siccos et sal  
 dicens: Quia propter uos debemus aliquid amplius cenare. 25  
 Misit autem modicum aceti et salis et modicum olei. Et cum  
 surrexissent de mensula, coepit iterum psallere usque prope  
 lucem et dixit eis: Non possumus propter uos omnem canonem  
 psallere, ideoque repausate modicum, quia de itinere fatigati  
 estis. Cum autem factum fuisset mane, hora prima uoluerunt 30  
 recedere ab eo, sed non permisit senior dicens: Magis iubete

9 etiam *om.* D    10 audiebat N    11 ac] et D    dicentes] inter  
 se *add.* D    13 et *om.* R    14 uicinio D    16 irrigare] irro-  
 gare R    17 seniorem alium RN    20 ipse] et R    opere]  
 opera DR    uespera R    autem *om.* D    21 addidit super con-  
 suetudinem alios psalmos ad luminaria N    22-25 nos... dicens *om.* D  
 23 cibare R    24 hodie *om.* R    panes siccos apposuit eis R  
 salem RN    25 aliquid amplius cenare] amplius a. c. R    aliquid  
 c. a. N    26 acetum R    salem R    27 surrexisset D    28 pos-  
 sum DR    30 cum autem] cumque N    mane] inane R    horae  
 primae R    30-31 recedere uoluerunt R    31 ab eo *om.* R    per-  
 misit] eos *add.* N

facere nobiscum aliquantos dies; non enim dimitto uos hodie, sed propter caritatem teneo uos uel alios tres dies. Illi uero haec audientes surrexerunt nocte et antequam lucesceret  
 35 latenter fugerunt.

12 — Referebant quidam fratres de abbate Nitera, qui fuit discipulus abbatis Siluani, quia, quando in cellula sua in monte Sina degebat, moderate abstinebat pro necessitate corporis. Quando autem episcopus ordinatus est in Pharan, nimis constrinxit se ipsum in duriore abstinentia, et in uigiis propensius  
 5 atque in oratione intentius agebat. Haec autem uidens discipulus eius dixit ei: Quid est hoc, domine? Quia quando in eremo conuersabamur non tantum in abstinentia laborabas. Et respondit ei beatus uir dicens: Considera, frater, quoniam  
 10 ibi eremus erat et secreta uita ac paupertas; nunc autem egressi de eremo cum saecularibus hominibus conuersamur et multae et uariae occasiones nobis occurrunt et ideo timeo ne in fine uitae meae in aliqua occasione offendamus Dominum. Si enim sanctus apostolus Paulus, qui Christum in se loquentem  
 15 habebat et qui tantas uirtutes animi possidebat ut usque ad tertium caelum adhuc in corpore positus ascenderet, tamen dicebat: «Macero corpus meum et seruituti subicio, ne forsitan

I,12 lin. 14-16 : *Paulus... ascenderet* — cf. II Cor. XII, 2.  
 lin. 17-18 : *Macero... inueniar* — cf. I Cor. IX, 27.

33 uero] autem D      34 hoc D      nocte] surrexerunt *add. repetens* D  
 34-35 et antequam lucesceret latenter fugerunt] a. lucesceret et f. l. R  
 ex eodem loco *add.* N

12 — VDRN<sup>2</sup>

2 cellula] cella D      4-5 constrinxit] construxit R      6 orationibus RN  
 intentius] se *add.* N      12 nobis occasiones R  
 13 in<sup>2</sup> *om.* D      offendam R      14 si] sic DR      15 qui... ut *om.* N  
 animae uirtutes R      16 ascenderat N      17 seruituti] in seruitute D  
 seruitudo R      forsitan] forte D *om.* R



aliis praedicans ipse reprobis inueniar», — quid nos humiles et peccatores oportet facere?

13 — Quidam salutationis causa profectus est ad alium seniore[m] qui cum omni gaudio suscepit eum, pro cuius aduentu parauit ad refectionem senior lenticulae cibum coctum. Dixeruntque inter se ut prius ex more complerent orationes et psalmodiam et postea cibum caperent. Cum autem ingressi fuissent psallebant, totumque psalterium compleuerunt. Nam et de Scripturis sanctis, tamquam legentes, duas prophetias, absentes habentes, recitarunt. Iamque dies abierat, noxque similiter recedebat. Dum ergo orarent et intente psallerent, illuxit alia dies et tunc intellexerunt quia iam nox transisset. Iterum autem inter se de uerbo Dei loquentes et spirituales sibi sensus exponentes, factum est ut circa horam nonam salutarerent se inuicem atque ita reuersus est qui uenerat senex ad cellulam suam. Nam refectionem cibi, qui paratus fuerat, obliti sunt accipere. Vespere autem facto, inuenit senior ollam plenam sicut parata fuerat et contristatus dixit: Heu, quomodo obliti sumus recipere pulmentum istud?

19 peccatores] pauperes N

13 — VDRN

*Incipit:* de illo qui ad eremum uenit salutare fratrem N 1 quidam] de senioribus sanctis *add.* R de sanctis senioribus N 2 seniorem] eremitam *add.* N 3 senior *om.* R 5 psalmodias N 6 totumque] ac totum R 7 duos R prophetas *per comp.* R 8 absentes habentes *om.* DN recitauerunt D 8-9 iamque dies abierat noxque similiter recedebat] i. (itaque N) d. a. (abierat N) nox s. r. DN *om.* R 9 ergo] autem R 10 alia *om.* R 11 spirituales N 12 exponentes sensus R salutantes R 13 atque ita] iter R quo R senex *om.* D 13-14 cellulam suam] cellam D 14 paratum R 15 accipere] dum cibum spirituales perceperunt *add.* N 16 paratum R et contristatus] contristatusque R heu *om.* R 17 recipere] per- N recidere R istud] illud R

- 14 — Referebat nobis abbas Zeno quia aliquando dum proficisceretur ad Palestinam, fatigatus de labore itineris, resedit sub arbore. Erat autem in proximo ager plenus cucumeris. Cogitavit autem in corde suo ut surgeret et tolleret sibi ad  
 5 refecionem de ipsis cucumeribus. Nihil enim, inquit, grande est quid habeo tollere. Respondensque ipse sibi et cogitationibus suis, ait: Quia fures, praecipientibus iudicibus, in tormenta mittuntur. Oportet ergo et me ipsum probare debeo si possim  
 10 sustinere tormenta quae latrones patiuntur. Exurgens autem eadem hora, stetit in aestu quinque dies, frixitque corpus suum et dixit cogitationibus suis: Quia non possum sustinere tormenta et ideo non oportet me furtum facere, sed magis exercere secundum consuetudinem opera manuum et de laboribus meis reficere, sicut Scriptura sancta dicit in psalmis: «Labores manuum  
 15 tuarum quia manducabis; beatus es et bene tibi erit». Quod certe cottidie in conspectu Domini psallimus.

15 — Dicebat sanctus abbas Dioscorus presbyter, qui in eremo Sceti habitabat: Quia non oportet monachum desideria gulae uentrisque facere. Nam in quo differt a saecularibus,

I,14 lin. 14-15 : *Labores... tibi erit* — cf. Ps. CXXVII, 2.

14 — VDRN

*Incipit*: de Zenone abbate N 1 Zenon N 2 proficisceretur D 3 proximum R 4 cogitabat R 4-5 cogitavit... cucumeribus *om.* D 5 de ipsis cucumeribus] de i. cucumeris R aliquot cucumeres N 6 quod N ipse sibi] s. i. D ipse *om.* R 7 praecipientibus] praesentibus R 8 et] ut N debeo] -am N *om.* R possum RN 10 eadem hora *om.* R frixitque] fremitque R suum *om.* D 11 tormenta sustinere D 12 et *om.* N exercere *om.* R 14 dicit sancta Scriptura R 15 quia] *om.* V qui D

15 — VDRN<sup>2</sup>

1-2 qui in eremo Sceti (*correx*) habitabat] q. in e. Scythia (Sciti R) h. VRN *om.* D 2 desiderio N 3 gulae *om.* D uentrisque] uentris N facere] satis- N

si expleat delectationes suas? Denique frequenter uidemus  
homines saeculares pro causa aegritudinis a deliciis et delecta- 5  
tionibus se abstinere, ut sanitatem corporis adipiscantur. Quanto  
magis diligenter studere debet monachus pro salute et incolumi-  
tate animae suae, ut possit ad illas ueras et aeternas paradisi  
delicias et ad caelestis regni gloriam peruenire?

16 — Quidam fratrum pergentes ad sanctum abbatem  
Ioseph, uirum perfectum, habitantem in Panepho, interrogaue-  
runt eum dicentes: Quomodo oportet nos suscipere aduenientes  
ad uisitandum nos peregrinos, siue spiritales fratres, si oportet, 5  
inquiunt, propter eos relaxare regulam abstinentiae nostrae?  
Cumque haec audisset senior ita eis respondit dicens: Quando  
aduenerint ad nos fratres peregrini oportet suscipere eos  
cum gaudio et propter caritatem Dei relaxemus abstinentiam  
nostram in aduentu eorum. Cum autem solitarii in cellulis nos- 10  
tris fuerimus et nullus aduenerit, necessarium est ut studium  
abstinentiae nostrae secundum consuetudinem regulae tenea-  
mus. Haec itaque audientes fratres, tamquam uiri Dei prae-  
ceptum susceperunt uerbum eius. Et cum gratiarum actione  
reuersi sunt ad cellulas suas.

4 delectationes] cogitationes D uidimus R 5 pro causa aegri-  
tudinis *om.* N 6 se *om.* N sanitates R 8 et *om.* D  
8-9 delicias paradisi R 9 ad *om.* R

16 — VDRN<sup>2</sup>

1 fratres D 2 habitantem in Panepho] et *add.* V in P. h. R.  
3 eum *om.* N 4 spirituales N 5 inquiunt] inquit V *om.* DN  
regulam relaxare D 6 haec *om.* R 7 fratres] et *add.* R eos  
suscipere D 8 Dei *om.* RN 9 aduentum RN solitarii *om.* D  
9-10 fuerimus in cellas nostras D 11 secundum consuetudinem  
regulae *om.* D 12 hoc R audientes *om.* R uiri] de *dub.* R  
*om.* N 14 cellulas] cellas DN suas] Expliciunt monita sancto-  
rum patrum *add.* VD

## II

### INCIPIVNT CAPITVLA

#### CONTRA SPIRITVM FORNICATIONIS

I — De discipulo cuiusdam sancti senioris qui impugnabatur ab spiritu immundo fornicationis.

5 II — De alio fratre quem ualde idem spiritus impugnabat.

III — De fratre quem idem spiritus fornicationis molestabat et abiit in ecclesiam et prostrauit se sanctis patribus.

IV — De beato abbate Moyse et de impugnatione eius.

10 V — De monacho qui in eremo Sceti habitabat et in cogitationibus laborabat et de quadam muliere.

VI — De duobus fratribus monachis qui in ciuitatem abierunt ut opera manuum distraherent.

15 VII — De alio fratre quem spiritus fornicationis impugnabat et abiit ad quendam sanctum patrem et confessus est ei et rogabat ut oraret pro eo.

VIII — De monacho qui in eremo habitabat et de puella quae erat ex genere eius et abiit ad alium.

#### II — INCIPIVNT — VD *om.* RN

4 ab] a D	8 Moysi D	10 et <i>om.</i> D	11 duobus]
iudicibus D	in <i>om.</i> D	12 abierunt ]ad- D	14 est <i>om.</i> D
15 et <i>om.</i> D	rogat V	16 in <i>om.</i> D	17 quae <i>per comp.</i> D:
qui V			

IX — De monacho quem impugnabat spiritus fornicationis et artem aliquando exercebat figuli.

X — De fratre qui interrogabat sanctum Poemen dicens: Spiritus fornicationis et irae impugnat me, et responsio sancti Poemenis. 20

XI — Exhortatio sancti Macarii ad monachos.

## II

## INCIPIVNT

EXEMPLA SANCTORVM PATRVM  
CONTRA SPIRITVM FORNICATIONIS

1 — Discipulus cuiusdam sancti senioris impugnabatur a spiritu fornicationis, sed auxiliante gratia Domini resistebat uiriliter pessimis et immundis cogitationibus cordis sui, ieiuniisque et orationibus et in opere manuum affligebat se uehementer. Beatus autem senior uidens eum ita laborantem dixit ei: Si uis, o fili, deprecor Dominum ut auferat a te istam impugnationem. Ille uero respondens dixit: Video, pater, quia etsi laborem 5

19 exercuerat V 20 Poemen] Panem D 21 impugnat] impignabat D 21-22 et responsio sancti Poemenis om. V 23 monachos] Expliciuunt capitula add. VD

II — VDN om. R

incipiunt exempla sanctorum patrum contra spiritum fornicationis] i. capitula s. p. c. f. s. et immundas cogitationes cordis sui D sanctorum om. N

1 — VDRN

1 sancti om. D 3 sui om. D 3-4 ieiuniisque] ieiuniis R  
4 opere] opera D 5 ei om. R 7 uero] autem D dixit] ei  
add. DN etsi] si R

- sustineo, sentio fructum tamen in me proficere bonum, quia  
 per occasionem impugnationis huius et amplius ieiunio et  
 10 amplius in uigiliis et orationibus tolero. Verumtamen deprecor  
 te ut exores pro me misericordiam Domini, ut det mihi uirtu-  
 tem quatenus possim sustinere et certare legitime. Tunc  
 sanctus senior dixit ei: Ecce nunc cognoui, fili, quia fideliter  
 intelligis hoc spiritale certamen, per patientiam ad salutem  
 15 animae tuae proficiat. Ita enim et sanctus Apostolus dicit:  
 «Certamen bonum certauit, cursum consummauit, fidem seruaui;  
 de cetero reposita est mihi corona iustitiae, non solum autem  
 mihi, sed et omnibus qui diligunt aduentum Domini».

- 2 — Et alius etiam frater uehementer impugnabatur ab  
 immundo spiritu fornicationis. Exurgens autem nocte, abiit  
 ad quendam sanctum probatum in uirtutibus seniore, confessus  
 est ei quam patiebatur impugnationem a spiritu fornicationis.  
 5 Haec cum audisset senior consolabatur eum spiritualibus uerbis  
 de uirtute patientiae dicens, sicut scriptum est: «Viriliter agite  
 et confortetur cor uestrum, omnes qui speratis in Domino».

II,1 lin. 16-18 : *Certamen... Domini* — cf. II Tim. IV, 7-8.

II,2 lin. 6-7 : *Viriliter... Domino* — cf. Ps. XXX, 25.

8 tamen fructum N 9 et<sup>1</sup> om. N amplius] in add. N  
 10 in om. R uigilias R orationes R 11 te om. R pro  
 me om. D 13 ei om. N fideliter] spiritualiter N 14 spi-  
 rituale N per patientiam om. D 14-15 ad salutem animae  
 tuae proficiat] proficiet ad s. a. t. D ad s. aeternam a. t. pro-  
 ficiet (proficere R) RN 15 dicit] ait D 18 et omni-  
 bus] hiis R Domini] eius D

2 — VDRN

*Incipit:* de fratre qui impugnabatur a fornicatione N 1 et  
 om. N uehementer om. R 2 nocte] et add. V 3 sanctum]  
 et add. RN in om. D seniore] et add. R confessus] confes-  
 susque N 4 ei om. D impugnationem] impugnantiam R  
 5 eum] docens add. R spiritualibus RN

Reuersusque est frater ad cellulam suam et ecce iterum impugna-  
 tio insistebat ei. Ipse autem festinabat denuo pergere ad  
 supradictum seniore[m]. Videns autem eum senior, iterum doce- 10  
 bat eum ut patienter et indefesse sustineret. Dicebatque ei: Crede,  
 fili, quoniam mittet tibi Dominus Iesus Christus auxilium de  
 caelo sancto suo, ut possis superare passionem hanc. Confor-  
 tatus autem frater, monente sancto seniore, remeavit ad cellulam 15  
 suam et iterum impugnatio ualde conturbauit cor eius; et  
 statim eadem hora noctis reuersus est ad seniore[m] et depre-  
 cabatur eum ut intentius pro eo Dominum exoraret. Dixitque  
 ei senior: Ne pertimescas, neque resoluaris, neque abscondas  
 cogitationes tuas. Ita enim confusus spiritus immundus discedet. 20  
 Nihil enim ita allidit uirtutem daemonum quomodo si quis  
 secreta immundarum cogitationum reuelauerit sanctis ac beatis-  
 simis patribus. Viriliter age, o fili, et confortetur cor tuum  
 et exspecta Dominum. Vbi enim durior pugna, ibi gloriosior  
 erit et corona. Denique sanctus propheta Esaias dicit: «Numquid 25  
 inualida est manus Domini ad saluandum aut aggrauata est  
 auris eius ut non exaudiat?». Considera ergo, filiule, quia

II,2 lin. 22-23 : *Viriliter...Dominum* — cf. Ps. XXVI, 14.  
 lin. 24-26 : *Numquid... exaudiat* — cf. Is. LIX, 1.

---

8 est *om.* R cellulam] cellam DN 9 ei *om.* R festinauit RN  
 10 eum *om.* N iterum] ita R 11 crede] certa R credo N  
 12 quoniam] et *add.* R mittet tibi *om.* R Christus] dabit tibi  
*add.* R auxilium *om.* D 12-13 de caelo *om.* R 13 suo  
*om.* R passionem hanc *om.* R 14 cellulam] cellam DN  
 15 conturbabat RN 16 noctis *om.* D est *om.* R 17 eum]  
 dicens *add.* R pro eo *om.* R 18 ei *om.* R pertimescas] p.  
 (permittas R) fili RN 19 confusus] confessus D spiritus  
 immundus discedet] i. s. discedit R a te *add.* N 22 patri-  
 bus] uiris D o *om.* R 23 enim *om.* R 24 erit *om.* R et  
*om.* D 25 aggrauata] ingrauata N 26 quia] qua V

certamen tuum exspectat Dominus, tibi que contra diabolum dimicanti parat aeternitatis coronam. Ideo monet nos sancta Scriptura dicens: «Quia per multas tribulationes oportet nos  
30 introire in regnum caelorum». Haec autem audiens frater, confirmatum est cor eius in Domino et permansit apud senio- rem, noluitque ultra reuerti ad cellam suam.

3 — Quodam tempore impugnabatur quidam ex fratribus in passione fornicationis et contende- bat intente, per abstinentiae constantiam, ut non condescenderet immundis desideriis carnis. Post haec autem ueniens die dominico in ecclesiam, quae est  
5 in eremo monachorum, prostrauit se in terram cum lacrimis coram omni multitudine monachorum et confessus est eis quam patiebatur impugnationem. Haec autem audientes sancti seniores et presbyteri praeceperunt omni multitudi- ni fratrum  
10 ut per totam septimanam amplius super consuetudinem ieiunarent et uigilarent, deprecantes Dominum ac Saluatorem nostrum Iesum Christum ut effugaret daemonem fornicationis ab eo. Et ex tunc quieuit omnis impugnatio a supramemorato fratre.

II,2 lin. 29-30 : *Quia per... caelorum* — cf. Act. XIV, 21.

28 coronas D      29 quia] quoniam N      30 introire] intrare V  
in om. D      autem om. D      31 confirmatum] confortatum N  
apud senio-rem] cum seniore D      ad s. R      32 cellam] cellulam R

3 — VDRN<sup>2</sup>

1 ex] de RN      2 in] a N      passionem R      2-3 contende-  
bat... constantiam] contente per abstinentiam et orationem instantem R  
3 carnis om. D      4 dominica N      ecclesia D      4-5 mona-  
chorum quae erat in eremo N      6 monachorum] fratrum N  
7 autem om. DN      11 Iesum om. RN      effugarent D      12 et  
om. R      a om. D



4 — Beato abbati Moysi, qui habitabat in loco qui appellatur Petra, quodam tempore in tantum imposuit durissimam impugnationem fornicationis daemon ut non praeualeret sedere in cella sua. Sed abiit ad sanctum abbatem Isidorum et retulit ei uiolentiam impugnationis suae. Cumque de Scripturis sanctis abbas Isidorus proferens testimonia consolaretur eum et ut ad cellulam suam reuerteretur rogaret, noluit abbas Moyses pergere ad cellam suam. Tunc abbas Isidorus pariter cum abbate Moysse ascenderunt in superiora cellulae suae et dixit ei Isidorus: Respice ad Occidentem et uide. Cumque respiceret, uidit multitudinem daemonum uehementer cum furore perturbari et quasi ad proelium praeparatos, festinantesque pugnare. Dixit autem ei abbas Isidorus: Respice iterum ad Orientem et uide. Cumque respiceret, uidit innumerabiles multitudines sanctorum angelorum, gloriosum et splendentem super lumen solis caelestium uirtutum exercitum. Ait autem ei abbas Isidorus: Ecce quos in Occidente uidisti ipsi sunt qui impugnant etiam sanctos Dei. Nam quos ad Orientem esse conspexisti ipsi sunt quos ad adiutorium sanctis suis mittit Dominus. Cognosce ergo quia plures sunt nobiscum, sicut dixit Eliseus propheta,

II,4 lin. 19-21 : *Cognosce...illis* — cf. IV Reg. VI, 16.

4 — VDRN

*Incipit:* de abbate Moysse N 1 beatus abbas Moyses D  
 qui *om.* D 2 imposuit] ei *add.* R 5 ei *om.* D 6 et  
*om.* D ad] in N 7 cellulam] cellam D reuerteretur] rediret  
 et D rogaret] eum *add.* R 8 cellam] cellulam R 9 ascen-  
 dit N superiora] supera R ei *om.* N Isidorus *om.* R  
 10 respexisset D 11 multitudines RN 13 ei *om.* D 14 in-  
 numerabilem multitudinem RN 14-15 sanctorum angelorum]  
 a. s. D et *add.* N 15 gloriose R et *om.* R lumine R  
 17 Occidentem D etiam qui impugnant R 18 ad<sup>1</sup>] in D  
 Oriente D 19 sanctis suis mittit] s. s. mittet V m. s. suis R  
 cognosce ergo *om.* R quia] qui R 20 plures N

quam cum illis. Verum etiam et sanctus apostolus Ioannes dicit:  
 «Quia maior est qui in nobis est quam qui in hoc mundo». Et ita confortatus in Domino sanctus abbas Moyses reuersus est ad cellam suam, gratias agens et glorificans Domini nostri  
 25 Iesu Christi bonitatis potentiam.

5 — Erat quidam frater in eremo Scti, promptus et alacer in opere Domini et in spiritali conuersatione. Huic autem inimicus generis humani, diabolus, misit in cogitationes ut recorderetur cuiusdam nocte sibi mulieris pulchritudinem, et turbabatur in cogitationibus cordis sui uehementer. Contigit autem  
 5 ut ex dispensatione Domini alius quidam frater de Aegypto ueniret ad uisitandum eum in caritate Christi. Et dum inter se loquerentur euenit sermo ut diceret ille de Aegypto frater quia mortua est illa mulier. Ipsa autem erat in cuius persona  
 10 impugnabatur supradictus frater. Haec autem cum audisset ille, post paucos dies abiit ad locum illum ubi positum erat corpus illius defunctae mulieris et aperuit nocte sepulcrum eius et de pallio suo tersit saniem putredinis eius, reuersusque est ad cellam suam, ponebatque illum fetorem in conspectu suo  
 15 et dicebat cogitationibus suis: Ecce habes desiderium quod

II,4 lin. 22 : *Quia maior... mundo* — cf. I Ioan. IV, 4.

21 quam cum illis *om.* VDN etiam *om.* D Ioannes apostolus R  
 22 in nobis] nobiscum D in<sup>2</sup> *om.* D 23 ita] his auditis N 24 ad]  
 in N cellam] cellulam V 25 bonitatis] Saluatoris R *om.* D

5 — VDRN

*Incipit*: de monacho qui habitabat in eremo Scythiae N 1 Scti]  
 Scythiae N 2 in opere Domini] hians post Dominum R et  
*om.* R spiritali RN 3 in *om.* R 4 pulchritudinis N  
 6 ex dispensatione Domini (*om.* R) ut RN 7 uenit D 8 loque-  
 bantur R frater de Aegypto N 9-10 erat... frater] erat persona  
 de qua supradictus frater tentatus fuerat R 11 ille *om.* R  
 12 aperuit] in *add.* D 13 reuersusque] et reuersus RN 14 cel-  
 lam] cellulam V

quaerebas, satia te ex eo. Et ita in illo fetore cruciabat semetipsum usquequo cessaret ab eo sordidissima impugatio.

6 — Duo fratres monachi abierunt in proximam ciuitatem ut distraherent quae manibus suis per totum annum operati fuissent. Vnus autem ex eis egressus est ut quaedam sibi necessaria emeret. Alius autem solus in hospicio remansit et instigante diabolo cecidit in fornicationem. Cum autem reuersus uenisset, ille qui egressus fuerat frater dixit ei: Ecce distraximus quae necessaria erant; reuertamur nunc ad cellulam nostram. Respondens autem frater dixit ei: Non possum reuerti. Cumque deprecaretur eum frater suus dicens: Quapropter non reuerteris ad cellulam? Et ille confessus est ei dicens: Quia ego cecidi in fornicationem. Volens autem lucrari et saluare animam eius frater suus, cum sacramento dixit ei: Quia et ego, cum egressus essem a te, lapsus sum similiter in fornicationem. Verumtamen reuertamur et ponamus nos in poenitentiam. Omnia enim possibilia sunt Deo, ut poenitentibus nobis indulgentiam donare dignetur, ut non in aeterno igne tormentis et poenis in inferni tartaro cruciemur, ubi

II,6 lin. 15 : *Omnia... sunt Deo* — cf. Luc. I, 37.

16 eo] quo R in *om.* R

6 — VDRN

*Incipit*: de duobus monachis (*om.* R) fratribus RN 1 duo] quidam *add.* R 2-3 operati fuissent] o. sunt D laborassent R 3 est *om.* V 4 remansit in hospicio D 5 cum] cumque R 6 reuersus *om.* D 7 cellulam] cellam N 8 autem *om.* R frater] alius R ei *om.* D 9 frater *om.* D 10 et *om.* N 11 ego] cum discessisti a me *add.* N fornicationem] ideo nolo reuerti *add.* N 11-14 uolens... fornicationem *om.* D 13 egressus essem] separatus fuisset N a te] autem R 13-14 in fornicationem similiter N 14 reuertamur] ad cellulam *add.* N 15 poenitentia D Deo] Domino N 15-16 poenitentibus] petentibus V 16-17 aeternum ignem D 17 in *om.* DR inferno D

poenitentia non est, sed ignita semper et sine cessatione dira  
 tormenta. Ita ergo reuersi sunt in cellulam suam. Abierunt  
 20 autem ad sanctos patres et prostrauerunt se ad uestigia eorum.  
 Cum multo ululatu et lacrimis gementes confessi sunt quae  
 euenisset eis ruina et tentatio. Quicquid autem praeceperunt  
 sancti seniores et docuerunt eos in causa poenitentiae, ita omnia  
 fecerunt. Ille ergo alius qui non peccauerat, sed pro fratre,  
 25 qui peccauerat, poenitentiam agebat, quasi et ipse peccasset.  
 Videns autem Dominus laborem caritatis eius, infra pauco  
 tempore reuelauit sanctis patribus qualis esset causa et quia  
 propter caritatem illius, qui non peccauerat se affixerat pro  
 salute fratris. Idcirco indulgentiam donauit Dominus ei qui  
 30 peccauit. Ecce hoc ita est sicut scriptum est: «Qui posuit  
 animam suam pro salute fratris sui».

7 — Alius enim quidam frater molestiam sustinebat a  
 spiritu fornicationis. Abiit autem ad quendam probatissimum  
 seniore[m] et deprecabatur eum dicens: Pone tibi sollicitudinem,  
 beatissime pater, et ora pro me, quia grauit[er] me impugnat

II,6 lin. 30-31: *Qui posuit... fratris sui* — cf. Ioan. XV, 13; I Ioan.  
 III, 16.

18-19 dira tormenta] t. dura R 19 in] ad DN 21 lacrimis ge-  
 mentes] l. et N 21-22 eis quae euenisset R 22 et om. R  
 tentationis R 23 poenitentiae] sapientiae D 24 ergo] uero D  
 alius] frater add. N non om. R sed om. N 25 et om. N  
 peccasset] eo quod multam caritatem circa eum haberet add. N  
 26-27 pauco tempore] -um -us D -a -ora RN 27 et om. D  
 quia] se add. R 28 non om. R peccauerat] sed add. D et add. N  
 se om. R 29 salute] eius add. R donauerit N Dominus  
 ei] ei D. R Dominus om. N 30 ita om. D

7 — VDRN

1 enim om. RN molestiam sustinebat] molestiam om. D s. m. R  
 a] ab V 2 autem] ergo R 3 deprecabatur] precabatur N

passio fornicationis. Haec cum audisset, senior orabat intente 5  
 diebus ac noctibus pro eo deprecans Domini misericordiam.  
 Iterum autem ueniebat idem frater et rogabat seniore[m] ut  
 magis ac magis intentius pro eo oraret. Similiter autem cum  
 omni sollicitudine beatus senior orabat pro eo. Frequenter  
 autem uenientem ad se monachum uidens senior et deprecantem 10  
 se ut oraret, ualde contristatus admirabatur quia non exaudiret  
 Dominus orationes eius. Eadem autem nocte reuelauit ei  
 Dominus, quae circa illum monachum erant negligentiae et  
 ignauiae resolutio, et delectationes corporeas cordis eius. Ita  
 autem ostensum est sancto seniori: Vidit sedentem illum 15  
 monachum et spiritum fornicationis in diuersis mulierum formis  
 ante illum ludentem et ipsum cum eis delectari; angelum  
 autem Domini astantem et indignantem grauiter contra eundem  
 fratrem quia non surgebat neque prosternebat se in orationibus  
 ad Dominum, sed magis delectabatur in cogitationibus suis. 20  
 Haec ergo ostensa sunt per reuelationem sancto seniori.  
 Cognouit autem quia culpa et negligentia illius monachi erat,  
 ut non exaudirentur orationes eius. Et tunc dixit ei senior:  
 Quia tua culpa est, frater, quia condelectaris cogitationibus  
 malis. Impossibile est enim discedere a te spiritum fornicationis 25  
 immundum, aliis orantibus et Deum pro te deprecantibus,  
 nisi et tu ipse laborem assumas in ieiuniis et orationibus et

5 passio] spiritus R senior *om.* N orauit R 6 ac] et D  
 pro eo *om.* D 8 ac magis] et m. D *om.* R 9 orabat] -uit R  
 intentius *add.* RN 10 ad se ueniente monacho R depre-  
 cante R 12 ei *om.* N 14 ignauiae] ignominiae R reso-  
 lutio] -onis D dissolutio R cordis eius corporeae N 14-  
 15 ita... seniori *in margine* V 17 ante illum] i. autem N ipsum  
*om.* N delectari] uidebat *add.* N 17-18 autem angelum N  
 18 indignantum R 19 neque] et non D 20 Dominum] Deum R  
 21 sunt ostensa N 22 illius] eius V 23 eius] illius V  
 24 quia<sup>1</sup>] quoniam D frater *om.* R quia<sup>2</sup>] qui RN 25 enim  
 est V 26 aliis orantibus] aliorum orationibus DN et] aliis *add.* N  
 Deum *om.* R deprecantibus pro te R 27 ipse *om.* R

uigiliis multis, cum gemitu deprecans ut misericordiam suam et  
 adiutorium gratiae suae praebeat tibi Dominus Christus, ut  
 30 possis resistere malis cogitationibus. Nam et medici qui corpo-  
 ribus hominum medicamenta conficiunt et adhibent, quamuis  
 omnia cum summa diligentia faciant, uerumtamen si ille  
 qui infirmatur non se absteineat a noxiis cibis, uel de aliis  
 quae solent laedere infirmitates, nihil ei proficit cura et dili-  
 35 gentia et sollicitudo medicorum. Similiter etiam et animae  
 languoribus eueniet, licet cum omni intentione mentis et ex  
 toto corde sancti patres, qui sunt medici spirituales, exorent  
 misericordiam Christi Domini Saluatoris nostri pro eis qui  
 orationibus eorum se postulant adiuuari. Sed nisi et ipsi cum  
 40 omni intentione mentis, tam in orationibus quam in omni  
 opere bono spiritali, quae Deo placita sunt fecerint, non eis  
 proficient, negligentibus et resolutis, ad salutem animae ora-  
 tiones sanctorum. Et haec audiens frater, compunctus est corde  
 et cum omni sollicitudine, secundum doctrinam senioris, tam  
 45 in ieiuniis quam in orationibus et uigiliis, semetipsum afflixit  
 et meruit misericordiam Domini. Et recessit ab eo spiritus  
 immundae passionis.

8 — Erat quidam monachus et habitabat in eremo. Quaedam autem puella, ex genere et cognatione eius, post plurimos

28 ut] *om.* D et *add.* R 29 suae] ut *add.* D *om.* R Domi-  
 nus] Iesus *add.* RN 30 cogitationibus malis D 30-31 cor-  
 poris R 31 adhibent] curam *add.* D 31-32 omnia quamuis R  
 32 cum *om.* D faciunt D 33 se absteineat] a. se R abstei-  
 neat *om.* D de] ab R 34 infirmitates] infirmantes N eis R  
 proficiet R 35 et<sup>2</sup>] in *add.* V 36 euenit D licet] enim  
*add.* V mentis *om.* R et *om.* D 37 spirituales N 39 sed  
*om.* R et ipsi *om.* R 41 bono *om.* RN spiritali RN  
 placitas fuerint R fecerint] faciant D *om.* R 43 frater *om.* R  
 corde *om.* R 46 spiritus *om.* R 47 immunda passio R

8 — VDRN

*Incipit:* de monacho lapso N

annos reperit in quo loco supradictus monachus habitaret et,  
 instigante diabolo, abiit in illum desertum locum requirens  
 eum. Quo inuento, ingressa est cellulam eius, asserens ei quia 5  
 ex genere et parentela eius fuisset, mansitque ibi apud eum.  
 Et cecidit in ruinam peccati cum ea. Erat autem alius mona-  
 chus et ipse in eremo degens qui, cum ad refectionis horam  
 uenisset, gillo, quem cum aqua ad potum sibi praeparauerat,  
 uertebat se et tota illa aqua fundebatur in terram. Hoc autem 10  
 per aliquot dies cum ad refectionem uenisset, ita fiebat et  
 effundebatur in terram ut non possit bibere. Cogitauit autem  
 apud semetipsum ut abiret ad illum alium monachum et  
 diceret ei de gillone qui uertebat se et tota aqua effundebatur.  
 Igitur cum in itinere, uespere facto, in quodam antiquo et 15  
 diruto templo idolorum dormiret, audiuit daemones inter se  
 loquentes: Quia in ista nocte praecipitauimus illum monachum  
 in fornicationem. Et haec audiens admirabatur. Cum autem  
 illuxisset dies, peruenit ad monachum et inuenit eum grauissima  
 tristitia opressum et dixit ei: Quid faciam, frater, quia qua 20  
 hora reficere uoluero statim gillo, quem ad usum aquae habeo,  
 uertit se et effunditur aqua et non habeo quid bibam? Tunc  
 respondit ei supradictus monachus: Tu quidem uenisti interro-  
 gare me quia gillunculus tuus uertit se et effunditur aqua;  
 ego autem quid habeo facere, quia hac nocte cecidi in fornicatione 25  
 ? Respondensque frater dixit ei: Et ego hoc iam cognoui.

3 reperit] com- R. perceptit N. habitabat N. 4 illum om. R.  
 desertum locum] l. (-o R) d. (-o R) DR. 5 cellulam] cellam N.  
 6 eius et parentela D. esset N. 7 ruina R. 9 sibi om. D.  
 10 terra V. haec D. 11 cum per aliquot dies DR. 12 effun-  
 debatur] aqua add. N. terra VR. non om. R. posset DRN. cogi-  
 tabat R. 15 factum R. 16 idolorum templo D. 18 admi-  
 rabatur] mirabatur R. 19 ad... inuenit om. R. 20 quia om. R.  
 20-21 qua hora] h. q. me D. 22 effundetur V. quid] quae R.  
 quod N. bibam] bibere possim R. 23 respondens R. ei] sibi D.  
 monachus] dicens add. N. quidem] inquit N. 24 uerti D.  
 25 ego autem om. R. quia] in add. DR. qui N. 26 respon-  
 ditque N. frater] et add. N. hoc iam om. R.

Dixit autem ei alter: Et unde hoc potuisti cognoscere? Et ille ait: Dum in itinere nocte quiescerem, audiui daemones inter se loquentes et glorificantes de lapsu tuo et nimis contristatus sum. Tunc respondens ille monachus dicit: Ecce ego egredior et uado in saeculum. Haec ille audiens, deprecabatur eum dicens: Noli hoc agere, frater, sed magis patienter sustine et permance in hoc loco. Nam mulierem expellamus et reuertatur ad locum suum. Manifeste enim ista exquisitio artis, maligni diaboli est. Magis autem oportet ut maneat in hoc loco in afflictione cordis et corporis, et cum intimi cordis gemitu ac lacrimis usque in exitum uitae deprecare Domini ac Saluatoris nostri pietatem, ut possis inuenire misericordiam in die illo terribili magni iudicii Dei.

9 — Erat quidam frater in eremo, habitabat autem in loco qui dicitur Cellia, et impugnabant eum daemones in passione fornicationis. Cogitauit autem apud semetipsum dicens: Quia forsitan oportet me magis in opere manuum laborare, ut extingatur carnalis sensus meus. Erat autem idem frater arti figulus. Exsurgens autem fecit ex luto et plasmavit quasi figuram mulieris et dixit cogitationibus suis: Ecce uxor tua; necessarium est ergo ut super consuetudinem addas

27 autem ei alter *correxi*: ei *om.* V alter *om.* VR autem *om.* D autem ei ille N hoc *om.* R 28 nocte] -tu R *om.* N 29 glorificantes] gloriantes N 30 respondens ille monachus dicit] r. i. m. ait D respondit ei i. m. dicens (*om.* R) RN 31 uado in *eras.* D audiens ille D 32 dicens *om.* R 33 permance] mane R hunc locum R 34 manifesta N 35 hunc locum R 36 afflictionem R intimo N 37 in] ad N exitu R ac *om.* R

9 — VDRN

*Incipit*: de eremita impugnato N 1 in eremo] et R autem *om.* R 2 in] spiritu *add.* R 3 cogitabat R 4 in opere] opera D 5 extingatur] extenuetur R idem] *om.* D iste R 6 arti] -e RN auri D exsurgens autem] idem autem uxorem R 7 quasi *om.* N



in opere manuum tuarum. Et post aliquantos dies iterum simi-  
 liter fecit ex luto et plasmavit quasi filiam sibi et dixit cogita- 10  
 tionibus suis: Ecce generavit uxor tua filiam; necessarium est  
 ergo ut magis magisque amplius exerceas opera manuum, ut  
 possis pascere et uestire te et uxorem et filiam tuam. Et ita  
 pro nimio labore maceravit corpus suum, ut non praeualeret 15  
 iam supportare tantum laborem. Tunc dixit cogitationibus  
 suis: Quia si non praeuales nimium istum sustinere laborem 15  
 neque mulierem requiras. Videns autem Deus seruantem  
 propositum mentis eius pro certamine castitatis, abstulit ab eo  
 molestiam impugnationis daemonum. Et glorificavit Dominum 20  
 super magnitudine gratiae eius. 20

**10** — Quidam frater interrogavit beatum abbatem Poemen  
 dicens: Quid faciam, pater, quia impugnat me passio fornicationis  
 etiam et rapior in passionem furoris? Et respondens dixit  
 ei sanctus senior: Ideo utique Dauid propheta dicebat: «Quia  
 leonem quidem percutiebam, nam et ursum frequenter suffoca- 5  
 bam». Hoc autem intelligitur: Quia furorem abscebam ab  
 animo meo, fornicationem autem in laboribus affligebam.

II,10 lin. 4-6 : *Quia leonem... suffocabam* — cf. I Reg. XVII, 34-36.

9 in opere] opera D tuarum om. D 9-10 similiter om. R  
 10 sibi om. R 11 generavit uxor tua] u. t. genuit tibi D filiam  
 om. R 12 magisque] quam R ac magis N manuum] tuarum  
 add. R 13 et uestire te et uxorem et filiam uam] u. et f. tuam et  
 uestire R te om. N 13-14 ita pro nimio] i. prae n. V nimium  
 i. p. R 14 macerabat R 15 iam om. R 16 praeuales]  
 uales D 17 seruantem] seruentis R seruens N 20 magni-  
 tudinem D eius] suae D

**10** — VDRN

1 beatum om. D Poemen] Pamen D Phimenem R Poemen-  
 nem N 2 quid] uis add. D quia om. D 3 et' om. R  
 4 ei om. D propheta om. D 6 autem] ita add. RN intelli-  
 gitur] -legitur V ita add. D 6-7 ab animo meo] apud -um -um R  
 7 labore R affligebam] Explicit de impugnatione (spiritus add. D)  
 fornicationis add. VD Explicit add. R

### III

#### INCIPIIT

#### EXHORTATIO SANCTI MACARII AD MONACHOS

- 1 — Sanctus abbas Macarius commonebat saepe discipulos suos et docebat eos dicens: Mementote semper quia ante conspectum Dei Omnipotentis conuersamini, qui prospicit omnium hominum cogitationes et singulorum corda scrutatur.
- 5 Quod etiam et sanctae Scripturae testantur et Apostolus docet et dicit: «Viuus enim est sermo Dei et efficax et acutior omni gladio ancipiti et pertingens usque ad diuisionem animae ac spiritus et discretor cogitationum et intentionum cordis et non est ulla creatura inuisibilis in conspectu eius, omnia autem nuda
- 10 et aperta sunt oculis eius». Ideoque, fratres, si nos pulsauerit delectatio carnalis et concupiscentia fornicationis, festinemus repellere et abicere de corde nostro sordidissimam et pessimam cogitationem, inuocantes intentissime adiutorium Domini nostri Iesu Christi in orationibus ac ieiuniis, ut uirtute potentiae suae
- 15 eripiat nos et protegat et conterat Satanam sub pedibus nostris.

III,1 lin. 6-10 : *Viuus... oculis eius* — cf. Hebr. IV, 12-13.

#### III — INCIPIIT — VDR *om.* N<sup>2</sup>

##### 1 — VDRN<sup>2</sup>

1 abba V commonebat] commendabat D saepe *om.* N  
3 conspectu R 5 sancta Scriptura testatur R 6 et dicit]  
dicens RN enim *om.* N 7 diuisionem] uisionem D ac] et DN  
11 carnalis] carnis N et *om.* R 12-13 sordidissimam... cogi-  
tationem *om.* R 13 inuocantes] orantes R intentissime *om.* R  
14 ut] et N suae] ut N 15 et protegat *om.* R

Oportet enim ut etiam nosmetipsos corripiamus, dicamusque ad animam nostram: Quoniam delectatio quidem corporis, quae te male oblectat, ad modicum tempus est. Nam tormenta et cruciatus animae et corporis in igne aeterno gehennae in perpetuas permanent poenas. Illud etiam admonentes animam nostram, dicamus: Si erubescis homines similes tui peccatores, ne uideant te peccantem, quare non magis reuereri et timere debes maiestatem Omnipotentis Dei qui omnium secreta cordis considerat? Sicut Apostolus ait: «Omnia nuda et aperta sunt oculis eius». Talibus ergo cogitationibus si increpemus nosmetipsos, continuo timor Domini uenit in corde nostro et in amore castitatis confirmatur anima nostra, etiam et ad omnia praecepta Domini facienda incitatur, adiuuante nos gratia Domini nostri Iesu Christi, qui seruientibus sibi in sanctitate et castitate promisit caelestia et aeterna in illa gloriosa futuri saeculi uita donare et cum angelis sanctis in perpetuo luminis splendore semper gaudere.

III,1 lin. 24-25 : *Omnia... oculis eius* — cf. Hebr. IV, 13.

18 oblectat] de- R      19 ignem aeternum R      20 admonentes] ut (*om.* R) ad *add.* RN      21 erubescit hominis similis R  
 22 peccare D      non *om.* R      reuereri] uereri N      23 debes] negligis D      Dei Omnipotentis N      omnia D      24 ait Apostolus N      sunt] in *add.* R      25 talia N      cogitationibus] cogitantibus N      increpamus N      26 Domini] Dei D      in<sup>2</sup> *om.* R  
 amorem N      27 confirmant *dub.* D      anima nostra etiam] -m e. D      e. a. n. R      et *om.* N      30 aeterna] bona *add.* R      saeculi futuri R      31 et *om.* RN      sanctis angelis N      perpetuum R  
 31-32 splendorem R      32 gaudere] Explicit *add.* V      amen *add.* R

IV

INCIPIVNT CAPITVLA

DE VIRTVTE HVMLITATIS ET PATIENTIAE  
MONITA SANCTORVM

- I — De monacho in eremo commorante qui seruus quo-  
5 rundam erat.  
II — De duobus fratribus monachis qui pariter manebant.  
III — De monacho qui foras ciuitatem Constantinopolim  
fuit temporibus Theodosii imperatoris.  
IV — De sancto Poemene, quae referebant sancti seniores.  
10 V — De eodem sancto Poemene, quando conuenerunt ad  
eum plurimi monachorum et de causa humilitatis et exempli  
Ioseph.  
VI — De eodem sancto Poemene, quando a multis rogatus  
est ut peteret iudicem pro clausis in carcere.  
15 VII — De humilitate et patientia sancti Agathonis.  
VIII — De amore humilitatis sancti Isaac.  
IX — De duobus fratribus simul habitantibus et sancto  
seniore qui uoluit probare humilitatem eorum.  
X — De sancto seniore qui multo tempore in aegritudine  
20 corporis laborabat.  
XI — De beato Apollo ad quem adduxerunt uexantem.

IV — INCIPIVNT — VDR *om.* N

1 incipit V      2 de uirtute] ad uirtutem R      patientiae]  
sapientiae ac D      3 sanctorum] patrum religiosorum *add.* D      patrum  
I capitulum *add.* R      4 in eremo commorante] c. in e. D      in e.  
commanente R      7 Constantinopoli V      8 tempori R      impe-  
ratoris] in peruisa humilitatis exemplum Ioseph protulit R      9 Poe-  
mene] Poeme V      Phimeni R      quae *correx*i: quem *per comp.* VDR  
sancti] patres *add.* D      10 sancto *om.* D      Poemene] Pamene D  
Phimeni R      11-12 et de causa humilitatis et exempli Ioseph] c. h.  
exempli I. D      *om.* R      17 et] de *add.* R      sancto] senio *add.* D  
19 multum R      20 laborabat] labore R      21 adduxerunt] duxe-  
runt D

- XII — De monacho qui habitabat in eremo et de optimo et Deo placito discipulo eius.
- XIII — De discipulo abbatis Pauli qui leenam ligatam ad monasterium perduxit. 25
- XIV — De discipulo quem misit abbas suus ad hauriendam aquam.
- XV — De discipulo cuiusdam senioris quem misit seu iactavit de cella abbas eius.
- XVI — De perfecta humilitate fratris Eulalii. 30
- XVII — De beati Athanasii miranda patientia <et> humilitate.
- XVIII — De monacho quem iussit abbas ut pasceret porcos.
- XIX — De iuvene qui uenit ad beatum Macarium desiderans monachus esse. 35

IV

INCIPIUNT

MONITA ET EXEMPLA SANCTORVM PATRV  
DE VIRTUTE HUMILITATIS ET PATIENTIAE

1 — Dicebant sancti seniores patres de quodam monacho iam seniore in Scti eremo commorante, quomodo seruus quorundam erat et per singulos annos descendebat de eremo

22 de<sup>2</sup> om. R optimum R 23 Deo] de D placitum disci-  
puli R 25 perduxit] ad- R 29 de cella abbas eius] de c.  
abbatis e. V a. e. de c. D 30 de... Eulalii om. D 31 patien-  
tia R: patientie VD et restitui humilitatis R 33 cui R  
34 iuvene] iuniore R beatum] abbatem add. R 35 esse] Expli-  
ciunt capitula add. VD

IV — VDRN

3 patientiae] sapientiae D I capitulum add. R

1 — VDRN

2 Scti] Scythiae N commorante] commanente RN

- in Alexandriam ubi commanebant domini eius, deferens eis  
 5 pensionem sicut solent serui dare dominis suis. Nam domini  
 eius magis reuerentiam propter timorem Dei habentes circa  
 eum, honorabant occurrentes et salutantes eum, petentesque ut  
 pro eis Dominum exoraret. Ille autem mittebat aquam in peluem  
 10 et festinabat lauare pedes dominorum suorum cum omni humi-  
 litate obsequium eis cupiens exhibere. Ipsi uero nolebant  
 acquiescere ut pedes eorum ablueret, sed dicebant ei: Noli,  
 beatissime pater, aggrauare animas nostras. At ille respondens  
 dicebat: Ego seruus uester sum; nam uos dominos meos esse  
 15 Omnipotens Deus constituit et gratias ago Domino uestro, quia  
 dignati estis me permittere ut seruiam Domino uiuo et uero,  
 Creatori ac Dominatori caeli et terrae et ideo detuli uobis  
 pensionem seruitutis meae. Domini autem eius contendebant,  
 nolentes accipere quam detulerat pensionem. Respondens  
 20 autem senior dixit eis: Si nolueritis accipere pensionem meam,  
 ita decreui ut non reuertar in eremum, sed hic in praesenti  
 permaneo et seruiuo uobis. Haec autem audientes domini eius,  
 acquieuerunt suscipere pensionem ne contristaretur, sed magis  
 ut reuerteretur ad loca eremi ad cellulam suam. Illud autem  
 quod de pensione sua etiam nolentibus dabat dominis suis,  
 25 statim quod accipiebant pauperibus erogabant. Interrogantes  
 autem eundem seniore[m] fratres, dixerunt: Obsecramus te, pater,

4 deferens] af- D      5 nam] sed N      6 propter timorem] p. ani-  
 mam D    pro timore RN    Dei om. D      7 petentesque eum D  
 8 peluim N      11 sed dicebant ei om. R      12 aggrauare] grauare R  
 13 domini mei R    esse] estis R      14 omnipotens Deus] esse  
 add. D    D. o. N    constituit] uos add. R      uestro] nostro DR  
 15 permittere me R    Domino] Deo N      17 seruitutis meae  
 om. D      17-18 domini... pensionem] om. D    d. autem con-  
 temnentes et nolentes accipere p. R      18-19 respondens autem  
 senior dixit eis] dixit *cetera omittens* R    r. a. monachus d. e. N      19 si...  
 meam om. R      20 ita] iterum R      eremo R      21 autem  
 om. D      26 dixerunt] ei add. N

ut dicas nobis cur cum tanta intentione pensionem pro seruitio tuo etiam nolentibus et nimis resistentibus tibi dominis ingessisti? Ad haec respondens senior dixit: Ego, fratres, ideo festino pro seruitio, quod tamquam dominis meis debeo, pensionem per singulos annos adimplere eis, ut quicquid iam cum adiutorio Domini in ieiuniis et orationibus seu in sanctis uigiliis uel in omni opere spiritali, Christo Domino adiuuante, laborauro, hoc mihi in aeternam uitam et salutem animae meae proficiat, ne forsitan si pensionem pro seruitio meo minime intulero, iam totus spiritalis labor meus ad illorum mercedem proficiat, qui me permiserunt Christo Domino deseruire et spiritaliter conuersari.

2 — Erant duo fratres secundum carne mquidem germani, uerumtamen utrique in spiritali proposito monachi existentes, insidiabaturque eis malignus diabolus ut quomodocumque eos separaret ab inuicem. Quadam igitur die, ad uesperam, secundum consuetudinem ille iunior frater accendens lucernam posuit super candelabrum. Faciente autem malitia daemonum, ruit candelabrum et exstincta est lucerna. Per hanc autem occasionem insidiabatur malignus ut eos in litem incenderet. Surgensque senior frater, coepit percutere fratrem suum cum furore. Ille uero, prostratus in terram, deprecabatur germanum

27-28 pro seruitio tuo pensionem N 28 tibi dominis] tibi om. D  
 d. tuis N 31 iam om. R 33 spiritali RN 34 aeternam  
 uitam] -a -a D u. a. N et] in D 35 proficiant R  
 36 totus spiritalis labor meus] totos spirituales labores meos R  
 t. spiritalis l. m. N 37 proficiant R 38 spiritaliter RN  
 conuersare R

2 — VDRN

*Incipit:* de duobus fratribus N secundum capitulum R 1 car-  
 nem] saeculum D 2 spiritali N 3 eis om. D ut om. R  
 quomodocumque] quomodo R 6 super] supra N 8 occasione D  
 insidiabatur] eis add. N malignus] diabolus add. N eos in litem  
 incenderet] ad l. c. inuicem incitaret R 9 surgitque R frater]  
 et add. R 9-10 cum furore fratrem suum RN 10 terra RN

suum dicens: Magnanimus esto, domine, et ego rursus accendo  
 lucernam. Ergo quia non respondit ei turbulentum sermonem,  
 statim malignus daemon confusus recessit ab eis et pergens  
 eadem nocte nuntiauit principi daemoniorum dicens: Quoniam  
 15 propter humilitatem illius monachi qui prostratus in terram  
 ueniam postulabat a fratre suo non praeualui in eis, uidensque  
 Deus humilitatem eius, effudit super eum gratiam suam et  
 ego sentio me ualde torqueri atque cruciari, quoniam non  
 praeualui separare eos ab inuicem. Haec autem uerba audiens  
 20 sacerdos idolorum qui ibi commanebat, compunctum est cor  
 eius in timore et amore Domini nostri Iesu Christi. Consi-  
 derans enim quomodo magis seductio et perditio animarum  
 est cultus idolorum, relinquens omnia, festinanter perrexit ad  
 sanctos patres ad monasterium et referens eis haec omnia quae  
 25 per malitiam daemones inter se loquebantur. Cumque monitis  
 salutaribus instruxissent eum sancti patres de doctrina Domini  
 Saluatoris, baptizatus est et sancti propositi monachorum  
 uitam arripuit. Et adiuuante et cooperante gratia Domini  
 factus est probatissimus monachus, tantumque ueneratus  
 30 est et tenuit uirtutem humilitatis, ut omnes nimiam humili-  
 tatem eius mirarentur. Dicebat enim quomodo omnem uirtu-  
 tem aduersariorum nostrorum daemonum soluit verae humili-  
 tatis intentio; denique Dominus noster Iesus Christus per

11 magnanimis R      12 sermonem] uerbum D      13 daemon]  
 spiritus D      14 daemoniorum] daemonum RN      15 illius mona-  
 chi humilitatem D      terram] -a RN et *add.* V      16 ad fra-  
 trem suum R      non... eis *om.* R      17 gratiam suam super eum R  
 18 ego] inquit *add.* N      atque cruciari] *om.* D et c. R      19 praeua-  
 lui] ualui N      eos separare (-ri R) DR      autem] omnia *add.* RN  
 20 qui ibi] quibus D      compunctus N      corde N      21 eius *om.* N  
 amore et timore N      24 et *om.* DR      referens] retulit N  
 25 cumque] in *add.* R      26 eum *om.* R      27-28 uitam mona-  
 chorum R      30 et tenuit *om.* D      30-31 humilitatem eius] eius  
*om.* D e. h. R      31 mirarentur] ad- R      32 uera R



humilitatem triumphauit diabolum et omnem eius uirtutem  
 contriuit. Addebat etiam dicens quoniam frequenter audisset 35  
 daemones inter se loquentes: Quia quando ad iracundiam  
 succendimus corda hominum, si quis sustinuerit patienter  
 iniuriarum conuicia et conuersus magis rogauerit ea quae ad  
 pacem sunt dicens: «Quia ego peccaui», statim sentimus omnem  
 nostram uirtutem marcescere, quia approximat eis qui humili- 40  
 tatis uirtutem habent gratia diuinae potentiae.

3 — Referebat autem beatus senior Poemen fratribus  
 dicens: Quomodo fuit quidam nuper monachus in Constanti-  
 nopoli, temporibus Theodosii imperatoris. Habebat autem in  
 parua cellula foris ciuitatem, prope proastio qui uocatur in  
 septimo, ubi solent imperatores egressi de ciuitate libenter 5  
 degere. Audiens autem imperator quod ibi esset quidam  
 monachus solitarius, qui nusquam egrediebatur de cella, coepit  
 deambulando pergere ad eum locum ubi erat supradictus  
 monachus, praecepitque sequentibus se eunuchis ut nullus  
 approximaret ad cellulam monachi. Ipse autem solus perrexit, 10  
 pulsauitque ostium cellulae. Surrexit autem monachus et

34 uirtutem eius DR 37 hominum] nostra D 39 ego peccaui]  
 p. nimis D 40 uirtutem nostram N approximat] proximat R  
 qui] cum R 40-41 humilitatis uirtutem] u. h. D h. uirtute R  
 41 habent om. R diuina D potentiae om. D

3 — VDRN

*Incipit:* III capitulum R de quodam monacho N 1 autem  
 om. D Poemen] Panem D Phimen R fratribus om. N 2-  
 -3 Constantinopolis D 3 temporibus om. R habitat D  
 4 prope] in D proastio *correx* (προαστεῖω): prastio VDN prascio R  
 4-5 in septimo] in septimo VN in septimo R 5 libenter om. D  
 7 solitarius om. R 9 eunuchis] eunuchis D om. R 10 cellulam]  
 cellam D monachi] illius *add.* N perrexit] *ad add.* R 11 pul-  
 sauitque om. R

aperuit ei et non cognouit eum. Tulerat enim sibi coronam  
 de capite suo ut non cognosceretur. Post orationem autem  
 resederunt pariter et interrogauit cum imperator dicens: Quo-  
 15 modo sancti patres degunt in Aegypto? Respondensque  
 monachus ait: Omnes exorant Dominum pro salute uestra.  
 Aspiciebat autem imperator intente cellulam ipsam et nihil in  
 ea uidit nisi paucos panes siccis in sporta pendentis. Et dixit  
 ei: Da mihi benedictionem, abba, ut reficiamus. Statimque  
 20 festinauit monachus et misit aquam et salem et misit buccellas  
 et comederunt pariter. Porrexitque ei calicem aquae et bibit.  
 Tunc dixit imperator: Scis quis sim ego? Respondens monachus  
 dixit: Nescio. Quis es, domine? Dixit ei: Ego sum Theodosius  
 imperator et ob deuotionem ueni huc. Hoc cum audisset  
 25 monachus prostrauit se ante illum. At ille dixit: Beati estis  
 uos, monachi, qui securi ac liberi de negotiis saeculi tranquillam  
 et quietam perfruetis uitam et solummodo de salute animarum  
 uestrarum habetis sollicitudinem, quomodo ad uitam aeternam  
 et ad caelestia praemia peruenire possitis. In ueritate enim dico  
 30 tibi quia certe in regnum natus sum et nunc in regno degeo et  
 numquam sine sollicitudine cibum capio. Post haec autem ualde

12 cognoscebatur N eum om. N sibi om. D 12-13 tulerat...  
 cognosceretur om. N 14 resederunt] sederunt D imperator om. R  
 15 degunt] degent V om. R Aegyptum R respondensque] res-  
 pondit R 16 monachus] et add. R exorent D Dominum]  
 Deum RN uestra] tua R 17 imperator om. R intente]  
 in add. D et om. D 18 sporta] sportella D et om. R  
 20 salem et aquam R 21 ei om. RN 22 tunc] Theodosius  
 add. N dixit imperator] imperator om. DR i. d. ei N scis] sis D  
 qui V sum RN respondit R monachus] et add. R 23 quis  
 es domine] q. sis d. D d. q. es R dixit<sup>2</sup>] dicit R 24 et...  
 huc om. R audisset] uidisset D 26 liberi] estis add. N  
 -27 tranquillam et quietam] -la et (tranquillaque N) -ta DN  
 27 perfruetis] om. R perfruiimini DN uita DN et<sup>2</sup>] om. D. non  
 add. R 28 quomodo] quo N 29 praemia] regna D perue-  
 nire possitis] perueniatis D 30 regno RN degeo] dego RN

honorifice salutavit eum imperator et ita egressus est. Eadem autem nocte coepit intra se cogitare famulus Dei dicens: Quomodo non oportet me iam in loco hoc esse. Multi enim non solum de populo sed etiam et de palatio et de senatoribus quam plurimi, exemplum imperatoris secuti, ad uidentum me uenturi sunt et honorem mihi tamquam seruo Dei deferre non cessabunt. Et illi quidem haec propter nomen Dei facturi sunt. Ego autem timeo ne forsitan malignus diabolus mihi subripiat et libenter incipiam eos suscipere et condelectetur cor meum laudibus et honoribus eorum. Et per haec iam incipio uirtutem humilitatis perdere et laudes atque honores hominum delectari. Haec igitur omnia homo Dei secum cogitans, eadem nocte fugit inde et perrexit in Aegyptum ad sanctos patres in eremum. Itaque consideremus, fratres dilectissimi, cum quanta sollicitudine uirtutem humilitatis custodire famulus Dei studuit, ut in caelesti regno aeternam gloriam pro labore sanctae uitae suae, quam propter nomen Domini exercuerat, perciperet a Christo Domino mereretur.

4 — De hoc autem ipso sancto Poemen referebant alii sancti seniores dicentes: Quia quodam tempore cum aduenisset iudex prouinciae, audiensque sanctam opinionem beati Poeme-

32 imperator om. R      34 me om. V      iam] etiam DR      hoc loco RN      35 et<sup>1</sup> om. DN      37-39 et... sunt om. D      38 et om. N      haec om. R      Dei] Domini N      39 forsitan om. D      mihi om. R      40 eos] ego R      41 laudes R      et honoribus] honori R      42 incipiam DN      laudibus N      honores] -e D -ibus N      43-44 cogitans secum R      44 inde om. R      et perrexit] perrexitque R      45-46 dilectissimi] de eo R      46-47 custodire famulus Dei] D. f. seruare D      47 caelesti regno] et add. D caeleste regnum R      48 qua V      49 a om. D

4 — VDRN

Incipit: de sancto Poemen N      1 autem om. N      sancto om. R  
2 sancti om. D      3 audiensque] audiens DN      beati] sancti N

- nis, desiderabat uidere eum, misitque nuntium deprecando ut  
 5 suscipere eum. Beatus autem Poemen contristatus est ualde,  
 cogitans apud semetipsum: Quia si coeperint personae nobiles  
 uenire ad salutandum et honorandum me, manifestum est quia  
 iam et alii multi etiam populares homines frequentabunt ad  
 me et necesse est ut per haec perturbentur secreta uitae meae.  
 10 Conuersationem autem et humilitatis gratiam quam cum tanto  
 labore, auxiliante Domino, a iuuentute mea studui custodire,  
 forsitan subripiante maligno diabolo perdam et uanae gloriae  
 incurram laqueos. Haec ergo apud semetipsum pertractans,  
 definiuit quatenus excusaret magis et non suscipere iudicem.  
 15 Contristatus autem iudex quia non eum suscepisset, ait ad  
 officium suum: Quomodo non merui uidere hominem Dei,  
 peccatis meis imputo. Verumtamen nimis desiderabat per quam  
 occasionem uideret sanctum uirum. Excogitabat autem huius-  
 cernodi causam quae occasionem ei praebere uidendi eum.  
 20 Comprehendens enim filium sororis beati Poemenis misit in  
 carcerem, ut per istam occasionem aut suscipere iudicem  
 aut certe ipse ueniret ad rogandum iudicem. Dixitque ad  
 officium suum ut non contristaretur sanctus senior: Mandate  
 ei, si uoluerit uenire ad me, necesse est ut statim educamus  
 25 eum de carcere. Talis est enim causa eius quae non possit  
 impune transire. Audiens autem haec mater iuuenis, id est,  
 soror sancti Poemenis, abiit in eremum ubi erat frater eius.

4 deprecandum R      6 semetipsum] dicens *add.* R      7 est *om.* R  
 8 iam *om.* D      ad *om.* D      9 ut *om.* R      perturbentur] contur-  
 betur R      10 conuersatio R      autem *om.* R      gratia R  
 14 et] ut R      17 desiderabat] -uit N      uidere *add.* D      per *om.* N  
 quam] aliquam D      18-19 uideret... occasionem *om.* N      18 ui-  
 dere D      excogitauit D      autem *om.* R      19 quam D      ei prae-  
 beret] expraebere D      sibi p. N      21 carcere R      23 ut] et *add.* D  
 mandauit D      25 enim est RN      26 autem *om.* D

Stabatque ad ostium cellulae eius cum multo fletu et ululatu,  
 rogans eum ut descenderet ad iudicem et rogaret pro filio  
 eius. Beatus autem Poemen non solum nihil ad eam dixit, 30  
 sed nec ostium ei aperuit ut ingrederetur ad eum. Tunc illa  
 coepit maledicere ei ac dicere: Durissime et impiissime et  
 ferrea uiscera gerens, quomodo te tantus dolor fletus mei non  
 flectit ad misericordiam, quomodo ipsum unicum filium habeo  
 quem in periculo mortis uideo constitutum. Tunc senior 35  
 mandauit ei per fratrem qui sibi ministrabat: Vade, dic ei:  
 Poemen filios non genuit; ideo non dolet. Haec autem audiens  
 iudex dixit amicis suis: Scribite ad eum ut uel epistolam preca-  
 toriam faciat ad me, quatenus possim eum dimittere. Tunc  
 etiam quam plurimis suadentibus sanctus senior scripsit ad 40  
 iudicem dicens: Iubeat nobilitas tua diligenter requirere causam  
 illius; et si quid dignum morte admisit moriatur, quatenus in  
 hoc praesenti saeculo exsoluat crimen peccati sui, ut euadat  
 aeternas ac perpetuas gehennae poenas; sin autem nihil dignum 45  
 morte commisit, quod iustum uidetur legibus ita de eo iube  
 disponere.

28-30 stabatque... eius om. D 28 ululatu] eiulatu R 29 ad  
 iudicem om. R 30 nihil ad eam] nihil om. D ad e. n. N  
 dixit] non exiit D 31 ei ostium R 32 ei om. D ac] et D  
 33 gerens] ferens D te om. R 34 flectit] flectet te R 34-  
 -35 quem habeo N 35 mortis periculo D 36 sibi] ei R  
 ministrabat] dicens add. N 37 Poemen filios non genuit ideo non  
 dolet] i. n. d. P. f. n. g. cum duplice puncto supra ideo certe ut inuer-  
 sionem indicaret V P. f. n. g. (cognouit D) i. n. d. (i. n. d. om. R) DR  
 38 dixit om. D scribe D 38-39 precatoriam] rogatoriam D  
 39 possim eum] p. ipsum D e. p. R 40 etiam] iam R sua-  
 dentibus] uadentibus R 41 requirere] in- DR requiri N  
 42 morti V 43 saeculi praesenti N 45 morti V commisit]  
 ad- R 46 disponi N

- 5 — Quodam tempore uenerunt quam plurimi monachorum ad sanctum Poemen. Cumque de sanctae Scripturae diuersis capitulis dissereret eis, interrogauit eos dicens: Dicite mihi: Quis uendidit sanctum Ioseph? Respondentesque dixerunt ei: Quoniam fratres eius distraxerunt eum. Dicit eis beatus senior: Non ita est, sed humilitas eius et patientia uendidit eum, quia pro humilitate patienter ferens noluit resistere fratribus suis. Nam si uoluisset dicere: Quia germanus eorum ego sum, non potuissent eum distrahere. Sed tacuit et non contradixit, sed cuncta Omnipotentis Dei commisit iudicio. Vnde manifeste ostenditur quoniam humilitas sua distraxit eum. Iterumque eadem humilitatis eius gratia, per dispensationem diuinae prouidentiae, constituit eum regem ac principem totius terrae Aegypti.
- 15 Non solum in hoc praesenti saeculo regnum ei humilitas contulit, sed etiam in caelesti et perpetuo regno gloriose cum omnibus regnat sanctis. Oportet nos ergo, filioli, constanter ac fortiter uirtutem humilitatis tenere, cum omni patientia tribulationes atque iniurias pro causa iustitiae sustinere, ut ad aeternam caelestemque gloriam peruenire possimus.

IV,5 lin. 4-14 : *Quis uendidit... Aegypti* — cf. Gen: XXXVII, 25-28; XLI, 33-46.

5 — VDR om. N

*Incipit*: Quintum R 2 sancta Scriptura R 3 diuersis  
 om. D dissereret ]discereret D interrogabat R 5 ei om. DR  
 eius om. D 6 est ita D humilitatis R et om. R 11 quoniam] quia R 12 iterumque] itaque D iterum R humilitas D  
 13 ac] et D 14 totius om. D 15 praesente D 16 contulit]  
 in- D etiam om. V gloriosae V 19-20 ut possimus ad...  
 peruenire R

6 — Item quodam tempore, dum adhuc iunior esset hic ipse beatus Poemen, uenerunt ad eum quam plurimi de uico eius, unde ortus fuit, petentes eum ut descenderet et peteret iudicem, quoniam quam plurimi ex eodem uico reclusi tenebantur in carcere. Beatus autem Poemen dixit eis: Permittite me interim tribus diebus quiescere et postmodum descendo ad iudicem. Postquam autem reuersi sunt ad uicum suum, ingressus in cellulam suam prostravit se in orationibus ad Dominum dicens: Domine Deus, Creator et Saluator humani generis, exaudi me peccatorem seruuum tuum, qui nosti multiformes insidias aduersariorum daemonum qui impugnant nos et festinant diuersis occasionibus inquietare secretam uitam nostram, ut separent mentem nostram de timore et amore tuo, Domine. Ideoque deprecor maiestatem diuinae potentiae tuae, Christe Domine, Saluator noster, ne permittas me talem gratiam habere apud iudicem saeculi istius, ut audiat petitionem meam, sed magis aduersetur me et non praestet quae petiero ab eo. Si enim praestiterit mihi quae petiero, manifestum est quia turbatur secreta conuersatio mea. Non enim permittunt me homines requiescere in loco isto, sed uenientes per singula deprecantur me, ut pro eis suggeram iudicibus pro causis eorum. Post haec autem descendit et abiit ad iudicem et rogabat eum pro his qui in carcere

6 — VDRN<sup>2</sup>

*Incipit:* sextum capitulum R 1 item *om.* N iunior] iuuenior R hic *om.* RN 2 ipse *om.* N Poemen] Pamen D Phimen R 4 quam *om.* D reclusi] con- N 8 in<sup>1</sup>] ad R cellulam] cellam DN 9 et] ac R 10 seruuum *om.* D 12 festinant] nos *add.* R 14 ideoque] ideo N deprecor] precor R 15 tuae *om.* N 17 mihi N non] audiat neque *add.* D 18 si... petiero *om.* D 19 turbatur] con- R 20 permittent RN requiescere in loco isto homines D 21 deprecantur] -ntes R -abuntur N 22 iudicibus] iudicium et N

25 tenebantur. Responditque iudex dicens ei: Non oportet, famule  
 Dei, ut pro homicidis ac sepulcrorum uiolatoribus intercedas,  
 quoniam et lex diuina tales exceleratos homines iubet punire.  
 Considera ergo quia non possum tibi praestare quae postulas.  
 Haec autem cum audisset beatus Poemen, laetificatus est ualde  
 30 quod non praestiterat ei iudex quae postulauerat et reuersus  
 est in cellulam suam.

7 — Fuit etiam de magnis patribus senior nomine Agathon,  
 nominatissimus in uirtute humilitatis et patientiae. Quodam  
 autem tempore perrexerunt ad uisitandum eum fratres, audientes  
 enim de eo quod magnam humilitatem haberet. Volentesque  
 5 probare si uere humilitatis patientiam possideret, dixerunt ei:  
 Multi scandalizantur in te, pater, quia nimis uitio superbiae  
 teneris et ideo alios despicias et pro nihilo eos habeas, sed et  
 detractones aduersus fratres non cessas loqui. Affirmant etiam  
 10 quam plurimi quod haec ideo agas, quia fornicationis uitio  
 teneris et, ne solus uidearis errare, idcirco non cessas de aliis  
 detrahere. Ad haec senior respondens ait: Haec omnia quae  
 dixistis uitia in me esse cognosco, nec possum negare tantas  
 iniquitates meas. Procidensque pronus in terram adorabat  
 15 eosdem fratres dicens: Deprecor uos, fratres, ut intentius pro  
 me misero et multis peccatis obnoxio Christum Dominum

24 tenebantur] retinebantur R      respondit iudex et dixit D      26 et  
*om.* D      exceleratos] excelleratores D      sceleratos RN      puniri N  
 27 quia] quoniam N      28 beatus *om.* N      Poemen] Pamen D  
 Phimen R      29 quod] quia R      praestaret D      et reuersus]  
 et *om.* V      reuersusque D      30 cellulam] cellam DRN

## 7 — VDRN

*Incipit:* de sancto Agathone N      1 patribus] fratribus R  
 quidam *add.* N      4 enim *om.* N      5 uerae N      6 pater  
*om.* R      superbiae uitio D      7 et<sup>3</sup> *om.* D      8 non] ne R  
 cesses V      etiam] enim N      9 agis N      10 idcirco] ideo N  
 cesses V      de *om.* DN      12 nec] non D      13 pronus *om.* R  
 terra R      14 deprecor] precor RN      15 obnoxio] obnixo D



exorare non cessetis, ut indulgentiam tribuat iniquitatibus meis multis ac malis. At supradicti fratres addentes dixerunt ei: Non te lateat etiam hoc, quia haereticum te esse quam plurimi affirmare uoluerunt. Hoc autem cum audisset senior, dixit eis: Licet malis multis et peccatis obnoxius sim, tamen haereticus penitus non sum. Absit hoc ab anima mea. Tunc omnes fratres qui ad eum uenerunt, prostrauerunt se in terram ad pedes eius, obsecrantes eum ac dicentes: Precamur te, abba, ut dicas nobis cur tanta uitia et peccata dicentibus nobis de te, in nullo commotus es, de uerbo autem haeretici ualde te commouisti et abominatus es nec sufferre potuisti auditum? Dicit eis senior: Illas priores culpas atque peccata propter humilitatem sustinui, ut peccatorem me esse crederetis. Nouimus enim quia si custodiatur humilitatis uirtus magna, salus est animae. Nam Dominus et Saluator noster Iesus Christus, cum ei iudaei multas contumelias et conuicia irrogassent, patienter cuncta tolerauit, ut nobis humilitatis praeberet exempla. Immissi etiam falsi testes, multa aduersus eum falsa dixerunt; et usque ad mortem crucis patienter cuncta sustinuit. Ita enim et apostolus Petrus praedicat dicens: «Christus passus est pro nobis, nobis relinquens exemplum ut sequamur uestigia eius». Oportet igitur ut patienter cum humilitate cuncta aduersa

IV,7 lin. 31-32 : *iudaei... tolerauit* — cf. Mat: XXVI, 67-68; XXVII, 27-31; Marc: XIV, 65; XV, 16-19; Luc. XXII, 63-65; Ioan. XIX, 2-3.

lin. 35-37: *Christus... uestigia eius* — cf. I Petr. II, 21.

17 ac] et R at] ad hoc (haec N) RN 18 hoc om. R  
 19 uolunt RN 20 malis] aliis R et om. R sim] sed D  
 tamen] nam R 21 hoc om. D 22 uenerant RN 23 ac]  
 et D 25 nullo] -um R ullo D 26 audito R 27 dixit N  
 ei D 28 crederetis] -ritis D credatis R 29 uirtus] uiros V  
 30 Iesus om. R 31 ei om. D et conuicia om. R irrogassent]  
 inter- R 32 tolerabat R 32-33 exemplum N 33 immis-  
 si] missi R 36 nobis relinquens] r. n. R uobis r. N sequamini N

sustineamus. Nam sermonem quem de haeretico dixistis non potui sustinere et ualde abominatus sum, quia haeresis separatio  
 40 a Deo est. Haeticus enim separatur a Deo uiuo et uero et coniungitur diabolo et angelis eius. Alienatus enim a Christo, iam non habet Deum quem exoret pro peccatis suis; ex omni parte periit. Si autem conuersus fuerit ad ueram et catholicam sanctae ecclesiae fidem, suscipitur a bono et pio Salvatore  
 45 nostro Christo, et reconiungitur Deo uero Creatori ac Saluatori nostro Christo, qui est in Patre Filius semper cum Sancto Spiritu. Ipsi gloria in saecula saeculorum. Amen.

8 — *De amore humilitatis sancti Isaac.*

Consilium inter se habuerunt seniores patres: et omnes monachi habitantes in eremo Scti consenserunt ut beatus pater Isaac presbyter eis ordinaretur in ecclesia, quae in ipso eremo  
 5 sita est, ubi conuenit omnis multitudo monachorum qui in illa eremo conuersantur. Audiens autem supradictus abbas Isaac, fugit in Aegyptum et abscondit se in quodam agro inter fructecta, arbitrans indignum se esse honore presbyterii. Quam plurimi autem fratres monachi sequebantur, ut comprehenderent eum.  
 10 Cum autem applicuissent, ad uesperum, ad eundem agrum pro longius, ut reficerent fatigati de itinere, erat enim

38 de *om.* R 39 et] sed D 39-40 a Deo separatio D  
 40 separatus R 42 suis] quia *add.* N 43 ueram] et sanctam  
*add.* D 44 pio et bono R 45 Christo *om.* N ac Saluatori  
*om.* D 46-47 Spiritu Sancto R 47 ipsi gloria in saecula saeculo-  
 rum. Amen] i. g. in saeculorum s. A. R *om.* N

8 — VDRN

1 sancti Isaac *om.* N 2 inter se habuerunt seniores] h. s. i. se R  
 i. se h. sancti seniores N 3 Scti] Scythiae et N 4 ipsa RN  
 5 conuenit] die et hora statuta *add.* N illa] ipsa R 6 conuersa-  
 tur D autem supradictus *om.* D abbas Isaac] I. abba R huius-  
 cemodi consilium *add.* N 8 se indignum honore presbyterii  
 esse (*om.* N) DN 10-11 in eodem agro R 11 pro] paulo N

nox, dimiserunt asellum qui eis sumptus portabat in iter, ut pasceret. Cum autem pasceret asellus, peruenit in locum ubi supradictus abbas Isaac latitabat. Cumque illuxisset dies, requirentes monachi asellum, peruenerunt ad eundem locum ubi senior se occultaerat et admirantes ualde dispensationem diuinam, comprehendentes ligare et constringere eum uoluerunt et ita perducere. Venerabilis autem senior non permisit dicens: Iam non possum contradicere uobis, quia forsitan uoluntas Dei est, ut licet indignus, suscipiam ordinationem presbyterii. 15 20

9 — Erant quidam duo fratres monachi pariter in cellula commanentes, quorum humilitatem et patientiam de sanctis collaudabant. Audiens quidam sanctus uir, uoluit probare si ueram perfectamque humilitatem haberent; uenit ad uisitandum eos. Cumque cum gaudio suscepissent eum et ex more complessent orationes et psalmodiam, et egressus esset foris cellulam, uidit paruam hortum ubi sibi holera faciebant. Apprehensoque baculo, cum toto impetu coepit omnia holera cedendo confringere, ita ut nihil omnino remaneret. Videntes autem supradicti fratres nihil penitus dixerunt; sed nec uultum tristem aut turbatum habentes, rursus ingressi cellulam, uespertinas orationes complentes, adorantes eum dixerunt: Si praecipis, 5 10

12 eis *om.* D in itinere portabat R 12-13 pasceretur N  
 13 pasceret] -retur V -endo iret N in] ad D 14 Isaac *om.* N  
 latitabat] latebat R 16 se *om.* V 17 constringere et ligare N  
 20 est *om.* R ut] iam D ordinationem] ordinem N

9 — VDRN

*Incipit:* de humilitate duorum fratrum N 1 pariter *om.* N  
 cellula] cella N 2 patientiam] multique *add.* R multi etiam  
*add.* N sanctis] patribus *add.* RN 3 audiens] autem *add.* N  
 uolens R 4 uenit] uenitque N uisitandos R 6 psalmo-  
 diam] -a R -as N et<sup>2</sup> *om.* DRN esset] est D *om.* RN foris]  
 foras RN 7 apprehendensque D 8 baculum D cedendo  
*om.* R 10 nec] ne D 11 cellulam] cellam R 12 ora-  
 tiones] horas D

domine, ut eamus et eum qui remansit caulem coquentes  
 gustemus, quia iam hora est ut cibum sumamus. Tunc  
 15 senior adorauit eos dicens: Gratias ago Saluatori nostro Christo,  
 quia uideo Spiritum Sanctum requiescere in uobis et ideo hortor  
 ac moneo uos, carissimi fratres, ut usque in finem custodiat  
 sanctae humilitatis et patientiae uirtutem, ut ipsa in regno  
 caelesti uos magnos ac sublimes in conspectu Domini faciat  
 20 apparere.

10 — Erat quidam in coenobio iam senex probatissimus  
 monachus et incurrit grauissimam aegritudinem. Confectusque  
 nimia et intolerabili infirmitate per longum tempus laborabat  
 in doloribus multis nec inuenire poterant fratres qualiter  
 5 succurrerent aegritudini, quomodo ea quae necessitas infirmi-  
 tatis eius expetebat non habebant in monasterio. Audiens  
 autem quaedam famula Dei de afflictione infirmitatis eius,  
 deprecata est patrem monasterii, ut eum ad cellulam suam  
 tolleret et ministraret ei, maxime autem quia facilius inuenire  
 10 possit in ciuitate, quae necessaria aegritudini eius uidebantur.  
 Praecipit ergo pater monasterii ut portarent eum fratres ad

13 ut *om.* N caulem] callem R 15 eum D Christo]  
 Deo D Domino *add.* R 16 uos R 17 ac moneo] moneo-  
 que R fratres carissimi RN

10 — VDRN

*Incipit:* de sene infirmato N 2 incurrit] in *add.* N aegri-  
 tudinem] infirmitatem D 3 infirmitate] aegritudinem D lon-  
 gum] multum R 4 doloribus] laboribus N inuenire] adinue-  
 nire RN qualiter fratres R 5 aegritudini] eius *add.* RN  
 7 quaedam *om.* D 8 deprecavit V eum] eam *add.* R cellulam]  
 cellam V 9 tolleret] duceret R 9-10 inuenire possit]  
 i. -set D -ri -sent R 10 ciuitate] et *add.* R eius aegritudini RN  
 uiderentur R

cellulam famulae Dei. Ipsa uero cum omni ueneratione suscipiens senem, propter nomen Domini ministrabat ei, pro retributione mercedis aeternae, quam credebat a Christo Salvatore nostro recipere. Cumque per tres et amplius annos sedule 15 obsequeretur et ministraret famulo Dei, coeperunt homines mente corrupti secundum scabiem mentis suae suspicari, quod non sinceram haberet senior conscientiam de uirgine quae ministrabat ei. Audiens autem haec senior, exorabat 20 diuinitatem Christi Domini dicens: Tu Domine Deus noster, qui solus cognoscis omnia et uides quia multi dolores sunt aegritudinis et miseriae meae, et afflictionem tantae infirmitatis quae me ita per tantum consumit tempus ut necessarium habeam obsequium huius famulae tuae, quae mihi propter 25 nomen tuum ministrat, tribue ei, Domine Deus meus, condignam mercedem in uita aeterna, sicut dignatus es propter bonitatem tuam promittere his qui propter nomen tuum egenis et infirmis suum exhibent ministerium. Cum autem approximassent dies transitus eius, conuenerunt ad eum quam plurimi 30 sancti seniores et fratres de monasterio. Dixit eis senior: Obsecro uos, domini patres et fratres, ut cum defunctus fuero tollatis baculum meum et plantate eum super sepulcrum meum; et cum radices miserit feceritque fructum, tunc scietis quia

IV,10 lin. 26-28 : *dignatus... ministerium* — cf. Mat. XXV, 34-40.

12-13 suscipiens] eum *add.* RN 13 senem]seniorem D *om.* N  
 ei] et *add.* R pro] propter R 13-14 retributionem R  
 14 Christo *om.* N 15 annos et amplius D 16 famula DR  
 17 suae *om.* R 18 conscientiam] concupiscentiam R *om.* D  
 21 cognoscis] ag- D multo dolore D 22 afflictionis R  
 24 huius *om.* DR propter] per D 25 Domine *om.* R  
 26 propter] per D 28-29 approximassent] adproximasset D  
 -uit R 30 dixit eis] et d. N 33 cum] si R radicem R  
 feceritque] et fecerit N sciatis R

- munda est conscientia mea a famula Dei quae mihi ministravit;  
 35 si autem non fronderit, scitote quia non sum mundus ab ea.  
 Cum ergo uir Dei exisset de corpore, secundum praeceptum  
 eius sancti seniores plantauerunt baculum eius super sepulcrum  
 ipsius et fronduit. Accedentique tempore protulit fructum et  
 admirati sunt omnes glorificantes Dominum. Ad tale enim  
 40 miraculum etiam de uicinis regionibus multi uenientes magni-  
 ficabant gratiam Saluatoris. Nam et nos ipsam arbusculam  
 uidimus et benediximus Dominum qui protegit in omnibus  
 in sinceritate et ueritate sibi seruientes.

- 11 — Quodam tempore ad beatum abbatem Apollo duxe-  
 runt ad cellulam eius quendam uexantem qui fortiter a  
 daemonio torquebatur. Cumque triduum obseruarent, qui cum  
 eo uenissent, deprecantes senem ut cum in nomine Christi  
 5 precibus ad Dominum fuis curaret, respondit senior, et dixit  
 eis, non se esse huius meriti ut daemonibus imperaret. Cum  
 autem persisterent qui uenerant rogantes eum flentes et nimis  
 deprecantes, tandem quieuit. Cum autem in nomine Domini  
 Saluatoris nostri Christi imperaret daemonei dicens: «Exi,

34 ministrabat N 35 si] sin N scitote quia om. R 36 ergo]  
 autem R de] a N 38 ipsius] eius R accedenteque R  
 39 Dominum] Deum RN 40-41 magnificabant] glorificabant D  
 41-42 uidimus ipsam arbusculam R 42 Dominum] Deum R  
 in omnibus] omnes R

11 — VDRN

*Incipit:* de demoniaco (*post corr.*) abbate Appoline N 1 tem-  
 pore] abeuntes *add.* D quidam *add.* N beatum abbatem Appolo]  
 b. a. Apollinem R cellam abbatis Apollinis N 1-2 duxerunt]  
 ad- hominem (*om.* R) RN 2 ad cellulam eius quendam uexantem]  
 in (ad D) cellula (-m D) e. q. u. DR. *om.* N 2-3 qui fortiter  
 a daemonio] q. ualde a d. D a d. que f. R 3 cumque] per *add.* R  
 triduo N 4 uenerant N deprecati sunt D eum *om.* D  
 5 Dominum] Deum RN 8 quieuit] ac- RN 8-9 Saluatoris  
 Domini D 9 nostri] Iesus *add.* D

immunde spiritus, de plasma Dei», tunc daemon respondens 10  
 dixit ei: Ego quidem imperante uirtute Christi egredior,  
 tamen interrogo te sermonem ut dicas mihi quid est quod  
 scriptum est in Euangelio: Qui sunt haedi et qui sunt oues?  
 Respondens autem senior dixit ei: Haedi quidem iniusti sunt,  
 inter quos et ego sum peccator qui multis peccatis obnoxius 15  
 sum; oues autem Deus nouit qui sunt. Tunc exclamauit  
 daemon uoce magna dicens: Propter humilitatem tuam stare  
 omnino non possum. Et statim egressus est de homine quem  
 obsederat. Videntesque qui adstabant omnes dederunt gloriam  
 Deo. 20

12 — Referebant sancti seniores nobis dicentes: Quia fuit  
 quidam monachus in eremo Sceti, uenit autem ad uisitandum  
 sanctos patres qui habitabant in loco qui dicitur Cellia, ubi  
 multitudo monachorum diuisis cellulis habitabant. Cumque  
 non inueniret ad praesens cellulam ubi possit manere, quidam 5  
 de senioribus habens aliam uacantem cellulam, dedit ei dicens:  
 Interim repausa in hac cellula, donec inuenias ubi possis  
 manere. Cumque ad uisitandum eum conuenirent quam  
 plurimi fratres, desiderantes ab eo audire uerbum salutis

IV,11 lin. 13 : *Qui sunt... oues* — cf. Mat. XXV, 32.

10 plasmate RN 10-11 respondens dixit] -it et (*om.* D) d.  
 (dicens D) DN 13 qui<sup>2</sup>] quae R 14-15 iniusti... et *om* R  
 17 uoce magna daemon R 18 non possum omnino D egressus  
 est statim D 19 uidentesque] uidentes R

12 — VDRN

*Incipit*: de sene qui cellulam suam praestitit N 1 referebant]  
 de- R 2 Sceti] Scythiae N 4 diuisis cellulis habitabant]  
 d. (diuersis D) c. h. (-tat V) VD diuersas habebant cellulas R  
 d. h. c. N 5 possit manere] posset m. R m. posset DN 7 inue-  
 nies D 7-8 manere possis D

- 10 aeternae, habebat enim gratiam spiritualem docendi uerbum Domini, uidens autem ille senior qui ei ad habitandum praes-  
titerat cellam, inuidiae liuore cor eius uulneratum est et indignari coepit ac dicere: Quomodo ego tantis temporibus in hoc loco habito et non ad me conueniunt fratres nisi  
15 rarissime, et hoc in diebus festis, et ecce ad istum impostorem paene cottidie fratres quam plurimi uadunt? Dixit autem discipulo suo: Vade et dic ei ut egrediatur de cella illa, quomodo necessaria mihi est. Cum autem perrexisset discipulus eius ad illum fratrem dixit ei: Mandauit abbas meus sanctitati tuae:  
20 Iube mihi mandare qualiter habeas, audiui enim te infirmari. Ipse uero remandauit ei: Ora pro me, domine pater, quia ualde stomachum doleo. Reuersus autem discipulus, dixit abbati suo: Nimis rogat angelum tuum, ut uel duos dies iubeas indutias dare, ut possit sibi aliam cellulam prouidere.  
25 Transactis autem tribus diebus, iterum misit discipulum suum dicens: Vade, dic ei ut egrediatur de cellula. Nam si rursus distulerit, dices ad eum quia continuo uenio et cum baculo cedendo expello eum de cella mea. Pergens autem discipulus ad supradictum fratrem dixit ei: Quomodo ualde sollicitus  
30 est abbas meus de infirmitate tua, ideo misit me requir-  
rens si melius habeas. At ille haec audiens dixit: Gratias

10 enim] etiam V spiritualem N 11 Domini] Dei D autem  
om. N senior ille V 12 cellam] cellulam RN et om. D  
13 indignare V quomodo om. N 14 loco hoc V 15 istum  
om. R impostorem] in pastorem D inposteriorem R 16 quam]  
tam D 17 ad discipulum suum RN cella] cellula D  
19 illum] alium D 20 mandari DN qualiter] te add. DN infirmare R  
21 remandauit] dicens add. N 23 tuum] a te add. D  
ut om. D 24 iubeas] om. D ei add. RN dari N alia cellula R  
25 suum om. N 26 cellula] cella mea (om. R) RN 27 uenio  
et] -am et R om. N cum om. R 28 expellam R cella]  
cellula V mea om. R 29 supradictum] saepe dictum R fra-  
trem] et add. D om. R quomodo om. N 30 abba V 30-  
-31 requirere D 31 dixit] ei add. D



ago, domine, sanctae caritati tuae, quia sollicitus es de me; uerumtamen precibus tuis melius habeo. Reuersus autem discipulus dixit abbati suo: Etiam et nunc satis deprecatur sanctitatem tuam dicens ut usque diem dominicum expectes eum et statim egredietur. Cum autem aduenisset dominicus dies et non egrederetur, accipiens uectem senior, inflamatus inuidiae et iracundiae spiritum pergebat ut cedendo expelleret eum de cella. Accedens autem discipulus eius dixit ei: Si iubes, pater, praecedo te et uideo, ne forsitan aliqui fratres ad salutandum eum uenerunt et si uiderint te scandalizentur. Praecessit ergo discipulus eius et ingressus ad eum: Ecce, inquit, abbas meus uenit ad salutandum te. Egredere ergo celerius et cum gratiarum actione occurre ei, quia pro nimia caritate et dilectione uenit ad te. Qui statim surgens, cum nimia alacritate occurrit ei. Cumque uidisset eum, antequam proximaret prostrauit se protinus in terram, adorabatque senem cum gratiarum actione dicens: Retribuat tibi Dominus, carissime pater, bona aeterna pro cellula quam mihi propter nomen eius praestitisti et in caelesti Hierusalem inter sanctos suos Christus Dominus tibi gloriosam et splendidam praeparet mansionem. Haec autem audiens senior, compunctus est corde et proiciens baculum cucurrit in amplexum eius et osculatus est eum et duxit eum ad cellulam suam ut pariter cum gra-

32 sanctae] sancte pater R. 33 uerumtamen] in *add.* V 34 et  
*om.* N satis deprecatur] satis *om.* R. d. s. N 35 tuam sancti-  
tatem N dicens *om.* R usque] ad *add.* R dominicam N  
36 eum *om.* R egredietur N aduenisset] uenisset N 36-  
-37 cum... egrederetur *om.* R 37 inuidia R 39 accedens]  
audiens D 40 praecedam DR te *om.* R uidebo R fra-  
tres *om.* R 41 uenerint RN 42 praecedens R eum] dixit  
*add.* R 43 te *om.* R 44 et *om.* R 46 alacritate] claritate D  
47 proximaret] ap- R protinus] *om.* R pronus N 48 retri-  
buat] restituat R 52 autem *om.* N 53 amplexu R 54 et  
duxit] adduxitque R et in- N cum<sup>2</sup>] illum N ad] in N cellu-  
lam] cellam DN

- 55 tiarum actione perciperent cibum. Vocauit autem senior  
 supramemoratam discipulum et interrogauit eum dicens:  
 Dic mihi si dixisti fratri uerba quae propter cellulam illam  
 mandauit ut diceret ei. Tunc discipulus eius confessus est  
 60 dicens: Vere, domine, dico quomodo propter humilitatem quam  
 tibi exhibere debeo, tamquam patri et domino, ideo non  
 audebam respondere tibi aliquid quando mittebas me ad eum,  
 uerumtamen nihil eorum dixi quae mandabas ad eum. Haec  
 audiens senior statim prostrauit se in terram ad pedes discipuli  
 65 sui dicens: Ex hodierna die tu meus pater esto et ego disci-  
 pulus tuus, quoniam te festinante et moderante, cum timore  
 et caritate Dei agente, et meam et illius fratris animam de  
 peccati laqueo Christus Dominus liberauit. Pro uoto enim et  
 sancta sollicitudine et intentione discipuli, qui perfecte in  
 caritate Christi diligebat abbatem suum et anxius timebat ne  
 70 per inuidiae et iracundiae uitium aliquid tale ageret pater eius  
 spiritalis, ut perderet omnes sanctos labores, quos ab ineunte  
 aetate in Christi seruitio pro uitae aeternae praemiis laborauerat,  
 ideo Dominus donauit gratiam suam ut in pace Christi pariter  
 laetarentur.

55 perciperent] ac- N 56 supramemoratam] -dictum N om. D  
 discipulum] suum add. RN 57-59 dic... dicens] quando te mitte-  
 bam ad eum numquid loquebaris ei sicut praecipiebam? Qui  
 respondit R 57 fratri om. N propter cellulam illam] pro  
 cellula D 58 eius om. D est] ei add. N 62 dixi] ei  
 add. R ad eum] adesse et narrauit ei per ordinem cuncta quae  
 gesserat R 62-63 haec audiens] a. h. R h. autem a. N  
 63 statim] se add. R terra R 64-65 ex... tuus om. D  
 64 pater meus N 65 moderante] moderate V et add. N  
 66 Dei et caritate D 68 sancta om. R 69 caritatis N 69-  
 -72 diligebat... Christi om. N 70 per] pro R uitio R eius  
 om. D 71 spiritalis R ut] et DR 71-72 ab ineunte  
 aetate] in abeunte et a te D ab ineunti R 73 ideo Dominus  
 donauit] ideoque d. D. R d. eis D. N

13 — Dicebant sancti seniores de discipulo abbatis Pauli nomine Ioanne, quomodo magnam haberet humilitatem et uirtutem oboedientiae ut etiam difficiles causas, imperante ei abbate, in nullo penitus contradiceret, sed nec leuiter in aliquo murmurabat. Cum autem necessarius esset, in monasterii utensilibus, fīmus boum, misit eum abbas in proximum uicum, ut requireret ibi fīmum boum et in celeritate afferret ad monasterium. Erat autem in illo loco mala bestia leaena. Statim ergo egressus, supradictus discipulus eius Ioannes ibat secundum praeceptum abbatis. Cumque pergeret, dixit abbati: Domine, audiui quam plurimos dicentes quia in illo loco bestia leaena sit. Tunc senior quasi ioculariter dixit ei: Si uenerit super te, tene et alliga eam et adduces eam tecum. Cum autem peruenisset ad locum iam uespere, statim egressa leaena irruit super eum. Ille autem comprehendens, tenere eam uoluit, sed illa excutiens se de manu eius aufugit. Sequebatur autem eam dicens: Quia abbas meus praecepit ut alligatam perducam te ad eum. Continuo autem stetit bestia et tenens eam, reuertebatur ad monasterium. Dum autem retardaret in itinere, abbas nimis sollicitus pro eo tristabatur grauiter; et ecce subito superuenit discipulus eius tenens ligatam leaenam. Quod cum uidisset senior, admiratus ualde, gratias agebat Saluatori

13 — VDRN

*Incipit:* de monacho et leaena N 2 nomine Ioanne om. R  
 3 etiam] in add. DR difficillimis causis R 4 penitus om. D  
 leuiter] leniter N 5 murmuraret RN necessarius esset] -um e.  
 (esse D) DR in monasterii om. D 6 fimum D abbas]  
 suus add. N proximo uico R 7 in] cum R 8 loco illo V  
 9-12 statim... sit om. R 9 ergo om. N 10 abbati] suo add. N  
 11 domine] pater add. N loco] mala add. N 12 dicit V  
 13 adduc N 14 egressa] est add. D leaena] et add. D 15 au-  
 tem] uero N comprehendens] ap- R 16 uolebat R sed  
 om. R 17 alligatam] ligatam N 19 retardaret] reuertetetur D  
 in] de D 20 pro eo om. R tristabatur] con- N et om. D  
 21 eius om. N

nostro Domino. Dixit autem ei discipulus suus: Ecce, domine,  
 sicut praecepisti adduxi ligatam leenam. Volens autem senior  
 25 humiliare sensum eius ne extolleret se in cogitationibus disci-  
 pulus eius, ait ei: Sicut tu insensatus es, ita etiam et istam  
 insensibilem bestiam adduxisti. Solue ergo et dimitte eam ut  
 pergat ad locum suum.

14 — Quidam de sanctis senioribus misit discipulum suum  
 ad hauriendam aquam; pro longius autem erat puteus a cella  
 senioris. Oblitus est autem tollere funem discipulus eius de  
 qua hauriret aquam. Cumque peruenisset ad puteum, contris-  
 5 tatus est ualde, quia longe erat cella eorum. Quid ageret, quo  
 se uerteret nesciebat; dubitabat enim ad cellam reuerti. Tunc  
 anxius nimis prostrauit se in orationem cum lacrimis dicens:  
 Domine, miserere mihi secundum magnam misericordiam  
 tuam, qui fecisti caelum et terram, mare et omnia quae in eis  
 10 sunt, qui facis mirabilia magna solus, miserere mei propter  
 seruum tuum qui misit me. Et cum surrexisset de oratione,  
 exclamauit dicens: O putee, putee, misit me seruus Christi abbas  
 meus ut hauriam aquam. Statim autem ascendit aqua sursum  
 usque ad os putei. Et cum implesset lagenam suam frater,

IV,14 lin. 8-9 : *Domine... tuam* — cf. Ps. L, 1.

23 ei *om.* D suus] eius RN 25 cogitationibus] suis *add.* RN  
 26 eius] suus R ei *om.* R insensatus] insensibilis R 27 bes-  
 tiam *om.* D eam *om.* R

14 — VDRN

*Incipit:* de monacho et puteo N 1 suum *om.* R 2 puteus  
*om.* R cella] cellula R 3 autem] itaque N tollere] ut  
 tolleret D 4 quo RN aqua R perueniret D 5 est  
*om.* R 5-6 quo se uerteret *om.* R 6 enim] autem N  
 7 nimis *om.* R oratione N 8 mei D 10 qui facis *om.* R  
 11 et cum] cumque R 12 Christi] Dei D abba V 14 im-  
 plesisset D

abscessit glorificans potentiam Domini Saluatoris. Aqua autem putei reuersa est ad locum suum. 15

15 — Quidam de sanctis habebat discipulum nomine Petrum et solitarius cum illo habitabat. Quodam autem die indignatus aduersus eum expulit eum de cella et clausit post eum ostium. Ille uero permansit ibi et non recessit quoquam, sed orabat, flebatque. Post duos autem dies, aperiens ostium senior inuenit eum ibi stantem et nimis laetatus est, considerans patientiam et ueram humilitatem eius et complexus eum induxit in cellulam; et perseuerauit cum sene usque in exitum eius. 5

16 — Fuit quidam frater in monasterio nomine Eulalius, nimis gratia humilitatis ornatus. Si quid igitur, ut solet, culpabile admisissent negligentiores fratres, excusantes culpas suas, supradictum fratrem asserebant esse culpabilem. Cumque argueretur a senioribus non negabat, sed prosternebat se in terram adorans eos, dicebat se peccasse et negligenter fecisse. Cum autem iterum ac frequenter accusarent eum et, secundum regulam monasterii, biduana ac triduana ieiunia ei indicerentur, ille omnia patienter tolerabat. Ignorantes autem fratres quia 5

15 Domini *om.* N      15-16 aqua... suum *om.* N

15 — VDRN<sup>2</sup>

1 sanctis] patribus *add.* R      2 solitarius] sollicitus D      quodam N      3 indignatus] indignanter R      3-4 post eum *om.* R  
4 quoquam] quodam R      5 aperuit D      5-6 senior ostium D  
8 induxit] duxit D      cellulam] c (cellam D) suam DN

16 — VDRN

*Incipit:* de fratre Eulalio N      2-3 culpabile ut solet N  
4 esse *om.* N      5 senioribus] fratribus *add.* RN      6 terram] et *add.* R  
eos] eum D *om.* R      dicebat] -que N      7 ac] et R      8-11 triduana... conuenientes: *codex N in extremitate inferiori laceratus est, ideoque aliqua uerba desiderantur*      8 ei *om.* R      indicerentur] inducerent R  
9 ille] ista R

- 10 haec omnia pro humilitatis uirtute patienter sustineret, conuenientes pariter maxime seniores fratres ad patrem monasterii, dixerunt ei: Considera, pater, quid faciendum est, quamdiu enim possumus sustinere negligentias et damna, quae frater Eulalius facit in monasterio? Iam paene omnia uasa et utensilia monasterii confrica sunt et exterminata per negligentiam eius. Quomodo ergo iste talis tolerandus est? Respondensque pater monasterii ait: Interim paucos dies sustineamus, fratres, et postea ordinetur de eo quod competit fieri. Haec dicens dimisit fratres. Ingressus uero cellulam, prostrauit se in orationibus, obsecrans misericordiam Domini, ut ei manifestare dignaretur quid ordinare aut definire possit de saepe dicto fratre. Tunc reuelatum est ei quid ageret. Conuocauit ergo omnes fratres abbas, dixitque eis: Credite mihi, fratres, quia magis opto mattulam fratris Eulalii, cum humilitate ac patientia eius, quam omnia opera eorum dumtaxat qui, murmurantes in cordibus suis, operantur in monasterio. Ut autem ostendat uobis Dominus quale meritum apud Deum habeat hic ipse frater, praecipio uobis ut deferantur mihi mattulae omnium fratrum. Quas cum detulissent, iussit ut accenderent ignem et

10 sustineret] toleraret D 12 faciendum] fiendum R 13 possumus D 14-15 utensilia et uasa N 15 pro negligentia R 16 quomodo] quando D respondensque] eis *add.* R respondens N 18 ordinabitur R de eo *om.* R quod] ut R dixit D 19 fratres] eos R ingressus] -que R uero] in *add.* D *om.* R cellulam *om.* R 19-20 oratione N 20 Domini] Dei N manifestare] mandare R 21 ordinauerat R aut] ut R possit] -sint D -set N saepe dicto] supradicto DR 22 reuelatum est ei] reuelauit ei Dominus R 23 dixitque] et dixit N credite] audite R me R 24 mattulam] mappulam R ac] et RN 25 dumtaxat] taxat D 26 suis] murmurantes *add. repetens* D ostendat] suadebat R 27 uobis] nos R habeat apud Deum R 28 praecipit R uobis *om.* R deferantur R mihi *om.* DR mattulae] mappulae R

misit in eum omnium fratrum mattulas, quae statim omnes 30  
 combustae sunt, praeter mattulam fratris Eulalii, quae integra  
 reperta est et non est combusta. Cumque hoc uidissent  
 fratres omnes, timuerunt ualde et, prosternentes se in terram,  
 ueniam et indulgentiam Christum Dominum postulabant et  
 collaudantes admirabantur nimis patientiam et humilitatem 35  
 fratris Eulalii. Denique ex eo honorabant et magnificabant  
 eum, tamquam unum de magnis patribus. Istos autem honores  
 et laudes non poterat sustinere frater Eulalius dicens: Vae  
 mihi infelici, quia perdiidi humilitatem, quam tantis tempo-  
 ribus acquirere auxiliante et adiuuante me Christo Domino 40  
 festinaui. Consurgens itaque nocte, egressus de monasterio,  
 fugit in eremum, ubi nullus eum agnosceret et ibi in spelaeo  
 habitauit. Noluit enim temporales hominum laudes, sed  
 caelestem aeternamque gloriam a Salvatore nostro in futuro 45  
 percipere saeculo.

17 — Beati abbatis Athanasii laudabilem humilitatis et patientiae uirtutem oportet ut cognoscatis, quatenus admirabilem magnanimitatem et tranquillitatem animae eius consi-

30 miserunt R in eum om. R mappulas fratrum R 30-  
 -31 mattulas... praeter om. D 31 mattulam] mappulam R 32 est  
 et om. D hoc om. N 34 indulgentiam] a add. RN Chris-  
 to RN Domino RN 35 admirabatur D 36 fratres R  
 Eulalii om. R 36-39 et... tantis: in codice N aliqua uerba desi-  
 derantur quia folium laceratum est 39 humilitatem] meam add. R  
 quam] quia R 39-40 per tanta tempora R 40 me om. DR  
 41 nocte om. D de monasterio egressus D 42 ubi] ut D  
 nullus] ullus R spelaeo] specu R 43 habitabat R 44 Sal-  
 uatore] Christo add. N nostro] Christo add. D

17 — VDRN

Incipit: de abbate Anastasio N 1 Athanasii] Anastasii RN  
 humilitatem R 2 cognoscatis] ag- D -entes R 3 magnani-  
 mitatem] magnitudinem R animi RN

derantes, imitemur exemplo. Hic itaque abbas Athanasius  
 5 habebat codicem in membranis ualde optimis scriptum, qui  
 decem et octo ualebat solidos. Totum enim uetus et nouum  
 Testamentum scriptum habebat. Cum autem quidam frater  
 uenisset ad eum uisitandi gratia, uidit in cellula eius codicem  
 ipsum, concupiuit furatusque est eum et abiit. Supramemo-  
 10 ratus autem abbas, cum requisisset eadem die ad legendum  
 codicem et non inuenisset, intellexit quia frater ille furasset  
 eum et noluit mittere post ipsum nec requirere eum, ne post  
 furtum etiam et periuria adderentur. Descendens autem frater  
 ille in eam quae in proximo erat ciuitatem, uoluit distrahere  
 15 codicem ipsum; petebat autem in pretio eius solidos sedecim.  
 Dicit ei ille qui emere uolebat: Da mihi codicem ut possim pro-  
 bare si tanto pretio ualet. Dedit ergo codicem, ut probaret  
 eum. Statim autem cum ipso codice perrexit ad sanctum  
 Athanasium et rogabat eum dicens: Iube considerare, pater,  
 20 codicem istum et aestimari eum si ualet solidos sedecim,  
 quoniam tantum pretium petit qui distrahit eum. Dixit autem  
 abbas Athanasius: Quia bonus est codex et ualet tanto pretio.  
 Reuersus autem qui emere uolebat, dixit distrahenti: Ecce  
 accipe pretium, quia ostendi codicem abbati Athanasio et dixit  
 25 mihi: «Quia bonus est codex et ualet tantum». Interrogauit

4 Athanasius] Anastasius RN      5 membranis] pergamenis R  
 optimum R      7 habebat scriptum R      8 gratia uisitandi R  
 9 ipsum] et *add.* RN      furatusque est eum] ipsumque furatus est R  
 10 autem *om.* N      abbas] Anastasius *add.* N      legendum] de- R  
 11 codicem] suum *add.* N      inuenisset] eum *add.* D      furasset] furatus  
 est (esset RN) DRN      13 etiam *om.* N      periurium R      addere-  
 tur R      14 ille *om.* R      16 ille *om.* D      17 tanto pretio ualet]  
 -um -ii u. N      -um u. -ium DR      ergo] ei D      18 autem] ergo R  
 frater ille *add.* N      19 Athanasium] Anastasium RN      considerari N  
 pater *om.* R      20 aestimare R      eum *om.* N      22 abbas]  
 beatus R      Athanasius] Anastasius RN      tanto pretio] -um -ium DR  
 -um -ii N      24 Athanasio] Anastasio N



autem frater ille si nihil dixisset aliud. Cui respondit ille et ait: Crede mihi quia penitus nihil mihi aliud dixit. Haec cum audisset frater ille dixit: Quia iam recogitavi et nolo distrahere codicem. Compunctus enim corde, festinanter perrexit ad abbatem Athanasium et prostravit se in terram ad pedes eius cum fletu et lacrimis poenitendo rogabat ut resusciperet codicem. Sed non acquiescebat abbas dicens: Vade cum pace, frater; ecce cum uoluntate mea habe tu ipsum codicem. Ille autem persistebat cum lacrimis poenitendo dicens: Quod si non susceperis codicem, domine pater, nullo modo requiescit anima mea. Post haec recepit codicem. Nam frater ille permansit apud beatum Athanasium in cellula eius usque in exitum uitae suae. 30 35

18 — Erat quidam monachus in eremo degens et coepit intra se cogitare, quae iam uirtutum merita possideret, et orauit intente dicens: Domine, ostende mihi quid minus in sancta conuersatione habeo, ut tua gratia auxiliante adimplere ualeam quod deest mihi. Dominus autem Deus noster, qui 5

IV,18 lin. 5-7 : *Deus... uenire* — cf. I Tim. II, 4.

26 autem] eum *add.* R nihil] beatus Anastasius *add.* N 26-  
 -27 cui...quia *om.* R 27 quia *om.* D 28 dixit] ei *add.* N reco-  
 gitauit] frater *add.* N 29 codicem] meum *add.* N 30 Athanasium]  
 Anastasium RN eius] et *add.* R et precabatur *add.* N 31 et  
*om.* D rogabat *om.* N resusciperet] sus- R re- N codicem]  
 suum *add.* N 32 acquiescebat] ei *add.* N cum pace *om.* R  
 33 ecce] est *add.* R iam *add.* N habe tu] habeto RN 34 poe-  
 nitendo] petendo eum N quod] quoniam R quia N 35 codi-  
 cem domine pater *om.* D nullo modo requiescit] non quiescit D  
 36 codicem] suum *add.* N nam *om.* R ille *om.* N 37 Atha-  
 nasium] Anastasium RN cellula] cella DN

18 — VDRN<sup>2</sup>

3 minus] munus D 5 Deus *om.* D

uult omnes homines saluos fieri et ad agnitionem ueritatis uenire, ut humiliaret sensum eius et cogitationem, reuelauit ei dicens: Vade ad monasterium illius abbatis et ipse pater monasterii quicquid tibi dixerit hoc facere debes. Reuelauit  
 10 autem Deus etiam patri monasterii dicens: Ecce ille monachus, qui in uicina eremo habitat, uenit ad te. Vide ut dicas ei quatenus accipiat flagellum et mitte eum ut pascat porcos. Cum autem uenisset senior, pulsauit ostium monasterii et ingressus est ad patrem monasterii. Cumque alterutrum sibi  
 15 pacem dedissent, facta oratione dixit eremita ad abbatem monasterii: Dic mihi, pater, quid me oporteat facere, ut saluetur anima mea. Tunc monasterii pater: Siquid dixero, obaudis ut facias? At ille respondens ait: Quicquid mihi praeceperis, domine, facio. Dicit ei abbas: Accipe istud flagellum  
 20 et uade pascere porcos. Quam plurimi autem homines, qui eum beatum pro sancta conuersatione credebant, uidentes eum porcos pascere dicebant: Ecce eremita ille, de quo magna opinio erat, amens factus porcos pascit. Videns autem Dominus humilitatem et promptam oboedientiam eius ac patientiam, quia sustinuit  
 25 opprobria et subsannationes hominum, effudit super eum largam gratiam suam, ut etiam daemones eum contremiscerent. Reuersusque est in eremum ad cellulam suam.

6 ad *om.* R. ueritatis *om.* R. 7 et cogitationem eius RN  
 9 dixerit tibi R. hoc *om.* R. fecere D. 11 habitabat N  
 13 senior] ad monasterium *add.* N. 13-14 et ingressus est ad  
 patrem monasterii] *om.* D. est *om.* V. 13-15 et... abbatem] cum  
 autem admissus fuisset post orationem factam dixit patri N. 15 ere-  
 mita *om.* R. abbate D. 16 oporteat me D. 17 monasterii  
 pater] p. m. ait N. siquid] tibi *add.* R. si N. 18 mihi *om.* R.  
 19 domine *om.* D. 20 uade] et *add.* R. 21 uidentes] autem *add.* D.  
 21-22 pascere porcos N. 24 promptam] propter D. tantam R.  
 25 obprobrium R. 26 eum daemones R. 27 cellulam]  
 cellam N. suam *om.* N.

19 — Quodam tempore cum ad beatum Macarium quidam uenisset, desiderans in proposito monachorum seruire Christo, et deprecaretur sanctum senem, ut instrueret ac doceret et ex fonte doctrinae salutaris, quae in eo per Sancti Spiritus gratiam abundabat, confirmaret et qualiter possit iuuante Domino insidias atque impugnationes maligni euadere praemoneret, respondensque beatus Macarius ait: Si uere ex toto corde desideras renuntiare huic mundo, filiule, et adhaerere Domino Saluatori sicut dicit propheta in psalmo: «Adhaesit anima mea post te, me autem suscepit dextera tua», parata enim est dextera Domini confugientes ad se suscipere, oportet te renuntiare huic mundo et omnes actus eius abicere, sicut dicit Apostolus scribens ad Colossenses: «Mortui enim, inquit, estis huic mundo et uita uestra abscondita est cum Christo in Domino. Cum autem Christus apparuerit uita uestra, tunc et uos apparebitis cum ipso in gloria». Haec audiens iunior dixit: Crede mihi, beatissime pater, quia et mentem meam alienauit ab hoc mundo et ab omnibus quae in mundo sunt, ut iam tamquam mortuus degeam in huius temporis uita. Cognoui enim quoniam temporalia et transitoria atque corruptibilia sunt omnia, quae in hoc mundo uidentur esse bona.

IV,19 lin. 9-10 : *Adhaesit... tua* — cf. Ps. LXII, 9.  
lin. 13-16 : *Mortui... gloria* — cf. Col. III, 3-4.

19 — VDRN<sup>2</sup>

2 propositum R 3 ut] eum *add.* R instrueret] eum *add.* N  
5 posset DN 7 respondensque] respondens RN 8 et *om.* D  
adhaerere] adhaere D 10 autem *om.* N enim est] est e. D  
enim *om.* R 12 actus] sanctos D 13 inquit estis] e. i. R  
inquit *om.* N 15 Domino] Deo N autem] enim R 17 et]  
ita R 18 omnibus] hominibus R in] hoc *add.* R 18-19 ut  
iam] utinam D 19 degeam] degam N 21 bona esse uidentur D

Tunc dicit ei senior: Audi me, fili, et uade ad sepulcra mortuorum et quam plurimis iniuriis multisque conuiciis ac maledictis <sup>†</sup>affice etiam et lapida eos, ut prouocati irritentur aduersum te. His auditis iunior statim perrexit ad monumenta mortuorum. Cumque secundum beati senioris praeceptum multis eos, ut putabat, iniuriis affecisset, reuersus ad sanctum Macarium dixit ei quod fecerat. Interrogauitque eum senior, si nihil ei respondissent illi mortui. Et respondens dixit: Nihil penitus dixerunt, domine. Iterum autem praecepit ei dicens: Perge crastino die et multis praeconiis collauda et glorifica eos. Abiitque iterum frater ad sepulcra mortuorum, coepitque laudare et honorificis sermonibus glorificare eos dicens: Vos magni estis et sancti et similes apostolicis uiris et iustitia magna in uobis est. Et alias quam plurimas laudes cum ad eos dixisset reuersus ad cellulam dixit seniori: Ecce secundum praeceptum tuum, domine pater, laudauit et glorificaui illos mortuos et nihil mihi penitus dixerunt. Tunc dixit ei sanctus Macarius: Considera, fili, quoniam iniuriis et contumeliis exprobrasti illos mortuos et nihil tibi locuti sunt.

Ita ergo et tu, si uis saluus esse et in sancto proposito placere Saluatori nostro Christo, imitare ipsum Dominum Saluatoremque nostrum, sicut dicit Ioannes apostolus et euangelista: «Quoniam qui dicit se in Christo manere, debet quemadmodum ille ambulauit et ipse ambulare». Et in Euangelio

IV,19 lin. 44-45 : *Quoniam... ambulare* — cf. I Ioan. II, 6.

22 dixit R      23 conuiciis ac] conuiciare N      24 affice *existimo per coniecturam scripsisse* D: *om.* VRN      etiam et] et tamen D  
 et *om.* N      26 mortuorum: *explicit hic textus huius apophthegmatis in* R      27 eos *om.* D      28 eum *om.* N      senior] senex D  
 29 ei respondissent] r. ei D      ei *om.* N      respondens] ei *add.* D  
 30 domine dixerunt V      36 cellulam] cellam N      37 pater  
*om.* N      38 penitus mihi D      42 imitari D

legimus quoniam Iudaei multas iniurias, instigante eos diabolo, in Dominum nostrum Salvatorem dixerunt, Samaritanum eum et daemonium habentem et in Beelzebub, principe daemoniorum, eicientem daemona; nam et seductorem eum ausi sunt dicere. Et haec omnia patienter Dominus, caeli ac terrae Creator, sustinuit ut nobis exempla patientiae et humilitatis praeberet. Nam si uoluisset potentiam suae maiestatis ostendere et uindicare iniurias, omnem subito mundum in chaos deduceret et nec genus hominum nec ipse appareret mundus, sed in momento omnia interirent. Verumtamen noluit haec facere inenarrabilis Christi Domini pietas, qui non ad puniendum, sed ad saluandum uenerat mundum. Ideo enim patienter sustinuit omnia, ut nobis exempla patientiae et humilitatis ostenderet. Vnde et sequentibus se discipulis dicebat: «Discite a me quia mitis sum et humilis corde et inuenietis requiem animabus uestris». Sed et omnes a saeculo sancti, tam prophetae quam apostoli, et opprobriis et iniuriis ac diuersis afflicti tormentis semper immobilem uirtutem patientiae et humilitatis tenuerunt et nequaquam humanis laudibus sunt decepti. Res-

- IV, 19 lin. 47-48: *Samaritanum... habentem* — cf. Ioan. VIII, 48.  
 lin. 48-49: *Beelzebub... daemona* — cf. Marc. III, 22; Mat. IX, 34; XII: 24, 27; Luc. XI, 15.  
 lin. 49-50: *seductorem... dicere* — cf. Ioan. VII, 12; Mat. XXVII, 63.  
 lin. 56-57: *Domini... mundum* — cf. Ioan. III, 17.  
 lin. 59-61: *Discite... uestris* — cf. Mat. XI, 29.

---

47 in Dominum nostrum Salvatorem] in S. D. N dixerunt] scilicet *add.* N Samaritanum eum] e. S. esse D eum *om.* N  
 48 daemonium... principe *om.* D 48-49 daemoniorum] daemoniosum D 49-50 ausi sunt eum N 51 Creator *om.* D 56 exempla *om.* N patientiae] -m suae maiestatis N 56 pietas] bonitatis *add.* N 57 patienter enim V 58 omnia sustinuit N  
 62 et<sup>1</sup> *om.* N

- 65 puentes namque inanis gloriae praesentis uitae uanos rumores, illam solam caelestem aeternamque gloriam concupiscunt qui Christo placere desiderant, quae ex Deo est et permanet in aeternum, cuius claritatis splendorem nulla humana lingua potest exponere. Haec igitur exempla patientiae et humili-
- 70 tatis considerans, filiolo, si quando irrogatae tibi fuerint iniuriae, fortissime uirtutem patientiae et humilitatis custodi et imitare prophetam, qui dixit: «Ego autem tamquam surdus non audiebam et sicut mutus non aperiens os suum et factus sum sicut homo non audiens et non habens in ore suo increpationem». Quod certe ad commonendum sensum nostrum cottidie in synaxi psallitur. Caue etiam ne uanam gloriam laudesque hominum deleteris et perdas omnia quae laborando in bonis operibus acquisieris, fructusque ieiunii et abstinentiae tuae uigiliarumque et orationum mercedem in aeterna uita
- 80 non consequaris a Domino. Quia ipse dixit in Euangelio de eis qui laudes hominum quaerunt: «Amen dico uobis quia perceperunt mercedem suam». Et alia multa sunt quae de cauenda uana gloria sanctae Scripturae nos admonere non cessant. Caue ergo, o fili, et neque ad irrogatas iniurias
- 85 exardescat in iracundiam animus tuus, et si incitatum fuerit cor tuum, ipse tamen districte in timore Domini refrena ab iracundia animum tuum, ut possis uirtutem humilitatis ac

IV,19 lin. 72-75: *Ego autem... increpationem* — cf. Ps. XXXVII, 14-15.  
lin. 81-82: *Amen... suam* — cf. Mat. VI: 2, 16.

---

66 solam *om.* D 74-75 increpationem] redargutionem N 76 synaxi] psalmo D 76-77 uanam gloriam laudesque] u. g. laudes V uana gloria laudeque N 77 perdes V 79 orationis D 80 non *om.* DN consequeris N 81 qui] de bono opere *add.* N hominum *om.* N 82 perceperunt] re- N multa] quidem N 83 nos admonere *om.* N 84 cessant] tacent N et] ut D 85 iracundia D 86-87 ipse... tuum *om.* DN

patientiae custodire. Et tunc ueraciter ostendis quod promissisti dicens: Quia tamquam mortuus degeas in hoc mundo, si nihil turbulentum respondeas eis qui tibi iniurias irrogant, sicut nec illi de monumentis mortui in quos multas iniurias et conuicia dixisti et nihil tibi penitus responderunt. Ideoque oportet ut fortiter custodiamus uirtutem humilitatis ac patientiae, quatenus possimus ad caelestia praemia et ad aeternae uitae gloriam peruenire, sicut dicit in Apocalypsi Dominus: «Tene quod habes, ne alius accipiat coronam tuam».

IV,19 lin. 95-96 : *Tene... tuam* — cf. Apoc. III, 11.

---

88 et om. N ostendens D 89 degeas] degas N 90 eis om. D  
 92 ideoque] ideo N 94 caelestia praemia] caelestem patriam N  
 ad<sup>2</sup> om. V 96 tuam] Explicit de uirtute humilitatis et patientiae  
 add. VD

## INCIPIVNT CAPITVLA

## DE DOCTRINA AD MONACHOS

I — De doctrina seu monitis patrum ad monachos, qualem  
 oportet affectum circa corporales parentes seu propinquos  
 5 habere.

II — De sancto Pior, qui fuit discipulus beati Antonii.

III — De sancto abbate Ioanne.

IV — De famulo Dei Martiano.

V — De famula Dei et fratre eius.

10 VI — De abbate Apollo et fratre eius.

VII — De beato Theodoro, discipulo sancti Pachomii.

VIII — De sancto Pachomio, commonitionem qui solebat  
 referre fratribus de insidiis aduersariorum daemonum.

15 IX — De sancto seniore cui talem gratiam donauerat  
 Christus, ut uidere possit quae alii non uidebant.

X — De beato Arsenio, qui fuit quondam sublimis ualde  
 in palatio imperatoris et postea magnus inter sanctos patres.

## V — INCIPIVNT — VD om. RN

2 de doctrina om. V	6 Pior D	8 Martiano] Martino D
9 famula <i>correx</i> : famulo VD	11 beato] abbate D	discipuli V
Pachomii <i>correx</i> : Pagomii V	Pagamii D	12 communitio V
quae V	15 posset D	16 beato] abbate D
		17 patres] Expli-

ciunt capitula *add.* V



## V

&lt;INCIPIIT

## DE DOCTRINA AD MONACHOS &gt;

1 — Sanctus ac beatissimus Antonius, uerus in Christo  
 pater monachorum, praecipiebat discipulis suis et saepe monebat  
 eos ut memoriam carnalium parentum ac propinquorum absciderent  
 de cordibus suis et actibus eorum, nullam haberent  
 sollicitudinem, ut libera et expedita mente, absque aliqua 5  
 sollicitudine corporali, adhaerere Deo anima sine intermissione  
 intentius possit. Valde enim euertitur et exterminatur de  
 huiuscemodi sollicitudinibus stabilitas mentis et in tantum  
 obscuratur lumen cordis, ut nec sentiat quis quantum laeditur  
 et distrahitur anima in diuersis peruagationum cogitationibus. 10  
 Oportet enim et ualde conuenit ut pro salute animarum  
 parentum ac propinquorum suorum monachi intente semper  
 Dominum exorare non cessent, ut eripiat et saluet eos de  
 superueniente huic mundo ignis aeterno iudicio et ut mereantur  
 habere partem in uero aeternoque lumine iustorum, cum 15  
 aduenerit Christus, Filius Dei, rex aeternus, in gloria maiestatis  
 suae cum angelis sanctis et cum omnibus uirtutibus et potes-  
 tatibus caelestibus iudicare uiuos et mortuos in die illo magno  
 et terribili iudicii Dei. Ita enim debent monachi pro suis  
 parentibus interuenire et deprecari Dominum, ut aeternam 20

V — < Incipit de doctrina ad monachos >: *uide titulum capitulationis  
 praecedentis*

1 — VD om. RN

*Incipit:* incipit de sancto Antonio V 1 ac] hac D  
 5-6 ut... sollicitudine om. D 6 corporalem D 10 peruagationum]  
 praeuaricationum D 12 semper om. D 14 igne D  
 iudicii D ut et D 16 gloriam D 17-18 angelis... iudicare ui- om. D  
 20 ut] et *add.* D

salutem mereantur accipere in uita perpetua, et regno Iesu Christi Domini nostri sors eorum inueniatur. Amen.

2 — Fuit quidam eremita Pior nomine, de antiquis patribus, quem beatus Antonius adolescentem in sancto proposito monachorum instruxit. Demoratus autem apud beatum Antonium annos paucos, cumque uiginti et quinque esset annorum,  
5 abiit ad alium secretum eremi locum, ut solitarius habitaret, hoc etiam uolente et consentiente beato Antonio. Dixitque ei: Vade, Pior, et habita ubi uolueris et cum tibi per aliquam rationabilem occasionem reuelauerit Dominus, uenies ad me.

Cum autem peruenisset hic ipse Pior ad locum qui situs  
10 est inter Nitriam et eremum Scteti, fodit puteum, cogitans apud seipsum: Quomodo qualemcumque aquam inuenero, oportet me ipsa contentum esse. Quod et factum est ad augmentum uirtutum eius talis occasio. Tantum enim falsa et amara inuenta est aqua, ut si quis ad eum uisitandi gratia  
15 ueniret, in proprio uasculo aquam sibi portaret. Remoratus est autem in eodem loco annis triginta. Magis enim consuetudo est uiris sanctis contra delectationes proprias repugnare. «Diligentibus enim Deum, sicut dicit Apostolus, omnia coope- rantur in bonum», siue enim lucrum inueniant, siue damnum

V,2 lin. 18-19 : *Diligentibus... bonum* — cf. Rom. VIII, 28.

21 accipere] ac D et] in *add.* D regnum D

2 — VDRN

*Incipit:* de sancto Piore N 3 autem] est *add.* DN 4 anno-  
rum esset V 6 et *om.* R ei] sanctus Antonius *add.* R  
8 rationabilem] rationalem D uenias N 9 Pior *om.* D  
10 Scteti] Scythiae RN fodit] ef- R cogitans] autem *add.* D  
11 seipsum] ipsum D semet- RN 13 uirtutum] -is N *om.* R  
talis occasio *om.* N enim] et *add.* N 14 gratia uisitandi R  
15 uenisset D 16 est autem] est *om.* V e. ergo R ergo e. N  
loco eodem D 16-22 magis... bonum *om.* R 18 enim]  
autem N

sustineant, etiam et iniurias patienter sustinent et honoribus 20  
 non exaltantur. Nam et infamia et bona fama omnia eis  
 cooperantur ad bonum. Dicebant ergo fratres ut recederet de  
 loco ipso propter amaritudinem aquae. Ipse autem dixit  
 eis: Si amaritudinem et laborem abstinentiae fugiamus et  
 uelimus requiem in hoc mundo habere, post exitum uitae 25  
 huius non percipimus illa aeterna et uere dulcia bona, nec  
 fruemur illis perpetuis beati paradisi deliciis.

Dicebant ergo fratres quia unum tantum paximatium et  
 quinque oliuas in cibo accipiebat, et hoc deambulando foris.

Etiam et hoc affirmabant de eo multi sanctorum patrum, 30  
 quia triginta et amplius annis ex eo quo egressus est de domo  
 parentum suorum, nunquam ei suasum est, etiam cum defunctos  
 audisset parentes suos, ut pergeret ad requirendum seu uisi-  
 tandum propinquos suos. Verumtamen soror eius cum esset 35  
 uidua, habens duos filios iam adolescentulos, misit eos in ere-  
 mum ad requirendum fratrem suum Piorem. Qui circueuntes  
 diuersa monasteria requirentes eum, uix tamen inuenientes eum,  
 dixerunt ei: Nos filii sororis tuae sumus, quae nimio desiderio  
 optat te uidere, ante exitum suum. Ipse uero non acquieuit

V,2 lin. 21-22 : *infamia... bonum* — cf. II Cor. VI, 8; Rom. VIII, 28.

20 sustinent] sustineant D 21 exaltentur D infamiam et  
 bonam famam D omnia *om.* D 22 cooperentur D ad]  
 in DN ergo] ei *add.* RN 23 ipso] illo D 24 eis *om.* D  
 25-26 huius uitae R 26 percipiemus RN 27 illas perpe-  
 tuas V delicias V 28 paximatium] paxmatium V parima-  
 tum D 29 in cibo *om.* D 30 et hoc *om.* D de eo multi  
 sanctorum patrum] de eo *om.* D multo s. p. de eo R 31 eo  
*om.* RN 32 eis R suasum] uisus R 33 requirendum] in- D  
 querendum N seu] ad *add.* D 34 propinquos] proximos R  
 36 requirendum] querendum N Pior RN circueuntes] cum RN  
 37 monasteria] circuissent *add.* RN eum<sup>1</sup> *om.* D tamen] tandem R  
 eum<sup>2</sup>] illum RN

40 petitioni eorum. Perrexerunt autem adolescentes ad hominem  
 Dei beatum Antonium, indicantes ei pro qua causa uenissent.  
 Misit autem beatus Antonius et uocauit eum ad se, dixitque  
 ei: Quare, frater, tanto tempore non uenisti ad me? Qui  
 respondens dixit ei: Praecipisti mihi, beatissime pater, ut cum  
 45 per aliquam occasionem reuelaret mihi Dominus, tunc uenirem  
 ad te. Ecce usque hactenus non mihi reuelatum est. Dicit ei  
 beatus Antonius: Vade ut uideat te soror tua. Tunc assumpsit  
 secum alium monachum et perrexit ad locum et domum  
 sororis suae. Et stans foris prope ianuam atrii, clausis oculis,  
 50 ut non uideret sororem suam, stetit. Illa autem ueniens proiecit  
 se ad pedes eius; de nimio autem gaudio angustata est. Dicit  
 ei beatus Pior: Ecce ego sum Pior, frater tuus. Vide ergo me  
 quantum uolueris. Et post haec statim reuersus est ad eremum  
 in cellulam suam. Hoc autem fecit ad erudiendum monachos,  
 55 ut non daretur eis licentia cum libitum eis fuerit uisitare  
 parentes uel propinquos suos.

3 — Etiam et abbas Ioannes qui commanebat in Thebaida,  
 in monte qui uocatur Calamus, habebatque sororem quae ex  
 infantia in sancto proposito conuersabatur. Ipsa enim erudiuit  
 et docuit fratrem suum eundem abbatem Ioannem, ut relin-  
 5 queret uanitates saeculi huius et ingrederetur in monasterium.  
 Cum autem ingressus fuisset in monasterium, per uiginti et

44 cum *om.* V    45 reuelauerit R    46 usque *om.* N    47 ut]  
 et D    te *om.* D    sororem tuam D    48 et<sup>2</sup>] ad *add.* R  
 49 clausus V    51 autem] enim N    angustata] angusta D    angus-  
 tiata RN    55 daret D

## 3 — VDRN

1 et *om.* D    in Thebaida] *om.* R    in Thebaidae N    2 in  
*om.* N    habebatque] habebat RN    sororem *om.* D    5 uani-  
 tatem D    in *om.* N    6 autem *om.* D    in *om.* N    et  
*om.* N

quatuor annos non est regressus de monasterio, nec uisitauit  
 sororem suam. Illa uero nimis desiderabat uidere eum. Nam  
 frequenter scribebat et mittebat ad eum epistolas, petebatque  
 ut ante exitum eius de hoc corpore ueniret ad eam, ut in 10  
 caritate Christi de praesentia sua laetarentur. Ille autem excusa-  
 bat, nolebatque de monasterio egredi. Venerabilis autem famula  
 Christi, iterum scribit ad eum dicens: Quia si nolueris uenire ad  
 me, necesse me est ut ego ueniam ad te, ut post tanta tempora  
 adorare merear sanctam caritatem tuam. Haec cum audisset 15  
 supradictus abbas Ioannes, contristatus est nimis et cogitauit  
 apud seipsum dicens: Quomodo si permisero ut ad me ueniat  
 soror mea, de cetero licentia datur ut alii parentes ac propinqui  
 nostri ueniant ad uisitandum me. Ideoque tractauit magis, ut  
 ipse pergeret et uisitaret sororem suam. Accepit etiam alios 20  
 secum duos fratres de monasterio et cum uenissent ad ianuam  
 monasterii sororis suae clamauit dicens: Benedicite et audite  
 peregrinos. Egressa est autem soror eius cum alia famula Dei  
 et aperuit ianuam et penitus non cognouit fratrem suum. Ipse  
 autem cognouit sororem suam, sed non est locutus uerbum, 25  
 ne forte in uoce cognosceret eum. Monachi uero qui cum ipso  
 erant dixerunt: Rogamus te, domina mater, ut iubeas nobis  
 aquam dare ad bibendum, quia de itinere fatigati sumus. Cum  
 accepissent et bibissent aquam, facientes orationem et gratias

7 regressus] e- RN      8 nam] et *add.* R      10 in *om.* D  
 11 laetaretur D      13 Christi] Dei soror eius RN      scribit] -psit R  
 -bebat N      dicens ad eum R      14 me est] me *om.* D      mihi e. R  
 e. mihi N      ego *om.* DN      15 sanctam caritatem] sanctitatem R  
 haec] autem *add.* RN      audisset] dixisset R      16 cogitabat RN  
 17 seipsum] semet- N      18 dabitur R      ut] et *add.* R      19 tra-  
 ctauit] apud semetipsum (se N) *add.* RN      ut magis RN      20 per-  
 geret et uisitaret] iret uisitare D      20-21 alios secum duos fratres]  
 s. a. d. f. D      a. d. f. s. R      21 ianuam *om.* R      22 monas-  
 terium R      23 cum *om.* D      27 dixerunt] ad eam *add.* RN  
 28 dari aquam N      cum] autem *add.* RN

- 30 agentes Deo, discesserunt et reuersi sunt ad monasterium suum.  
 Post aliquantos autem dies, iterum scripsit ad eum soror sua,  
 ut ueniret et uideret eam ante exitum suum et orationem faceret  
 in monasteriolo eius. Tunc ille scripsit ad eam et direxit  
 epistolam per monachum de monasterio suo dicens: Quia  
 35 praestante gratia Christi, ego ueni ad te et nullus me cognouit.  
 Ipsa uero egressa es ad nos et dedisti nobis aquam et accepi  
 de manibus tuis et bibi et, gratias agens Domino, reuersus sum  
 in monasterium. Sufficiat ergo tibi quia uidisti me. Ergo  
 40 ulterius non mihi sis molesta, sed ora pro me incessanter ad  
 Dominum nostrum Iesum Christum.

- 4 — Sed et de famulo Dei Martiano simile exemplum  
 referemus. Soror enim eius cum filio suo abiit ad eum in  
 monasterium, ut post multa tempora uisitaret eum. Ipse  
 autem sororem suam non acquieuit suscipere nec uidere, filium  
 5 autem eius suscepit, qui intente deprecabatur eum et petebat  
 ut susciperet tunicam et pallium, quod detulissent ei. Sed  
 noluit penitus suscipere dicens: Quia ab infantia mea usque ad  
 hanc horam Dominus Deus gubernauit me, etiam et usque in  
 finem exitus mei ipse mihi praebet omnia quae necessaria sunt.  
 10 Non enim expedit a parentibus carnalibus haec exspectare uel  
 suscipere. Ille autem prostrauit se ad pedes eius dicens: Non  
 tamquam parenti, sed tamquam seruo Dei et monacho offeremus  
 haec. Respondens beatus abba Martianus dixit eis: Per quot

30 discesserunt] re- N      31 autem *om.* R      scripsit] re- N  
 32 eam] illum R      33 monasteriolo] monasterio D      eius] suo N  
 scripsit] re- RN      37 Domino] Deo N      38 ergo *om.* N  
 39 ad *om.* RN      40 Iesum Christum *om.* R

4 — VDN<sup>2</sup> *om.* R  
 1 et *om.* D      2 referamus D      4 sororem] quidem *add.* N  
 6 quae N      8 me gubernauit N      etiam *om.* N      et *om.* D  
 12 offerimus N      13 respondens] autem *add.* N      abba] abbas D  
*om.* N

monasteria uenistis de itinere ad nos? Qui respondens dixit  
 ei: Plurima monasteria transiuimus. Et quare, inquit, non 15  
 dedistis ex his uestimentis eis tamquam seruis Dei et monachis?  
 Ipse uero respondens dixit: Quia nulli aliquid dedimus. Ait ergo  
 ad eum beatus Martianus: Ecce manifestatum est quia non ut  
 seruo Dei et monacho, sed tamquam parenti et propinquo  
 uestro haec ad me detulistis. Noluit ergo suscipere. Orationem 20  
 pro eis intentissime faciens pro salute animarum eorum Domi-  
 num deprecatus est et dimisit eos. Praecepitque eis ut ulterius  
 numquam uenirent ad eum.

5 — Sed et alius quidam monachus abiit ad sororem suam  
 ut uisitaret eam. Audierat enim eam aegrotantem in monas-  
 terio. Erat enim ipsa famula Dei nominata in sancta conuer-  
 satione. Itaque non acquieuit illa suscipere et uidere fratrem  
 suum, ut non per occasionem eius ingrederetur in monasterium  
 feminarum. Sed mandauit ei dicens: Vade, domine frater, et  
 ora pro me. Praestante enim gratia Dei et Saluatoris nostri,  
 uidebo te in futuro saeculo, in regno Domini nostri Iesu  
 Christi. 5

6 — Ad hunc igitur senem cum germanus suus intempesta  
 nocte uenisset, petens ut de monasterio suo paulisper egressus  
 ad eleuandum bouem qui in paludis caeno cecidisset,

14 monasterium D      17 dedimus] detulimus N      18 eum]  
 eos D      manifestatum est] manifestum N      20 ad me] mihi N  
 suscipere] sed *add.* N      22 eos *om.* N

5 — VDRN

1 monachus quidam D      2 enim *om.* V      eam *om.* D      3 enim]  
 et *add.* N      4 et uidere *om.* N      5 per occasionem eius non D  
 in *om.* N      monasterio V      7 Saluatoris] Domini *add.* N      8 in  
 regno] *om.* D      et r. R      9 Christi] amen *add.* D

6 — VDN<sup>2</sup> *om.* R

3 eleuandum] leuandum D      quem N      cecidisse N

5 flebiliter quaerebatur ut ei praeberet auxilium, quia eum solus  
 non posset eruere. Cui abbas Apollo instanter obsecranti: Cur,  
 ait, iuniorum fratrem nostrum, quem praeteriens uiciniorem  
 quam me habueras, non rogasti? Cumque ille, mortem olim  
 sepulti fratris oblitum et ex nimia abstinentia ac solitudinis  
 iugitate uelut impotem mentis existimans, respondisset: Quem-  
 10 admodum poteram eum de sepulcro, qui ante annos quin-  
 decim obiit, inuocare? Et abbas Apollo respondit dicens:  
 Ignoras ergo me quoque ante annos uiginti huic mundo fuisse  
 defunctum? Nullaque iam posse de huius cellulae sepulcro,  
 15 quae ad praesentis uitae pertineant statum, tibi conferre solacia,  
 quem in tantum Christus ab intentione abrenuntiationis mundi  
 arreptae uel modicum ad extrahendum bouem tuum non  
 patitur relaxari ut ne breuissimi quidem momenti indutias  
 sequenti se discipulo pro patris indulserit sepultura.

7 — Etiam de beato Theodoro oportet nos exempla uirtutum  
 proferre. Hic itaque beatus Theodorus, discipulus fuit  
 sancti Pachomii, uiri de magnis patribus, qui fuit pater infinitae  
 multitudinis monachorum, multorumque monasteriorum pater,

V,6 lin. 15-18 : *Christus... sepultura* — cf. Mat. VIII, 21-22; Luc. IX,  
 59-60.

4 ut *om.* N solus eum N 5 possit V eruere] erigere D  
 leuare N cui *om.* N 5-6 ait cur N 6 nostrum *om.* D  
 7 me quam D 8 oblitum] obitum D et *om.* N solitudi-  
 nis] sollicitudinis VD 9 impotem] inposte D existimans] exti-  
 mans D 11 inuocaret D et *om.* N 12 ante *om.* D uiginti  
 annos N 14 pertinent N 15 quae N 17 ut] et VD  
 18 sepulturae D

7 — VDRN

*Incipit:* de beato Theodoro N 1-2 exempla uirtutum] u. e. D  
 uirtutem *om.* R 3 sancti] beati R magnis] sanctis RN  
 4 multorumque monasteriorum pater] *om.* D multorum quo-  
 que m. p. N



in partibus Thebaidae. Cum enim in omnibus sanctitatis 5  
 fulgeret uirtutibus, etiam prophetiae gratiam a Domino meruit.  
 Multa enim futura reuelauit ei Dominus. Quodam autem  
 tempore, supradicti beati Theodori soror germana uenit ad  
 monasterium, in quo conuersabatur idem Theodorus, ut post  
 multa tempora uideret germanum suum. Cumque nuntiassent 10  
 ei de aduentu sororis eius, misit continuo duos monachos qui  
 obseruabant ad ianuam monasterii, mandauitque per eos sorori  
 suae dicens: Ecce, soror, audisti et cognouisti quia uiuo; ne  
 contristeris autem quia minime me uidisti, sed magis considera 15  
 uanitatem et instabilitatem praesentis mundi et conuerte cor  
 tuum et apprehende sanctae uitae conuersationem, ut peruenire  
 possis ad aeternam uitam et ad caelestia bona, quae praeparauit  
 diligentibus se Dominus et facientibus mandata eius. Tracta  
 ergo apud te, quia haec sola est uera et firma spes, ut faciat 20  
 homo praecepta Domini, ut mereatur peruenire ad gloriosa et  
 aeterna promissa Domini Saluatoris nostri Christi. Haec autem  
 illa cum audisset, statim compuncta corde, lacrimas fundebat  
 in conspectu Domini et ingressa in monasterium uirginum  
 famularum Dei, quod in eodem uico constructum erat et,  
 procedente tempore, multiplicabantur in sancto proposito 25  
 famulae Christi.

Haec ita gesta cum audisset mater eorum, deprecata est  
 episcopos et dederunt ei epistolas ad supradictum sanctum

5-6 fulgeret sanctitatis N      7 reuelabat DN      8 germana *om.* N  
 9 monasterium] eum N      in... Theodorus *om.* N      10 nuntiassent]  
 -set D an- N      12 ad *om.* D      14 minime me] me *om.* D  
 me m. N      16 et *om.* R      apprehendens R      18 Dominus  
 diligentibus se N      19 sola haec D      est *om.* N      20 Domini]  
 Dei RN      ut] ne D      gloriosam D      21 nostri] Iesu *add.* N  
 23 et] post paululum *add.* RN      ingressa] est *add.* RN      monas-  
 terio D      25 procedenti RN      multiplicabatur R      26 famula R  
 Christi] Dei R      28 ei] sibi D      supradictum *om.* D

- Pachomium, patrem monasteriorum, pro filio eius. Cumque  
 30 uenisset, applicuit in monasterium famularum Dei et direxit  
 epistolas ad patrem monasterii, obsecrans ut uideret filium  
 suum. Beatus autem Pachomius uocauit filium eius Theodorum  
 et dixit ei: Audiui quia mater tua aduenit propter te. Itaque  
 propter epistolas episcoporum, uade et uideat te mater tua.  
 35 Dicit ei Theodorus: Praecipisti mihi, domine, ut uideam  
 matrem meam? Si ergo abiero uidere eam, post tantam  
 scientiam spiritalem, uereor ne culpabilis inueniar apud Deum.  
 Etenim oportebat me fortitudinem animae meae ad exemplum  
 40 aliorum fratrum demonstrare. Ideoque uereor ne magis offen-  
 diculum praebere uidear tantae multitudini. Denique filii Leui  
 non pepercerunt, sed interfecerunt parentes et fratres suos, ut  
 placarent iram Domini. Ego ergo nec matrem habeo, nec  
 aliquid de isto transitorio mundo. Cum enim determinatum  
 atque ordinatum esset, sub Esdra pontifice et propheta, ut  
 45 proicerent uxores suas alienigenas et dimiserunt eas cum filiis  
 suis et dixerunt Esdrae pontifici: «Sicut praecipit lex Domini  
 Dei nostri fecimus et dimisimus uxores nostras alienigenas cum  
 filiis». Licet enim alienigenae essent uxores, tamen affectus  
 cruciabat corda et uiscera torquebat patrum et coniugum  
 50 disiunctionis praeepto, sed praeualuit in animis eorum legis

V,7 lin. 40-42 : *fili... Domini* — cf. Exod. XXXII, 23-29.

lin. 46-48 : *Sicut... filiis* — cf. I Esdr. X, 10-12.

---

29 monasterii N      30 monasterio R      famulorum D      direxe-  
 rit D      31 obsecrantes D      32 eius] suum V      33 audiui]  
 audi D      fili *add.* RN      34 episcoporum] qui scripserunt ad me *add.* RN  
 et] ut N      35 praecipis V      36 meam *om.* R      37 spiritualement N  
 Deum] Dominum R      38 oportet D      me *om.* R      animi  
 mei RN      39 fratrum *om.* D      39-51 ideoque... reuerentia *om.* RN  
 42-43 ego... mundo *om.* D      46 praeeptis D      49 torquebantur D  
 et<sup>2</sup>] ex D

Domini reuerentia. Audiens autem mater eius, quia non acquieuit uidere eam, nimio affectu feruens in filium, noluit remeare ad domum suam, sed permansit in monasterio uirginum dicens: Quomodo si hic permansero, etiam saepe uidebo filium meum, cum inter alios fratres egreditur ad necessarias monasterii causas et monitis atque exhortationibus eius proficere possum in sanctam conuersationem. Doctrinaque eius spiritalis confirmat cor meum, ut merear peruenire ad aeternam uitam, quam promisit Dominus noster Iesus Christus diligentibus se. 55

Multa autem et magnifica per sanctum Pachomium fecit Dominus mirabilia. Nam et a daemonibus obsessos frequenter, inuocato Christi Domini nomine, curauit multos etiam diuersas aegritudines sustinentes et paralyticis orationibus eius misertus est Dominus. 60

8 — Multo tempore beatus abbas Pachomius contra immundissimos daemones certamen bonum certauit, sicut athleta ueritatis, tamquam et beatus Antonius. Denique intensissimis precibus exorauit Dominum, ut somnum non caperet per aliquod tempus, quatenus noctibus ac diebus peruigil permaneret contra aduersarios daemones dimicando, donec prosterneret et superaret eos, sicut dicit in psalmo: «Et non 5

V,8 lin. 7-8 : *Et non... deficiant* — cf. Ps. XVII, 38.

52 eam] in *add.* R *om.* N filio R 55 egredietur RN  
 56 atque] et RN eius *om.* R 57 sancta conuersatione N  
 spiritalis RN 58 confirmabit RN uitam] gloriam D  
 requiem RN 61-62 frequenter inuocato Christi Domini nomine]  
 i. C. n. f. N 62 multis R etiam] et D diuersas] aduersas R  
 63 sustinentibus R paralyticos V 64 Dominus *om.* V

8 — VDRN

1 multo] quoque *add.* N abba V 4 ut] ut *add. repetens* R  
 5 aliquot V diebus ac noctibus RN 6 dimicantes D  
 7 dicitur N

conuertar, donec deficiant». Praestitit ergo et concessit ei Dominus petitionem eius. Impossibiles enim sunt daemones  
 10 et imbecilles, cum quis nostrum ex tota fide et ex tota intentione cordis, feruente sancto desiderio et adiuuante nos uirtute Saluatoris nostri Christi, contendimus contra eos.

Referebant autem nobis fratres de eodem beatissimo patre Pachomio, qui fuit, ut diximus, multorum monasteriorum  
 15 in regione Tabennensiotarum praepositus, referebant ergo de eo quod frequenter dicebat patribus: Quia sicut mihi testis est Dominus Deus, saepe audiui immundos spiritus daemonum loquentes inter se diuersasque ac uarias artes suas, quas contra seruientes Deo, maxime contra monachos habent. Quidam  
 20 enim ex eis dicebat: Quomodo ego durissimum hominem habeo et quotiens ei immitto peruersas cogitationes, ille statim surgit et prosternit se in orationem, cum gemitu exorans adesse sibi diuinum auxilium, et ego nimio igne me exurente cum confusione egredior. Item alius daemon dicebat: Ego ad illum  
 25 quem obseruo, cum ei cogitationes in corde misero, consentit et suscipit et facit eas. Saepe enim exardescere eum in iracundiam facio et in contentiones rixae et pigritiam orationis et dormitationem in psalmodia et non contradicit mihi. Ideo-

8 praestitit] per- R et] non *add.* R ei *om.* DR 9 petitiones suas D impossibiles] impotentes V 11 sancto] Dei N nos *om.* D 12 contendit D 15 Tabennensiotarum] Thebanensiotarum D Thebenensiotarum N 16 quod] quoniam R patribus] fratribus RN 16-17 testis est mihi D 17 Dominus *om.* R daemonum] daemoniorum D *om.* N 18 diuersasque] diuersas DR suas] referentes *add.* N 19 seruientes Deo] D. s. et N 20 enim] autem N dicebant D ego] ad *add.* R 21 habeo] certamen *add.* R peruersas] diuersas D 22 prosternit V exorans] orans R 23 et... exurente] ego autem illo exurgente R cum] grandi *add.* R 25 misero] e- R 27 in *om.* R contentiones] intentiones R pigritia D orationis] in oratione R 28 dormitatione R psalmodia] -m D in canto *add.* R

que, fratres mei dilectissimi, semper oportet ut custodiatis  
 sensum et animum uestrum, inuocantes nomen Domini nostri 30  
 Iesu Christi, et secundum praecepta Dei conuersamini, tam in  
 orationibus et psalmodia, sicut dicit Apostolus: «Instantes  
 orationi et uigilantes in ea». Ideoque cum compunctione et  
 timore cordis uigilantibus, non praeualebunt nocere uos aduer-  
 sarii et immundissimi daemones. Ipse autem beatus pater 35  
 noster Pachomius docebat fratres ut semper memores essent  
 uerbi Dei in salute animarum suarum. Postmodum uero  
 discedebat unusquisque fratrum in cellulas suas, operantes  
 manibus suis et meditantés quae de sanctis Scripturis didice-  
 rant. Impossibile enim est aliquem apud eos uerbum otiosum 40  
 loqui, sed ea tantum quae de sanctis Scripturis didicerant, †erant  
 inter se conferentes et exponentes de capitulis sanctarum Scrip-  
 turarum, quae ad timorem et amorem Domini confirmarent  
 et illuminarent animas eorum.

9 — Fuit quidam uir magnus de sanctis patribus cui talem  
 gratiam donauerat Christus, reuelante ei Spiritu Sancto, ut  
 uidere possit quod alii non uidebant. Referebat ergo sanctis  
 patribus dicens: Quia aliquando quam plurimi sedentes fratres,

V,8 lin. 32-33 : *Instantes... in ea* — cf. Rom. XII, 12.

31 conuersemini N tam om. N 32 orationibus] quam add. R  
 psalmodiis N instantes] estote add. V 34 timore] et tre-  
 more add. N nocere uos] n. uobis D uobis n. N 37 Dei]  
 dicentes add. D 38 discedebat] decedebant R celullas] cellas D  
 39 de om. D sanctis] sacris D 40 enim est] e. erat R est  
 e. N 41 ea tantum] et tamen D erant existimo coniecisse R:  
 om. VDN 42 et exponentes] exponunt N 43 ad timorem et  
 amorem] et a. et t. D et a. om. R

9 — VDRN

*Incipit*: de quodam sancto abbate (*dub.*) N 1 magnus om. N  
 patribus] senioribus RN 3 posset DRN uidebant] -runt V  
 4 quia] quomodo D

- 5 simul loquebantur et conferebant inter se de sanctis Scripturis, quae ad salutem pertinent animarum. Stabant autem circa eos sancti angeli, laetantes et hilari uultu considerantes; delectabantur enim de eloquio Domini. Cum autem aliud quodcumque inter se loquerentur, statim angeli sancti recedebant longius  
 10 indignantes contra eos. Veniebant autem porci sordidissimi et morbo pleni et uolutabant se inter eos. Daemones enim in specie porcorum delectabantur superflua et uana loquela eorum. Beatus autem senior haec uidens, abiit ad cellulam suam et per totam noctem, cum grandi fletu et ululatu, gemendo deflebat  
 15 miserias nostras. Exhortabantur ergo sancti patres per monasteria et commonebant fratres dicentes: Cauete, fratres, a multiloquio et ab otiosis sermonibus linguam, quia malus, interitus animae generatur et non intelligimus quomodo per haec et Deo et sanctis angelis odibiles sumus. Dicit enim Scriptura  
 20 diuina: «Per multiloquium non effugies peccatum». Haec enim infirmam et uacuam efficiunt mentem atque animam nostram.

V,9 lin. 20 : *Per multiloquium... peccatum* — cf. Prov. X, 19.

5 inter se et conferebant R      6 pertinerent N      stabant autem] s. a. *add. repetens* D      7 et] in R      7-8 delectabatur D  
 8 aliud] aliquid R      9 loquebantur D      11 enim] autem R  
 12 eorum loquela N      13 cellulam] cellam R      15 exhortabatur DN      ergo] autem D      sanctos N      16 et] ut N  
 commonerent N      cauete] cohibete R      17 malos N      18 generant N      quomodo] quia N      et<sup>2</sup> *om.* N      19-20 diuina Scriptura D      21 efficiunt] effugiunt R      nostram *om.* D

## VI

## INCIPIIT

## DE BEATO ARSENIO

QVI FUIT IN PALATIO SVBLIMIS SVB THEODOSIO IMPERATORE.  
CVIVS FILIOS, ID EST, ARCADIVM ET HONORIVM,  
AVGVSTOS, DE BAPTISMO SVSCEPIT

1 — Hic itaque Arsenius, desiderio diuini amoris accensus, relinquens omnem huius saeculi gloriam temporalem, perrexit ad eremum Scteti, ut inter sanctos patres secretam ab omni strepitu mundi huius ageret uitam, ut separatus ab illecebris et delectationibus corporalibus cum tota mentis intentione adhaereret Domino Saluatori, sicut scriptum est: «Adhaesit anima mea post te, me autem suscepit dextera tua».

Dicebant ergo de eo sancti seniores: Quia sicut cum in saeculi conuersatione esset, nimis pretiosis uestimentis prae omnibus utebatur; ita postmodum in eremo Scteti degens,

VI,1 lin. 6-7 : *Adhaesit... tua* — cf. Ps. LXII, 9.

## VI — INCIPIIT — VDRN

1-3 incipit... qui] de conuersione Arsenii N om. R 3 fuit]  
quondam add. D quidam uir add. RN imperatore] nomine Arsenius  
add. RN 5 augustus D

## 1 — VDRN

1 accensus] suc- N 3 Scteti] Scythiae RN secretam] et  
quietam add. RN 5 corporalibus et delectationibus N 7 autem  
om. RN 8 sicut] hic D 9 pretiosa uestimenta V 10 ita]  
itaque D postmodum] post mundum D Scteti] Scythiae RN

studebat ut ab omnibus monachis uiliora et despecta uestimenta haberet.

- 2 — Dicebat etiam abbas Daniel quomodo sanctus Arsenius referebat fratribus dicens, quasi de alio audisset, sed quantum datur intelligi ipse talem uidit uisionem: Quia sedebat, inquit, quidam de senioribus in cellula sua et subito uenit uox ad  
 5 eum dicens: Egredere foras et ostendam tibi opera hominum. Et surrexit, inquit, et egressus est foras. Duxit autem eum et ostendit ei aethiopem nigrum, cum securi caedentem ligna et facientem grandem sarcinam et tentabat subleuare sarcinam  
 10 illam et prae magnitudine non poterat portare eam. Sed abiit et caedebat iterum alia ligna et addebat super illam sarcinam. Iterum autem ostendit ei alium hominem stantem super lacum et haurientem aquam de lacu, mittentemque eam in collectaculum et de alio pertuso defluebat aqua de subter in eundem lacum. Iterum dixit ei: Veni, sequere me,  
 15 ostendam tibi aliud. Et uidit quasi quodam aedificium templi et duos uiros sedentes in equis, portantes super scapulas suas utriusque lignum unum, id est, perticam longam, uolentesque pariter ingredi per portam templi illius, non permittebat eos lignum, quod ex aduerso portabant, ingredi per portam illam. Non  
 20 enim se humiliabat alter alteri, sed contendebant utriusque

11 ut *om.* D ab] in D *om.* RN despectiora RN

2 — VDRN

2 referebat] de *add.* D sed] ut *add.* V 3 intelligi] intelli D  
 talem] tamen R 4 senioribus] monachis *add.* RN 4-5 ad  
 eum *om.* D 5 hominum opera D 6 inquit *om.* DN est *om.* D  
 7 secure V 9 eam portare R sed] et *add.* V 10 abiit]  
 redibat RN illam] ipsam D 12 mittentemque] ac mittentem  
 RN 13 alia RN pertuso] parte per foramina (foramen N) RN  
 defluebat] e- D de *om.* N 14 in *om.* N  
 eundem lacum] eodem loco R e. locum N sequere] sequerere R  
 me] et *add.* R 16 uiros *om.* R in equis sedentes R 18 illius]  
 huius D 20 humiliabat se N



pariter ingredi uolentes et non praeualebant. Non enim humili-  
 liauit se unus ex eis, ut alii daret locum. Exposuit ergo ei  
 has uisiones dicens: Hi qui lignum portant, hi sunt qui habent  
 iugum sanctum monachorum, sed iustificantes semetipsos in  
 corde suo cum exaltatione superbiae, non humiliantur inuicem. 25  
 Noluerunt enim ambulare in humilitatis uia Domini Saluatoris  
 nostri Iesu Christi qui dixit: «Discite a me quia mitis sum et  
 humilis corde et inuenietis requiem animabus uestris». Ideoque  
 propter superbiam cordis sui remanserunt foris de regno caelo-  
 rum Christi exclusi. Qui autem caedebat ligna, homo est qui 30  
 oneratus est multis peccatis et super sarcinam peccatorum  
 suorum addit semper alia peccata, quem oportebat magis  
 poenitentiam agere de prioribus peccatis, sed negligens emen-  
 dare uitia peccatorum priorum, magis alia super priora addit  
 peccata. Ille autem qui aquam de lacu hauriebat, homo est 35  
 qui aliqua bona operatur, sed quia mala etiam amplius per  
 peccata operatur, ideo pereunt et defluunt etiam bona opera  
 quae faciebat. Oportet ergo hominem, sicut dicit Apostolus,  
 «cum timore et tremore salutem suam operari».

VI,2 lin. 27-28 : *Discite... uestris* — cf. Mat. XI, 29.  
 lin. 39 : *cum timore... operari* — cf. Phil. II, 12.

21 praeualebant] ualebant D non<sup>2</sup>] nec R 22 ei] eis R  
 23 portabant R 25 cordibus suis D exaltatione] exultatione VN  
 26 enim om. D uiam D Domini om. N Saluatoris] Domini  
 add. repetens D 27 a me om. N 29 regno] regis add. R  
 30 exclusi] excelsi D expulsi N ligna] et super sarcinam ad is  
 (huc N) addebat add. RN 31 est] in add. V 32 semper om. N  
 magis] ut add. RN 33 ageret RN 34 magis] om. R et  
 add. N addit supra priora RN 36 bona aliqua D quia]  
 qui D 36-37 per peccata] pro peccatis D om. R 37 ideo  
 pereunt et defluunt] om. D i. p. et delentur R 38 faciebat] facit  
 a malis superatur D facit R

3 — Idem beatus Arsenius interrogabat quendam aegyptium uenerabilem monachum de diuersis cogitationibus et impugnatione daemonum. Superuenit autem quidam de amicis antiquis eius, uidensque eum sollicite et intente requirentem a  
5 monacho ait ad eum: Valde admiror, pater, quia cum tanta eruditione perfecte studeris tam graecae quam latinae scientiae, cur ab isto inerudito et idiota homine requiras quae ad salutem animae conueniunt?

Respondens autem beatus Arsenius ait: Licet tam graece  
10 quam latine, ut dicis, eruditus sim, tamen alphabetum uerae scientiae huius aegyptii non didici.

Dicebat autem beatus Arsenius fratribus: Quia cella studiosi monachi, qui festinat uirtutes animi possidere et omnia praecepta Saluatoris nostri Christi Domini adimplere, similis est  
15 fornaci Babyloniae, ubi tres pueri uidere meruerunt Filium Dei; etiam est columna luminis, ubi Dominus locutus est Moysi.

4 — Dicebat abbas Daniel de abbate Arsenio: Quia cum operaretur sportas ex palmarum foliis, mittebat aquam in peluem ut infunderentur palmae. Et cum feteret bromosa aqua odorem, non permittebat ut aliam aquam mutaret, sed super  
5 illam fetidam aliam addebat aquam, ut semper feteret. Interrogabant autem eum fratres dicentes: Cur non permittis,

VI,3 lin. 15-16 : *fornaci... filium Dei* — cf. Dan. III, 12-97.

lin. 16 : *columna... Moysi* — cf. Exod: XIII, 21-22; XIV, 1-4.

3 — VD *om.* RN

5 admiror] miror D 13 animae D 16 est<sup>1</sup> *correx*: in VD

4 — VDRN

1 dicebat] autem *add.* RN 3 peluim N bromosa] -o DR  
*om.* N 4 odorem] -e DR *om.* N mutarent RN 6 autem  
*om.* R

pater, ut aqua mutetur, sed pessimo fetore tota cellula tua repletur? Respondens autem beatus senior ait: Quomodo pro thymiamata et muscata et illa diuersa, quae in saeculari conuersatione sine intermissione fruebar, oportet me nunc dum in hoc corpore sum sustinere istiusmodi fetorem, pro suauiissimo illo odore, ut in die iudicii de illo gehennae inenarrabili fetore liberet me Dominus, ut non cum illo diuite qui epulabatur in isto mundo deliciose et splendide condemnetur anima mea.

5 — Quidam de fratribus dixit beato Arsenio: Ecce, pater, meditari festino de sanctis Scripturis quae didici et non sentio compunctionem in corde meo, quomodo non intelligo uirtutem Scripturae diuinae, unde et ualde contristatur anima mea. Respondens autem beatus Arsenius ait: Oportet te, o fili, incessanter meditari eloquia Domini. Audiui enim quia dixit beatus abba Poemen et alii multi sanctorum patrum, quomodo incantatores illi qui serpentes solent incantare, non intelligunt ipsi uerba quae loquuntur, sed serpentes audientes intelligunt uirtutem uerborum illorum et conquiescunt et subduntur eis. Ita ergo et nos faciamus, quamuis enim non

VI,4 lin. 13-15 : *cum illo... anima mea* — cf. Luc. XVI, 19-31.

7 tua *om.* N      8 repletur D      9 thymiamate DRN      muscata]  
myrratis N      illis diuersis D      10 nunc *om.* R      11 cor-  
pore] tempore R      istiusmodi] istius mundi sustinere D      12 de  
illo *om.* R      gehennae] et *add.* D

5 — VDRN

*Incipit:* interrogatio ad abbatem Arsenium N      1 de] ex D  
beato Arsenio dixit N      ecce] beatissime *add.* RN      4 diui-  
nae *om.* D      5 Arsenius] senior V      6 incessanter] instanter D  
enim] autem N      7 dixit *om.* D      beatus *om.* N      abbas DN  
Poemen] Pamen D      multi *om.* N      9 ipsi] illa *add.* R

ualemus intelligere diuinarum Scripturarum uirtutem, sed tamen daemones audientes diuini uerbi uirtutem terrentur et effugati discedunt, non sustinentes eloquia Spiritus Sancti, quae  
 15 per seruos suos prophetas et apostolos est locutus.

6 — Dicebat abbas Daniel: Quia dum in eremo Sceti esset beatus Arsenius, erat ibi quidam, schema quidem, monachus et furabatur de cella monachorum quodcumque inuenire potuisset. Beatus autem Arsenius festinabat saluare animam eius, fecitque  
 5 ei cellulam prope suam cellulam et dixit ei: Si quid necessarium habes, ego tibi praebeo. Tantum cessa et noli furari et condemnare animam tuam in aeternum ignem gehennae in iudicio Dei. Misit autem ad quendam amicum suum et accepit solidos et nummos et uestimenta et dedit ei. Post haec autem  
 10 iterum inuentus est in furto. Tunc iam omnes sancti seniores considerantes quia non cessabat furari et abscondere, expellentes effugauerunt eum dicentes: Quia si fuerit aliquod uitium in fratre oportet nos sustinere, sicut dicit etiam Apostolus: «Vos firmiores, sustinete infirmos in fide, ut possint salui fieri». Et  
 15 necessarium est secundum praeceptum Apostoli ita fieri. Furem autem non expedit sustinere, maxime quia saepe commonitus non cessat. Sed et suam animam perdit, qui talis est, et omnem congregationem perturbat fratrum.

VI,6 lin. 13-14 : *Vos firmiores... infirmos* — cf. Rom. XV, 1.

12 ualemus] ualeamus R uim *add.* N uirtutem sed *om.* N  
 14 effugati] fugati D discedunt] a nobis *add.* RN 15 seruos  
 suos] sanctos N locutus est N

6 — VDN<sup>2</sup> *om.* R

1 Sceti *om.* D 2 schema quidem] sclerosus D schemate N  
 sclerosus D 5 prope] iuxta N cellulam suam N 6 et<sup>1</sup> *om.* N  
 7-8 gehennae in iudicio] iudicio g. D 8 quendam *om.* D 10 ite-  
 rum inuentus est] iterum *om.* D inuentus e. i. N 12 aliquod] par-  
 uum *add.* N 13 nos *om.* D 14 infirmiores V 17 et<sup>1</sup> *om.* D  
 18 perturbat fratrum] f. p. N Explicit de beato Arsenio *add.* V

## ÍNDICES



# I

## MANUSCRITOS

(por ordem alfabética das localidades)

- Basileia, Biblioteca da Universidade, B. V. 2, séc. xiv — 15, 40-43, 65, 255, 256, 263, 282, 283, 286.
- Berlim, Biblioteca Nacional dos Tesouros Culturais da Prússia, theol. lat. fol. 36, séc. xv — 20.
- , — ms. 780, theol. lat. fol. 275, séc. xi — 15, 27-33, 34, 35, 37, 42, 65, 66, 176, 177, 178, 211, 239, 247, 251, 255, 256, 263, 278, 279, 280-286, 287, 288, 289, 292, 293, 295, 297, 300, 303, 307.
- Bona, Biblioteca da Universidade 362, séc. xv — 20.
- Bruxelas, Biblioteca Bolandiana 27, séc. xv — 15.
- Bruxelas, Bibl. Real da Bélgica, 3177 (7462-81), séc. xiii — 125.
- Cambrai, Bibl. Municipal 817 — séc. xiv-xv — 126.
- Danzig, Biblioteca da Cidade 1950, séc. xv — 29, 264, 284, 285, 289-290, 292, 297, 307.
- Dêventer, Biblioteca do Ateneu 35, séc. xv — 20.
- Dijon, Biblioteca Municipal 194, séc. xii — 44, 264, 287-288.
- Dresda, Biblioteca Nacional da Saxónia, A 207, séc. xiv — 14, 15, 16, 23-24, 29, 65, 66, 122, 126, 145, 147, 166, 168, 173, 174, 176, 177, 178, 188, 189 209, 210, 211, 212, 226, 227, 235, 239, 247, 251, 263, 265-266, 269-271, 275, 276, 281, 282, 283, 286, 310.
- Einsideln, Biblioteca Conventual 246, séc. xi — 264, 278, 279, 284, 285, 289, 290, 291-293, 295, 297, 307.
- Londres, Museu Britânico, *additiones* 33518, séc. xii — 44, 264, 287.
- , — *additiones* 37 400, séc. xiv — 15, 32, 34-36, 37, 38, 42, 65, 123, 174, 176, 177, 178, 211, 212, 239, 247, 251, 255, 256, 263, 278, 279, 280-286, 287, 288, 289, 290, 292, 293, 295, 297, 307.

- Melk, Biblioteca do Mosteiro Beneditino 8, séc. xv — 124.
- Munique, Biblioteca do Estado da Baviera, latino 2540, séc. xv — 15, 34, 36-38, 65, 255, 256, 263, 282, 283.
- , — lat. 14364, séc. ix — 300.
- , — lat. 17139, séc. xii — 264, 284, 285, 289, 290, 292, 293, 294-296, 307.
- , — lat. 18475, séc. xi-xii — 124.
- , — lat. 18535<sup>a</sup>, séc. xv — 29, 264, 285, 289-290, 292.
- , — lat. 21544, séc. xv — 20.
- , — lat. 22035, séc. xii — 20.
- , — lat. 23418, séc. xiv — 20.
- , — lat. 23591, séc. xi — 20.
- , — lat. 23757, séc. xv — 38-40, 65, 255, 263, 282.
- Namur, Museu de Arqueologia 12, séc. xii-xiii — 15, 26, 32, 33-34, 35, 37, 42, 65, 145, 146, 173, 174, 176, 177, 178, 180, 188, 210, 212, 225, 247, 251, 263, 272, 278, 279, 280-286, 287, 288, 289, 290, 292, 293, 295, 307, 310.
- Oxford, Bibl. Bodleiana, canon. 395, séc. xv — 124.
- Paris, Biblioteca Nacional, fundo latino 2941, séc. xii — 25-26, 123, 130, 250, 263, 272-274, 275, 280, 286, 292.
- , — lat. 3330, séc. xii — 264, 284, 289, 291-293, 295, 297, 307.
- , — lat. 3784, séc. x-xi — 300.
- , — lat. 5601, séc. xi — 24-25, 263, 272-274, 275, 276, 280, 292, 297.
- , — lat. 5624, séc. xiii — 44-45, 264, 287.
- , — lat. 10840, séc. xi — 211, 264, 278, 279, 284, 285, 289, 290, 291-293, 295, 307.
- Poitiers, Bibl. da Cidade 249, séc. xv — 126.
- Praga, Biblioteca Universitária VII. D. 2, séc. xiv — 20.
- , — XIII. E. 6, séc. xiii-xiv — 20.
- , — III. C. 15, séc. xv — 20.
- , — III. C. 18, séc. xiv-xv — 20.
- Reims, Biblioteca Municipal 1390, séc. xi-xii — 29, 125, 264, 266, 284, 285, 289-290, 292, 297, 307.
- , — 1400, séc. xiii — 15, 26-27, 65, 66, 122, 130, 145, 176, 177, 178, 210, 211, 212, 235, 239, 247, 250, 251, 263, 265-266, 269, 270, 272-279, 280, 281, 282, 284, 285, 290, 292, 297, 310.
- Salamanca, Biblioteca Universitária 2537, séc. xiii — 132.
- Seo de Urgel, Arquivo Capitular, anno 938, séc. x — 132.
- Troyes, Biblioteca Municipal 777, séc. xii — pp. 43-44, 125, 264, 284, 285, 287-288, 289, 290, 292, 293, 294-296, 307.



- Udine, Biblioteca Arquiepiscopal, fundo da Abadia de Moggio 7, séc. ix — 20.
- Valenciennes, Biblioteca Municipal 168, séc. xiii — 45, 125, 264, 287-288.
- Vaticano, Biblioteca Apostólica, latino 1201, séc. xi — 22-23, 263, 269, 271.
- , — Urbinat. 396, séc. xv — 124.
- Vercelli, Arquivo Capitular LX, séc. xiii — 124.
- Viena, Biblioteca Conventual de Santa Maria dos Escoceses 324, séc. xv — 20, 126.
- Viena, Biblioteca Nacional da Áustria 433, séc. xi — 14, 16, 22, 29, 33, 45, 65, 66, 122, 145, 147, 166, 168, 173, 176, 177, 178, 188, 189, 209, 210, 211, 212, 226, 227, 235, 239, 247, 251, 255, 256, 263, 265-266, 269-271, 275, 276, 281, 282, 283, 286, 310.
- , — 4410, séc. xiv — 20.
- , — 4793, séc. xv — 20.
- Vyssí Brod, Biblioteca Conventual 53, séc. xv — 20.
- Wolfenbütel, Biblioteca do Arquiduque Augusto, cod. Guelf. 59. 6. Aug. 2.º, séc. xii-xiii — 20.
- , — cod. Guelf. 85. 3. Aug. 8º, séc. xiv — 20.

## II

### BIBLIOGRAFIA

- AEBISCHER (P.) — *Contribution à la proto-histoire des articles «ille», et «ipse» dans les langues romanes* in *Cultura Neolatina*, VIII, 1948.
- AMÉLINEAU (E.) — *De Historia Lausiaca. Quaenam sit huius ad monachorum Aegyptiorum historiam scribendam utilitas*, Parisiis, 1887.
- , *Histoire des monastères de la Basse-Égypte. Vies des saints Paul, Antoine, Macaire, Maxime Domèce, Jean le Nain, etc.*, Paris, 1894.
- ARRUFAT (Antoni Ramón i) — *Historia Lausiaca*, text revisat i tradició, Barcelona, 1927.
- Babel*, revista sobre problemas de tradução, cf. nota 143.
- BARDY (G.) — *La question des langues dans l'Église ancienne*, t. I, Paris, 1947.
- BASTIAENSEN (A. A. R.) — *Observations sur le vocabulaire liturgique dans l'Itinéraire d'Égérie*, Nijmegen, 1962.
- , *Le cérémonial épistolaire des chrétiens latins* in *Graecitas et Latinitas Christianorum Primaeva*, Supplementa, Fasc. II, Nouiomagi, 1964.
- BARLOW (Claude W.) — *Martini Episcopi Bracarenensis opera omnia*, New Haven, 1950.
- , *Martin of Braga, Paschasius of Dumium, Leander of Seville* (= Iberian Fathers, vol. I), Washington, 1969.
- , *Paschasius of Dumium, Sayings of the greek fathers* in *Classical Folia*, New York, t. 26, 1972; t. 27, 1973.
- BATLLE (Columba Maria) — *Contribució a l'estudi de Pascasi de Dumi i la seva versió de Verba Seniorum* in *Estudis Romànics*, VIII, 1961, Barcelona.
- , «*Vetera Noua*». *Vorläufige kritische Ausgabe bei Rosweyde fehlender Vätersprüche* in *Festschrift Bernard Bischoff*, Stuttgart, 1971.
- , *Die Adhortationes Sanctorum Patrum («Verba Seniorum») im lateinischen Mittelalter*, Münster, 1972.
- BLAISE (A.) — *Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens*, Turnhout, 1954.
- , *Manuel du latin chrétien*, Strasbourg, 1955.

- BLATT (F.) — *Remarques sur l'histoire des traductions latines in Classica et Mediaevalia*, I, 1938.
- BOLÉO (Manuel de Paiva) — *Os valores temporais e modais do futuro imperfeito e do futuro perifrástico em português*, Coimbra, 1973.
- BOLLANDIANI (Hagiographi) — *Catalogus codicum hagiographicorum latinorum antiquorum saeculo XVI qui asseruantur in bibliotheca nationali Parisiensi*, t. II, Bruxellis, 1890.
- , *Bibliotheca Hagiographica Latina*, Bruxellis, t. I, 1898-1899; t. II, 1900-1901.
- BOUSSET (Wilhelm) — *Komposition und Charakter der Historia Lausiaca in Nachrichten von der königlichen Gesellschaft der Wissenschaften zu Göttingen, Philologisch-historische Klasse*, 1917.
- , *Zur Komposition der Historia Lausiaca in Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft*, XXI, 1922.
- , *Apophthegmata. Studien zur Geschichte des ältesten Mönchtums*, Tübingen, 1923.
- BRENNO (Silveira) — *A arte de traduzir*, S. Paulo, 1954.
- BUDGE (E. A. Wallis) — *The book of Paradise being the histories and sayings of the monks and ascetics of the Egyptian desert by Palladius, Hieronimus and others*, I-II, Text, translation, London, 1904.
- , *The wit and wisdom of the christian fathers of Egypt*, Oxford, 1934.
- BUTLER (Cuthbert) — *The Lausiaca History of Palladius*, Cambridge, t. I, 1898; t. II, 1904.
- CAMPOS (J. A. Segurado e) — *A tragédia «Octavia»*, 2 vols. Lisboa, 1972.
- CAMPOS (Julio de) — *El propositum monástico en la tradición patristica in La Ciudad de Diós, El Escorial*, 1968.
- Catalogue of additions to the manuscripts in the British Museum in the years 1906-1910*, London, 1912.
- Catalogus codicum manuscriptorum bibliothecae Regiae*, t. IV, Parisiis, 1744.
- CHADWICK (O.) — *John Cassian. A study in primitive monasticism*, Cambridge, 1950.
- , *Western ascetism. Selected texts. The sayings of the fathers, The Conferences of Cassian, The Rule of St. Benedict*, Philadelphia, 1958.
- CHAINED (M.) — *Le texte original des apophthegmes des Pères in Mélanges de la Faculté Orientale, Université de Saint Joseph, Beyrouth*, V, 1912.
- , *La double recension de l'Histoire Lausiaca dans la version copte in Revue de l'Orient Chrétien*, XXV, 1925-1926.
- CINTRA (Luís Filipe Lindey) — «Tu» e «Vós» como formas de tratamento de Deus em orações e na poesia em língua portuguesa in *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, III Série, n. 13, 1971. (= *Sobre «formas de tratamento» na língua portuguesa (Ensaio)*, Lisboa, 1972.

- CLIMENT (M. Bassols de) — *Sintáxis histórica de la lengua latina*, Barcelona, I, 1945; II, 1948.
- CURTI (Carmelo) — *Due articoli Eusebiani*, Noto, 1971.
- DAIN (A.) — *Les manuscrits*, Paris, 1964.
- DEFENSOR DE LIGUÉ — *Scintillarum Liber* in *Patrologia Latina*, t. 88, Parisiis, 1862.
- DEKKERS (E.) — *Les traductions grecques des écrits patristiques latins in Sacris Erudiri*, V, 1953.
- DELEHAYE (Hippolyte) — *L'oeuvre des Bollandistes à travers trois siècles, 1615-1915*, Bruxelles, 1959.
- DESEILLE (P.) — *Les saints moines d'Orient*, Namur, 1959.
- DEVOS (Paul) — *La date du voyage d'Égypte* in *Analecta Bollandiana*, LXXXV, 1967.
- *Les nombres dans l'«Historia Monachorum in Aegypto»*, in *Analecta Bollandiana* XCII, 1974, Bruxelles.
- DÖRRIE (H.) — *Passio SS. Machabaeorum. Die antike lateinische Übersetzung des IV Makkabäerbuches*, Göttingen, 1938.
- DRAGUET (René) — *L'inauthenticité du «Prooemium» de l'Histoire Lausiaque* in *Mélanges L. Th. Lefort (= Le Muséon, LIX)* 1946 (Louvain).
- , *Les Pères du Désert*, Paris, 1949.
- , *Un nouveau témoin du texte G de l'Histoire Lausiaque (Ms. Athènes 281)* in *Analecta Bollandiana* LXVII, 1949.
- DUFRESNE (Ch., Du Cange), *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, Parisiis, 1840.
- EKLUND (S.) — *The periphrastic, completive and finite use of the present participle in latin, with special regard to translations of christian textes in Greek up to 600 A. D.*, Uppsala, 1970.
- ELIZALDE (M. de) — *Dichos de los padres del desierto. Suplemento a la serie alfabética in Cuadernos Monásticos VI*, 1972, Victoria.
- Enciclopedia Cattolica*, IX, Vaticano, 1952.
- ERNOUT (A.) et MEILLET (A.) — *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, Paris, 1959.
- FARIA (Ernesto) — *Fonética histórica do latim*, Rio de Janeiro, 1957.
- , *Gramática Superior da Língua Latina*, Rio de Janeiro, 1958.
- FESTUGIÈRE (A.-J.) — *Le problème littéraire de l'Historia Monachorum in Hermes LXXXIII*, 1955, Wiesbaden.
- , *Lieux communs littéraires et thèmes de folk-lore dans l'Hagiographie primitive* in *Wiener Studien*, LXXIII, 1960.
- , *Historia Monachorum in Aegypto (= Subsida Hagiographica, n. 34)*, Bruxelles, 1961.
- , *Les moines d'Orient, IV/1: Enquête sur les moines d'Égypte*, Paris, 1964 (= *Subsida Hagiographica*, n. 53, Bruxelles, 1971).

- , *Les moines d'Orient*, IV/2 — *La première vie grecque de Saint Pachôme*, Paris, 1965.
- FIENS (Albertino Martins) — *Gil Vicente e o prólogo*, Lisboa, 1968.
- FLICHE (A.)—MARTIN (V.) — *Histoire de l'Église* t. III, Paris, 1939.
- FORCELLINI (A.) — Vit (V. de) — *Totius latinitatis lexicon*, Prato, I-VI, 1858-1875.
- FRANK (S.) — *Mönche im fruhchristlichen Ägypten*, Dusseldorf, 1967.
- FREIRE (José Geraudes) — *A versão latina por Pascásio de Dume dos «Apothegmata Patrum»*, Coimbra, 1971, t. I e II.
- , *Manuscritos das «Sententiae Patrum Aegyptiorum» de S. Martinho de Dume in Repertorio de Historia de las Ciencias Eclesiásticas en España*, Salamanca, 1971.
- , *Traduccions latines des «Apothegmata Patrum» in Mélanges Christine Mohrmann, Nouveau recueil offert par ses anciens élèves*, Utrecht-Anvers, 1973.
- FROGER (J.) — *La critique des textes et l'ordinateur in Vigiliae Christianae*, XXIV, 1970.
- FRIDH (Åke) — *Le problème de la passion des saintes Perpétue et Félicité*, Göteborg, 1968.
- FUGIER (H.) — *Recherches sur l'expression du sacré dans la langue latine*, Paris, 1963.
- GARITTE (G.) — *Le texte grec et les versions anciennes de la vie de Saint Antoine in Studia Anselmiana*, XXXVIII, 1956.
- GARNEFELD (G.) — *Elucidationes sacrae in quinque libros de imaginibus antiquorum eremitarum*, Coloniae Agripinae, 1621.
- GONÇALVES (Francisco Rebelo) — *A expressão «tranquilitas uestra» de um passo de Eutrópio in Humanitas*, II, 1948.
- GÖTZE — *Die Merkwürdigkeiten der königlichen Bibliothek zu Dresden ausführlich beschrieben und mit Unmerkungen erläutert*, I, Dresden, 1743.
- Graecitas Christianorum Primaeva*, Nouiomagi, IV, 1970.
- GRANDGENT (C. H.) — *Introducción al latín vulgar*, Madrid, 1952.
- GUILLÉN (J.) — *Estilística Latina*, Salamanca, 1954.
- , *Gramática Latina*, Salamanca, 1960.
- GUY (Jean-Claude) — *Remarques sur le texte des apothegmata patrum in Recherches de Science Religieuse*, XLIII, 1955.
- , *Notes sur l'évolution du genre apothegmatique in Revue d'Ascétique et de Mystique*, XXXII, 1956.
- , *Les apothegmata patrum in Théologie de la vie monastique*, Lyon-Paris, 1961.
- , *Recherches sur la tradition grecque des Apothegmata Patrum*, Bruxelles, 1962.

- , *Jean Cassien, Institutions Cénobitiques*, Paris, 1965.
- , *Les apophthegmes des Pères du Desert, Série alphabétique, Textes de Spiritualité Orientale*, n.° 1, Abbaye de Bellefontaine, Bégrolles-en-Mauges, 1966.
- HAADSMA (R. A.) et NUCHELMANS (J.) — *Précis de latin vulgaire suivi d'une anthologie annotée*, Groningen, 1963.
- HALKIN (F.) — *Les vies grecques de S. Pachôme* in *Anacleta Bollandiana* XLVII, 1929.
- , *L'Histoire Lausiaque et les vies grecques de S. Pachôme* in *Anacleta Bollandiana*, XLVIII, 1930.
- , *Sancti Pachomii Vitae Graecae*, Bruxelles, 1932.
- , *Bibliotheca Hagiographica Graeca*, t. III, Bruxelles, 1957.
- HALM (C.), LAUBMANN (G.), MEYER (G.) — *Catalogus codicum latinorum Bibliothecae Regiae Monachensis, secundum Andreae Schmellerii indices*, Monachii, t. II, pars IV, 21969.
- HEUSSI (Karl) — *Der Ursprung des Mönchtums*, Tübingen, 1936.
- HILDEBERTI (Cenomanensis episcopi) — *Carmina Minora*, recensuit A. Brian Scott, Leipzig, 1969.
- HOFMANN (J. B.) — *El latín familiar*, Madrid, 1958.
- HOFMANN (J. B.); SZANTYR (A.) — *Lateinische Syntax und Stilistik*, München, 1965.
- HOLMES (J. S.) — *The nature of translation: Essays on the theory and practice of literary translation*, The Hague-Paris, 1970.
- HONIGMANN (E.) — *Heraclidas of Nissa (about 440 A. D.)* in *Patristic Studies*, coll. *Studi e Testi*, t. 173, Vaticano, 1953.
- HOPFNER (Theodor) — *Über die koptisch-säidischen Apophthegmata Patrum Aegyptiorum und verwandte griechische, lateinische, koptisch-bohairische und syrische Sammlungen* in *Akademie der Wissenschaften in Wien, Philosophisch-historische Klasse, Denkschriften* LXI, 1919 (sessão de 5 de Julho de 1916, em Praga).
- HOPPENBROUWERS, (H. W. F. M.) — *La plus ancienne version latine de la vie de S. Antoine par S. Athanase*, Utrecht-Nijmegen, 1960.
- , *Conuersatio in Graecitas et Latinitas Christianorum Primaeva, Supplementa*, fasc. I, Nouiomagi, 1964.
- , *La technique de la traduction dans l'Antiquité d'après la première version latine de la Vita Antonii* in *Mélanges Christine Mohrmann. Nouveau recueil offert par ses anciens élèves*, Utrecht-Anvers, 1973.
- JOURNAL (M.-J. Rouet de) — *Jean Moschus, Le pré spirituel*, Paris, 1946.
- LABRIOLLE (P. de) — *Apophthegmata Patrum* in *Dictionnaire d'Histoire et de Géographie Ecclésiastiques*, Paris, III, 1924.
- , *Histoire de la littérature latine chrétienne*, Paris, 1947.

- LADEUZE (P.) — *Étude sur le cénobitisme pachomien pendant le IV.<sup>e</sup> siècle et la première moitié du V.<sup>e</sup>*, Louvain, 1888.
- LAMPE (G. W. H.) — *A patristic greek lexicon*, Oxford, 1968.
- Latinitas Christianorum Primaeva*, Nouiomagi, XXII, 1972.
- LAUFER (Roger) — *Introduction à la textologie (Vérification, établissement, éditions des textes)*, Paris, 1972.
- LAURENTI (J. L.) y MAYO (A. Porqueras) — *Notas bibliográficas sobre el prólogo en la literatura greco-latina in Estudios Clásicos*, 1969.
- LEFORT (L.Th.) — *Les vies coptes de Saint Pachôme et ses premiers successeurs*, Louvain, 1943.
- LEHMANN (P.) — *Pseudoantike Literatur des Mittelalters in Erforschung des Mittelalters*, t. III, Stuttgart, 1960.
- LELOIR (L.) — *La Bible et les Pères du Désert d'après les deux collections arméniennes des apophtegmes in La Bible et les Pères*, Strasbourg, 1971.
- LEROY (J.) — *Les préfaces des écrits monastiques de Cassien in Revue d'Ascétique et de Mystique*, XLII, 1966 (Toulouse).
- LEUMANN (M.) — *Lateinische Laut- und Formenlehre*, München, 1963.
- LEWIS (Ch. T.) and SHORT (Ch.) — *A latin dictionary*, Oxford, 1962.
- LIDELL (H. G.); SCOTT (R.); JONES (H. S.) — *A greek english lexicon*, Oxford, 1966.
- LÖFSTEDT (Bengst) — *Studien über Sprache der longobardischen Gesetze. Beiträge zur frühmittelateinischen Latinität*, Lund, 1961.
- LÖFSTEDT (Einar) — *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheriae*, Darmstadt, <sup>3</sup>1962.
- , *Syntactica*, I c II, Lund, <sup>3</sup>1957.
- , *Late latin*, Oslo, 1959.
- LORIÉ (L. Th.) — *Spiritual terminologie in the latin translations of the Vita Antonii, with reference to fourth and fifth century monastic literature (= Latinitas Christianorum Primaeva, 11)*, Utrecht-Nijmegen, 1955.
- LUCOT (A.) — *Palladius. Histoire Lausiaque, Texte grec, traduction française, introduction*, Paris, 1912.
- LUNDSTRÖM (Sv.) — *Übersetzungstechnische Untersuchungen auf dem Gebiete der christlichen Latinität*, Lund, 1955.
- LUZ (Marilina dos Santos) — *Fórmulas de tratamento em português arcaico*, Coimbra, 1958.
- MAAS (Paul) — *Textkritik*, Leipzig, 1960.
- MAGUEIJO (Custódio) — *Helenismo sintáctico e estruturas latinas*, Évora, 1973.
- MALPIQUE (Cruz) — *Filosofia do plágio (Ensaio)*, Braga, 1955.
- MARION (L.) — *Histoire de l'Église*, t. I, 1942.

- MAROUZEAU (Jules) — *L'ordre des mots dans la phrase latine, I: Les groupes nominaux; II: Le verbe; Volume complémentaire avec exercices d'application et bibliographie*, Paris, 1953.
- MARTI (Josefina Garau) — *Salutaciones y dedicaciones en las cartas de S. Cipriano, S. Jerónimo y San Agustín*, Salamanca, 1965.
- MARTINS (Mário) — *Correntes da filosofia religiosa em Braga dos séculos IV a VII*, Porto, 1950.
- , *João Cassiano. Fragmentos em medievo-português in Estudos de Literatura Medieval*, Braga, 1956.
- MAURER JUNIOR (Th. H.) — *Gramática do latim vulgar*, Rio de Janeiro, 1959.
- MEERSHOEK (G. Q. A.) — *Le latin biblique d'après Saint Jérôme. Aspects linguistiques de la rencontre entre la Bible et le monde classique*, Nijmegen-Utrecht, 1966.
- MEYER (R. T.) — *Palladius. The Lausiac History*, translated and annotated, Westminster (Maryland), 1965 (= *Ancient Christian Writers*, n. 34).
- MEYER-LÜBKE (W.) — *Romanisches etymologisches Wörterbuch*, Heidelberg, 1968.
- MEYER (G.) und BUCKHARDT (M.) — *Die mittelalterlichen Handschriften der Universitätsbibliothek Basel*, Abt. B. I Band, Basel, 1960.
- MIGNE (J.-P.) — *Patrologia Latina*, Parisiis, tt. 20, 21, 49, 73, 74, 88, 103.
- , *Patrologia Graeca*, t. 65, reedição da Livraria Brepols, Turnhout (Bélgica), s/d.
- MOHRMANN, (Christine A. E. M.) — *Note sur la version latine la plus ancienne de la vie de Saint Antoine par Saint Athanase in Antonius Magnus Eremita* (= *Studia Anselmiana*, 38), 1956.
- , *Études sur le latin des chrétiens*, Roma, I, 1958; II, 1961; III, 1965.
- , *De studie van het middeleeuws latijn. Verleden, heden, toekomst. Afscheidscollege*, 10-XI-1973, Amsterdam.
- , *De studie van het oudchristelijk grieks en latijn. Verleden, heden, toekomst. Afscheidscollege*, 14-XII-1973, Edit. Spectrum, Utrecht-Antwerpen.
- MOINES DE SOLESMES — *Abbé Isaïe, Recueil ascétique*, introduction et traduction par les... (= *Spiritualité Orientale*, n. 7), Abbaye de Bellefontaine, Bégrolles-en-Mauges, 1970.
- MONTEIRO (Ofélia Milheiro Caldas de Paiva) — *Um conto desconhecido de Herculano: «Destruição de Áuria»*, Coimbra, 1973.
- ΜΠΟΥΓΑΤΣΟΣ (N. Θ.), *Παλλαδίου Λαυσαϊκή ιστορία, 'Αθήναι, α', 1970; β', 1972.*
- MOREIRA (A. Montes) — *Potamius de Lisbonne et la controverse arienne*, Louvain, 1969.



- NAU (F.) — *Histoire de Taïs. Publication de textes grecs inédits et de divers autres textes et versions in Annales du Musée Guimet*, XXX, 1903, Paris.
- , *Le chapitre Περί ἀναχωρητῶν ἀγίων et les sources de la vie de Saint Paul de Thèbes in Revue de l'Orient Chrétien*, Paris, X, 1905.
- , *Histoires des solitaires égyptiens in Revue de l'Orient Chrétien*, vols. XII-XIV (1907-1909), XVII-XVIII (1912-1913).
- , *Recueil de monographies, IV in Patrologia Orientalis*, VIII, 1912.
- NIERMEYER (J. F.) — *Mediae latinitatis lexicon minus*, Leiden, 1965.
- NIKITIN (P.) — *Das griechische «sketische» Paterikón und seine alte lateinische Übersetzung in Vizantysky Vremennik*, XXII, 1915-1916 in *Byzantinische Zeitschrift* XXIII, 1914, Leipzig, 1920.
- NORBERG (Dag) — *Syntaktische Forschungen auf den Gebiete des spätlateins und des frühen Mittellateins*, Uppsala, 1943.
- , *Beiträge zur spätlateinischen Syntax*, Uppsala, 1944.
- NORDEN (E.) — *Die antike Kunstprosa von VI. Jahrhundert vor Christus bis in die Zeit der Renaissance*, II Band, Stuttgart, 51958.
- , *Die römische Literatur. Mit Anhang: Die lateinische Literatur im Übergang von Altertum zum Mittelalter*, Leipzig, 1961.
- O'BRIEN (M. B.) — *Tittles of address in christian epistolography to 543 A. D.*, Washington, 1930.
- O'CALLAGHAN (J.) — *El trato de «padre» en la correspondencia cristiana del siglo V in Boletín de la Asociación Española de Orientalistas*, I, 1965.
- PEREIRA (Maria Helena da Rocha) — *Sobre a autenticidade do fragmento 44 Diehl de Anacreonte*, Coimbra, 1961.
- , *Obras médicas de Pedro Hispano*, Coimbra, 1973.
- PETSCHEG (M.) — *Ioannis Cassiani Opera. Conlationes XXIV*, Vindobonae, 1886 (= *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*, 13).
- , *Institutionum libri XII*, Vindobonae, 1888 (= C. S. E. L., 17).
- PICHERY (E.) — *Jean Cassien. Conférences*, 3 vols., Paris, 1955, 1958, 1959 (= *Sources Chrétiennes*, 42, 54, 64).
- PONTES (José Maria da Cruz) — *A obra filosófica de Pedro Hispano Portugalense*, Coimbra, 1972.
- PREUSCHEN (E.) — *Palladius Helenopolitanus et Rufinus Tyranius. Ein Beitrag zur Quellenkunde des ältesten Mönchtums*, Giessen, 1897.
- OLDFATHER (W. A.) — *Studies in the text tradition of St. Jerome's Vitae Patrum*, Urbana, 1943.
- PÉTRÉ (H.) — *Éthérie. Journal de voyage*, Paris, 1964.
- REGNAULT (Lucien) — *Maîtres spirituels au désert de Gaza: Barsaouph, Jean et Dorothée, Abbaye de Solesmes*, 1967.

- , *Connaissez-vous les Pères du Désert?* in *La Vie Spirituelle*, n. 582, 1971.
- , *L'enfance spirituelle chez les Pères du Désert* in *Vie Thérésienne*, n. 45, 1972.
- REGNAULT (L.); DION (J.), OURY (G.) — *Les sentences des Pères du Désert. Recension de Pélagie et Jean, Abbaye de Saint Pierre de Solesmes, Sablé-sur-Sarthe*, 1966.
- REGNAULT (L.) et MOINES DE SOLESMES — *Les sentences des Pères du Desert. Nouveau recueil. Apophtegmes inédits ou peu connus*, Solesmes, 1970.
- REIS (Sebastião Martins dos) — *Evangelhos e Actos dos Apóstolos*, Porto, 1973.
- REITZENSTEIN (R.) — *Historia Monachorum und Historia Lausiaca*, Göttingen, 1916.
- ROSE (Valentin) — *Verzeichniss der lateinischen Handschriften der königlichen Bibliothek zu Berlin*, Band II, Berlin, 1903.
- ROSEWYDVS (Heribertus) — *Vitae Patrum siue historiae eremiticae libri decem*, Antuerpiae, <sup>1</sup>1615, <sup>2</sup>1628.
- SALONIUS (A. H.) — *Vitae Patrum. Kritische Untersuchungen über Text, Syntax und Wortschatz des spätlateinischen Vitae Patrum*, Bücher III, V, VI, VII, Lund, 1920.
- SCHANZ-HOSIUS (C.) und KRÜGER (G.) — *Geschichte der römische Literatur*, IV Teil, II Band, München, 1959.
- SEABRA (Manuel de) — *Antologia da Poesia Provençal Moderna*, Lisboa, 1972.
- , *Miyamoto Masao, Da arte e da morte*, Lisboa, 1973.
- SIEGMUND (A.) — *Die Überlieferung der griechischen christlichen Literatur in der lateinischen Kirche bis zum zölfsten Jahrhundert*, München, 1949.
- SOARES (Luís Ribeiro) — *A linhagem cultural de S. Martinho de Dume*, I — *Fundamentos*, Lisboa, 1963.
- Sprachwissenschaft und Übersetzen. Symposium an der Universität Heidelberg*, II, 1969 (cf. nota 143).
- SPRINGHETTI (Aemilius) — *Institutiones styli latini*, Romae, 1954.
- STEYEN (P. A. W.) — *Stylistische opmerkingen aangaande het gebruik der deminutiva in het latijn*, Nijmegen, 1953.
- Supplementa — Latinitas et Graecitas Christianorum Primaeva*, Fasciculus III, 1970, Nouiomagi.
- THRAEDE (K.) — *Grundzüge griechisch-römischer Brieftopik*, München, 1970.
- TOVAR (António) — *Sintáxis*, Madrid, 1946.

- TRAGER (G. L.) — *The use of the latin demonstrative (especially ille and ipse up to 600 A. D.) as the source of the romance article*, New York, 1932.
- URBEL (Justo Pérez de) — *Los monjes españoles en la Edad Media*, I, Madrid, 21945.
- VÄÄNÄNEN (V.) — *Introducción al latín vulgar*, Madrid, 1968.
- VAN CRANENBURG (H.) — *La vie latine de Saint Pachôme, traduite du grec par Denys le Petit* (= Subsidia Hagiographica, n.º 46), Bruxelles, 1969.
- VAN DEN BESSELAAR (Joseph) — *Introdução aos Estudos Históricos*, São Paulo, 1970.
- VAN DER MEER (F.); MOHRMANN (Christine) — *Atlas van de oudchristelijk wereld*, Amsterdam, 21961.
- VAN DER STRAETEN (J.) — *Les manuscrits hagiographiques de Charleville, Verdun et Saint-Mihiel*, (= Subsidia Hagiographica, 56) Bruxelles, 1974.
- VAN GRONINGEN (B. A.) — *Traité d'histoire et de critique des textes grecs*, Amsterdam, 1963.
- VON KAROLSFELD (Franz Schnorr) — *Katalog der Handschriften der königlichen öffentlichen Bibliothek zu Dresden*, Leipzig, I, 1882.
- WAGNER (Monica) — *Rufinus, the translator*, Washington, 1945.
- WHITE (H. G. E.) — *The monasteries of the Wādi 'n Natrun*. Part II: *The history of the monasteries of Nitria and Scētis*, New York, 1932.
- WINKELMANN (F.) — *Spätantike lateinische Übersetzungen christlicher griechischer Literatur in Theologische Literaturzeitung*, XCII, 1967.
- WRIGTH (F. A.) and SINCLAIR, (T. A.) — *A history of later latin literature from the middle of the fourth to the end of the seventeenth century*, London, 1969.
- ΦΑΤΟΪΡΟΣ (ἸΑΓΑΘΟΝΙΚΟΣ) — Βίος τοῦ ἁγίου Παχαμίου. Μετάφρασις, Ἀθήναι, 1971.
- ZIEGLER (K.) — *M. T. Cicero, De Republica*, Lipsiae, 1965.
- , *Plagiat in Realencyclopädie der klassischen Altertumswissenschaft von Pauly-Wissowa*, vol. 40, 1, Stuttgart, 1950.

## ÍNDICE ONOMÁSTICO

A)

### Do estudo filológico

(página)

- ABRAÃO (abade) — 136, 137, 140.  
ABRAHAM (patriarcha)—109, 303, 308.  
ACÁCIO — 118.  
AEBISCHER (P.) — 221.  
AGATHON — 39, 64, 85, 97, 101, 117, 183, 202, 211.  
AGOSTINHO (S.) — 299.  
AMÉLINEAU (E.) — 53, 97.  
ANASTÁSIO — 30.  
ANTONIVS / ANTÃO — 16, 33, 37, 96, 97, 98, 100, 101, 105, 106, 107, 113, 119, 124, 159, 193, 194, 204.  
ANUB — 64, 98.  
APOLLO / APOLLÓNIO — 32, 101, 136, 137, 138, 140, 147, 148, 181, 210, 211.  
ARCÁDIO — 97.  
ARRIANO — 16.  
ARRUFAT (A. R.) — 54, 61.  
ARSÉNIO — 5, 30, 32, 40, 64, 65, 71, 72, 76, 77, 80, 81, 86, 88, 97, 98, 100, 101, 103, 119, 155, 156, 166, 167, 190, 211, 213, 236, 239, 246, 255, 267, 278.  
ATANÁSIO (abade) — 101, 202, 236, 265, 290.  
ATANÁSIO (S.) — 16, 33, 67, 96, 97, 159.  
BARDY (G.) — 126, 159.  
BARLOW (C. W.) — 6, 47, 133, 160, 161.  
BARONIVS — 103.  
BARONTO — 39.  
BARSANUPH — 47.  
BARTELINK (G.) — 54.  
BASTIAENSEN (A. A. R.) — 199, 245.  
BATLLE (C. M.) — 13, 14, 20, 46, 48, 56, 120, 121, 124, 126, 127, 128, 132, 161, 207.  
BENJAMIM — 63, 101, 211, 231, 239, 252, 267.  
BENTO (S.) — 127, 128, 132, 140, 165, 240.  
BISCHOFF (B.) — 14.  
BLAISE (A.) — 164, 170, 199, 252.  
BLATT (F.) — 159.  
BOÉCIO — 133, 159.  
BOLÉO (M. P.) — 198.

- BOLANDISTAS — 9, 15, 17, 22,  
 50, 51, 61.  
 BOUSSET (W.) — 17, 48, 54, 56,  
 94, 95, 96, 99, 102, 104, 116,  
 120, 136.  
 BRENNO (Silveira) — 159.  
 BUCKHARDT (M.) — 15, 41.  
 BUDGE (E. A. W.) — 54, 99.  
 BUTLER (C.) — 16, 17, 54, 55,  
 56, 96, 104, 120.  
  
 CAMPOS (J. A. S. e) — 134.  
 CAMPOS (Júlio de) — 113.  
 CASSIANO (João) — 48, 49, 56,  
 62, 64, 106, 123, 124, 125,  
 128, 136-149, 152, 160, 205,  
 215, 241, 242, 244, 249, 282,  
 283.  
 CASSIODORO — 133, 159.  
 CEDRENVS — 251.  
 CESÁREO (de Arles) — 133.  
 CHADWICK (O.) — 140.  
 CHAINE (M.) — 16, 54, 94.  
 CÍCERO — 16.  
 CINTRA (L. F. L.) — 199.  
 CIPRIANO (S.) — 299.  
 CIRILO — 97.  
 CLEMENTE (de Alexandria) — 16.  
 CLIMENT (M. Bassols de) — 170.  
 COLUMBANO — 249.  
 COLUMELA — 253.  
 CRISÓSTOMO (S. João) — 140.  
 CRÓNIO (abade) — 97.  
 CURTI (C.) — 134.  
  
 DAIN (A.) — 16.  
 DANIEL (abade) — 64, 80, 98,  
 101, 119, 211, 255.  
 DANIEL (profeta) — 91, 168.  
 DAVID (profeta) — 134, 210.  
 DEFENSOR — 129, 130, 131, 132,  
 133.  
  
 DEKKERS (E.) — 159.  
 DELEHAYE (H.) — 17.  
 DESEILLE (P.) — 96.  
 DEVOS (P.) — 51, 245.  
 DION (J.) — 47.  
 DIONÍSIO (o Exíguo) — 61, 127,  
 133.  
 DIÓSCORO — 50, 51, 52, 96, 101,  
 211.  
 DOMÉCIO — 97.  
 DOROTEU — 47.  
 DÖRRIE (H.) — 159.  
 DRAGUET (R.) — 17, 54, 99, 299.  
 DU CANGE — 164.  
  
 EKLUND (S.) — 159.  
 ELIAS — 303, 308.  
 ELISEU — 273, 281.  
 ELIZALDE (M.) — 6, 47.  
 ÉNIO — 166.  
 EPICTETO — 16.  
 ERNOUT (A.) — 164, 170, 242.  
 ETÉRIA — 16, 208, 245, 252.  
 EUFRÓSINA — 35.  
 EULÁLIO — 39, 75, 76, 101, 176,  
 202, 274.  
 EUPRÉPIO — 64.  
 EUSÉBIO — 134.  
 EVÁGRIO — 96, 103, 140, 149.  
 FARIA (E.) — 144, 170.  
  
 FESTUGIÈRE (A.-J.) — 50, 51, 60,  
 61, 70, 162, 300.  
 FIDELIVS — 305.  
 FIDOSVS — 305, 307.  
 FIDVS — 305.  
 FIENS (A. M.) — 299.  
 FILOTEU — 49, 62, 64.  
 FLICHE (A.) — 96.  
 FONTAINE (J.) — 140.  
 FORCELINI (A.) — 164, 166.  
 FRANK (S.) — 51.

- FREIRE (J. G.) — 13, 14, 20,  
61, 161, 208 (cf. também:  
*Pascásio de Dume*, t. I; t. II).
- FRIDH (A.) — 134.
- FROGER (J.) — 260.
- FRONTÓNIO — 22, 28, 33, 35, 38,  
65, 66.
- FUGIER (H.) — 102.
- GARITTE (G.) — 159.
- GARNEFELD (G.) — 103, 120.
- GELÁSIO (abade) — 64, 229.
- GELÁSIO (papa) — 124.
- GÉLIO (Aulo) — 166.
- GERMANO — 136.
- GONÇALVES (F. R.) — 199.
- GÖTZE — 24.
- GRANDGENT (C. H.) — 144, 154.
- GREGÓRIO (S.) — 25.
- GREGÓRIO (de Tours) — 133.
- GUILLÉN (J.) — 167, 170.
- GUY (J.-C.) — 6, 17, 47, 99, 116,  
140.
- HAADSMA (R. A.) — 154.
- HALKIN (F.) — 61, 64, 127.
- HERACLIDES — 22, 49, 54, 55, 61,  
62, 64, 303.
- HERCULANO (A.) — 134.
- HERVETVS (G.) — 54, 303.
- HEUSSI (K.) — 96, 99.
- HIERONIMVS (ver Jerónimo).
- HILARIÃO — 28, 33, 36, 46, 124.
- HILDEBERTVS (Cenomanensis) —  
— 121.
- HILDEGARDIS — 165.
- HOFMANN (J. B.) — 167, 154.
- HOLMES (J. S.) — 159.
- HONIGMANN (E.) — 54.
- HONÓRIO — 97.
- HOPFNER (Th.) — 16, 17, 95, 96,  
104, 150, 151, 152, 158, 161.
- HOPPENBROUWERS (H.W.) — 16,  
113, 159.
- HOSIVS (C.) — 133.
- IACOB (patriarcha) — 109, 242,  
303, 308.
- ISAAC (patriarcha) — 109, 303, 308.
- ISAAC (presbítero) — 64, 74, 97,  
101, 152, 153, 204, 211, 216,  
293.
- ISAÍAS (abade) — 47.
- ISAÍAS (profeta) — 134.
- ISIDORO (abade) — 97, 101, 116,  
180, 273.
- ISIDORO (de Pelúcio) — 97.
- ISIDORO (de Sevilha) — 129, 130,  
239.
- JAZARGUET (M.<sup>116</sup>) — 140.
- JERÓNIMO (S.) — 36, 37, 46, 54,  
104, 106, 121, 122, 123, 124,  
126, 128, 134, 151, 159, 299.
- João (abade e monge) — 37, 68,  
98, 99, 101, 206, 211.
- João (Baptista) — 303, 308.
- João (Cólobo) — 63, 67, 68, 72,  
91, 93, 97, 115, 119, 174.
- João (discípulo de Paulo) — 64,  
74, 75, 273.
- João (Elemosinário ou Alexan-  
drino) — 25.
- João (de Gaza) — 47.
- João (subdiácono) — 13, 15, 23,  
24, 25, 33, 35, 43, 47, 48, 56,  
61, 63, 64, 71, 73, 74, 95, 99,  
113, 118, 121, 122, 126, 128,  
132, 150, 151, 161, 163, 235.
- JOB — 210.
- JONES (H. S.) — 165.
- JOSÉ (abade) — 63, 75, 90, 99,  
101, 211, 233, 267.

- JOSÉ (patriarca) — 242, 276.  
 JOURNEL (M.-J. Rouet de) — 96.  
 JULIÃO (S.) — 37.  
 JÚLIO (S.) — 37.  
 KRÜGER (G.) — 133.  
 LABRIOLLE (P.) — 17, 134.  
 LADEUZE (P.) — 106.  
 LAMPE (G. W. H.) — 165.  
 LAUFER (R.) — 260, 261.  
 LAURENTI (J. L.) — 299.  
 LAUSO — 51, 54, 61, 63, 64, 96,  
 140, 299, 301, 303, 304, 305.  
 LÁZARO — 134.  
 LEANDRO (de Sevilha) — 47.  
 LEFORT (L. Th.) — 61, 299.  
 LEHMANN (P.) — 127.  
 LOLOIR (L.) — 47.  
 LEROY (J.) — 140, 299.  
 LEUMANN (M.) — 144.  
 LEWIS (Ch. T.) — 164.  
 LIDDEL (H.) — 165.  
 LÖFSTEDT (B.) — 208.  
 LÖFSTEDT (E.) — 208.  
 LORIÉ (L. Th. A.) — 113.  
 LUCOT (A.) — 54.  
 LUNDSTRÖM (Sv.) — 159.  
 LUTERO (M.) — 13, 132.  
 LUZ (M. S.) — 199.  
 MAAS (P.) — 261.  
 MACABEUS — 159.  
 MACÁRIO (S.) — 31, 64, 66, 69,  
 70, 96, 97, 100, 101, 110, 115,  
 176, 183, 211, 214, 222, 234,  
 257, 267.  
 MAGUEIJO (C.) — 159.  
 MALCO — 28, 33, 36, 38, 39, 46,  
 124.  
 MALPIQUE (Cruz) — 148.  
 MANITIUS (M.) — 133.  
 MARCELLA — 248.  
 MARCIAL (S.) — 25.  
 MARCIANO (imperador) — 98.  
 MARCIANO (monge) — 36, 101,  
 147, 287, 288.  
 MARIA (Egipcíaca) — 37.  
 MARINA — 39.  
 MAROUZEAU (J.) — 167, 182.  
 MARTI (J. Garau) — 299.  
 MARTIN (V.) — 96.  
 MARTINHO (de Dume) — 13, 20,  
 21, 24, 39, 46, 47, 48, 56, 71,  
 94, 95, 99, 100, 122, 124, 126,  
 127, 128, 132, 133, 134, 151,  
 160, 163, 208, 215, 235, 245,  
 256, 299.  
 MARTINS (M.) — 127, 140.  
 MASAO (M.) — 160.  
 MAURER JÚNIOR (Th. H.) — 154.  
 MAYO (A. Porqueras) — 299.  
 MAZICES — 98.  
 MEERSHOEK (G.) — 159.  
 MEILLET (A.) — 164, 242.  
 MENANDRO — 16.  
 MEYER (G.) — 15, 41.  
 MEYER (R. T.) — 54.  
 MEYER-LÜBKE (W.) — 164, 242.  
 MIGNE (J.-P.) — 13, 96, 104, 125,  
 129, 139, 158.  
 MIOS — 63, 115, 231, 243.  
 MOHRMANN (Ch.) — 10, 14, 96,  
 151, 159, 161, 197, 208, 236,  
 297.  
 MOISÉS (abade) — 63, 68, 97,  
 101, 171, 180, 244, 273.  
 MOISÉS (chefe de Israel) — 166,  
 167, 303, 308.  
 MONTEIRO (O. M. C. P.) — 134.  
 MOREIRA (A. M.) — 134.  
 MOSCHVS (J.) — 96.  
 Πατίστατος (Δ. Μ.) — 54.  
 Μπάγασος (Ν. Θ.) — 54.  
 NABUCODONOSOR — 248, 267.

- NABURDAZAN — 248, 249.  
 NATANAEL — 27, 122.  
 NAU (F.) — 16, 57, 58, 60, 63,  
     64, 75, 82, 84, 89, 98, 101,  
     109, 110, 111, 112, 115, 155,  
     164, 166, 167, 170, 206, 207,  
     215, 230.  
 NIERMEYER (J. F.) — 164.  
 NESTOR — 209.  
 NIKITIN (P.) — 16.  
 NILO (S.) — 22.  
 NÍTERA / NETRAS — 31, 63, 74,  
     87, 101, 211.  
 NORBERG (D.) — 208.  
 NORDEN (E.) — 133.  
 NUCHELMANS (J.) — 154.  
  
 O'BRIEN (M. B.) — 299.  
 O'CALLAGHAN (J.) — 299.  
 OCTÁVIA — 134.  
 OLDFATHER (W. A.) — 46.  
 OLÍMPIO — 63, 195.  
 ORIBÁSIO — 247.  
 ORÍGENES — 134, 140, 149.  
 ORSIESIVS — 106.  
 OURY (G.) — 47.  
  
 PACÓMIO (S.) — 33, 37, 40, 41,  
     42, 49, 61, 62, 64, 96, 101,  
     105, 106, 107, 147, 148, 163,  
     172, 188, 242, 281, 284.  
 PAFNÚCIO — 97, 98.  
 PALÁDIO — 14, 16, 17, 23, 26,  
     28, 33, 35, 37, 38, 42, 43, 44,  
     46, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55,  
     56, 60, 61, 63, 64, 96, 106,  
     122, 126, 136, 253, 301, 303,  
     304, 305.  
 PASCÁSIO — 6, 7, 8, 9, 13, 14,  
     15, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24,  
     25, 26, 29, 33, 35, 36, 37, 39,  
     40, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49,  
     52, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62,  
     63, 64, 65, 68, 71, 72, 73, 74,  
     75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83,  
     85, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97,  
     98, 99, 100, 102, 103, 104,  
     113, 117, 118, 121, 122, 123,  
     124, 125, 126, 127, 128, 130,  
     131, 132, 133, 151, 152, 154,  
     155, 156, 157, 160, 161, 163,  
     175, 183, 191, 196, 197, 204,  
     208, 209, 215, 235, 237, 240,  
     245, 249, 253, 256, 257, 259,  
     261, 287, 298, 299, 300.  
 PASTOR — 100, 155.  
 PAULA — 37.  
 PAULO (Apóstolo) — 70, 88.  
 PAULO (de Tebas) — 16, 23, 26,  
     28, 33, 36, 46, 96, 97, 99, 101,  
     122, 124, 254, 273.  
 PAULY — 148.  
 PEDRO (Apóstolo) — 86.  
 PEDRO (discípulo) — 101.  
 PEDRO HISPANO — 16.  
 PELÁGIA (Santa) — 35, 37, 248.  
 PELÁGIO (diácono) — 13, 15, 23,  
     24, 25, 26, 28, 33, 35, 37, 38,  
     39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48,  
     49, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63,  
     64, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74,  
     75, 76, 77, 80, 81, 84, 85, 86,  
     88, 89, 90, 91, 95, 99, 100,  
     102, 112, 113, 117, 121, 122,  
     123, 126, 128, 130, 131, 132,  
     150, 151, 152, 155, 156, 157,  
     161, 163, 164, 165, 166, 167,  
     168, 169, 170, 174, 175, 182,  
     183, 184, 185, 186, 187, 191,  
     193, 195, 196, 206, 207, 215,  
     229, 230, 231, 235, 243, 245,  
     246, 249, 253, 255, 257, 272,  
     287.  
 PETRÓNIO — 106.



- PETSCHENIG (M.) — 62, 140, 141.  
 PICHERY (E.) — 137, 140, 141, 146, 149, 160.  
 PÍFOR — 64, 96, 101, 119, 168, 169, 180, 189, 204, 207, 209, 210.  
 PLÍNIO — 253.  
 POEMEN — 30, 32, 34, 39, 63, 64, 69, 73, 92, 98, 99, 100, 111, 118, 119, 131, 155, 156, 171, 174, 190, 201, 208, 209, 210, 214, 223, 228, 248, 251, 270, 276.  
 PONTES (J. M. da Cruz) — 16.  
 POSTUMIANO — 45, 103, 125.  
 PREUSCHEN (E.) — 53.  
 PROPÉRCIO — 205.  
 PSEUDO-AGOSTINHO — 149.  
 PSEUDO-CALÍSTENES — 149.  
 PSEUDO-CRISÓSTOMO — 149.  
 PSEUDO-DIONÍSIO — 149.  
 PSEUDO-OVÍDIO — 149.  
 PSEUDO-RUFINO — 104, 121.  
 PSEUDO-SALÚSTIO — 149.  
 PSEUDO-SÉNECA — 149.  
 POTÂMIO — 134.  
 RAMALHO — (A. C.) — 10.  
 REGNAULT (L.) — 9, 47, 48, 49, 61.  
 REIS (S. M. dos) — 160.  
 REITZENSTEIN (R.) — 54.  
 PEREIRA (M. H. da Rocha) — 10, 16, 134.  
 ROMEU — 64.  
 ROSE (V.) — 28.  
 ROSWEYDVS (H.) — 6, 7, 13, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 60, 62, 63, 64, 65, 94, 103, 104, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 130, 132, 136, 150, 157, 164, 165, 171, 173, 174, 178, 210, 236, 239, 240, 248, 249, 250, 251, 253, 256, 259, 260, 261, 278-298 (passim = Y), 300, 301, 303, 304, 305.  
 RUFINO — 6, 13, 50, 51, 52, 53, 55, 62, 103, 104, 120, 121, 122, 124, 128, 134, 150, 151, 157, 159, 162, 301, 305. (Ver também Pseudo-Rufino).  
 SALONIVS (A. H.) — 104, 121, 122, 150, 151, 152, 164, 165, 208.  
 SCHANZ (M.) — 133.  
 SCOTT (A. B.) — 121.  
 SCOTT (R.) — 165.  
 SEABRA (M. de) — 160.  
 SÉNECA — 134.  
 SHORT (Ch.) — 164.  
 SIEGMUND (A.) — 159.  
 SILVANO — 98, 101.  
 SIMEÃO — 37.  
 SINCLAIR (T. A.) — 134.  
 SISOES — 63, 91.  
 SOARES (L. R.) — 127, 128.  
 SOZÓMENO — 162.  
 SPEIER (W.) — 127.  
 SPRINGHETTI (Aem.) — 167.  
 STEYEN (P. A. W.) — 203.  
 SEVERO / SULPÍCIO — 24, 48, 123, 125.  
 SZANTYR (A.) — 167, 174.  
 TÁISIS — 20, 21, 39, 57, 127.  
 TEODORO — 67, 82, 83, 96, 101, 105, 106, 107, 147, 148, 236, 284.  
 TEODÓSIO I — 97.

- TEODÓSIO II (Júnior) — 68, 98,  
200, 251, 276.  
TEÓFILO (de Alexandria) — 97.  
THOMAS (F.) — 170.  
THEOPHILES — 62.  
TIMÓTEO — 50.  
TOVAR (A.) — 170.  
THRAEDE (K.) — 299.  
TRAGER (G. L.) — 221.
- URBEL (J. Pérez de) — 104.
- VÄÄNÄNEN (V.) — 144, 154.  
WAGNER (M.) — 151.  
VALLARSIVS (D.) — 104, 120, 124.
- VAN DEN BESSELAAR (J.) — 126.  
VAN DER MEER (F.) — 96.  
VAN DER STRAETEN (J.) — 17.  
VAN GRONINGEN (B. A.) — 261.  
VICENTE (Gil) — 299.  
VIT (F. de) — 164.  
VON KAROLSFELD (F. S.) — 24.
- WHITE (H. G. E.) — 96, 98.  
WINKELMANN (F.) — 159.  
WISSOWA — 148.  
WRIGTH (F. A.) — 134.
- ZENO — 39, 63, 98, 101, 211, 220.  
ZIEGLER (K.) — 16, 148.

## B)

## Do texto das «Commonitiones»

*(capítulo e apotegma)*

## α)

## NOMES DE PESSOAS

- ABRAHAM (patriarcha) — I, 6.  
AGATHON — IV capit. VII; IV, 7.  
ANTONIUS — V, 1; V, 2; V, 8.  
APOLLO — IV capit. XI; IV, 11;  
V capit. VI; V, 6.  
ARCADIVS — VI, titulus.  
ARSENIUS — V capit. X; VI, titulus;  
VI, 1; VI, 2; VI, 3; VI, 4;  
VI, 5; VI, 6.  
ATHANASIVS — IV capit. XVII;  
IV, 17.
- BEELZEBVB — IV, 19.  
BENIAMIN — I capit. X; I, 9; I, 10.
- DAEMON / DIABOLVS / SPIRITVS  
— I, 3; I, 9; II capit. I, II,  
III, VII, IX, X; II titulus;  
II, 1; II, 2; II, 3; II, 4; II, 5;  
II, 6; II, 7; II, 8; II, 9; IV, 2;  
IV, 3; IV, 4; IV, 7; IV, 11;  
IV, 18; V, 8.

- DANIEL (abbas) — VI, 2; VI, 4; VI, 6.  
 DANIEL (propheta) — I, 3.  
 DAVID — II, 10.  
 DEVS / DOMINVS — I, 1; I, 5; I, 6; I, 7; I, 8; I, 12; I, 13; I, 14; I, 16; II, 1; II, 2; II, 3; II, 4; II, 5; II, 6; II, 7; II, 8; II, 9; III, 1; IV capit. XII; IV, 1; IV, 2; IV, 3; IV, 4; IV, 5; IV, 6; IV, 7; IV, 8; IV, 9; IV, 10; IV, 11; IV, 12; IV, 14; IV, 16; IV, 18; IV, 19; V capit. IV, V; V, 1; V, 2; V, 3; V, 4; V, 5; V, 7; V, 8; V, 9; VI, 3; VI, 5; VI, 6.  
 DIOSCORVS — I capit. XV; I, 15.  
 ELISEVS — II, 4.  
 ESAIAS (propheta) — II, 2.  
 ESDRAS — V, 7.  
 EVLALIVS (frater) — IV capit. XVI; IV, 16.  
 FILIVS (Deus) — IV, 7; V, 1; VI, 3.  
 HONORIVS — VI, titulus.  
 IACOB (patriarcha) — I, 6.  
 IESVS / CHRISTVS / SALVATOR — I, 1; I, 12; II, 2; II, 3; II, 4; II, 5; II, 7; II, 8; III, 1; IV, 1; IV, 2; IV, 3; IV, 6; IV, 7; IV, 9; IV, 10; IV, 11; IV, 12; IV, 13; IV, 14; IV, 16; IV, 19; V capit., IX; V, 1; V, 2; V, 3; V, 5; V, 7; V, 8; VI, 1; VI, 2; VI, 3.  
 IOANNES (abbas) — V capit. III; V, 3.  
 IOANNES (apostolus) — II, 4; IV, 19.  
 IOANNES COLOBVS — I capit. II, III; I, 2; I, 3.  
 IOANNES (discipulus Pauli) — IV, 13.  
 IOSEPH (abbas) — I capit. XVI; I, 16.  
 IOSEPH (patriarcha) — IV capit. V; IV, 5.  
 ISAAC (abbas) — IV capit. VIII; IV, 8.  
 ISAAC (patriarcha) — I, 6.  
 ISIDORVS — II, 4.  
 LEVI — V, 7.  
 MACARIVS — II capit. XI; III incipit; III, 1; IV capit. XIX; IV, 19.  
 MARTIANVS — V capit. IV; V, 4.  
 MOYSES (abbas) — II capit. IV; II, 4.  
 MOYSES (ductor populi) — VI, 3.  
 NABVCHODONOSOR — I capit. IX; I, 8.  
 NITERA — I capit. XII; I, 12.  
 PACHOMIVS — V capit. VII, VIII; V, 7; V, 8.  
 PATER (Deus) — IV, 7.  
 PAVLVS (abbas) — IV capit. XIII; IV, 13.  
 PAVLVS / APOSTOLVS — I, 8; I, 12; II, 1; III, 1; IV, 19; V, 2; V, 8; VI, 2; VI, 6.  
 PETRVS (apostolus) — IV, 7.  
 PETRVS (discipulus) — IV, 15.  
 PIOR — V capit. II; V, 2.  
 POEMEN — I capit. VIII; I, 8; II capit. X; II, 10; IV capit. IV,

- |  |  |
|--|--|
| V, VI; IV, 3; IV, 4; IV, 5;<br>IV, 6; VI, 5.             | THEODORVS — V capit. VII; V, 7.<br>THEODOSIVS I — VI, titulus.<br>THEODOSIVS II — IV capit. III;<br>IV, 3. |
| SATANAS — III, 1.  | ZENO — I capit. XIV; I, 14.  |
| SILVANVS — I capit. XII; I, 12.                          |  |
| SPIRITVS SANCTVS — IV, 7; IV,<br>9; IV, 19; V, 9; VI, 5. |  |

β)

## LOCALIDADES

*(capítulo e apotegma)*

- |   |   |
|---|---|
| Aegyptus — II, 5; IV, 3; IV, 5;<br>IV, 8.   | Palestina — I, 14.  |
| Alexandria — IV, 1.                         | Panepho — I, 16.  |
| Babylonia — VI, 3.                          | Petra — II, 4.  |
| Calamus — V, 3.                             | Pharan — I, 12.   |
| Cellia — I, 7; I, 9; II, 9; IV, 12.         | Scetis — I, 9; I, 15; II capit. V;<br>II, 5; IV, 1; IV, 8; IV, 12;<br>V, 2; VI, 1; VI, 6. |
| Constantinopolis — IV capit. III;<br>IV, 3. | Sina — I, 12.   |
| Hierusalem — I, 8; IV, 12.                  | Tabennensiotae — V, 8.  |
| Nitria — V, 2.                              | Thebaida — V, 3; V, 7.  |

## IV

### VOCABULÁRIO LATINO

*(página do estudo filológico)*

- ab — 213.  
abba / abbas — 105, 211, 238.  
abbas monasterii — 105, 237.  
absentes habentes — 164-166.  
adolescentulus — 203-204.  
aestimor — 225-226.  
alphabetum — 238.  
amplius — 217.  
an — 232.  
angelus — 238.  
angelus tuus — 201.  
Apollo — 210-211.  
apostolus — 238.  
applico — 154, 239.  
arbuscula — 204.  
arreptus — 146.  
asellus — 154, 204.  
athleta — 238.  
auxilio esse — 144.  
bromosus — 238, 239-240.  
bucella — 204.  
caritas tua — 201.  
causa — 240.  
cellula — 205.  
chaos — 238.  
colobus — 238.  
commonitio — 108.  
cucumis — 212.  
continentia — 146.  
conuersatio/conuersor—113-114.  
cumque — 237.  
cur — 232.  
daemon — 238.  
debeo — 198-199.  
diabolus — 238.  
dignor — 196-197.  
doctrina spiritalis — 114.  
ecclesia — 238.  
episcopus — 238.  
epistola — 238.  
eremita — 238.  
eremus — 238.  
eruere — 146.  
et — 170, 184, 187-188, 191.  
euangelium — 238.  
ex corde — 165-166.  
excusor — 226.  
fenestella / -trela — 205.  
furor — 227.  
gastrimargia — 238, 240-241.  
germanus — 241-242.  
gillunculus — 205-206.  
habeo — 198-199.  
haeresis — 238.  
haereticus — 238.  
hebdomada — 257.

- hic itaque — 236-237.  
 idiota — 238.  
 ille — 221-222.  
 implorare ut — 142.  
 impossibilis — 242-243, 270.  
 impotis — 146.  
 in praesenti — 243.  
 in quo — 232.  
 in tantum — 243-244.  
 intempestus — 146.  
 intentio mentis — 114, 185.  
 inter se — 224-225.  
 iubeo — 198, 199, 201.  
 iugum sanctum monachorum  
 — 114.  
 inuicem — 224.  
 inuocare — 146.  
 ipse — 222-223.  
 iugitas — 145, 146.  
 labor spiritalis — 114.  
 lucrur — 227.  
 magis — 170, 171, 195, 213,  
 217-218.  
 melius — 195, 213, 216-217.  
 maxime — 218-219.  
 mensula — 206.  
 mereor — 196-197.  
 minime — 220.  
 missa — 245-246.  
 monachus — 238.  
 monasteriolum — 206.  
 monasterium — 238.  
 monitio — 108.  
 muscatus — 246-248.  
 necesse est — 174-175.  
 nihil — 219-220.  
 nobilitas tua — 131, 201.  
 nullus — 220-221.  
 numquid — 232.  
 obseruare — 114.  
 olim — 146.  
 omnino — 220.  
 opus spiritale — 114, 185.  
 ortus fuit — 228.  
 parabola — 238, 248-249.  
 pater — 105, 107, 172, 238.  
 pater monasterii — 105, 108, 238.  
 patriarcha — 238.  
 paximatium — 238, 249-251.  
 penitus — 220.  
 per — 93.  
 per quot — 232.  
 petere ut — 142.  
 Pior — 210.  
 plasma — 212, 238.  
 Poemen — 208-209.  
 possit — 176, 184.  
 possum — 196-197.  
 prae — 213-214.  
 praebere — 143, 144.  
 praepositus — 105, 107, 237.  
 pro longius — 154, 216, 251.  
 poeniteor — 227.  
 propheta — 238.  
 proastium — 238, 251-252.  
 prophetia — 238.  
 propior — 146.  
 propositum — 114, 184.  
 psallere — 164, (cf. p. 116).  
 quaero — 143, 144.  
 quanto — 232.  
 quapropter — 232, 252.  
 quare — 232.  
 quatenus — 232.  
 qui / quid / quis — 232.  
 quia — 91, 157, 229, 230-231.  
 quod — 229-230.  
 quomodo — 157, 231-232, 233.  
 quoniam — 157, 229-230.  
 raphanus — 238, 252-253.  
 reficior — 227.  
 resoluo / resolutio — 253-254.  
 reueor — 228.  
 sacramentum — 255.

- sanctitas tua — 201, 202.  
sanctus — 101-102.  
schema — 80-81, 238, 255-256.  
scientia spiritalis — 114.  
scriptura — 156-157.  
se (*reflexo*) — 226, 228.  
senior — 154, 215, 219.  
septimana — 256-257.  
sermo — 257.  
seruitium Christi — 114.  
si — 91, 233-234.  
solacia — 146.  
sportella — 206-207.  
stomachum — 238.  
studium — 114.  
super — 185, 213, 218.  
supradictus — 154, 237.  
supramemoratus — 237.  
synaxis — 238, 257-258.  
tamquam legentes — 164, 166.  
thymiama — 238, 246-247, 258.  
tu / uos — 200.  
uasculum — 207.  
uita sancta / secreta — 114.  
unus — 223-224.  
uolutor — 228.  
ut — 171-172.

## V

### ALGUNS TEMAS DE INTERESSE

#### não sugeridos pelo «Índice Geral»

- Obras salvas por um só manuscrito — 16.  
Obras largamente difundidas — 46.  
Actualidade dos apotegmas — 47-48.  
O problema da *Historia Monachorum* — 50-51.  
O problema da *Palladii Lausiaca* — 53-56 e 303-304.  
Literalismo como norma de tradução — 57, 158-163.  
Fontes históricas para a época dos apotegmas — 96.  
Falsificações literárias — 126-127.  
Data das principais colecções latinas de apotegmas — 132-133.  
História da Literatura Latina nos séculos v e vi — 133-134.  
Identificação literária pelo estilo — 134.  
Cassiano (seu valor literário) — 139-140.  
O plágio nas literaturas — 148-149.  
Latim vulgar — 144 e 154.  
Latim dos cristãos (escola de Nimega) — 113 e 236.  
Latim tardio (escola sueca) — 208.  
Dicionários latinos e gregos — 164 e 165.  
Estilísticas — 167.  
Sintaxes latinas — 170.  
Respeito pela lição dos manuscritos — 167-168, 175-178, 188, 209.  
Automatismo do tradutor (ou erros de ditado?) 171, 175, 178, 188-189, 265.  
*lectio difficilior* — 174 e 188.  
*crux* — 172-173; 266 (2 e 3), 374, 391.  
*correxí* — 166-168, 265 (1) e 266 (4), 324, 338, 342, 343, 347, 378 (bis), 396.  
carta-prefácio (tópicos) — 299-302.



## ÍNDICE GERAL

	<i>Págs.</i>
PRÓLOGO . . . . .	7
I — ESTUDO FILOLÓGICO . . . . .	11
CAP. I — UMA NOVA COLECÇÃO DE APOTEGMAS . . . . .	13
CAP. II — MANUSCRITOS CONHECIDOS . . . . .	19
— Arquétipo β . . . . .	21
— Arquétipo γ . . . . .	24
— Arquétipo δ . . . . .	27
— Arquétipo ε . . . . .	43
CAP. III — EM BUSCA DE LUGARES PARALELOS . . . . .	47
— Explicação das abreviaturas e números do quadro dos lugares paralelos . . . . .	59
— Quadro dos apotegmas das <i>Commonitiones</i> e dos seus lugares paralelos . . . . .	63
CAP. IV — CONSTITUIÇÃO UNITÁRIA, EXTERNA E INTERNA, DA COLECÇÃO . . . . .	65
CAP. V — PROCESSOS DE COMPOSIÇÃO E DE TRADUÇÃO . . . . .	71
1 — Preliminares sobre o texto grego utilizado . . . . .	71
2 — Tradução literal (ou quase) . . . . .	76
3 — Breves retoques e pequenas ampliações do texto . . . . .	79
4 — Longo desenvolvimento, incluindo citações bíblicas . . . . .	83
5 — Alteração do sentido primitivo . . . . .	87
6 — Qualidades do tradutor . . . . .	89
CAP. VI — TRÊS PROBLEMAS: DATA, AUTOR E TRADUTOR . . . . .	94
1 — A data . . . . .	94

	<i>Págs.</i>
2 — O autor . . . . .	103
— Alguns tópicos do autor . . . . .	107
A — A felicidade celeste como prémio . . . . .	108
B — O dia de juízo e o castigo eterno . . . . .	110
C — Elogio da perfeição espiritual na vida monástica . . . . .	113
D — Outros elementos caracterizadores . . . . .	116
3 — O tradutor . . . . .	120
— Data e local da tradução . . . . .	127
CAP. VII — UM APOTEGMA IMPORTADO DE CASSIANO . . . . .	136
CAP. VIII — EXAME LINGUÍSTICO DO LATIM DAS <i>Commonitiones</i> . . . . .	150
1 — Opinião de Hopfner e de Salonijs . . . . .	150
2 — Comparação com Pascásio e com Pelágio . . . . .	152
3 — O texto latino é uma tradução; não é um original . . . . .	157
4 — Latim obscuro, esclarecido pelo grego . . . . .	163
5 — Construção sintáctica descuidada . . . . .	169
6 — Concordância <i>ad sensum</i> . . . . .	179
7 — Artifício na ordem das palavras . . . . .	181
8 — Colocação do antecedente após o pronome relativo . . . . .	186
9 — Omissão de uma palavra ou expressão . . . . .	189
10 — Amplidão de estilo e perífrases solenes . . . . .	192
a) Ênfase que já deveria estar no original grego . . . . .	192
b) Amplidão de estilo, atribuível ao tradutor . . . . .	195
c) Perífrases de <i>dignor, mereor, possum</i> + infi- nitivo . . . . .	196
d) Outras expressões perifrásticas . . . . .	197
11 — Formas de tratamento . . . . .	199
12 — Diminutivos ( <i>por ordem alfabética</i> ) . . . . .	203
13 — Várias anotações sobre morfologia e sintaxe . . . . .	208
a) Flexão nominal . . . . .	208
b) Formas de comparação . . . . .	212
c) Formas de negação . . . . .	219
d) Valores dos pronomes <i>ille</i> e <i>ipse</i> . . . . .	221

ÍNDICE GERAL

429

	<i>Págs.</i>
e) <i>Vnus</i> a caminho do indefinido . . . . .	223
f) Expressão da reciprocidade . . . . .	224
g) Situação dos verbos «depoentes» ( <i>por ordem alfabética</i> ) . . . . .	225
h) Conjunções completivas . . . . .	229
i) Orações interrogativas . . . . .	232
j) Hipotéticos helenismos de sintaxe . . . . .	234
14 — Notas sobre vocabulário . . . . .	235
— modismos do tradutor . . . . .	236
— vocabulário por ordem alfabética . . . . .	239
CAP. IX — GENEALOGIA DOS PRINCIPAIS CÓDICES . . . . .	259
A — Notas preliminares . . . . .	259
B — Siglas e sinais utilizados no <i>stemma codicum</i> . . . . .	261
I — Hiperarquétipo $\alpha$ . . . . .	265
II — Arquétipo $\beta$ . . . . .	269
III — Arquétipo $\gamma$ . . . . .	272
IV — Arquétipo contaminado $\delta$ . . . . .	280
V — Subarquétipo $\epsilon$ . . . . .	287
VI — Subarquétipo $\zeta$ . . . . .	289
VII — Subarquétipo contaminado $\eta$ . . . . .	291
VIII — Subarquétipo $\theta$ . . . . .	294
— Edição de Rosweydyus . . . . .	295
CAP. X — O PRÓLOGO ESPÚRIO <i>VERE MVNDVM</i> . . . . .	299
— Texto crítico do prólogo <i>Vere mundum</i> . . . . .	307
II — TEXTO CRÍTICO . . . . .	309
CAP. I — MONITA SANCTORVM PATRVM . . . . .	311
CAP. II — CONTRA SPIRITVM FORNICATIONIS . . . . .	326
CAP. III — EXHORTATIO SANCTI MACARII AD MONACHOS . . . . .	340
CAP. IV — DE VIRTUTE HVMLITATIS ET PATIENTIAE . . . . .	342
CAP. V — DE DOCTRINA AD MONACHOS . . . . .	378
CAP. VI — DE BEATO ARSENIO . . . . .	393

430 COMMONITIONES SANCTORVM PATRVM

I	Manuscritos . . . . .	Págs. 401
II	Bibliografia. . . . .	404
III	Índice onomástico:	
	A) Do estudo filológico . . . . .	414
	B) Do texto das <i>Commonitiones</i> :	
	α) Nomes de pessoas . . . . .	420
	β) Localidades . . . . .	422
IV	— Vocabulário latino . . . . .	423
V	— Alguns temas de interesse não sugeridos pelo «Índice geral»	426
VI	— Índice Geral . . . . .	427

## CORRIGENDA

Na página 64 o lugar grego paralelo  
de *Commonitiones* VI,5 é NAU 184<sup>b</sup> (e não N 148<sup>b</sup>)  
— cf. o respectivo texto grego e paralelos latinos  
nas pp. 155-156.



PUBLICAÇÕES  
DO  
**INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS**  
FACULDADE DE LETRAS — COIMBRA — PORTUGAL

PEREIRA, Maria Helena da Rocha — **Hélade** (Antologia da Cultura Grega). Coimbra, 3.<sup>a</sup> edição, 1972.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha — **Greek Vases in Portugal**. Coimbra, 1962.

FERNANDES, João — **A oração sobre a Fama da Universidade** (1548). Introdução, tradução e notas de JORGE ALVES OSÓRIO. Coimbra, 1967.

ÉSQUILO — **As Suplicantes**. Introdução, tradução e notas de ANA PAULA QUINTELA FERREIRA SOTTOMAYOR. Coimbra, 1968.

EURÍPIDES — **Andrómaca**. Introdução, tradução e notas de JOSÉ RIBEIRO FERREIRA. Coimbra, 1971.

CATALDO PARÍSIO SÍCULO — **Martinho, verdadeiro Salomão**. Prólogo, tradução e notas de DULCE DA CRUZ VIEIRA. Introdução e revisão de AMÉRICO DA COSTA RAMALHO, Coimbra (*no prelo*).

PUBLICAÇÕES  
DO  
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
(*INSTITUTO DE ALTA CULTURA*)  
FACULDADE DE LETRAS — COIMBRA — PORTUGAL

PULQUÉRIO, Manuel de Oliveira — **Problemática da tragédia sofocliana**, Coimbra, 1968.

RAMALHO, Américo da Costa — **Estudos sobre a época do Renascimento**, Coimbra, 1969.

FREIRE, José Geraldes — **À versão latina por Pascásio de Dume dos «*Apophthegmata Patrum*»**. *Tomo I*: Introdução cultural; Pascásio como tradutor; texto crítico. *Tomo II*: Descrição dos manuscritos; genealogia dos códices. Coimbra, 1971.

**Actas do «Colóquio sobre o ensino do latim»**, Coimbra, 1973.

FREIRE, José Geraldes — **Commonitiones Sanctorum Patrum. Uma nova colecção de apotegmas**. Estudo filológico; texto crítico. Coimbra, 1974.

EURÍPIDES — **Ifigénia em Áulide**. Introdução e tradução de CARLOS ALBERTO PAIS DE ALMEIDA, Coimbra (*a sair brevemente*).



IMPRESSÃO

Simões & Linhares, Lda.

Av. Fernando Namora, nº 83 - Loja 4

3000 Coimbra

Em 1615, Heribertus Rosweyodus publicou no livro III, “*auctore probabili Rufino*”, no livro VII “*interprete Paschasio*” e num terceiro apêndice, as “*Aegyptiorum patrum sententiae...Martino Dumisiensi episcopo interprete*”. O trabalho do Jesuíta permaneceu durante séculos a única edição de acesso para as traduções latinas dos *Apotegmas dos Padres do Deserto* feitas entre os sécs. V e VI.

Uma vez clarificada, em 1971, a versão latina *do Liber Geronticon de Octo Principalibus Vitiis* de Pascásio de Dume, numa edição que ordena materiais conhecidos, mas mal atribuídos, José Geraldes Freire veio dar a conhecer uma tradução latina dos Apotegmas em grego inteiramente nova, nesta edição crítica e análise linguística e literária pela primeira vez saída à luz em 1974. Esta reconstituição de um novo livro de Apotegmas com seis capítulos e onze números totalmente inéditos, *as Commonitiones Sanctorum Patrum*, expõe a verdade acerca de um livro que havia sido copiado pela última vez enquanto unidade temática no séc. XIV (ms. de Dresden, A 207, ff. 188r-216v), mas que chegou irreconhecível ao livro III das *Vitae Patrum* de Rosweyodus.